

Orlando da Silva Azevedo

**ASPECTOS DIALETAIS DO PORTUGUÊS DA REGIÃO NORTE  
DO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS  
E SOBRE O LÉXICO NO BAIXO AMAZONAS (PA) E NO  
MÉDIO SOLIMÕES (AM)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr Felício Wessling Margotti.

Florianópolis  
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Azevedo, Orlando da Silva

ASPECTOS DIALETAIS DO PORTUGUÊS DA REGIÃO NORTE DO  
BRASIL: UM ESTUDO SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS E SOBRE O  
LÉXICO NO BAIXO AMAZONAS (PA) E NO MÉDIO SOLIMÕES (AM) /  
Orlando da Silva Azevedo ; orientador, Felício Wessling  
Margotti - Florianópolis, SC, 2013.

638p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de  
Pós-Graduação em Linguística.

Incluir referências

1. Linguística. 2. Dialetoлогия. 3. Região Amazônica. 4.  
Vogais médias pretônicas. 5. Variação lexical. I.  
Margotti, Felício Wessling. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
III. Título. Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
III. Título.

Orlando da Silva Azevedo

**ASPECTOS DIALETAIS DO PORTUGUÊS DA REGIÃO NORTE  
DO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE AS PRETÔNICAS E SOBRE  
O LÉXICO NO BAIXO AMAZONAS (BA) E NO MÉDIO  
SOLIMÕES (AM)**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa Pós-Graduação em Linguística.

Local, Florianópolis 03 de abril de 2013.

---

Prof. Heronides Maurílio de Melo Moura, Dr.  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Felício Wessling Margotti, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Maria Luiza de Carvalho Cruz Cardoso, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal do Amazonas-UFAM

---

Prof.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino, Dr.<sup>a</sup>.  
Universidade Estadual de Londrina-UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Edair Maria Görski, Dr.<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Izabel Christine Seara, Dr.<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC

---

Prof.<sup>a</sup> Izete Lehmkuhl Coelho, Dr.<sup>a</sup>.  
Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC



Este trabalho é dedicado à minha mãe e aos meus irmãos por ser uma conquista de toda família e, segundo, à minha esposa e ao meu filho que me acompanharam nesta empreitada desde o início.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Amazonas por ter me autorizado afastamento;

Aos colegas professores do Instituto de Saúde e Biotecnologia da Universidade Federal do Amazonas, no Campus Avançado de Coari (Polo Médio Solimões) por terem aprovado o meu afastamento para fazer o Doutorado Interinstitucional UFSC/UFAM;

À professora Doutora Rosângela Hammes Rodrigues por ser um dos idealizadores do Projeto DINTER e pela constante causa em prol do Curso;

À professora Doutora Edair Görski por ter assumido em situação especial a condição de orientadora *pro tempore*;

Ao professor Doutor Felício Wessling Margotti pela paciência nas orientações e colaborações para que este trabalho chegasse ao final.

Ao Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas-FAPEAM pelo apoio financeiro durante período de meu estágio na Universidade Federal de Santa Catarina.

Ao meu irmão Luís da Silva Azevedo por ter me cedido o transporte até a casa dos informantes e por ter contribuído no contato com os moradores das comunidades do Igarapé do Juruti-Velho e da Vila do Juruti-velho na Região do Baixo Amazonas/PA;

Ao meu sobrinho Nasson Matos Sá por ter me acompanhado na primeira viagem à cidade de Codajás no Médio Solimões;

À colega Sabrina de Souza Ferreira por ter me conduzido até as Comunidades Saubinha, Itapéua e Costa do Juçara no Médio Solimões;

Ao amigo Jefferson Ferreira dos Santos por ter me acompanhado nas viagens as cidades de Anamã e Anori no Médio Solimões.

Ao amigo Francisco da Silva Oliveira por ter me conduzido até a Comunidade São João do Ariri e por ter facilitado o contato com os informantes dessa localidade;

Ao amigo José dos Santos Pereira dos Santos por ter me acompanhado até a Costa do Juçara e por ter contribuído no contato com os moradores da comunidade São Francisco;

Ao Senhor José de Souza pelas muitas histórias interioranas contadas e pela narrativa histórica sobre a origem da comunidade São João do Ariri;

A todos os informantes que responderam aos dois questionários e contribuíram, dessa forma, para a concretização deste trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa, obedecendo aos métodos e aos princípios geolinguísticos da Dialetologia Pluridimensional, abordou as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical na região do Baixo Amazonas/PA, de onde foram selecionados como pontos de inquérito o Igarapé do Juruti-velho e a vila do Juruti-velho, e na região do Médio Solimões/AM, de onde foram selecionadas também como pontos de inquérito as comunidades Ariri, Saubinha, Itapéua, Costa do Juçara, e as cidades de Coari, Codajás e Anamá. Nossa hipótese se baseou, primeiro em nível fonético, na caracterização do dialeto solimoense pela presença das variantes pretônicas anteriores [e], [ɛ] e [i], e posteriores [o], [ɔ] e [u]; e na caracterização do dialeto jurutiense pela presença predominante das vogais pretônicas médias altas [e] e [o]. Segundo, em nível lexical, pela presença de variantes lexicais específicas em cada região. Foram entrevistados em cada ponto de inquérito oito informantes, obedecendo às dimensões gênero, escolaridade e faixa etária. A pesquisa visou descrever e analisar as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto intra e extralinguístico e as variantes lexicais no falar solimoense (Médio Solimões) e no falar jurutiense (Baixo Amazonas). Para isso, foram usados um questionário fonético-fonológico contendo 101 questões e um questionário semântico-lexical contendo 192 questões. Foram elaboradas 82 cartas fonéticas e 75 cartas lexicais. Conforme a análise, que levou em consideração o contexto intra e extralinguístico, além das variantes médias fechadas [e] e [o], houve alteamento para [i] e [u] e abaixamento para [ɛ] e [ɔ]. No geral, sem considerarmos a realidade linguística de cada ponto de inquérito e de cada vocábulo, foram 4.752 ocorrências de /e/, sendo 1.623 (34%) de [ɛ], 1.450 (31%) de [e], 1.149 (24%) de [i], entre outras variantes menos expressivas. Na região do Baixo Amazonas predominaram as variantes pretônicas fechadas [e] e [o], com registros percentuais, respectivamente, de 41% (428 ocorrências) e de 41% (333 ocorrências). No Médio Solimões houve uma flutuação entre as vogais anteriores [ɛ], [e] e [i], com registros percentuais, respectivamente, de 37% (1.361 ocorrências), de 28% (1.022 ocorrências) e de 24% (900 ocorrências); e entre as vogais posteriores [u], [o] e [ɔ] com registros percentuais, respectivamente, de 28% (798 ocorrências), de 28% (805 ocorrências) e de 27% (765 ocorrências). Na variação lexical representada no espaço cartográfico,

houve algumas diferenças dialetais existentes entre a Região do Médio Solimões e a do Baixo Amazonas.

**Palavras-chave:** Dialetoлогия; região Amazônica; vogais médias pretônicas; variação lexical.

## ABSTRACT

This research, following geolinguistic methods and principles of the Pluridimensional Dialectology, has approached phonetic realizations of the pretonic middle vowels /e/ e /o/ and the lexical variation on the Low Amazonas/PA region, from where were selected, as inquire points, Igarapé do Juruti-velho and Juruti-velho village, and on the Middle Solimões/AM region, from where were also selected, as inquire points, the Ariri, Saubinha, Itapéua, Costa do Juçara communities, and the towns of Coari, Codajás and Anamá. Our hypothesis was based, firstly, on the phonetic level, on the characterization of the Solimonense dialect by the presence of the front pretonic variants [e], [ɛ] e [i], e [o], [ɔ] e [u] as posterior pretonic variants; and on the characterization of the Jurutiense dialect by the predominant presence of the high middle pretonic vowels [e] and [o]. Secondly, on the lexical level, by the presence of specific lexical variants on each region. Eight (8) informants were interviewed on each inquire point, following gender, schooling, and age level dimensions. The research aimed to describe and analyze the phonetic realizations of the pretonic middle vowels /e/ and /o/, on intra and extra linguistic context, and the lexical variants on the Solimonense (Middle Solimoes) speech and on the Jurutiense (Low Amazonas) speech. For this, we have used a phonetic-phonologic questionnaire containing 101 questions, and a semantic-lexical questionnaire containing 192 questions. 82 phonetic charts and 75 lexical charts were built. According to the analysis which has taken into consideration the intra and extra linguistic context, besides the close middle variants [e] and [o], there was a raising to [i] and [u] and a lowering to [ɛ] and [ɔ]. In general, without considering the linguistic reality on each inquire point, and each lexical entry, there were 4.752 occurrences of /e/, being 1.623 (34%) of [ɛ], 1.450 (31%) of [e], 1.149 (24%) of [i], among other less expressive variants. On the region of Low Amazonas, the close pretonic variants [e] and [o] were predominant, with respective percentage registers of 41% (428 occurrences) and of 41% (333 occurrences). On the Middle Solimões, there was a fluctuation between the anterior vowels [ɛ], [e] and [i], with percentage registers, respectively, of 37% (1.361 occurrences), of 28% (1.022 occurrences) and of 24% (900 occurrences); and the posterior vowels [u], [o] and [ɔ], with percentage registers, respectively of 28% (798 occurrences), of 28% (805 occurrences) and of 27% (765

occurrences). On the lexical variation represented on the cartographic space, there were some dialectal differences occurred between the Middle Solimões and the Low Amazonas regions.

**Key-words:** Dialectology; Amazon region; pretonic middle vowels; lexical variation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Vista do Igarapé do Juruti-velho .....	48
Figura 2 Barracão de farinha .....	50
Figura 3 Vista da frente da vila do Juruti-velho.....	54
Figura 4 Vista da frente da cidade de Anamá .....	57
Figura 5 Vista da frente da cidade de Codajás .....	59
Figura 6 Vista da frente da cidade de Coari .....	60
Figura 7 Vista da comunidade Saubinha.....	63
Figura 8 Vista da vila Itapéua .....	64
Figura 9 Vista da Costa do Juçara.....	65
Figura 10 Vista da comunidade Ariri.....	67
Figura 11 Esquema de H. Thun (1998b, p. 5).....	89
Figura 12 Tipiti em ação.....	154
Figura 13 Espremedor (buraco) .....	155
Figura 14 Cuiapéua.....	156
Figura 15 Rodo .....	156
Figura 16 Maniçoba .....	157
Figura 17 Tarubá .....	158
Figura 18 Curumim.....	158
Figura 19 Pajiroba.....	161
Figura 20 Biscoito de tapioca .....	162

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Processo de substituição de línguas nativas pela língua portuguesa ..71	
Quadro 2 Dimensões e parâmetros da pesquisa de Margotti (2004).....88	
Quadro 3 Permanência de vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/ em formações derivadas...100	
Quadro 4 Harmonia vocálica.....100	
Quadro 5 Vogais tônicas.....101	
Quadro 6 Vogais pretônicas orais.....102	
Quadro 7 Vogais postônicas finais .....102	
Quadro 8 Vogais nasais .....102	
Quadro 9 Harmonia vocálica em formação derivadas .....103	
Quadro 10 Redução vocálica do latim para o português .....104	
Quadro 11 Surgimento das vogais médias abertas no português arcaico.....105	
Quadro 12 Alteamento da vogal média pretônica /o/→[u]/_[a, e, j],_[p, b, tʃ, dʒ, g] .....117	
Quadro 13 Alteamento da vogal /o/→[u]/[v, z, s, ʒ], /r/ .....118	
Quadro 14 Alteamento da vogal média pretônica /o/→ [u] / [ʌ, ], [ẽ] .....118	
Quadro 15 Alteamento da vogal média/e/→[i]/_[Consoantes não contíguas], _[v, ʃ] .....118	
Quadro 16 Alteamento da vogal média /e/ →[i] _[r], [h], [ç], [ʎ] .....119	
Quadro 17 Contexto do /e/ nas pesquisas de Correa (1980) e de Silva (2009) 134	
Quadro 18 Contexto do /o/ nas pesquisas de Correa (1980) e de Silva (2009) 135	
Quadro 19 Perfil do informante na pesquisa de Graebin (2008).....147	
Quadro 20 Pontos de inquérito da pesquisa .....174	
Quadro 21 Perfil dos informantes .....175	
Quadro 22 Ícones das cartas fonéticas e lexicais .....178	



## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Mesorregião do Baixo Amazonas.....	44
Mapa 2 Microrregião de Óbidos.....	45
Mapa 3 Município de Juruti (PA).....	46
Mapa 4 Sub-regiões geopolíticas do Estado do Amazonas.....	55
Mapa 5 Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953) .....	91
Mapa 6 Áreas dialetais do Brasil segundo Antenor Nascentes .....	107
Mapa 7 Realizações do /s/ implosivo e final .....	108
Mapa 8 Realizações de /t/ e /d/ .....	110
Mapa 9 Realizações do /r/ implosivo e final .....	111
Mapa 10 Mapa base da tese .....	177
Mapa 11 Ocorrências da manutenção, abaixamento e alteamento no espaço cartográfico .....	419
Mapa 12 Realizações pretônicas do /o/ no espaço cartográfico .....	421

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 População urbana e rural do município de Juruti/PA.....	46
Tabela 2 Categorias étnicas da cidade de Manaus (1814 a 1872).....	73
Tabela 3 Realizações do /e/ em posição pretônica por gênero em Itapiranga..	129
Tabela 4 Realizações do /e/ em posição pretônica por gênero em Silves .....	130
Tabela 5 Realizações do /e/ por faixa etária em Itapiranga .....	130
Tabela 6 Realizações do /e/ por faixa etária em Silves.....	131
Tabela 7 Realizações do /o/ por gênero em Itapiranga .....	131
Tabela 8 Realizações do /o/ por gênero em Silves.....	132
Tabela 9 Realizações do /o/ por faixa etária em Itapiranga .....	133
Tabela 10 Realizações do /o/ por faixa etária em Silves.....	133
Tabela 11 Realizações do /e/ diante de [a].....	198
Tabela 12 Realizações do /e/ diante de [ã].....	200
Tabela 13 Realizações do /e/ diante de [e].....	202
Tabela 14 Realizações do /e/ diante de [ê].....	204
Tabela 15 Realizações do /e/ diante de [i] .....	206
Tabela 16 Realizações de /e/ diante de [ĩ] .....	208
Tabela 17 Realizações do /e/ diante de [o] .....	211
Tabela 18 Realizações do /e/ diante de [ô] .....	213
Tabela 19 Realizações de /e/ diante de [u].....	216
Tabela 20 Realizações de /e/ diante de [ũ].....	218
Tabela 21 Realizações do /e/ por contiguidade.....	219
Tabela 22 Realizações de /e/ não contíguo à [a] .....	225
Tabela 23 Realizações do /e/ não contíguo à [ã].....	227
Tabela 24 Realizações do /e/ não contíguo à [ε].....	229
Tabela 25 Realizações de /e/ não contíguo à [e] .....	231
Tabela 26 Realizações de /e/ não contíguo à [ê].....	233
Tabela 27 Realizações do /e/ não contíguo à [ɔ].....	235
Tabela 28 Realizações de /e/ não contíguo à [o].....	237
Tabela 29 Realizações de /e/ não contíguo à [ô].....	239
Tabela 30 Realizações de /e/ não contíguo à [i] .....	241
Tabela 31 Realizações de /e/ não contíguo à [ũ].....	243
Tabela 32 Realizações do /e/ na posição não contígua à tônica.....	244
Tabela 33 Realizações de /e/ em início absoluto de palavra .....	249
Tabela 34 Realizações de /e/ precedido de consoantes bilabiais .....	252
Tabela 35 Realizações de /e/ precedido de consoantes labiodentais .....	254
Tabela 36 Realizações de /e/ precedido de consoante alveolopalatal .....	257
Tabela 37 Realizações de /e/ precedido de consoantes coronais .....	259
Tabela 38 Realizações do /e/ precedido de consoante glotal .....	261
Tabela 39 Realizações do /e/ no contexto precedente.....	262
Tabela 40 Realizações do /e/ diante de consoantes bilabiais .....	266
Tabela 41 Realizações de /e/ diante de consoantes labiodentais.....	268
Tabela 42 Realizações de /e/ diante de consoantes palatais.....	270

Tabela 43 Realizações de /e/ diante de consoante velar.....	272
Tabela 44 Realizações de /e/ diante de /S/.....	274
Tabela 45 Realizações de /e/ diante de consoantes coronais.....	276
Tabela 46 Realizações de /e/ diante de consoante glotal .....	282
Tabela 47 Realizações do /e/ no contexto seguinte.....	283
Tabela 48 Realizações de /o/ diante de [a].....	287
Tabela 49 Realizações de /o/ diante de [ã].....	289
Tabela 50 Realizações de /o/ diante de [e].....	291
Tabela 51 Realizações de /o/ diante de [ẽ].....	293
Tabela 52 Realizações de /o/ diante de [ɛ].....	295
Tabela 53 Realizações de /o/ diante de [i] .....	298
Tabela 54 Realizações de /o/ diante de [õ].....	301
Tabela 55 Realizações de /o/ diante de [u].....	303
Tabela 56 Realizações do /o/ no contexto contíguo .....	304
Tabela 57 Realizações de /o/ não contíguo à [a].....	308
Tabela 58 Realizações de /o/ não contíguo à [ɛ].....	312
Tabela 59 Realizações de /o/ não contíguo à [e].....	314
Tabela 60 Realizações de /o/ não contíguo à [i] .....	316
Tabela 61 Realizações do /o/ no contexto não contíguo .....	319
Tabela 62 Realizações de /o/ em início absoluto de palavra.....	322
Tabela 63 Realizações de /o/ precedido de consoantes bilabiais .....	324
Tabela 64 Realizações de /o/ precedido a consoantes labiodentais.....	327
Tabela 65 Realizações de /o/ precedido de consoantes velares.....	329
Tabela 66 Realizações de /o/ precedido a consoantes alveolopalatais .....	331
Tabela 67 Realizações de /o/ precedido de consoantes coronais .....	333
Tabela 68 Realizações de /o/ precedido de consoante glotal .....	335
Tabela 69 Realizações do /o/ pretônico no contexto precedente.....	336
Tabela 70 Realizações de /o/ diante de consoante alveolopalatal .....	340
Tabela 71 Realizações de /o/ diante de /S/.....	342
Tabela 72 Realizações de /o/ diante de consoantes bilabiais .....	344
Tabela 73 Realizações de /o/ diante de consoantes labiodentais.....	346
Tabela 74 Realizações de /o/ diante de consoantes velares.....	348
Tabela 75 Realizações de /o/ diante de consoantes palatais.....	350
Tabela 76 Realizações de /o/ diante de consoantes coronais .....	352
Tabela 77 Realizações de /o/ diante de consoante glotal .....	354
Tabela 78 Realizações de /o/ diante de [e].....	356
Tabela 79 Realizações de /o/ diante de [ja].....	358
Tabela 80 Realizações de /o/ diante de [a].....	360
Tabela 81 Realizações de /o/ diante de [ã].....	362
Tabela 82 Realizações do /o/ no contexto seguinte.....	363
Tabela 83 Realizações de /e/ em Ariri, Coari, Saubinha, Itapéua e Costa .....	367
Tabela 84 Realizações de /e/ em Codajás, Anamã, Igarapé e Juruti .....	368
Tabela 85 Realizações de /o/ em Ariri, Coari, Saubinha, Itapéua e Costa .....	377
Tabela 86 Realizações de /o/ em Codajás, Anamã, Igarapé e Juruti .....	377

Tabela 87 Realizações predominantes do /e/ no contexto contíguo e não contíguo.....	385
Tabela 88 Frequência do alteamento e do abaixamento de /e/ no contexto contíguo e não contíguo.....	386
Tabela 89 Realizações predominantes de /e/ no contexto precedente e seguinte .....	390
Tabela 90 Frequência do alteamento e do abaixamento de /e/ no contexto precedente e seguinte.....	391
Tabela 91 Realizações predominantes de /o/ no contexto contíguo e não contíguo.....	394
Tabela 92 Frequência do alteamento e do abaixamento de /o/ no contexto contíguo e não contíguo.....	395
Tabela 93 Realizações predominantes de /o/ no contexto precedente e seguinte .....	398
Tabela 94 Frequência do alteamento e do abaixamento de /o/ no contexto precedente e seguinte.....	399
Tabela 95 Alteamento do /e/ pretônico no rio Juruá (AM).....	412
Tabela 96 Manutenção do /e/ pretônico no rio Juruá (AM).....	413
Tabela 97 Abaixamento do /e/ pretônico no rio Juruá (AM).....	414
Tabela 98 Alteamento do /o/ pretônico no rio Juruá (AM).....	415
Tabela 99 Manutenção do /o/ pretônico no rio Juruá (AM).....	415
Tabela 100 Abaixamento do /o/ pretônico no rio Juruá (AM).....	416
Tabela 101 Realizações pretônicas de /e/ no contexto diatópico .....	417
Tabela 102 Realizações pretônica do /o/ no contexto diatópico .....	420
Tabela 103 Predominância do abaixamento de /e/ por vocábulo.....	426
Tabela 104 Predominância do alteamento de /e/ por vocábulo.....	428
Tabela 105 Predominância da manutenção de /e/ como [e] e [ẽ] por vocábulo .....	430
Tabela 106 Predominância do abaixamento de /o/ por vocábulo.....	432
Tabela 107 Predominância do alteamento de /o/ por vocábulo .....	433
Tabela 108 Predominância da manutenção de /o/ como [o] e [õ] por vocábulo .....	435
Tabela 109 frequência de <i>Rótula</i> .....	466
Tabela 110 Frequência de <i>Axila</i> .....	470
Tabela 111 Frequência de <i>Banguela</i> .....	475
Tabela 112 Frequência de <i>Cecê</i> .....	481
Tabela 113 Frequência de <i>Pari</i> .....	485
Tabela 114 Frequência de <i>Neblina</i> .....	492
Tabela 115 Frequência de <i>Puxirum</i> .....	498
Tabela 116 Frequência de <i>Garera</i> .....	503
Tabela 117 Frequência de <i>Bostela</i> .....	535
Tabela 118 Frequência de <i>Macaca</i> .....	550
Tabela 119 Frequência de <i>Fom-fom</i> .....	567
Tabela 120 Frequência de <i>Piririca</i> .....	571

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 As variantes [i], [e] e [ɛ] no contexto contíguo e não contíguo .....	388
Gráfico 2 As variante [i], [ĩ], [e] e [ɛ] no contexto precedente e seguinte.....	392
Gráfico 3 As variante [u], [õ], [o] e [ɔ] no contexto contíguo e não contíguo	396
Gráfico 4 As variantes [u], [õ], [o] e [ɔ] no contexto precedente e seguinte ..	400
Gráfico 5 Fenômenos vocálicos do /e/ pretônico por contexto intralinguístico .....	402
Gráfico 6 Fenômenos vocálicos do /o/ pretônico por contexto intralinguístico .....	404

## LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

- [<sup>1</sup>] Marca da acentuação tônica
- [~] Marca a nasalização da vogal

### 1. Consoantes

- [p] oclusiva bilabial surda
- [b] oclusiva bilabial sonora
- [t] oclusiva dental ou alveolar surda
- [d] oclusiva dental ou alveolar sonora
- [tʃ] africada alveolopalatal surda
- [dʒ] africada alveolopalatal sonora
- [k] oclusiva velar surda
- [g] oclusiva velar sonora
- [m] oclusiva nasal bilabial sonora
- [n] oclusiva nasal dental ou alveolar sonora
- [ɲ] oclusiva nasal palatal sonora
- [ŋ] oclusiva nasal velar sonora
- [l] lateral dental ou alveolar sonora
- [ʎ] lateral palatal sonora
- [ʟ] lateral velar sonora
- [ɹ] aproximante ápico-alveolar sonora
- [r] vibrante múltipla alveolar sonora
- [R] vibrante múltipla uvular sonora

[r] tepe dental ou alveolar sonoro  
[β] fricativa bilabial sonora  
[x] fricativa velar surda  
[ɣ] fricativa velar sonora  
[h] fricativa glotal surda  
[ɦ] fricativa glotal sonora  
[f] fricativa labiodental surda  
[v] fricativa labiodental sonora  
[s] fricativa dental ou alveolar surda  
[z] fricativa dental ou alveolar sonora  
[ʃ] fricativa alveolopalatal surda  
[ʒ] fricativa alveolopalatal sonora

## 2. Vogais orais

[i] anterior alta fechada  
[ɪ] anterior alta semiaberta  
[e] anterior média fechada  
[ɛ] anterior média aberta  
[u] posterior alta fechada  
[ʊ] posterior alta fechada (átona final)  
[o] posterior média fechada  
[ɔ] posterior média aberta  
[a] central baixa aberta  
[æ] central baixa mais fechada

## 3. Vogais nasais

[ĩ] alta anterior  
[ẽ] média anterior  
[ũ] alta posterior  
[õ] média posterior  
[ã] baixa posterior

## 4. Semivogais

[j] semivogal palatal  
[w] semivogal velar

## **LEGENDAS DAS SIGLAS**

BA –Baixo Amazonas

MS –Médio Solimões

LV –Língua Veicular

LGA –Língua Geral Amazônica

LP –Língua Portuguesa

M1E1F1 –Mulher 1, Escolaridade 1, Faixa etária 1

M2E2F1 –Mulher 2, Escolaridade 2, Faixa etária 1

M3E1F2 –Mulher 3, Escolaridade 1, Faixa etária 2

M4E2F2 –Mulher 4, Escolaridade 2, Faixa etária 2

H1E1F1 –Homem 1, Escolaridade 1, Faixa etária 1

H2E2F1 –Homem 1, Escolaridade 1, Faixa etária 1

H3E1F2 –Homem 3, Escolaridade 1, Faixa etária 2

H4E2F2 –Homem 4, Escolaridade 2, Faixa etária 2

NDA –Nenhuma das anteriores

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>1. PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO DA REGIÃO.....</b>	<b>40</b>
1.1.A Amazônia .....	40
1.1.1O Estado do Pará .....	43
1.1.1.1 Aspectos históricos do Igarapé do Juruti-velho .....	47
1.1.1.2 Aspectos históricos da vila do Juruti-velho .....	53
1.1.2 O Estado do Amazonas .....	54
1.1.3 A região do Médio Solimões .....	55
1.1.3.1 Aspectos históricos da cidade de Anamá .....	56
1.1.3.2 Aspectos históricos da cidade de Codajás .....	57
1.1.3.3 Aspectos históricos da cidade de Coari .....	59
1.1.3.4 Aspectos históricos da comunidade São Francisco do Saubinha .....	61
1.1.3.5 Aspectos históricos da comunidade N. Sra. do Perpétuo Socorro (Itapéua).....	63
1.1.3.6 Aspectos históricos da Costa do Juçara .....	65
1.1.3.7 Aspectos históricos da comunidade São João do Ariri .....	66
1.2. Formação de uma comunidade de fala lusófona na Amazônia ameríndia .....	67
1.2.1 A migração nordestina na Amazônia .....	74
1.2.2 O negro na Amazônia .....	75
1.2.3 O legado indígena ao português amazônico .....	75
<b>2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>77</b>
2.1 Comunidade de fala .....	77
2.2 A variação dialetal .....	80
2.3 O método e o objeto da Dialetoлогия .....	83
2.4 Os parâmetros da pesquisa dialetológica .....	87
2.5 A geografia linguística no Brasil .....	90
2.6 As vogais do português do Brasil .....	99
2.7 As vogais médias pretônicas em uma abordagem diacrônica .....	104
2.8 Caracterização do português amazônico.....	106
2.8.1 Pela presença de vogais médias pretônicas baixas [ɛ] e [ɔ] .....	107
2.8.2 Pelas realizações do /s/ implosivo em posição pré-consonantal e final .....	108



2.8.3	Pela palatalização das consoantes /t/ e /d/ como [tʃ] e [dʒ] .....	109
2.8.4	Pelas realizações do /r/ implosivo e final .....	110

### **3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS PRETÔNICAS /e/ e /o/ ..... 113**

3.1	Estudos sobre as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Amazonas .....	113
3.1.1	Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus .....	113
3.1.2	O falar caboclo de Itacoatiara e Silves .....	116
3.1.3	O português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus .....	119
3.1.4	Comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves .....	129
3.1.5	Pontos e contrapontos entre a pesquisa de Corrêa (1980) e de Silva (2009) .....	134
3.1.6	Vogais pretônicas no ALAM .....	136
3.1.7	Outros estudos sobre vogais pretônicas no Pará e no Amazonas ..	136
3.2	Estudos sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ pelo Brasil	138
3.2.1	As vogais médias pretônicas em Porto Alegre no RS: um estudo sobre alçamento sem motivação aparente .....	139
3.2.2	As pretônicas no falar teresinense .....	140
3.2.3	As vogais pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco .....	141
3.2.4	As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística .....	143
3.2.5	A variação das vogais médias pretônicas na cidade Mineira de Machacalis .....	145
3.2.6	As vogais médias pretônicas na fala dos moradores da cidade de Formosa em GO .....	146
3.2.7	Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente .....	148

3.2.8	As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal ....	148
3.2.9	As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia no ES .....	150
<b>4</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFIA SOBRE A VARIAÇÃO EXICAL .....</b>	<b>151</b>
4.1	O léxico da mandioca nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho .....	153
4.2	O léxico no falar do caboclo amazonense de Itacoatiara e Silves .....	163
4.3	O léxico no ALAM .....	164
4.4	O léxico da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo .....	166
4.5	O léxico do litoral norte do Estado de São Paulo .....	167
4.6	Estudo toponímico na mesorregião do sudeste do Estado de Mato Grosso .....	167
4.7	O léxico charque no Sul do Brasil .....	168
4.8	As lexias bamburro, tacuru e bateia no Distrito de Nossa Senhora da Guia .....	168
4.9	O léxico do Estado de Goiás .....	169
4.10	O léxico da língua matis .....	169
4.11	Peculiaridades lexicais da comunidade São Lourenço .....	170
4.12	Topônimos de origem indígena do Estado de Tocantins .....	171
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>172</b>
5.1	Os pontos de inquérito .....	173
5.2	Os informantes.....	174
5.3	Elaboração das cartas fonéticas e das cartas lexicais .....	176
5.4	Os vocábulos do questionário fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL) .....	179
5.4.1	No questionário fonético-fonológico (QFF) .....	179
5.4.1.1	Vogal média /e/ contígua à tônica .....	179
5.4.1.2	Vogal média /e/ não contígua à tônica .....	180
5.4.1.3	Vogal média pretônica /o/ contígua à tônica .....	180
5.4.1.4	Vogal média pretônica /o/ não contígua à tônica .....	180
5.4.1.5	Contexto fonológico precedente ao /e/ .....	180
5.4.1.6	Contexto fonológico seguinte ao /e/ .....	181
5.4.1.7	Contexto fonológico precedente ao /o/ .....	181
5.4.1.8	Contexto fonológico seguinte de /o/ .....	181
5.4.2	No questionário semântico-lexical (QSL) .....	182
5.5	Aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico- lexical .....	183
<b>6</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>188</b>
6.1	As realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto intralinguístico .....	195

6.1.1	As realizações da vogal média pretônica /e/ por contiguidade .....	196
6.1.1.1	Considerações sobre as ocorrências de /e/ por contiguidade .....	218
6.1.2	As realizações da vogal média pretônica /e/ por não contiguidade.....	221
6.1.3	Considerações sobre as ocorrências de /e/ por não contiguidade.....	244
<b>6.2</b>	O contexto fonológico precedente das realizações da vogal média /e/.....	247
6.2.1	Considerações sobre as realizações do /e/ pretônico no contexto precedente .....	261
6.3	O contexto fonológico seguinte das realizações da vogal média /e/ .....	263
6.3.1.1	Considerações sobre as realizações do /e/ pretônico no contexto seguinte .....	282
6.3.2	As realizações da vogal média pretônica /o/ por contiguidade ....	284
6.3.3	Considerações sobre as realizações do /o/ por contiguidade .....	303
6.3.4	As realizações da vogal média pretônica /o/ por não contiguidade .....	305
6.3.5	Considerações sobre as realizações do /o/ por não contiguidade .....	319
6.3.6	O contexto fonológico precedente das realizações da vogal média pretônica /o/ .....	320
6.3.7	Considerações sobre as realizações do /o/ pretônico no contexto precedente	335
6.3.8	O contexto fonológico seguinte das realizações da vogal média /o/	337
6.3.8.1	Considerações sobre as realizações do /o/ pretônico no contexto seguinte .....	362
6.4	As realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto extralinguístico .....	365
6.4.1	As realizações da vogal média pretônica /e/ no contexto diatópico .....	365
6.4.2	As realizações da vogal média pretônica /e/ por gênero/sexo ...	369

6.4.3 As realizações da vogal média pretônica /e/ por escolaridade .....	371
6.4.4 As realizações da vogal média pretônica /e/ por faixa etária .....	373
6.4.5 As realizações da vogal média pretônica /o/ no contexto diatópico .....	375
6.4.6 As realizações da vogal média pretônica /o/ por gênero/sexo .....	378
6.4.7 As realizações da vogal média pretônica /o/ por escolaridade .....	380
6.4.8 As realizações da vogal média pretônica /o/ por faixa etária .....	383
6.4.9 Paralelo das realizações médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto onde ocorrem .....	385
6.4.10 Comparações dos resultados envolvendo as realizações pretônicas /e/ e /o/ com estudos realizados no Amazonas, no Pará e com o estudo de Bisol (1981) na fala gaúcha .....	404
6.4.11 Padrão regional e geral das realizações do /e/ e do /o/ pretônicos por vocábulo .....	425
6.4.12 Abaixamento de /e/ por vocábulo .....	425
6.4.12.1 Alçamento de /e/ por vocábulo .....	428
6.4.12.2 A manutenção de /e/ por vocábulo .....	429
6.4.12.3 O Abaixamento de /o/ por vocábulo .....	431
6.4.12.4 O alçamento de /o/ por vocábulo .....	433
6.4.12.5 A manutenção de /o/ por vocábulo .....	434
6.4.13 Considerações finais sobre as realizações pretônicas de /e/ e de /o/ .....	436
<b>6.5 As variações lexicais .....</b>	<b>437</b>
6.5.1 Apapá (Pellona castelnaena) .....	442
6.5.2 Piraíba (Brachyplatistoma filamentosum) .....	444
6.5.3 Aracu-flamengo (Leporinus fasciatus) .....	446
6.5.4 Pau-de-negro (Rhytidodus microlepis) .....	447
6.5.5 Traíra (Hoplias malabaricus) .....	448
6.5.6 Roelo .....	450
6.5.7 Ticar .....	452
6.5.8 Catrapola (Hemiodus sp) .....	453

6.5.9 Piaçoca ( <i>Jacana jacana</i> ) .....	454
6.5.10 Garça ( <i>Egretta thula</i> ) .....	456
6.5.11 Ariramba ( <i>Ceryle torquata</i> ) .....	457
6.5.12 Carará (Anhinga Anhinga) .....	458
6.5.13 Carão.....	460
6.5.14 Osga ( <i>Memidactylus mabouia</i> ) .....	461
6.5.15 Garganta.....	462
6.5.16 Rótula .....	464
6.5.17 Axila .....	467
6.5.18 Panturrilha .....	470
6.5.19 Corno .....	472
6.5.20 Banguela .....	474
6.5.21 Insônia .....	477
6.5.22 Cecê .....	479
6.5.23 Cacuri .....	482
6.5.24 Pari.....	483
6.5.25 Penca .....	486
6.5.26 Pau-de-bico.....	488
6.5.27 Neblina.....	490
6.5.28 Estrela d'alva .....	493
6.5.29 Tapagem .....	494
6.5.30 Puxirum .....	496
6.5.31 Chibé .....	499
6.5.32 Garera .....	501
6.5.33 Tarisca.....	504
6.5.34 Caixa .....	506
6.5.35 Bago.....	507
6.5.36 Cuí .....	509
6.5.37 Sanguessuga ( <i>Hirudo medicinalis</i> ) .....	510
6.5.38 Centopeia .....	511

6.5.39 Ambuá .....	513
6.5.40 Louva-a-deus .....	514
6.5.41 Libélul .....	516
6.5.42 Úbere .....	518
6.5.43 Mucha .....	519
6.5.44 Cupim .....	521
6.5.45 Culhão.....	523
6.5.46 Voadeira .....	524
6.5.47 Lodi .....	525
6.5.48 Lancha .....	526
6.5.49 Empurrador .....	528
6.5.50 Motor-de-linha .....	529
6.5.51 Combustol .....	530
6.5.52 Titinga .....	532
6.5.53 Bostela .....	533
6.5.54 Juquiri .....	536
6.5.55 Vitória-régia .....	538
6.5.56 Leleta .....	539
6.5.57 Tangerina .....	541
6.5.58 Araçá .....	542
6.5.59 Banana roxa .....	544
6.5.60 Pajurá .....	545
6.5.61 Geral .....	546
6.5.62 Macaca .....	548
6.5.63 Cacholeta .....	551
6.5.64 Sardinha .....	552
6.5.65 Porongar .....	554
6.5.66 Gueréré .....	556
6.5.67 Cuche .....	557
6.5.68 Sape .....	558

6.5.69 Tuco .....	560
6.5.70 Umbora .....	561
6.5.71 Riba .....	562
6.5.72 Vomitar .....	563
6.5.73 Fom-fom .....	566
6.5.74 De bubuia .....	567
6.5.75 Piririca .....	570
6.5.76 Considerações finais sobre as variações lexicais .....	572
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>581</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>599</b>
<b>APÊNDICE A –Ficha do informante .....</b>	<b>607</b>
<b>APÊNDICE B –QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO</b>	
<b>(QFF).....</b>	<b>608</b>
<b>APÊNDICE C –QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL .....</b>	<b>621</b>





## INTRODUÇÃO

O título de nossa tese, “Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas(PA) e no Médio Solimões (AM)”, mostra, de forma resumida, dois estudos linguísticos (a variação fonética das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical), que foram realizados na região geográfica do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, e na região geográfica do rio Solimões conhecida como Médio Solimões, no Estado do Amazonas.

Escolhemos apenas dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas, que são as comunidades do Igarapé do Juruti-velho e a vila do Juruti-velho, porque conhecíamos a realidade linguística local e porque o contato com os informantes seria mais fácil, uma vez queo pesquisador possuía parentes e amigos lá, que contribuíssem positivamente no contato com informantes para a aplicação dos questionários desta pesquisa. Apesar da disparidade na escolha de apenas dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas em contraposiçãoà escolha dos sete pontos da região geográfica do Médio Solimões, conseguimos enriquecer o trabalho ressaltando as diferenças dialetais entre essas duas regiões amazônicas.

Em nosso estudo, inicialmente, seria apenas abordada a variação lexical. Como viajaríamos para alguns lugares, aonde não costumamos ir, aproveitamos a oportunidade para aplicar um questionário de natureza fonética. Além disso, existiu outra motivação para inserir um estudo de variação fonética na mesma tese: nossa participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, no período de agosto de 2000 a julho de 2001, ano em que cursávamos Letras: Língua Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas. Nesse período,a pesquisa, envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/, foi realizada na periferia da cidade de Manaus com moradores provenientes dos principais rios do Estado do Amazonas.

Fazer uma pesquisa como esta para detectar variantes dialetais do português falado na Amazônia brasileira é ao mesmo tempo gratificante e desafiador em virtude das dificuldades impostas pelo meio geográfico. À medida que pesquisas linguísticas vão sendo concluídas nessa região, vão sendo reveladas peculiaridades existentes entre suas variedades dialetais.

Apesar da existência de um cenário linguístico vasto e rico, pois na Região Amazônica existem centenas de línguas indígenas e variedades dialetais que compõem o português amazônico, além dos

contatos linguísticos entre as línguas portuguesa (português de fronteira), espanhola e indígena, há carência de pesquisadores locais voltados para a exploração dialetológica. Por isso, do ponto de vista linguístico, pouco conhecemos sobre as línguas indígenas da Região Amazônica e sobre os falares do português amazônico.

Diante disso, esta pesquisa se propõe a contribuir para o conhecimento de algumas peculiaridades linguísticas ao abordar a variação dialetal (variação fonética das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical) em duas regiões geográficas da Amazônia brasileira, a saber: a do Médio Solimões, onde estão localizados os sete pontos de inquérito no Estado do Amazonas, e a do Baixo Amazonas, da qual fazem parte duas localidades no Estado do Pará.

Para a execução do trabalho, foi necessário nos deslocarmos ora rio acima, ora rio abaixo, percorrendo grandes distâncias entre os pontos de inquérito em períodos previamente programados, pois, na maioria das vezes, as cidades e comunidades são acessíveis mais facilmente durante o período das cheias em viagens fluviais realizadas pelos pequenos e grandes recreios<sup>1</sup> regionais (grande parte deles ainda é feita de madeira nos estaleiros das cidades de Santarém, Parintins, Manaus etc.).

As viagens pelos rios acima e pelos rios abaixo durante as secas são mais demoradas e exigem mais cautela, pois o rio Amazonas – a via de transporte principal do Estado do Amazonas e do Pará – e o rio Solimões – do encontro das águas em Manaus até Tabatinga no Estado do Amazonas – ficam mais rasos, expondo grandes praias em seus leitos, de modo que exigem atenção redobrada dos comandantes das embarcações. A título de ilustração, a maioria dos pontos de inquérito escolhidos para aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical desta pesquisa dista em média, via fluvial, em torno de 400 km em relação a Manaus, capital do Amazonas. Isso significa que a distância entre as duas áreas de pesquisas (Médio Solimões e Baixo Amazonas) é de aproximadamente, 800 km.

Apesar dos avanços na área educacional, que têm contribuído para a diminuição do índice de analfabetismo entre pessoas fora da idade escolar, e da influência da mídia na maneira de falar dos povos amazônicos, pois são visíveis antenas parabólicas e a utilização de geradores de energia elétrica espalhados, por exemplo, entre as comunidades localizadas às margens dos grandes rios do Amazonas e do

---

<sup>1</sup>A palavra “recreio” é usada nos estados do Amazonas e do Pará em referência aos barcos de linha, que servem como meio de transporte fluvial entre as pequenas, médias e grandes cidades da Região Amazônica.

Pará, ainda assim, estamos lidando com a grande Região Amazônica, que pode apresentar aspectos linguísticos conservadores, ainda não registrados por pesquisas dialetológicas, ou que pode apresentar aspectos linguísticos inovadores possíveis de serem encontrados nos dois pontos de inquérito na microrregião de Óbidos no Estado do Pará: Igarapé do Juruti-velho e vila do Juruti-velho (também conhecida como Distrito Muirapinima Pae). Há décadas os habitantes dessas duas localidades paraenses praticam a cultura da pesca, da roça e demais atividades agrícolas. Da mesma forma, aspectos linguísticos conservadores ou inovadores também podem ser encontrados no Médio Solimões, representados em nossa amostra por sete pontos, a saber: Codajás, Anamá, Costa do Juçara, vila de Itapéua, Saubinha, São João do Ariri e Coari, que é a principal cidade do Médio Solimões e que é uma das mais importantes do Estado Amazonas.

É fato que a população urbana tem aumentado bastante nos estados do Pará e do Amazonas, assim como em todos os demais estados da Região Norte, e que a população mais jovem encontra-se em processo de escolarização muito mais avançado do que a população de idade mais avançada. De certo modo, podemos afirmar que as pessoas mais velhas do interior<sup>2</sup>, detêm aspectos linguísticos que vão sendo esquecidos pela geração mais jovem.

Segundo o censo 2010 do IBGE, o Estado do Amazonas possui uma população rural de 725.161 habitantes contra 2.755.756 da área urbana. Isso significa que, além da mídia, provavelmente, as variantes dialetais do português urbano são difundidas para o interior (em oposição à capital Manaus, incluindo cidades, vilas e áreas rurais) devido ao intenso fluxo migratório, que ocorre entre a capital Manaus e as demais cidades do Estado do Amazonas e do Pará, nas quais também se verifica um intenso deslocamento de pessoas em direção a outras comunidades e povoados amazônicos. Por conta desses movimentos migratórios, a região interiorana da Amazônia, apesar de possuir um crescimento demográfico lento, tende a incorporar aspectos linguísticos dos centros urbanos.

Apesar do avanço da urbanização e da diminuição das distâncias na Região Amazônica provocada pelo avanço tecnológico, certamente o português amazônico continua multifacetado e enriquecido pela existência de uma rica biodiversidade e por aspectos linguísticos e socioculturais característicos dessa região do Brasil. Portanto, existem

---

<sup>2</sup>Em alguns lugares do Amazonas e do Pará, costumamos chamar de interior a zona rural, que faz oposição à cidade.

referentes próprios da Região Amazônica, os quais não podem ser esquecidos mesmo com o advento do progresso urbano.

Com base em experiências empíricas, por exemplo, na região do Baixo Amazonas, era comum ouvirmos (há 30 anos) no Igarapé do Juruti-velho/PA a pronúncia do “e” ao invés da pronúncia do “i” em final de vocábulo. Acontecia a realização fonética da vogal final /e/ como [e] em diversos vocábulos como, por exemplo, em *ciad[e]*, e na expressão *d[e] lá*. Os moradores interioranos pronunciavam [si.'da.de], [de.'la] diferentemente da pronúncia realizada na cidade de Parintins no Amazonas, que é : [si.'da.dʒi], [dʒi.'lá]. A realização da vogal pós-tônica final /e/ como [e] é desprestigiada na cidade de Parintins, Coari, Manaus etc., sendo mais comum ouvirmos a vogal palatal [i] junto às consoantes, respectivamente, sonora /d/ e surda /t/, que sofrem palatalização por influência dessa vogal, realizando-se, respectivamente, como [dʒ] e [tʃ]. Tal ocorrência de [e], em posição postônica final, é típica do falante interiorano, que trabalha na roça cultivando a plantação de mandioca, que pesca nos rios, lagos e igarapés da região, e que extrai madeira para fazer suas casas, embarcações etc. O caboclo que usa o [e] no final de vocábulo, na maioria das vezes, é analfabeto, semianalfabeto ou possui baixa escolaridade.

Outro exemplo empírico, desta vez em nível lexical, acontecia com outros termos tipo *flal*<sup>3</sup>, que é utilizado em Parintins pelos vendedores ambulantes ou que é escrito nas placas de algumas casas com a expressão “*vendi-si flal*”. Já, em Manaus, se um parintinense fosse procurar por *flal*, não conseguiria encontrar, a não ser que o vendedor fosse outro conterrâneo, uma vez que a terminologia usada lá é *dindin*, o mesmo que *sacolé* em outras regiões do Brasil. Assim, aconteciam outras variantes lexicais para tal vocábulo com a mesma significação como *miau*, *chop* e *totó* (Coari). Este último pode estar em desuso na região do Médio Solimões, pois os moradores que entraram em contato com a cidade de Manaus, acabaram levando para suas terras de origem o vocábulo *dindin*.

Há 30 anos, por exemplo, era comum também ouvirmos no Igarapé do Juruti-velho/PA, onde nascemos, as pessoas falarem *galça* para *garça*, *macaca* para *amarelinha*, *piaçoca* para *jaçanã*, *ambuí* para

---

<sup>3</sup>O termo *flal* se refere a um produto feito de suco de frutas naturais ou industrializado, que é colocado em sacos pequenos para serem postos no congelador. É um termo que não se encontra dicionarizado.

o *piolho-de-cobra*, *sambichuga* para *sanguessuga*, *combustol* para o *óleo diesel*, *lodi* para os grandes cargueiros etc.

Certamente existem muitas outras variantes lexicais, incluindo os nomes de animais da fauna terrestre, fluvial ou lacustre, do corpo humano, do homem, da pesca, dos fenômenos naturais, da cultura da mandioca, dos vermes, dos insetos, da pecuária bovina, dos meios de transporte da região, das doenças, da flora regional, das hortaliças e das frutas, das brincadeiras, das luminárias do interior, das comidas, das maneiras de enxotar e de chamar os animais domésticos, entre outras áreas semânticas. Do mesmo modo, podemos prever padrões de uso das realizações pretônicas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em vários contextos linguísticos e em vários contextos extralinguísticos na região geográfica do Médio Solimões/AM e na mesorregião do Baixo Amazonas/PA.

Com a finalidade de alcançarmos resultados satisfatórios a partir da aplicação de questionários nos nove pontos de inquérito selecionados, foi traçado como objetivo principal:

- Contribuir com estudos dialetológicos sobre o português amazônico no que diz respeito às realizações fonético-fonológicas das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica e sobre as variantes lexicais em dois pontos na microrregião de Óbidos, no Estado do Pará, e em sete pontos da região geográfica conhecida como Médio Solimões, no Estado do Amazonas.

Paralelamente ao escopo principal foram traçados os objetivos específicos seguintes:

- a) Para a variação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/
  - Descrever foneticamente suas realizações pretônicas;
  - Analisar os fenômenos vocálicos caracterizados pelo alteamento, manutenção e abaixamento;
  - Identificar os contextos linguísticos propensos ao alteamento, à manutenção e ao abaixamento;
  - Elaborar cartas fonéticas para a demonstração de todas as realizações pretônicas;
  - Estabelecer o padrão geral das realizações pretônicas;
  - Correlacionar as realizações fonético-fonológicas dessas vogais com as dimensões diatópica (ponto geográfico de investigação), diageracional (idade), diastrática (escolaridade) e diagenérica (sexo).
- b) Para a variação lexical
  - Descrever as variantes lexicais entre os pontos da pesquisa;

- Elaborar cartas lexicais para a demonstração da variação lexical;

- Estabelecer o padrão regional na apropriação de léxicos específicos para o mesmo referente em cada região amazônica

- Analisar a variação lexical tendo como parâmetro as dimensões diatópicas (ponto geográfico de investigação), diageracional (idade), diastrática (escolaridade) e diagenérica (sexo).

Nossas hipóteses para o desenvolvimento da pesquisa se basearam nas respostas às seguintes indagações:

a) Para a variação fonética

1. As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nas duas áreas geográficas de pesquisa sofrem alteamentos, realizando-se como [i] e [u], mantêm-se inalteradas, realizando-se como [e] e [o] ou sofrem abaixamento, realizando-se como [ɛ] e [ɔ]?

Há uma forte intuição de que a fala dos povos amazônicos se identifica com a fala do nordeste brasileiro pela presença de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ]. Isso foi caracterizado há muito tempo, desde meados do século passado, pelo dialetólogo Antenor Nascentes (1953); ou que o falar do caboclo amazônico, morador das comunidades ribeirinhas do rio Amazonas e do rio Solimões e de seus afluentes, é caracterizado pelo uso categórico de variantes pretônicas altas [i] e [u] como descrito no Médio Amazonas em *O falar do caboclo amazonense (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves)* (CORRÊA, 1980). No entanto, no contexto histórico atual, seis décadas depois em relação à afirmação de Nascentes e três décadas depois em relação à pesquisa de Corrêa (1980), é possível registrarmos mudanças nas ocorrências fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/. Nossa intuição é a de que, atualmente, exista uma oscilação entre vogais médias pretônicas baixas [ɛ, ɔ], vogais médias pretônicas altas [e, o] e vogais altas [i, u] na caracterização do dialeto solimoense. Em se tratando da região do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, a nossa intuição é de que no dialeto jurutiense predominam vogais médias pretônicas altas [e] e [o], pois outras pesquisas já realizadas em outras regiões paraenses têm confirmado essa predominância.

2. Há variação no emprego das vogais médias pretônicas considerando os diferentes grupos sociais controlados na amostra?

Fatores sociais como escolaridade, gênero, faixa etária podem ser condicionadores para os processos fonológicos de abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em suas realizações como [ɛ] e [ɔ], de manutenção em suas realizações como [e] e [o] e de alteamento em suas

realizações como [i] e [u]. Ao considerarmos essas três variáveis, esperamos que as variantes médias altas [e] e [o], supostamente mais controladas e mais prestigiadas, façam parte do repertório linguístico de informantes mais escolarizados, da fala de mulheres e de informantes mais jovens. Por outro lado, esperamos que as variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] e altas [i] e [u] façam parte do repertório linguístico de informantes menos escolarizados, de homens e de informantes com idade mais avançada.

3. Em que contextos os fenômenos do abaixamento, da manutenção e do alteamento atuam separadamente?

Esses fenômenos podem ocorrer por harmonização vocálica, que é um tipo de assimilação envolvendo vogais pretônicas e tônicas, e acontecem, por exemplo, em palavras tipo *costura*, produzida como [kuʃ.ˈtu.rɐ], *coruja*, produzida como [ku.ˈru.ʒɐ], *peteca*, produzida como [pɛ.ˈtɛ.kɐ], *chocolate*, produzida como [ʃo.ko.ˈla.tʃi]. Nesses exemplos, verificamos que alteamento, o abaixamento e a manutenção das pretônicas /e/ e /o/ ocorrem por influência do timbre fechado ou aberto da vogal tônica ou da vogal seguinte. Chamamos, portanto, de harmonia vocálica esse processo que torna a altura e o timbre das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ iguais à altura e ao timbre da vogal da sílaba tônica ou da sílaba seguinte.

Bisol (1981), com bases em seus estudos sobre a fala gaúcha, considerou que a presença de uma vogal tônica nasalizada favorece o alteamento apenas da vogal pretônica anterior /e/. Bisol (1981) concluiu, ainda, que o alteamento ocorreu nos contextos envolvendo os seguintes sons consonânticos:

- As consoantes palatais [ʃ] e [ɲ] favoreceram o alteamento de /e/ e de /o/ na posição seguinte. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *melhore* *sonhar* como [mi.ˈʃɔ] [su.ˈɲa];
- As consoantes labiais favorecem o alteamento de /o/ na posição precedente. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *política* e *boneca* como [pu.ˈli.ti.kɐ] e [bu.ˈnɛ.kɐ];
- As consoantes velares favorecem o alteamento na posição precedente e seguinte. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *segunda* e *querido* como [si.ˈgũ.da] e [ki.ˈri.du]

Verificaremos, neste estudo, se isso se aplica à região geográfica jurutiense e à região geográfica solimoense.

Nos estudos de Cunha e Silva (1980) sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de Manaus, foram encontradas as seguintes

realizações pretônicas, caracterizando os fenômenos da manutenção, do abaixamento e do alteamento:

- Como variantes médias altas [e] e [o], diante de vogais médias altas tônicas [e] e [o]. Exemplos: nos vocábulos *pegou*, *pegueie* *adorei*, produzidos, respectivamente, como [pe.'gow], [pe.'gej] e [a.do.'rej] ;

- Como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogal baixa oral [a] ou nasal [ã]. Exemplos: nos vocábulos *pegamos*, *adoramose* *noção*, produzidos, respectivamente, como [pɛ.'ga.muʃ], [a.do.'ra.muʃ] e [no'sãw] ;

- Como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogais médias baixas na sílaba tônica [ɛ] e [ɔ]. Exemplos: nos vocábulos *propostae* *negócio*, produzidos, respectivamente, como [prɔ.'pɔʃ.tɐ] e [nɛ.'gɔ.siu] ;

- Como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogais médias altas nasais [ẽ] e [õ]. Exemplos: nos vocábulos *setembro* e *problema*, produzidos, respectivamente, como [sɛ.'tẽ.bru] e [prɔ.'blẽ.mɐ] ;

- Como vogais altas [i] e [u], diante de [ʃ], de hiato e de vogal alta [u]. Exemplos: nos vocábulos *extrato*, *passar*, *voar* e *peru*, produzidos, respectivamente como [iʃ.'tra.tu], [pa.si.'ah], [vu.'ah] e [pi'ru].

Azevedo (2001), em seu estudo envolvendo os falantes oriundos do rio Juruá/AM (afluente do rio Solimões) concluiu o seguinte sobre os três fenômenos vocálicos envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/:

Para o alteamento de /e/ em sua realização como [i] e como [ĩ]:

Esse fenômeno ocorreu predominante ou de forma categórica em início absoluto de palavra e sendo seguido pela consoante alveolopalatal [ʃ]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *espírito* e *enxugar*, respectivamente como [iʃ.'pi.ri.tu] e [i.su.'gah];

Ocorreu também no contexto precedente ao [s] e no contexto seguinte ao [z]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *semente*, *besouro* e *tesouro*, respectivamente, como [si.'mẽ.tʃɪ], [bi.'zo.ru] e [tʃi.'zo.ru];

Para o abaixamento em sua realização como [ɛ]:

Esse fenômeno se realizou como [ɛ] antes de vogal baixa oral [a], antes de vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ] e antes de vogais médias altas nasais [ẽ] e [õ]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos



*negócio, pesadelo, setembro e redondo* como [nɛ.'gɔ.sju], [pɛ.za.'de.lu], [sɛ.'tẽ.bru] e [hɛ.'dõ.du].

Para a manutenção de /e/ em sua realização como [e]:

Esse fenômeno ocorreu de forma predominante ou categórica diante de vogal média alta [e]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *beber* e *descer* como [bɛ.'be] e [dɛ.'se].

Para o alteamento de /o/ em sua realização como [u]:

Esse fenômeno ocorreu de forma categórica ou quase categórica diante da vogal tônica [a] e da vogal tônica [e], vogais formadoras de hiato. Exemplo: nas formas produzidas dos vocábulos *arpoar* e *joelho*, respectivamente, como [ah.'pu.ah] e [ʒu.'eʎu];

Por influência da consoante bilabial nasal [m] no contexto precedente ao /o/. Exemplo: na forma produzida do vocábulo *mojica* como [mu.'ʒi.kɐ];

Para o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ]:

Em sua realização como [ɔ] ocorreu de forma predominante ou de forma categórica diante de vogal média baixa [ɛ], vogal baixa oral [a] ou nasal [ã] e vogal média alta nasal [ẽ]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *picolé*, *ovado* e *problema* como [pi.kɔ'.lɛ], [ɔ.'va.du] e [prɔ.'blẽ.mɐ]

Para a manutenção de /o/ em sua realização como [o]:

Ocorreu de forma predominante e de forma categórica em vocábulos, nos quais as vogais tônicas eram vogais médias altas [e] e [o] e vogais altas [i] e [u]. Exemplos: nas formas produzidas dos vocábulos *coroa*, *morena*, *outubro*, *dolorido* e *colorido* como [ko.'ro.ɐ], [mo.'re.nɐ], [o.'tu.bru][do.lo.'ri.du] e [ko.lo.'ri.du]

Verificaremos se nesses contextos ocorrem as mesmas variantes caracterizadoras do abaixamento, da manutenção e do alteamento no falar jurutiense e no falar solimoense.

b) Para a variação lexical

1. Ocorre variação lexical entre os diferentes pontos da pesquisa?

Nossa intuição é a de que a região do Médio Solimões é uma comunidade linguística diferente da região do Baixo Amazonas, devido à distância existente entre essas duas regiões ser grande e devido ao fato, também, de pertencerem, respectivamente, ao Estado do Amazonas e ao Estado do Pará. Nesta pesquisa ressaltaremos os aspectos linguísticos que caracterizam o falar diferenciado das duas localidades do Baixo

Amazonas em relação ao falar das sete localidades do Médio Solimões. Para isso quantificaremos os dados na tentativa de detectarmos padrões de variação fonética e de variação lexical.

2. Há variação lexical considerando os diferentes grupos sociais controlados na amostra?

Nossa hipótese é de que não haverá variação lexical significativa na correlação com os fatores sociais, pois todos os informantes em cada região de nossa pesquisa, supostamente, utilizam o mesmo léxico para o mesmo referente.

3. Os falantes das áreas em estudo têm a percepção de que falam de um modo diferente em comparação a outras localidades da Região Amazônica, ou do Brasil?

Os falantes interioranos não costumam caracterizar o modo como falam, nem percebem diferenças significativas entre seu modo de falar e o modo de falar dos que vem de fora, uma vez que as redes sociais e os contatos costumam acontecer, predominantemente, com pessoas da mesma região dialetal.

Em se tratando da estrutura do trabalho, dividi-se em seis partes: a primeira trata do panorama sócio-histórico da Região Amazônica brasileira e enfocamos o Estado do Pará e o Estado do Amazonas e os nove pontos de inquérito selecionados para a pesquisa (respectivamente, Igarapé do Juruti-velho e vila do Juruti-velho, no Baixo Amazonas; e Anamá, Codajás, Coari, Saubinha, Itapéua, São João do Ariri e Costa do Juçara, no Médio Solimões) e finalizamos abordando o processo de formação de uma comunidade de fala lusófona na Amazônia ameríndia. A segunda parte é composta pela fundamentação teórica, onde abordamos a definição de comunidade de fala, a variação dialetal, o método e o objeto de estudo da dialetologia, a geografia linguística pelo Brasil, as vogais do português do Brasil, as vogais médias pretônicas em uma abordagem diacrônica e a caracterização do português amazônico. Na terceira parte, fizemos um levantamento dos estudos sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Estado do Amazonas e no Brasil. Na quarta parte, fizemos um levantamento dos trabalhos realizados sob a perspectiva da variação lexical. Na quinta parte, expomos a metodologia usada em nossa pesquisa no que diz respeito à escolha dos pontos de inquérito, dos informantes, e, também, no que diz respeito à elaboração das cartas fonéticas e lexicais, a seleção dos vocábulos, que compuseram o questionário fonético-fonológico e semântico lexical, e finalizamos fazendo um relatório sobre a aplicação dos questionários em cada um dos nove pontos de inquérito. Na sexta parte, apresentamos e analisamos os dados sobre a variação fonética e

sobre a variação lexical. Por último, apresentamos as conclusões da pesquisa.

## **1. PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO DA REGIÃO**

### **1.1. A Amazônia**

As áreas drenadas pelas bacias dos rios Amazonas, Araguaia-Tocantins, Orenoco, Essequibo e outros afluentes menores

correspondem à Amazônia (FILHO, 2006, p.33). Temos duas Amazônias: a internacional, que abrange nove países (Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname, Venezuela e Brasil), e a nacional, que é conhecida como Amazônia Legal<sup>4</sup> formada pelos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Tocantins e parte oeste do Estado do Maranhão, a partir do meridiano 44°, e a faixa do Estado de Mato Grosso ao norte do paralelo 16° S.

A Amazônia brasileira é constituída por uma rica bacia hidrográfica composta por inúmeros rios, lagos, igarapés<sup>5</sup>, furos<sup>6</sup>, paranás<sup>7</sup>; e por uma imensa floresta complexa chamada floresta Amazônica, que vai além das fronteiras brasileiras; pelos animais da fauna terrestre, lacustre ou fluvial e pelos povos amazônicos e populações alóctones espalhados em uma área de 5.1 milhões de km<sup>2</sup>, correspondendo a 59,78% da superfície total do Brasil.

Nos nove estados que compõem a Amazônia brasileira vivem cerca de 24 milhões de pessoas, dos quais 68% em centros urbanos e 32% na zona rural. Há cerca de 160 povos indígenas na região, que correspondem a uma população nativa de 210 mil habitantes, ou 60% da população indígena do Brasil (FILHO, 2007, p. 96-97).

A Amazônia brasileira também é conhecida como: Região Norte, abrangendo os estados Acre, Rondônia, Roraima, Amazonas, Pará, Amapá e Tocantins, perfazendo uma área de 3,8 milhões de km<sup>2</sup>, correspondendo a 44% do território brasileiro e; Amazônia biológica, que é definida da seguinte forma por Filho (2007, p. 34): “– o Domínio Ecológico da Amazônia ou Bioma Amazônico possui 3,64 milhões de km<sup>2</sup>; se somado às zonas de transição (*ecótono*) com os biomas do cerrado (414 mil km<sup>2</sup>) e do semiárido (caatinga) (144 mil km<sup>2</sup>), seu total será de 4,24 milhões de km<sup>2</sup>.”

A Amazônia tradicional e brasileira sobrevive em pequenos sítios, povoados, vilarejos e cidades que surgiram ao longo do rio Amazonas, do Solimões e de seus afluentes. Entre as atividades desenvolvidas ao longo da história pelos povos ribeirinhos em suas localidades por toda região Amazônica (BENCHIMOL, 2009), destacamos algumas, como as de: fazendeiros, vaqueiros e criadores de

---

<sup>4</sup>Conceito criado em 1953 pela Constituição Federal do Brasil.

<sup>5</sup>Igarapé é um rio estreito, por onde as pequenas e médias embarcações navegam.

<sup>6</sup>Furo é um pequeno canal navegável entre rios ou entre rios e lagos.

<sup>7</sup>Paraná é um braço de rio que circunda uma ou duas ilhas.

boi e búfalo no Marajó, Baixo Amazonas e Araguaia; pescadores de peixes lisos como piramutaba, dourado, surubim, caparari, piraiá, filhote e outros peixes nobres como Tambaqui, Tucunaré, Matrinchã e os mais conhecidos como jaraqui, pacu, bodó, piranha, pirapitinga, aracu etc., em todo o percurso do rio Amazonas (do encontro das águas em Manaus até a foz no Oceano Atlântico) e do rio Solimões (do encontro das águas em Manaus até a cidade de Tabatinga na dupla fronteira com os países vizinhos Peru e Colômbia); apanhadores de frutas de açaí, patauá, bacaba, cupu, cacau, mucujá, castanha, manga, mamão, tucumã; cortadores de seringa e sorva<sup>8</sup> no Baixo Amazonas; plantadores de cacau em Cametá, Santarém e Parintins; tiradores de leite e fabricantes de queijo em Careiro, Cambixé e Marajó; caçadores de jacaré nos lagos e paranás do rio Nhamundá; arpoadores de pirarucu em Codajás; preparadores de mixira<sup>9</sup>, moquém<sup>10</sup>, piracuí<sup>11</sup>, tucupi<sup>12</sup>, beiju<sup>13</sup> pé-de-moleque, beiju cica, roceiros de mandioca no Baixo Amazonas; e plantadores de milho, feijão no Médio Amazonas; extratores de madeira no rio Purus, no rio Juruá e no rio Javari e serradores de Vilhena, de Itacoatiara, de Santarém e de Paragominas; vendedores de bolo, milho, bolo de milho, canjica<sup>14</sup>, farinha, mari<sup>15</sup>, beribá<sup>16</sup>, broa, goma, tapioquinha, pamonha, bacuri, açaí, buriti, manga, camon-camon, cupuaçu, limão, lima, coco, cacau, jambo, graviola, tangerina, abacaxi, abacate, laranja, maracujá melancia, abiu, caju, goiaba, ingá, pupunha, melão, acerola, banana prata, banana pacovã, banana clonada<sup>17</sup>, banana

---

<sup>8</sup>É o leite extraído da árvore sorveira e era muito usado como breu na calafetagem de canoas e barcos regionais.

<sup>9</sup> É uma espécie de linguiça feita com a carne do peixe-boi.

<sup>10</sup> É uma grelha formada de paus, onde são colocados os peixes para assar.

<sup>11</sup>É um desfiado da carne seca de peixe como, por exemplo, do bodó.

<sup>12</sup>O líquido venenoso, que é extraído da massa da mandioca e, que depois de fervido é muito usado na culinária regional como no tacacá, no molho do tucupi e na caldeirada de tucupi com pato, galinha e demais peixes regionais.

<sup>13</sup>O subproduto feito da massa da mandioca, que é levado ao forno quente com folhas de bananeira.

<sup>14</sup>É uma espécie de mingau de milho.

<sup>15</sup>Mari é uma fruta oval comestível no Médio Solimões. O mesmo nome é usado na Região do Baixo para se referir a uma fruta comprida, que tem vários gomos verdes. O mesmo que marimari.

<sup>16</sup>É uma fruta, que quando amarela ou amadurece, fica doce.

<sup>17</sup>É uma espécie de banana, que foi modificada geneticamente.

guariba<sup>18</sup>, banana ponta fina<sup>19</sup>, banana maçã<sup>20</sup>, maçã, ovos, vinho de buriti, verduras e hortaliças na cidade de Coari etc.

### **1.1.1 O Estado do Pará**

O Pará é o segundo maior Estado do Brasil e da Região Norte em extensão territorial com uma área de 1.247.689,5 Km<sup>2</sup>.

É o Estado mais populoso da Região Norte com 7.588.078 habitantes, conforme censo do IBGE 2010, e possui áreas indígenas, comunidades negras remanescentes de quilombolas e recebeu intensa migração nordestina.

Possui como capital Belém com cerca de 1.392.031 habitantes, a segunda mais populosa da região Norte. A capital Belém foi fundada pelos portugueses a partir da criação do Forte do Presépio em 1616 para combater possíveis invasores de outros países europeus.

O Estado do Pará está dividido em seis mesorregiões: Mesorregião do Baixo Amazonas, Mesorregião do Marajó, Mesorregião Metropolitana de Belém, Mesorregião do Nordeste Paraense, Mesorregião do Sudeste Paraense e Mesorregião do Sudoeste Paraense.

---

<sup>18</sup>É uma espécie de banana de corroxa.

<sup>19</sup>É uma espécie de banana grande parecida com a pacovã, porém é mais fina.

<sup>20</sup>É uma variedade de banana, que quando amarela ou amadurece, fica doce e fica com a casca amarela.



Mapa 1 Mesorregião do Baixo Amazonas  
Fonte: IBGE<sup>21</sup>

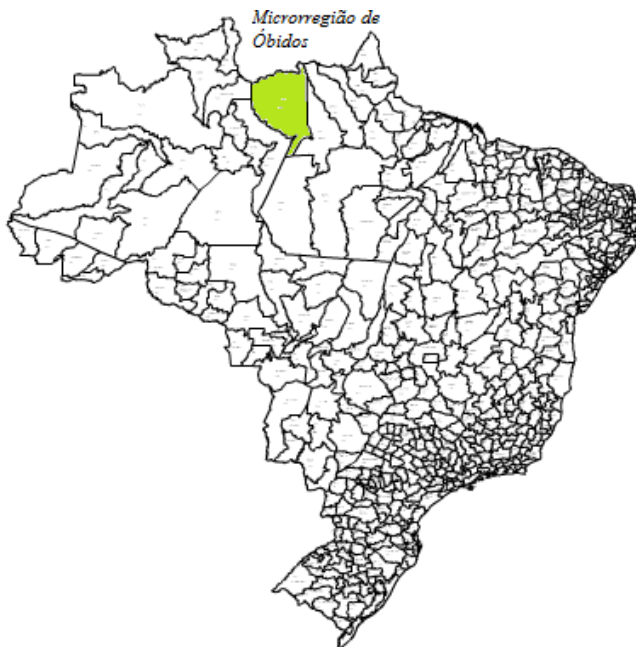
O Baixo Amazonas é uma das seis mesorregiões do Estado do Pará e compreende as microrregiões Almerim, Óbidos e Santarém. Essa Mesorregião possui uma área de 340. 452, 728 km<sup>2</sup> e é composta por quinze municípios. Vivem, segundo censo do IBGE (2010), no Baixo Amazonas 751.255 habitantes.

As sub-regiões geopolíticas do Estado do Pará são Cametá, Castanhal, Conceição do Araguaia, Furos de Breves, Guamá, Itaituba, Marabá, Paragominas, Parauapebas, Portel, Redenção, Salgado, Santarém, São Félix do Xingu, Tomé-Açu, Tucuruí e Óbidos (de onde foram selecionadas as duas localidades para a pesquisa).

---

<sup>21</sup>IBGE. [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/ftp\\_exe/br25meso.exe](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/ftp_exe/br25meso.exe).  
Acessado em 12.04.2013





Mapa 2 Microrregião de Óbidos  
Fonte: IBGE<sup>22</sup>

A microrregião de Óbidos possui uma área de 157.595,311 km<sup>2</sup>. Segundo dados do censo demográfico do IBGE (2020), essa microrregião possui 189.429 habitantes com uma densidade de 1,1 hab./km<sup>2</sup>. Os municípios, que compõe a microrregião de Óbidos são Faro, Juruti, Óbidos, Oriximinã e Terra Santa.

Do território do município de Juruti selecionamos as comunidades do Igarapé do Juruti-velho e a vila do Juruti-velho (também conhecida pelo nome de distrito Muirapinima). Nas comunidades da cidade de Juruti estão morando 31.280 habitantes compondo a zona rural contra 15.843 habitantes da zona urbana (verificar dados da Tabela 1 abaixo do IBGE sobre o censo de 2010).

---

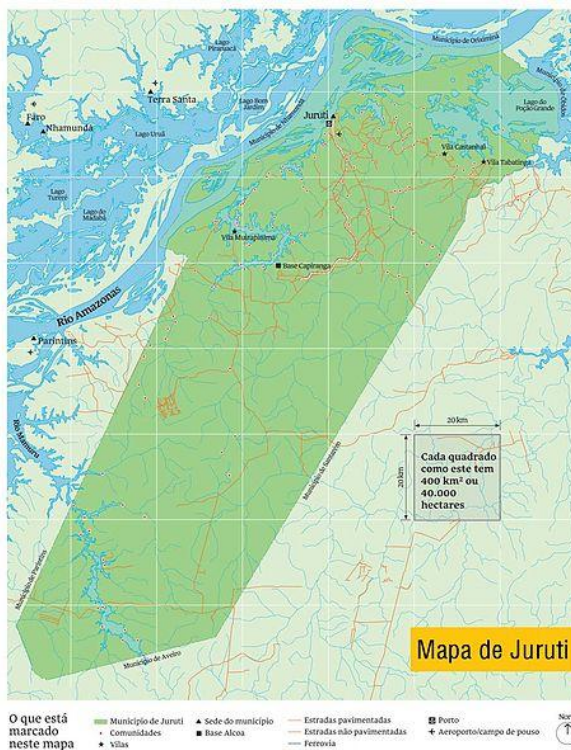
<sup>22</sup>IBGE. [http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/ftp\\_exe/br25micro.exe](http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/ftp_exe/br25micro.exe). Acessado em 12.04.2013

Tabela 1 População urbana e rural do município de Juruti/PA

Código do município	Nome do município	Total da população 2000	Total de homens	Total de mulheres	Total da população urbana	Total da população rural	Total da população 2010
1503408	Inhangapi	7.681	5.190	4.874	2.769	7.295	10.064
1503457	IPIXUNA DO PARÁ	25.138	26.944	24.439	12.228	39.155	51.383
1503507	irituba	30.518	16.288	15.094	6.509	24.873	31.382
1503606	Itaituba	94.750	49.612	47.731	70.602	26.741	97.343
1503705	Itupiranga	49.655	27.033	24.225	20.478	30.780	51.258
1503754	Jacareacanga	24.024	8.009	6.031	4.933	9.107	14.040
1503804	Jacundá	40.546	25.770	25.605	45.702	5.673	51.375
1503903	Juruti	31.198	24.615	22.508	15.843	31.280	47.123

Fonte: IBGE, resultados do Censo 2010 no Estado do Pará.

Abaixo o território do município de Juruti no Estado do Pará.



Mapa 3 Município de Juruti (PA)

Fonte: Wikipédia<sup>23</sup>

<sup>23</sup>Wikipédia.[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa\\_politico\\_juruti.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mapa_politico_juruti.jpg). Acessado em 12.04.13

### **1.1.1.1 Aspectos históricos do Igarapé do Juruti-velho**

Não conseguimos encontrar documentos sobre o início do povoamento do Igarapé do Juruti-velho. Sem dados escritos, tornou-se difícil conhecermos o passado dessa localidade, onde os caboclos vivem há décadas da cultura da mandioca e outras atividades agropastoris. O principal produto de consumo do caboclo está na própria mesa desde a hora do almoço até a janta: estamos nos referindo à farinha, o principal subproduto da mandioca, que foi equivalente a uma moeda de troca no interior durante muitos anos. Em viagem realizada em agosto de 2010, foi possível coletarmos algumas informações sobre essa localidade descritas nos tópicos que seguem.

O Igarapé do Juruti-velho está localizado no Estado do Pará na microrregião de Óbidos, na Mesorregião do Baixo Amazonas, e é composto por várias comunidades ribeirinhas como Uxituba, Nova Aliança, Raifran e Boa Esperança. Dependendo da potência dos barcos que fazem linha no sentido Juruti-velho e Parintins no Amazonas, o percurso pode ser percorrido em 6, em 7, em 8 horas, e no sentido inverso, a favor da correnteza, em 5 ou em 6 horas baixando o rio Amazonas e entrando no Igarapé.

O acesso ao Igarapé pode ser feito em qualquer época do ano, pois nunca seca; mas pode ser acessado durante as enchentes pelo: Paraná de Cima; Igarapé do Piranga, em que embarcaes pequenas e médias vo sair direto no Igarapé Açu, próximo ao sítio Canto-Galo; Furo Grande, em que os barcos saem diretamente no lago do Juruti-velho, próximo à comunidade Ingracia. A partir da via principal, que é o Igarapé, pode-se acessar também o Paraná do Balaio, em que os barcos o percorrem ata “beira d’Amazona” (denominação típica dada pelos moradores ribeirinhos), que, por sua vez, d acesso à cidade de Juruti, mais conhecida como Juruti-novo pelos moradores locais.



Figura 1 Vista do Igarapé do Juruti-velho  
Fonte: Pesquisa de campo (Azevedo, 2010).

No Igarapé, além do Distrito Muirapinima Pae (mais conhecido como vila do Juruti-velho, embora seja visível um *status* de cidade pequena devido à urbanização ocorrida nas últimas décadas) existem outras comunidades como: Açaí, Açailândia, Capitão, Ingracia, Mocambo, Santa Madalena, Bom Jesus, Bela Vista, Vila Vinente, Santo Antônio, Novo Horizonte, Maravilha, Pau-d'arco, Pompom, Monte Carmelo etc.

O caboclo do Igarapé do Juruti-velho, antes de tudo, é pescador, caçador e roceiro e começa a fazer os preparativos às 7:00 h da manhã para ir ao *Centro*, o lugar onde se faz todo processo de produção da farinha. Mas antes mesmo desse horário, ele, ainda, em meio à escuridão, vai ao lago chamado Araçá Grande em um casco de porte pequeno com uma pedra ou com um filho no banco da popa (que serve como contrapeso sentado na parte de trás) para ver a malhadeira, que colocou no entardecer do dia anterior. A razão de ele ir cedo ao lago se justifica pelo fato de haver outros pescadores que costumam tirar o peixe da malhadeira dos outros ou mesmo o peixe pode ficar impróprio para o consumo humano, se ficar mais tempo na água sem os devidos cuidados.

Após voltar do lago, por exemplo, o roceiro da comunidade Raifran inicia a caminhada até o Centro *Vai-quem-quer*, a qual dura em torno de 40 minutos, ou ao Centro *Espanta-molhe* etc. Os nomes dos centros são sugestivos, pois os donos parecem desafiar outras pessoas que vão a eles ou que deixam de ir a esses lugares. Logo na saída de casa, eles precisam vencer uma ladeira íngreme, que possui em torno de 160 metros de altura. Quando chove, essa ladeira se torna muito

escorregadia. Mesmo assim, os moradores locais possuem muita habilidade para descer com sacos de farinha nas costas, que pesam por volta de cinquenta quilos. Qualquer desequilíbrio cometido por alguém na descida pode acarretar consequências trágicas ladeira abaixo. No topo da serra, é possível ter uma visão panorâmica de toda a região como, por exemplo, contemplar no horizonte a serra de Parintins, a Ilha Macaiani, a Ilha do Vale (variação de Valha ou Valha-me Deus, que é o nome próprio dela e onde moram os crentes da Assembleia de Deus), a Ilha do Chaves e o grande rio Amazonas, que os habitantes locais costumam chamar de *Amazona*. Esses são lugares que demarcam muito bem a divisa entre o Estado do Amazonase o Estado do Pará.

Durante a caminhada ao centro *Vai-quem-quer*, por exemplo, um adulto vai sempre à frente para reparar o caminho, onde costumam aparecer jararacas e outras cobras venenosas como surucucu, cujo veneno pode matar uma pessoa ou deixá-la aleijada. Pelo caminho é comum: encontrar taocas, aranhas, pequenos lagartos; ouvir barulho de pássaros e do vento nas folhagens das árvores e; passar por muitas árvores caídas no chão. A comunicação no meio da mata acontece através do grito, pois só assim é possível perceber que outras pessoas estão nas proximidades ou até mesmo conjecturar sobre quem seja a outra pessoa que grita de outro lado da mata. Antes de chegar ao barracão é preciso descer uma ladeira não tão íngreme quanto a da primeira subida. Durante a descida é possível ter uma visão do horizonte com uma vastidão de árvores infinitas e rios de águas pretas. Em volta do barracão há plantação de cacau, de cupu, manga e de mandioca. O caboclo e sua família retornam para *fora* (o percurso de volta) somente às 17:00 h e chegam a trabalhar até o sábado, se não forem adventistas.

O barracão de farinha é feito com varas grossas da árvore cariúba, as quais são os esteios das bases principais, e de varas finas, que são os caibros de árvores como pau caboclo, envira<sup>24</sup>, moorta, que recebem a cobertura de palha. Na cumeeira é colocado um jacaré, que é feito de palha preta para evitar que chova no meio do barracão. Este pode ter dimensões pequenas, médias e grandes, dependendo da quantidade de famílias que trabalham nele e da necessidade de ampliação para maximizar a produção de farinha.

---

<sup>24</sup> Envira é o nome da casca de um pau ou planta também chamada de envira. Devido à resistência da fibra, é usada como alça nos paneiros por onde o roceiro coloca a cabeça.



Figura 2 Barracão de farinha

Fonte: Pesquisa de campo (AZEVEDO, 2010).

O lugar onde se produz farinha e outros derivados pode ser construído permanente ou provisoriamente próximo à casa dos roceiros ou muito mais distantes nos chamados centros. As pessoas preferem colonizar lugares distantes para fazer o barracão e a roça em torno dele, “[...] porque é bonito, lá vem tudo da gruta. É riacho. É chavascal, porque tudo é mole e tem açaí, tem banana, jerimum, tem água pra gente tomar banho e lavar mandioca, e a água é bem gelada” (relatos de uma informante com mais de 60 anos). Os açazeiros e buritizeiros fazem parte de toda a extremidade do riacho, que possui águas claras e peixes pequenos. Segundo os moradores locais não se pode brigar nem brincar no riacho, porque ele tem mãe, que judia quem não a respeita devidamente. Segundo relato de um morador local, houve um caso em que dois moradores estavam lutando no riacho e mataram um pequeno jacaré que apareceu na ocasião. Durante a noite, eles não conseguiram dormir com forte febre e dores pelo corpo, e na manhã seguinte foram ao riacho e não conseguiram encontrar maiso pequeno jacaré.

Algumas famílias procuram passar semanas no barracão para evitar o desperdício de tempo na ida ao Centro e na vinda de lá; além do mais, ao ficarem dormindo no local de trabalho, eles agilizam todo processo de produção da farinha. Durante o tempo que ficam no meio da mata, eles sobrevivem caçando porco-do-mato, cotia, paca, veado, jacu, jabuti etc. ou comprando peixes de outras famílias que trazem de fora por encomenda. Quando vêm para fora do Centro, trazem o resultado

árido de todo trabalho, que servirá para pagar dívidas e comprar produtos como bolachas, roupas, querosene, enlatados etc. Toda produção é escoada para Parintins e para Manaus pelos pequenos e grandes recreios da região.

No Igarapé do Juruti-velho são comuns as casas de madeira construídas, atualmente, pelo *beradão*, onde os casais têm muitos filhos, de modo que os ascendentes constituem novas famílias morando na mesma propriedade dos pais. Por exemplo, na comunidade Raifran, um casal de mais de oitenta anos tem dez filhos e mais de setenta netos.

Quando alguém passa pelo Igarapé em uma embarcação qualquer avista as terras pertencentes aos *Carlitozadas* (produtores de roças de mandioca na Comunidade Raifran), *Queirozadas* (no Canta-galo, onde os irmãos eram mais voltados para a pecuária bovina, mas se dispersaram indo morar na vila da Porração ou do Juruti-velho, em Parintins e em Manaus), os *Lanternazadas* (criadores de gado e cultivadores de roça de mandioca) e assim sucessivamente as pessoas falam das terras pertencentes aos donos de outras comunidades como Uxituba, Nova Aliança, Capelinha, Monte Sinai, Boa Esperança etc., uma vez que uma única família pode ter seis, oito, onze ou mais filhos vivendo em um único terreno, e o nome ou apelido do pai é que identificará de quem é a terra.

Nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, a divisão do trabalho não obedece verdadeiramente a uma hierarquia rígida, mas os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher possuem certa peculiaridade, pois ele é o responsável pelo sustento da casa, tendo que pescar nos lagos chamados de Araçá Grande e Araçazinho, principalmente, com malhadeiras ou com caniços nos igapós; mas também como foi visto anteriormente, ele caça durante a noite em um determinado lugar chamado de *moitá*, onde costuma passar veado, tatu, paca, cotia, catitu ou quexada (os nomes que eles chamam para o porco do mato) ou então aves como o jacu. Para a mata, ele leva rede e ata no alto entre as árvores para esperar a caça passar. É um trabalho que exige paciência, pois os carapanãs aproveitam a ocasião para se alimentar de sangue, e não se pode fazer nada, a não ser deslizar a mão sobre a pele levemente para não espantar os animais que se aproximam para comer durante a noite. Entretanto, a atividade principal que o homem faz é a plantação de mandioca feita próxima a casa, que fica na *bera* do Igarapé ou então é feita distante nos grandes centros. Além disso, o homem é responsável pela construção da casa, que antigamente era feita de palha e atualmente é feita de madeira. Embora o homem faça todas essas atividades, ele participa de outras com menor frequência tais como lavar

roupas, cuidar do peixe e fazer o almoço e a janta. Por outro lado, a mulher cuida dos afazeres domésticos, do filho, mas possui uma participação muita ativa no plantio e na produção da farinha e, principalmente, na de seus subprodutos.

A *maniva* na linguagem dos moradores do Igarapé pode se referir tanto ao arvoredado da mandioca quanto ao caule, que alguns chamam também de *istaca*, onde ocorre o geotropismo negativo<sup>25</sup>. Além de chamarem *maniva*, os moradores chamam também de *árvre*, árvri a planta. Demoninam *manicujá* para a cova reservada para enterrar as manivas; *braço* para o pecíolo; *cortar* para cortar as folhas da maniveira e *decotar* para separar as mandiocas do tronco; *brotoe olho* para as gemas florais; *guia* para as gemas apicais; *capoeira* para a roça, da qual foi retirada toda a mandioca e onde o mato está crescendo; *espalhadera* para a pessoa que joga os dois pedaços de maniva no *manicujá*; *puxirum* ou *ajuri* paraa reunião de trabalhadores que vão ajudar no roçado de alguém; *derribar* para derrubar árvores com machado.

Para fazer o plantio da maniva, o caboclo precisa cavar com a enxada, abrir as valas para enterrar as manivas decotadas ou cortadas. Essa vala, como dito anteriormente, recebe o nome de *manicujá*. Quando possível são divididos três grupos: um abre as valas com a enxada; outro composto pelos *espalhadores* ou *espalhaderas*, jogam os pedaços de maniva na vala ou *manicujá*; e por último, o terceiro grupo vai enterrando em pé ou de outra forma como:

Pedaco é decotar, a gente corta do toco pra ponta e impurra do toco pra ponta, a gente não planta ela em pé, porque deitado dá muita raiz. No verão forte deixa dentro, e no inverno deixa os olhinho (broto) de fora, que depois cresce a vergonta (broto). No inverno se deitar muito, ela morre. Outubro, novembro e dezembro são datas boa pra plantar, mas quando o verão é forte, eles plantam em dezembro. No inverno de janeiro vem feia, mas plantam. Eles fazem em agosto (roça de agosto) o plantio da maniva e quando é dezembro já tem roça madura, no ponto de tirar, na terra firme. (Informante de mais de 60 anos)

O relato de outro informante confirma os dados da citação acima, porque trabalhou na produção de farinha durante sete anos no igarapé do

---

<sup>25</sup> O crescimento do caule é contrário ao sentido da gravidade.



Juruti-velho. Segundo esse ex-agricultor, caboclo trabalha o solo através do fogo e vai usar o verão amazônico para fazer a queimada. Ele começa a fazer o roçado em torno junho e julho e a queimada ocorre em setembro ou em outubro, no forte do verão. A plantação começa em novembro, mas existe alguma variação em que se planta até mesmo em janeiro. Portanto, existem épocas diferentes para a derribada das árvores, para a secagem do roçado e para o plantio das manivas. Depois de alguns meses ou um ano, dependendo da variedade plantada, o roceiro começa a fazer a colheita para a produção da farinha e de outros subprodutos da mandioca ou faz a sociedade com outro caboclo, que divide a produção com o dono do roçado.

Quando chove muito, poucos caboclos conseguem fazer o roçado. Como consequência o preço do saco de farinha chega a custar R\$ 150,00e é repassado nos preços do quilo ou do frasco nas cidades de Parintins e Manaus no Amazonas.

### 1.1.1.2 Aspectos históricos da vila do Juruti-velho

Muito da história do Juruti-velho se perdeu no passado devido às dificuldades para se encontrar documentos que retratem o passado dessa localidade. Mas algumas informações em um relatório histórico (sem autoria) sobre o Juruti-velho são encontradas como a menção ao termo *povoação*, quevem desde 1963. O nome *povoação* sofreu variação para *povação*, que depois derivou *porração*. O fato linguístico curioso e histórico é a alternância feita pelos moradores locais no uso entre as formas Juruti-Velho, Distrito Muirapinima Pae, povoação, povação, porração e mais uma que costumam chamar de “vila”.

A localidade foi habitada primeiramente por índios mundurucus e foi fundada sob a forma de aldeia em 1818. “A aldeia era situada sobre as praias do lago de juruti (hoje Juruti-velho) e era conhecida com o nome de Muirapinima. Logo que os índios construíram a suas custas uma pequena igreja, foi a aldeia elevada à freguesia”. Segundo relatos de uma moradora local no final de agosto de 2010, houve a mudança do nome Juruti-velho para Distrito Muirapinima Pae em consequência do progresso advindo, sobretudo, da exploração de bauxita nessa região. Entretanto, no relatório histórico sobre a localidade menciona o seguinte: “[...] e com a luta do povo da comunidade da região, foi elevado à categoria de distrito de Juruti Velho que passou a vigorar dia primeiro de janeiro de 2007”. Na festa da mandioca ocorrida em agosto de 2010 estava o nome Juruti-Velho fixado na entrada do local onde ocorre o evento. O Juruti-velho (figura 3) só não é uma cidade por falta

de interesse político, pois se destaca como pequeno centro urbanizado diante de muitas comunidades próximas.



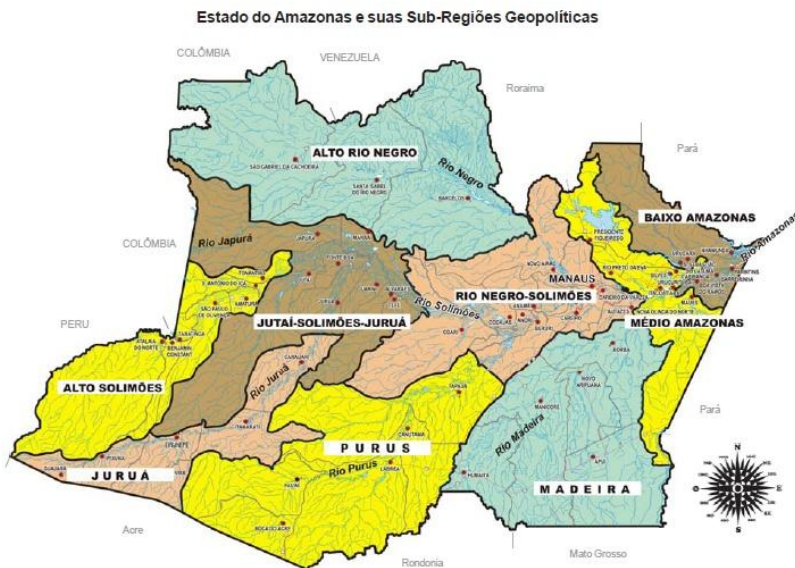
Figura 3 Vista da frente da vila do Juruti-velho  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

### 1.1.2O Estado do Amazonas

O Estado do Amazonas é o maior do Brasil em extensão territorial com uma área de 1.570. 745,7 Km<sup>2</sup>. Em seu território habitaa maior quantidade de índios do Brasil com 91,3 mil nativos.

Segundo a Constituição Estadual de 1989 as sub-regiões geopolíticas do Estado do Amazonas são: Juruá, Purus, Madeira, Médio Amazonas, Baixo Amazonas, Alto Solimões, Jutai-Solimões-Juruá, Alto Rio Negroe Rio Negro-Solimões.

Os sete pontos de inquérito do Estado do Amazonas foram selecionados da sub-região do Rio Negro-Solimões, que é composta por quinze municípios, a saber: Anamã, Anori, Autazes, Beruri, Caapiranga, Careiro Castanho, Careiro da Várzea, Coari, Codajás, Iranduba, Manaquiri, Manacapuru, Novo Airão, Rio Preto da Eva e Manaus, que é o centro regional do Estado. A extensão total dessa área é de 190.212 km<sup>2</sup>e parte de seus municípios está situada nos rio Purus, no Médio Solimões, no rio Madeira e na confluência do Rio Negro com o Solimões, próximo ao encontro das águas.



Mapa 4 Sub-regiões geopolíticas do Estado do Amazonas  
Fonte: Plano Diretor de Coari, 2007.

### 1.1.3 A região do Médio Solimões

É uma área geográfica do rio Solimões, que está situada na sub-região do Rio Negro-Solimões. Conforme estudos da Fundação Getúlio Vargas (2007) para a elaboração do Plano diretor de Coari, fazem parte do Médio Solimões seis cidades, a saber: Anori, Beruri, Anamã, Caapiranga e, principalmente, Coari e Codajás. A terminologia Médio Solimões foi mais difundida após os empreendimentos da Petrobrás na bacia petrolífera de Urucu e no Terminal do Médio Solimões, que colocaram em evidência a cidade de Coari no cenário econômico regional. Das seis cidades dessa região geográfica, três foram selecionadas para compor os pontos de inquérito de nossa pesquisa. São elas: Anamã, Codajás e Coari, da qual selecionamos mais quatro pontos de inquérito: Ariri, Saubinha, Itapéua e Costa do Juçara.

Nos parágrafos seguintes retrataremos os aspectos históricos somente dos pontos de inquérito selecionados para compor a amostra de nossa pesquisa.

### **1.1.3.1 Aspectos históricos da cidade de Anamã**

A cidade de Anamã com uma área 2.454 km<sup>2</sup> está localizada na região geográfica do Médio Solimões e dista em torno de 162 km da Capital Manaus. A cidade é bastante pequena em termo de urbanização e possui uma população rural com 6.019 habitantes, que supera a urbana com 4.174 habitantes perfazendo um total de 10.193 habitantes segundo dados do Censo do IBGE 2010. Uma das peculiaridades da cidade de Anamã são suas casas de madeira construídas sobre palafitas. A cidade foi construída em terras de várzea, de modo que está sujeita ocasionalmente às inundações das grandes cheias que ocorrem na região anualmente. Embora exista possibilidade de mudar a sede do município para terra firme mais próxima, os moradores preferem permanecer na área de várzea. Quanto à etimologia do topônimo “Anamã”, o dicionário tupi-português/português-tupi (MELLO, 2003) apresenta três significações: “espesso”, “coalhado” e “lotado”. Quanto à emancipação político-administrativa, ocorreu primeiramente com decreto-lei estadual no. 176, de 01.12.1938, que elevou a vila de Anamã à categoria de Distrito, que por sua vez pertenceu ao município de Anori criado pela lei estadual no. 117 de 29 de dezembro de 1956. Pela emenda constitucional nº 12 de 10.12. 1981, o Distrito de Anamã foi desmembrado de Anori. O município foi estabelecido em 1º de janeiro de 1983, após a realização das eleições de 15 de novembro de 1982. A economia dessa cidade gira em torno dos serviços da prefeitura, do pequeno comércio local, de atividades autônomas, da pesca e de atividades agrárias. O acesso à cidade de Anamã pode ser feita somente via fluvial pelo Rio Solimões em barcos médios e lanchas rápidas.



Figura 4 Vista da frente da cidade de Anamá  
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

### 1.1.3.2 Aspectos históricos da cidade de Codajás

A cidade de Codajás, com uma área territorial de 18.711,544 km<sup>2</sup>, está localizada à margem esquerda do rio Solimões e a 03° 50' 13'' de latitude sul e a 62° 03' 25'' de longitude oeste. A cidade dista em torno de 297 km da capital Manaus e possui população urbana de 15.808 habitantes e a rural 7.311, totalizando 23.119 segundo dados do Censo do IBGE 2010.

Os barcos, que saem de Manaus com destino a Coari ou a Tefé, navegam o rio Solimões passando pelo encontro das águas na época das secas ou pelo furo do Paracuuba na época das cheias e costumam fazer escala na cidade Codajás no período entre as duas e oito horas da manhã do dia seguinte ao da partida de Manaus.

O nome Codajás faz alusão aos índios cudaiás (ALMEIDA, 1965, p. 31), os primeiros habitantes indígenas da localidade, e a uma fruta curucudaiá apreciada de forma cozida ou assada pelos moradores locais (MELLO, 2003, p. 40). Na obra Panoramas Amazônicos de Jobim (1934) há citação da chegada de um nordestino nascido no Maranhão e de pais cearenses nas proximidades da atual cidade de Codajás. Era o coronel José Manoel da Rocha Thury, da cidade maranhense de Turiaçu, acompanhado de um de seus irmãos, objetivava explorar o rio Purus e o lago de Codajás, e acabou por ser o fundador da atual cidade do Médio Solimões. O coronel maranhense criou campos para a criação de gado – umas 300 cabeças nessa época – e fundou estabelecimentos. Codajás foi

um porto de escala dos barcos a vapor da Companhia Comércio e Navegação do Amazonase passou a ser freguesia em 30 de junho de 1868. Em 1874 foi elevada à categoria de vila com a denominação de Vila de Codajás (JOBIM, 1934, p. 6).

Fato curioso aconteceu com a grafia da palavra *Codajás*, porque de início era falada Cudajás e escrita também dessa forma, pois essa terminologia derivou de *cudaiás*, os índios que habitavam a localidade, e *curucudaiá*, a fruta comestível do cipó. A semivogal “i” de *cudaiás* sofreu um processo de fortalecimento ao transformar-se em [ʒ], ou seja, graficamente em um “j”; e o /u/ sofreu abaixamento para [o]. Portanto, de *cudaiás*, temos *Codajás*. Aconteceu que para evitar o cacófono, certamente se escrevia com “o”, e muitos falantes da região do Médio Solimões se esforçam para pronunciar de acordo com a grafia atual. Por conta disso, houve, em 1878, um projeto de lei da autoria de Estevam José Bezerra, que propunha a mudança do nome Codajás para Solimões. Entretanto, não foi bem sucedido o projeto, permanecendo o nome atual (JOBIM, 1934, p. 6). Codajás foi elevada à categoria de cidade em 31.03.1938 pelo decreto-lei nacional nº 68 (BELTRÃO; BELTRÃO, 1999, p. 269).

A economia da cidade é baseada na agricultura, na pesca, na produção de hortifrutigranjeiros, extração de madeira, pecuária, produção de tijolos, frigorífico para pescado, produção de móveis para atender a clientela local, comércio varejista e atacadista, serviços bancários, serviços de transporte fluvial através de barcos regionais e lanchas rápidas, serviços de moto-taxistas etc. Vista da cidade de Codajás na Figura 5 abaixo:



Figura 5 Vista da frente da cidade de Codajás

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

### 1.1.3.3 Aspectos históricos da cidade de Coari

Coari é um município amazonense localizado no Médio Solimões, de que fazem parte também Anori, Anamã, Beruri, Codajás e Caapiranga, que estão localizados na grande Sub-Região do Rio Negro-Solimões, que agrega um total de quinze municípios. A frente da cidade de Coari em qualquer época do ano é muito movimentada pelas pequenas, médias e grandes embarcações (canoas, rabetas, catraias, lanchas, barcos, grandes recreios), que saem diretamente do porto, localizado no Lago de Coari, para o rio Solimões.

A população urbana, segundo o censo 2010 do IBGE, é de 49.638, e a rural é de 26.271, totalizando 75.909 habitantes, sendo por isso o quinto município mais populoso do Estado do Amazonas, depois de Manacapuru, Itacoatiara, Parintins e Manaus.

Coari tem uma origem parecida com a de outras cidades amazônicas, que surgem às margens de um rio ou de um lago, e que tiveram como primeiros habitantes tribos indígenas. O nome de origem das cidades se remete a uma terminologia indígena e hoje como se vê no surgimento das comunidades ribeirinhas, juntam ao nome indígena nomes religiosos como São João do Ariri, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro Vila do Itapéua.



Figura 6 Vista da frente da cidade de Coari  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

Coari tem uma história que atravessa quase cinco séculos até se tornar uma cidade legalmente constituída. E tudo começou em 1540, com a expedição de Francisco Orellana ao longo do rio Amazonas, trazendo consigo Frei Carvajal, o primeiro cronista a escrever sobre a Região Amazônica. A expedição, ao passar pelo Médio Solimões em um percurso entre Tefé e Coari, Carvajal, na ocasião, chamou uma área de Província de Machiparo, onde avistou uma grande povoação que reunia 50 mil homens, os primeiros habitantes da região, onde surgiria a cidade de Coari.

Os frades carmelitas, a serviço da coroa espanhola, foram os precursores da cidade de Coari. O jesuíta Samuel Fritz fundou em 1689 a missão religiosa Santana de Coari, reunindo as tribos Catauxis, Irijus, Jumas, Jurimaguas, Auapes, Purupurus e outros.

Em 1759, o primeiro governador da capitania de São José do Rio Negro elevou a aldeia à categoria de lugar, recebendo o nome de Alvelos. Em 1833, foi o Lugar Alvelos elevado à Freguesia de Nossa Senhora de Santana de Coari. Mas pelo decreto no. 146 de 24.10.1848, o nome Alvelos se mantinha, sendo o lugar considerado como Freguesia ou Colégio Eleitoral subordinado ao termo da cidade de Tefé.

Em 01.05.1874, foi elevada à Vila pela lei provincial nº 287 com o nome de Coari. Em 15.11.1890, foi instalado o termo judiciário da Vila de Coari e, em 10.04.1891, a Comarca. Em 30.10.1913, foi suprimida a Comarca de Coari, ficando o termo subordinado à Comarca de Tefé. Em 1916, em virtude da Lei nº 844, de 14 de fevereiro do mesmo ano, foi instalada a Comarca de Coari e, suprimida novamente, pela Lei nº 133, de 7 de fevereiro de 1922. A Comarca foi restaurada, outra vez, pela lei estadual no. 122 em 10.03.1924, compreendendo, os



termos de Coari, Manacapuru e Codajás, até a instalação das Comarcas desses termos. Em 02.08.1932, pela Lei Estadual nº 1665, Coari foi elevada à categoria de cidade.

No século passado a economia girava em torno da indústria extrativista e cultura da seringueira, com destaque para a produção da banana, sendo a cidade conhecida como terra da banana. Mas com a descoberta do gás natural e do petróleo de Urucu a partir de 1986, esse título mudou drasticamente, e Coari passou a ser conhecida como a terra do gás, a cidade mais importante da região do Médio Solimões e uma das mais ricas da região Norte.

Devido ao desenvolvimento na infraestrutura urbana promovido pelos *Royalties* pagos pela Petrobrás à prefeitura municipal, ocorreu o “boom” do gás. Por isso muitas pessoas de várias partes do Brasil (por exemplo: nordestinos, sulistas) foram atraídas pelo trabalho em empresas que prestam serviços terceirizados à Petrobrás. O comércio envolvendo produtos industrializados e hortifrutigranjeiros cresceu bastante, favorecendo os moradores da própria cidade e das comunidades ribeirinhas do rio Solimões e do rio Coari Grande. O Estado do Amazonas destaca-se na produção de petróleo e gás natural no Brasil, pois com a quantidade de petróleo extraído em Coari, na Província Petrolífera de Urucu, é o segundo maior produtor terrestre de petróleo e o terceiro produtor nacional de gás natural, conseguindo abastecer, com isso, os estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Maranhão, Tocantins, Acre, Amapá e parte do Nordeste.

Atualmente, como política de interiorização da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, existe o Instituto de Saúde e Biotecnologia-ISB, o Campus avançado de Coari, que funciona com seis cursos: Licenciatura conjunta em Ciências: Química e Biologia, Ciências: Matemática e Física, e bacharelados em Biotecnologia, Fisioterapia, Enfermagem e Nutrição, os quais atraem estudantes de Parintins, Itacoatiara, Tefé, Codajás, Manaus e de outras partes do Estado e de outros lugares do Brasil.

#### **1.1.3.4 Aspectos históricos da comunidade São Francisco do Saubinha**

São Francisco do Saubinha é uma das comunidades do município de Coari e não tem nenhum documento sobre sua própria origem. Por isso, nos baseamos nos relatos do morador antigo da localidade, que afirmava ser um dos fundadores dessa comunidade e nos passou

informações importantes sobre a constituição do Saubinha, que é o nome mais conhecido pelos moradores locais. O lugar já dispõe de estabelecimentos comerciais e de uma escola que oferece o ensino fundamental completo. O ensino médio é completado na cidade de Coari, que fica em torno de 13 quilômetros do Saubinha pela estrada Coari-Itapéua, a qual fica praticamente intrafegável durante os dias chuvosos devido ao excesso de barro, que vem se sobrepondo ao asfalto. A comunidade vive de atividades ligadas à terra e escoar sua produção para a cidade de Coari.

O informante começa a narrativa desde o lugar chamado Ipixuna no rio Copeá, de onde vieram várias pessoas, incluindo os cunhados dele, para a atual localidade. Um dos primeiros desbravadores do lugar já havia morrido segundo o relato do informante. Vieram com ele também seus irmãos, que andavam por um pequeno caminho ou trilha para chegar, após seis horas de caminhada, até a cidade de Coari. O informante, na época, já era assalariado e resolveu ajudar seus irmãos Francisco Nunes, Sebastião Nunes e Raimundo Nunes. Enquanto os irmãos trabalhavam a terra, o informante ajudava-os com mantimento. Depois de haver seis famílias no lugar, resolveram formar a comunidade com o nome de São Francisco do Saubinha sendo o primeiro líder comunitário Florenço Vilhena Praia.

A origem do nome Saubinha foi em referência ao Igarapé do Saúba, que corre por detrás da comunidade, onde havia bastante saúva cortando abacaxi. Os primeiros moradores acabaram com as saúvas em 1980. O informante foi também o primeiro professor do Saubinha e trabalhou como líder durante treze anos. Nessa época, os primeiros desbravadores mediram 200 metros de terra entre eles para trabalhar e, segundo o informante, não tinham a pretensão de tomarem a terra do verdadeiro dono, a quem diziam:

...rapaz, nós só quê trabalhá, que ninguém tem onde trabalhá e tal, né! E fui enfrentando. Fomo até que ente conseguiu, e aí o cara passou essa estrada aqui. Aí aqui eu fui ameaçado de bala, veio gente aqui com capangas pra tirá a gente daqui. É veio gente com 12 capanga munidos de armas de fogo pra tirar daqui. Mandeí que me atirasse, mandei que me matassem. A única coisa que vocês podem fazeré me matá, né! Porque outra coisa mesmo, prendê! vocês podem me prendê, mas depois me solta eu venho prá cá de novo. (Informante de 59 anos coma 8ª. série)

Segundo o informante, vivem na comunidade cerca de 80 famílias, que trabalham em atividades agrícolas. Como maneira de demonstrar hospitalidade, o informante encerrou a entrevista dizendo: “A gente tem um feitiço com a mão do macaquinho, quando o visitante vai dá as costas e a gente faz assim com a mão (chama fechando a mão), aí ele volta e não sai mais”. Abaixo na Figura 7 está a foto da comunidade Saubinha.



Figura 7 Vista da comunidade Saubinha  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

### 1.1.3.5 Aspectos históricos da comunidade N. Sra. do Perpétuo Socorro (Itapéua)

O nome completo da comunidade é Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mas conhecida como Itapéua. A etimologia da palavra é do tupi sendo transcrita como [*i'ta*], que significa pedra, e [*pewa*] ou [*bewa*], que significa chato, plano, liso, largo, achatado (HOUAISS, 2009). Logo, Itapéua significa literalmente *pedra chata*. A comunidade fica em torno de 20 km de distância de Coari pela estrada Coari-Itapéua e está localizada à margem direita do rio Solimões. Durante nossa viagem feita de Manaus a Coari em julho de 2011, a rua da frente do Itapéua, onde passa o rio Solimões, estava literalmente sendo “engolida” pelo fenômeno chamado voçoroca. A comunidade dispõe de serviços comerciais, de escola, e seus moradores, em média umas 100 famílias, vivem de atividades agropastoris, da pesca etc.

Para retratar a história da comunidade, conseguimos encontrar a leitura de um documento gravada em um gravador de voz sobre a

origem do Itapéua, porque os moradores locais demonstravam não saber a história de origem do lugar. Por isso, devido às dificuldades em encontrar fontes, nos ativemos somente ao achado.

A narrativa no documento faz referência ao ano de 1938 com o pai do narrador chegando ao lugar, onde é o Itapéua. O nome da comunidade foi dado pelos antigos moradores na época da cabanagem. O lote de terra antigo era chamado Santarém e era de propriedade de um coronel chamado Francisco do Arial Souza, que transferiu o referido lote para José Manoel de Souza. Durante a posse de José Manoel de Souza, surgiu o nome Itapéua. O novo dono trabalhou na agricultura plantando cana-de-açúcar, cultivando outras atividades rurais e desenvolvendo um pequeno comércio, que amenizava as necessidades dos moradores, que viviam às margens do rio Solimões. Dessa forma, o desenvolvimento começou nessa área, e a família do narrador aumentou para oito pessoas, das quais cinco eram homens e três eram mulheres. O pai do narrador morreu e deixou todos os filhos ainda pequenos. Na época da morte do pai, o narrador tinha 12 anos e era o filho mais velho. Por isso, a mãe dele o colocou na cidade para estudar até a 5ª. série do antigo primeiro grau. No final da narrativa, o narrador se revela como alguém de 34 anos e com o nome de Inércio Braga de Souza.



Figura 8 Vista da vila Itapéua  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

### 1.1.3.6 Aspectos históricos da Costa do Juçara

A Costa do Juçara (Figura 9) é muito extensa territorialmente e está localizada na frente de Coari, do outro lado do rio Solimões. Não se trata apenas de uma comunidade, mas de várias espalhadas por toda extremidade da Costa. Esse lugar não tem nenhum registro sobre o começo de sua povoação, por isso o histórico se limita à constituição de cada comunidade formada recentemente com o consentimento de famílias com grau de parentesco bastante próximo como de famílias envolvendo cunhados, irmãos etc. Mas ao que tudo indica, os primeiros habitantes podem ter se fixado no começo do século passado. Ao entrevistar um senhor de 75 anos da comunidade Nossa Senhora da Conceição, ele fez referência ao ano de 1960 como data em que fixou moradia na Costa. Existem mais de 100 famílias cujos ascendentes vieram de várias regiões interioranas do Médio Solimões. O senhor de 75 anos citou, ainda, o nome de algumas comunidades que formam a Costa do Juçara como Nossa Senhora de Fátima, São Francisco, Comunidade do Saúba, Inanindé, Nossa Senhora da Conceição, Aparecida, Menino Deus, Padre Lima, Santa Maria, Espírito Santo etc. As famílias, que vivem na Costa do Juçara, cultivam produtos hortifrutigranjeiros como alface, pimentão, mari, pepino, melancia, milho, feijão, e produzem farinha, e pescam, e criam gado, e fazem vinho de açaí etc. O excedente da produção é escoado para a cidade de Coari.



Figura 9 Vista da Costa do Juçara  
Fonte: Pesquisa de campo, 2010.

### **1.1.3.7 Aspectos históricos da comunidade São João do Ariri**

A comunidade São João do Ariri possui uma dimensão territorial de 3.000 m de frente por um comprimento ainda não calculado, mas bastante extenso segundo a versão dos moradores locais. Vivem na comunidade dezoito famílias, que professam o adventismo e trabalham em atividades agropastoris. Raramente caçam e pescam de caniço nas proximidades da comunidade, porque o uso de malhadeira e de outras redes de pesca é proibido. Não conseguimos desvendar o significado do topônimo “Ariri”, que, segundo os moradores locais, trata-se de um vocábulo de origem indígena. Como Ariri é um vocábulo curto, resolveram chamar a localidade de São João do Ariri, em homenagem ao apóstolo bíblico João.

Essa localidade fica situada dentro do rio Coari Grande e, para ter acesso a ela, o mais viável é viajar durante a época das cheias dos rios e lagos do Médio Solimões. A viagem da cidade de Coari até lá dura em média 5 horas em um rabeta de 5 HP.

A comunidade não tem nenhum registro escrito sobre sua origem. Por isso, nos baseamos nos relatos de um informante que é o morador mais antigo e um dos desbravadores desse lugar. A narrativa do informante sem escolaridade, embora soubesse ler, começa se reportando ao ano de 1953, data da vinda a remo do informante e de sua família da cidade de Tefé para Coari, pois nem reboque havia naquela época. Durante a noite, os viajantes paravam para dormir, porqueo Solimões tinha muitos troncos de madeira, que poderiam bater na canoa e afundá-la. Eles só prosseguiram viagem durante o dia. O informante ainda era garoto naquela época e partiu com sua família da cidade de Tefé em uma segunda-feira.

Chegaram à cidade de Coari em uma quarta-feira, às 10:00 horas da manhã. Os pais do informante queriam trabalhar para sustentar a família deles, por isso resolveram aceitar a proposta de um trabalho sem saber para onde iam. A única certeza era que iam para uma comunidade. Viajaram atrás de um motor que levava muitas canoas. Enquanto não chegavam ao destino final, estava tudo tranquilo para eles. Depois de sete dias de viagem, chegaram à colocação, que eles pensavam que nunca iriam chegar. Ao chegarem à colocação, foram surpreendidos por uma quantidade enorme de insetos. Eram tantos que os moradores daquele local se vestiam dos pés à cabeça. Todos ficavam cobertos com mosquiteiros, só a parte dos olhos ficava exposta.

Como não tinham roupas adequadas para enfrentar os insetos, a família ficou à mercê daquelas pragas. Recém-chegados de Coari,

sofreram bastante nas primeiras semanas, até que conseguiram se adaptar àquela região inóspita para se viver. A família se vestia com calças compridas e blusas de manga, e somente o rosto ficava de fora. Quando davam seis horas da tarde, “[...] era tanto inseto que o rosto ficava pesado de tanto que eles sugavam. Certo dia, eu chorei e por dentro disse: meu Deus, onde nós estamos? Onde nós vimos pará?” (Relatos do informante de mais de 65 anos).

O informante disse que ficaram desorientados e que não sabiam onde ficava mais Coari. Eles permaneceram naquele lugar por três anos, trabalhando na colheita da castanha, na retirada do leite da borracha e na colheita da sorva. Não passaram miséria no local, porque ao chegarem lá, fizeram um roçado. Os moradores antigos não podiam plantar, porque o patrão não deixava. Como eram parentes do dono do local, conseguiram terra para plantar e, assim, iam vivendo como podiam. Quando chegou o grande dia de partirem do local, trouxeram bastante crédito e alguns trocados. “[...] -Aí que fomos comprar nosso terreno que é hoje onde tô morando, o São João do Ariri. Eu sou um dos fundadores deste local.” (Relatos do informante de mais de 65 anos).



Figura 10 Vista da comunidade Ariri  
Fonte: Pesquisa de campo, 2009.

## **1.2. Formação de uma comunidade de fala lusófona na Amazônia ameríndia**

O colonizador europeu promoveu na Região Amazônica durante os séculos XVI e XVII a transformação da Amazônia ameríndia em Amazônia lusófona. Para isso, não poupou esforços bélicos para dizimar e escravizar a população nativa. Como resultado, tivemos a língua

portuguesa que foi sendo incorporada pela população resultante da miscigenação entre índios e europeus.

Os grupos linguísticos nativos da Amazônia brasileira, durante o século XVI, totalizavam aproximadamente 718, que eram pertencentes aos grupos tupi, karib, aruak, pano, tukano, Jê e pertencentes a línguas isoladas ou não classificadas. Para Freire (2003), antes da colonização europeia na Amazônia brasileira, eram faladas, durante o século XVI, cerca de 700 línguas indígenas.

Djalma Batista (2007) considerava as línguas nativas do período colonial como dialetos, que ficaram, mais tarde, reduzidos ao tupi moderno, *nheengatu* ou Língua Geral, que foi falado predominante na Região Amazônica até meados do século XVIII, quando os missionários foram obrigados a ensinar português.

Como a tentativa de reproduzir a língua portuguesa pelos nativos, durante o século XVII, fugia ao padrão desejado pelos missionários, o padre Vieira a tachou de ‘meia língua’, produto de uma política colonial, que contribuiu para o extermínio de línguas minoritárias, propiciando a expansão da LGA (Língua Geral Amazônica) e preparando terreno, para que a língua portuguesa pudesse se tornar hegemônica na região (FREIRE, p. 71, 2003). Com o colonialismo luso vieram soldados e missionários encarregados de expandir a língua portuguesa em face da existência de centenas de línguas indígenas, das quais havia a Língua Geral Amazônica formada a partir do tupinambá.

Apesar de a elite colonial ter idealizado a substituição das línguas nativas pela língua portuguesa, estava mais interessada nas drogas do sertão, baseada no sistema escravocrata de exploração de mão-de-obra indígena. Antes de a língua portuguesa ganhar o *status* que tem hoje, nos séculos coloniais estava confinada a ser língua minoritária, sendo falada apenas pelos missionários e pelos colonos.

Nos primeiros 70 anos da conquista (1616-1686), a Língua Geral Amazônica se expandiu pelos núcleos populacionais da Amazônia e pelas aldeias de repartição, para onde começaram a descer índios de filiação tupi e não tupi, tornando-se uma língua de comunicação interétnica (FREIRE, p. 100, 2003).

Durante a União Ibérica (1580-1640), os portugueses puderam intensificar o processo de colonização da Amazônia para além do Tratado de Tordesilhas (1494). Portanto, o contato entre as línguas indígenas e a dos colonizadores europeus (espanhóis e portugueses) nessa região foi inevitável. Esse fato histórico contribuiu para que a Amazônia espanhola se tornasse futuramente lusófona.



Com a adesão do Grão-Pará à Independência do Brasil, a Língua Geral Amazônica cessou sua expansão com um número cada vez menor de falantes, abandonando o espaço urbano e as próprias margens do rio Amazonas, cedendo sua hegemonia, só em meados do século XIX, para a língua portuguesa (FREIRE, 2003). O diretório de índios, criado em 1755 por Pombal, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra do rei de Portugal D. José I, é o marco definitivo do aportuguesamento da Amazônia, pois estimulou o casamento entre brancos e índios na tentativa de repovoar a região; obrigou os índios a construírem suas moradias de acordo com o padrão europeu; obrigou o índio a batizar seus descendentes com sobrenomes portugueses como forma de diferenciá-los; promoveu uma reformulação nas administrações locais ao elevar as aldeias e antigas missões em vilas e povoados com nomes de lugares portugueses; tornou obrigatório o uso da língua portuguesa e proibia o uso de línguas vernaculares, principalmente, o nheengatu. Na prática, isso levaria séculos para que definitivamente a língua portuguesa substituísse a LGA. Atualmente a LGA está confinada ao alto rio Negro com poucos falantes espalhados pelas comunidades e pequenas cidades ao longo desse rio.

[...] a Língua Geral Amazônica, também conhecida, a partir do terceiro quartel do século XIX, pelo nome de Nheengatú (ie'éngatú 'língua boa'), além de continuar sendo falada até hoje, é conhecida por muitos documentos (gramáticas, dicionários, catecismos, lendas), tanto do século XVIII, como dos séculos XIX e XX. Esta língua se expandiu consideravelmente ao longo de todo o vale amazônico, chegando até a fronteira com o Peru no oeste e penetrando na Colômbia pelo vale do rio Uaupés no noroeste. Ao longo do rio Negro chegou também à Venezuela (onde é chamada Yeral). Tal como o Tupi Austral, a Língua Geral Amazônica passou a ser falada em regiões onde nunca habitaram índios Tupi-Guarani e deixou forte marca na toponímia e na língua portuguesa da Amazônia (RODRIGUES, 2002).

A LGA constituiu-se durante o período colonial como norma de uso no intercâmbio entre as diferentes línguas indígenas e a língua do colonizador europeu. Freire (2003, p. 206) afirma que devido ao

contexto histórico, linguístico e social, a nova comunidade de fala não foi embasada na língua do colonizador, mas:

Foi uma língua indígena que acabou constituindo-se como norma de uso nas relações coloniais. O tupinambá, falado na costa do Salgado até a boca do Rio Tocantins, foi adotado pelos portugueses como segunda língua e imposto, também como segunda língua, a povos indígenas de outras famílias linguísticas, criando, nos dois casos, uma situação de bilinguismo, cuja extensão precisa ser melhor avaliada. Após algumas gerações, foi se transformando em língua materna da população mestiça e cabocla, dos índios das aldeias de repartição controladas pelos missionários, e até mesmo de muitos filhos de portugueses e de escravos de origem africana, ficando conhecida pelo nome de língua geral.

Como não havia mulheres de origem portuguesa ou mesmo de origem africana na Amazônia brasileira, foi inevitável a miscigenação promovida pelo colonizador europeu. A consequência foi o surgimento do caboclo, que era criado por mães indígenas com quem aprendiam a Língua Geral.

No ofício de catequização de índios, os padres missionários usavam uma língua intermediária para que mais tarde ocorresse a aprendizagem da leitura e da escrita em língua portuguesa. Por exemplo, para que houvesse na Amazônia o processo de alfabetização em português, os jesuítas usaram, segundo Barbosa (2008, p. 50), uma cartilha elaborada na *Língua Geral*, que é originada da Língua Tupinambá dos indígenas “[...] essa LGA [Língua Geral Amazônica] já era conhecida e utilizada por alguns colonizadores”. Tanto índios quanto filhos dos portugueses eram destinados a receber educação em Língua Geral, que foi oficializada no estado do Maranhão e Grão-Pará pela Carta Régia de 30 de novembro de 1689.

Freire (2010, p. 183-207), baseado em documentos diversos, apresenta um quadro do aportuguesamento da Amazônia. Durante o período colonial sob a intervenção portuguesa, os índios, que habitavam essa região, deixavam de falar a sua língua vernácula para falar a Língua Geral Amazônica, conhecida também como *nheengatu*. O *nheengatu* era adquirido como língua de intercâmbio entre as diversas etnias que

viviam nas mesmas aldeias de repartição, de onde eram repartidos para trabalhar para o serviço real e para os colonos portugueses.

O indígena era convencido a deixar pacificamente sua aldeia de origem para viver próximo das missões ou de povoados do homem branco. Essa categoria de índio era tachada de *índiorepartido* ou *livre*. O índio que era resgatado pelas tropas de resgate por ocasião das guerras intertribais era considerado *índio escravo*.

Nas aldeias de repartição, os índios desenvolviam o bilinguismo entre a Língua Vernacular e a Língua Geral Amazônica. Quando iam trabalhar nas pequenas povoações para os colonos ou para os serviços da coroa portuguesa, só conheciam a Língua Geral, que também era falado pelos portugueses como única forma de se comunicarem com a população indígena. O bilinguismo entre LGA e LP era desenvolvido em mão dupla. Mais tarde, com o crescimento das sedes do governo colonial, os índios iam se tornando monolíngues em português.

Belém e Manaus eram cidades nas quais o bilinguismo em LGA e LP se fazia presente com a tendência ao monolinguismo. A língua portuguesa foi se expandindo das cidades para o interior afastando cada vez mais a Língua Geral. Houve um processo de abandono das línguas vernáculas, apropriação da Língua Geral Amazônica em convivência com as línguas vernáculas, apropriação da língua portuguesa, bilinguismo entre LP e LGA, resultando na prevalência do monolinguismo em português. Freire (2010) propõe um quadro do aportuguesamento da região amazônica:

Quadro 1 Processo de substituição de línguas nativas pela língua portuguesa

Situação linguística	Referência identitária
a) Monolinguismo em LV	Índio tribal, “selvagem”, “brabo”.
b) Bilinguismo entre LV e LGA	Índio “manso”
c) Monolinguismo em LGA	Índio “tapuio”
d) Bilinguismo em LGA e LP	Índio “civilizado”
e) Monolinguismo em LP	“caboclo”: paraense ou amazonense

Fonte: Freire, 2010.

No estágio 1, segundo mostra o quadro acima (FREIRE, 2010), o índio considerado “tribal”, “selvagem” e “brabo” era monolíngue em LV nas aldeias, onde vivia. No estágio 2, o índio passava a viver nas aldeias de repartições controladas por missionários, lá era chamado de “manso” e desenvolvia o bilinguismo em LV e em LGA. No estágio 3, o índio já estava morando nas pequenas vilas e povoações amazônicas, onde desenvolvia o monolinguismo em LG e recebia outra identidade: “tapuio”. No estágio 4 era chamado de índio “civilizado” e vivia, por alguma razão, nos centros mais urbanizados se utilizando do bilinguismo em LGA e em LP. Por último, o estágio 5 ocorrendo nas cidades, onde os índios iam aos poucos abandonando a LGA e adotando a LP, uma língua mais prestigiada socialmente. Assim surgia o caboclo paraense e o amazonense. Numa perspectiva linguística:

O ritmo e a natureza de cada fase desse processo, que transforma o índio *selvagem* em *paraense* e *amazonense*, depende do tipo de contato, do lugar em que ocorre e das práticas sociais, incluindo casamentos mistos, mestiçagem, escolaridade, atividades religiosas, fluxo de imigrantes europeus e nordestinos, sistema de comércio e de transporte, ou seja, o próprio processo de urbanização. Essas mudanças que acontecem com várias gerações, alternando monolinguismo e bilinguismo. (FREIRE, 2010)

O censo demográfico de 1872 eliminou as categorias *índio* e *mamelucos*. Com isso, a população de Belém estava representada em termos percentuais por 5,6% de *caboclos*, 35,2% *brancos*, 40,3% de *pardos* e 18,9% de *pretos*. Belém e Manaus, durante o período colonial, concentravam menos de um terço da população recenseada da região, que desenvolvia o bilinguismo em Língua Geral e em língua portuguesa. De 1820 a 1870, imigrantes de origem portuguesa, de outras regiões do Brasil e índios interioranos fixaram moradia em Belém, transformando-a em uma cidade de índios *mansos* e *tapuias*, que gradualmente tornavam-se *civilizados* *caboclos*. O processo de substituição da Língua Geral Amazônica pela língua portuguesa na cidade de Belém foi acelerado por ocasião da revolta popular chamada Cabanagem (1835-1840), no qual morreram muitos falantes de LGA. Os remanescentes cabanos fugiram de Belém em direção ao interior da Província do Grão-Pará. Outro fato histórico que contribuiu para a propagação da língua portuguesa foi a

abertura dos rios amazônicos à navegação internacional. O governo provincial, através de um fundo especial do Tesouro Público, passou a promover a introdução de colonos, criando facilidades para a imigração de portugueses, nordestinos e estrangeiros, o que se viabilizou em décadas seguintes pela navegação a vapor e pela crescente demanda internacional de borracha (CRUZ, 1958, p. 25). Em 1868, quase 12% da população de Belém tinha nacionalidade portuguesa (SOUZA, 1873, p. 70). Em 1872, a língua portuguesa estava definitivamente consolidada na cidade de Belém. Em 1852, Manaus possuía uma população estimada em 8.500 habitantes, dos quais 4.080 eram índios (48%), 900 eram brancos (10,5%), 2.500 eram mamelucos (29,40%), 640 eram mestiços (7,5%) e 380 eram escravos negros (4,5%), ou seja, o português ainda não estava consolidado como língua oficial nessa pequena povoação (PINHEIRO, 2001). No geral, Manaus, de 1820 a 1870, da mesma forma que Belém, era uma cidade bilíngue e funcionava como centro de transformação de falantes de Língua Geral em usuários de língua portuguesa. Como Manaus estava localizada no centro da floresta Amazônica e a mais de 800 quilômetros de Belém, era natural que tivesse a maior quantidade de índios *mansose tapuios*. Dessa forma, o processo de conversão do bilinguismo LGA e LP em LP era mais lento que Belém. Os resultados do censo de 1820, 1840, 1865 e 1872 discriminam a população de acordo com sua procedência étnica: branco, mameluco, índio, mestiço e negro. Freire (2010, p.197) baseado em diversas fontes apresenta um quadro geral da população de Manaus em números percentuais:

Tabela 2 Categorias étnicas da cidade de Manaus (1814 a 1872)

Categorias étnicas	1814	1840	1865	1872
Branco	6,5%	10,6%	40,6%*	21,5%
Mameluco	20,5%	29,4%	-----*	-----**
Índio	49,8%	48%	33,6%	-----**
Caboclo	-----	-----	-----	63,1%* *
Mestiço (pardo)	5,5%	7,5%	23,1%*	11,0%
Negro	17,7%	4,5%	2,7%	4,4%
Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Freire<sup>26</sup>, 2010.

As informações com um asterisco significam que em 1865 a categoria mameluco foi incluída em maior quantidade na de branco e em menor quantidade na de mestiço. Os dois asteriscos marcados na quinta coluna, que se refere ao censo demográfico de 1872, significam que as categorias mameluco e índio deixavam de existir e foram incluídos na de caboclo. Nessa época, Manaus era conhecida como Lugar da Barra ou Fortaleza da Barra e tinha uma população estimada em 3 mil habitantes, dos quais 6,5% eram brancos, 70% constituídos por índios e mamelucos, que falavam LGA (FREIRE, 2010, p. 198). Com a urbanização da cidade, a LGA cedia espaço para LP, que representava uma nova configuração sociolinguística da região.

Portanto, fatores de ordem econômica, cultural, social e política contribuíram para que a última flor do Lácio se tornasse hegemônica também na Amazônia brasileira. Mesmo assim, centenas de línguas indígenas remanescentes continuam convivendo em situações mais pacíficas do que o turbulento período colonial, inclusive, a LGA confinada atualmente ao Alto Rio Negro/AM.

### **1.2.1A migração nordestina na Amazônia**

Antes do período áureo da borracha, a população da Amazônia era formada por remanescentes indígenas e pelo caboclo resultante do cruzamento entre índios e soldados, colonos e missionários. Em 1870 a população amazônica era de 320 mil habitantes e em 1900 era de 700 mil amazônidas. “De 1870 a 1912, por quatro décadas, 300 mil nordestinos são levados à região por agenciadores de mão-de-obra para os seringais” (FILHO 2006, p. 133). Por isso, a grande leva de imigrantes nordestinos, provavelmente, deixou marcas linguísticas no português amazônico.

Em 1920 durante o apogeu da economia gomífera, no fim do século passado e na primeira metade do século XX, migraram para a Região Amazônica grande contingente de migrantes flagelados ou atraídos do Nordeste (BENCHIMOL, 2009, p.54), que se embrenharam

---

<sup>26</sup>Freire (2010) se baseou nas seguintes fontes: Spix e Martius (1981 [1823-31], III: 40-41), Baena (1839) para o ano de 1814; Amazonas (1852: 22-27, Anexo) e Nery (1979: 103-107) para 1840; Bastos (1975:131-132) e Mello (RP -1866) para 1865; Bittencourt (1925: 151-154), Le Cointe (1922 I: 221) e Diretoria Geral de Estatística (1872 III: 64-65) para 1872.

rio adentro nos seringais. A língua portuguesa predominava nos seringais ao ser falada por milhares de migrantes nordestinos. O índio, nessa fase, teve pouca participação no mercado gomífero, mesmo assim adotou a LP como língua intermediária sem passar pela Língua Geral, que desconhecia. (FREIRE, 2010, p. 206).

### **1.2.2 O negro na Amazônia**

A participação do negro e dos afro-brasileiros no ciclo da borracha, na Amazônia Ocidental, foi em pequena escala, dada a avalanche cearense-nordestina que se expandiu nos rios meridionais (BENCHIMOL, 2009, p.119).

A incidência do negro no Estado do Pará e do Maranhão foi menor em relação à sua presença em outros estados do sudeste ou do nordeste. Apesar disso, é notória a difusão pelo Estado do Amazonas e do Pará, assim com nos demais estados brasileiros, de termos de origem africana como “No Mocambo mora minha mãe”, “fulano foi pro beleléu” (morreu), “esse aqui é o meu caçula” (o filho mais novo), “hoje acordei meio zozzo” (tonto), “vai comprá um pé-de-moleque” (a forma moleque, que significa garoto, menino negro participou da formação da palavra “pé-de-moleque”, uma espécie de beiju feito da massa da mandioca envolto em folhas de bananeira) e assim sucessivamente com outras denominações de origem africana.

### **1.2.3 O legado indígena ao português amazônico**

Segundo Barbosa (1995, p. 18) a fala amazonense é caracterizada pelo uso de vocábulos de origem indígena como cauixi, pitiú, chibé, etc. Entretanto, essas ocorrências estão presentes também no falar paraense verificado no Igarapé e lago do Juruti-velho, localizados na microrregião de Óbidos, onde são constatados outros empréstimos indígenas como para bebidas: pajiroba, caissuma, tarubá, manicuera, tucupi; para frutas e tubérculos: mandioca, cará, jenipapo, pupunharana, muruci, açaí, maracujá, taquari, tatacuiua, abiorana, goiaba, mucajá, jacitara, tucumãí, cupuí, araçá, catauari, socoró, bulá, péua, capitari; para utensílios: jirau, moquém, peconha, cuiapéua; para animais: arara, piaçoca (ave), ariramba (ave), mauari (ave), cauã (ave), capivara, jacaré, tatu, jararaca, paca, saracura (ave), jaraqui (peixe), pacu (peixe), arari (peixe), aracu (peixe), catrapola (peixe); para insetos: meruim, carapanã, mutuca; para árvores: envira, jacitara, tipiti, paracutaqueira,

mungubeira; outros: curumim, cuiãtã (variação de cunhantã), peteca, canoa etc.

Como exemplos de toponímia de origem indígena, citamos os nomes das comunidades e cidades do Estado do Amazonas, onde habitavam índios como, por exemplo, Parintins, Pauini, Tapauá, Tupinambarana, Mamuru, Manaus, Manaquiri, Manacapuru, Marã, Maués, Murituba, Iauaretê, Ipixuna, Itapéua, Itacoatiara, Saubinha, Uarini, Urucará, Urucurituba, Uatumã, Amaturá, Anamã, Ariri, Anori, Canutama, Carauari, Coari, Codajás, Beruri, Jutai, Eirunepé, Envira etc.



## **2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Abordaremos nos tópicos seguintes os construtos teóricos da área da Sociolinguística e da Dialetoлогия pelos quais nos baseamos para a realização de nossa pesquisa.

### **2.1 Comunidade de fala**

Em um estudo de natureza linguística, é necessário escolhermos uma língua e adentrarmos em suas variedades dialetais. Porém, não basta sabermos qual variedade estudar, é preciso saber onde e quais as pessoas que irão representar o grupo. Os membros desse grupo, naturalmente, comunicam-se mais uns com outros do que com pessoas pertencentes a grupos diversos, detentores de outras atitudes e normas linguísticas. Sabemos que o caboclo amazônico fala a língua portuguesa.

Logo, em nossa pesquisa, estudaremos os aspectos fonéticos e as variantes lexicais da fala cabocla, que irão caracterizar a região do Baixo Amazonas, diferentemente, da região do Médio Solimões.

Os teóricos da Sociolinguística costumam chamar de comunidade de fala a um grupo de pessoas que compartilham normas de uso de uma mesma língua ou não compartilham, necessariamente, a mesma língua, conforme a definição adotada (LABOV, 1968, BLOOMFIELD, 1933; GUMPERZ, 1971; FISHMAN, 1972; ROMAINE, 1994).

Na tentativa de justificarmos nossa escolha pelos dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas /PA e dos sete pertencentes à região do Médio Solimões, indagamos o seguinte: o que diferencia uma comunidade de fala de outra? Qual o critério para termos escolhido os nove pontos de inquérito de duas regiões amazônicas?

Segundo Labov (1968), a comunidade de fala não é um acordo firmando entre seus membros na apropriação dos elementos de uma língua, porém se define pela participação deles em um conjunto de normas estabelecidas, que podem ser observadas em tipos claros de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, as invariantes com relação aos níveis particulares de uso.

Fishman (1972) define como grupo de pessoas que possui pelo menos em comum uma variedade linguística e as normas que regem o seu emprego.

Gumperz (1971) caracteriza a comunidade de fala como um agrupamento humano, onde seus membros mantêm frequente e regular interação efetivada através de um sistema de signos verbais e separada

de agrupamentos semelhantes por diferenças significativas no uso, que fazem de sua linguagem.

Romaine (1994) define comunidade de fala como um grupo de pessoas que não compartilham, necessariamente, a mesma língua, mas compartilham um conjunto de normas e regras entre seus membros.

Bloomfield (1933) a conceitua como um grupo de pessoas interagindo por meio da fala.

Se concebermos a língua como usufruto social, cada pessoa pertence a um ou mais grupos que se apropriam diferentemente do legado linguístico e emitem juízos de valor acerca do que é aceitável e não é aceitável, entre o que é mais prestigioso e o que não é, pois cada pessoa faz uso diferenciado dos vocábulos de seu vernáculo. A concepção que temos sobre o que nomeamos não é a mesma para diferentes falantes de uma língua. Por exemplo, a definição do que seja *criança* pode não ser a mesma para um grupo de pais. Pois cada pai poderia pensar nas características de seu próprio filho como resposta. A denominação de um objeto não condiz com a realidade de sua constituição mesmo que seja conhecido por apenas um vocábulo, porque existem muitos formatos dele, que favorecem a extensão semântica de seu significado. A compreensão realmente muda, por exemplo, sobre a definição de um *prato*, que pode ser de materiais como alumínio, plástico, porcelana, barro, etc., de cores e de tamanhos também diferentes. Portanto, o comportamento linguístico dos membros de uma comunidade tende a ser dinâmico em face da polissemia que um vocábulo apresenta.

Essa complexidade aumenta quando tentamos identificar um grupo de pessoas pertencentes a uma comunidade, que usa a mesma língua diferentemente de outra comunidade no mesmo espaço territorial ou social.

Sobre a comunidade linguística, Calvet (2002) a considera como sendo comunidade social, porque um indivíduo pode participar de várias comunidades e afirma que é necessário investigar conjuntamente a língua e o meio social, onde a pessoa está inserida. Calvet (2002) cita um exemplo, que ocorreu com um cidadão senegalês vivendo em Dakar, originário da região fluvial, na fronteira mauritânia. O cidadão era trilingue, pois falava peul, sua língua veicular<sup>27</sup> usada em família, o wolof, usada na rua, e o francês, a língua oficial de seu país, usada no

---

<sup>27</sup>Calvet considera a língua amplamente utilizada pelo falante na educação e no contato com instituições oficiais. É o caso do português nas ex-colônias portuguesas da África.

escritório. Esse cidadão participaria, pois, de três comunidades, a saber: da comunidade linguística peul em casa, da comunidade wolof na rua e da comunidade francófona no escritório. Não é importante questionar se o cidadão senegalês pertencia à comunidade francófona, peul ou wolof, porque esse cidadão pertencia à realidade social senegalesa, que se caracteriza por sua situação linguística.

Diante dessa complexidade, não é tarefa fácil demarcar o espaço territorial e social de uma comunidade de fala. Ao mesmo tempo em que existe uma homogeneidade linguística, se tomarmos como parâmetro a língua portuguesa, existe também uma heterogeneidade linguística, por exemplo, desde a foz do rio Amazonas até o limite com o Peru. Se tomarmos como critério a língua na definição de comunidade de fala, as pessoas que moram às margens do grande rio Amazonas pertencem à comunidade de fala de língua portuguesa, assim como toda população restante do Brasil. Se fossem inseridos no espaço sociocultural amazônico, pertenceriam à comunidade de fala do português amazônico. Adentrando ainda mais, chegaríamos a comunidades de fala cada vez menores levando em consideração o critério geográfico (GUY, 2000) como a comunidade de fala dos povos cultivadores de mandioca do Igarapé do Juruti-velho (BA), dos agricultores da vila do Juruti-velho (BA), dos adventistas da comunidade São João do Ariri (MS), dos agricultores e pescadores da vila Itapéua (MS), da Costa do Juçara (MS), do Saubinha (MS), dos vendedores de produtos hortifrutigranjeiros da cidade de Coari (MS), dos pescadores da cidade de Anamá (MS) e dos cultivadores de açaí na cidade de Codajás (MS).

Para Guy (2000) o que define a comunidade de fala são as características linguísticas compartilhadas por todos os membros que a compõem. Por exemplo, nesta pesquisa, verificamos que os informantes do Médio Solimões nomeiam um peixe por *pau-de-negro*, enquanto tal denominação se refere ao peixe *aracu* no Baixo Amazonas. Existe, assim, uma fronteira linguística, onde de um lado se usa uma terminologia; por outro, usa-se terminologia diversa. Portanto, os membros de uma comunidade de fala possuem traços linguísticos comuns, que os diferenciam de outras comunidades de fala. Além disso, a probabilidade de haver comunicação é maior entre grupos mais restritos. Por exemplo, se um caboclo mora nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (Baixo Amazonas/PA), certamente irá se comunicar de forma mais intensa com os demais moradores dessa comunidade, do que com os moradores de Parintins (AM), de Codajás (AM), de Coari (AM), etc. Por conta disso, os membros de uma comunidade de fala possuem um comportamento linguístico peculiar e adotam atitudes positivas ou

negativas na maneira como falam ou na maneira de falar de um membro externo à comunidade. Visualizamos um exemplo com moradores do Igarapé, que viajavam para Manaus, permanecendo algum tempo lá. Quando retornavam ao Igarapé, mudavam totalmente a maneira de falar, pois vocábulos, que continham [nh], eram pronunciados sem esse som, restando, no dizer dos moradores locais, “uma fala fina e afrescalhada”.

Na definição adotada por Guy (2000), a comunidade de fala possui membros que: compartilham aspectos linguísticos, que diferenciam seu grupo de outros; mantêm uma comunicação mais intensa entre si do que com outros; e compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Mesmo com a dificuldade em delimitar a comunidade de fala, pois a variação linguística transcende o limite geográfico e pode se encaixar, diferentemente, na sociedade tomando configurações diversas, escolhemos os nove pontos de inquérito com intuito de verificar as diferenças dialetais no estudo das realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e do léxico entre a região do Baixo Amazonas e a do Médio Solimões. Atualmente nenhuma das comunidades escolhidas para esta pesquisa sofre mais com o isolamento geográfico, de modo que podem apresentar aspectos linguísticos conservadores desde suas constituições ou inovadores no contexto socioeconômico atual. Abordaremos, ainda nesta pesquisa, o comportamento linguístico dos falantes das áreas em estudo no que diz respeito à percepção sobre a maneira como falam, se esta é diferente em comparação à fala de pessoas provenientes de outras localidades da Região Amazônica ou do Brasil.

Portanto, em nossa pesquisa, procuraremos saber, dentre os diversos condicionadores, quais deles influenciaram as realizações pretônicas do /e/ e do /o/, e que fatores, diatópicos ou sociais, influenciaram na escolha dos itens lexicais característicos das duas regiões. Iremos determinar os aspectos linguísticos envolvendo as escolhas das variantes pretônicas e envolvendo o padrão lexical, que irão caracterizar as duas regiões amazônicas.

## **2.2 A variação dialetal**

As causas das mudanças linguísticas são tão variadas e intrincadas quanto a vida pessoal de cada falante: contato linguístico, bilinguismo, substratos, língua escrita, e o próprio sistema fonológico que sempre busca a simetria (FISCHER, 1958, p.221).

Nos livros de linguística histórica e de história geral conseguimos visualizar línguas indígenas, europeias, africanas que apresentam semelhanças entre si, porque descendem de um mesmo tronco linguístico. Em algum momento da história, as línguas sofreram variação em suas estruturas, de forma que foram se distanciando de suas origens. Uma das causas da variação apontada por Pinker (2004, p. 307) é o fato de os homens migrarem para outras localidades distantes em busca de novas terras e alimentos, e lá vão mudando o que falam. Com novos referentes surgindo, houve a necessidade de nomeá-los. Como as pessoas migram de um lugar para outro, é natural que a variação dialetal transcenda os limites político-administrativos de um país, estado, município ou região.

A mudança linguística ocorre diacronicamente em um hábito maior a partir de uma protolíngua, transformando-se em outras línguas como as pertencentes aos troncos indo-europeu, urálico, afro-asiático. Em cada língua ocorre a variação dialetal. Desta vez, o termo dialeto empregado aqui pressupõe simultaneamente variação e a existência de outra variedade. Assim, as línguas indígenas da mesma família linguística são dialetos entre si, como as neolatinas são dialetos do latim, que por sua vez é dialeto do indo-europeu. A nova língua derivada recentemente constituída começa sua própria história com nova variação estrutural, caracterizando, assim, suas variedades dialetais.

À medida que o tempo passa, as pessoas modificam o que falam, incorporam e usam novas lexias, de modo que passam a falar diferentemente entre os grupos sociais. As alterações múltiplas de ordem fonética, lexical ou gramatical são naturais; portanto, permitidas em um sistema linguístico sempre dinâmico, que é constituído de regras variáveis e invariáveis. “Cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara” (BRANDÃO, 1991). Temos variação linguística quando duas ou mais alternantes têm o mesmo significado e quando a diferença entre elas têm uma função estilística ou social (CALVET, 1993).

As influências na língua de natureza extralinguística não foram consideradas nos estudos saussurianos, que separaram a língua (abstração) da *parole* (realização concreta da língua), nem nos estudos linguísticos de Bloomfield e Hjelmslev, nem no modelo de falante ideal de Chomsky, que também elevou a segundo plano o caráter social da linguagem. Esses pesquisadores não levaram em conta a heterogeneidade da língua (regras em competição) por considerá-la caótica e assistemática.

Nessas vertentes não eram analisados aspectos da língua em uso, pois, devido às diferentes formas de pensar, a lapsos de memória e a ruídos na intercomunicação, o falante reproduz verbalmente de maneira diferente de outro o que pensa. Caso fôssemos analisar, por exemplo, a produção verbal de um grupo de falantes, haveria várias construções frasais mal formuladas ou agramaticais, que tornariam impossível a análise linguística.

Entretanto, estudos recentes de cunho sociolinguístico (LABOV, 1972) mostraram que existe regularidade na variação e na mudança linguística, ou seja, os processos que implicam variação e mudança são plenamente compreensíveis e sistemáticos, sendo possível analisar os mesmos fenômenos que ocorreram no passado histórico da língua na atualidade. A Sociolinguística, que surgiu na década de 1960, utilizando-se de seu modelo teórico-metodológico chamado Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), confrontou os dados dos falantes entre si em diferentes escalas sociais e culturais, caracterizando o eixo de análise vertical ao selecionar os informantes, a rede de pontos, o grau de escolaridade e o sexo. Diante disso, é inerente às línguas variarem e mudarem na escala temporal, espacial e em diferentes segmentos da sociedade.

Com novas dimensões existentes para o tratamento linguístico, a Sociolinguística contribuiu metodologicamente para a expansão dos estudos dialetológicos para além da dimensão diatópica, pois era necessário que a Dialectologia estudasse também os dialetos sociais, tornando-se, assim, uma verdadeira ciência da variação (RADTKE & THUN). Tal preocupação não passa despercebida no caso de estudos dialetológicos no Brasil como testifica a citação abaixo:

Convergir está, por exemplo, em reconhecer à Dialectologia a legitimidade em trabalhar tanto no plano sincrônico quanto diacrônico, mas também a necessidade de integrar o plano vertical nos estudos gerais. Convergir não está, porém, em anular divergências teóricas, que são saudáveis e só fazem por tornar mais elaborado o próprio conceito de variação que está longe de ser pacífica. (MERCER, 1986, p. 123)

Chambers e Trudgill (1980), ao definirem o conceito de Dialectologia como estudo dos dialetos também previram teoricamente além da dimensão diatópica, a dimensão social. Mas na prática, a Dialectologia começou estudo da variação linguística primeiramente no

espaço físico, geográfico (COSERIU, 1982) e depois estendeu seu âmbito de atuação para o espaço social (MORALES, 1993). “Se a Dialetoлогия tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais quanto das sociais, tanto no eixo horizontal como do vertical” (BLANCH, 1978, p.42).

## 2.3 O método e o objeto da Dialetoлогия

Durante o século XVIII, Pop apresenta trabalhos que se referem direta ou indiretamente à área dialetológica (CARDOSO, 2010, p. 33):

1. Na Suécia, o arcebispo Erick Benzelius (1726) leva os padres sob sua jurisdição, a anotar os provincianismos, inaugurando, nesse país, um questionário por correspondência;
2. Em 1749, o pastor Erik Pontopidan publica a primeira obra de cunho lexicológico, registrando palavras dialetais norueguesas que os dinamarqueses não compreendiam;
3. O *Glossarium Suiotheticum*, de J. Ihre considerado por Pop (1950, p. XVIII) como “a obra mais relevante desse período” aparece em 1769;
4. O *abade* Grégoire empreende, na França (1790), uma “enquete” com a finalidade de conhecer os “patois”.

Antes da consolidação dos estudos dialetológicos no final do século XIX (época em que Wenker fez uma pesquisa sobre a realidade linguística alemã, e Gilliéron e Edmont elaboraram *Atlas Linguístico da França*), houve fatos e alguns trabalhos preliminares que caracterizaram os estudos dialetológicos (CARDOSO, 2010, p.35):

1. A criação da Academie Celtique, em 1804, que “assinala uma data importante para a dialetologia, apesar das teorias exageradas dessa sociedade referentes à influência do celta sobre as outras línguas” (Pop, 1952, p. XXX);
2. A posição de J. Grimm, fundador da filologia germânica, em defesa dos “patois” (1812) e autor da primeira descrição de um grupo de dialetos alemães;

3. A recolha de matérias por meio de inquéritos sistemáticos na Baviera, feita por J. A. Schmeller (1921), obra na qual estabelece comparação entre a linguagem dos falantes do campo, dos falantes urbanos e dos falantes cultos;
4. A possibilidade de realização de cartas fonéticas prevista por Désiré Monnier, em 1823;
5. A publicação do primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-européias de Franz Bopp (1883);
6. A publicação, em 1841, por Bernardino Biondelli, do *Atlas Linguistique de l'Europe*, concebido sob a influência do *Atlas Ethnographique du Globe* de Adrien Balbi (1826).

Com o advento da Geolinguística ou Geografia linguística, foi possível a elaboração de cartas usadas na confecção de Atlas dialetais. O método geolinguístico, que tem contribuído muito para a pesquisa dialetológica na Europa e na América, foi usado pela primeira vez em estudos de cunho dialetológico nos resultados das pesquisas feitas pelo suíço-francês Jules Gilliéron na elaboração do Atlas linguístico da França (ALF), que teve os primeiros fascículos publicados em 1902 (BRANDÃO, 1991). Desde lá, as cartas linguísticas mostraram-se bastante eficientes no tratamento e análise de dados com rapidez, praticidade, economia, além da visualização de macrotendências no espaço mono, bi e pluridimensional. Portanto, a visão de novos fatos se acrescenta à perspectiva diatópica, a saber (CARDOSO, 2010, p. 83):

1. O conhecimento de aspectos etnolinguísticos;
2. A possibilidade de consideração, ainda que de forma assistemática porque esporádica e não ordenadamente buscada, de variáveis sociolinguísticas, tais como as decorrentes da diversidade etária ou sociocultural;
3. A identificação, mesmo em cartas semântico-lexicais, de características morfossintáticas;
4. A que se juntam fatos de natureza semântica e estilística.

Aplicar o estudo dos dialetos em várias zonas dimensionais é mais fácil do que definir seu objeto de estudo. O termo dialeto recebeu diversas definições, sendo a mais antiga referência registrada em um texto literário de língua francesa em 1565, da autoria de Ronsard, no



qual estava empregado no sentido de “falar de uma região” (CALVET, 1993). Já a concepção que adquirimos advém de julgamento linguístico feito pelas pessoas comuns de que os dialetos são formas destoantes da forma padrão ou da forma mais prestigiada pela sociedade. Assim, surgem, por exemplo, em se tratando do Português do Brasil, o dialeto nortista, o dialeto caboclo, o dialeto dos pescadores do médio Solimões, dos coletores de açaí na cidade de Codajás no Estado do Amazonas, dos produtores de farinha de mandioca no Igarapé do Juruti-velho no Estado do Pará etc. Portanto, “podemos denominar de dialetos tanto a variedade falada numa região quanto as usadas por cada um dos segmentos que constituem a população que ali vive, desde que se determinem os traços que as particularizam, isto é, as normas que as caracterizam” (BRANDÃO, 1991, p. 13-14).

Em algum momento na história, as línguas oficializadas atualmente foram dialetos de outras línguas até adquirirem a própria autonomia linguística em um espaço territorial. Um exemplo hipotético seria o contato entre as línguas indígenas da região Amazônica com o português europeu para a formação de vários dialetos com traços linguísticos comuns, que convergiriam em novas modalidades linguísticas. No entanto, o que temos como resultado do contato linguístico entre o português europeu e as línguas nativas no Brasil, é a existência de muitas línguas indígenas autônomas (adstratos da língua portuguesa) e a morte de várias delas por falta de falantes. Além dessas consequências, outras línguas indígenas podem estar em fase final de existência, porque seus falantes priorizam falar português, uma língua de maior prestígio social, e não passam, por isso, às novas gerações a língua nativa que falavam há tempo. Nesse confronto linguístico, o português do Brasil influencia as línguas indígenas e ao mesmo tempo foi e é influenciado ao incorporar vocábulos de origem indígena, divergindo, pois, do português europeu. No processo de colonização europeia na África, América e Ásia, desenvolvido em séculos passados, os contatos entre as línguas autóctones e alóctones deram origem a vários dialetos como, por exemplo, o português do Timor Leste, de Goa, de Guiné-Bissau, de Moçambique etc.

Para Coseriu (1982, p. 11-12), a língua tem uma vivência histórica muito maior do que uma variante dialetal, que se diferencia daquela por apresentar traços linguísticos divergentes como na fonética, no léxico e na sintaxe. Os dialetos se apresentam como subconjuntos da língua, possuem menos prestígio social e não causam inteligibilidade entre os usuários da mesma língua (HUDSON, 1984). Entretanto, Chambers e Trudgil (1980) consideraram tanto a variedade padrão quanto as

variedades não-padrão como sendo dialetos da mesma língua, ou seja, não existe nenhuma definição convincente do que seja língua e dialeto. Toda definição de que dialeto é estigmatizado, inferior e ininteligível diante da língua não se sustenta na realidade ao confrontarmos as duas terminologias.

O uso do termo dialeto, devido às dificuldades em delimitá-lo, é substituído por vários autores, que preferem usar “falar” ou “subfalar”, ou variedade de uma localidade, de um grupo ou de uma região. Exemplificando mais a dificuldade da delimitação de dialeto, se fossemos falar de um “dialeto amazônico”, estaríamos apontando para uma uniformidade linguística comum por toda essa região, o que é incoerente, uma vez que seriam desconsideradas inúmeras influências advindas do contato com centenas de línguas indígenas ou com línguas de fronteira, além de muitos outros aspectos que caracterizam o português amazônico.

Quando as diferenças linguísticas não são tão acentuadas, o termo dialeto pode ser substituído por “falar” (MALMBERG, 1979). É preferível adotar “falar” para não correremos o risco de generalizações vagas. Outros autores como Ferguson (1964), Fishman (1971, 1972b), Tarallo (1990a), por causa do julgamento linguístico negativo que os próprios falantes atribuem ao que falam ou à maneira como os outros falam, adotam a terminologia “variedades linguísticas” como sendo um conjunto de traços linguísticos distribuídos similarmente (HUDSON, 1984). Apesar de a nova terminologia ser desprovida de conotação de inferioridade, ela não é precisa em sua definição, porque o dialeto pode ser maior que uma variedade, que por sua vez pode ser bem maior que uma língua. Na verdade, o que diferencia dialeto de língua e vice-versa é uma opção política, pois quando um país oficializa seu idioma, este não é tachado de dialeto, mas de língua oficial. Seja qual for o parâmetro estudado (a variável sexo, a classe social, os estilos de fala, a faixa etária, o grupo étnico ou a localidade) as línguas naturais em uso apresentam variações dialetais, sendo isso que interessa analisar na pesquisa dialetológica.

Como visto anteriormente, a Dialetologia inicialmente tratava dos estudos de variação linguística predominantemente na perspectiva diatópica. Devido a essa natureza, ela foi chamada de dialetologia tradicional ou monodimensional, pois se ocupava basicamente em descrever as variantes em um ou mais pontos (localidades). No trabalho de Corrêa (1980), por exemplo, foram selecionados vinte e um informantes para cada ponto e pertencentes à mesma faixa etária com idade acima de 30 anos, analfabetos ou, no máximo, semialfabetizados,

sendo o homem mais preferido para realizar as entrevistas do que a mulher, mas, em qualquer caso, os informantes deveriam estar ligados a atividades rurais como juta, pesca, roça etc. Nessa abordagem tradicional o conteúdo linguístico era descrito sem a preocupação em analisar e comparar os dados linguísticos de acordo com as dimensões sociais. Atualmente, a Dialetoologia se reveste do caráter pluridimensional e

[...] deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca óbvia da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais. (CARDOSO, p. 415)

A Dialetoologia, ao expandir sua dimensão de atuação, possui uma nova configuração, incorporando, principalmente, contribuições da Sociolinguística, da História e da Geografia para conhecermos mais precisamente as variedades dialetais. Não podemos, assim, excluir do estudo dos dialetos os aspectos históricos, sociais e espaciais que envolvem o homem e sua correlação com a linguagem.

## **2.4 Os parâmetros da pesquisa dialetológica**

Nos estudos sobre a variação linguística, as diferenças na entonação, na pronúncia, na escolha vocabular são notáveis em vários níveis, como os definidos também por Coseriu (1982, p. 19): de um lugar para outro (variação diatópica), de um falante mais escolarizado para um menos escolarizado (variação diastrática), no uso diferenciado durante o contexto interativo (variação diafásica). Além desses, a ciência, que descreve e estuda um ou mais dialetos, incorporou novos paradigmas dimensionais dentre os quais as possíveis diferenças entre os falares do meio rural e do meio urbano (variação diazonal), entre gerações (diageracional), entre homens e mulheres (diassexual) etc. Um exemplo de aplicação pioneira do método geolinguístico na modalidade pluridimensional está na tese de Margotti (2004) que trata da “Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil”. Para a caracterização da pesquisa na vertente

pluridimensional, Margotti (2004) usou as seguintes dimensões e parâmetros descritos no Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 Dimensões e parâmetros da pesquisa de Margotti (2004)

Dimensões	Parâmetros	
Diatópica	Nova Palma/RS, Caxias do Sul/RS, Sananduva/RS, Sarandi/RS, Orleans/SC, Rodeio/SC, Chapecó/SC, Videira/SC.	
Diatópica-cinética	Colônias	Caxias do Sul/RS e Nova Palma/RS
	Velhas	Rodeio/SC e Orleans/SC
	Colônias Novas	Sananduva/RS e Sarandi/RS Chapecó/SC e Videira/SC
Diazonal	Falantes do meio rural (R)	
	Falantes do meio urbano (U)	
Diageracional	Geração de 15 a 30 anos (GI)	
	Geração de 45 a 60 anos (GII)	
Diastrática	Falantes com nenhuma até 8 anos de escolaridade (Esc1)	
	Falantes com mais de 8 anos de escolaridade (Esc2)	
Diassexual	Falantes do sexo masculino (M)	
	Falantes do sexo feminino (F)	
Dialingual	Descendentes de imigrantes italianos bilíngües (ITA)	
	Descendentes de luso-brasileiros monolíngües (LUSO)	
Diafásica	Conversa livre (C)	
	Questionário (Q)	
	Leitura (L)	
Diarreferencial	Referências metalingüísticas e epilingüísticas	

Assim, de acordo com o quadro acima, torna-se mais produtivo e preciso analisar as diferenças dialetais na dimensão diatópica, diatópica-cinética<sup>28</sup>, diazonal, diageracional, diastrática, diassexual, dialingual, diafásica e diarreferencial entre os pontos de inquéritos, possibilitando a comparação das diferenças dialetais entre um ponto e outro, entre localidades antigas e novas, entre falantes do meio rural e do meio urbano, entre uma geração e outra, entre falantes mais escolarizados e menos escolarizados, entre homens e mulheres, entre os descendentes de um grupo étnico e outro, entre os diferentes métodos de coleta de dados e entre as variantes que surgem no decorrer da aplicação dos questionários. É uma análise macro e ao mesmo tempo micro, sendo capaz de possibilitar a realização de comparações de dados dialetais

<sup>28</sup> A variação dialetal é analisada entre duas ou mais áreas segundo o período de povoamento mais antigo e mais novo, ou considerando populações que se deslocam de um lugar para outro e populações que não se deslocam.

horizontal, vertical e diagonalmente como demonstra o esquema de Thun (1998b, p. 5) abaixo:

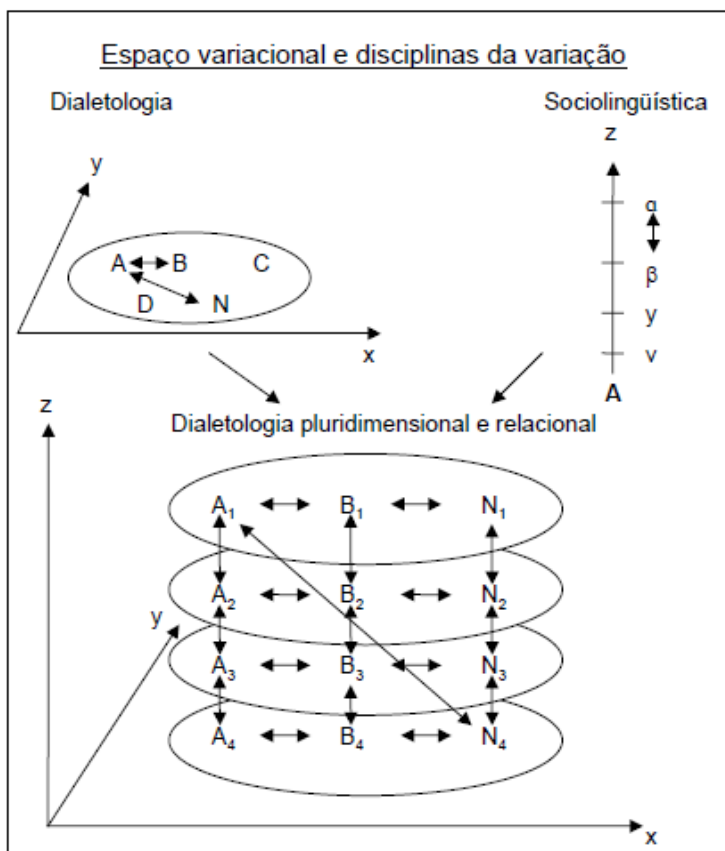


Figura 11 Esquema de H. Thun (1998b, p. 5)

Nesse esquema, por exemplo, tendo selecionado oito informantes com o seguinte perfil: quatro homens (A, B, C e D) e quatro mulheres (E, F, G, H) de um lugar com escolaridade baixa e alta, na faixa etária dos 18 a 30 anos e na faixa etária dos 50 a 65 anos, nada impede que possamos fazer comparações detalhadas entre os dados dos informantes por ponto de inquérito, por gênero, por escolaridade e por faixa etária. É possível encontramos diferenças dialetais entre os diferentes segmentos da sociedade, antes esquecidos na dialetologia tradicional ou diatópica.

Além da representatividade de atitudes linguísticas, variantes fonéticas, variantes morfossintáticas, variantes semântico-lexicais em um mapa dialetal, existe também a possibilidade de traçarmos isoglossas para demarcar os limites de incidência das variantes linguísticas. De acordo com Chambers e Trudgil (1993), o termo isoglossa foi usado pela primeira vez por Bielenstein em 1892 e significa “língua igual” demarcada por um limite virtual de variantes linguísticas coincidindo com o espaço geopolítico, mas que na prática pode extrapolar as fronteiras político-administrativas (ALINEI, 1994, p. 22). Além de as isoglossas mostrarem possíveis diferenças e/ou semelhanças diatópicas no mapa dialetal, elas podem mostrar semelhanças e diferenças linguísticas de natureza sociocultural (isoglossas diastráticas) e de diferenças de estilo (isoglossas diafásicas). As isoglossas recebem ainda outra classificação quanto à natureza dos fatos linguísticos, podendo ser de caráter lexical (*isoléxica*) como as variantes lexicais empregadas na definição de “mandioca” entre a região norte e nordeste do Brasil, fônica (*isófono*) como as realizações das vogais pretônicas /e/ e /o/ na distinção entre o falar nortista e o sulista (NASCENTES, 1953), morfológica (*isomorfa*) como o uso das formas de 2ª. pessoa do singular de um dado verbo, por exemplo, entre “*tu falou*” e “*tu falaste*”, e sintática (*isossintagmática*) exemplificada na colocação pronominal entre falantes do português do Brasil e falantes do português de Portugal, respectivamente, nos versos do poema de Oswald de Andrade “*me dê um cigarro*” e “*dê-me um cigarro*”.

## 2.5 A geografia linguística no Brasil

Nos estudos de natureza dialetológica, a cartografia linguística tem sido muito usada como instrumento de confecção de mapas dialetais em todo território brasileiro, e, inicialmente, “a maioria dos atlas desenvolvidos até hoje, principalmente os europeus, se ocuparam quase que exclusivamente da variação diatópica, isto é, da variação no espaço geográfico.” (MARGOTTI, 2004).

No Brasil, tivemos uma expansão nas últimas décadas do número de atlas regionais. Os mapas dialetais são bastante utilizados porque possibilitam a visualização de tendências conservadoras ou inovadoras, formas arcaicas ou novas no espaço mono ou pluridimensional no que diz respeito às variantes fonéticas e morfossintáticas, variantes semântico-lexicais, fraseologias, atitudes linguísticas, crenças,

preconceitos, comportamentos, usos linguísticos, percepções e competências, e dados sociológicos.

O primeiro mapa dialetal do Brasil foi elaborado por Antenor Nascentes (1953), que se baseou nas observações que fez durante suas viagens do Oiapoque ao Chuí (de norte a sul), de Recife a Cuiabá (leste a oeste). A divisão diatópica levou em conta aspectos fonológicos sobre as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que se realizavam, segundo Nascentes (1953), como [ɛ,ɔ] na região norte-nordeste do Brasil, e como [e, o] no centro-sul do Brasil.



Mapa 5 Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953)

Fonte: ALiB<sup>29</sup>

Em 1963, sob a coordenação de Nelson Rossi, foi publicado o primeiro atlas linguístico brasileiro: o *Atlas prévio dos falares baianos-APFB*, que se baseou nas indicações de áreas dialetológicas de Antenor Nascentes, as quais enquadravam a Bahia na região do nordeste brasileiro. Segundo Aragão (2006, p.37), a obra está dividida em dois volumes e envolveu 50 localidades do estado da Bahia, onde foi

<sup>29</sup> ALiB. Disponível em: <http://i49.tinypic.com/fmtksz.png>

aplicado um questionário de 164 questões. Para a constituição do *APFB* foi necessário entrevistar 100 informantes, dos quais 57 eram mulheres e 43 eram homens, todos com idade entre 25 e 60 anos e com a exigência de que a escolaridade do informante fosse constituída de analfabetos a semianalfabetos (ROSSI *et al.*, 1963).

Em 1977, foi publicado o primeiro volume, de uma série de quatro, do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais-*EALMG*, tendo como autores José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio. A rede de pontos do *EALMG* é constituída por 184 localidades, onde foram aplicados questionários específicos e utilizada a conversação semi-dirigida (ZÁGARI, 2005, p.47). Os resultados do *EALMG* mostram que os falares de Minas Gerais apresentam acentos, fones, ritmo de fala e preferências lexicais diferentes caracterizando, assim, o falar baiano ao norte, o falar paulista no sul-sudeste e o falar mineiro no centro-leste.

Em 1984, foram publicados dois volumes, de uma série de três, do Atlas linguístico da Paraíba-*ALPB* de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes. Fazem parte do *ALPB* vinte e oito pontos de inquérito, dos quais três foram considerados municípios satélites, para cada uma das localidades inquiridas, que servem como instrumento de controle dos dados registrados e, por isso, não figuraram em cartas. O perfil do informante compreendia uma amostra de três e de no máximo dez com idade entre 30 e 75 anos. O questionário do *ALPB* era composto por 289 perguntas de caráter geral e por 588 de caráter específico (CARDOSO, 2010, p.157-158).

Em 1987, foi publicado o primeiro volume do Atlas linguístico de Sergipe-*ALS I*, que teve como coordenador o professor Nelson Rossi. A seleção dos quinze pontos de inquérito do *ALS I* levou em consideração antiguidade da localidade, grau de isolamento, formação histórica, características culturais, posição no contexto dos municípios do estado e referências de ordem linguística (CARDOSO, 2005, p. 110). O questionário do *ALS* é resultado da seleção de perguntas de duas versões previamente testadas e é composto por 686 questões, das quais 181 foram retiradas do questionário do Atlas Prévio dos Falares Baianos-*APFB* e 505 selecionadas dos questionários preliminares. Além disso, as perguntas foram numeradas primeiramente de 1 a 674, e foram acrescentadas mais tarde 13, as quais receberam um índice. O questionário do *ALS* compreende as áreas semânticas: Terra, que começa na pergunta 1 até a 62; Vegetais, iniciando na pergunta 63 até a 143; Homem, envolvendo a pergunta 144 até a 381, e Animais, que começa na pergunta de nº 382 e termina na de 674 (CARDOSO, 2005,



p. 112). A escolha dos informantes obedeceu à tradição nas pesquisas dialetológicas, mas inovou ao inserir a variável gênero, por isso o *ALS I* é considerado o primeiro Atlas bidimensional do Brasil, pois envolve variáveis sociais. O volume II do Atlas linguístico de Sergipe-*ALS II* foi publicado em 2005 sob a forma de tese da professora Suzana Alice Marcelino Cardoso pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 2002. O segundo volume do *ALS* enfatiza mais a exploração do campo semântico homem e a dimensão diagenérica. O *ALS II* envolveu quinze localidades e é constituído de 108 cartas, das quais três são introdutórias e 105 são caráter semântico-lexicais.

Em 1994, sob autoria de Vanderci de Andrade Aguilera, o primeiro volume das cartas do Atlas Linguístico do Paraná-*ALPR* foi publicado. Já o segundo volume da apresentação foi publicado pela editora UEL em 1996 e é composto por um esboço da história da colonização paranaense, pelos pontos linguísticos investigados, pelas características dos informantes, pelo questionário, pela notação fonética e pelas notas explicativas (AGUILERA, 2005, p. 166). A pesquisadora teve como metas na elaboração do *ALPR*: documentar cartograficamente as variantes lexicais e fonéticas; delimitar isoglossas e elaborar um glossário de termos usados no português falado no Paraná. Para a concretização do projeto do *ALPR*, Aguilera (2005) se baseou no questionário do Atlas Linguístico do Estado de São Paulo no que diz respeito ao número de conceitos utilizados na pesquisa e ao modo de formulação das questões. Para a escolha dos informantes, Aguilera (2005) se baseou nos critérios estabelecidos pela dialetologia tradicional como: idade entre 30 e 60 anos, ser analfabeto ou semi-analfabeto, ter nascido na localidade ou ter vivido lá pelo menos 3/4 da vida, o cônjuge deveria ser da mesma localidade do entrevistado, ser filho de família ali radicada, não ser um viajante assíduo, não ter servido militarmente e ser ou ter sido agricultor.

Em 2002, foi publicado o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil-*ALERS* (cartas fonéticas e morfossintáticas) que teve uma segunda edição publicada em 2011. Também em 2011, foi publicado o volume que contém as cartas semântico-lexicais. O projeto começou a ser delineado em 1980 com um Grupo Interdepartamental para o Estudo da Variação Linguística do Rio Grande do Sul, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRS. Em 1982, houve a ampliação para os demais estados da região com apoio das universidades federais do Paraná e de Santa Catarina. Em 1987, foi formada a equipe interinstitucional que comandaria a implementação do projeto sob a coordenação de Walter Koch (UFRS).

São dois volumes do *ALERS*: o primeiro é composto por Cartas fonéticas e morfossintáticas; o segundo por cartas semântico-lexicais. É o único Atlas que envolve toda uma região com vários pontos de inquérito, que estão distribuídos em 275 para a zona rural e 19 para a zona urbana. A seleção dos pontos da zona rural se baseou nas sugestões de Antenor Nascentes e de acordo com a importância histórica dos municípios, resultando na escolha de 100 pontos no Paraná, 95 no Rio Grande do Sul e 80 em Santa Catarina. Cerca de 70% desses pontos foram distribuídos por células geométricas de 5.000 km<sup>2</sup> e os demais 30% foram reservados ao estreitamento da malha. Os dezenove pontos urbanos ficaram distribuídos nos três estados com seis pontos no Paraná, seis em Santa Catarina e sete no Rio Grande do Sul. O critério de seleção dos informantes do *ALERS* foi: o informante deveria ser natural da localidade e de pais também nascidos lá; o informante deveria estar compreendido na faixa etária entre 28 e 58 anos; o cônjuge originário da mesma localidade ou do mesmo município; deveriam ser analfabetos ou com escolaridade até a 4a série; serem inteligentes e comunicativos; não deveriam ter vivido fora da localidade antes dos 20 anos, nem depois por mais de seis meses; não terem viajado muito; deveriam apresentar boas condições de fonação e terem tempo e disposição para as entrevistas. O questionário do *ALERS* é composto de aproximadamente 700 perguntas ou tarefas que, desdobradas, perfazem um total de 10.000 itens. Compreende um questionário semântico-lexical-QSL com 800 perguntas; um questionário morfossintático-QMS com setenta e cinco perguntas e; um questionário fonético-Fonológico com vinte e seis perguntas (KOCH *et al.*, 2011).

Em 2004, foi publicado o Atlas linguístico Sonoro do Pará-*ALISPA*, que teve como coordenador o professor Abdelhak Razky da Universidade Federal do Pará. O *ALISPA* envolveu uma pesquisa de caráter apenas fonético. Para isso, foi usado um questionário fonético-fonológico contendo 159 perguntas, que foram aplicadas em dez localidades paraenses, as quais representam as seis mesorregiões do Pará: Santarém, na mesorregião do Baixo Amazonas; Breves, na Mesorregião do Marajó; Belém, na Mesorregião Metropolitana de Belém; Bragança, Cametá e Abaetetuba, na Mesorregião do Nordeste Paraense; Itaituba e Altamira, na Mesorregião Sudoeste Paraense e Marabá e Conceição do Araguaia, na Mesorregião Sudeste Paraense. Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes segundo os parâmetros sexo, faixa etária e escolaridade. O Atlas permite a visualização de 636 cartas fonéticas. (RAZKY, 2005, p.212-218)

Em 2004, o Atlas Linguístico do Amazonas-*ALAM* foi elaborado por Maria Luiza de Carvalho Cruz, em forma de tese. Fizeram parte da pesquisa de Cruz (2004) nove pontos de inquéritos correspondentes às microrregiões do Estado do Amazonas, a saber: Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Jutai-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas), Parintins (Baixo Amazonas). Na seleção dos seis informantes do *ALAM* em cada ponto de inquérito, foram estabelecidos os seguintes critérios: ser analfabeto ou ter escolaridade até, no máximo, a 4ª série; ser natural da localidade estudada e pais e cônjuge também naturais da região; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação; um homem e uma mulher, em três faixas de idade (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Na coleta de dados, Cruz (2004) utilizou um questionário fonético-fonológico contendo 156 perguntas e um questionário semântico-lexical contendo 327 questões. Na análise de dados do *ALAM* foi utilizado um programa computacional desenvolvido especificamente para a pesquisa, o qual gerou 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais.

Em 2007, Altino elaborou o Atlas Linguístico do Paraná-*ALPR II* em forma de tese. Na elaboração do Atlas, Altino (2007) se fundamentou no método geolinguístico e dialetométrico. A rede de pontos do *ALPR II* é a mesma do primeiro Atlas, ou seja, sessenta e cinco localidades do Estado do Paraná. O Objetivo dessa pesquisa foi a cartografia de dados inéditos que haviam sido coletados por ocasião da elaboração do primeiro Atlas Linguístico do Paraná (Aguilera, 1994). Das 325 questões aplicadas para obtenção dos dados do primeiro *ALPR*, apenas 40% foram cartografadas, equivalentes a 131, ou seja, 60% das questões não foram cartografadas, equivalentes a 194. Os dados destinados à composição do *ALPR II* foram sistematizados em um glossário. Nos resultados, foram elaboradas 175 cartas, das quais 125 cartas lexicais e cinquenta cartas fonéticas.

Em 2008, foi publicado o Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul-*ALMS*, que teve como organizador Dercir Pedro de Oliveira. O *ALMS* conta com trinta e dois pontos. Na confecção desse atlas foram feitas 207 cartas linguísticas, das quais quarenta e sete são cartas fonéticas, 153 são cartas semântico-lexicais e sete são cartas morfossintáticas. Nas trinta e duas localidades foram entrevistados

quatro informantes de ambos os sexos com escolaridade máxima até a 4ª série do primário.

Em 2010, sob a coordenação de José Rogério Fontenele Bessa, é publicado o Atlas linguístico o Estado do Ceará-*ALECE*, que é constituído de dois volumes. O primeiro volume do Atlas está dividido em introdução, antecedentes históricos, fundamentação teórica e metodologia da pesquisa. O segundo volume, por sua vez, é composto por cartogramas com dados lexicais e fonéticos, bibliografia geral e as fontes lexicográficas pesquisadas. A rede de pontos do *ALECE* foi composta por setenta localidades, onde foram entrevistados quatro informantes com o perfil seguinte: analfabetos ou alfabetizados até o antigo 1º grau completo, homens e mulheres em igual número com idade entre 30 e 60 anos (BESSA, 2010).

O Atlas Geossociolinguístico do Pará, coordenado por Abdelhak Razky, prevê uma rede de pontos de cinquenta e sete localidades distribuídas pelas seis mesorregiões do Estado do Pará. O questionário é composto de uma parte geral relacionada às áreas semânticas terra e homem, além de lendas, superstições e narrativa pessoal, e outra parte vinculada a aspectos específicos da região investigada. (CARDOSO, 2010, p.166)

O Atlas Linguístico do Mato Grosso –*ALiMAT* é coordenado por Dercir Oliveira. Esse projeto abrange vinte e dois municípios, onde serão entrevistados noventa e dois informantes escolhidos segundo os critérios faixa etária (18 a 30, 50 a 65 anos), nível de instrução (alfabetizado até a 4ª. série e nível superior) e sexo (masculino e feminino). O questionário do *ALiMAT* é o mesmo do *ALiB* e será aplicado de forma direta, *in loco*. (ARAGÃO, 2006, p.56)

O Atlas Linguístico do Maranhão –*ALIMA*, coordenado pela professora Conceição de Maria de Araújo Ramos, foi iniciado em 2002. O projeto abrange dezoito pontos distribuídos por cinco mesorregiões do Estado do Maranhão, onde são aplicados os mesmos questionários do *ALiB*. Fazem parte desse projeto 76 informantes, que foram escolhidos segundo a faixa etária (18 a 30, 45 a 60 anos), nível de instrução (alfabetizados até a 4ª. série do ensino fundamental e nível superior) e sexo (masculino e feminino). Foram elaboradas 50 novas questões sobre os produtos agrícolas e manifestações artístico-culturais do estado do Maranhão. (ARAGÃO, 2006, p.55-56)

O Atlas Etnolinguístico do Acre –*ALAC*, coordenado por Luísa Galvão Lessa, apresenta resultados parciais disponíveis no Centro de Estudos Dialectológicos do Acre –*CEDAC*. O *ALAC* possui uma rede de dezoito pontos distribuída por três áreas do estado do Acre: Vale do

Acre, Vale do Juruá e Vale do Purus. Os informantes selecionados são analfabetos e de ambos os sexos divididos em três faixas etárias, a saber: A (16-25 anos), B (26-35 anos) e C (36-80 anos), e os questionários fonético-fonológico e semântico-lexical abordam aspectos de caráter geral e específico. Os dados do ALAC já foram coletados e analisados parcialmente.

O Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte –ALIRN, coordenado pela Profa. Maria das Neves Pereira, encontra-se em fase de elaboração e abrangerá dez localidades pertencentes a microrregiões do estado do Rio Grande do Norte. Para esse projeto farão parte quarenta e quatro informantes, que foram selecionados segundo o parâmetro faixa etária (18a 30, 45 a 60 anos), nível de instrução (alfabetizados até a 4ª. série do fundamental e nível superior) e sexo (masculino e feminino). O questionário será o mesmo do ALiB juntamente a outros questionários sobre as principais manifestações artístico-culturais e sobre os produtos agrícolas do estado do Rio Grande do Norte. A aplicação dos questionários será direta, *in loco*. (ARAGÃO, 2006, p. 56).

O Atlas Linguístico do Brasil, ALiB, está ainda em curso. O interesse pela confecção do ALiB surgiu em 1952, quando foi estabelecido por meio do Decreto 30.643, de 20 de março, a elaboração do atlas linguístico do Brasil a cargo da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa. Entretanto, as dificuldades impostas pela dimensão territorial, a carência de pesquisadores da área e a falta de financiamento para um empreitada dialetológica tornaram o projeto inviável. Por isso, os pesquisadores resolveram estudar a realidade linguística brasileira a partir da elaboração de atlas regionais.

Em novembro de 1996, por ocasião da realização, em Salvador, do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolinguística* no Brasil, sob a coordenação de Suzana Cardoso e com a participação de um grupo de pesquisadores de diferentes regiões brasileiras, reunidos na Universidade Federal da Bahia, foi consensual a elaboração do ALiB. O Atlas Linguístico do Brasil é um projeto de grande envergadura nacional, pois é constituído de 250 pontos, incluindo as capitais dos estados brasileiros, com exceção de Brasília em virtude da data de sua criação, e Palmas, que é uma cidade sem habitantes enquadrados na faixa etária exigida na metodologia do ALiB. É um Atlas que adotou como método moderno a Geolinguística pluridimensional, que possibilita a análise em várias dimensões tanto no eixo horizontal, quanto no eixo vertical, e fornece, ainda, estudos interpretativos sobre alguns dos aspectos cartografados. A coleta de dados desse projeto está em fase final de execução com 239 localidades concluídas (95,6%),

1056 informantes entrevistados (96%) e 22 estados concluídos (84,62)<sup>30</sup>. Faltando apenas 11 pontos de inquérito para concluir a coleta de dados do *ALiB*.

Nas capitais dos estados, foram inquiridos oito informantes com o seguinte perfil:

- a) no plano diasssexual: quatro informantes do sexo masculino;
- b) no plano diageracional: quatro informantes na faixa etária de 18 a 30 anos e quatro informantes na faixa etária de 50 a 65 anos;
- c) no plano diastrático: quatro informantes com escolaridade até a 7ª. série ou cursando a 8ª. série do ensino fundamental. Nas capitais são acrescentados mais quatro informantes com curso superior completo.
- d) nascidos na localidade e de pais também nascidos lá.
- e) possuidores de uma profissão definida na localidade, onde vivem.

Na coleta de dados, estão sendo utilizados três tipos de questionários direcionados, a saber:

- a. O QFF (questionário fonético-fonológico) composto por 159 questões;
- b. O QSL (questionário semântico-lexical) constituído por 202 questões e;
- c. O QMS (questionário morfossintático) com 49 perguntas;

Ainda fazem parte desse grupo de questionários quatro questões de natureza pragmática, temas para discursos semi-dirigidos, seis questões metalinguísticas e um texto seguinte para o informante ler: “a parábola dos sete vimes” Com a execução final do Projeto *ALiB*, os pesquisadores envolvidos almejam (CARDOSO, 2010, p. 171):

- 1. Ter descrito a realidade linguística brasileira no meio espacial, de modo que se possa estabelecer isoglossas de áreas com peculiaridades linguísticas comuns;
- 2. Ter conseguido uma gama de material linguístico passível de ser trabalhado devidamente no ensino-aprendizagem de língua portuguesa;
- 3. Ter indicado os caminhos, que explicitem a interface entre a pesquisa geolinguística e outros ramos do conhecimento, possibilitando, assim, trazer elementos da língua capazes de aclarar questões de outra ordem do saber cientificamente organizado;
- 4. Ter mostrado que o português do Brasil é multifacetado, ou seja, comprovar que apesar de a língua ser uma unidade sistematizada,

---

<sup>30</sup>ALiB acessível em: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/WebHome>. 12.04.2013

possui várias normas de uso espalhadas por todo território brasileiro de norte a sul e de leste a oeste.

De 2000 a 2010, dez anos de estudos dialetológicos, tivemos um aumento considerável na produção de Atlas Regionais com a publicação do *ALERS* (2002), *ALISPA* (2004), *ALS II* (2005), *ALSM* (2007) e *ALECE* (2010). Somam-se a eles as teses de Cruz, Pereira e Almeida, respectivamente: o Atlas Linguístico do Amazonas-*ALAM* (2004), o Atlas Linguístico do Litoral Potiguar (2007) e o Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (2008), perfazendo um total de oito Atlas concluídos na década dos Atlas Linguísticos Regionais. Isso mostra que os estudos geolinguísticos do Brasil estão em plena atividade, sendo possível caracterizar linguisticamente várias regiões brasileiras.

## 2.6 As vogais do português do Brasil

Segundo Camara Jr (2009), baseando-se em seus estudos sobre o dialeto carioca, as vogais distintivas ocorrem na sílaba tônica e fora dessa posição ocorre neutralização entre vogais médias baixas [ɛ, ɔ] e vogais médias altas [e, o]. Dessa forma, houve ocorrências apenas de vogais médias altas [e, o] no dialeto carioca. As vogais tônicas possuem mais estabilidade fonética, por isso ocorrem igualmente em todos os dialetos do Português do Brasil, ou seja, são raros os casos de variação vocálica nessa posição. Se ocorresse variação de vogais tônicas, seria em um grupo seletivo de vocábulos, de que servem de exemplos as realizações obtidas na Costa do Juçara (Médio Solimões), um dos pontos de inquérito desta pesquisa, onde encontramos falantes dizendo “istâmagô”, transcrito foneticamente como [iʃ.ˈtã.ma.gu], para o vocábulo *estômago*, ou seja, nesse contexto vocabular ocorreu o abaixamento de /o/ para [a]. Dessa forma, as tônicas, embora seja um fenômeno raro, podem variar. Por outro lado, a variação vocálica como marca de variação dialetal ocorre com mais frequência em vogais na posição pretônica, onde: o /e/ se realiza como [ɛ], a vogal /o/ se realiza como [ɔ]. Além dessas realizações, o /e/ e /o/ também podem sofrer alteamento, respectivamente, para [i] e [u] ou simplesmente podem se manter inalteradas como [e] e [o]. Às cinco vogais pretônicas do português padrão, juntam-se as alternantes [ɛ] e [ɔ] em algumas variedades do português do Brasil. Existem explicações para as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em médias baixas [ɛ, ɔ], em médias altas [e, o] e em altas [i, u]. Uma delas é apresentada no Quadro 3 seguinte:

Quadro 3 Permanência de vogais abertas /ɛ/ e /ɔ/ em formações derivadas

Palavra primitiva	Transcrição	Palavras derivadas	Transcrição
Séria	[ˈsɛɾyɐ]	Seramente	[sɛɾjaˈmẽtʃi]
		Serinha	[sɛˈɾĩɲɐ]
		Seriazinha	[sɛɾyaziɲɐ]
		Seríssima	[sɛˈɾisimɐ]
Mole	[ˈmɔɫi]	Molemente	[mɔɫimẽtʃi]
		Molinho	[mɔˈɫĩɲu]
		Molezinho	[mɔɫiˈzĩɲu]
		Molíssimo	[mɔˈɫisimɔ]

Fonte: Cunha e Silva, 1980.

No Quadro 3, as vogais médias tônicas /ɛ/ e /ɔ/ se mantêm abertas quando passam a pretônicas em formações derivadas com os sufixos -mente, -inho (a), -zinho (a), -issimo (a). Carvalho (1969) chama esse processo como consciência etimológica da derivação por parte do falante, que mantém o timbre da tônica na formação derivada como em *sorte* [ˈsɔhtʃi], que derivou *sortudo* [sɔhˈtudɔ], *corpo* [ˈkohpu], que derivou *corpinho* [kohˈpĩɲu], *folha* [ˈfoɫa], que derivou *folhinha* [foˈɫĩɲɐ] (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 50). Tal fenômeno não se sustenta, por exemplo, nas flexões verbais de *comer*, quando o falante pronuncia *comia* [kũˈmiɐ], *comeu* [kũˈmew] etc.

A vogal tônica aberta possibilita a realização das vogais médias pretônicas como abertas (ver Quadro 4 abaixo) em algumas variedades dialetais.

Quadro 4 Harmonia vocálica

Palavra	Transcrição
Perereca	[pɛɾɛˈɾɛkɐ]
Pororoca	[pɔɾɔˈɾɔkɐ]
Colega	[kɔˈlɛgɐ]



As vogais médias pretônicas assimilam traços característicos da vogal tônica ou da vogal seguinte, ou seja, se estas são abertas, aquelas também serão abertas. Esse fenômeno é denominado por Bisol (1981) de harmonia vocálica.

A ocorrência de vogais médias altas em posição pretônica pode ser condicionada pela grafia “e” e “o”, que serve de parâmetros para os usuários da língua que controlam a maneira de falar ao julgarem essas formas como sendo as mais aceitáveis e as mais corretas.

Em se tratando das vogais em posição postônica final, [i, e, a, o] são pronunciadas em alguns dialetos igualmente à pronúncia dos vocábulos “vi”, “vê”, “vá” e “avô” (SILVA, 2011, p. 85), mas a maioria dos falantes as reduz a três vogais átonas finais [ɪ, ə, ʊ]. Logo, as vogais tônicas, pretônicas e postônicas podem ser pronunciadas diferentemente pelo usuário da língua.

As vogais átonas, por conta das diferenças de intensidade, duração ou abafamento são transcritas diferentemente pelos autores, por exemplo, enquanto Silva (2001) transcreve a realização de /a/ como [ə], outros autores preferem transcrever [ɐ] na posição postônica e quando tal vogal se encontra nasalizada; Silva (2001) diferencia a transcrição da realização de /i/ como [ɪ], [i] e [e] nos vocábulos “júri”, transcrito de duas formas [ˈʒurɪ], [ˈJuri] e no vocábulo “jure”, transcrito também de duas formas [ˈʒuriɐ] [ˈʒure]. Outros autores desconsideram tal diferença e transcrevem as vogais átonas finais como [i], [a] e [u]. Assim, temos o quadro das vogais orais do PB em posição tônica, pretônica e postônica final.

Quadro 5 Vogais tônicas

Horizontal	Anterior		Central		Posterior	
Vertical	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Média-baixa		ɛ			ɔ	
Baixa			a			

Fonte: Silva (2010)

No Quadro 5, temos as sete vogais do português do Brasil, as quais são distribuídas de maneira homogênea em todas as suas variedades dialetais (SILVA, 2010, p 79).

Quadro 6 Vogais pretônicas orais

Horizontal	Anterior		Central		Posterior	
Vertical	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Média-baixa		(ɛ)	(ə)		(ɔ)	
Baixa			A			

Fonte: Silva (2010)

No Quadro 6, entre os grupos de vogais pretônicas, a flutuação existente entre [ɛ, ɔ]~[e, o]~[i, u], marca, sobretudo, a variação dialetal (SILVA, 2010, p. 81).

Quadro 7 Vogais postônicas finais

Horizontal	Anterior		Central		Posterior	
Vertical	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred
Alta		(i) I			ʊ	
Média-alta		(e)			(o)	
Média-baixa			ə			
Baixa			(a)			

Fonte: Silva (2001)

No Quadro 7, Segundo Silva (2010), p. 85), as vogais postônicas finais correspondem morfologicamente ao sufixo de gênero em substantivos e adjetivos e à vogal temática dos verbos.

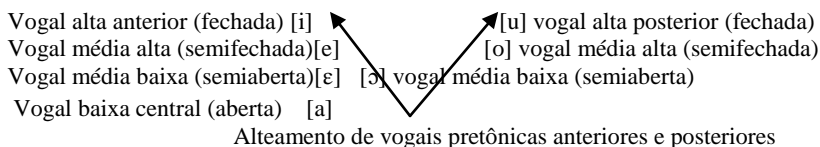
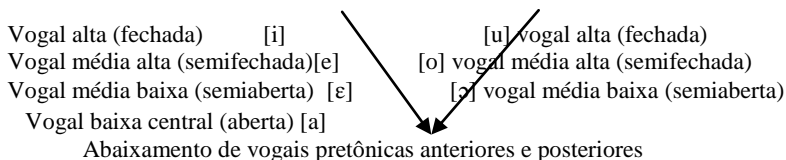
No Quadro 8, temos as vogais nasais ã, ê, ĩ, õ, ũ, que ocorrem como abaixamento do véu palatino permitindo que o ar penetre na cavidade nasal (SILVA, 2010, p. 91).

Quadro 8 Vogais nasais

Horizontal	Anterior		Central		Posterior	
Vertical	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred	Arred	Não-arred
Alta		ĩ			ũ	
Média		ẽ			õ	
Baixa				ã		

Fonte: Silva (2001)

Os fenômenos envolvendo variações de vogais pretônicas anteriores, central e posteriores são mais comuns no eixo vertical, ou seja, são comuns no eixo vertical de movimentação da língua para baixo e para cima, e vice-versa.



A transformação de uma vogal pretônica anterior em pretônica posterior e vice-versa é mais raro no eixo horizontal da boca. Veremos esse fenômeno ocorrendo de forma menos expressiva no dialeto solimoense (Médio Solimões-AM) e jurutiense (Baixo Amazonas-PA).

Quanto ao alteamento de vogais médias pretônicas, esse fenômeno pode ser explicado pela presença de uma vogal alta na sílaba tônica como descrito no Quadro 9 abaixo:

Quadro 9 Harmonia vocálica em formação derivadas

Palavra primitiva	Transcrição	Palavra derivada	Transcrição
Querer	[ke'rer]	Queria	[ki'riɐ]
Fedor	[fe'dor]	Fedido	[fi'dʒidu]
Comer	[ko'mer]	Comida	[ku'midɐ]

Fonte: Viaro, 2009, p.166.

O alteamento pode ser explicado pelo fenômeno da redução vocálica, ou seja, a presença de consoantes bilabiais adjacentes influenciam as realizações de /e/ e de /o/, de modo que elas se elevam no eixo vertical, respectivamente, para [i] e [u]. Por exemplo, tomemos os

vocábulos *tomadae borra* no dialeto do Baixo Amazonas/PA, que deveriam ser pronunciados com a variante média pretônica baixa [ɔ] em consonância com a vogal tônica baixa, considerada plenamente aberta. Entretanto, os informantes pronunciavam esses vocábulos com a variante alta [u] exemplificada nas transcrições [tu.'ma.dɐ] e [bu.'ha].

Segundo Naro (1971), a realização de /e/ para [i] no contexto inicial de palavra, sendo seguida de /S/ e de /N/ em sílaba travada pode ser explicada pela contaminação resultante de diversas camadas de prefixos desde os períodos mais remotos da língua portuguesa até meados do século XVII. Em se tratando da ocorrência de vogais médias altas [e] e [o] em posição pretônica pode também ser condicionada pela grafia “e” e “o”, que serve de parâmetro para os usuários da língua que controlam a maneira de falar ao julgarem essas formas como sendo as mais aceitáveis e as mais corretas. Por exemplo, alguns informantes dos nove pontos de inquérito desta pesquisa pronunciaram o [e] e o [o] de maneira enfática, outros pronunciaram de maneira mais natural as variantes altas [i] e [u], ou acabavam alternando entre vogais médias altas [e]e [o] e altas [i] e [u] nos mesmos vocábulos. A flutuação entre vogais médias pretônicas baixas [ɛ] e [ɔ], vogais médias pretônicas altas [e] e [o] e altas continua ocorrendo no português do Brasil e a tendência é que tais vogais sofram alteamento em alguns contextos linguísticos, uma vez que as vogais médias altas [e] e [o] são mais frequentes na linguagem controlada pelos usuários da língua em determinados vocábulos.

### 2.7 As vogais médias pretônicas em uma abordagem diacrônica

As vogais átonas pretônicas do português resultaram da fusão de fonemas vocálicos do latim como mostra o Quadro 10, conforme Mattos e Silva (2006, p.61):

Quadro 10 Redução vocálica do latim para o português

Latim	Português	Latim	Português
/ī/	/i/	/ū/	/u/
/ĩ/			
/ē/	/ɛ/	/ǔ/	/o/
/ě/		/ō/	
		/ǒ/	

Fonte: Matos e Silva (2006, p. 61)

Da leitura do Quadro 10, compreendemos que as vogais “i” breve e longa do latim se reduziram à vogal alta anterior no português, e o “e” longo e breve do latim convergiu para /ɛ/, que é uma vogal média baixa na língua portuguesa. Tal fenômeno, também, sucedeu no português com as vogais posteriores /u/ e /o/, que correspondem, respectivamente ao “u” longo e ao “u” breve, ao “o” longo e breve do latim.

O fenômeno envolvendo o alteamento de vogais médias pretônicas ocorreu na passagem do latim para o português com o /e/ se realizando como [i] (VIARO, 2011, p. 165).

- Latim: *ætatem* → *idade* → *idade*
- Latim: *æqualem* → *egual* → *egual* → *igual*;
- *elefante* → *português europeu* [ilɐˈfɛt], e no português do Brasil [elɐˈfɛtʃi].

No português arcaico, a flutuação da vogal média [e] e a alta [i] já ocorria, por exemplo, na escrita de palavras como: *egreja* e *igreja*; *idade*, *idade* e *eidade*; *Einês* e *Inês*; *enfintae* *infinta*; *escriturae* *iscritura*; *meninice* e *mininice*; *vegiar* e *vigiar*; *veuva* e *viúva*; *linguagem* *elinguagem*. Mattos e Silva (2006, p.59-60), se fundamentado em Maia (1986), afirma que o alteamento, do século XIII ao XVI, era mais comum nos documentos galegos, enquanto nos de origem portuguesa a incidência maior ocorreu a partir do século XV. Portanto, o fenômeno da harmonia vocálica já era incidente nesses séculos como aconteceu nas *Cantigas de Santa Maria* com os seguintes vocábulos: *pidimos*, *mistiço*, *firidas* e *sirvia*. O mesmo fenômeno foi documentado no século XVI por Fernão de Oliveira e João de Barros na corte portuguesa com as palavras *bibiam*, *mistiço*, *mininos* e *pingos*.

Para Paul Teyssier (1959), o surgimento de vogais pretônicas abertas em oposição às fechadas foi consequência da fusão ou crase de vogais distintas na passagem do latim para o português, conforme Quadro 11:

Quadro 11 Surgimento das vogais médias abertas no português arcaico

Latim	Port. Arc. 1 (antes do séc. XIV)	Port. Arc. 2 (depois do séc. XIV)
Escaecer	Esquecer	Esquecer [ɛ]
Praedicare	Pregar	Pregar [ɛ]
Calavaria	Caavieira	Caveira [a]

Panatariu	Paadeiro	Padeiro [a]
Colorare	Coorar	Corar [o]

Paul Teyssier admitia, assim, a existência de oito vogais em posição pretônica no final do período arcaico incluindo as vogais médias /ε/ e /o/ provenientes da crase histórica.

Noll (2008, p.221) apresenta o mesmo quadro de oito vogais (/i e ε ʋ a ɔ o u/) na posição pretônica no início do século XVI, e afirma que o português brasileiro simplificou esse sistema para cinco fonemas (/i e a o u/). A ocorrência de cinco sons vocálicos na região norte e nordeste ([i ε a ɔ u]) mostra uma tendência evolutiva no português falado nessas duas regiões.

A ocorrência de vogais altas das palavras *dormir* [dur'mi], *porque* [pur'ke] já são herdadas, segundo Viaro (2011, p. 166), que cita outras formas como *pedir* [pi'dʒi], cuja grafia é abonada no século XV em Portugal, na Índia, no malaio-português, e em papiamento<sup>31</sup>. A palavra *menino* [mi'ninu] com grafia *minynno* é encontrada no século XIII nas Cantigas de Santa Maria 323, v. 40-41: “*ca log'en aquela casa entrou a Sennor comprida de todo ben, etan taste deu ao minynno vida*”(Grifo *nosso*), e tal grafia serve de base para palavras portuguesas usadas no Sri Lanka, em Damão e em Goa. Portanto, a palavra *minino* é mais antiga do que *menino* e não podemos considerar como sendo um caso de alteamento de /e/ para [i] no português europeu, mas como um caso de dissimilação de uma vogal média alta /e/ em relação à vogal alta [i] em posição tônica. Viana (1883) cita o mesmo processo de dissimilação nas palavras *mønistro*, *møltitar*, *prøvligiado*, *vøcijar*, *døffcil*, *døvirto*, *døvødiria*. Outra forma que era bastante usada em Portugal e em Goa durante o século XV é *piqueno* (VIARO, 2011, p.166).

## 2.8 Caracterização do português amazônico

Nos tópicos seguintes, iremos mostrar algumas peculiaridades do português amazônico sob a ótica de Nascentes (1953) e Noll (2008).

---

<sup>31</sup> Língua crioula de base espanhola, com antigas influências do português e modernas do holandês, falada nas antigas colônias holandesas (Curaçau, Aruba, Bonaire) (HOUAISS, 2007).

### 2.8.1 Pela presença de vogais médias pretônicas baixas [ɛ] e [ɔ]

Conforme Nascentes (1953, p.25), o português amazônico faz parte de uma grande área dialetal, sendo considerado um subfalar nortista junto ao falar nordestino, nos quais há ocorrência das vogais médias pretônicas abertas [ɛ, ɔ]. Os demais subfalares pertencem ao grupo dos subfalares do sul do Brasil, no qual predominam as vogais médias fechadas [e, o] e estão divididos em: Baiano, que compreende os Estados de Sergipe, Bahia, Minas Gerais (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte proveniente da nascente do rio Parnaíba); fluminense, que abrange os estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e a região da Mata e parte leste do Estado de Minas Gerais; Mineiro, que abrange a região central, oeste e parte leste do estado de Minas Gerais; Sulista, que abrange o Estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais na parte sul e no triângulo mineiro, parte sul de Goiás e Mato Grosso.



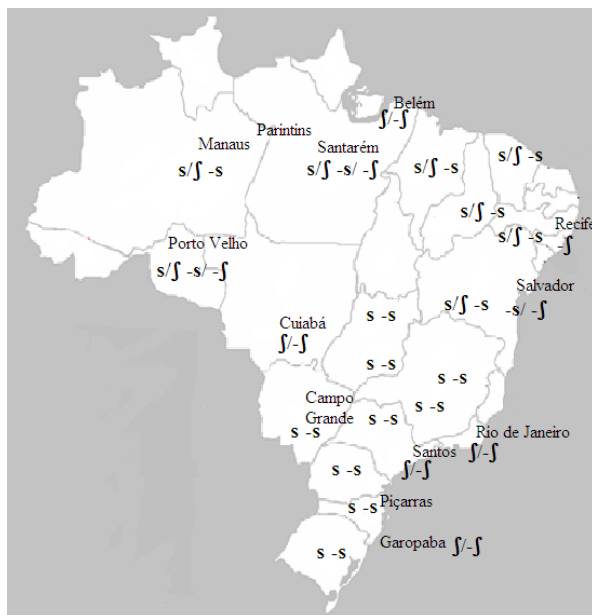
Mapa 6 Áreas dialetais do Brasil segundo Antenor Nascentes

Fonte: adaptado de Noll (2008)

## 2.8.2 Pelas realizações do /s/ implosivo em posição pré-consonantal e final

Nas realizações de /s/ em [s, ʃ], Noll (2008) também demarcou áreas dialetológicas no território brasileiro e resumiu, assim, as ocorrências do /s/ implosivo (Mapa 7):

- (1) os alofones [s] e [z] nos Estados meridionais (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná), em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás.
- (2) uma região intermediária no Nordeste, entre a Bahia e o Maranhão, que usa, com restrições, [s] e [ʃ] como variantes livres em posição pré-consonantal.
- (3) regiões com chimento mais ou menos generalizado: o litoral de Santa Catarina, as cidades de Santos, Rio de Janeiro, Recife (tendencialmente), a Baixada Cuiabana [...].



Mapa 7 Realizações do /s/ implosivo e final

Fonte: adaptado de Noll (2008)

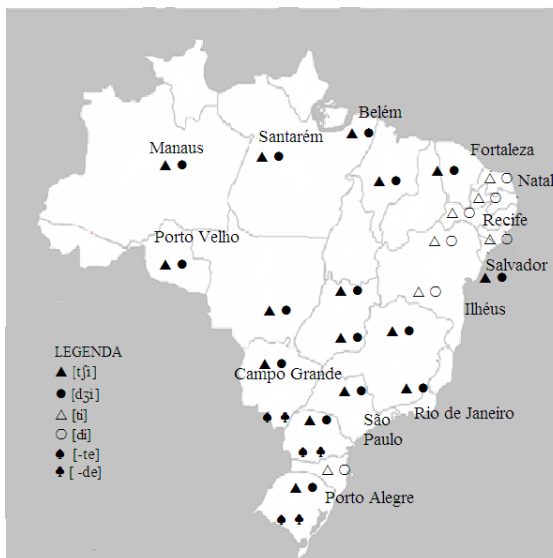


O português amazônico pode ser caracterizado também pela oscilação em alguns pontos da realização do /s/, na posição pré-consonantal e final, respectivamente em [s] e em [ʃ]. Na cidade de Parintins, no Amazonas, e em Belém, no Pará, o /s/ implosivo se realiza predominantemente como [ʃ]. Em Manaus, no Amazonas, na posição pré-consonantal, o mesmo segmento se realiza como [s] e [ʃ] e na posição final como [s]. Em Santarém, no Pará, e em Porto Velho, no Estado de Rondônia, a flutuação ocorre em ambas as posições (NOLL, 2008, p.64-65).

A ocorrência da consoante alveolopalatal [ʃ], provavelmente, tendeu a se difundir no Estado do Amazonas e no Estado do Pará, uma vez que a incidência da fricativa [s] caracteriza a linguagem mais controlada nessa região, principalmente, quando usada durante a pluralização de vocábulos.

### **2.8.3 Pela palatalização das consoantes /t/ e /d/ como [tʃ] e [dʒ]**

O ponto de articulação das consoantes /t/ e /d/, dependendo da variante dialetal do falante, pode ser dental ou alveolar, mas por conta da presença da vogal palatal /i/, ocorre assimilação do ponto de articulação passando tais consoantes a alveolopalatais [tʃ] e [dʒ]. Esse fenômeno é chamado de africativização e ocorre, de fato, na maior parte do Brasil, mas, em uma grande área do nordeste brasileiro, é atípica na zona rural da Bahia, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba até o Rio Grande do Norte (NOLL, 2008, p.64-65).

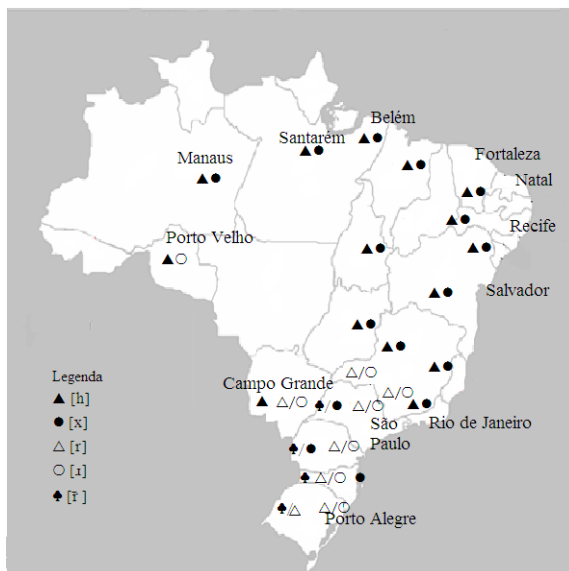


Mapa 8 Realizações de /t/ e /d/  
 Fonte: adaptado de Noll (2008)

De acordo com o Mapa 8 acima, o português amazônico é caracterizado pela presença dessas consoantes palatalizadas.

#### 2.8.4 Pelas realizações do /r/ implosivo e final

Em termos de realização de /r/, na Região Amazônica há predominância do [h] em posição inicial, que é uma espécie de “erre” fricativo surdo produzido na região da glote. Além da ocorrência de [h] em início de palavra, acontece também a realização do /r/ implosivo como [x], que é caracterizado com sendo fricativo surdo produzido na região velar da boca (NOLL, 2008, p. 69-73).





### **3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE AS PRETÔNICAS /e/ e /o/**

Neste tópico, fizemos um levantamento dos trabalhos elaborados em forma de dissertação ou de tese defendidos no Brasil, os quais versam sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/.

#### **3.1 Estudos sobre as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no Amazonas**

Os estudos sobre as vogais médias pretônicas no Estado do Amazonas começaram na década de 80 do século passado com a elaboração de duas dissertações, em caráter pioneiro, sobre o fenômeno fonológico do alteamento, da neutralidade e do abaixamento envolvendo as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e o/. São elas: “Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus”, de Cunha e Silva (1980), e O “falar caboclo: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves”, de Correa (1980). Depois dessas duas dissertações, após mais de vinte anos, somente com elaboração do Atlas Linguísticos do Amazonas (CRUZ, 2004), que os estudos sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ são retomados.

##### **3.1.1 Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus**

A primeira teve como fundamentação a Fonologia Gerativa pela qual foi possível a elaboração de regras fonológicas sobre o dialeto falado na cidade de Manaus no Amazonas. A dissertação cujo título é “Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus” é da autoria de Cunha e Silva (1980), que partiu do pressuposto de que a fala manauara é caracterizada pela presença de vogais médias pretônicas abertas [ɛ, ɔ]. O propósito da pesquisadora foi demonstrar que a fala de Manaus é diferente da sulista no que diz respeito às realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ tendo como parâmetro o dialeto carioca, considerado por Cunha e Silva (1980) como representante da fala padrão brasileira. Na coleta de dados desse trabalho, foi realizado um pré-teste nos meses de julho e agosto de 1979 e o teste definitivo nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1980. Cunha e Silva (1980) selecionou vocábulos que continham vogais médias pretônicas contíguas e não contíguas a vogais tônicas na língua portuguesa.

Participaram como informantes da pesquisa de Cunha e Silva (1980): funcionários públicos, domésticas, professoras, caracterizando, assim, três níveis de escolaridade: dez semianalfabetos, dez com 2º grau completo ou incompleto (atual ensino médio) e dez com curso superior ou a partir do 3º ano de faculdade. A escolha dos informantes seguiu os seguintes critérios:

- a. ser nativo de Manaus;
- b. não ter prestado serviço militar;
- c. não ter viajado (ou pouco) a outros centros;
- d. não ter mantido grandes contatos com pessoas de outras regiões do país;
- e. ser desinibido.

Os dados foram coletados através de um inquérito fonético específico com a inclusão de vocábulos forjados, criados para os condicionamentos sem exemplos. Foram 212 vocábulos forjados, dos quais citamos alguns como: *pelancoso, evamunda, pelezudo, celesmunda, serendela, redentório, desenhudo, celibela, repinela, repinês, repinoso, repinado, repinense, repimundo, petoquês petocó, petrocoso, petrocudo, decotume, medrontosa, redomundo, reducela, rerulúcio, verusmundo, relumela, relumês, relunlúcio, remundona, remunundo, pevigudo, pevigundo, pevinela, pevinosa, pevinoso, peroquês, perovendo, recusela, relumista, colarume, rolambudo, povetudo, torrentosa, rosidela, rosindona, mororês, mororundo, colonudo, coronão, coronões* etc.

Cunha e Silva (1980) considerou que a pronúncia das palavras como *picolezeiro*, [pi.ko.lɛ.'zɛj.ru], e *hoteleiro*, [ɔ.tɛ.'lɛj.ru], não era comuns à fala de Manaus nessa época, porque se a vogal tônica for fechada, as pretônicas também serão fechadas. É o que acontece, por exemplo, com a palavra *seresteiro*, pronunciada como [se.reʃ.'tɛj.ru]. Apesar disso, nos vocábulos forjados ocorreu o mesmo fenômeno de assimilação dos traços da vogal tônica pelas pretônicas ocorrido nos vocábulos *picolezeiro* e *hoteleiro*.

Exemplos:

*Melezêiro* [mɛ.lɛ.'zɛj.ru]

*Petrocôso* [pɛ.trɔ.'ko.zu]

*Mororôso* [mɔ.rɔ.'ro.zu]

*Poletê* [pɔ.lɛ.tɛ]

Nesse mesmo contexto houve casos em que apenas a pretônica mais distante da vogal tônica ocorreu de forma aberta.

Por exemplo:

*Melezêiro*[mɛ.le.'zey.ru]

*Melozôutro*[mɛ.lo.'zow.tru]

*Poletê*[pɔ.'le.te]

*Polotô*[pɔ.'lo.to]

Cunha e Silva (1980) concluiu que havia duas possibilidades de ocorrências das realizações pretônicas de /e/ e de /o/: média aberta+média aberta mais média fechada; e média aberta mais média fechada mais média fechada, além da ocorrência prevista pela regra de fechamento, ou seja, média fechada mais média fechada mais média fechada. A tendência na fala de Manaus seria a possibilidade de ocorrência de vogais pretônicas fechadas por influência da vogal tônica fechada. Porém, a ocorrência de vogais pretônicas abertas, mesmo com a vogal tônica fechada, ocorreu mostrou-se mais forte na pretônica não contígua à tônica.

Ocorreram, ainda, em vocábulos forjados as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] em sílabas travadas pelas consoantes /r/ e /l/, mesmo quando contíguas a uma sílaba tônica fechada.

Exemplos:

*Erpeto*[ɛh.'pe.tu]

*Elpelho*[ɛw.'pe.ʎu]

*Erdotro*[ɛh.'do.tru]

*Eldoutro*[ɛw.'dow.tru]

*Ormedo*[ɔh.'me.du]

*Olmeiro*[ɔh.'po.zu]

*Orposo*[ɔh.'po.zu]

*Olpotro*[ɔw.po.tru]

As ocorrências de vogais pretônicas abertas contíguas e não contíguas à vogal tônica fechada sugerem que a generalidade da regra o fechamento já estava sendo afetada.

No geral, os resultados da pesquisa de Cunha e Silva (1980) mostraram que, na fala manauara da década de 1980, as vogais médias /e/ e /o/ se realizaram, respectivamente, como [ɛ] e [ɔ] na maioria dos contextos e constituíram o padrão geral dessa época, pois a ocorrência de vogais médias pretônicas fechadas [e] e [o] obedeceu a regras específicas. As realizações de /e/ e de /o/, na posição pretônica, como [ɛ] e [ɔ], as variantes mais incidentes, e como [e] e [o] foram

condicionadas pelos traços distintivos da vogal tônica ou da pretônica contígua à tônica. Esse é um processo fonológico caracterizado na pesquisa de Cunha e Silva (1980) como assimilação de traços distintivos entre vogais pretônicas não contíguas e pretônicas contíguas, pretônicas contíguas e tônicas. Além do fenômeno fonológico chamado aqui de assimilação envolvendo vogais, nos resultados da pesquisa de Cunha e Silva (1980) ocorreu, também na fala manauara, o alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nas realizações como [i] e [u] nos contextos seguintes:

a. antes de [ʃ]: no vocábulo *extrato* transcrito como [iʃ.'tra.tu]; no vocábulo *destaque* transcrito [dʒiʃ.'ta.ki]

b. antes de hiato: no vocábulo *passear* transcrito como [pa.si.'ah]; no vocábulo *voar* transcrito como [vu.'ah]

c. antes de vogal alta posterior [u]: no vocábulo *peru* transcrito como [pi.'ru]

Houve também, nos dados de Cunha e Silva (1980), alguns casos de flutuação como nos seguintes vocábulos: *corcunda*, cujo /o/ pretônico se realizou como [ɔ], [o] e [u]; *profundo*, *procura* e *improviso*, cujo /o/ se realizou como [ɔ] e [o.]. Essa alternância entre vogais médias pretônicas baixas [ɛ, ɔ] e vogais médias pretônicas altas [e, o] e vogais altas [i, u] encontrada nos estudos de Cunha e Silva (1980) pode ser mais incidente na região solimoense (AM).

### 3.1.2 O falar caboclo de Itacoatiara e Silves

Na mesma época, em contraposição à predominância de vogais médias pretônicas baixas [ɛ, ɔ] na fala de Manaus como descrito no tópico anterior, Corrêa (1980) encontrou resultados diferentes com único processo fonológico envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em diferentes contextos linguísticos. Para a realização da dissertação sobre “O falar do caboco amazonense (aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves), Correa (1980) entrevistou vinte e uma pessoas em duas cidades da região do Médio Amazonas com o seguinte perfil: o informante deveria ter nascido na localidade e ser de pais também nascidos e criados na mesma localidade; o informante deveria apresentar idade acima dos trinta anos; o informante, se fosse casado, deveria ser natural da mesma localidade do cônjuge; o informante deveria ser analfabeto ou com baixa escolaridade e ser ocupante de várias atividades, como juteiro, pescador e roceiro. Na



ficha do informante, constava que a maioria dos entrevistados era analfabeta e com idade superior a cinquenta anos. Participaram da pesquisa de Corrêa vinte e oito homens e catorze mulheres. Apesar de a pesquisa ter sido desenvolvida no espaço urbano na região do Médio Amazonas, os informantes ou eram analfabetos ou possuíam baixa escolaridade. Com isso, as variáveis extralinguísticas como escolaridade, faixa etária e atividades do campo foram decisivas para as ocorrências do fenômeno de alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nas cidades de Itacoatiara e Silves. Abaixo transcrevemos as realizações das vogais médias nos contextos em que ocorrem:

a. A vogal média pretônica /o/ se realizou como [u] antes de:

Quadro 12 Alteamento da vogal média pretônica /o/ → [u] / _[a, e, j], _[p, b, tʃ, dʒ, g]			
[a, e, j]	Transcrição	[p, b, t, d, g]	Transcrição
Coar	[ku.'a]	Copaíba	[ku.pa.'i.bə]
Poente	[pu.'ẽ.tʃi]	Soberba	[su.'bɛfi. bə]
Coivara	[kuj.'va.rə]	Botinho	[bu.'tʃi.ju]
Poeira	[pu.'e.rə]	Rodiar	[hu. dʒi.'a]
Goiaba	[guj.'a.bə]	Afogar	[a.fu.'ga]

Fonte: Correa (1980)

O /e/ se realizou como [ẽ] no vocábulo *poente*, e houve redução do ditongo /ej/ no vocábulo *poeira* para [e]. No geral, o alteamento da vogal no contexto linguístico antes de vogal [a, e], antes de ditongo [ja], antes das consoantes contíguas à sílaba tônica acontece 100% em todas as ocorrências.

As variáveis escolaridade e faixa etária contribuem para a uniformidade da ocorrência de tal fenômeno, porém independe da variável gênero.

O alteamento prossegue ocorrendo em 100% dos dados nos demais contextos como segue abaixo:

Quadro 13 Alteamento da vogal /o/→[u]/[v, z, s, ʒ], /r/

[v, s, ʒ]	Transcrição	Antes de /R/	Transcrição
Desovar	[dʒi.zu.'va]	Fornada	[fuɦ.'na.dɐ]
Roçado	[hu.'sa.du]	Morreu	[mu.'hew]
Posição	[pu.zi.'sãw]	Temporal	[tẽ.pu.'raw]
Gostar	[guʃ.'ta]		
Mojica	[mu.'ʒi.kɐ]		

Fonte: Correa (1980)

A proximidade existente entre as vogais /o/ e /u/ quanto ao grau de elevação da língua facilitou a mudança no eixo vertical com menos esforço articulatório. O mesmo processo fonológico é visto antes da lateral /ʎ/ e de vogal nasalizada:

Quadro 14 Alteamento da vogal média pretônica /o/→ [u] / [ʎ, ], [ẽ]

[ʎ, w]	Transcrição	Como vogal nasalizada	Transcrição
Polvilho	[pu.'vi.ʎu]	Conforto	[kũ.'fuɦ. tu]
Folhinha	[fu.'ʎi.ɲɐ]	Vontade	[vũ.'ta.dʒi]
Olhado	[u.'a.du]	Honrado	[ũ.'ɦa.du]
Olhei	[u.'ʎej]		

Fonte: Correa (1980)

b. A vogal média pretônica /e/ se realizou como [i] antes de:

Quadro 15 Alteamento da vogal média/e/→[i]/\_[Consoantes não contíguas], \_[v, ʃ]

Consoantes não contíguas	Transcrição	Antes de [v, s]	Transcrição
Depois	[dʒi.'pujʃ]	Evita	[i.'vi.tɐ]
Bebida	[bi.'bi.dɐ]	Estiradeira	[iʃ.tʃi.ra.'de.rɐ]

Preguiça	[pri.'gi.'sø]	Espardate	[iʃ.pafi.'da.tʃi]
Perigoso	[pi.ri.'gu.zu]	Espinhel	[iʃ.pĩ.nɐw]
Eduardo	[i.du.'afi.du]		
Educação	[i.du.ka.sãw]		
Educado	[i.du.'ka.du]		

Fonte: Corrêa (1980)

Além da proximidade entre as vogais /e/ e /i/ quanto ao grau de elevação da língua, o contexto seguinte facilita o alteamento com a presença de vogais altas [i, u] e das fricativas [v, ʃ], as quais possuem um grau muito baixo de abertura da boca. O alteamento segue em 100% dos dados nos demais casos abaixo:

Quadro 16 Alteamento da vogal média /e/ → [i] \_[r], [h], [ç], [ʎ]

Antes de /R/	Transcrição	Como vogal nasalizada	Transcrição	Antes de [ʎ]	Transcrição
Perigoso <sup>32</sup>	pi.ri.'gu.zu]	Encausado	[i.kaw.'za.du]	Melindrosa	[mi.'ʎi.'dɾɔ.zø]
Serviço	[sih.'vi.su]	Empachado	[i. pa.'ʃa.du]		

Segundo Corrêa (1980), o alteamento das vogais médias pretônicas /e, o/, na época, eram bastante frequentes em Itacoatiara e Silves, de modo que se enquadraram dentro de duas regras, a saber: regra 1 para a realização do /o/ → [u]; regra 2 para a realização do /e/ → [i]. Portanto, o alteamento ocorre de forma categórica não importando se o contexto linguístico favoreça esse processo ou não.

### 3.1.3 O português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus

Azevedo (2001) realizou uma pesquisa na periferia de Manaus mediante entrevistas com falantes oriundos dos principais rios do Estado do Amazonas.

<sup>32</sup> A pesquisadora resolveu colocar duas explicações para a ocorrência do /e/ como [i] no vocábulo *perigoso*: a primeira diante de consoantes não contínuas e; a segunda diante de /r/.

Do modelo de análise de Azevedo (2001), obtivemos apenas os dados dos falantes oriundos do rio Juruá/AM por estarem sistematizados e porque as transcrições fonéticas estavam disponíveis em meio digital.

O rio Juruá é um dos principais afluentes da margem direita do rio Solimões. A principal cidade é Eirunepé, que está localizada quase na metade do rio. Diante da inviabilidade do pesquisador para se deslocar para o rio Juruá, Azevedo (2001) considerou que a pesquisa fosse realizada na periferia de Manaus, visto que é constante o fluxo migratório de pessoas provenientes do interior segundo dados do IBGE de 1996.

Foram abordadas nesse trabalho as realizações das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica e postônicas, e outros aspectos relacionados ao comportamento dos ditongos /ow/, /ej/ e o das vogais altas /i, u/.

Crítérios para escolha dos informantes na pesquisa de Azevedo (2001) foram:

- Ser natural do Amazonas;
- Ter no máximo um ano residente em Manaus;
- Faixa etária: entre 14 (quatorze) e 60 (sessenta) anos;
- Ser desinibido;
- Ser analfabeto ou semianalfabeto.

A pesquisa de Azevedo (2001) buscou comprovar as cinco regras de Cunha e Silva (1980) aplicadas na fala de Manaus sobre o comportamento pretônico das vogais médias [e] e [o].

Azevedo (2001) considerou que, em relação à posição da sílaba tônica, as vogais médias pretônicas podem ser contíguas (não há sílaba entre elas) e não contíguas (há sílabas entre elas). Exemplo: nas palavras *menino* e *potência* cujo /e/ e /o/ são vogais contíguas às tônicas [i] e [e]; nas palavras *redator* e *coração*, cujo /e/ e /o/ não são contíguas às tônicas [o] e [a].

Quando a vogal pretônica for contígua à tônica, é geralmente influenciada por esta. Exemplo: "menino" [mĩ.ni.nu]; "espírito" [is.ˈpĩ.ritu]. Observe que a vogal média alta /e/ → [i], assimilando todas as características da vogal alta da sílaba tônica.

Muitas vezes acontece a influência de uma consoante sobre uma vogal que, dependendo do falante, tanto pode ser influenciada pela vogal tônica, quanto pela consoante adjacente. Exemplo: na forma produzida do vocábulo "zebu" como [ze.ˈbu], em que a consoante linguodental [z] é sonora e fricativa ao mesmo tempo, logo o [e] pretônico será sonoro e

fechado. Outra pronúncia para a mesma palavra seria [zi.'bu] e [zɛ.'bu], mostrando, assim, que, no eixo vertical, é possível a harmonia vocálica, pois uma vogal média alta /e/ → [i].

→ [ɛ]

Na produção [zi.'bu], a realização em [i] é influenciada pela presença de uma vogal alta [u] na sílaba tônica. Se um falante exerce menos força expiratória, não há influência nem da consoante nem da vogal tônica, mas uma característica peculiar que foge as regras de harmonia e assimilação. Assim, tem-se para o vocábulo “zebu”, a forma produzida como [za.'bu].

Mostraremos nos tópicos seguintes as regras de Cunhas e Silva, pelas quais Azevedo (2001) se baseou para realizar sua pesquisa.

Regra 1:

- Vogais pretônicas /e, o/ → [e, o]/(c)-(c)- V. média alta (lê-se: vogais pretônicas /e/ e /o/ realizam-se como [e] e [o], entre duas consoantes e antes de vogais médias altas pretônicas, (e, o). Exemplo: pegou, peguei, adorei;

- Vogais pretônicas /e, o/ → [ɛ, ɔ]/(c)-(c)-V.b. ou nasal (lê-se: vogais pretônicas /e/ e /o/ realizam-se como [ɛ] e [ɔ] entre duas consoantes e antes de vogal baixa ou nasal. Exemplo: pegamos, adoramos, noção.

- Vogais pretônicas /e, o/ → [ɛ, ɔ]/-V.m.b. (lê-se: vogais pretônicas /e/ e /o/ realizam-se como [ɛ] e [ɔ] antes de vogal média baixa. Exemplo: negocio, proposta.

- Vogais pretônicas /e, o/ → [ɛ, ɔ]/-V.m.a.n. (lê-se: vogais pretônicas /e, o/ realizam-se como [ɛ] e [ɔ] antes de vogal média alta nasal. Exemplo: sembro, problema.

Caso seja a vogais altas [i] e [i], não há regra geral. Exemplo: verruga, veludo, verniz, resíduo.

Regra 2:

- O /e/ → [e]/-s,ʃ,ʒ, m, n. Exemplo: exato, engano, egito, destino.

Regra 2': o /e, o/ → [e, o]/-s,ʒ,ʎ. Exemplo: festejar, avermelhar, fechar.

Regra 3: o /e, o/ → [e, o]/-ar. Exemplo: passear, recear, coroar.

Regra 4: o /e, o/→[e, o]/-sufixo aumentativo -ão, -ona. Exemplo: mesa→mesona; olho→olhão.

Regra 4': O /e, o/→[e, o]/-sufixo em -i, -u. Exemplo: pelo →peludo; tolo→tolice.

Regra 5:

- Alteamento facultativo /e, o/→[i, u]/- s,ʃ,ʒ, m, n, -ar, V. alta.

Exemplo: “extrato” [eʃ.ˈtra.tu] ~ [iʃ.ˈtra.tu]; “passear” [pa.se.ˈah]~ [pa.si.ˈah]; “voar” [vo.ˈah] ~ [vu.ˈah]; “peru” [pe.ˈru] ~ [pi.ˈru].

Além das regras 1, 2, 02', 3, 4, 4', e 5, houve exceções na pesquisa de Cunha e Silva (1980) como: mesada, dedal, cacetada e bobagem, em cujas palavras as vogais grafadas não são abertas diante da vogal baixa da sílaba tônica.

Para as vogais pretônicas separadas da tônica por uma sílaba, valem as mesmas regras anteriores, pois a assimilação ocorre a partir da vogal pretônica contígua à tônica ou da consoante que a segue. Exemplo: fevereiro, serveteiro.

Os resultados encontrados por Azevedo (2001) estão descritos nos parágrafos seguintes.

01) /e/ pretônico

<i>Beber</i>	[be.ˈbe]
<i>Descer</i>	[de.ˈse]
<i>Semente</i>	[si.ˈmẽ.ʃi]
<i>Segredo</i>	[se.ˈgre.du]
<i>Esqueleto</i>	[is.ke.ˈle.tu]
<i>Negócio</i>	[nẽ.ˈɡɔ.su]
<i>Melhor</i>	[mẽ.ˈʎɔ]
<i>Defesa</i>	[de.ˈfe.za]
<i>Setembro</i>	[sẽ.ˈtẽ.bru]
<i>Redondo</i>	[hẽ.ˈdõ.du]
<i>Perfume</i>	[pẽh.ˈfu.mi]
<i>Desejo</i>	[de.ˈze.ʒu]
<i>Vermelho</i>	[veh.ˈmẽ.ʎu]

O /e/ pretônico não sofre variação, exceto nas palavras *sementee* esqueleto, nas quais ocorre um alteamento para [i], e o /e/ não contíguo à vogal tônica seguido de [s] no início de palavra, realizou-se sempre

como [i], por isso a regra de alteamento de /e/ → [i] não foi facultativa para o falante interiorano.

Em todas as palavras o /r/ final desaparece, prevalecendo a lei do menor esforço., enquanto nas palavras *beber, descer, segredo, vermelho, esqueleto, negócio, redondo, melhor, defesa, setembro, desejo*, todas as vogais médias pretônicas assimilaram as características da vogal tônica obedecendo, portanto a regra um de Cunha e Silva (1980);

Na palavra *perfume* o /e/ → [ɛ] junto à consoante glotal [h] e antes de vogal alta [u].

A regra 01, na qual as vogais /e, o/ se realizam como [ɛ, ɔ] antes de vogal média alta nasal [ẽ, õ], não serviu para a palavra *semente*, cujo /e/ pretônico → [i] e não como [ɛ].

#### 02) /i/ pretônico

<i>Picolé</i>	[pi.kɔ.'lɛ]
<i>Resistir</i>	[he.zis.ʔʃi/]
<i>Dizer</i>	[dʒi.'ze]
<i>Disputar</i>	[dʒis.pu.'ta]
<i>Listrado</i>	[ʎis.'tra.du]
<i>Filhote</i>	[fi.'ʎɔ.ʔʃi]
<i>Cigarro</i>	[si.'ga.ʁu]
<i>Jiboia</i>	[ʒi.'bɔj.a]
<i>Minúscula</i>	[me.'nus.klu]

O /i/ → [e]/ na palavra *minúsculo*  
→ [i]/ nas demais palavras.

#### 03) /o/ pretônico

<i>Picolé</i>	[pi.kɔ.'lɛ]
<i>Assoar</i>	[a.su.'a]
<i>Enxotar</i>	[ĩ.ʃɔ.'ta]
<i>Ovado</i>	[ɔ.'va.du]
<i>Ossada</i>	[ɔ.'sa.da]
<i>Ovelha</i>	[u.'ve.ʎa]
<i>Coelho</i>	[ku.'e.ʎu]
<i>Joelho</i>	[ʒu.'e.ʎu]
<i>Coar</i>	[ku.'a]

<i>Arpoar</i>	[ah.pu. <sup>1</sup> a]
<i>Atolar</i>	[a.tɔ. <sup>1</sup> la]
<i>Mojica</i>	[mu. <sup>1</sup> ʒi.ka]
<i>Desovar</i>	[dʒi.zɔ. <sup>1</sup> va]
<i>Coceira</i>	[kɔ. <sup>1</sup> se.ra]
<i>Coroa</i>	[ko. <sup>1</sup> ro.a]
<i>Volante</i>	[vɔ. <sup>1</sup> lã.tʃi]
<i>Problema</i>	[pɔ. <sup>1</sup> blẽ.ma]
<i>Morena</i>	[mo. <sup>1</sup> rẽ.na]

Diante de vogal baixa ou nasal, as vogais médias pretônicas tendem a ser abertas como nas palavras *enxotar*, *ovado*, *ossada*, *atolar*, *desovar*, *volante*; o mesmo sucede às palavras *picolé* cujo /ɔ/ recebe influência do [ɛ], e à *coroa* na qual /o/ se mantém idêntica à tônica –regra um de Cunha e Silva (1980) sendo obedecida.

Ocorreu, nas palavras *ovelha*, *coelho*, *joelho* e *mojica*, o alteamento da vogal /o/ que se realizou foneticamente como [u].

A vogal /o/→ [u] obrigatoriamente antes de sufixo –ar.

Na palavra *morena*, o /o/→[o], houve uma assimilação completa quanto ao levantamento da língua, contrariando a regra um de Cunha e Silva.

#### 04) /u/ pretônico

<i>Eduardo</i>	[ɛ.du. <sup>1</sup> ah.du]
<i>Enxugar</i>	[ĩ.ʃu. <sup>1</sup> ga]
<i>Fumar</i>	[fu. <sup>1</sup> ma]
<i>Fumaça</i>	[fu. <sup>1</sup> ma.sa]
<i>Furada</i>	[fu. <sup>1</sup> ra.da]
<i>Umbigo</i>	[ĩ. <sup>1</sup> bi.gu]
<i>Pupunha</i>	[pu. <sup>1</sup> pu.ɲa]

Para a vogal alta /u/ não foi encontrada nenhuma variação, com exceção da palavra *umbigo* em que ocorreu uma harmonia vocálica por assimilação total cujo /ũ/→[ĩ].

#### 05) /ow/ pretônico

<i>Doutor</i>	[do. <sup>1</sup> to]
<i>Dourado</i>	[dɔ. <sup>1</sup> ra.du]



<i>Outubro</i>	[o.'tu.bru]
<i>Ouvindo</i>	[o.vidu]
<i>Vassourinha</i>	[va.so.'rĩ.ɲa]
<i>Pouquinho</i>	[po.'kĩ.ɲu]
<i>Roubado</i>	[hɔ.'ba.du]

Azevedo (2001) considerou que se manteve, em relação aos ditongos, o mesmo processo de redução em comparação ao de Correa (1980) na fala de Itacoatiara e Silves, mas com uma pequena diferença: o /o/ se realizou como [ɔ].

Redução do ditongo de /ow/→[o] quando a vogal da tônica não for baixa.

→[ɔ] quando a vogal da tônica for baixa.

#### 06) /ow/ tônico

<i>Outro</i>	[ <sup>1</sup> o.tru]
<i>Pouco</i>	[ <sup>1</sup> po.ku]
<i>Rouba</i>	[ <sup>1</sup> hɔ.ba]
<i>Trouxe</i>	[ <sup>1</sup> tro.si]
<i>Sou</i>	[ <sup>1</sup> so]
<i>Vou</i>	[ <sup>1</sup> vo]
<i>Estou</i>	[ <sup>1</sup> to]
<i>Gostou</i>	[gos. <sup>1</sup> to]
<i>Arrumou</i>	[a.hu. <sup>1</sup> mo]
<i>Couve</i>	[ <sup>1</sup> ko.vi]
<i>Ouve</i>	[ <sup>1</sup> o.vi]
<i>Touro</i>	[ <sup>1</sup> to.ru]
<i>Roupa</i>	[ <sup>1</sup> ho.pa]
<i>Tesoura</i>	[tʃi. <sup>1</sup> zo.ra]
<i>Besouro</i>	[bi. <sup>1</sup> zo.ru]

Redução do ditongo /ow/→[ɔ] na palavra *rouba*.

→[o] nas demais palavras.

#### 07) /e/ postônico não-final

<i>Fôlego</i>	[ <sup>1</sup> foh.gu]
---------------	------------------------

<i>Pêssego</i>	[ <sup>1</sup> pe.se.gu]
<i>Cócegas</i>	[ <sup>1</sup> kɔs.ka]
<i>Cólera</i>	[ <sup>1</sup> kɔ.lɛ.ra]
<i>Úbere</i>	[ <sup>1</sup> u.bri]

Ocorreu uma supressão do /e/ em posição postônica nas palavras *fôlego*, *cócegas* e *úbere*.

O /e/ → [ɛ]/ depois de vogal tônica aberta  
→ [e]/ depois de vogal tônica fechada.

#### 08) /i/ pós-tônico

<i>Hálito</i>	[ <sup>1</sup> a.ʎi.tu]
<i>Úmido</i>	[ <sup>1</sup> ũ.mi.du]
<i>Ânimo</i>	[ <sup>1</sup> ã.ji.mu]
<i>Pálido</i>	[ <sup>1</sup> pa. ʎi.du]
<i>Espírito</i>	[is. <sup>1</sup> pi.ri.tu]

Não foram encontrada nenhuma variação para a vogal alta /i/ na posição postônica.

#### 09) /o/ pós-tônico

<i>Fósforo</i>	[ <sup>1</sup> fɔs.ku]
<i>Ídolo</i>	[ <sup>1</sup> i.dlu]
<i>Pérola</i>	[ <sup>1</sup> pɛw.la]~[pɛ.ru.la]
<i>Árvore</i>	[ <sup>1</sup> a.vi] ~ [ <sup>1</sup> a.vri]
<i>Pólvora</i>	[ <sup>1</sup> pɔ.va]
<i>Apóstolo</i>	[a. <sup>1</sup> pɔs.tlu]

Na posição postônica o /o/ é bastante vulnerável não sendo sequer pronunciado, com exceção da palavra *pérola* que ora é pronunciado ora não. A queda do /r/ no vocábulo *pérola* permitiu a ditongação [<sup>1</sup>pɛw.la].

#### 10) /u/ postônico

<i>Músculo</i>	[ <sup>1</sup> mus.klu]
<i>Óculos</i>	[ <sup>1</sup> ɔ.klus]
<i>Triângulo</i>	[tri. <sup>1</sup> ã.glu]
<i>Ângulo</i>	[ <sup>1</sup> ã.glu]~ [ <sup>1</sup> ã.gru]~ [ <sup>1</sup> ã.gus]
<i>Pílula</i>	[ <sup>1</sup> piw.la]

<i>Glândula</i>	[ˈlã.dra]
<i>Rótula</i>	[ˈhɔ.tu.la]
<i>Pávulo</i>	[ˈpa.vu.lu]
<i>Maiúscula</i>	[maj.ˈus.klu]~ [maj.ˈus.ku]
<i>Minúscula</i>	[me.ˈnus.klu] ~[ me.ˈnu.ku]

Quando a vogal /u/ é pronunciada, ela permanece invariável.

As proparoxítonas tendem a se tornar paroxítonas devido à dificuldade em pronunciá-las ou por existirem duas vogais idênticas separadas apenas por uma consoante. Por exemplo, nas palavras músculos, triângulo que são produzidas como [mus.ku.lu, tri.ˈã.gu.lu] , há de acontecer que um dos “us” será suprimido.

A queda do /l/ permitiu a ditongação na palavra *pílula* produzida como [ˈpiw.la] .

11) /ej/ tônico não final

<i>Porteiro</i>	[poh.ˈte.ru]
<i>Banzeiro</i>	[bã.ˈze.ru]
<i>Peneira</i>	[pe.ˈne.ra]
<i>Palheira</i>	[pa.ˈʎe.ra]~ [pa.ˈe.ra]~ [paj.ˈe.ra]
<i>Leite</i>	[ˈle.t̃ʃi]
<i>Feio</i>	[ˈfej.u]
<i>Maneira</i>	[ma.ˈne.ra]

O ditongo /ej/→[ej] em *feio* e em umas das variantes da palavra *palheira*.

→[e] nas demais palavras.

12) Vogal não contígua à tônica: /e/

<i>Pesadelo</i>	[pɛ.za.ˈde.ru]
<i>Vegetal</i>	[vɛ.ʒɛ.ˈtaw]
<i>Geladeira</i>	[ʒɛ.la.ˈde.ra]
<i>Dedicada</i>	[dɛ.ðʒi.ˈka.du]
<i>Fevereiro</i>	[fe.ve.ˈre.ru]
<i>Esperar</i>	[is.pɛ.ˈra]
<i>Esbarrar</i>	[is.ba.ˈha]
<i>Engasgar</i>	[ĩ.gas.ˈga]

O /e/→[i, ĩ]/-[s] e [n] obrigatoriamente nas respectivas palavras: *esperar*, *esbarrare engasgar*.

→[ɛ] na palavra *dedicado*, e quando a contígua à tônica for aberta ou for baixa;

→[e] quando a contígua à tônica for fechada.

13) Vogal não contígua à tônica: /o/

<i>Coração</i>	[kɔ.ra.'sãw]
<i>Emporcalhado</i>	[ĩ.pɔh.ka.'ʎa.du]
<i>Correnteza</i>	[kɔ.ɾẽ.'te.za]
<i>Chocolate</i>	[ʃɔ.kɔ.'la.tʃi]
<i>Ocupado</i>	[ɔ.ku.'pa.du]
<i>Dolorido</i>	[do.lo.'ri.du]
<i>Colorido</i>	[ko.lo.'ri.du]
<i>Orelhudo</i>	[o.re.'ʎu.du]

O /o/→[ɔ] antes de vogal média alta nasal, vogal baixa da sílaba tônica antecedita da contígua aberta.

→[o] nas palavras *dolorido*, *colorido*, *orelhudo* nas quais ocorre uma influência da vogal contígua à tônica.

Azevedo (2001), concluiu que houve predominância da regra um, de Cunha e Silva em que as vogais médias pretônicas /e, o/ se realizam como [ɛ, ɔ] quando a tônica for aberta, baixa ou vogal média alta nasal. As vogais postônicas [e] e [o] foram suprimidas em algumas palavras proparoxítonas, e quando eram pronunciadas receberam influências da vogal tônica, sendo a regra um, de Cunha e Silva também aplicável nesta posição. O interessante é que as proparoxítonas causavam certas dificuldades quando os falantes interioranos tentavam pronunciá-las. Prevalencia a lei do menor esforço, e se não houvesse uma intensa interação com o mundo em desenvolvimento, seria provável que as proparoxítonas, no falar do rio Juruá, desaparecessem.

Para as realizações das vogais altas /i, u/ tanto em posição pretônica quanto em postônica, não houve variante fonológica –são mais estáveis que as vogais médias altas, exceto nas palavras “*minúsculo*, *umbigo*” [me.'nus.ku, ĩ.'bi.gu] cujos /i, ã/ que se realizaram foneticamente como [e, ĩ].

Os alteamentos e abaixamentos não aconteceram com tanta frequência, havendo uma evolução em referência à incidência deles no português de Itacoatiara e Silves (CORRÊA, 1980). O que

permaneceram inalteradas foram as reduções dos ditongos [ow] e [ej], que se realizaram foneticamente como [o, ɔ, e], seguindo a mesma tendência do restante do Brasil.

Na pesquisa de Azevedo (2001), foram encontradas, ainda, diferenças fonéticas em alguns itens lexicais como as que ocorreram nos vocábulos *fôlego*, *pérola*, *ângulo*, *cócegas*, *árvore*, cujas pronúncias foram ['foh.gu], ['pew.la], ['ã.glu], ['kɔs.ka] e ['avi].

### 3.1.4 Comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves

O estudo de Silva (2009) envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nas cidades de Itapiranga e Silves (região do Médio Amazonas, no Estado do Amazonas), apresenta resultados diversos dos de Correa (1980) em um contexto histórico totalmente diferente, uma vez que costumamos partir do pressuposto de que o usuário da língua, em uma era de inovação tecnológica constante, é mais informado do que décadas passadas e tende a adotar uma variante mais prestigiada. Portanto, veremos a seguir se o alteamento das vogais médias pretônicas /e, o/ é um fenômeno em extinção nas cidades de Itapiranga e Silves na região do Médio Amazonas.

Silva (2009), quase três décadas depois do estudo de Correa (1980), estudou as realizações das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves. A pesquisadora selecionou doze informantes, sendo seis em cada ponto e distribuídos nas seguintes faixas etárias: Faixa 01 –de 18 a 35 anos, Faixa 02 –de 36 a 55 anos, Faixa 03 –de 56 anos em diante. Outras exigências para enquadrar o informante na pesquisa foram: ser analfabeto ou ter cursado, no máximo, o ensino fundamental; ser natural da localidade e ter, preferencialmente, pais e cônjuge nascidos também no mesmo ponto de inquérito; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 da vida dele e ter boas condições de fonação. Os resultados sobre as realizações do /e/ estão apresentados na Tabela 3 e Tabela 4 abaixo:

Tabela 3 Realizações do /e/ em posição pretônica por gênero em Itapiranga

ITAPIRANGA					
Gênero	[ɛ] %	[e] %	[i] %	NR <sup>33</sup> %	Total %
Masculino	6 8,3	30 41,6	32 44,4	4 5,6	72 100

<sup>33</sup>Nenhuma das respostas anteriores.

Feminino	6 8,3	31 43,1	29 40,3	6 8,3	72 100
Total	12 8,3	61 42,4	61 42,4	10 6,9	144 100

Fonte: Silva (2009)

Tabela 4 Realizações do /e/ em posição pretônica por gênero em Silves

SILVES					
Gênero	[ɛ] %	[e] %	[i] %	NR <sup>34</sup> %	Total %
Masculino	6 8,3	27 35,5	30 41,7	9 12,5	72 100
Feminino	10 13,9	27 35,5	32 44,4	3 4,2	72 100
Total	16 1,10	54 37,5	62 43,1	12 8,3	144 100

Fonte: Silva (2009)

Nos dois pontos de inquérito, conforme as Tabelas 3 e 4 acima, houve resultados diferentes. Por exemplo, nas realizações da vogal média pretônica /e/, o [i] foi mais frequente entre os homens, que lideraram o alteamento com 44,4% do total de 144 ocorrências verificadas na cidade de Itapiranga; enquanto o alteamento dessa mesma vogal para [i] pelas mulheres na cidade de Silves ocorreu também em 44,4% dos casos. No geral, as formas concorrentes [e] e [i] estão sendo utilizadas na mesma proporção na cidade de Itapiranga, pois os dados estatísticos em termos percentuais são semelhantes com 42,4% do total de 144 ocorrências do /e/. Em Silves, o percentual geral para as ocorrências de [i] é de 43,1 % contra 37,5% de [e] e 11,1% de [ɛ].

Corrêa (1980) entrevistou informantes de uma única faixa etária, isto é, a partir dos 35 anos. Na pesquisa de Silva (2009), porém, os informantes foram distribuídos em três faixas etárias: uma mais jovem (Faixa 1, de 18 a 35 anos), uma intermediária (Faixa 2, de 36 a 55 anos) e uma de idade mais avançada (Faixa 3, de 56 anos em diante). Em qual das faixas etárias da pesquisa de Silva (2009) ocorreu mais o [ɛ], o [e], e o [i]? Os dados estão apresentados na Tabela 5 e Tabela 6 abaixo:

Tabela 5 Realizações do /e/ por faixa etária em Itapiranga

ITAPIRANGA					
FAIXAS	[ɛ] %	[e] %	[i] %	NR%	Total %

<sup>34</sup>Nenhuma das respostas anteriores.

FAIXA 1	3 6,3	25 52	17 35,4	3 6,3	48 100
FAIXA 2	3 6,3	19 39,6	23 47,9	3 6,3	48 100
FAIXA 3	6 12,5	17 35,4	21 43,8	4 6,9	48 100
Total	12 8,3	61 42,4	61 42,4	10 6,9	144 100

Fonte: Silva (2009)

Tabela 6 Realizações do /e/ por faixa etária em Silves

SILVES					
FAIXAS	[ɛ] %	[e] %	[i] %	NR <sup>35</sup> %	Total %
FAIXA 1	6 8,3	18 35,5	23 47,9	1 2,1	48 100
FAIXA 2	7 13,9	16 35,5	18 37,5	7 14,6	48 100
FAIXA 3	3 1,10	20 37,5	21 43,8	4 8,3	48 100
Total	16 1,10	54 37,5	62 43,1	12 8,3	144 100

Fonte: Silva (2009)

Levando em conta o parâmetro faixa etária, o /e/ se realizou como [e] em 52% das respostas dadas pelos informantes da Faixa etária 1 (de 18 a 35 anos) na cidade de Itapiranga. Por outro lado, a incidência maior do alteamento do /e/ foi realizada pelos informantes acima de 35 anos (Faixa 2 e Faixa 3), parâmetro de pesquisa parecido com os de Correa (1980). Na cidade de Silves, a Faixa 1 (de 18 a 35 anos) liderou o alteamento da vogal /e/ com 47,9% mostrando que os falantes usuários da língua parecem não estigmatizar o alteamento de /e/ para [i], porque na posição pretônica não existe saliência acentuada entre as vogais /e/ e /i/, que apesar de serem pares suspeitos<sup>36</sup>, não são capazes de modificar o sentido do vocábulo, como acontece geralmente com as vogais em posição tônica, onde o estigma parece mais saliente como em “já vou” falado pelo caboclo “já vu” nas variedades do português amazônico.

Tabela 7 Realizações do /o/ por gênero em Itapiranga

TAPIRANGA					
Gênero	[ɔ] %	[o] %	[u] %	NR %	Total %
Masculino	17 8,68	36 9,56	33 6,26	5 5,5	91 00

<sup>35</sup>Nenhuma das respostas anteriores.

<sup>36</sup>Pares suspeitos são sons foneticamente semelhantes e não formam pares mínimos. “Dois ou mais sons são foneticamente semelhantes quando compartilham um número maior de propriedades fonéticas do que se opõem a elas”.(CAGLIARI, 2008 p. 34)

Feminino	15 16,9	35 39,3	30 33,7	9 10,1	89 100
Total	32 17,8	71 39,4	63 35	14 7,8	180 100

Fonte: Silva (2009)

Tabela 8 Realizações do /o/ por gênero em Silves

SILVES					
Gênero	[ɛ] %	[e] %	[i] %	NR <sup>37</sup> %	Total %
Masculino	13 14,4	37 41,1	36 40	4 4,4	90 100
Feminino	19 21,1	25 27,8	41 45,6	5 5,6	90 100
Total	32 17,8	62 34,4	77 42,8	9 5	180 100

Fonte: Silva (2009)

O /o/ de acordo com o parâmetro gênero na versão dos dados originais (SILVA, p.54), ocorreu como [o] na cidade de Itapiranga em 40,3% do total das respostas dadas pelos homens. Na tabela original, são 90 ocorrências do /o/ para cada variável gênero masculino e feminino; entretanto, ao verificar os dados na mesma tabela, os valores não conferiram.

Por isso, em nova reanálise para apresentação dos dados, temos 91 ocorrências do /o/ nas respostas dos homens e 89 nas respostas das mulheres. Os novos valores percentuais apresentam um empate técnico com 39,56% na ocorrência de [o] na variável gênero/masculino contra 39,3 no feminino na cidade de Itapiranga. Em valores absolutos, não houve diferenças acentuadas entre o número de ocorrências de /o/. No geral, a variante fechada [o] é a mais difundida com 39,4% contra 35% de [u] e 17,8% de [ɔ] na nova reanálise. Entre todas as realizações do mesmo segmento, o [o] foi o mais produtivo também na fala feminina com 39,3%, e o [ɔ] o menos expressivo em ambos os gêneros.

Em Silves, ao verificarmos os dados da Tabela 8, o /o/ se realizou como [ɔ] em 14,4% dos dados masculinos contra 21,1% na fala das mulheres; como [o], ocorreu em 41,1% na fala dos homens contra 27,8% na das mulheres; como [u] foi realizado em 40% nas respostas dos homens contra 45,6% nas respostas dadas pelas mulheres.

Logo, as mulheres parecem liderar o alteamento em [u], fenômeno este que costuma aparecer no discurso dos homens por usarem uma linguagem mais descontrolada. Por isso, o alteamento da

---

<sup>37</sup>Nenhuma das respostas anteriores.



vogal média pretônica /o/, no geral, é o mais frequente na cidade de Silves para esse perfil de informante.

As realizações do /o/ foram distribuídas na Faixa 1, Faixa 2, Faixa 3 nas cidades de Itapiranga e Silves (ver Tabela 9 e 10).

Tabela 9 Realizações do /o/ por faixa etária em Itapiranga

ITAPIRANGA						
FAIXAS	[ɔ] %	[o] %	[u] %	NR %	Total %	
FAIXA 1	13 21,7	29 48,3	12 20	6 10	60	100
FAIXA 2	8 13,3	22 36,7	26 43,3	4 6,7	60	100
FAIXA 3	11 18,3	20 33,3	25 41,7	4 6,7	60	100
Total	32 17,8	71 39,4	63 35	14 7,8	180	100

Fonte: Silva (2009)

Tabela 10 Realizações do /o/ por faixa etária em Silves

SILVES					
FAIXAS	[ɛ] %	[e] %	[i] %	NR <sup>38</sup> %	Total %
FAIXA 1	14 23,3	21 35	23 38,3	2 3,3	60 100
FAIXA 2	10 6,7	28 46,7	18 30	4 6,7	60 100
FAIXA 3	8 13,3	13 21,7	36 60	3 5	60 100
Total	32 17,8	62 34,4	77 42,8	9 5	180 100

Fonte: Silva (2009)

De acordo com o parâmetro faixa etária, o /o/ se realizou, predominantemente, como [o] em 48,3% dos dados na Faixa 01 (de 18 a 35 anos) na cidade de Itapiranga, enquanto na cidade de Silves predominou o alteamento de /o/ em sua realização como [u] com 60,0% dos casos na Faixa 03 (de 56 anos em diante). Em Itapiranga, a variante alta [u] foi a mais recorrente na Faixa 2 (de 36 a 56 anos) e na Faixa 3 (de 56 anos em diante) com registros percentuais, respectivamente, de 43,3% e de 41,7%. Em Silves, a variante média alta [o] obteve registro percentual de 46,7% na Faixa 2 (de 36 a 56 anos), enquanto na Faixa 1 (de 18 a 35 anos) o predomínio foi para a variante alta com registro percentual de 38,3%. A variante média baixa [ɔ] continua com baixa expressividade também segundo esse fator.

Portanto, a variante alta [u] predominou na Faixa 2 e na Faixa 3 na cidade de Itapiranga, e predominou na Faixa 1 e na Faixa 3 na cidade

<sup>38</sup>Nenhuma das respostas anteriores.

de Silves; por outro lado, a variante média alta [o] predominou apenas na Faixa 1 em Itapiranga e predominou na Faixa 2 na cidade de Silves.

### 3.1.5 Pontos e contrapontos entre a pesquisa de Corrêa (1980) e de Silva (2009)

Enquanto, na pesquisa de Correa (1980), o alteamento era feito em 100% dos casos, na de Silva (2009), o [i] e o [u] sofrem concorrência das variantes fechadas [e] e [o]. Em três variáveis (gênero, faixa etária e ponto de inquérito), o alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foi mais frequente que as demais realizações (SILVA, 2009, p. 52-58), indicando que, atualmente, o fenômeno do alteamento está ainda muito arraigado na fala de ambas as comunidades amazônicas.

Fazendo um paralelo entre a pesquisa de Correa (1980) e a de Silva (2009) apresentamos os contextos intralinguísticos divergentes que envolveram as realizações da vogal média /e/.

Quadro 17 Contexto do /e/ nas pesquisas de Correa (1980) e de Silva (2009)

Corrêa (1980)	Silva (2009)	Ambiente fonético
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de consoante bilabial [p]
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de consoante velar [g]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante alveolopalatal [ʃ]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante palatal [ɲ]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de semivogal [j]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de vogal baixa nasal [ã]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante labiodental [f]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante alveolar [t]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante alveolar [n]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante alveolar [z]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de consoante alveolopalatal [ʒ]
16	33	Total de vocábulos

Os dados do Quadro 17, tendo como parâmetro o contexto linguístico seguinte em relação à pretônica /e/, mostram onze diferenças do contexto das realizações fonéticas dessa vogal, distribuídas em trinta e três vocábulos na dissertação de Silva (2009) e em dezesseis na de Corrêa (1980).

Na pesquisa de Corrêa (1980), dados do Quadro 17, o /e/ em posição pretônica se realizou como [i], antes de [p] e [g]. Por outro lado, na pesquisa de Silva (2009), dados do Quadro 13, o /e/, em posição pretônica, realizou-se como [ɛ], [e], [i] e NR dependendo dos contextos seguintes: [ʃ], [ɲ], [j], [ã], [f], [t], [n], [z] e [ʒ].

Na pesquisa de Silva (2009), a incidência do alteamento do /e/ para [i] não ocorreu em 100% dos dados até mesmo no contexto inicial de palavra seguida de consoante alveolopalatal [ʃ] como em *esteio*, *estopa*, *escova*, *estragada*, *esqueci* e *espinha*, pois foi verificada a incidência, embora em escala menor, da variante média alta [e] nesse mesmo contexto fonético, identificada nas seguintes transcrições: [e'côv.ɐ], [etrɐ'gadorɐ], [eʃ'kowvɐ], [eʃtrɐ'gadɐ], [eʃk'si], [eʃke'seh], [eʃ'pĩɲɐ], [eʃ'pĩɲɐʃ] e [eʃ'pĩɲɐ]. Os vocábulos escolhidos por Silva (2009) são iguais em apenas três ocorrências de /o/: *morreu*, *temporale goiaba*; e em apenas duas para as ocorrências de /e/: *bebida* e *educação*. Vamos verificar o contexto linguístico divergente no Quadro 18, que apresenta as realizações de /o/ no trabalho das duas pesquisadoras:

Quadro 18 Contexto do /o/ nas pesquisas de Correa (1980) e de Silva (2009)

Correa (1980)	Silva (2009)	Ambiente fonético
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de alveolar [n]
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de alveolar [d]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de velar [g]
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de vogal [ẽ]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de alveolar [l]
Não ocorre	Sim, ocorre	Antes de labiodental [f]
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de alveolar [z]
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de alveolopalatal [ʒ]
Sim, ocorre	Não ocorre	Antes de semivogal [w]
25	49	Total de vocábulos

O /o/ se realizou como [u] antes de [d], antes de [ẽ], antes [ʒ] e antes de [w] na pesquisa de Corrêa (1980), enquanto na pesquisa de Silva (2009), dependendo do contexto fonético seguinte, realizou-se como [ɔ], [o], [u] e NR.

Para análise das realizações do /o/ pretônico, Correa (1980) usou vinte e cinco vocábulos e Silva (2009) quarenta e nove. Com isso, o contexto intralinguístico divergiu nove vezes nas duas pesquisas.

Os dados de Silva (2009), sobre as alternantes [ɛ], [e], [i] e [ɔ], [o] e [u], mostram a diversidade de ocorrências de /e/ e de /o/ pretônicos nas cidades interioranas de Itapiranga e de Silves, mas não mostram a ocorrência do alteamento em 100% dos casos, tampouco a extinção do fenômeno do alteamento dessas vogais, que costumam caracterizar o falar típico do *caboclo* amazonense como variante estigmatizada. A inexistência de parâmetros de escolaridade mais avançada não permite concluirmos que só os iletrados ou com grau de estudo baixo são detentores do fenômeno do alteamento.

### **3.1.6 Vogais pretônicas no ALAM**

No *ALAM*, Atlas Linguístico do Amazonas realizado em forma de tese por Cruz (2004), também são abordadas as realizações das vogais médias pretônicas nas cidades amazonenses de Barcelos, Tefé, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea, Humaitá, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins. A amostra da pesquisa é composta por cinquenta e quatro informantes, sendo seis em cada ponto de inquérito. Os informantes estão distribuídos por gênero e por três faixas etárias (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e mais de 55 anos). A escolaridade do informante é de até a 4ª série do primário. Embora a pesquisa tenha parâmetros sociais para possíveis análises de variáveis dependentes, a análise das realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que se realizaram como [ɛ], [e], [i] e [ɔ], [o] e [u], teve como foco as variáveis intralinguísticas: antes de vogal tônica nasal, antes de hiato, antes de vogal tônica alta, antes de vogal tônica fechada e antes de vogal tônica aberta. O estudo de Cruz (2004) mostra a tendência das realizações de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] nos falares do Amazonas.

### **3.1.7 Outros estudos sobre vogais pretônicas no Pará e no Amazonas**

No Estado do Pará, Freitas (2001) realizou um estudo sobre as vogais médias pretônicas na cidade de Bragança seguindo os parâmetros sociolinguísticos labovianos (faixa etária, escolaridade, sexo e renda), e estudou também a influência de segmentos adjacentes a /e/ e a /o/. Os

dados da pesquisa de Freitas (2001) indicaram a incidência maior das vogais médias pretônicas fechadas [e] e [o].

No artigo “*Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base em dados do ALAM e do ALISP*”, Brandão & Cruz (2005) trazem dados que apontam para novas tendências das realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ que se contrapõem a Nascentes (1953) ao incluir o Amazonas e o Pará no *Subfalar Amazonense*, caracterizado pela presença de vogais [ɛ] e [ɔ]. As duas pesquisadoras, ao se limitarem aos *corpora do Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM* e do *Atlas linguístico sonoro-ALiSPA*, chegaram a resultados que apontam para menor incidência das ocorrências das vogais médias pretônicas [ɛ], [ɔ] nos falares amazonenses e paraenses. Nesse estudo, o /e/ se realizou como [ɛ] em 28,50% das vezes no *ALAM* e no *ALiSPA* em 36%. Na realização de /o/ para [ɔ] em números percentuais, o abaixamento ocorreu em 18,35% no *ALAM* e 21,10 % no *ALiSPA*. Com base nesses dados, o *Subfalar Amazonense* caracterizado pela existência de vogais médias pretônicas abertas, apontada por Nascentes (1953), está atualmente caracterizado pela incidência de vogais mais fechadas [e], [i], [o] e [u].

Em 2007, na cidade de Cametá, no Estado do Pará, Rodrigues e Araújo (2007) realizaram uma pesquisa sociolinguística quantitativa envolvendo as realizações das vogais médias pretônicas. As variáveis controladas nessa pesquisa foram sexo, faixa etária, escolaridade e procedência em uma amostra de trinta e seis informantes nascidos naquela localidade. Além dos parâmetros sociais, também foi analisado o contexto intralinguístico, onde aconteciam as realizações de /e/ e de /o/. Os resultados mostraram que as vogais médias fechadas [e] e [o] são as mais usadas pelos moradores locais, e os alteamentos foram favorecidos pelo contexto intralinguístico, como a presença de segmentos nasais, palatais e bilabiais. A variável faixa etária, de 25 a 45 anos e de 46 anos em diante, condicionou o alteamento das vogais médias pretônicas.

Em 2011, Brito realizou uma pesquisa de carácter fonético-fonológico, em nível de mestrado, em cinco localidades do Baixo Amazonas, uma das microrregiões do Estado do Amazonas no limite como Estado do Pará. Os municípios envolvidos foram Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Uruará, nos quais foi aplicado o questionário fonético-fonológico do *ALAM* (2004). Foram escolhidos em cada ponto de inquérito seis informantes, sendo um homem e uma mulher com idade entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e

56 anos em diante. A pesquisadora conseguiu elaborar o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas -*AFBAM* composto por 132 cartas fonéticas. Em se tratando das realizações das vogais médias pretônicas, Brito (2011) encontrou resultados que apontam para a existência de variantes pretônicas fechadas [e] e [o] na região do Baixo Amazonas.

Em 2012, Quara realizou uma pesquisa, sob os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia, em nível de mestrado, sobre as realizações das vogais médias pretônicas na fala de Manaus. A pesquisadora pretendia verificar se a hipótese de Nascentes (1953) sobre as ocorrências de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] no Norte do Brasil era confirmada em Manaus no contexto atual. Para a obtenção dos dados, Quara (2012) utilizou um questionário fonético-fonológico, que foi aplicado a vinte e quatro informantes moradores de quatro bairros da cidade de Manaus. O perfil do informante da pesquisa era de que estivesse cursando até ao 9º ano do Ensino Fundamental, tivesse idade entre 18 e 35 anos, 46 e 55 anos e 56 anos em diante, e que fosse um homem e uma mulher em cada bairro. Os resultados mostraram que diferentemente da pesquisa de Cunha e Silva na década de 80 do século passado, onde predominavam vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ], existe, no contexto atual, a predominância de vogais médias pretônicas fechadas [e] e [o] e também existe a predominância das variantes alta [i] e [u] em alguns contextos intralinguísticos específicos.

Considerando as pesquisas realizadas, podemos concluir, de maneira geral, que atualmente o panorama das realizações das vogais médias pretônicas mudou, porque não encontramos de forma predominante realizações de vogais abertas [ɛ, ɔ] nem de vogais altas [i, u] em todos os registros analisados. Por outro lado, na maioria dos contextos linguísticos predominaram as variantes fechadas [e] e [o].

### **3.2 Estudos sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ pelo Brasil**

Vários trabalhos foram realizados no Brasil sobre as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, muitos dos quais se basearam nos estudos de Bisol (1981) sobre o fenômeno do alteamento envolvendo vogais médias pretônicas. Bisol (1981) coletou dados com quarenta e quatro informantes, sendo oito monolíngues açorianos (Porto Alegre), oito bilíngues alemães (Taquara), oito bilíngues italianos (Monte Bérico, município de Veranópolis), oito monolíngues fronteiriços (Santana do Livramento), e ainda doze falantes do projeto *NURC* (Norma Urbana Culta). A pesquisadora concluiu que a presença de uma vogal alta na

sílabas seguintes funcionam como uma espécie de gatilho para o fenômeno do alteamento de /e/ e /o/ em suas realizações, respectivamente, como [i] e como [u]. Na pesquisa de Bisol (1981), os fatores que favorecem o alteamento de /e/ em sua realização como [i] foi a presença da vogal alta [i] na sílaba seguinte, não importando se esta seja átona ou se seja tônica. Quando a vogal tônica for alta posterior [u], ou seja, for uma vogal não homorgânica, o alteamento ocorre, mas de forma menos expressiva. A presença de consoantes velares no contexto precedente de /e/ e se este for seguido por consoantes palatais a propensão é pelo alteamento dessa vogal pretônica. Por outro lado, tanto consoantes alveolares no contexto precedente quanto consoantes bilabiais no contexto seguinte não favorecem o alteamento de /e/. Em se tratando do alteamento da vogal média pretônica posterior /o/, em sua realização como [u], a presença de uma consoante palatal precedente e de uma consoante alveolar seguinte favorecem o alteamento. Por último, a presença de uma vogal tônica, desde que seja nasalizada, favorece o alteamento da pretônica anterior /e/, porém não ocorre tal fenômeno se esse mesmo contexto ocorrer com a pretônica posterior /o/.

### 3.2.1 As vogais médias pretônicas em Porto Alegre no RS: um estudo sobre alçamento sem motivação aparente

Cruz (2010) fez um estudo, à luz da Teoria da Variação, sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na cidade de Porto Alegre no estado do Rio Grande do Sul. O enfoque da pesquisa foi o alçamento dessas vogais sem motivação aparente, ou seja, sem a influência de uma vogal alta /i/ e /u/ na sílaba seguinte como em “/pequeno/→[piqueno], /boneca/→[buneca]”, cujos exemplos não caracterizam o processo conhecido como harmonia vocálica.

O estudo analisou duas amostras do banco VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul), que pertencem a períodos diferentes: uma referente ao final da década de 80 do século passado envolvendo dezoito informantes, que possuíam desde o nível fundamental até o nível médio do ensino básico; a outra foi coletada entre 2007 e 2009 com dezoito informantes, que possuíam grau de estudo superior. A seleção dos informantes nessas duas épocas seguiu os parâmetros metodológicos labovianos.

Para análise do alçamento de /e/ e /o/, Cruz (2010) contou com 2.083 ocorrências de /e/ e 1.366 de /o/ na amostra de 1988 a 1989, e 3.243 ocorrências de /e/ e 1.976 de /o/ na amostra de 2007 a 2009.

As hipóteses de Cruz (2010) eram: que o dialeto gaúcho apresentava poucos casos de alçamento de /e/ e /o/ sem motivação aparente; que a incidência maior acontecia mais com /o/ do que com /e/; que tais vogais médias sofressem condicionamentos linguísticos e sociais distintos; que uma grande concentração de radicais influenciasse a elevação de /o/ em verbos e; que uma grande concentração de radicais em nomes possibilitaria a elevação do /e/ na posição vertical da língua.

Os cálculos indicaram 8,1% de alçamento de /e/ e 17,8% de /o/ na amostra dos anos de 1988-1989. Na amostra de 2007 a 2009, o alçamento foi mais baixo ainda com percentuais de 7,9% para /e/ e 10% para /o/.

Portanto, o alçamento das pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente não foi um fenômeno recorrente no dialeto gaúcho e ocorreu mais com a vogal /o/ do que com a vogal /e/. A ocorrência das alternantes [e] e [o] foi facilitada pelo contexto seguinte, contexto precedente, altura da vogal seguinte, altura da vogal precedente, altura da vogal tônica não contígua, nasalidade, tipo de sílaba e classe gramatical do vocábulo. Além do contexto fonético influenciando /e/ e /o/, foram consideradas também as variáveis idade para a amostra de 1988 a 1989 e gênero para a amostra de 2007 a 2009.

O resultado da pesquisa de Cruz (2010) mostrou que tanto fatores fonéticos quanto fatores lexicais influenciaram as realizações de /e/ e /o/.

### **3.2.2 As pretônicas no falar teresinense**

A tese de Silva (2009) fundamentada na Teoria da Variação Linguística delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (1972), aborda o comportamento das pretônicas /e/ e /o/ na fala dos moradores da cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí. A pesquisa revelou assim como os trabalhos de Marroquim (1934) que alguns pontos da região nordestina brasileira não se constituem somente pela incidência de vogais médias abertas [ɛ, ɔ], pois existem contextos linguísticos com históricos diferentes nos estados dessa região, de forma que vogais consideradas estranhas surgem onde não se esperaria encontrá-las.

Silva (2009) partiu do pressuposto de que vogais médias abertas sejam ainda predominantes na fala teresinense, mas que a variante fechada [e] ocupa um espaço nesse dialeto. Além disso, o dialeto teresinense apresentaria três tipos de harmonia vocálica [e, ɔ], [ɛ, ɔ]



e [i, u] e apresentaria também flutuações [ɛ~e~i] e [ɔ~o~u], que aconteceriam no mesmo item lexical e diante de uma vogal alta da sílaba seguinte.

A pesquisa considerou, além dos fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade), influências de fatores linguísticos, tais como: contiguidade, homorganicidade, tonicidade, paradigma, distância da tônica, derivada de tônica e os contextos precedentes e seguintes.

Foram analisadas nessa pesquisa 5.308 casos envolvendo as pretônicas /e/ e /o/. Os dados foram obtidos mediante entrevistas com trinta e seis informantes distribuídos por gênero, faixa etária e escolaridade.

Como resultado, a altura da vogal seguinte foi um fator determinante para harmonização vocálica entre vogais abertas [ɛ, ɔ], vogais fechadas [e, o] e vogais altas [i, u]. Por outro lado, os fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade) foram irrelevantes para a harmonia vocálica entre vogais abertas, fechadas e altas. Segundo Silva (2009) o uso moderado da harmonia com a vogal alta facilitou a ocorrência em um mesmo item lexical das flutuações [ɛ~e~i] e [ɔ~o~u]. De fato, as vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ] foram predominantes na fala dos moradores da cidade de Teresina, e tais ocorrências apontam para um processo de neutralização em favor dessas vogais médias consideradas abertas.

### **3.2.3As vogais pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**

Tendo como fundamentação os pressupostos teóricos metodológicos da Teoria da Variação e da Mudança linguística (LABOV, 1972), Dias (2008) objetivou descrever e analisar as realizações das vogais médias pretônicas/e/ e /o/ na fala dos moradores das cidades mineiras de Piranga, localizada na Zona da Mata Mineira, e de Ouro Branco, situada na região Central. A pesquisa estava vinculada a três grupos: Para uma história Social do Português do Brasil – PHPB/CNPq; Descrição Sócio-histórica do Português do Brasil – PROBRAVO/CNPq; Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística – NUPEVAR (FALE/UFMG). Além disso, o estudo em foco estava também vinculado a um projeto de pesquisa chamado Variação e Mudança: Aspectos Morfológicos, Fonético-fonológicos e Lexicais –

VARFON-Minas, que por sua vez, estava inserido no projeto de pesquisa MINEIRÊS/FAPEMIG.

Para esse estudo foram entrevistadas dezesseis informantes. Das entrevistas foi possível Dias (2008) coletar 15.407 ocorrências das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ como médias abertas, fechadas e altas.

Dias (2008) controlou aspectos sociais como gênero, faixa etária e origem do falante e controlou também os fatores fonéticos como: tipo silábico, vogal da sílaba tônica, vogal entre a vogal da variável e a tônica, tipo de morfema em que a vogal era inserida, paradigma com a vogal aberta, distância da sílaba tônica, classe morfológica, modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do segmento seguinte, ponto do seguimento seguinte, distância do início da palavra, número de sílabas da palavra e item lexical.

Na cidade de Piranga, a vogal alta da sílaba seguinte favoreceu o alteamento de /e/ e de /o/, e os fatores como a nasalidade da tônica e as consoantes adjacentes a esses segmentos vocálicos contribuíram para o abaixamento.

Os processos fonológicos como harmonia vocálica, redução vocálica e neutralização vocálica foram responsáveis pelas ocorrências de vogais abertas [ɛ, ɔ], fechadas [e, o] e altas [i, u]. Os resultados mostraram também uma relação existente entre o grau de abertura e determinados itens lexicais, e entre o alçamento e itens lexicais específicos.

Um mesmo item lexical apresentou oscilação entre altas e abertas segundo Dias (2008), porque o contexto podia favorecer ora o alçamento, ora o abaixamento. O modo como falante pronunciava as vogais /e/ e /o/ foi diferente entre jovens e adultos e foi diferente entre homens e mulheres.

O alçamento de /e/, ligeiramente estigmatizado, na fala dos moradores da cidade de Piranga e de Ouro Branco ocorreu por harmonia vocálica. Nas duas cidades mineiras, esse fenômeno também foi favorecido pela presença dos prefixos *de-* e *des-*. Quando o método de coleta de dados mudava, o alçamento de /e/ teve menor incidência devido ao controle feito pelo falante no momento da leitura de textos e de palavras.

O abaixamento de /e/ em Piranga e em Ouro Branco se deve a influência da vogal aberta da sílaba tônica, ou seja, ocorreu o mesmo processo de harmonia vocálica. Além desse processo de harmonia vocálica, as vogais médias nasais [en-] e [on-] e as vogais altas nasais [i] e [u] na sílaba tônica ou entre a vogal da variável e a tônica

condicionaram o abaixamento de /e/ na cidade de Piranga. Os morfemas prefixais pré-, per- e re- condicionaram também a abertura nessa cidade.

O abaixamento de /e/ nas duas cidades mineiras possuem percentuais diferentes, porque os moradores de Piranga pronunciam [ɛ] e [ɔ] de forma mais frequente, enquanto em Ouro Branco tal abertura é menos incidente. A presença de vogais médias abertas das realizações de /e/ é superior às alternantes altas [i] e [u] na entrevista, na leitura de texto e de palavras em Piranga; por outro lado, em Ouro Branco, tal fenômeno é superior somente na leitura de textos e de palavras. Dias (2008) concluiu que a variante [ɛ] não é estigmatizada nessas duas cidades mineiras.

O alçamento de /o/ em Piranga e em Ouro Branco aconteceu por harmonia vocálica e por redução vocálica advinda da diminuição da diferença articulatória das vogais em relação aos segmentos consonânticos adjacentes. Desta vez, esse fenômeno é estigmatizado e tende a diminuir no processo de leitura de textos e de palavras.

Tanto em Piranga quanto em Ouro Branco, o abaixamento de /o/ é favorecido pelo grau de abertura da tônica no processo de harmonia vocálica. Em Piranga, as vogais médias nasais [en-] e [on-] e as altas nasais [in-] e [un-] condicionaram a abertura de /o/, cuja incidência foi superiora Ouro Branco nos três estilos estudados. Da mesma forma que [ɛ], o [ɔ] não é estigmatiza nas duas cidades.

Dias (2008) concluiu em sua pesquisa que os processos de alçamento e de abertura das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ aconteceram por difusão lexical. Mas em alguns itens lexicais não foi possível explicar a presença desses dois fenômenos.

As realizações de/e/ e de /o/ na cidade de Piranga, que apresentou 26,3% de abertura para /e/ e 21% de abertura para /o/, caracterizam uma área de transição com percentuais de abertura próximos aos encontrados por Célia (2004) na cidade de Nova Venécia, no Estado do Espírito Santo (com 16% de abertura para /e/ e 23% de abertura para /o/).

### **3.2.4As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**

Viana (2008), fundamentada na Teoria da Variação Linguística Laboviana (1972) e sob a perspectiva difusionista pautada no comportamento do falante e na composição do item lexical, estudou o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala dos

moradores da cidade de Pará no Estado de Minas Gerais. Os moradores da área central dessa cidade apresentavam as seguintes pronúncias para o /e/ e para o /o/: [pulícia], [ricibo], [socorro], [cerveja], [colégio], [remédio], etc. Essa flutuação de aberta~fechada~alta chamou a atenção da pesquisadora, que resolveu analisar o fenômeno linguístico.

Os dados foram coletados mediante entrevistas feitas com trinta e seis informantes selecionados segundo as variáveis sexo, idade, escolaridade e classe social.

As variáveis dependentes controladas na amostra foram as vogais médias pretônicas /e/ e /o/, que apresentavam formas variantes, respectivamente, [ɛ, e, i] e [ɔ, o, u].

E o grupos de fatores que atuavam sobre as variáveis dependentes foram as variáveis independentes envolvendo aspectos estruturais: nasalidade, atonicidade, vogal tônica –posição, vogal tônica –altura, vogal tônica –nasalidade, estrutura da sílaba, presença de *onset*, distância da vogal tônica, contexto precedente, contexto precedente –ponto 1, contexto precedente –ponto 2, contexto precedente –modo, estado da glote do segmento precedente, contexto seguinte –ponto 1, contexto seguinte ponto 2, contexto seguinte –modo, estado da glote do segmento seguinte e classe de palavra. Foram também controlados como variáveis independentes os fatores não estruturais como: indivíduo (número de informantes), sexo (masculino e feminino), faixa etária (< 25 anos, 30 a 50 anos, > 60 anos), escolaridade (analfabeto, ensino médio, ensino superior), classe social (classe média, classe baixa), estilo (formal, informal).

Como resultado da pesquisa, as primeiras rodadas feitas pelo programa GOLDFARB 2006, levando-se em consideração as variáveis não estruturais (indivíduo, sexo, faixa etária, escolaridade, classe social e estilo), foram irrelevantes para as realizações de /e/ e de /o/. Dentre essas variáveis, o fator indivíduo foi o que mostrou mais relevância, e tudo indica que se trata de um processo por difusão lexical. As realizações de /e/ e de /o/ como variantes pretônicas fechadas [e] e [o] são mais frequentes em Pará de Minas. As alternantes [e] e [i] foram condicionadas pela altura da vogal da tônica em processo de harmonia vocálica como, por exemplo, na variante fechada (pretendo, aconteceu, exercício, etc.), na variante alta (serviço, bebida, estuda, minino, segundo, perdia, etc.). A presença da vogal baixa /a/ desfavoreceu o alteamento de /e/ como nos vocábulos *Fernando, lembranças, mercado, chegar*, etc.).

Os resultados da pesquisa de Viana (2008) mostraram que nem sempre contextos linguísticos favoráveis ao alçamento, ao abaixamento ou a manutenção de /e/ e /o/ possibilitam a ocorrência desses fenômenos. Porém, ambientes fonológicos desfavorecedores, onde não se esperaria a alternância entre vogais médias pretônicas abertas, fechadas e altas, ocorrem as realizações vocálicas de /e/ e de /o/. Por isso Viana (2008) considera que a mudança sonora ocorre lenta e gradual, pois primeira acontece com alguns itens lexicais e, mais tarde, se propaga para outros léxicos. Dessa forma fica caracterizado o modelo difusionista.

### **3.2.5 A variação das vogais médias pretônicas na cidade Mineira de Machacalis**

Almeida (2008) descreveu e analisou o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala dos moradores da zona rural e da zona urbana da cidade de Machacalis, localizada no vale do Jequitinhonha/Vale do Mucuri no Estado de Minas Gerais. O pressuposto teórico-metodológico utilizado pela pesquisadora foi a Teoria Variacionista de Labov (1972). Os dezesseis informantes foram escolhidos segundo os parâmetros gênero, faixa etária e região. Dos dados foram analisadas 13.748 ocorrências de /e/ e /o/ de acordo com o contexto linguístico, a saber: tipo silábico, vogal da sílaba tônica, vogal entre a vogal da variável e a tônica, tipo de morfema, paradigma com a vogal aberta, distância da sílaba tônica, classe morfológica, modo do segmento precedente, ponto do segmento precedente, modo do seguimento seguinte, ponto do segmento seguinte, distância do início da palavra, número de sílabas da palavra e item lexical.

Nesse estudo, Almeida (2008) pôde descrever e analisar as três realizações das vogais médias pretônicas de /e/ e /o/: alternantes abertas [ɛ] e [ɔ], alternantes fechadas [e] e [o] e alternantes altas [i] e [u].

Na zona rural e na zona urbana de Machacalis, o alçamento e o abaixamento de /e/ e de /o/ acontece por harmonia vocálica. Contribuiu também para o fenômeno do alçamento a presença do prefixo *des-* no item lexical, e para o abaixamento *pre-*, *per-* e *re-* nas duas zonas de Machacalis.

As consoantes adjacentes (líquidas precedentes e seguintes, fricativas precedentes, tepe seguinte, dorsais precedentes e seguintes) facilitaram a neutralização entre [ɛ] e [e] em favor de [ɛ].

Quanto ao alicamento de /o/, tanto na zona rural quanto na zona urbana de Machacalis, aconteceu também por harmônica vocálica. Entretanto, a presença da alternante [u] pôde ser explicada também pela redução vocálica e restrições lexicais.

A abertura de /o/ na zona urbana aconteceu pela presença de vogais baixas [ɛ] e [a] na sílaba tônica. O paradigma com vogal aberta, por sua vez, condicionou a abertura de /o/. Além disso, houve neutralização entre [ɔ] e [o] em favor de [ɔ], e a presença de vogais médias nasais [en-, on-], altas nasais [in-, un-] na sílaba tônica condicionou a abertura de /o/.

Os morfemas prefixais *co-* e *pro-* foram favorecedores da abertura na zona urbana e na zona rural. Nos estilos leitura de texto e leitura de palavras, o percentual de incidência de [ɔ] é maior na zona rural do que na zona urbana, e em todos os estilos o fenômeno de abaixamento de /o/ aconteceu com maior frequência.

O índice de abertura de /e/ e de /o/ na zona urbana de Machacalis foi, respectivamente, de 32,9% e de 26,9%, enquanto na parte rural dessa cidade os índices foram, respectivamente, 33,4% para /e/ e 26,7% para /o/.

Na fala dos moradores de Machacalis houve influência tanto das vogais tônicas quanto das consoantes adjacentes nas realizações de /e/ e de /o/.

### **3.2.6 As vogais médias pretônicas na fala dos moradores da cidade de Formosa em GO**

Graebin (2008) elaborou uma dissertação sobre as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ com moradores da cidade de Formosa, no Estado de Goiás. Essa pesquisa teve os seguintes objetivos: situar a fala de Formosa no contexto linguístico brasileiro tendo como parâmetro as realizações das vogais médias /e/ e /o/; analisar intra e extralinguisticamente as ocorrências de /e/ e /o/ como vogais médias altas [e, o], como vogais médias baixas [ɛ, ɔ] e como vogais altas [i, u]; relacionar os processos de alteamento das vogais médias [i, u], do abaixamento das vogais médias [ɛ, ɔ] e das variantes fechadas [e, o] com os construtos teóricos neogramáticos, difusionista (OLIVEIRA, 1991; VIEGAS, 199) e exemplares (BYBEE, 2002).

Foram feitas catorze entrevistas com informantes da faixa etária dos 30 a 40 anos, sendo sete trabalhando em Brasília e outros sete não

trabalhando em Brasília. Além disso, Graebin (2008) procurou equilibrar as características dos informantes com referência ao sexo, à classe socioeconômica e ao nível de escolaridade, de forma que o perfil ficou, assim, estabelecido:

Quadro 19 Perfil do informante na pesquisa de Graebin (2008)

Contato com Brasília		Sexo	Classe social		Escolaridade	
Diário	7	Feminino 7	Alta	3	Até 8 anos	3
Esporádico	7	Masculino 7	Baixa	8	De 8 a 11 anos	4
			Baixa	3	Acima de 11 anos	7

Fonte: Graebin (2008)

Na coleta de 5.662 dados, Graebin (2008) usou um questionário modelo, e na de outros 884 usou um texto, que era lido pelos entrevistados.

As realizações fonéticas de /e/ como [ɛ], como [e] e como [i], e de /o/ como [ɔ], como [o] e como [u] na fala dos moradores da cidade de Formosa são semelhantes às da fala do Estado da Bahia e do norte do Estado de Minas Gerais. Dessa forma, Graebin (2008) enquadra a fala dos moradores da cidade de Formosa como um subfalar baiano.

Nessa pesquisa, as realizações de /e/ e de /o/ também foram influenciadas pela frequência e pela classe gramatical do vocábulo em análise. Por isso, a autora não pôde sustentar que somente fatores linguísticos (modelo neogramático) influenciaram o alteamento, o abaixamento e a posição neutra das vogais médias /e/ e /o/, tampouco pôde sustentar a variação por um processo plenamente difusionista. Porém, a influência desses fenômenos vocálicos se deve a fatores fonéticos e a fatores lexicais, mais facilmente compreensíveis segundo o modelo dos exemplares (BYBEE, 2002). A predominância de uma vogal média pretônica realizando-se como fechada e como alta ou foi restrita a grupos lexicais específicos, ou foi devido à presença de condicionadores fonéticos. Como, por exemplo, a presença das variantes fonéticas [e] e [o] nos vocábulos *você*, *pessoa*, *semana*, *morreu*, e a presença das variantes altas [i] e [u] nos vocábulos *piqueno*, *imhora*, *porque*, *minino*, *bunito*, *sutaque*, *dimais* e *pulícia*, logo essas realizações de /e/ e de /o/ possuem casos que podem ser explicadas tanto pelo modelo neogramático quanto pelo modelo difusionista.

Portanto, Graebin (2008) inferiu que o fenômeno da elevação era um processo já acabado e ocorria por difusão lexical, sendo esta menos recorrente nos casos de abaixamento das vogais /e/ e /o/.

### **3.2.7 Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**

Klunk (2007) pesquisou com base na Teoria da Variação laboviano alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em contextos desfavorecedores onde não era esperado que ocorresse esse fenômeno. Os dados foram coletados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul) sobre o português falado na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Foram feitas vinte e quatro entrevistas, as quais forneceram 4.208 dados de ocorrências das vogais médias pretônicas, sendo 2.229 ocorrências de /e/ e 1.979 de /o/.

A hipótese de Klunk (2007) era de que o alçamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ sem motivação aparente fosse pouco incidente no dialeto gaúcho. Hipótese comprovada mais tarde, pois de fato o alçamento de /e/ e de /o/, em suas realizações, respectivamente, como [i] e [u], não foi frequente nos ambientes desfavorecedores e ocorreu mais com /o/ do que com /e/.

Das 2.229 ocorrências de /e/, somente em noventa e seis (4% do total) sofreram alteamento, e das 1.979 ocorrências de /o/, somente em 235 (12% do total) aconteceu esse fenômeno.

Os fatores fonéticos (contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, altura da vogal da sílaba seguinte, altura da vogal da sílaba precedente, distância da tônica, tipo de sílaba, nasalidade, gênero e grau de escolaridade) foram insignificantes na elevação de /e/ e de /o/.

O fenômeno do alteamento de /e/ e de /o/ aconteceu com palavras que eram aparentadas como **cun**versa, **cun**versava, **cun**versando, **chu**vendo, **chu**veu, **chu**ver. Klunk (2007) concluiu, por isso, que se tratava de uma variação em nível lexical e não uma variação neogramática.

### **3.2.8 As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**

As vogais médias pretônicas são analisadas por Marques (2006) no português coloquial em contato entre o dialeto carioca e o dialeto paraibano, e entre o dialeto falado no Brasil e o falado em Portugal.



O material utilizado para análise das variantes pretônicas /e/ e /o/ se baseou somente em amostras coletadas no município do Rio de Janeiro, para onde os paraibanos emigraram, e em amostras coletadas na cidade portuguesa de Lisboa, para onde também brasileiros emigraram.

A tese de Marques (2006) se baseou tanto nos estudos sobre dialetos em contato, da autoria de Trudgill (1986), que, por sua vez, fundamentou-se na Teoria da Acomodação de Howard Giles (1973), quanto na Teoria da Variação Linguística de Labov (1972).

O propósito desse estudo foi verificar o processo de acomodação dialetal envolvendo vogais médias pretônicas na fala do migrante paraibano residentes na cidade do Rio de Janeiro e na fala de brasileiros residentes em Lisboa.

A produção de vogais médias fechadas por paraibanos vivendo no Rio de Janeiro foi condicionada, prioritariamente, por condicionadores externos à língua.

Os resultados mostraram que as vogais médias pretônicas experimentam um processo de acomodação dialetal, pois os paraibanos assimilaram rapidamente as variantes pretônicas da cidade do Rio de Janeiro num período de dez anos. Enquanto em Lisboa, esse período foi insignificante, pois não alterou a pronúncia das vogais médias pretônicas na fala de emigrantes brasileiros. Segundo Marques (2006) tal fato é devido às pressões sociais sobre os paraibanos serem mais forte no Rio de Janeiro do que em Lisboa.

Os paraibanos na nova localidade foram falando cada vez menos as variantes de /e/ e /o/ como abertas [ɛ] e [ɔ] e como alta para o caso de [i], pois o [u] manteve praticamente a mesma frequência. Em contrapartida houve um aumento relevante na prolação de [e] e de [o], embora os informantes emigrantes mantivessem seus traços prosódicos de origem.

Os informantes com escolaridade até o ensino fundamental pronunciavam mais as variantes abertas [ɛ] e [ɔ] (variantes paraibanas), enquanto os mais escolarizados se acomodavam ao pronunciarem as variantes fechadas [e] e [o] (variantes cariocas). Já o alteamento de /e/, em sua realização como [i] foi realizado pelos menos escolarizados, e o alteamento de /o/, em sua realização como [u] independia do fator grau de escolarização.

Quanto à faixa etária, os informantes mais novos eram mais suscetíveis à acomodação. O peso relativo à aplicação de [ɔ] cai à medida que os falantes tinham de 5 a 10 anos de residência no Rio de

Janeiro. Quanto mais velho o falante, maior era a probabilidade de aplicação de [u].

A acomodação dialetal no que diz respeito às realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ por falantes brasileiros vivendo em Lisboa não foi expressivo e na maioria dos casos mantiveram os traços prosódicos adquiridos no Brasil.

### **3.2.9 As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia no ES**

Cellia (2004) propôs descrever em seu trabalho a variação linguística envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala culta da cidade de Nova Venécia no Estado do Espírito Santo. O estudo é de base sociolinguística variacionista e compreendeu um *corpus* de 2.950 sobre o alteamento e o abaixamento de /e/ e de /o/. Os dados foram coletados a partir da fala de nove informantes do sexo feminino. O condicionador extralinguístico para as realizações de /e/ e de /o/ foi a faixa etária, enquanto a nasalidade, o tipo de vogal tônica, a distância, a pretônica seguinte, a atonicidade, a consoante precedente, a consoante seguinte e a estrutura silábica foram os condicionadores intralinguísticos. Os resultados da pesquisa de Cellia (2004) mostraram uma flutuação entre vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ], médias fechadas [e] e [o] e altas como realizações de /e/ e de /o/. Essa flutuação ocorreu por harmonia vocálica e foi independente da tonicidade da vogal seguinte.

Os casos de alteamento foram favorecidos pela nasalidade, atonicidade, estrutura silábica e pelas consoantes adjacentes. O abaixamento, por sua vez, foi favorecido pela atonicidade e pelas consoantes adjacentes. A realização ternária das vogais pretônicas /e/ e /o/ permitiu a Cellia (2004) afirmar que o dialeto capixaba corresponde a uma região de transição entre os dialetos do sul e do norte do Brasil. Quanto ao fator faixa etária, embora controlado, não permitiu a autora fazer generalizações conclusivas por falta de dados e pelos índices de probabilidade serem tão baixos.

#### 4 REVISÃO BIBLIOGRÁFIA SOBRE A VARIAÇÃO LEXICAL

A variação lexical é caracterizada pelo emprego de duas ou mais lexias para o mesmo referente. As lexias são unidades lexicais memorizadas (POTTIER *et al.*, 1975), que são acionadas pelo usuário da língua durante sua prolação verbal. Duas ou mais lexias com o mesmo conteúdo semântico, sob a perspectiva do pesquisador, possuem radicais diferentes e podem ser selecionadas por falantes de acordo com o lugar, com a faixa etária, com o grau de escolaridade etc. Segundo Basílio (1995), uma variante lexical é definida tendo como base os conceitos de flexão e derivação. Isso, porém, não é bem claro. Dessa forma, resta-nos, apenas, prosseguir com um conceito intuitivo que temos sobre uma variante lexical. Tal conceito constituiu um problema para linguistas e gramáticos. Apesar disso, uma variante lexical é facilmente reconhecida pelos usuários nativos de uma língua (adaptado de BASÍLIO, p. 12, 1995), ou seja, para um informante só existe aquela a forma, considerada padrão em seu dialeto. É o caso, por exemplo, de *guerra*, pronunciada dessa forma pelos informantes das comunidades do Igarapé do Juruti-velho, em referência a forma *guelra*. É o caso, também, de *sãmechuga* pronunciada até por informantes com escolaridade avançada na cidade de Coari, no Médio Solimões, em referência à *sanguessuga*, que é ensinada na escola.

O léxico constitui, pois, o repertório linguístico de um falante ou de um grupo de falantes em uma comunidade.

Se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de “memória representativa” das ‘matrizes cognitivas’ construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constante, que se vai reformulado passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa. Não podia ser diferente. Basta considerarmos a inexorável instabilidade e variabilidade de que é dotado o mundo. Tudo muda; tudo está em processo de definição e de redefinição; até mesmo as concepções que temos das coisas. [...] (Antunes, p. 28, 2012)

Não é possível contarmos todo léxico de uma língua, porque existem os vocábulos potenciais, que, ocasionalmente, são acionados pelo usuário. Mesmo que consultássemos todas as fontes como obras

lexicográficas, dicionários, livros, *sites*, etc. seria impossível levantarmos o léxico de uma língua, em face da criatividade humana e em face do dinamismo do próprio sistema lexical, que apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão vocabular (BASÍLIO, p. 9, 2009).

No Dubois *et al* (2008, p. 363-364) temos as seguintes definições para o léxico:

1. Em relação à lexicografia, a palavra *léxico* pode evocar dois tipos de obras: um livro que compreenda a lista dos termos utilizados por um autor, por uma ciência, ou uma técnica, ou um dicionário bilíngue reduzido à colocação em paralelo das unidades léxicas das duas línguas confrontadas. Por essa razão, *léxico* opõe-se a *dicionário*.
2. Como termo linguístico geral, a palavra *léxico* designa o conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor etc. Por essa razão, *léxico* entra em diversos sistemas de oposição, conforme o modo pelo qual é considerado o conceito.

De acordo com a estatística lexical, o termo *léxico* está relacionado à língua, enquanto o vocabulário ao discurso. Se por um lado as unidades do léxico são os *lexemas*, por outro as unidades do discurso são os vocábulos e as palavras (DUBOIS *et al.*, 2006).

Almeida e Correia (2012) definem *léxico* diferentemente de vocabulário. Aquele é um conjunto virtual de todas as palavras da língua, incluindo as novas, as arcaicas, as atestadas e aquelas que são possíveis ao levarmos em consideração os processos de construção de palavras disponíveis, ou seja, palavras, que poderão existir; enquanto este é um conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, constituindo-se em um conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de fato no discurso.

Silva (2010, p. 12-13) define *léxico* como um conjunto de itens lexicais e de suas propriedades relevantes para a organização da gramática. Sob a perspectiva do falante, Silva (2010, p. 13) considera que alguns falantes consideram as forma *vassoura* e *assovio* como substantivos sendo *vassoura* feminino e *assovio* masculino. Essas formas não existem para outros falantes, cujas entradas lexicais seriam

*bassoura* e *assobio*. O falante usa, pois, a forma registrada em seu léxico. Há casos em que uma palavra pode apresentar duas formas lexicalizadas diferentes para o mesmo falante. Seria o caso da palavra *ruim*, que para inúmeros falantes do português é produzida como *rúim*; outros, porém, produzem-na como *ruím*.

Portanto, o léxico é campo aberto e está sujeito a contínuas mudanças em sua estrutura de ordem linguística ou extralinguística. Devido à necessidade humana de renomeação do mesmo referente, temos duas ou mais variantes lexicais. Podemos dizer metaforicamente que o léxico é uma bola de neve, pois está sempre aumentando. Está sempre em expansão.

#### **4.1O léxico da mandioca nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho**

Azevedo e Margotti (2012) elaboram um estudo lexical-etnográfico nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, Baixo Amazonas (PA). Esse Igarapé faz parte do território do município de Juruti, no Estado do Pará. O objetivo desse estudo foi elaborar um glossário de termos usado na roça pelos moradores ribeirinhos. O *corpus* dessa pesquisa de cunho dialetológico foi constituído pela realização de entrevistas feitas com dez informantes, que há anos trabalhavam ou trabalharam na fabricação de farinha e de seus subprodutos. No final foram registrados 222 itens lexicais, incluindo os nomes das mandiocas cultivadas na região, os processos de produção dos subprodutos da mandioca, os utensílios usados na fabricação da farinha e outros derivados. A maioria dos nomes das mandiocas já existia nos dicionários e aconteceu, apenas, a extensão semântica com a utilização de uma mesma terminologia para um novo referente.

As mandiocas das comunidades do Igarapé do Juruti-velho receberam as seguintes denominações pelos moradores locais: *tucumã*, *miriti*, *coraci*, *pororoca*, *achadinha*, *marrequinha*, *coraci branca*, *traíra*, *branca*, *paixão*, *ajuda*, *coraci preta*, *coraci amarela*, *pororoquinha*, *mamuru*, *zolphuda*, *olímpia*, *camarãozinho*, *bodó ou acari*, *aruanã*, *macaxeira*, *macaxeira manteiga*, *macaxeira vermelha*, *macaxeira jabuti*, *macaxeira amarela*, *manicuera*, *manicuera branca*, *manicuera roxa*, *menina*, *pagoa*, *carga de burro*, *arpão*, *socó*, *juritizinho*, *iá*, *tambiqui*, *estaquinha*, *estaca grande*, *perereca*, *rosarinho*, *tapaiúna*, *anuecê*, *inajá*, *jerimum* e *leandra*. A maioria desses

nomes não tiveram entradas nos dicionário Houaiss (2009) e Aurélio (2009) com referentes de mandiocas.

Na produção de farinha das comunidades do Igarapé do Juruti-velho são usados os seguintes instrumentos:

1. no preparo da farinha, principalmente, são utilizados vários instrumentos, que ficam disponíveis no barracão: *garera, gamela, cuia, sacos, bacia, panelas*;

2. para secagem da massa: *tipiti, prensa*;

3. para mexer a farinha no forno: *remo, rodo, pá, cuiapéua*;

4. para evitar que a massa no tipiti caia no chão: *rolha, pano, ouriço de castanha, cuia*;

5. para carregar a mandioca da roça para o barracão: *paneiro, saco*;

6. para descascar a mandioca: *terçado, faca, raspador*;

7. para serrar a mandioca: *motor de serrar mandioca, ralo*;

8. para torrar a farinha: *forno de barro, forno de camburão de diesel, forno de aço*;

9. para peneirar a massa serrada: *peneiras para a massa da farinha e para a massa dos beijos; para esticar o tipiti: pau-do-tipiti*;

10. para alimentar a fornalha ardente do forno: *lenhas do roçado*.

Abaixo, temos algumas fotos dos instrumentos usados na confecção da farinha:



Figura 12 Tipiti em ação



Figura 13 Espremedor (buraco)

Na Figura 12, temos o *tipiti* em ação, ou seja, está estendido para eliminar o excesso de tucupi, que contém veneno (ácido cianídrico). O pau do *tipiti* é encaixado em um buraco chamado pelos moradores locais de *espremedor* (Figura 13). Para se fazer outras atividades e ganhar tempo, as pessoas colocam toras de madeira do roçado sobre o *pau do tipiti*.



Figura 14 Cuiapéua



Figura 15 Rodo

Na Figura 14 (*cuiapéua*) e na Figura 15 (*rodo*), temos dois instrumentos com funções específicas no forno com a farinha. A *cuiapéua* é usada para esfriar a farinha, facilitando sua granulação, enquanto o *rodo* é usado para mexer a farinha no forno em um movimento de ida e de vinda.

As terminologias encontradas para os derivados da mandioca foram:

1. A *maniçoba* (ver Figura 16) de origem indígena é feita da folha da macaxeira adicionada ao couro ou ao rabo chamuscado do peixe-boi. Não é uma comida comum no Amazonas, porque ela faz parte mais do prato do paraense. Em Belém é preparada das folhas da mandioca venenosa, as quais precisam ser cozidas durante dias para a desintoxicação ou a retirada do ácido cianídrico. Após esse processo, às folhas cozidas ou moídas são acrescentados diversos ingredientes cabendo a livre escolha e a criatividade de cada um.





Figura 16 Maniçoba

<http://www.portalxbox.com.br>

2. O *beiju cica* é uma massa preparada no ralo fino e deve ser amassada bem e lavada duas, três vezes. Para certas pessoas, bastava-lhes tirar o tucupi e lavar com sal. Dessa forma, ele fica bem salgadinho. O forno precisa estar quente para o beiju ser armado à mão. O formato dele é redondo e é feito da mandioca dura e de cor branca, mas pode ser feito de outras mandiocas, desde que a massa receba um tratamento mais cuidadoso quanto à desintoxicação.

3. O *beiju d'água* é feito da mandioca colocada na água (mandioca de toco mole) e vai ao forno quente envolto em folha de bananeira. Para o preparo dela, é preciso ralar a mandioca, amassar a massa, secar no tipiti e peneirar em uma peneira fina.

4. O *beiju peteca* ou *pé-de-moleque* pode ser escaldado com água quente ou no forno quente para depois ser amassado na *garera, gamela* ou na bacia. Para tornar a massa mais liguenta, coloca-se água fria e acrescentam-se açúcar, óleo, castanha, leite, dependendo do gosto da pessoa que está fazendo. O beiju é armado na folha de bananeira e é colocado no forno quente. Quando começa avermelhar, invertem-se os lados para serem assados igualmente.

5. O *carimã* é feito da massa da mandioca sevada. Lava-se a massa sucessivas vezes para ser secada no forno quente. Do carimã, fazem-se beiju, frito e mingau.

6. A *crueira* são as sobras da massa na peneira, que são postas ao sol para secar. Quando piladas, tornam-se pó, do qual se pode fazer frito, beiju e mingau.

7. O *tarubá* (Figura 17) é uma bebida de cor branca. Para prepará-lo é preciso fazer grande quantidade de beijus de mandioca envoltos em folhas de bananeira ou da planta chamada de curumim (ver Figura 18). Segundo os informantes, quem preparar o *tarubá* não pode tomar banho durante sete dias, “não pega no sabão” e não pode dormir junto de alguém. Se a pessoa não fizer isso, a bebida não “presta”.



Figura 17 Tarubá



Figura 18 Curumim

8. A *farinha d'água* ou *farinha de toco mole* é feita da mandioca que ficou amolecendo na água do riacho ou do igarapé. A mandioca adquire uma cor amarelada, de forma que a farinha vai receber essa coloração. As pessoas, que fazem farinha de *toco mole*, costumam serrar a mandioca em um dia e em outro torram a massa mais macia.

9. A *farinha seca* é feita da mandioca que ficou de molho de um dia para outro com casca ou sem casca. “A gente coloca na água de

tarde e tira de manhã com casca ou sem casca pra ela não amolecer. A massa dela tem que ser lavada igual à massa do beiju cica e depois torra e fica gostosa e é ótima pra mingau. Ela é branca” (DSA).

10. A *farinha de mistura* é a que se costuma comprar na mercearia e no supermercado. A massa dela é misturada com a da massa da mandioca mole. A justificativa para se misturar é porque assim a massa fica macia e não embolota com a tapioca quando colocada no forno quente.

11. A *farinha de tapioca*, cuja massa precisa ser aguada três vezes antes de ser posta ao sol para secar. A massa só fica no ponto para torrar quando se parte. A etapa seguinte é a peneiração para ser escaldada no forno quente. É necessário mexer a massa com a *cuiapéua*, mas se ela for grande, o recomendável é usar o *rodo*. Se a massa for espocando em cima do forno, significa que a pessoa vai ter uma farinha de tapioca com qualidade; caso contrário, não vai ser boa, pois senta no fundo de um copo quando adicionada ao café. A farinha de tapioca de má qualidade recebe o nome de *chumbo* no interior do Juruti-Velho, e a *fornada* só fica pronta quando parar de espocar no forno.

12. A *tapioca* é extraída a partir do líquido resultante da massa da mandioca espremida na peneira de tala ou utilizando-se uma saca fina sobre a peneira de tala. Coloca-se massa em um recipiente com água até engrossar e em seguida se espreme. A tapioca se concentra no líquido misturado com água. Depois de certo tempo, aparece no fundo do recipiente (panela, gamela ou bacia) uma massa branca sobre a qual se forma outra camada de cor amarela. É necessário aguar a tapioca três vezes, sendo que a primeira e a segunda são para tirar o veneno, e a terceira é para ela espocar melhor no forno.

13. O *tucupi* de cor amarela é, na verdade, a mistura de água com o líquido que sai da massa da mandioca. Quando se extrai a tapioca, extrai-se também o *tucupi*.

14. A *borra amarela*, que se forma em cima da tapioca pode ser aproveitada em forma de mingau ou de frito. Ela é removida facilmente com uma colher. Quando a tapioca vai para o sol, retira-se a borra.

15. O *tucupi puru* é o que não contém água, pois é extraído diretamente da mandioca. Qualquer tipo de *tucupi* é extraído da mandioca dura, mas se for feito da mandioca d’água, certamente não presta, pois é azedo e podre. Tanto o *tucupi* com água quanto o puro devem ser fervidos, porque “eu acho queé disso que fazem formicida, porque lá no Canta-Galo, eu via carneira meter a boca na vasilha com *tucupi* e morreu na hora. O porco também morre na hora. A gente come veneno” (DSA).

16. O *polvilho* é feito da massa da tapioca, que é colocada ao sol para secar. Com as mãos, a pessoa *misgalha* em partes menores. A secagem final da massa da tapioca é feita no forno e vira pó igual ao da maisena comprada na mercearia. Do polvilho é feito frito, pão-de-ló, broa, biscoito etc.

17. O *tacacá* é feito da massa da tapioca, que vira *goma* transparente em uma determinada quantia de água levada ao fogo em um recipiente. Depois em uma cuia é só acrescentar o camarão, o jambu, o tucupi com o sem pimenta e degustar.

18. O *beiju de tapioca* é o mais comum, pois é feito da massa da tapioca em uma frigideira. Para prepará-lo, basta misturar a massa um pouco de sal e um pouco de água para ligar. Depois de ligar com a água, a massa é colocada em uma frigideira para ser torrada em poucos minutos. Os moradores chamam também esse beiju de *tapiquinha*.

19. O *beiju de tapioca torrado* no forno é preparado igual ao beiju cica.

20. O *pajiroba* é a cachaça do interior nos puxiruns. “Ele dá uma purridão pirigosa. Nunca passa e a pessoa fica barriguda, impachada e caída no chão” (DSA). Ele é feito com beijos grossos, que são mal assados e antigamente eram mastigados para acontecer a fermentação em um pote de barro. O processo antigo de mastigação da massa do beiju de pajiroba é chamado de puçanga. Ao invés de os roceiros fazerem a mastigação, eles colocam açúcar para fermentar ou para ficar mais doce. A cor rosa da bebida é devido à pigmentação da batata doce. Existe uma alternância no emprego de pajiroba e de caissuma no interior, pois ora falam pajiroba, ora falam caissuma. Segundo um informante local, em São Gabriel da Cachoeira, o termo usado para essa bebida é caxiri.



Figura 19 Pajiroba

21. O *pajiroba picadinho* é igual ao apresentado anteriormente, mas o beiju dele é mais mastigado (puçanga), por isso é azedo, doce, forte e gostoso segundo a informante DSA.

22. A *massa* da mandioca pode ser escaldada e usada para se fazer frito e beiju envolto em folha de bananeira. Ela é lavada duas ou três vezes para se tornar consumível.

23. O *caribe* é o mingau da farinha passada na peneira. Para prepará-lo deve-se colocar a farinha de molho para que tufe o suficiente. Depois, amassa-se com as mãos para ligar. Dependendo do gosto, pode ser tomado cru ou fervido com açúcar. Ele é tomado mais pelas pessoas que estão se sentindo fracas;

24. O *frito de farinha* é feito com a massa da farinha que ficou de molho para tufar. Depois é só amassar para haver o ligamento e para dar o formato do frito. Em seguida, solta-se a massa modelada no azeite quente. Se a pessoa quiser, pode misturar a massa da farinha com a da tapioca.

25. O *frito de tapioca* é feito acrescentando-se sal e água à massa da tapioca, de modo que fique com uma consistência pastosa para determinada porção ser solta no azeite quente.

26. O *chibé* é feito com farinha e água natural para se matar a fome ou para se comer com peixe salgado.

27.O *pirão* é a farinha escaldada no prato. Ele tufa e fica liguento. No caldo do peixe, quando se coloca a parte fina da farinha para engrossar a água, vai ficando no fundo da panela o pirão.

28.O *biscoito* é feito da goma ou tapioca e possui consistência dura, mas é saboroso.

Abaixo na figura 20 está o biscoito:



Figura 20 Biscoito de tapioca

Além desses subprodutos da massa da mandioca, os moradores citaram outros como mingaus, bolos, bolo podre da farinha de tapioca, tapioquinha, panquecas, beiju de moça, fritos, “crocrete” (variação de croquete), pato no tucupi, peixe no caldo do tucupi e a manicuera. Portanto, essas são as diferentes formas de se usar a massa da mandioca pelos moradores da comunidade do Igarapé do Juruti-velho e as mesmas denominações ou procedimentos de manuseio e preparo podem ser encontrados em outras comunidades tanto do Pará quanto do Amazonas. Muitos desses produtos são comercializados em pequena escala nas pequenas, médias e grandes cidades da Região Norte.

Tendo em vista que a cultura da mandioca é a principal atividade cultivada no Igarapé do Juruti-velho e demais lugares e Vilas circunvizinhos, os moradores locais promovem um evento que valoriza tal cultura. No ano de 2010, nos dias 27 e 28 de agosto, aconteceu o 15º. Festival da Mandioca no Distrito Muirapinima Pai, atual nome de uma vila com *status* de cidade pequena, sendo mais conhecida popularmente como Juruti-velho. A explicação para a mudança no nome é devido à urbanização do local e ao fato de o nome atual remontar aos índios muirapinimas, que foram os primeiros habitantes do lugar. As brincadeiras presentes no festival eram as seguintes: “quem tecer um

tipiti primeiro”; “quem comer mais beiju peteca”; “quem tomar a maior quantidade de pajiroba”; “quem apresentar a maior maniva”; “quem trazer a farinha mais bonita”; “quem descascar uma paneirada de mandioca mais rápido” e “quem apresentara maior mandioca”. Participaram dessas brincadeiras tanto homens quanto mulheres de diversas comunidades além das do Igarapé como Açaí, Açailândia, Capitão, Ingracia, Mocambo, Santa Madalena, Bom Jesus, Bela Vista, Vila Vinente, Santo Antônio, Novo Horizonte, Maravilha, Pau-d’arco, Pompom, Monte Carmelo etc.

#### **4.2O léxico no falar do caboclo amazonense de Itacoatiara e Silves**

Corrêa (1980) elaborou sua dissertação sobre o falar do caboclo amazonense de Itacoatiara e Silves na região do Médio Amazonas (AM). Os inquéritos foram *in loco* com a coleta de dados empíricos, utilizando o método da conversação dirigida, sob forma de entrevistas gravadas. Foram entrevistados quarenta e dois informantes, sendo vinte e um em cada cidade. Nessa dissertação foram abordados dois enfoques linguísticos: os aspectos fonético-fonológicos e semântico-lexicais da fala cabocla dessas duas cidades. No que diz respeito ao estudo do léxico, Corrêa (1980) objetivou identificar as lexias nos contextos sócio-econômico-culturais e seguiu o modelo da teoria de Pottier, que apresenta quatro classificações de lexias:

Lexia simples, que corresponde à palavra tradicional. Exemplo: tupé.

Lexia composta, que é o resultado de uma integração semântica que se manifesta formalmente. Exemplo: masseira.

Lexia complexa, que é uma sequência em vias de lexicalização. Constitui uma sequência estereotipada. Exemplo: a roça nova.

Lexia textual, que é uma lexia complexa presente em um enunciado ou um texto. Exemplo: -vai almoçar que horas?

Os taxemas escolhidos por Correia (1980) foram família, habitação, vida social, roça e juta, pesca, transporte fluvial, terra, modos de dizer. Os domínios de família foram parentesco, saúde e alimentação. Os de habitação foram estrutura, mobília e utensílios. Os de vida social foram festas, folclore, lendas, credences e superstições. Os da roça foram preparo do terreno, etapas da plantação, utensílios, qualidade de maniva, produtos alimentícios, etc. Os da juta foram cultura, local de plantação, local de guardar, local de secar, qualidade da juta, etc. Os da pesca foram

peixes de escama, peixes lisos, quelônios, instrumentos de pesca, tipos de pescaria, etc. Os de transporte foram transporte fluvial, partes componentes, etc. Os da terra foram fenômenos naturais e vegetação.

Corrêa (1980) conseguiu coletar 600 lexias, incluindo todos os domínios semânticos selecionados anteriormente. Foram computadas 180 lexias simples, 242 lexias compostas, 176 lexias complexas e duas lexias textuais. O maior número de lexias foi encontrado no domínio semântico da roça. Foram, também, encontradas diversas contribuições de origem indígena como: *moquém*, *motuca*, *tucumã*, *sucuriçu*, *uruá*, *urubu* e os sufixos *rana*, *era*, *acçu*, *mirim*, etc. Além disso, coletou expressões típicas das duas localidades, as quais podem ser verificadas atualmente até em Parintins no Baixo Amazonas (AM), como *olha já!*, *olha já, então!*, *olha ainda!*, *chou!*, *tibei!*, *disque*, *paresque*, etc.

Portanto, Corrêa (1980) conseguiu apresentar, não de maneira exaustiva, o universo lexical do caboco amazonense.

### 4.3 O léxico no ALAM

Cruz (2004) elaborou em forma de tese o ALAM (Atlas Linguístico do Amazonas). Compõe o ALAM nove municípios, a saber: Barcelos (Alto Rio Negro), Tefé (Jutaí-Solimões-Juruá), Benjamim Constant (Alto Solimões), Eirunepé (Juruá), Lábrea (Purus), Humaitá (Madeira), Manacapuru (Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas) e Parintins (Baixo Amazonas). Em cada ponto de inquérito foram selecionados seis informantes, sendo um homem e uma mulher distribuídos na faixa 1 (de 18 a 35 anos), na faixa 2 (36 a 55 anos) e na faixa 3 (de 56 anos em diante). Foram aplicados dois questionários nos nove pontos de inquérito: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) contendo 156 questões e o Questionário Semântico-Lexical (QSL) contendo 327 questões. Na pesquisa de Cruz (2004) o Questionário Semântico-Lexical abarca os seguintes campos semânticos: meio físico (a terra e os rios), fenômenos atmosféricos (astros, clima, etc.), meio biótico (fauna e flora) e meio antrópico (homem, atividades de produção). Cruz (2004) elaborou 150 cartas semântico-lexicais.

Nos resultados das variações lexicais, Cruz (2004) ficou surpresa com a lexia *arco-íris*, porque na nossa região, baixando o rio Amazonas e subindo o rio Solimões, esse termo não sofre variação nenhuma, enquanto que em outras regiões brasileiras sofre variação lexical.

Os itens lexicais *cunhatã* (carta 40), que significa moça, e *curumim* (carta 41), que significa moço, provenientes do tupi, parecem,



segundo a pesquisadora, estar em desuso em Barcelos, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins.

Empiricamente, pois o pesquisador desta tese morou mais de vinte anos na terra do boi-bumbá, *cunhatã* e *curumim* são termos ainda falados com certa regularidade na cidade de Parintins e nas demais localidades do Baixo Amazonas. Às vezes, os moradores locais empregam esses termos com entonação pejorativa para se referirem ao menino e à menina, quando fazem travessuras. Como, por exemplo: -seu curumim/curumi!, sua cuiâtã!

A variante *púcaro* (QSL 186 –E o caneco de alumínio que contém uma alça e que serve para tirar água do pote?) parece estar em desuso. Foram encontradas três ocorrências na cidade de Parintins. A pouca ocorrência da variante *púcaro* aconteceu, porque a maioria dos moradores já possui geladeira e não usa mais o Pote. Usava-se esse instrumento com alça longa para evitar o contato da mão com as paredes internas do pote ou para não meter o caneco lambido por outra pessoa, ou seja, o uso do *púcaro* era também uma questão de higiene pessoal. Na região interiorana do Baixo Amazonas, ainda se usa o pote e, certamente, poderíamos encontrar variantes lexicais para *púcaro*. Mas empiricamente, as pessoas de Parintins e das regiões interioranas adjacentes usam mais o termo *caneco*.

As variantes lexicais *corisco* e *raio* (carta 9), *jacuba* e *chibé* (carta 96) são mais frequentes em Benjamim Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá; enquanto *corpete* e *sutião* (carta 66), *xarapim* e *xará* (carta 75) são mais recorrentes em Barcelos, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins.

No que diz respeito à *cambalhota* (QSL 220 –Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e se acaba sentado?), o que nos surpreendeu foi a ocorrência na cidade de Parintins do termo *calambiota*, pois empiricamente, é uma das formas faladas na cidade não com essa designação. Ao contrário do que esperávamos como resposta, Cruz (2004) registrou três variantes na cidade do boi, a saber: *mortal*, *calambiota* e *calambota*. Na verdade, a questão 220 se refere ao *salto mortal* no linguajar do caboclo parintinense, contrariando o enunciado da questão e dos dicionários Aurélio (2009) e Houaiss (2009), e é muito praticado nas serrarias, onde a serragem amortece o salto e também é praticado na água, durante as enchentes. Esse salto é praticado na cidade de Parintins por meninos e por adolescentes. Agora, *calambiota* no linguajar local seria rolar o corpo para frente ou para trás no chão.

No que diz respeito à brincadeira infantil com quadrados desenhados no chão, por onde as crianças vão intercalando ao pularem com uma e depois com duas pernas, *macaca* obteve quinze ocorrências apenas no universo esperado de cinquenta e quatro possibilidades, e uma ocorrência apenas de *saci* na cidade de Eirunepé. Também houve apenas uma ocorrência da variante *macaca* em Barcelos, Tefé, Benjamim Constant, Lábrea, Manacapuru e Itacoatiara, sem haver espaço para ocorrências de outras variantes.

Cruz (2004) em seu Atlas Linguístico do Amazonas retratou as normas semântico-lexicais no falar amazonense.

#### **4.4O léxico da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo**

Soares (2012) fez um estudo de cunho dialetológico, geolinguístico e sociogeolinguístico envolvendo cinco municípios da antiga Vila de Nossa Conceição dos Guarulhos (SP), a saber: Guarulhos, Arujá, Santa Isabel, Mairiporã e Nazaré Paulista. O objetivo foi identificar a norma semântico-lexical desses cinco municípios da Região Norte do Alto Tietê-ReNAT (Atlas Linguístico). Para a execução de tal propósito foram aplicados 202 questões (QSL) do projeto ALIB e trinta e uma questões do questionário semântico-lexical do projeto estudo sociolinguístico do município de São Paulo, que foi elaborado pelo Grupo de Pesquisa em Dialetologia e Geolinguística (GPDG) da Universidade de São Paulo. Foi pesquisado o léxico de quinze domínios semânticos: acidentes geográficos (domínio 1), fenômenos atmosféricos (domínio 2), astros e tempo (domínio3), atividades agropastoris (domínio 4), fauna (domínio 5), corpo humano (domínio 6), ciclos da vida (domínio 7), convívio e comportamento social (domínio 8), religião e crenças (domínio 9), jogos e diversões infantis (domínio 10), habitação (domínio 11), alimentação e cozinha (domínio 12), vestuários e acessórios (domínio 13), vida urbana (domínio 14) e parte específica município de São Paulo (domínio 15). Além do fator diatópico, a pesquisa levou em consideração os fatores sociais como gênero (mulher *versus* homem) e faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos).O questionário foi aplicado a vinte e quatro informantes, e os resultados foram dispostos em gráficos, tabelas e em 233 cartogramas linguísticos mostrando a diversidade linguística na região estudada.

#### 4.5 O léxico do litoral norte do Estado de São Paulo

Encarnação (2010) elaborou, em forma de tese, o Atlas Semântico-Lexical do Litoral Norte do Estado de São Paulo. O objetivo foi descrever a norma semântico-lexical dos municípios Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba. O estudo teve como fundamentação os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística. O Questionário Semântico-Lexical (QSL) e o perfil do informante foram os mesmos adotados pelo ALIB. No tratamento qualitativo do *corpus*, a tese se baseou nas postulações teóricas de Muller (1968), Coseriu (1973), Pottier (1978) e Barbosa (1989). No tratamento quantitativo, a base foram os postulados da linguística quantitativa de Muller (1968 e 1977) de seus estudos relativos à Estatística Lexical. Foram gerados 208 cartogramas linguísticos, que mostram a diversidade semântico-lexical do falar do Litoral Norte do Estado de São Paulo. Nessa pesquisa 148 lexias obtiveram alta frequência ( $\geq 50\%$ ) e distribuição regular. Alguns léxicos ocorreram de forma categórica em todos os quatro pontos de inquérito como *arco-íris*, *janeiro* [...] (meses do ano), *ontem*, *amendoim*, *girassol*, *carrinho de mão*, *beija-flor*, *papagaio*, *calcanhar*, *banguelo*, *fanhoso*, *gêmeos*, *isqueiro*, *canjica* e *ônibus*.

#### 4.6 Estudo toponímico na mesorregião do sudeste do Estado de Mato Grosso

Carvalho (2010) apresenta em sua tese o resultado de um estudo toponímico em vinte e dois municípios mato-grossenses, que integram a mesorregião sudeste do Estado de Mato Grosso, que, por sua vez, é composta pelas microrregiões do Alto Araguaia, Primavera do Leste, Rondonópolis e Tesouro. Os topônimos estudados foram de cabeceiras, córregos, morros, ribeirões, rios, serras, vazantes, etc. Carvalho (2010) estabeleceu o *corpus* da pesquisa por meio de cartas topográficas e de mapas. Os resultados da microrregião do Alto Araguaia indicaram a existência de 571 topônimos de acidente físico e de acidentes antrópicos, dos quais 404 foram de natureza física e 176 foram de natureza antrópica. Na microrregião Primavera do Leste, Carvalho (2010) registrou 136 topônimos de acidentes físicos e de acidentes antrópicos, sendo que no município de Campo Verde foram registrados noventa e seis topônimos e em Primavera do Leste quarenta. Na microrregião de Rondonópolis foram registrados quatro acidentes físicos e dois acidentes antrópicos com dupla denominação, sendo agrupados em vinte e oito taxonomias. Por último, na microrregião Tesouro foram

registrados 1.023 topônimos, que denominam 984 acidentes físicos: cabeceiras, córregos, lagoa, morros, ribeirões, rios e serras; e trinta e quatro acidentes antrópicos: colônia, distrito, localidades, vilas, terras indígenas e municípios/cidade.

#### 4.7 O léxico *charque* no Sul do Brasil

Schreiner (2012) fez um estudo sobre o vocabulário *charque* no Sul do Brasil, objetivando propor uma discussão sobre a sua influência e sua contribuição na variedade e expansão da língua portuguesa. Para a realização dessa pesquisa, foi necessário consultar obras como documentos manuscritos e impressos, antigos e modernos, material oral, dicionários de língua portuguesa e atlas linguísticos. O *corpus* foi composto por 138 documentos dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, que apresentavam o *charque* como assunto central. O embasamento foi feito à luz dos estudos filológicos, lexicográficos e lexicológicos. A pesquisa resultou na constituição de um glossário sobre as lexias do vocabulário *charque*. Foi constatado que muitas lexias estão em desuso ou que são empregadas somente no Sul do Brasil. A influência do *charque* nessa região foi mais expressiva no Estado do Rio Grande do Sul e tem diminuindo consideravelmente nos demais estados vizinhos.

#### 4.8 As lexias *bamburro*, *tacuru* e *bateia* no Distrito de Nossa Senhora da Guia

Bertoldo (2012) investigou o léxico dos moradores do Distrito de Nossa Senhora da Guia, que está localizado a 40 km da capital Cuiabá no Estado de Mato Grosso. Trata-se de uma tese que deu continuidade aos estudos iniciados por Bertoldo em 2007, quando elaborou sua dissertação. As lexias *bamburro*, *bateia* e *tacuru* foram retiradas do estudo anterior, porque evidenciaram a manutenção semântico-lexical no falar dos idosos, com e sem variação no falar dos informantes mais jovens. Na pesquisa anterior a lexia *tacuru* esteve presente em 15,15% do léxico utilizado pelos entrevistados da pesquisa, mostrando a manutenção da lexia de entrada com variação idêntica com ou sem acréscimo. *Bamburro*, por sua vez, apareceu no grupo de palavras sem manutenção da lexia de entrada com/sem substituição de suas variações no grupo de jovens entrevistados, totalizando 51,51% das lexias usadas pelos informantes. Por último, a lexia *bateia* foi empregada pelo grupo dos idosos e inexistiu nas respostas do grupo de informantes mais novos. No estudo de 2012, Bertoldo procurou saber se a manutenção

desses elementos ocorreu apenas no grupo de informantes idosos, se houve indícios de manutenção dessas lexias no falar de um novo grupo de informantes já pesquisados com idade superior a 60 anos, se as lexias *bamburro*, *bateia* e *tacuru* sofreram variação lexical segundo o parâmetro faixa etária e se houve total variação lexical dessas três lexias pelo fato de o grupo de informantes mais novos desconhecerem o uso, a aplicação e o conteúdo semântico delas. O objetivo foi investigar as opções lexicais pelos moradores de diferentes faixas etárias do distrito de Nossa Senhora da Guia. Concluiu que as variáveis sexo e escolaridade não foram determinantes nem influenciaram a manutenção e/ou variação semântico-lexical. Por outro lado, a variável faixa etária se mostrou definitiva para a mudança, compreendendo dois cenários: manutenção na faixa etária acima de 60 anos das lexias *bamburro* e *tacurue* variação/modernização nos grupos de 19 a 29 anos e de 30 a 59 anos para todos os termos estudados.

#### 4.9 O léxico do Estado de Goiás

Augusto (2012) elaborou em forma de tese o Atlas semântico-lexical do Estado de Goiás. O objetivo dela foi descrever o padrão lexical em nove municípios do Estado de Goiás, a saber: Aruanã, Caldas Novas, Cidade de Goiás, Goiandira, Imaperi, Mineiros, Morrinhos, Pirenópolis e Trindade. A pesquisa se baseou no método Geolinguístico usado no campo dos estudos dialetológicos. Foi aplicado para a composição do *corpus* o Questionário Semântico-Lexical do ALiB, versão 2001. Participaram dessa pesquisa, trinta e seis informantes segundo os fatores sociais sexo/gênero (homem *versus* mulher) e faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos). Foram geradas 202 cartas semântico-lexicais. No tratamento quantitativo, Augusto (2012) usou a proposta de Muller sobre frequência absoluta e relativa. Os resultados mostraram-se bastante expressivos com catorze itens lexicais obtendo frequência relativa em 100% e cem itens lexicais com frequência igual ou superior a 50% e distribuição regular. Augusto (2012) concluiu que os resultados mostraram o padrão semântico-lexical dos pontos pesquisados e refletem um retrato parcial do falar goiano.

#### 4.10 O léxico da língua matis

Ferreira (2005) estudou o léxico da língua matis (família pano), que é falada por 250 pessoas vivendo no Estado do Amazonas nas

proximidades com o Peru. A área usada pelos matis compreende uma faixa regional que vai do médio Ituí, passando pelo alto Coari até o médio rio Branco. O estudo foi baseado na lexicografia com o objetivo de elaborar um dicionário bilíngue matis-português com macro e micro estruturas e com sistemas de remissivas do dicionário. Nesse estudo foi levando em consideração as características morfossintáticas, semânticas e pragmáticas da língua matis. A pesquisa começou com a análise dos dados coletados na cidade de Tabatinga (AM), cidade mais próxima da aldeia. Ferreira (2005) também utilizou dados do pesquisador Rogério V. Ferreira, que trabalhava com a mesma língua. Os falantes nativos são praticamente monolíngues em matis. Somente alguns homens, alguns adolescentes e algumas crianças mais velhas conseguiam entender o português. O dicionário, resultado da pesquisa, compreende 1.547 entradas, que foram organizadas em ordem alfabética. Pelos nomes, adjetivos, advérbios e por outras classes gramaticais foi possível o pesquisador identificar uma parte da realidade construída pelos matis.

#### 4.11 Peculiaridades lexicais da comunidade São Lourenço

Macedo (2012) elaborou uma tese obedecendo aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística sobre o falar dos moradores, quase que exclusivamente nativos, da comunidade São Lourenço, que está localizada na área periférica da cidade de Cáceres-MT. A pesquisa destacou aspectos linguísticos em nível fonológico, morfossintático e lexical, que caracterizam o falar da comunidade. Por exemplo, na concordância nominal é usado o masculino ao invés do feminino, são feitas realizações africadas [tʃ] e [dʒ] em lugar das fricativas [ʃ] e [ʒ], e a preferência pelo uso das variantes lexicais *tchô* para senhor e *tchá* para senhora, *aluá*, *furrundue furrundum*, *ribuçá* em vez de *cobrir* e *recobrir*, *cururu* e *siriri*, *viola de cocho*, *sarvá* em vez de *cumprimentar*, *entrevero*, *intrevera* e *entreverado*, *cacunda*, *bugre*. Os resultados mostraram que fatores socioeconômicos e culturais possibilitam a manutenção de traços linguísticos do português popular com usos peculiares e marcas antigas da língua portuguesa trazidas pelos colonizadores da região. Essa manutenção de traços linguísticos na fala dos moradores da comunidade São Lourenço foi justificada pelo longo período de isolamento que a região de Cáceres passou em relação aos demais centros mais urbanizados.

#### **4.12 Topônimos de origem indígena do Estado de Tocantins**

Andrade (2006) elaborou em forma de tese o Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado de Tocantins –ATITO. O projeto objetivou analisar, identificar e descrever, sob a ótica etnotoponímica, os topônimos indígenas do Tocantins. O Atlas é parte do Atlas Toponímico do Brasil (ATB) e tem como fundamento teórico-metodológico os estudos de taxonomia de Dick (1990). A catalogação dos topônimos foi feita, levando como critério de análise, o elemento físico e antropológico registrado nas cartas: rio, ribeirão, gruta, riacho, cidade, povoado, fazenda, sítio, chácara, escola e outros. O reconhecimento da toponímia indígena foi feito em 127 cartas topográficas do Estado de Tocantins. Foram catalogados 1350 topônimos e verificou-se que 99% eram de origem tupi. A análise do *corpus* indicou que os topônimos de natureza fitotopônimos e zootopônimos são os mais presentes na cartografia tocantinense. As bandeiras, que percorriam região falavam tupi e por onde passavam, iam denominando rios, córregos, serras, morros, ribeirões e cachoeiras.

## **5 METODOLOGIA**

A pesquisa ora proposta se desenvolveu com base nos princípios e pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional, iniciando com a coleta de dados nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, e na vila do Juruti-velho, localizadas na região do Baixo Amazonas no Estado do Pará; e nas comunidades de Itapéua, Ariri, Saubinha (comunidades



próximas a Coari), nas cidades de Anamã, Coari e Codajás, no Médio Solimões, Estado do Amazonas.

Primeiramente, foi feito o registro dos dados dos informantes em uma ficha, seguido da entrevista. A maioria das entrevistas foi gravada em um gravador de voz digital com um microfone acoplado, sendo possível mais tarde a transferência de dados para o computador via cabo USB. Os dados dos informantes foram copiados em pen-drives e em DVD. Devido à ocorrência de problemas com a bateria do gravador de voz oficial e outros contratemplos, alguns informantes tiveram a voz gravada no celular ou em um gravador de voz sem cabo USB.

Foram utilizados, para a obtenção dos dados dos informantes, dois questionários: o fonético-fonológico e o semântico-lexical. O questionário fonético-fonológico é composto por 101 questões e abrange 101 vocábulos, cujo objeto de investigação é a realização das vogais médias pretônicas/e, o/ no contexto intra e extralinguístico.

O questionário semântico-lexical, por sua vez, contém 192 questões, incluindo questões que visam à obtenção de relatos, caracterizados, pois, como conversa semi-dirigida.

Os dados do QSL foram transcritos grafematicamente, e os dados do QFF foram transcritos foneticamente.

## **5.1 Os pontos de inquérito**

A escolha dos pontos de inquérito se baseou nas atividades que durante décadas são desenvolvidas nas comunidades amazônicas, como a roça, a pesca, a caça de subsistência praticada ocasionalmente, as mais recentes como a pecuária e outras atividades agrícolas. Faz-se bastante presente na vida do homem amazônico, a imensa floresta, os grandes e pequenos rios, lagos e igarapés. É difícil falar sobre os aspectos linguísticos do homem amazônico sem levar em conta o ambiente que o envolve.

Os pontos de inquérito foram divididos em duas regiões. A região do Baixo Amazonas com dois pontos de inquérito, a saber: Igarapé do Juruti-velho e Juruti-velho (vila). A região do Médio Solimões com sete pontos de inquérito incluindo as cidades de Anamã, de Coari e de Codajás, a vila de Itapéua e as comunidades Ariri, no rio Coari grande, Saubinha no km 13 da estrada Coari-Itapéua e as comunidades da Costa do Juçara, localizada à margem esquerda do Solimões. Em cada ponto de inquérito, foram entrevistados oito informantes, perfazendo o total de setenta e dois, que são representantes dos falares amazônicos. No

Quadro 20, fizemos a representação esquemática dos pontos de inquérito selecionados.

Quadro 20 Pontos de inquérito da pesquisa

Pontos	Descrição dos pontos	Status/Estado	Região geográfica
01	Igarapé do Juruti-velho	Comunidades/PA	Baixo Amazonas
02	vila do Juruti-velho	Distrito/PA	
03	Anamã	Cidade/AM	
04	Codajás	Cidade/AM	Médio Solimões
05	Coari	Cidade/AM	
06	Saubinha	Comunidade/AM	
07	Itapéua	Vila/AM	
08	Costa do Juçara	Comunidades/AM	
09	São João do Ariri	Comunidade/AM	

## 5.2 Os informantes

Na escolha dos informantes, foram adotados os critérios como faixa etária e gênero do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, que são os seguintes:

Faixa etária: informantes, que se enquadravam na Faixa etária I (de 18 a 30 anos), e outros na Faixa etária II (de 50 a 65 anos).

Sexo: quatro homens e quatro mulheres em cada ponto de inquérito.

Além desses critérios, adotamos também o de escolaridade. Para estabelecermos um parâmetro que levasse em conta a escolaridade houve dificuldade, na prática, para encontrar informantes analfabetos e alfabetizados entre as duas faixas etárias, porque na Faixa etária I (18 a 30 anos), não está mais sendo fácil encontrar informantes analfabetos mesmo nas comunidades interioranas da grande Região Amazônica, as

quais já dispõem de, pelo menos, o Ensino Fundamental. Além disso, existem vários programas adotados pela prefeitura de cada município de combate ao analfabetismo, de modo que mesmo os informantes da faixa etária II (50 a 65) já se encontram, em sua maioria, alfabetizados ou estão em processo de alfabetização. Por isso, a opção mais viável para estabelecer um critério foi considerar informantes que fossem analfabetos ou com escolaridade até a 4ª. série e informantes com escolaridade acima da 4ª. série do ensino fundamental.

Além disso, na seleção dos informantes foram adotados outros critérios, a saber:

**Profissão:** participaram da pesquisa, em sua maioria, pescadores, agricultores, estudantes, catraieiros<sup>39</sup>, aposentados e domésticas. Alguns informantes praticavam simultaneamente a pesca, a criação de gado, a caça e outras atividades agrícolas.

**Naturalidade:** os informantes eram da própria localidade e filhos de pais nascidos na localidade ou na região;

A seguir, apresentamos o quadro resumo do perfil dos informantes da presente pesquisa.

Quadro 21 Perfil dos informantes

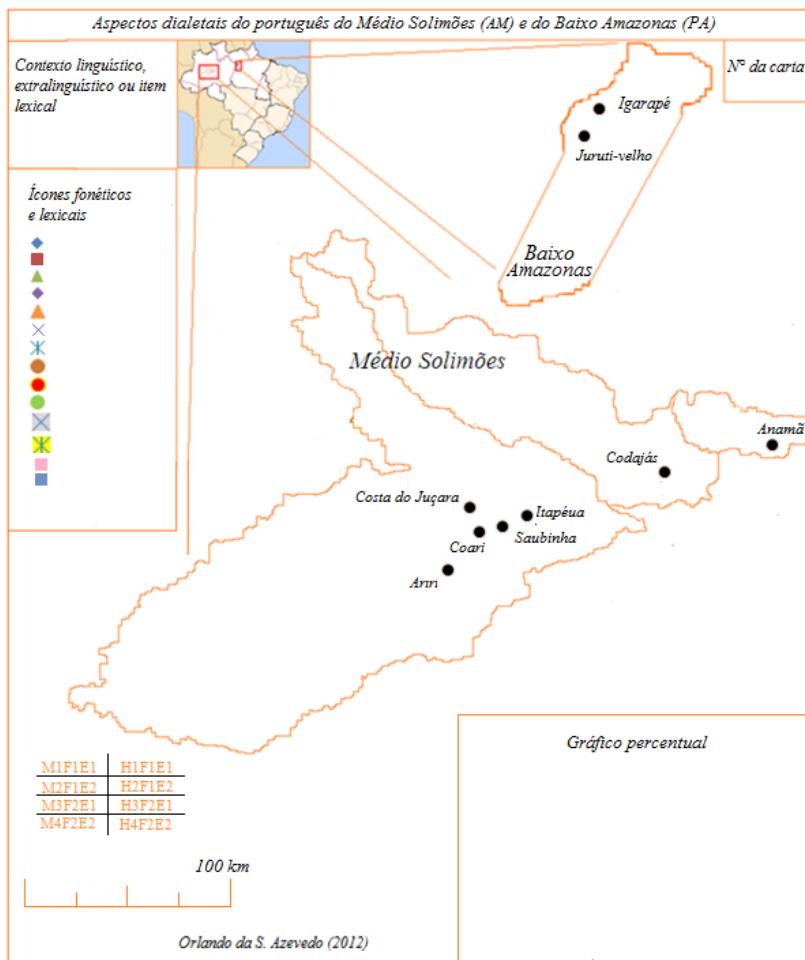
Informante	Gênero	Faixa etária	Escolaridade
01 (H1)	Homem	18-30	Analfabeto ou alfabetizado até a 4ª. série
02 (M1)	Mulher	18-30	Analfabeta ou alfabetizada até a 4ª. série
03 (H2)	Homem	50-65	Analfabeto ou alfabetizado até a 4ª. série

<sup>39</sup> São os homens que trabalham em pequenas lanchas, voadeiras, rabetas (são mais comuns na Manaus moderna), levando e trazendo mercadorias ou passageiros entre as embarcações e o porto. Quando um passageiro perde o barco de viagem, que vai para Parintins, por exemplo, é comum ser extorquido por preços exorbitantes praticados por alguns desses catraieiros, ou seja, enquanto uma viagem de mais de 400 km pode custar de R\$ 40,00 a R\$ 100,00, dependendo do barco, um km pode custar até R\$ 200,00 em uma catraia, cuja viagem até ao barco pode durar apenas uns dois minutos.

04 (M2)	Mulher	50-65	Analfabeta ou alfabetizada até a 4ª. série
05 (H3)	Homem	18-30	Acima da 4ª. Série
06 (M3)	Mulher	18-30	Acima da 4ª. Série
07 (H4)	Homem	50-65	Acima da 4ª. Série
08 (M4)	Mulher	50-65	Acima da 4ª. Série

### 5.3 Elaboração das cartas fonéticas e das cartas lexicais

O mapa base das cartas fonéticas e lexicais foi feito tendo como parâmetro mapas pré-existentes, que continham a malha municipal do Estado do Amazonas e do Estado do Pará. No programa *Paint* foi feito o *zoom* do território do município de Juruti-PA e dos municípios de Anamá, Codajás e Coari, no Estado do Amazonas. Abaixo representamos o mapa base da tese.



Mapa 10 Mapa base da tese















O gráfico com os dados em números percentuais foi gerado pelo *Excel* 2010 com valores arredondados para mais ou para menos. Por sua vez, a inserção dos dados no espaço cartográfico foi feito no *Paint*. Toda montagem das cartas fonéticas e lexicais foi feita de maneira artesanal com ajuda do *Excel* e principalmente do *Paint*

Para representar as realizações fonéticas e lexicais das mulheres foi adotado M1, M2, M3 e M4 (mulher 1, mulher 2, mulher 3 e mulher 4), e para os homens H1, H2, H3 e H4 (homem 1, homem 2, homem 3 e homem 4). A convenção adotada para representar a faixa etária foi F1,

de 18 a 30 anos, e a F2, de 50 a 65 anos. No que diz respeito à escolaridade, temos a seguinte convenção: E1 (escolaridade 1, ou seja, o informante é analfabeto ou alfabetizado até a 4ª. série) e E2 (escolaridade 2, ou seja, o informante possui escolaridade acima da 4ª. série).

A simbologia para marcar a variação no espaço cartográfico foi gerada automaticamente pelo programa *Excel* 2010. Os ícones nas legendas foram colocados seguindo a ordem das variantes mais expressivas para as menos expressivas, de cima para baixo. As cores dos ícones são iguais às das legendas nos gráficos. As realizações das vogais médias pretônicas /e/e /o/ e a variação lexical estão representadas conforme Quadro 22 a seguir:

Quadro 22 Ícones das cartas fonéticas e lexicais

Ícones	Variantes fonéticas	Variantes lexicais
	[ɛ]	1ª. variante lexical
	[e]	2ª. variante lexical
	[i]	3ª. variante lexical
	[ẽ]	4ª. variante lexical
	[ĩ]	5ª. variante lexical
	[u]	6ª. variante lexical
	[a]	7ª. variante lexical
	[o]	8ª. variante lexical
	[ɔ]	9ª. variante lexical
	[õ]	10ª. variante lexical
	[ũ]	11ª. variante lexical
	[ã]	12ª. variante lexical
		13ª. variante lexical
		14ª. variante lexical

A fala dos informantes será representada da seguinte forma na carta fonética e na lexical: do lado esquerdo a iconicidade usada

representará a transcrição fonética e grafemática da fala das mulheres, e a fala dos homens do lado direito.

M1F1E1	H1F1E1
M2F1E2	H2F1E2
M3F2E1	H3F2E1
M4F2E2	H4F2E2

Onde tal simbologia significa, respectivamente:

Mulher 1, faixa 1, escolaridade 1 *versus* Homem1, faixa 1, escolaridade 1

Mulher 2, faixa 1, escolaridade 2 *versus* Homem2, faixa 1, escolaridade 2

Mulher 3, faixa 2, escolaridade 1 *versus* Homem3, faixa 2, escolaridade 1

Mulher 4, faixa 2, escolaridade 2 *versus* Homem4, faixa 2, escolaridade 2

## **5.4 Os vocábulos do questionário fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL)**

Nos tópicos seguintes, mostraremos os vocábulos, que compuseram o questionário fonético-fonológico e o questionário semântico-lexical.

### **5.4.1 No questionário fonético-fonológico (QFF)**

O questionário fonético-fonológico foi elaborado com objetivo de verificar os fenômenos fonológicos, referentes às realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em diferentes contextos intralinguísticos e em diferentes contextos extralinguísticos. Para isso, utilizamos 101 vocábulos, de uso comum, os quais fazem parte do repertório linguístico dos moradores interioranos do Baixo Amazonas e do Médio Solimões. O conjunto desses itens lexicais, onde os fenômenos vocálicos ocorreram, está assim organizado:

#### **5.4.1.1 Vogal média /e/ contígua à tônica**

a. Escada, escova, espada, espiga, esponja, espuma, estátua, estômago, estrela esqueleto, avestruz, bateria, beterraba, bebedouro, cebola, semente, cenoura, cerveja, cerâmica, sereia, feijão, leão, pepino, perfume, pressão, presente, melão, menino, repolho, retrato, revólver, travesseiro, veado, elefante, telefone, polegar, professor, bebendo,

desenhando, escrevendo, pescando, peneirando. (quarenta e dois vocábulos)

#### **5.4.1.2 Vogal média /e/ não contígua à tônica**

**a.** Elefante, helicóptero, espantalho, espingarda, esqueleto, beterraba, bebedouro, cemitério, regador, Petrobrás, geladeira, melancia, celular, seringueira, escorpião, jerimum, telefone, televisão, desenhando, escovando, escrevendo, pedalando, peneirando. (vinte e três vocábulos)

#### **5.4.1.3 Vogal média pretônica /o/ contígua à tônica**

**a.** Boné, botija, cachoeira, chocalho, coelho, colar, colher, coroa, coruja, costela, costura, gasolina, goiaba, jornal, moeda, morcego, pipoqueira, sorvete, violão, microfone, orelha, tomate, toalha, sofá, sabonete, fogão, borboleta, chocolate, almoçando, comendo, correndo, Petrobrás, dormindo, escovando, jogando, tocando, tomando, tossindo e voando. (trinta e nove vocábulos)

#### **5.4.1.4 Vogal média pretônica /o/ não contígua à tônica**

**a.** Escorpião, joaninha, borboleta, cogumelo, coração, chocolate, dominó, hospital, mosquiteiro, polegar, professor, roçadeira. (doze vocábulos)

#### **5.4.1.5 Contexto fonológico precedente ao /e/**

**a.** Vazio: escada, escova, espada, espantalho, espiga, espingarda, esponja, espuma, estátua, estômago, estrela, esqueleto, elefante, helicóptero, escorpião, escovando, escrevendo. (dezesete vocábulos)

**b.** Bilabial [p, b, m]: beterraba, bebedouro, pepino, perfume, melão, menino, Petrobrás, melancia, bebendo, pedalando, pescando, peneirando. (doze vocábulos)

**c.** Labiodental [f, v]: avestruz, feijão, travesseiro, veado, professor. (cinco vocábulos)

**d.** Velar [k, g]: esqueleto, mosquiteiro. (dois vocábulos)

**e.** Alveolopalatal [ʃ]: jerimum, geladeira. (dois vocábulos)

**f.** Coronal [t, d, n, l, r, s, z]: bateria, beterraba, cebola, pressão, presente, semente, cemitério, cenoura, cerveja, cerâmica, sereia, leão, celular, seringueira, telefone, televisão, polegar, desenhando, escrevendo. (dezenove vocábulos)

**g.** Glotal [h]: regador, repolho, retrato, revólver. (quatro vocábulos)



#### 5.4.1.6 Contexto fonológico seguinte ao /e/

**a.** Bilabial [p, b, m]: bebedouro, cebola, semente, cemitério, pepino, repolho, bebendo. (sete vocábulos)

**b.** Labiodental: [f, v]: revólver, elefante, telefone, televisão, escrevendo. (cinco vocábulos)

**c.** Palatal [ɲ, ʎ]: menino, helicóptero. (dois vocábulos)

**d.** Velar [k, g]: regador. (um vocábulo)

**e.** Diante do arquifonema /S/: escada, escova espada, espantalho, espiga, espingarda, esponja, espuma, estátua, estômago, estrela, esqueleto, avestruz, escorpião, escovando, escrevendo, pescando. (dezessete vocábulos)

**f.** Coronal [t, d, n, l, r, s, z]: bateria, beterraba, bebedouro, cenoura, cerâmica, sereia, pressão, presente, melão, retrato, travesseiro, elefante, Petrobrás, geladeira, melancia, celular, jerimum, seringueira, telefone, televisão, pedalando, peneirando. (vinte e dois vocábulos)

**g.** Vogal nasal central [ã]: leão. (um vocábulo)

**h.** Vogal baixa central [a]: veado. (um vocábulo)

**i.** Semivogal [j]: feijão. (um vocábulo)

**j.** Glotal: beterraba, cerveja, perfume. (três vocábulos)

#### 5.4.1.7 Contexto fonológico precedente ao /o/

**a.** Vazio: orelha, hospital. (dois vocábulos)

**b.** Bilabial [p, b, m]: boné, botija, moeda, morcego, pipoqueira, sabonete, borboleta, mosquito, polegar, almoçando. (dez vocábulos)

**c.** Labiodental [f, v]: violão, fogão, voando. (três vocábulos)

**d.** Velar [k, g]: escorpião, coelho, colar, colher, coroa, coruja, costela, costura goiaba, cogumelo, coração, chocolate, comendo, correndo, escovando. (quinze vocábulos)

**e.** Alveolopalatal [ʃ, ʒ]: jornal, joaninha, chocalho, cachoeira, chocolate, jogando. (seis vocábulos)

**f.** Coronal [t, d, n, l, r, s, z]: Petrobrás, gasolina, sorvete, microfone, tomate, toalha, sofá, professor, dominó, dormindo, tocando, tomando, tossindo. (treze vocábulos)

**g.** Glotal [h]: roçadeira. (um vocábulo)

#### 5.4.1.8 Contexto fonológico seguinte de /o/

**a.** Alveolopalatal [tʃ]: botija. (um vocábulo)

- b.** Arquifonema /S/: costela, costura, hospital. (três vocábulos)
- c.** Bilabial [p, b, m]: Petrobrás, tomate, dominó, comendo, tomando. (cinco vocábulos)
- d.** Labiodental [f, v]: microfone, sofá, professor, escovando. (quatro vocábulos)
- e.** Velar [k, g]: pipoqueira, fogão, chocalho, cogumelo, chocolate, jogando, tocando. (sete vocábulos)
- f.** Palatal [ʃ]: colher, gasolina. (dois vocábulos)
- g.** Coronal [t, d, n, l, r, s, z]: boné, coroa, colar, coruja, violão, orelha, sabonete, chocolate, almoçando, tossindo. (dez vocábulos)
- h.** Glotal [h]: escorpião, jornal, morcego, sorvete, correndo, dormindo. (seis vocábulos)
- i.** Vogal média anterior [e]: coelho, moeda, cachoeira. (três vocábulos)
- j.** Ditongo crescente [ja]: goiaba (um vocábulo)
- k.** Vogal baixa central oral [a]: toalha, joaninha. (dois vocábulos)
- l.** Vogal baixa central nasal [ã]: voando. (um vocábulo)

#### 5.4.2 No questionário semântico-lexical (QSL)

Os vocábulos selecionados para o questionário semântico-lexical representam aspectos culturais e etnográficos das pequenas cidades e comunidades do Estado do Amazonas e das comunidades do Baixo Amazonas no Estado do Pará. Selecionamos os seguintes vocábulos baseados no conhecimento empírico, que temos sobre as duas regiões amazônicas:

**a.** Léxico relacionado à fauna terrestre, fluvial ou lacustre: apapá, piraíba, aracu, tambaqui, roelo, aruanã, catrapola, catrapolão, piaçoca (jaçanã), galça, socó, ariramba (martim-pecador), carará (pato-mergulhão), carão, coruja, maracajá (jaguatirica), lontra, osga (lagartixa doméstica), lagarto, cobra cipó, preguiça e mucura (cuíca);

**b.** Léxico relacionado ao corpo humano e ao homem: garganta, bolacha-do-jelho (rótula), sovaco (axila), batata-da-perna (panturrilha), bunda (nádega), beíço (lábios), grávida, corno, corna, banguela, gay, machuda (lésbica), insônia, odor desagradável das axilas, bostelae remela;

**c.** Léxico relacionado à pesca: tarrafa, malhadeira, entralho, pano, canço, arrastão, linha comprida, espinhel, zagaia, arpão, cacuri, pari e penca;

**d.** Léxico relacionado a fenômenos naturais: neblina, sereno, orvalho, estrela d'alva, rebojo, remanso, repiquete e tapagem;

**e.** Léxico relacionado à cultura da mandioca: capoeira, puxirum, cortar, pajiroba, tarubá, polvilho, crueira, carimã, chibé, pirão, rodo, cuiapéua, garera, tarisca, caixa, banca, tipiti, litro, um frasco, meio alqueire, dois alqueires, bago e cúf;

**f.** Léxico relacionado a vermes e a insetos: sanguessuga, santospé (centopeia), ambuá (piolho-de-cobra), lombriga, tuxina<sup>40</sup> (oxíuros), solitária (tênia), caba, caba igreja, caba tatu, caba amarela, caba-de-oco, caba caçadeira, ponhamesa (louva-deus) e jacina (libélula);

**g.** Léxico relacionado à pecuária bovina: novilha, garrote, mocha, cupim, culhão (testículo) e capar (castrar);

**h.** Léxico relacionado aos meios de transporte da região: batelão, voadeira, lodi, lancha, empurrador, motor de linha (recreio), banzeiro, quilha, toldo, diesel e verdure;g;

**i.** Léxico relacionado a doenças: pano-branco, verruga, guariba, cobreiro, empachada, vomitar e piririca e pirento;

**j.** Léxico relacionado à flora regional: juquiri, tiririca, mureru (aguapé), maniva, canarana, taboca, forno-de-boto (vitória-régia), leleta, trava, marimari, chicória, tangerina, camon-camon, banana rocha, pequiá, maracujá-do-mato, pajurá e marajá;

**k.** Léxico relacionado a brinquedos e a brincadeiras: geral, cabra-cega, amarelinha, manja, porrinha, lona, baladeira, cacholeta, sardinha e baladeira;

**l.** Léxico relacionado a luminárias do interior: lamparina e poronga;

**m.** Léxico relacionado a comidas: guereré, piracuí e paçoca;

**n.** Léxico relacionado à maneira de enxotar e chamar os animais doméstico: cuche, sape, tuco, curral, assobiando, arriba e passa;

**o.** Léxicos diversos: cisco, arapuca, pote, visagem, cachaça, moitá, tocaia, fonfom, bubuia, cauixi, cascudo, peçonha e retalhar.

## **5.5 Aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical**

Os dois questionários foram aplicados sempre no mesmo dia com um, dois, três e, no máximo, quatro informantes, pois, conforme a habilidade comunicativa do entrevistado, o QFF levou entre oito e trinta minutos para ser concluído, enquanto o QSL levou entre trinta minutos e duas horas.

---

<sup>40</sup> A pronúncia do “x” é a mesma de “ch”.

Entre os entrevistados, a maioria recebeu bem o pesquisador e demonstrou interesse em responder os questionários, que foram aplicados nas ruas, nos barcos, debaixo de ponte, na frente ou dentro de casas.

Onde houvesse alguém encaixado no perfil da amostra com tempo disponível e interessado em ajudar na pesquisa, os dois questionários eram aplicados. Alguns dos informantes até achavam divertido participar da entrevista, por isso muitos risos não faltaram durante a pesquisa de campo.

Depois de o pesquisador testar qual dos dois questionários seria mais conveniente aplicar primeiro, decidiu que era mais prático iniciar pelo QFF, que durava menos tempo para ser concluído, já que o QSL era mais cansativo para o aplicador e para o entrevistado.

As entrevistas mais fáceis de serem realizadas foram aquelas em que os informantes eram indicados por um terceiro conhecido do pesquisador. Quando isso não era possível, o próprio pesquisador ia percorrendo o interior ou as ruas até que encontrasse alguém disposto a colaborar com a pesquisa. No final de cada aplicação, o informante autorizava a análise dos dados gravados e a eventual publicação do resultado da pesquisa.

Para conseguir os informantes nos pontos 01e 02, respectivamente, Igarapé do Juruti-velho, Distrito Muirapinima Pae, o pesquisador contou com a vantagem de ter nascido no sítio Canta-Galo (Igarapé do Juruti-velho) e por ter parentes lá que indicavam os informantes. Com base na aplicação dos questionários dessas duas localidades do Estado do Pará, o pesquisador promoveu melhorias no conteúdo, principalmente, do QSL, nos quais foram inseridas figuras para facilitar a resposta dos informantes para tornar mais ágil a aplicação. A maioria das fotografias inseridas no QSL foi feita pelo próprio pesquisador.

Apesar da inserção de fotografias no QSL, havia informantes que tinham dificuldades para ver as ilustrações ou não davam respostas precisas, porque não conseguiam se lembrar, embora afirmassem veementemente que sabiam do que se tratava. Por conta disso, o pesquisador sugeria várias respostas (previsíveis em seu conhecimento da linguagem regional) para o entrevistado que, ao se recordar, registrava a lexia correspondente a sua localidade.

Durante a aplicação do QSL houve respostas destoantes, e que passaram despercebidas na ocasião, daquilo que se esperava, por não pertencerem àquele domínio semântico. Por exemplo, no QSL referente à pecuária bovina: *qual é o nome da parte da vaca, em que o bezerro*

*chupa o leite?* O informante respondeu: “*ovo*”. Essa lexia não corresponde às respostas previsíveis e confrontadas com respostas de outros informantes como: *ubre, ubro, peito, teta, mama, seio*. É lógico que somente o boi pode ter *ovo* e não a *vaca*. Como, na ocasião, não foram verificados erros dessa natureza, respostas suspeitas dadas pelos informantes não foram consideradas válidas ao passarem por um julgamento linguístico para saber se aquele léxico pertencia ou não àquele domínio semântico.

A aplicação do questionário na cidade de Codajás foi realizada com os moradores de palafitas, situadas na frente da cidade. O pesquisador partiu em um barco de Manaus no sábado pela manhã, dia 13 de novembro de 2010, e chegou lá domingo sete horas da manhã na primeira viagem, e na segunda viagem, realizada dia 12 de fevereiro de 2011 para corrigir erros de aplicação do questionário semântico-lexical com apenas três informantes dos oito que participaram da primeira aplicação.

Na segunda viagem, o pesquisador chegou às quatro horas da manhã também de domingo, ficando até o dia seguinte em virtude de ser necessário pegar o histórico da cidade na casa da cultura, que funcionava somente nos dias úteis da semana.

A maioria dos entrevistados dessa localidade não demonstrou estranheza a respeito do propósito da pesquisa, enquanto outros interrogaram o pesquisador para terem certeza do que se tratava, e quando ficavam a par da situação, autorizavam as gravações, embora terceiros, vizinhos dos entrevistados, dissessem para tomar cuidado com o pesquisador, pois não o conheciam.

A aplicação dos questionários fonético e semântico-lexical na cidade de Anamã ocorreu no dia 24 e 25 de julho de 2011. Não houve dificuldades para a realização da coleta de dados nessa cidade, pois encontramos o perfil do informante almejado.

A Costa do Juçara fica à margem esquerda do Solimões e fica em frente à cidade Coari, cerca de dez a trinta minutos, dependendo da potência da embarcação fluvial (rabeta, lancha, barco) utilizada na travessia, em relação à saída de Coari. Foram necessárias três viagens àquela localidade para conseguir os informantes, e o pesquisador retornava sempre à tardinha à cidade de Coari. Os informantes que participaram da entrevista como representantes da Costa do Juçara foram das comunidades Ananindé, Nossa Senhora da Conceição, São Francisco e Nossa Senhora de Fátima.

A vila de Itapéua fica a vinte quilômetros de Coari e foram necessárias três idas àquela localidade via estrada Coari-Itapéua nos dias

em que não chovia, porque a estrada ficava intransitável nos dias chuvosos. O transporte utilizado na locomoção foi moto que levava cerca de trinta e três minutos para chegar ao ponto de inquérito.

Outra localidade pesquisada foi o Saubinha, que fica no quilômetro doze da estrada Coari-Itapéua em relação à saída de Coari. Para conclusão da pesquisa foram necessárias três viagens de moto àquela localidade. A dificuldade lá foi encontrar informantes mulheres na faixa etária de 55 a 65 anos com escolaridade acima da 4ª. série e informantes homens na faixa etária de 18 a 30 anos com escolaridade abaixo da 5ª. série. Isso só foi solucionado na última ida ao Saubinha em que foram encontrados entrevistados uma mulher que estava na 5ª série e um rapaz que dizia estar na 4ª série do ensino fundamental, mas quando o pesquisador percebeu que ele apresentava dificuldades na leitura, a série dita pelo jovem não correspondia a que realmente estava.

A pesquisa na cidade de Coari foi feita em datas variadas, uma vez que o pesquisador morava lá e não tinha pressa de concluir o trabalho. A gravação de dois informantes, sendo um homem e uma mulher da mesma faixa etária de 18 a 30 anos, foi apagada do computador por causa da sincronia de dados. Por conta disso, foi necessário reaplicar os dois questionários com novos informantes, uma vez que não conseguimos encontrar os dois primeiros.

A mais difícil de todas as entrevistas foi a realizada na comunidade São João do Ariri, que fica cerca de cinco horas no rio Coari grande se a viagem for feita em um rabeta de 5 HP. Na época da realização das entrevistas, havia uma grande seca em que o rio Coari grande se reduziu a um córrego pequeno, por onde os canoieiros, rabeteiros, levavam o dia inteiro para chegar ao seu destino, pois tinham que arrastar canoas e, por conta disso, atolavam as pernas na lama.

Uma curiosidade na época das grandes secas nos rios e igarapés temporários da Região Amazônica, que acontece no rio Coari grande, é a grande mortandade de peixes, botos, peixe-bois, que ficam ilhados e sem oxigênio no pequeno canal (a parte do rio que não seca definitivamente).

O trabalho foi desenvolvido em duas partes: a primeira foi feita na própria cidade de Coari com os moradores da comunidade São João do Ariri, que ficaram ilhados na cidade; a segunda foi realizada no dia 19 de dezembro de 2010, quando o rio já estava enchendo. Apesar de o pesquisador ter andando uns trinta minutos, foi realizada na própria comunidade na qual permaneceu por dois dias.



## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como se trata de dois fenômenos linguísticos pesquisados na região geográfica do Médio Solimões e na região do Baixo Amazonas (a variação fonética das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação lexical), abordaremos, primeiramente, o comportamento das pretônicas e na sequência trataremos do léxico nas duas regiões amazônicas.

Em se tratando das ocorrências das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, foram analisadas segundo o contexto intralinguístico (fatores internos) e extralinguístico (fatores externos). Nosso objetivo era de descrever e de analisar as realizações do /e/ e do /o/ em posição pretônica, ou seja, descreveríamos desde variantes menos expressivas até as mais expressivas, que supostamente são [ɛ], [e] e [i] para as vogais anteriores e [ɔ], [o] e [u] para as vogais posteriores, caracterizando, assim, respectivamente, os fenômenos conhecidos como abaixamento, manutenção e alteamento de vogais médias pretônicas.

Consideramos que a previsão de incidência da vogal média /e/ nos vocábulos selecionados é de sessenta e seis vezes setenta e dois, que corresponde ao número de informantes selecionados na amostra, perfazendo um total de 4.752 ocorrências.

Por sua vez, na incidência da vogal média /o/ nos vocábulos selecionados, a previsão foi de cinquenta e uma vezes setenta e dois, que corresponde ao número de informantes, totalizando 3.672 ocorrências.

Como houve resultados bastante díspares no que diz respeito às ocorrências de /e/ e de /o/ no contexto intra e extralinguístico, preferimos analisar a região do Médio Solimões separadamente da região do Baixo Amazonas, a fim de que fossem evitadas generalizações vagas, que não refletiriam a realidade linguística das duas regiões.

Ao cabo de cada contexto linguístico descrito, fizemos um paralelo entre as realizações pretônicas mais predominantes do Baixo Amazonas e as mais predominantes do Médio Solimões com a finalidade de mostrar aspectos linguísticos característico das duas regiões estudadas. Selecionamos oitenta e duas cartas fonéticas, que apresentam o resultado da pesquisa sobre as realizações pretônicas de /e/ e de /o/. Os ícones nas cartas são do tipo fenotípico, pois representam as variantes pretônicas no espaço dos mapas dos Municípios de Juruti/PA, Anamá/AM, Codajás/AM e Coari/AM. As cartas fonéticas reúnem a análise das realizações pretônicas de /e/ e de /o/ em apenas um vocábulo ou em uma gama de vocábulos. Por exemplo, uma única carta fonética resume informações, passíveis de análise em vários ângulos, até dos cento e um vocábulos selecionados para compor o QFF.



Além de descrevermos todas as variantes pretônicas de /e/ e de /o/, verificamos nos contextos contíguos e não contíguos a vogais tônicas, nos contextos precedentes e seguintes, e, ainda, verificamos por ponto de inquérito, por gênero, por escolaridade e por faixa etária, qual das variantes pretônicas foi a mais produtiva em cada região estudada. Nos tópicos seguintes descrevemos as variáveis independentes, que podem ser os condicionadores de todas as realizações pretônicas de /e/ e de /o/.

Analizamos as realizações pretônicas de /e/ no contexto contíguo, pois a tendência da pretônica é de que assimile os traços fonéticos de vogais tônicas na sílaba seguinte:

- a. Diante de vogal tônica baixa central oral [a]
- b. Diante de vogal tônica baixa central nasal [ã]
- c. Diante de vogal tônica média alta anterior oral [e]
- d. Diante de vogal tônica média alta anterior nasal [ẽ]
- e. Diante de vogal tônica alta anterior oral [i]
- f. Diante de vogal tônica alta anterior nasal [ĩ]
- g. Diante de vogal tônica média baixa posterior oral [ɔ]
- h. Diante de vogal tônica média alta posterior oral [o]
- i. Diante de vogal tônica média alta posterior nasal [õ]
- j. Diante de vogal tônica alta posterior oral [u]
- k. Diante de vogal tônica alta posterior nasal [ũ]

Analizamos as ocorrências da vogal média pretônica /e/ no contexto não contíguo às vogais tônicas seguintes. A tendência, nesse caso, é de que essa vogal pretônica receba influência fonética em menor intensidade da vogal tônica, uma vez que aquela pode estar separada por uma ou por mais de uma sílaba desta:

- a. Não contígua à vogal tônica baixa central oral [a]
- b. Não contígua à vogal tônica baixa central nasal [ã]
- c. Não contígua à vogal tônica média baixa anterior oral [ɛ]
- d. Não contígua à vogal tônica média alta anterior oral [e]
- e. Não contígua à vogal tônica média alta anterior nasal [ẽ]
- f. Não contígua à vogal tônica alta anterior oral [i]
- g. Não contígua à vogal tônica média baixa posterior oral [ɔ]
- h. Não contígua à vogal tônica média alta posterior oral [o]
- i. Não contígua à vogal tônica média alta posterior nasal [õ]
- j. Não contígua à vogal tônica alta posterior nasal [ũ]

Analisamos o /e/ precedido dos seguintes contextos:

- a.** Vazio (início absoluto de palavra)
- b.** Bilabiais [p, b, m]
- c.** Labiodentais [f, v]
- d.** Velar [k]
- e.** Alveolopalatal [ʃ]
- f.** Coronais [t, d, l, r, s, z]
- g.** Glotal [h]

Analisamos o /e/ seguido dos contextos:

- a.** Bilabiais [p, b, m]
- b.** Labiodentais [f, v]
- c.** Palatais [ɲ, ʎ]
- d.** Velar [g]
- e.** Arquifonema /S/
- f.** Coronais [t, d, l, r, s, z]
- g.** Vogal baixa central nasal [ã]
- h.** Vogal baixa central oral [a]
- i.** Semivogal [j]
- j.** Glotal [h]

Analisamos o /o/ no contexto contíguo:

- a.** Diante de vogal tônica baixa central oral [a]
- b.** Diante de vogal tônica baixa central nasal [ã]
- c.** Diante de vogal tônica média baixa anterior oral [ɛ]
- d.** Diante de vogal tônica média alta anterior oral [e]
- e.** Diante de vogal tônica média alta anterior nasal [ẽ]
- f.** Diante de vogal tônica alta anterior oral [i]
- g.** Diante de vogal tônica alta anterior oral [ĩ]
- h.** Diante de vogal tônica média alta posterior oral [o]
- i.** Diante de vogal tônica média alta posterior nasal [õ]
- j.** Diante de vogal tônica alta posterior oral [u]
- k.** Diante de vogal tônica alta posterior nasal [ũ]

Analisamos as ocorrências da vogal média pretônicas /o/ no contexto não contíguo às vogais tônicas seguintes:

- a.** Não contígua à vogal tônica baixa central oral [a]
- b.** Não contígua à vogal tônica baixa central nasal [ã]

- c. Não contígua à vogal tônica média baixa anterior oral [ɛ]
- d. Não contígua à vogal tônica média alta anterior oral [e]
- e. Não contígua à vogal tônica alta anterior nasal [ĩ]
- f. Não contígua à vogal tônica média baixa posterior oral [ɔ]
- g. Não contígua à vogal tônica média alta posterior oral [o]

Analisamos o /o/ precedido dos seguintes contextos:

- a. Vazio (início absoluto de palavra)
- b. Bilabiais [p, b, m]
- c. Labiodentais [f, v]
- d. Velares [g, k]
- e. Alveolopalatais [ʒ, ʃ]
- f. Coronais [t, d, l, r, s, z]
- g. Glotal [h]

Analisamos o /o/ seguido dos contextos:

- a. Bilabiais [p, b, m]
- b. Labiodentais [f, v]
- c. Alveolopalatal [tʃ]
- d. Velar [g]
- e. Palatal [ʎ]
- f. Coronais [t, d, l, r, s, z]
- g. Glotal [h]
- h. Arquifonema /S/
- i. Vogal tônica média alta anterior [e]
- j. Vogal baixa central oral [a]
- k. Vogal baixa central nasal [ã]
- l. Semivogal mais vogal [ja]

Nos contextos linguísticos elencados acima, como vimos anteriormente, existem diversas pesquisas sobre as variantes pretônicas de /e/ e de /o/, já concluídas, confirmando que a maioria desses segmentos vocálicos e consonânticos adjacentes influencia as realizações das vogais médias pretônicas. Dentre elas, destacamos Bisol (1981) sobre a influência do segmento vocálico seguinte nas realizações pretônicas de /e/ e de /o/ como [i], [e] e [ɔ], que caracterizam os processos de alteamento, manutenção e abaixamento. Esses processos acontecem por assimilação, pela pretônica, dos traços da vogal tônica e da vogal átona contígua, também denominado de harmonia vocálica.

Para Bisol (1981), quanto mais próxima de uma vogal seguinte, maior será a chance de a vogal pretônica ser influenciada. Por outro lado, Câmara Jr. (1977) considera que a vogal seguinte deve ser tônica para que ocorra o fenômeno da harmonia vocálica<sup>41</sup>.

Abaurre-Gnerre (1981) considera que o fenômeno do alteamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, em suas realizações fonéticas, respectivamente, como [i] e como [u], é influenciado por sons consonânticos adjacentes. Esse processo é conhecido como redução vocálica, em que uma vogal média tende a se tornar menos sonora e menos aberta.

Viegas (1987) verificou que no dialeto falado na cidade de Belo Horizonte/MG, o fenômeno do alteamento é uma regra variável em vocábulos diferentes, que apresentam o mesmo ambiente linguístico, onde pode ocorrer ou não tal fenômeno. Além da harmonia vocálica, as consoantes labiodentais /f/ e /v/, a palatal /ʃ/, as coronais /s/, /n/, /t/ e /z/, as alveolopalatais /ʃ/ e /ʒ/, as bilabiais /b/, /m/ e /p/ e as velares /k/ e /g/ favoreceram o alteamento das pretônicas /e/ e /o/.

No alteamento das vogais pretônicas /e/ e /o/ podem contribuir o contexto inicial do vocábulo e, principalmente, se este for seguido de consoantes nasais ou das realizações do /S/, o contexto envolvendo hiato e o contexto precedente envolvendo consoantes bilabiais e velares. Na pesquisa de Bisol (1981), sobre o alteamento ocorrido na fala gaúcha, verificou-se que esse processo favorece a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. Além disso, a presença de consoantes velares na sílaba seguinte favorece a elevação da pretônica posterior /o/. A presença de consoantes palatais no contexto seguinte favorece a elevação de /e/ e de /o/. A presença de um segmento nasal favorece o alteamento somente de /e/ e a presença de consoantes labiais e velares favorece a elevação de /o/.

Segundo Silva (2009) no dialeto da cidade de Teresina/PI existem três tipos de harmonia vocálica entre pretônicas e vogais átonas e tônicas da sílaba seguinte: harmonia com vogais baixas [a], [ɛ] e [ɔ]; harmonia com vogais médias altas [e] e [o]; e harmonia com vogais altas [i] e [u]. Dessa forma, o dialeto teresinense é caracterizado pela presença de vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], médias altas [e] e [o] e altas [i] e [u] com prevalência de vogais médias baixas.

---

<sup>41</sup> É o fenômeno fonológico envolvendo um ou mais traços de uma vogal, que se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio, por exemplo, uma palavra (SILVA, 2011, p. 131)

Segundo esses estudos, para o abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ contribuem o contexto seguinte envolvendo vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], vogal baixa oral [a] ou nasal [ã]. Por outro lado, na manutenção de variantes médias altas [e] e [o] contribuem o contexto seguinte envolvendo vogais médias altas.

Além de analisarmos os contextos linguísticos, verificamos também as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto diatópico seguinte:

No Baixo Amazonas

- a. Igarapé do Juruti-velho
- b. Vila do Juruti-velho

No Médio Solimões

- a. Comunidade Ariri
- b. Cidade de Coari
- c. Comunidade Saubinha
- d. Vila do Itapéua
- e. Costa do Juçara
- f. Cidade de Codajás
- g. Cidade de Anamã

Verificaremos se, entre os pontos de inquérito do Baixo Amazonase do Médio Solimões, mantêm-se a mesma realização fonética de /e/ e de /o/ na caracterização de seus respectivos dialetos.

Além do fator diatópico, as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foram, também, analisadas segundo os seguintes fatores sociais:

- a. Gênero/sexo: masculino *versus* feminino.

No emprego das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, pode haver uma diferença na apropriação de suas variantes pelos homens e pelas mulheres. Nas duas Regiões Amazônicas, esperamos que as variantes médias altas [e] e [o], tidas como reflexo do padrão do português do Brasil, façam parte do repertório linguístico das mulheres, enquanto as variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] e as variantes altas [i] e [u], supostamente menos controladas pelos falantes, estejam presentes no repertório linguístico dos homens. Labov (1966) considera que os homens estão mais propensos a usarem variantes estigmatizadas, enquanto as mulheres estão propensas a usarem as variantes consideradas mais prestigiosas pela sociedade. As mulheres podem adotar uma atitude mais conservadora no que diz respeito às escolhas de

suas variantes dialetais e tendem a valorizar variantes de maior prestígio social (TRUDGILL, 1979).

**b.** Escolaridade: escolaridade 1 (até a 4ª série primária) *versus* escolaridade 2 (acima da 4ª série primária).

Verificaremos, segundo esse fator, se os analfabetos ou com escolaridade até a 4ª série primária (escolaridade 1) fazem apropriação das variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] ou das variantes altas [i] e [u], porque tais variantes supostamente dispensam um controle maior da linguagem por parte do falante. Por outro lado, as variantes médias altas [e] e [o] supostamente exigem um controle maior da linguagem, pois são tidas como variantes cultas e são ensinadas na escola, principalmente, pelos formadores de opinião ou pelos adeptos do ensino de gramática tradicional.

**c.** Faixa etária: faixa etária 1 (de 18 a 30 anos) *versus* faixa etária 2 (de 50 a 65 anos).

Escolhemos esse fator tendo em vista que na fala da geração mais jovem existem aspectos linguísticos inovadores em relação à fala da geração de idade mais avançada, mais conservadora. Por exemplo, o /l/ pode se realizar como [r], [h], [x] nos vocábulos *mal* e *salgado* na fala de pessoas idosas, porém se realizaria como [w] na fala de pessoas mais jovens.

Ao analisarmos esse fator, pretendemos verificar se existe alguma mudança em tempo aparente<sup>42</sup>. Verificaremos quais das variantes médias pretônicas, [e] e [o], [ɛ] e [ɔ] e [i] e [u] fazem parte da fala dos informantes de 18 a 30 anos e também da fala dos informantes de 50 a 65 anos. Labov (1966) considera que o fator faixa etária é fundamental na apropriação de variantes dialetais pela geração mais jovem diferentemente da apropriação de outros aspectos linguísticos pela geração mais velha.

Mesmo considerando todos esses fatores elencados nos parágrafos anteriores, nossa intuição é a de que nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho e na vila do Juruti-velho haja o predomínio de vogais médias altas [e] e [o], seguindo a tendência de outras regiões paraenses em pesquisas já concluídas. Por outro lado, sem termos parâmetro de ocorrências de vogais pretônicas na região do Médio Solimões, acreditamos que haverá uma flutuação significativa entre

---

<sup>42</sup>O pesquisador verifica o padrão de distribuição do comportamento do fenômeno linguístico estudado entre informantes mais novos e mais velhos. Se houve diferenças linguísticas entre essas duas faixas etárias é porque houve uma mudança linguística.

vogais pretônicas altas [i, u], médias altas [e, o] e vogais médias baixas [ɛ, ɔ], porque o panorama linguístico atual é diferente das décadas 60, 70, 80 e 90 do século passado, quando havia um isolamento maior das comunidades ribeirinhas sem energia elétrica, sem televisão, sem telefone, sem embarcação potente e sem a efervescência da economia movimentada no Médio Solimões pelos empreendimentos da *Petrobrás* e no Baixo Amazonas pelos empreendimentos da multinacional *Alcoa* (empresa exploradora de bauxita), que vem executando vários projetos beneficentes aos ribeirinhos das comunidades do Igarapé e lago do Juruti-velho.

Em décadas pretéritas do século XX, apenas no Médio Solimões, a incidência das variantes pretônicas altas [i] e [u] poderia ser categórica conforme apontou Corrêa (1980) em seu *Falar do Caboclo de Itacoatiara e Silves* em pesquisa realizada no Médio Amazonas, ou poderia haver uma incidência categórica de variantes pretônicas mais baixas ou abertas, conforme consagração técnica para a caracterização do [ɛ, ɔ], em consonância com a hipótese formulada por Antenor Nascentes (1953) para os falares nortistas.

Entretanto, hoje, ao navegarmos ao longo dos rios Amazonas e Solimões, em qualquer cidadezinha ou comunidade há sinal de telefonia celular, há antenas parabólicas, ou seja, as comunidades linguísticas não sofrem mais com o isolamento geográfico para manterem seu modo de falar mais tradicional, de forma que seria mais raro encontramos ilhas linguísticas no território do Estado do Amazonas e no Estado do Pará.

Mesmo havendo realização categórica de uma dada variante pretônica, elaboramos sua carta fonética, na tentativa de estabelecermos o padrão geral e regional das ocorrências de /e/ e de /o/.

No final de cada contexto, elaboramos uma tabela, onde estão colocadas as variantes pretônicas mais predominantes em seus respectivos contextos.

Portanto, constataremos se o fator intralinguístico, se o fator diatópico ou se o fator social exerceu influência significativa nas ocorrências pretônicas de /e/ e /o/.

### **6.1 As realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto intralinguístico**

A contiguidade tem a ver com a proximidade entre a vogal pretônica e a vogal tônica, enquanto a não contiguidade tem a ver com a separação da vogal pretônica por uma ou mais sílabas no mesmo

vocábulo. Como há 101 respostas do QFF, são muitos contextos linguísticos contíguos e não contíguos à vogal pretônica /e/.

Para evitarmos várias casas decimais, optamos por número percentual arredondado pelo programa *Excel* 2010, ou seja, se determinada variante obtiver registro percentual de 44,987%, será arredondado automaticamente para 45%. Além de valores percentuais, também disponibilizamos de valores absolutos.

### **6.1.1 As realizações da vogal média pretônica /e/ por contiguidade**

Iniciaremos nossa análise sobre a vogal média pretônica /e/ contígua às vogais tônicas. Nosso objetivo é verificar se ocorre assimilação dos traços das vogais tônicas pela pretônica.

#### **a. Contígua a vogal tônica [a]**

Na carta fonética 01, analisamos a pretônica /e/ nos vocábulos *escada*, *espada*, *estátua*, *beterraba*, *retrato*, *veado* e *polegar*. Nesses vocábulos, verificamos se o contexto contíguo a vogal tônica baixa central [a] influencia o abaixamento da pretônica /e/ em sua realização como [ɛ], uma vez que essas vogais estão próximas quanto ao grau de altura da língua.

A vogal pretônica /e/ contígua à vogal tônica [a] se realizou foneticamente como [ɛ], [e], [ẽ] e [i]. A variante [ẽ] constitui uma realização fonética anômala de /e/, pois obteve apenas um registro na vila do Juruti-velho, localizada na região do Baixo Amazonas. Tal incidência sucedeu com o vocábulo *beterraba*, em que o [e] que foi pronunciado pelo H1F1E1 de forma nasalizada.

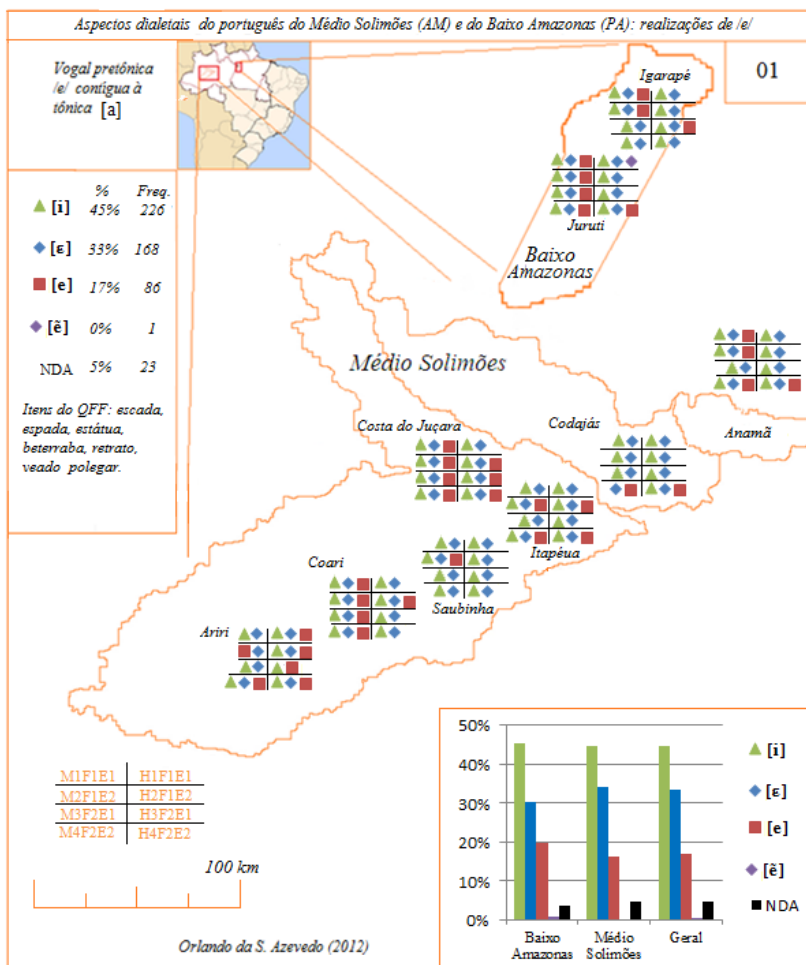
Pela leitura do gráfico da carta fonética 01, verificamos que, no geral, houve uma dissimilação entre os traços da vogal tônica [a] e os da variante fonética [i], sendo que esta ocorreu 45% do total de 504 possibilidades por influência da consoante seguinte [ʃ] presente nos vocábulos *escada*, *espada*, *estátua* e pela maior incidência também do mesmo fenômeno no vocábulo *veado*.

A variante que mais se aproximou dos traços da tônica [a] foi [ɛ] com 33% das ocorrências e ocorreu, sobretudo, nos vocábulos *beterrabae* *retrato*. De maneira menos expressiva, apareceu a variante fonética [e] com 17%, sendo mais incidente no vocábulo *polegar*.

Por região, o alteamento de /e/ para [i] foi um pouco mais expressivo no Baixo Amazonas com percentual de ocorrência em 46%, enquanto, no Médio Solimões, ocorreu em 45% dos dados. As demais



variantes [ɛ] e [e] obtiveram, respectivamente, 30%, 20% no Baixo Amazonas, e no Médio Solimões, obtiveram, respectivamente, 34% e 16%.



Nesse contexto de análise, existem vocábulos, nos quais a pretônica foi, predominantemente, alta [i], mas também média alta [ɛ], média baixa [ɛ], com pequenas flutuações entre essas variantes.

Diferentemente do que esperávamos, o alteamento foi predominante nas duas regiões estudadas por conta de outros fatores

fonéticos como o contexto seguinte envolvendo o arquifonema /S/ e o [a] do hiato em um processo conhecido como dissimilação envolvendo a vogal pretônica [i] e a tônica [a].

Na Tabela 11, disponibilizamos os dados percentuais e a frequência absoluta das realizações de /e/ diante de [a]:

Tabela 11 Realizações do /e/ diante de [a]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	51	46%	175	45%	226	45%
[ɛ]	34	30%	134	34%	168	33%
[e]	22	20%	64	16%	86	17%
[ẽ]	1	1%			1	0%
NDA	4	4%	19	5%	23	5%
Total	112	100%	392	100%	504	100%

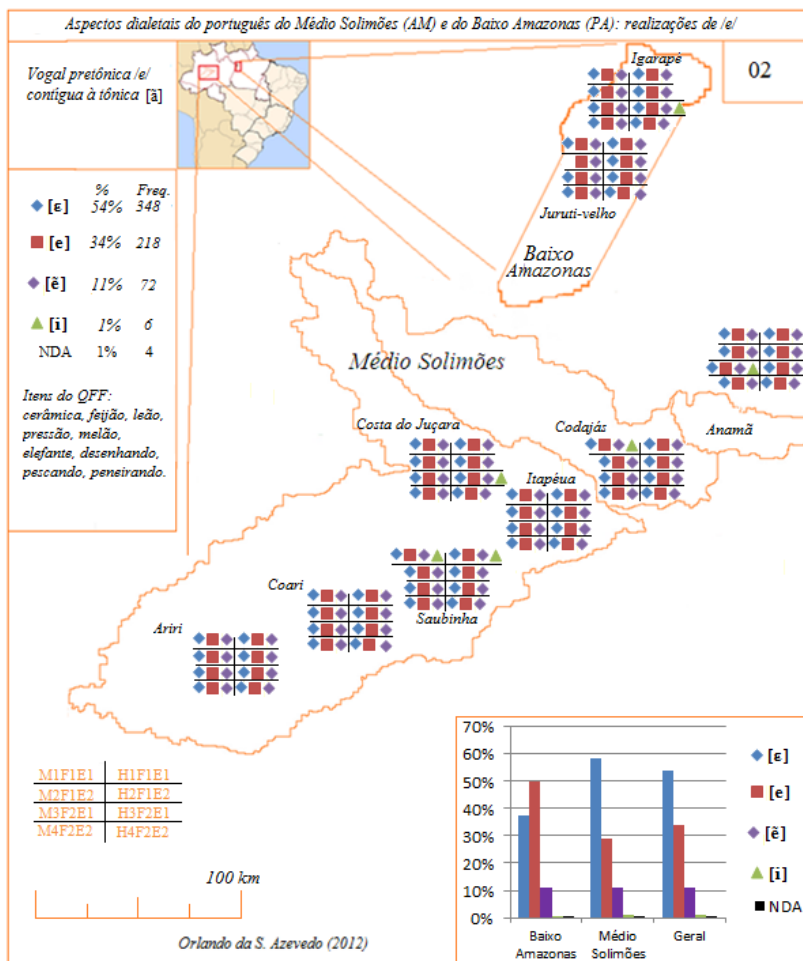
## b. Contígua à vogal tônica [ã]

Verificamos na carta fonética 02, as realizações do /e/ diante de vogal baixa central nasal [ã]. Ao ignorarmos a realidade linguística de cada região, a variante [ɛ] é a mais expressiva com 54% do total de 648 ocorrências de /e/, e a variante [i] é menos usual com apenas 1%. Nesse contexto, ainda, o [e] ocorreu com registro percentual de 34% e o [ẽ] com 11%.

O Abaixamento da vogal /e/ em sua realização como [ɛ] diante de vogal baixa nasal [ã] constituiu a forma mais usual apenas no dialeto solimoense, enquanto no jurutiense foi a variante média alta [e]. Vocábulos que foram pronunciados com a pretônica média baixa [ɛ] no Médio Solimões, no Baixo Amazonas sucederam, predominantemente, como pretônica média alta [e].

Na região solimoense, o [ɛ] obteve registro percentual de 58% do total de 504 possibilidades de incidência de /e/, e foi seguido por [e], [ẽ] e [i] com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 29%, em 11% e em 1%.

Por sua vez, na região jurutiense, a variante [e] ocorreu 50% do total de 144 incidências de /e/, e foi seguida por [ɛ] que obteve 38%, por [ẽ] e por [i] com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 11% e em 1%.



Por região, a presença de um som vocálico baixo central nasal tônico [ã] não foi o fator linguístico determinante na realização da pretônica /e/ como [ɛ] ao considerarmos os vocábulos *cerâmica*, *feijão*,

*leão, pressão, melão, elefante, desenhando, pescando e peneirando*, pois alguns desses vocábulos possuem variantes pretônicas estáveis na variante média baixa [ɛ], na variante média alta [e] e na variante nasalizada [ẽ]. Como exemplo dessa estabilidade, verificamos que a pretônica média alta nasal [ẽ] segundo os dados gerais absolutos ocorreu setenta e duas vezes no vocábulo *desenhando*, que foi transcrito como [dɛ.zẽ.ˈɲã.du], ou seja, em todos os pontos de inquérito os informantes nasalizam 100% essa variante pretônica, nesse contexto.

A variante alta [i] ocorreu seis vezes no vocábulo *leão*, que foi transcrito como [ʎi.ˈãw]. Os seis informantes, usuários da variante alta [i] nesse vocábulo, possuíam baixa escolaridade (até a 4ª. série), das duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65), sendo três homens e três mulheres.

Consideramos que o fator diatópico favoreceu a região do Baixo Amazonas com predominância de [e], enquanto no Médio Solimões foi o fator linguístico com a predominância de [ɛ], que tende a se manter dessa forma diante de vogal baixa nasal [ã].

Abaixo, na Tabela 12, disponibilizamos os números percentuais e absolutos das realizações de /e/ diante de [ã]:

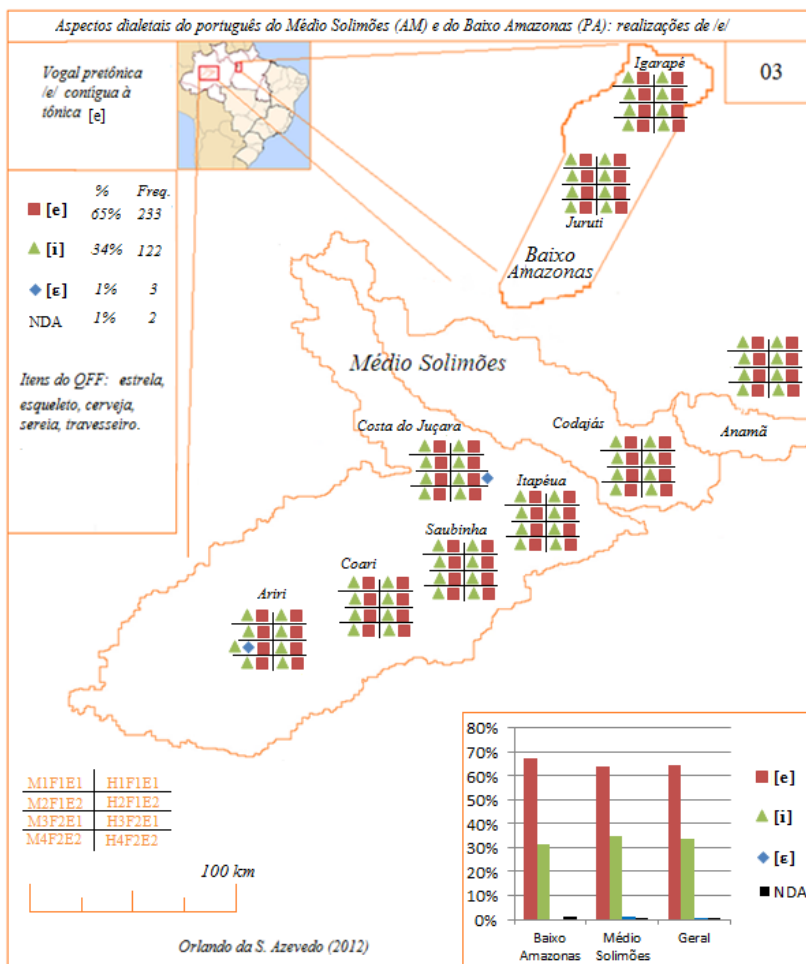
Tabela 12 Realizações do /e/ diante de [ã]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	54	38%	294	58%	348	54%
[e]	72	50%	147	29%	219	34%
[ẽ]	16	11%	55	11%	71	11%
[i]	1	1%	5	1%	6	1%
NDA	1	1%	3	1%	4	1%
Total	144	100%	504	100%	648	100%

### c. Contígua à vogal tônica [e]

Na carta fonética 03, foram analisadas as ocorrências pretônicas de /e/ nos vocábulos *estrela, esqueleto, cerveja, sereia* e *travesseiro*. A tendência esperada era a de que a variante média alta [e] fosse a mais expressiva. Nos cinco vocábulos, o /e/ pretônico contíguo à vogal tônica

[e] ocorreu como [ɛ], [i] e [e]. Dos processos que caracterizam essas três variantes fonéticas, ao considerarmos o cômputo geral e regional, a manutenção da variante média alta [e] foi o mais incidente.



A variante média baixa [ɛ] é incomum nesse contexto e obteve um percentual geral de 1% do total de 360 possibilidades de ocorrências do /e/. Por outro lado, prevaleceram como formas usuais [e] e [i] no dialeto solimoense e jurutiense.

No Baixo Amazonas, a variante média alta [e] obteve registro percentual de 68% e segue a tendência de ser mais expressiva no Baixo Amazonas, enquanto, no Médio Solimões, tal variante obteve 65%. A segunda variante mais expressiva, [i], obteve registros percentuais de 31%, de 35% e de 34%, respectivamente, no Baixo Amazonas, no Médio Solimões e no Geral.

Certamente a contiguidade de /e/ em relação à vogal tônica [e] contribuiu para uma maior ocorrência de assimilação dos traços distintivos da tônica pela pretônica, harmonia vocálica com a vogal média pretônica alta, nos vocábulos *esqueleto*, *cerveja* e *sereia*. Nos vocábulos *estrelae* *traveseiro*, apesar de terem apresentado flutuação entre a pretônica alta e a pretônica média alta [i]~[e], sobressaiu-se a variante alta [i], constituindo, dessa forma, o padrão dialetal nas duas regiões estudadas para esses dois vocábulos.

Na Tabela 13, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ diante de [e]:

Tabela 13 Realizações do /e/ diante de [e]

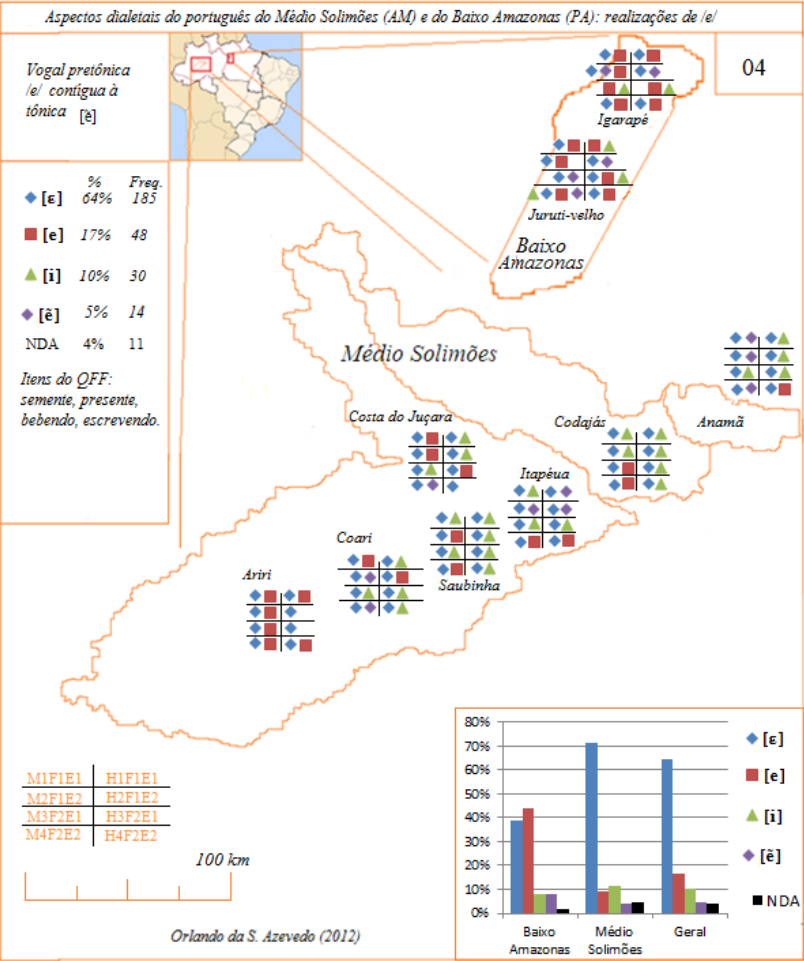
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	54	68%	179	64%	233	65%
[i]	25	31%	97	35%	122	34%
[ɛ]			3	1%	3	1%
NDA	1	1%	1	0%	2	1%
Total	80	100%	280	100%	360	100%

#### d. Contígua à vogal tônica [ẽ]

A contiguidade à vogal tônica [ẽ] pode influenciar a pretônica na aquisição de seus traços fonéticos tais como altura, nasalidade e timbre. Verificamos na carta fonética 04 se a pretônica [e] foi a mais incidente nos vocábulos *semente*, *presente*, *bebendo* e *escrevendo*, caracterizando, assim, o processo de manutenção da variante média alta [e].

A vogal pretônica /e/ se realizou como [ɛ], [e], [ẽ] e [i] contígua à vogal tônica [ẽ]. Segundo os dados da carta fonética 04, a variante [ɛ] constituiu o padrão dialetal apenas na região solimoense, onde foi

registrada 71% do total de 224 possibilidades da incidência de /e/. Ainda nessa região, as demais variantes [e], [ẽ] e [i] obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, em 8%, em 4% e em 12%.



Embora o [ẽ] prevaleça no somatório geral com percentual de ocorrência em 64% do total de 288 possibilidades, no Baixo Amazonas foi a variante [e], que obteve frequência maior que as variantes [ẽ], [ẽ] e [i], registrando um percentual de incidência de 44% do total de sessenta e quatro possibilidades. Mesmo que o [e] seja mais expressivo no Baixo

Amazonas, os números percentuais e absolutos indicaram certa paridade com o [ɛ], que obteve registro percentual de 39% ou vinte e cinco ocorrências. Ainda na região do Baixo Amazonas, o [i] e o [ẽ] incidiram com percentual de ocorrência em 8% cada.

A presença da variante alta [i] aconteceu em Coari (MS), Saubinha (MS), Itapéua (MS), Costa do Juçara (MS), Codajás (MS), Anamá (MS), Igarapé do Juruti-velho (BA) e Juruti-velho (BA) com registros percentuais, respectivamente, de 13%, de 22%, de 13%, de 9%, de 19%, de 9%, de 6% e de 9%, e ocorreu, sobretudo, no vocábulo *semente*, sendo produzido no cômputo geral como [si'mẽ.tʃi] trinta vezes, transcrito como [sẽ.'mẽ.tʃi] catorze vezes, transcrito como [se.'mẽ.tʃi] vinte e cinco vezes, e transcrito como [sɛ.'mẽ.tʃi] apenas uma vez. A assimilação dos traços da tônica pela pretônica ocorreu somente nesse vocábulo com registro percentual de 5% ou catorze ocorrências apenas.

Concluimos que diante da vogal tônica [ẽ], a propensão do /e/ foi pela abertura da pretônica no Médio Solimões, em sua realização como [ɛ], caracterizando, pois, o fenômeno do abaixamento vocálico como típico do dialeto solimoense, enquanto no Baixo Amazonas a manutenção da variante média alta [e] caracteriza-se como típico do dialeto jurutiense.

Os dados em números percentuais e em números absolutos podem ser visualizados na Tabela 14 abaixo:

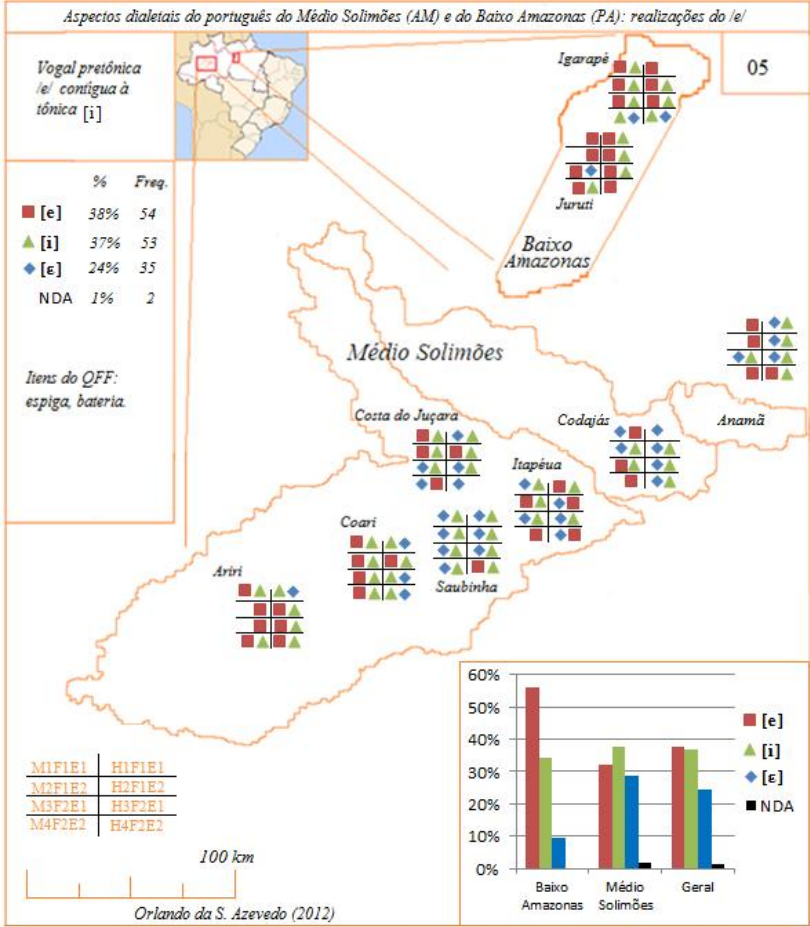
Tabela 14 Realizações do /e/ diante de [ẽ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	25	39%	160	71%	185	64%
[e]	28	44%	20	9%	48	17%
[i]	5	8%	25	11%	30	10%
[ẽ]	5	8%	9	4%	14	5%
NDA	1	2%	10	4%	11	4%
Total	64	100%	224	100%	288	100%



**e. Contígua à vogal tônica [i]**

Na carta fonética 05, analisamos nos vocábulos *espiga* e *bateria* as ocorrências de /e/ no contexto contíguo à vogal tônica [i]. Se houver assimilação dos traços fonéticos da vogal tônica alta [i] pela pretônica /e/, o fenômeno do alteamento será o mais expressivo. Nesse contexto, o /e/ se realizou como [ɛ], [e] e [i] com destaque para a manutenção da variante média alta [e] no Baixo Amazonas e com destaque para o alteamento no Médio Solimões.



A alternância [e]~[i] mostrou um equilíbrio entre as duas regiões, onde o [e] foi mais incidente no Baixo Amazonas registrando 56% do total de trinta e duas possibilidades, enquanto o [i] se destacou no Médio Solimões, onde obteve registro percentual de 38% do total de 112 ocorrências de /e/.

As alternantes [e] e [i] obtiveram ocorrências próximas no contexto geral, respectivamente, com percentuais de ocorrência em 38% e em 37%, do total de 144 possibilidades. A alternante [ɛ] ocorreu apenas 24% no contexto geral, 9% no Baixo Amazonas e 29% no Médio Solimões.

A assimilação dos traços da tônica pela pretônica aconteceu apenas com o vocábulo *espiga* transcrito [iʃ.ˈpi.ga], ou seja, o alteamento de /e/ para [i] foi mais recorrente nesse vocábulo, e tal variante constitui o padrão dialetal nas respectivas regiões estudadas, uma vez que, na variante [ɛʃ.ˈpi.ga], o [e] ocorreu no geral dezenove vezes. Outra flutuação envolvendo as realizações da pretônica /e/ sucedeu com o vocábulo *bateria*, o qual foi transcrito [ba.te.ˈri.a] e [ba.ɛ.ˈri.a], com destaque para a comunidade Saubinha (MS), onde a variante pretônica média baixa [ɛ] foi predominante e obteve sete ocorrências, enquanto o [e] lá obteve apenas uma nesse vocábulo e nenhuma no vocábulo *espiga*, onde o alteamento foi categórico.

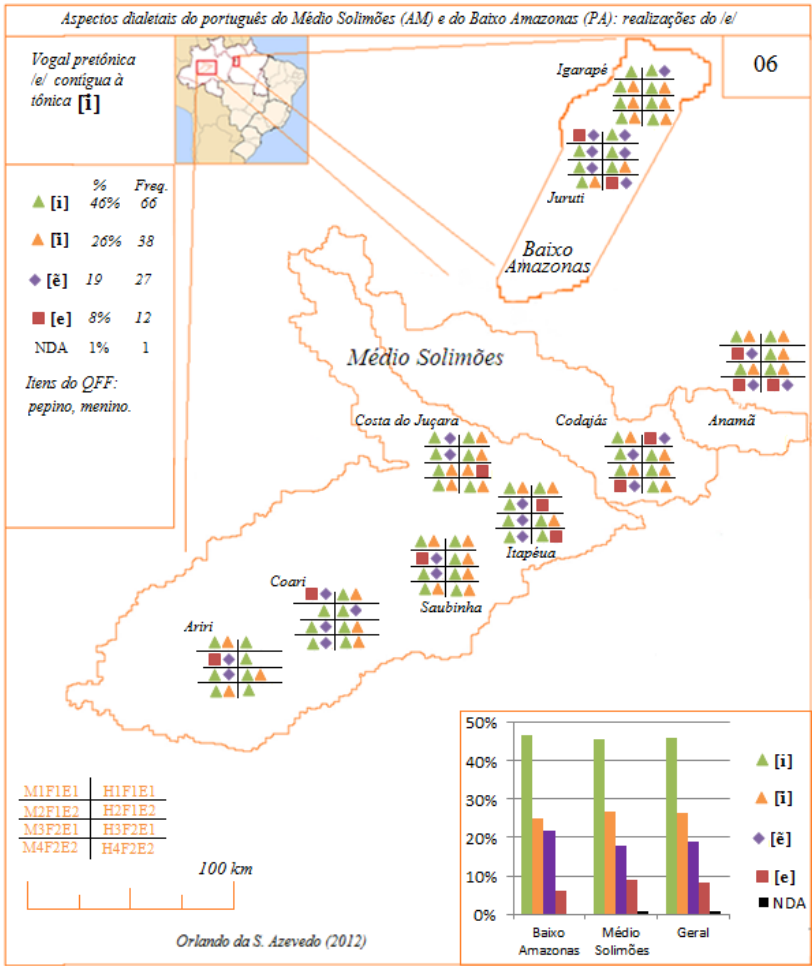
Na Tabela 15, abaixo, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos:

Tabela 15 Realizações do /e/ diante de [i]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	18	56%	36	32%	54	38%
[i]	11	34%	42	38%	53	37%
[ɛ]	3	9%	32	29%	35	24%
NDA			2	2%	2	1%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

f. Contígua à vogal tônica [i]

Na carta fonética 06, a vogal /e/ contígua a vogal tônica alta nasal [i] se realizou como [e], [ẽ], [i] e [ɪ]. No contexto geral, ocorreram somente vogais fechadas com 46% de alteamento de /e/ para [i] e 26% para [ɪ]–variante nasalizada.



Dessa forma, considerando as duas variantes pretônicas [i] e [ĩ], o alteamento corresponde a 72% do total de 144 possibilidades. Ainda no contexto geral, [ẽ] e [e] ocorreram, respetivamente, 19% e 8%. Por região, a predominância das ocorrências das vogais pretônicas altas [i] e [ĩ] se manteve sobre as ocorrências das variantes pretônicas [ẽ] e [e] com pouca expressividade nesse contexto, onde aquela obteve 22% no Baixo Amazonas e 18% no Médio Solimões, e esta obteve 6% no Baixo Amazonas e 9% no Médio Solimões.

As produções dos vocábulos *pepino* e *menino* como [pi.'pĩ.nu] e [mĩ'jĩnu], foram as mais usuais tanto na região do Baixo Amazonas como na do Médio Solimões. As formas transcritas [me.'hĩ.nu], [mẽ.'hĩ.nu] onde as pretônicas [e] e [ẽ] incidiram, constituem-se correções feitas pelos falantes diante da grafia do vocábulo *menino*, uma vez que a grafia “*minyyno*” já fora abonada no século XIII nas Cantigas de Santa Maria 323, v. 40-41.

Na Tabela 16, abaixo, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos.

Tabela 16 Realizações de /e/ diante de [ĩ]

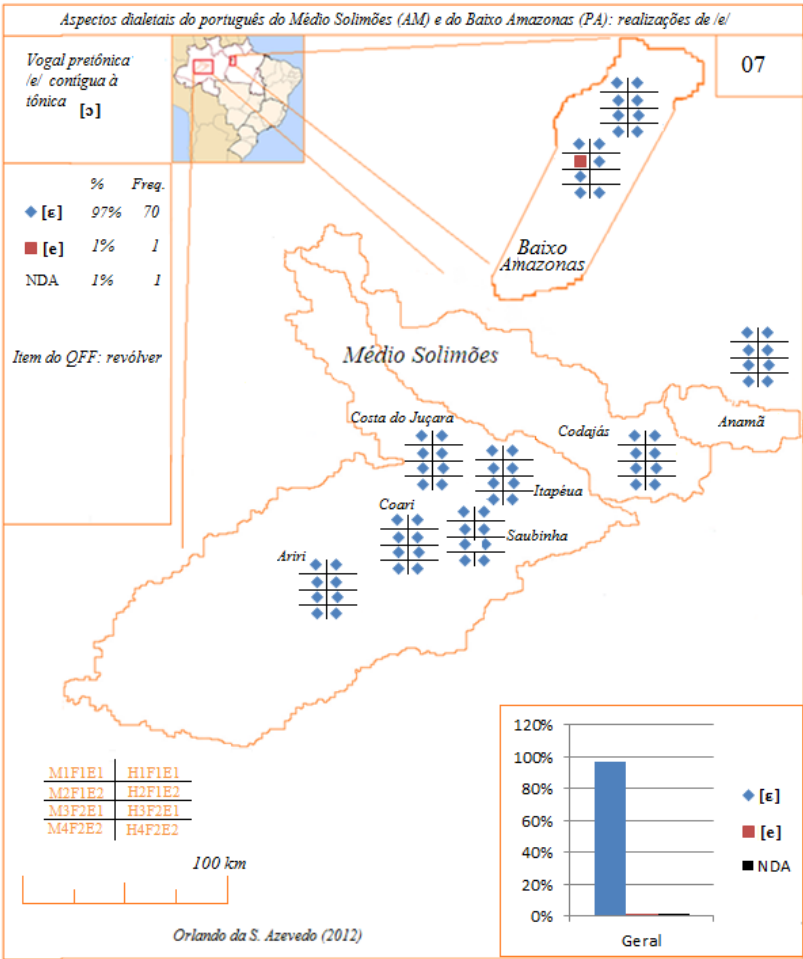
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	15	47%	51	46%	66	46%
[ĩ]	8	25%	30	27%	38	26%
[ẽ]	7	22%	20	18%	27	19%
[e]	2	6%	10	9%	12	8%
NDA			1	1%	1	1%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

### g. Contígua à vogal tônica [ɔ]

Na carta fonética 07, a pretônica /e/ contígua à tônica [ɔ] se realizou como [ɛ] e [e] apenas no vocábulo *revólver*.

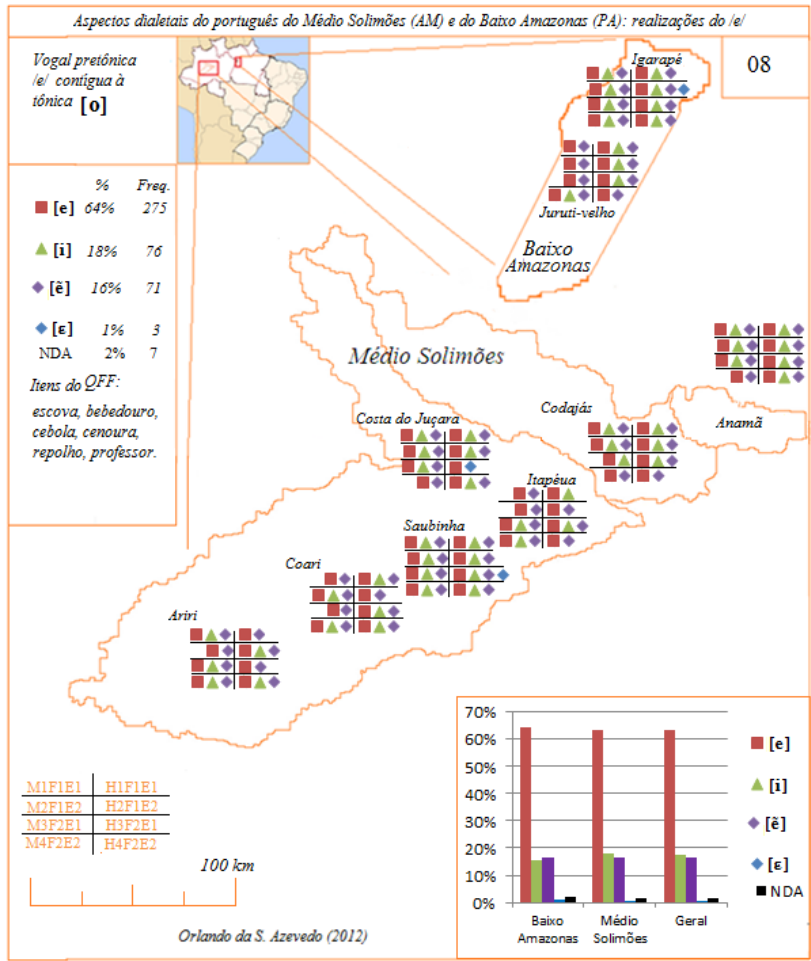
Embora, tenhamos descrito duas alternantes para /e/, a forma padrão no dialeto solimoense e jurutiense é o abaixamento de /e/ em sua realização como variante média baixa [ɛ], pois do total de setenta e duas

possibilidades, a forma aberta corresponde a 97%. É um processo de harmonia vocálica, que ocorreu entre duas vogais não homorgânicas [ɛ] e [ɔ]. A única ocorrência da variante média alta [e] foi registrada no Juruti-velho (BA) pela informante M2F1E2. O informante H3F2E1 não soube responder à questão apresentada correspondente ao vocábulo *revolver*. Dessa forma, o vocábulo *revólver* foi produzido como [hɛ.ˈvow.vɛ].



**h. Contígua à vogal tônica [o]**

Na carta fonética 08, analisamos os vocábulos *escova*, *bebedouro*, *cebola*, *cenoura*, *repolho* e *professor* para sabermos se a vogal tônica média alta anterior [o], apesar de ser não homorgânica, influenciou na alteração dos traços fonéticos da pretônica /e/ caso tenha se realizando como [e], pois dessa forma terá a mesma altura e o mesmo timbre da tônica. Portanto, esperamos que o fenômeno da manutenção vocálica seja o mais recorrente no Baixo Amazonas e no Médio Solimões.



O /e/ pretônico contíguo ao [o] tônico apresentou quatro alternantes: [ɛ], [e], [ẽ] e [i]. De fato, a manutenção da variante média alta [e] foi mais expressiva, correspondendo a 64% do total de 432 possibilidades. O abaixamento de /e/ em sua realização como variante média baixa [ɛ] foi pouco expressivo nesse contexto linguístico, onde obteve apenas 1% das ocorrências. As demais variantes [ẽ] e [i], ainda no contexto geral, obtiveram percentuais, respectivamente, de 16% e de 18%. A variante pretônica nasal [ẽ] foi predominante no vocábulo *cenoura*, onde obteve uma frequência de setenta e um em números absolutos do total de setenta e duas ocorrências, ou seja, a manutenção dessa variante média alta nasal é quase categórica. O alteamento de /e/ em sua realização como variante alta [i] ocorreu de forma predominante no vocábulo *escova*, que foi transcrito [iʃ.ˈko.vɐ] cinquenta e duas vezes, correspondentes a 72%, pois a variante lexical [eʃ.ˈko.vɐ] obteve dezenove ocorrências, correspondentes a 26%, e a última mais rara [eʃ.ˈko.vɐ] obteve apenas uma ocorrência, correspondente a 1%. O Alteamento, apesar de não ser predominante, ocorreu também no vocábulo *cebola*, onde a variante alta [i] obteve vinte e quatro ocorrências, correspondentes a 33%. De maneira expressiva, ocorreu nesse vocábulo, a manutenção da variante média alta [e] com registro percentual de 65%, equivalentes a quarenta e sete ocorrências. Ainda no vocábulo *cebola*, ocorreu apenas uma vez a variante média baixa [ɛ]. Mais uma vez os traços da vogal tônica [o] influenciaram a pretônica, harmonia entre vogais não homorgânicas, com predominância do fenômeno da manutenção vocálica.

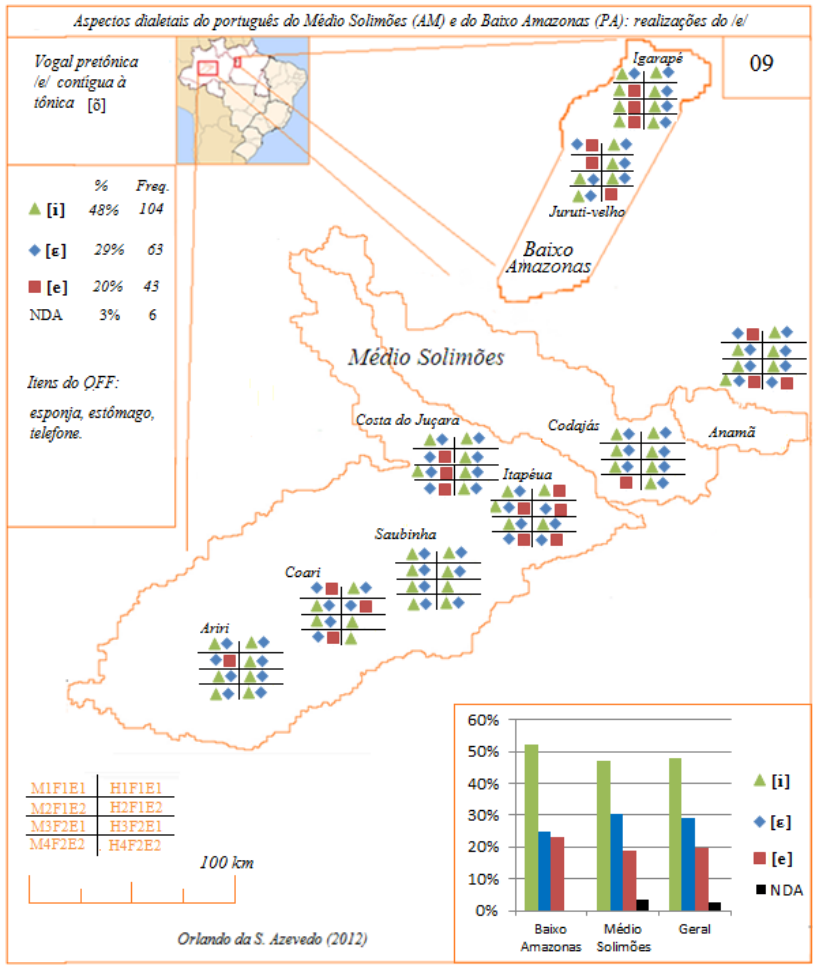
Na Tabela 17, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ diante de [o].

Tabela 17 Realizações do /e/ diante de [o]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	62	65%	213	63%	275	64%
[i]	15	16%	61	18%	76	18%
[ẽ]	16	17%	55	16%	71	16%
[ɛ]	1	1%	2	1%	3	1%
NDA	2	2%	5	1%	7	2%
Total	96	100%	336	100%	144	100%

i. Contígua à vogal tônica [õ]

De acordo com os dados da carta fonética 09, o /e/ pretônico contíguo à vogal tônica [õ] se realizou como [ɛ], [e] e [i] nos vocábulos *esponja*, *estômago* e *telefone*. No total foram 216 ocorrências de /e/ distribuídas em 48% para [i], 29% para [ɛ] e 20% para [e].





Nesse contexto de predominância de [i], não houve assimilação do traço de nasalidade da vogal tônica [õ] como vinha ocorrendo nos contextos linguísticos anteriores.

O alteamento de /e/ para [i] foi influenciado pelo contexto linguístico vazio precedente e pelo contexto linguístico seguinte com a presença de [j], respectivamente, nos vocábulos *esponja* e *estômago*. O percentual de ocorrência dos fenômenos do alteamento, manutenção e abaixamento no vocábulo *esponja*, foram, respectivamente, de 69%, equivalentes a cinquenta ocorrências, de 24%, equivalentes a dezessete ocorrências, e de 4%, equivalente a três ocorrências. Em se tratando das ocorrências desses fenômenos no vocábulo *estômago*, o alteamento foi predominante com registro percentual de 76%, equivalentes a cinquenta e cinco ocorrências, a manutenção da variante média alta [e] obteve 22%, equivalentes a dezesseis ocorrências, e o abaixamento obteve apenas uma ocorrência. Dessa forma, o fenômeno do alteamento continua bastante expressivo seguindo a tendência de todo Brasil.

Na Tabela 18, abaixo, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ diante de [õ].

Tabela 18 Realizações do /e/ diante de [õ]

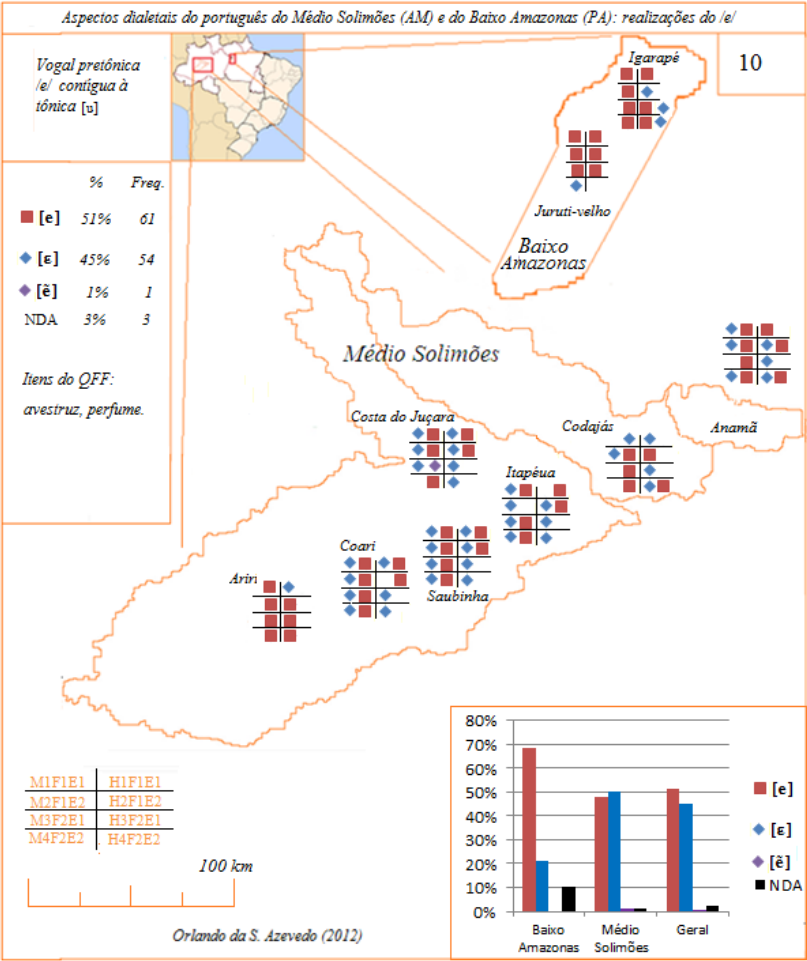
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	25	52%	79	47%	104	48%
[i]	12	25%	51	30%	63	29%
[ẽ]	11	23%	32	19%	43	20%
NDA			6	4%	6	3%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

A abertura da pretônica /e/ para [ɛ] ocorreu de forma predominante no vocábulo *telefone* transcrito [tele.<sup>h</sup>fõɲi], onde obteve percentual de ocorrência em 85%, equivalentes a sessenta e uma ocorrências. De forma menos expressiva, ocorreu a manutenção da variante média alta [e] com registro percentual de 11%, equivalentes a oito ocorrências. Como descrito, a variante média alta [e] foi resultante das flutuações ocorridas nos vocábulos *esponja*, *estômago* e *telefone*. A mesma sequência percentual das ocorrências das variantes de /e/ no contexto geral aconteceu por região. Portanto, ignorando o percentual predominante do fenômeno do abaixamento de /e/ em sua realização

como [ɛ] no vocábulo *telefone*, o alteamento foi o fenômeno vocálico mais expressivo.

j. Contígua à vogal tônica [u]

Na carta fonética 10 verificamos, nos vocábulos *avestruze perfume*, se a vogal tônica alta anterior [u] influenciou nos traços da pretônica /e/ em sua realização como [i] ou, mais próxima, em sua realização como [e].



Os resultados mostraram que o /e/ se realizou como [ɛ], [e] e [ẽ] contíguo à vogal tônica [u]. No geral, a variante [e] incidiu com percentual de 51%, enquanto a variante [ɛ] incidiu 45% do total de 119 possibilidades das ocorrências de /e/. A variante [ẽ], por sua vez, obteve apenas uma ocorrência registrada na Costa do Juçara (MS) pela informante M3F2E1, que pronunciou o vocábulo *avestruz* nasalizando a pretônica [a.vẽ.'truʃ]. Tal pretônica nasal constitui forma anômala de /e/, uma vez que não era esperada essa ocorrência pela ausência de um som nasal adjacente.

Na carta fonética 10, computamos os dados do vocábulo *perfume* quando a tônica [u] era pronunciada; por outro lado, os dados desse vocábulo com a pronúncia da tônica nasal [ũ] foram computados na carta fonética 11.

Ao considerarmos, no contexto geral, as respostas dadas pelos informantes, houve flutuação entre a variante média alta [e] e a variante média baixa [ɛ] nos dois vocábulos estudados como: [a.vɛʃ'.truʃ]~[a.veʃ'.truʃ], [pɛh.'fu.mi]~ [peh.'fu.mi]. Mas a preferência do falante interiorano é pela variante média alta [e] ocorrendo sessenta e uma vezes contra cinquenta e quatro ocorrências da variante média baixa [ɛ].

No Baixo Amazonas, a manutenção da variante média alta [e] foi registrada com percentual de 68%, e no Médio Solimões foi registrada com percentual de 48%. Em se tratando do abaixamento de /e/ em sua realização como variante média baixa [ɛ] foram registrados 21% das ocorrências no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões, o percentual de ocorrência foi de 50%. Portanto, a região jurutiense se destacou pela prevalência da manutenção da variante média alta [e], enquanto a região solimoense pelo abaixamento de /e/ como variante média baixa [ɛ], que por sua vez não incidiu predominantemente em todos os sete pontos. Por exemplo, na comunidade adventista Ariri, apenas o informante H1F1E1 pronunciou os dois vocábulos com ocorrência da pretônica média baixa [ɛ].

Os dados das realizações de /e/ diante de [u] estão dispostos na Tabela 19 abaixo:

Tabela 19 Realizações de /e/ diante de [u]

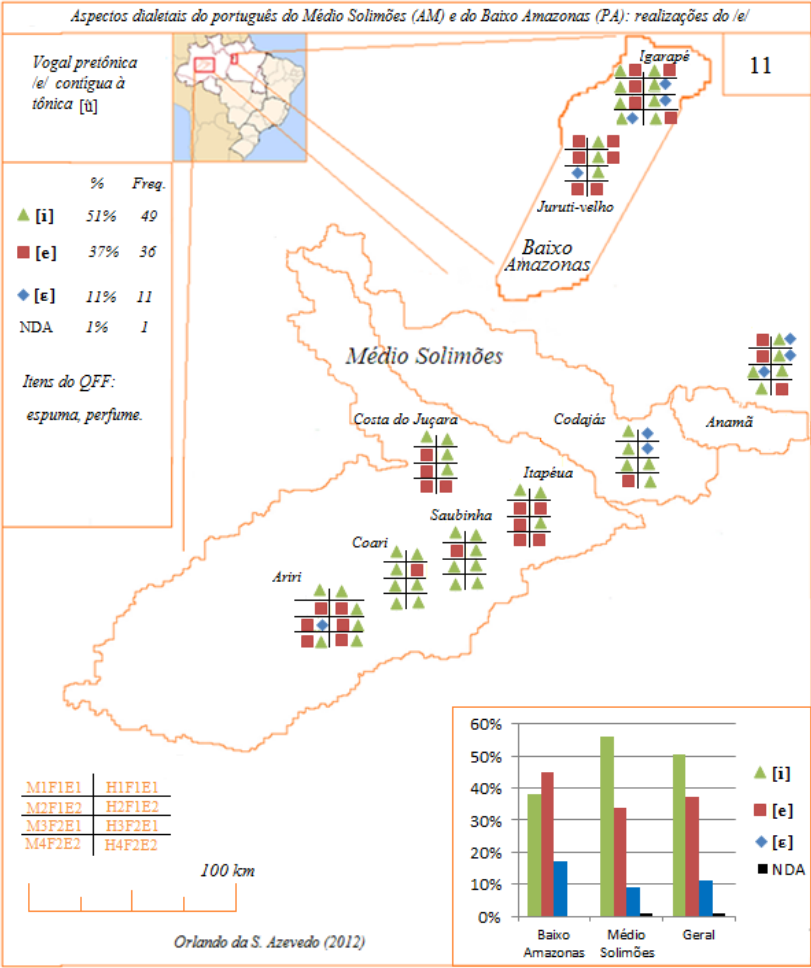
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	13	68%	48	48%	61	51%
[ɛ]	4	21%	50	50%	54	45%
[ẽ]			1	1%	1	1%
NDA	2	11%	1	1%	3	3%
Total	19	100%	100	100%	119	100%

### k. Contígua à vogal tônica [ũ]

De acordo os dados da carta fonética 11, o /e/ pretônico contíguo ao [ũ]ônico se realizou foneticamente como [ɛ], [e] e [i].

Do total de noventa e sete ocorrências de /e/, 51% foram para a vogal alta [i], 37% paraa variante média alta [e] e 11% para a variante média baixa [ɛ]. O alteamento de /e/ em sua realização como variante alta [i] incidiu quase por unanimidade no vocábulo *espuma*, pois alguns informantes enfatizaram a pretônica [e] de forma mais controlada. A alternância entre [e] e [ɛ] aconteceu no vocábulo *perfume*, cuja vogal tônica foi pronunciado de forma nasalizada [peh.<sup>h</sup>fũmi] e [peh.<sup>h</sup>fũmi].

No Baixo Amazonas, o percentual de ocorrência maior foi para a manutenção da pretônica [e], que obteve 45% do total de vinte e nove possibilidades de incidência de /e/, e foi seguida pelo alteamento na realização como [i] com 38% e pelo abaixamento na realização como [ɛ] com 17%. No Médio Solimões, o percentual de ocorrência maior foi para [i], que obteve 56% do total de sessenta e oito possibilidades de incidência de /e/, e foi seguida por [e] com 34% e por [ɛ] com 9%.



Os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ diante de [û] podem ser visualizados na Tabela 20 abaixo:

Tabela 20 Realizações de /e/ diante de [ũ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	11	38%	38	56%	49	51%
[e]	13	45%	23	34%	36	37%
[ɛ]	5	17%	6	9%	11	11%
NDA			1	1%	1	1%
Total	29	100%	68	100%	97	100%

### 6.1.1.1 Considerações sobre as ocorrências de /e/ por contiguidade

Conforme dados da Tabela 21, as realizações de /e/ pretônico em onze contextos linguísticos contíguos à vogal tônica apresentaram flutuação envolvendo as pretônicas [ɛ]~[e]~[i]. No âmbito geral, a incidência maior foi da variante alta [i] e da variante média alta [e], que ocorreram cada uma em quatro desses contextos linguísticos contíguos, enquanto a variante média baixa [ɛ] predominou em três contextos.

Na Tabela 21, obtivemos os seguintes contextos idênticos ou diferentes nas duas regiões estudadas:

1. O alteamento, em sua realização como [i], diante de [a], diante de [ĩ] e diante de [õ], predominou nas duas regiões; e diante de [i] somente na região solimoense;
2. O abaixamento de /e/, em sua realização como [ɛ], diante de [ɔ], predominou nas duas regiões; e diante de [ã], [ẽ], [ɔ] e [u] somente na região geográfica do Médio Solimões;
3. A manutenção de /e/, em sua realização como [e], diante de [e] e diante de [o], predominou nas duas regiões; e diante de [ã], diante de [ẽ], diante de [i] e diante de [ũ] somente na região geográfica do Baixo Amazonas.

No contexto seguinte envolvendo vogal baixa nasal [ã], a propensão foi pela abertura de /e/ em sua realização como [ɛ] com percentual de ocorrência de 58% apenas no Médio Solimões, cujos dados influenciaram o cômputo percentual do contexto geral com registro de 54%. A abertura vocálica de /e/ em sua realização como [ɛ] foi de 71% diante de vogal tônica média alta nasal [ẽ] somente no

Médio Solimões, influenciando também nos dados percentuais do contexto geral com registro percentual de 64%. Diante das demais vogais tônicas nasais [i], [õ] e [ũ], a propensão foi para a ocorrência da pretônica alta [i] por região e no geral, exceto no Baixo Amazonas, onde o /e/ se realizou como [e] diante de [ũ] em 45% dos casos.

Tabela 21 Realizações do /e/ por contiguidade

Nº	/e/ contíguo	Baixo Amazonas	Médio Solimões	Geral
1	[a]	46% [i]	45% [i]	45% [i]
2	[ã]	50% [e]	58% [ɛ]	54% [ɛ]
3	[e]	68% [e]	64% [e]	65% [e]
4	[ẽ]	44% [e]	71% [ɛ]	64% [ɛ]
5	[i]	56% [e]	38% [i]	38% [e]
6	[ĩ]	47% [i]	46% [i]	46% [i]
7	[ɔ]	88% [ɛ]	100% [ɛ]	97% [ɛ]
8	[o]	65% [e]	63% [e]	64% [e]
9	[õ]	52% [i]	47% [i]	48% [i]
10	[u]	68% [e]	50% [ɛ]	51% [e]
11	[ũ]	45% [e]	56% [i]	51% [i]

Em se tratando do fenômeno da harmonia vocálica, esta aconteceu entre vogais pretônicas e tônicas homorgânicas<sup>43</sup> [i] e [ĩ], [e] e [e], [e] e [ẽ], e não homorgânicas [i] e [ũ], [ε] e [ɔ], [e] e [o].

O Alçamento por harmonia vocálica ocorreu entre pretônica e tônica homorgânica [i] e [ĩ], entre pretônica e tônica não homorgânica [i] e [ũ]. Os demais casos de alçamento de /e/ para [i] ocorreram diante de vogal tônica baixa oral [a] e diante de vogal média nasal posterior [õ]. Por sua vez, o abaixamento de /e/ para [ε] ocorreu uma única vez por harmonia vocálica entre vogais pretônicas e tônicas não homorgânicas [ε] e [ɔ] tanto no Baixo Amazonas (88%) quanto no Médio Solimões (100%). Os demais casos de abaixamento sucederam somente no Médio Solimões diante da tônica [ã] registrando 58%, diante de [ẽ] registrando 64% e diante de [u] registrando 50%.

No Baixo Amazonas, dos onze contextos contíguos às vogais da sílaba tônica, sete obtiveram vogal média alta [e], a saber: com vogal média pretônica /e/ contígua à [ã], à [e], à [ẽ], à [i], à [o], à [u] e à [ũ] [e]; três obtiveram vogal alta [i] com o /e/ sendo contíguo à [a], à [ĩ] e à [õ]; e uma obteve vogal média baixa [ε] com o /e/ sendo contíguo à [ɔ]. Já na região solimoense, cinco contextos contíguos foram favoráveis ao alçamento de /e/ em sua realização como [i], a saber: com vogal média pretônica /e/ contígua à [a], à [i], à [ĩ], à [õ] e à [ũ]. Os dois contextos envolvendo as vogais tônicas [e] e [o] foram favoráveis à manutenção da vogal média pretônica alta [e] e quatro foram propensos ao abaixamento de /e/ em sua realização como [ε], a saber: contíguo à vogal tônica [ã], à vogal tônica [ẽ], à vogal tônica [ɔ] e à vogal tônica [u].

No Baixo Amazonas, em se tratando da contiguidade às vogais tônicas [a], [ã], [e], [ẽ], [i], [ĩ], [ɔ], [o], [õ], [u] e [ũ], houve manutenção da variante média alta [e] em sete desses contextos, houve alçamento em três e apenas em um contexto houve abaixamento do /e/ em sua realização como variante baixa [ε]. Por outro lado, nos mesmos onze contextos linguísticos, desta vez no Médio Solimões, houve incidência do fenômeno do alçamento em cinco contextos, do abaixamento em quatro contextos e da manutenção em dois contextos.

---

<sup>43</sup>Vogais homorgânicas são iguais na altura e pertencem a mesma zona de articulação.



No contexto envolvendo as vogais tônicas semifechadas anteriores [e] e [ẽ], a propensão das realizações pretônicas de /e/ era pela manutenção da variante média alta [e]. De fato, a manutenção foi predominante no Baixo Amazonas; porém, no Médio Solimões, houve predominância do abaixamento de /e/ em sua realização como variante média baixa [ɛ] no contexto contíguo à vogal tônica média nasal [ẽ].

No contexto envolvendo vogais baixas centrais [a] e [ã], a propensão das realizações pretônicas era pelo abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ]. Porém, houve apenas um caso de predominância do abaixamento diante da vogal tônica baixa nasal [ã] apenas o Médio Solimões.

No contexto envolvendo vogais tônicas fechadas anteriores [i] e [ĩ], a propensão das realizações pretônicas era pelo alteamento de /e/ em sua realização como [i]. De fato, esse fenômeno aconteceu, com exceção do Baixo Amazonas, onde ocorreu um caso de predominância da manutenção da variante média alta [e].

No contexto envolvendo vogal semiaberta posterior [ɔ], a propensão seria para o fenômeno do abaixamento. Isso realmente aconteceu com destaque para incidência categórica no Médio Solimões.

No contexto envolvendo vogais semifechadas posteriores [o] e [õ], a propensão seria pela manutenção da variante média alta [e]. Esse fenômeno ocorreu de forma predominante apenas diante da tônica [o] por região e no cômputo geral, enquanto diante de [õ] ocorreu o alteamento em ambas as regiões também.

No contexto envolvendo vogais fechadas posteriores [u] e [ũ], a propensão seria pelo alteamento de /e/. Porém, esse fenômeno ocorreu apenas uma vez predominando no Médio Solimões diante da tônica nasal [ũ].

Portanto, os contextos favorecedores dos fenômenos de abaixamento, manutenção e alteamento nem sempre influenciam nas ocorrências desses fenômenos.

### **6.1.2 As realizações da vogal média pretônica /e/ por não contiguidade**

Veremos neste tópico se a pretônica /e/, separada da vogal tônica por uma sílaba, é influenciada por esta.

#### **a. Não contígua à vogal tônica [a]**

Na carta fonética 12, o /e/ se realizou como [ɛ], [e], [i] e [ẽ] não contíguo à vogal tônica baixa oral [a]. No geral, essas realizações fonéticas obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 35%, de 32%, de 21% e de 1%. Nenhuma das respostas anteriores incluindo variações lexicais e perguntas não feitas totalizou quarenta e duas ocorrências, equivalentes a 12%.

Os dados percentuais da carta fonética 12 apontam para a predominância da variante média alta [e] no Baixo Amazonas, onde obteve registro percentual de 39% do total de oitenta possibilidades de ocorrência de /e/ nessa região, e foi seguida pela variante pretônica média baixa [ɛ] com registro percentual de 25%, pela variante alta [i] com 23% e pela variante média alta nasal [ẽ] com 1%.

No Médio Solimões, por sua vez, do total de 280 ocorrências de /e/, predominou a variante média baixa [ɛ] com percentual de incidência em 38%, e foi seguida por [e] com 30% e por [i] com 21%.

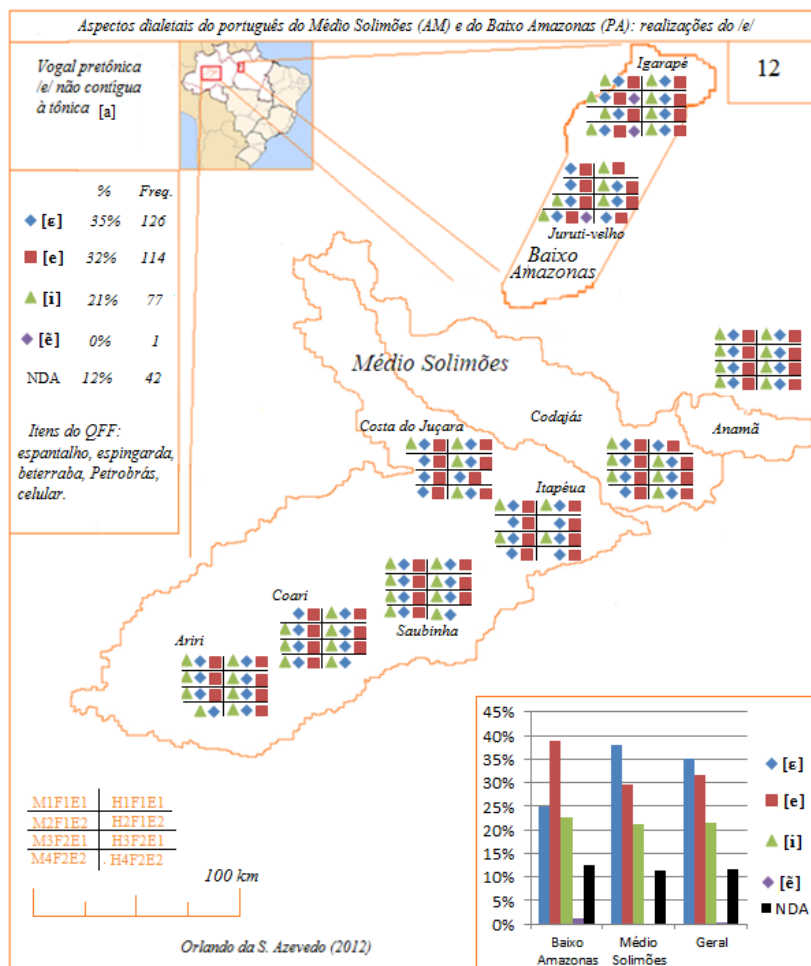
No vocábulo *espingarda* o alteamento não foi categórico, pois houve cinquenta e três ocorrências da variante alta [i], enquanto a variante média alta [e] incidiu dezesseis vezes e, por último, a variante média baixa [ɛ] incidiu apenas três vezes. Tal fenômeno foi categórico nesse vocábulo na comunidade Saubinha (MS) e no Igarapé do Juruti-velho (BA). Na vila do Itapéua (MS) o alteamento e a manutenção incidiram com registro percentual de 50% para cada fenômeno.

No vocábulo *espantalho*, em cuja realização era esperado o alteamento categórico, não ocorreu a predominância desse fenômeno tanto no Médio Solimões quanto no Baixo Amazonas, nos quais predominou a mesma variante lexical *judas*. Apesar disso, o alteamento foi, ainda, predominante em Coari, em Itapéua, em Anamá e no Igarapé do Juruti-velho com registro percentual de 50% cada, com exceção de Coari, onde obteve registro percentual de 60%.

No vocábulo *Petrobrás*, o abaixamento foi categórico no Médio Solimões evidenciado nas produções [pɛ.trɔ'.braʃ], [pɛ.tɔ'.braʃ] e [prɛ.trɔ'.braʃ], enquanto no Baixo Amazonas tal fenômeno ocorreu com registro percentual de 63% (10 ocorrências), sendo que na vila do Juruti-velho esse fenômeno mais o fenômeno da manutenção da variante média alta [e] incidiram com percentual de 50% cada. Percebemos na produção do vocábulo *Petrobrás*, que a vogal átona contígua à tônica [a] sofreu abaixamento que, por sua vez, influenciou o abaixamento da pretônica não contígua. O fenômeno da assimilação de traços fonéticos da vogal da sílaba seguinte pela pretônica não contígua não foi

categorico, pois encontramos a variante média baixa [ɛ] na produção [pe.tro.'baʃ] obtida na resposta da informante M2E2F1 do Igarapé do Juruti-velho, e na mesma localidade a variante média alta [e] produzida como [pe.tɔ.'braʃ] verificada na reposta da informante M3E1F2. A dissimilação entre a pretônica contígua e a não contígua ocorreu também na vila do Juruti-velho na transcrição [pe.tɔ.'braʃ] pronunciada pelo informante H1E1F1.

No vocábulo *beterraba*, houve predominância do fenômeno do abaixamento vocálico no que diz respeito à realização fonética da pretônica não contígua à tônica [a]. O percentual de incidência do fenômeno do abaixamento foi de 74%, equivalentes a cinquenta e três ocorrências do total de setenta e duas possibilidades de incidência do /e/. O percentual de abaixamento foi maior no Médio Solimões, onde foi registrando com incidência de 77%, enquanto no Baixo Amazonas foi de 63%. Apenas na vila de Itapéua, o abaixamento foi categorico nesse vocábulo. O processo de assimilação de traços fonéticos envolveu pretônicas e a tônica [a] quando se tratava de abertura como exemplificada em [be.te.'ha.bɐ], e somente pretônicas quando se tratava da manutenção como evidenciado na produção [bete.'ha.bɐ]. Porém, houve dissimilação entre as pretônicas, por exemplo, na transcrição [be.te.'ha.bɐ] dada pela informante M2E2F1 e pelo informante H2E2F1 do Saubinha (MS), na reposta da informante M4E2F2 da cidade de Codajás (MS) e na resposta da informante M2E2F1 e do informante H2E2F1 da vila do Juruti-velho (BA).



Por último, no vocábulo *celular* ocorreu a manutenção da variante média alta [ɛ] que foi a predominante, obtendo um registro percentual de 94%, equivalentes a quinze ocorrências, no Baixo Amazonas e 93%, equivalentes a cinquenta e duas ocorrências, no Médio Solimões e 93% no cômputo geral de setenta e duas possibilidades de incidência de /e/. Tal fenômeno só foi categórico na Costa do Juçara (MS), na vila de Itapéua (MS), em Ananã (MS) e no Igarapé do Juruti-velho (BA).

Portanto, encontramos variantes pretônicas estáveis nos vocábulos *espantalho*, *espingarda*, *beterraba*, *Petrobrás* e *celular*, que

caracterizam os processos de abaixamento, manutenção e alteamento pretônico.

Na Tabela 22, abaixo, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ não contíguo à [a].

Tabela 22 Realizações de /e/ não contíguo à [a]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	23	29%	108	39%	131	36%
[e]	28	35%	79	28%	107	30%
[i]	16	20%	59	21%	75	21%
[ẽ]	3	4%			3	1%
NDA	10	13%	34	12%	44	12%
Total	80	100%	280	100%	360	100%

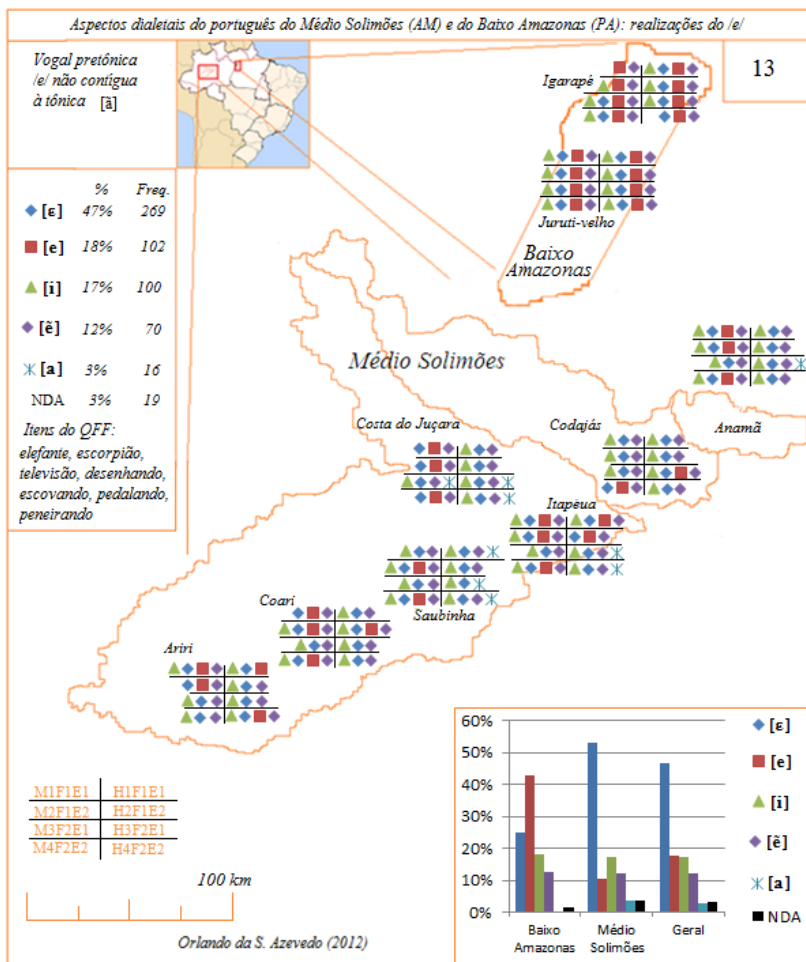
#### b. Não contígua à vogal tônica [ã]

Nos dados gerais da carta fonética 13, que totalizaram 576 possibilidades de incidência do /e/ não contíguo à [ã], houve realizações fonéticas em [ɛ], em [e], em [i], em [ẽ] e em [a].

Apesar de a distância ser maior entre a pretônica e a tônica no contexto linguístico presente, a variante média baixa [ɛ] continua, ainda, sendo a mais incidente no contexto não contíguo, onde obteve registro percentual de 47%, porém com incidência percentual menor que o contexto contíguo, no qual registrou 54%.

A segunda variante mais incidente foi a pretônica média alta [e], que obteve uma queda percentual brusca de 34%, na posição contígua, para 18%, na posição não contígua.

A variante alta [i] aumentou de 1% (posição contígua) para 17% (posição não contígua) em virtude dos vocábulos *escorpião* e *escovando* transcritos [iʃ.koh.pi.'ãw] e [iʃ.ko.'vã.do].



Por sua vez, a variante média alta nasal [ẽ] se manteve em patamar próximo com percentuais de 11% (na posição contígua) e 12% (na posição não contígua), e ocorreu na prolação nasalizada de alguns informantes em relação aos vocábulos *desenhando*, *peneirando* transcritos [dẽ.zẽ. 'ŋã.du] e [pẽ.nẽ.rã.du].

Por último, ocorreu a variante baixa central [a] dezesseis vezes (3% do total) em virtude do vocábulo *elefante* não ser tão usual no dia-a-dia dos falantes interioranos, por isso alguns falavam [a.le.fã.tʃi].

No contexto regional, a variante média alta [ɛ] incidiu com registro percentual de 43% no Baixo Amazonas do total de 128 possibilidades de ocorrências de /e/. Essa mesma vogal pretônica obteve incidência de 10% no Médio Solimões.

Em contraposição à incidência maior do [ɛ] na região jurutiense, na região solimoense predominou a variante pretônica média baixa [ɐ] com registro percentual de 53% do total de 448 ocorrências de /e/. A variante alta [i] obteve 18%, percentual um pouco maior, no Baixo Amazonas, enquanto tal variante obteve 17% no Médio Solimões.

Quanto à variante média alta nasal [ẽ], obteve 13% no Baixo Amazonas e 12% no Médio Solimões. Por último, a variante baixa central [a] foi registrada apenas na região solimoense com registro percentual de 4%.

Portanto, obtivemos a predominância da variante média alta [ɛ] no Baixo Amazonas e a predominância da variante média baixa [ɐ] no Médio Solimões, caracterizando, pois, respectivamente, o fenômeno da manutenção e do abaixamento pretônico.

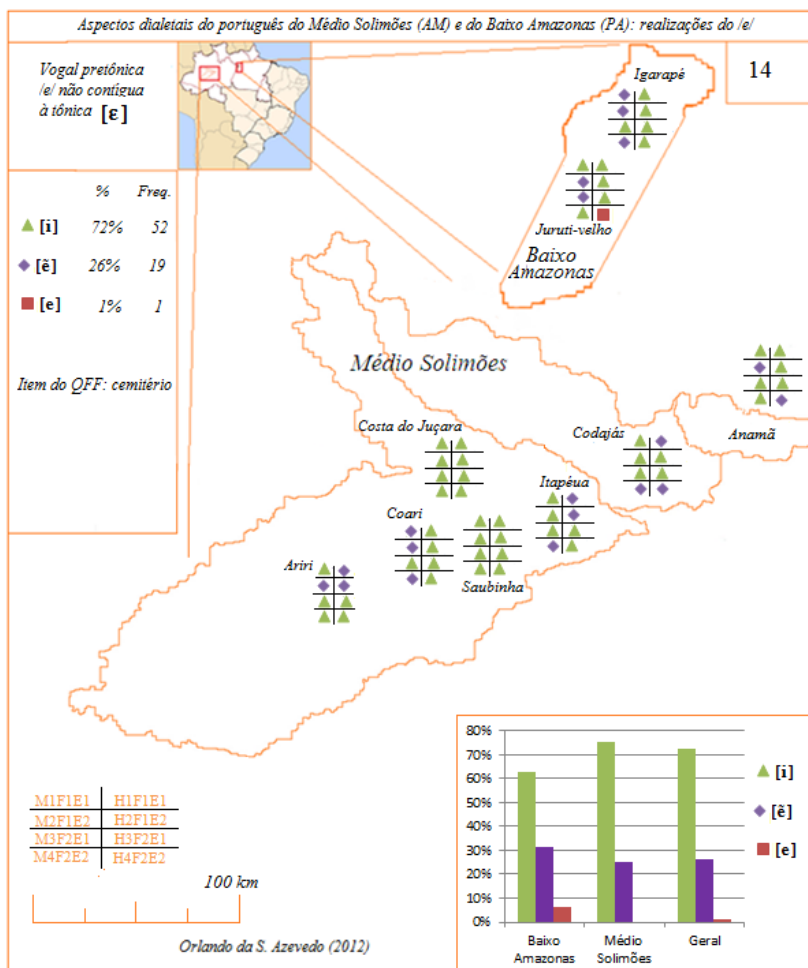
Na Tabela 23, abaixo, disponibilizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ não contíguo à [ã].

Tabela 23 Realizações do /e/ não contíguo à [ã]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	32	25%	237	53%	269	47%
[e]	55	43%	47	10%	102	18%
[i]	23	18%	77	17%	100	17%
[ẽ]	16	13%	54	12%	70	12%
[a]			16	4%	16	3%
NDA	2	2%	17	4%	19	3%
Total	128	100%	448	100%	576	100%

### c. Não contígua à vogal tônica [ɛ]

Nos dados gerais da carta fonética 14, foram setenta e duas possibilidades de ocorrência de /e/ ao analisarmos o vocábulo *cemitério*.



A pretônica /e/ nesse vocábulo apresentou três alternantes no cômputo geral, a saber: na forma transcrita [si.mi.'te.ri.u], a variante pretônica alta [i] foi a mais recorrente com 72% e que constitui, assim, a forma padrão no dialeto solimoense (75% do total de cinquenta e seis ocorrências) e no jurutiense (63% do total de dezesseis ocorrências); a segunda variante mais incidente no contexto geral foi nasalizada [sẽ.mi.'te.ri.u], onde o [ẽ] pretônico nasal obteve 26%; por último, foi a variante pretônica mais rara [e] presente na forma transcrita



[se.mi.'tɛ.ri.ʊ], que obteve apenas 1% das ocorrências gerais na única resposta dada pelo informante H4F2E2 na vila do Juruti-velho (BA).

A não contiguidade de /e/ em relação à vogal tônica média baixa [ɛ] facilitou o alteamento [i] e a nasalização da pretônica [ẽ] pela presença de traços fonéticos adjacentes como a vogal pretônica seguinte [i] e a consoante nasal [m], porém a manutenção da alternante média alta [e] pode ser explicada pela escolaridade do falante H4F2E2, pastor de igreja aposentado ao usar uma linguagem mais controlada. Portanto, o alteamento foi o fenômeno vocálico mais recorrente nas duas regiões amazônicas.

Na Tabela 24, visualizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ não contíguo à vogal [ɛ].

Tabela 24 Realizações do /e/ não contíguo à [ɛ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	10	63%	42	75%	52	72%
[ẽ]	5	31%	14	25%	19	26%
[e]	1	6%			1	1%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

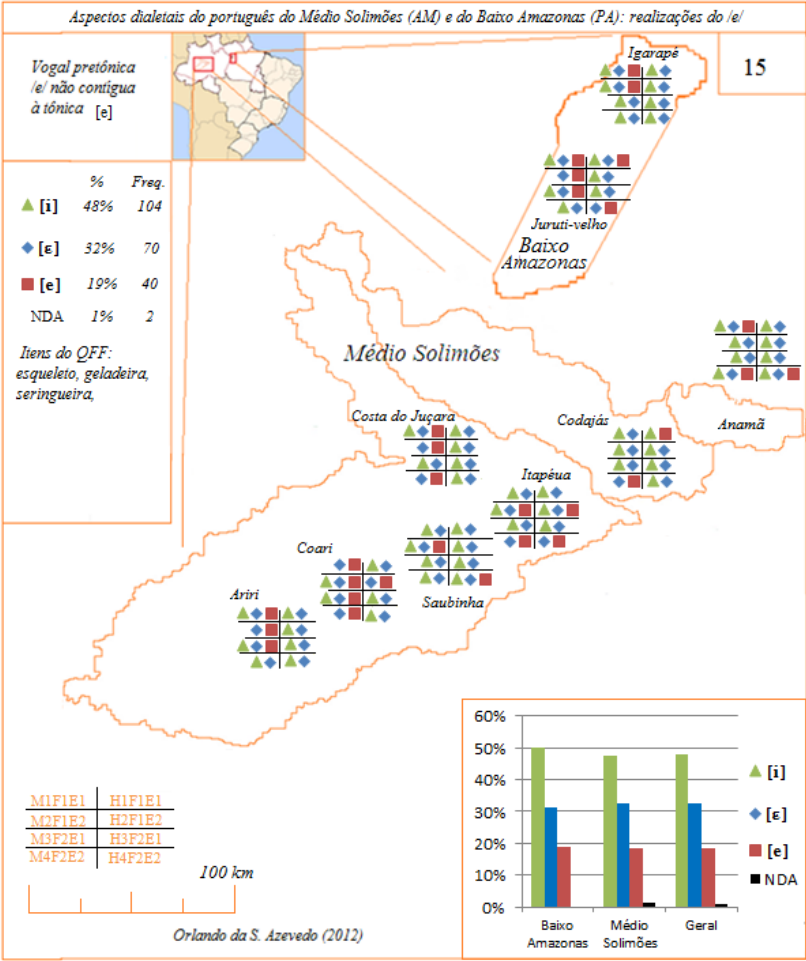
#### d. Não contígua à vogal tônica [e]

Nos dados gerais da carta fonética 15, totalizamos 216 ocorrências de /e/.

Na prolação geral dos vocábulos *esqueleto*, *geladeira* e *seringueira*, houve registros percentuais de 48% para a incidência de [i], 32% para [ɛ] e 19% para [e]. Enquanto, na contiguidade, o [e] foi a variante predominante com registro percentual de 65% do total geral, na não contiguidade ocupou a última colocação com menor incidência. Isso se deve ao fato de haver influência fonética adjacente ao /e/ nas pronúncias [iʃ.ke'.le.tu] e [si.ʁi.'ge.rɐ] dos vocábulos *esqueleto* e *seringueira* diferentemente dos vocábulos analisados na posição contígua.

A variante pretônica média baixa [ɛ] ocorreu no vocábulo *geladeira* setenta vezes no geral, o que corresponde a um percentual de 97% do total de setenta e duas possibilidades, ou seja, nesse vocábulo

apenas o informante H1F1E1, pescador analfabeto, pronunciou a variante pretônica média alta [e] na cidade de Codajás (MS), e também a pronúncia do [e] ocorreu na vila do Juruti-velho (BA), na resposta dada pela informante M2F1E2, doméstica com a 5ª. série primária.



A variante média alta [e] esteve mais presente no discurso das mulheres e foi resultante das oscilações na prolação dos vocábulos *esqueleto*, *seringueira* e *geladeira*. O [e], embora com baixa incidência,

apareceu também na maioria das respostas dos homens da Escolaridade 2 (acima da 4ª série primária).

O percentual de ocorrência de [e] no Baixo Amazonas foi de 19% e no Médio Solimões foi de 18%. A variante pretônica alta [i] obteve um percentual maior com 50% do total de quarenta e oito ocorrências de /e/ no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões obteve 48% do total de 168.

Portanto, as variantes lexicais [iʃ.ke'.le.tu], [si.ʁi.'ge.rɐ] e [ʒɛla.derɐ], onde houve, respectivamente, predominância das pretônicas [i], [i] e [ɛ], constituem-se em padrões no dialeto solimoense e jurutiense.

Consideramos, ainda, nesses vocábulos, que a assimilação dos traços da vogal tônica foi irrelevante, ou seja, não exerceu nenhuma influência sobre a pretônica não contígua. Entretanto, o segmento consonântico [ʃ] seguinte a /e/ no vocábulo *esqueleto* ea presença de uma vogal átona alta na sílaba seguinte [i] no vocábulo *seringueira* favoreceram o alteamento pretônico de /e/ em sua realização fonética como variante alta [i]. No vocábulo *geladeira*, a presença de uma vogal átona baixa [a], cujo grau de abertura da boca é o maior de todos os segmentos vocálicos do português do Brasil, influenciou na abertura da vogal pretônica, ocorrendo, assim, de forma predominante o fenômeno do abaixamento vocálico de /e/ para [ɛ].

Na Tabela 25, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações pretônicas do /e/ não contíguo à vogal tônica [e].

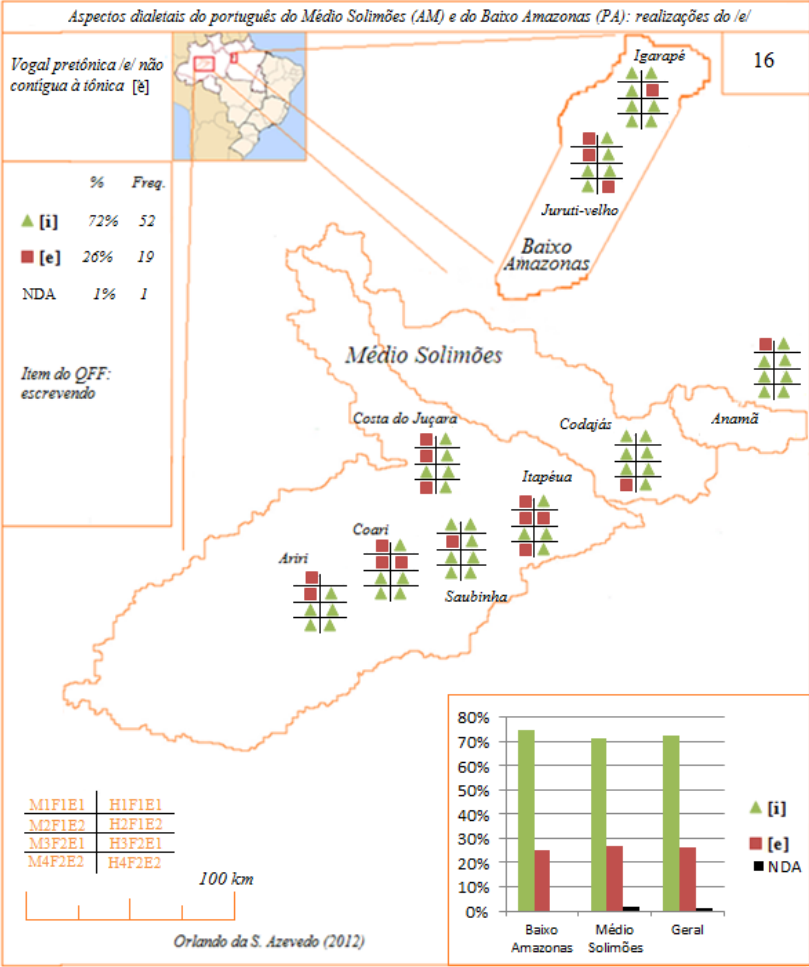
Tabela 25 Realizações de /e/ não contíguo à [e]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	24	31%	80	33%	104	48%
[ɛ]	15	50%	55	48%	70	32%
[e]	9	19%	31	18%	40	19%
NDA			2	1%	2	1%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

#### e. Não contígua à vogal tônica [ẽ]

Na carta fonética 16, houve análise apenas do vocábulo *escrevendo*, que foi pronunciado setenta e uma vezes, pois nos

esquecemos de aplicar a pergunta referente a esse vocábulo ao informante H1F1E1 da comunidade Ariri (MS).



No geral, foram computadas cinquenta e duas ocorrências da variante alta [i], que corresponde a 72%, dezenove da variante média alta [e], que corresponde a 20%, uma incidência de nenhuma das anteriores, que corresponde a 1% apenas.

O alteamento de /e/ em sua realização como [i] foi mais expressivo no Baixo Amazonas, onde obteve registro percentual de

75%, enquanto no Médio Solimões tal variante obteve registro percentual de 71%.

A manutenção da variante média alta [e], ao contrário do que vinha acontecendo, desta vez foi mais expressiva no Médio Solimões com o registro percentual de 27% do que os 25% registrados no Baixo Amazonas.

Ao observarmos o espaço cartográfico, verificamos, ainda, que a variante média alta [e] foi mais incidente nas respostas das mulheres da faixa 1 (18 a 30 anos). Essa variante obteve apenas um registro no Saubinha (M2F1E2), em Codajás (M4F2E2) e em Anamá (M1F1E1). Portanto, ao considerarmos os dados gerais e por região, concluímos que a presença maior da variante pretônica alta [i] no vocábulo *escrevendo* constituiu padrão dialetal nas duas regiões pesquisadas.

Consideramos, ainda, que o fenômeno do alteamento não sofreu nenhuma influência da vogal tônica média nasal [ẽ], porém a ocorrência desse fenômeno se deve à presença de segmento consonântico alveolopalatal adjacente e à localização de /e/ no contexto inicial de vocábulo, seguido, dessa forma, a mesma tendência do restante do Brasil.

Disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ não contíguo a [ẽ] na Tabela 26 abaixo:

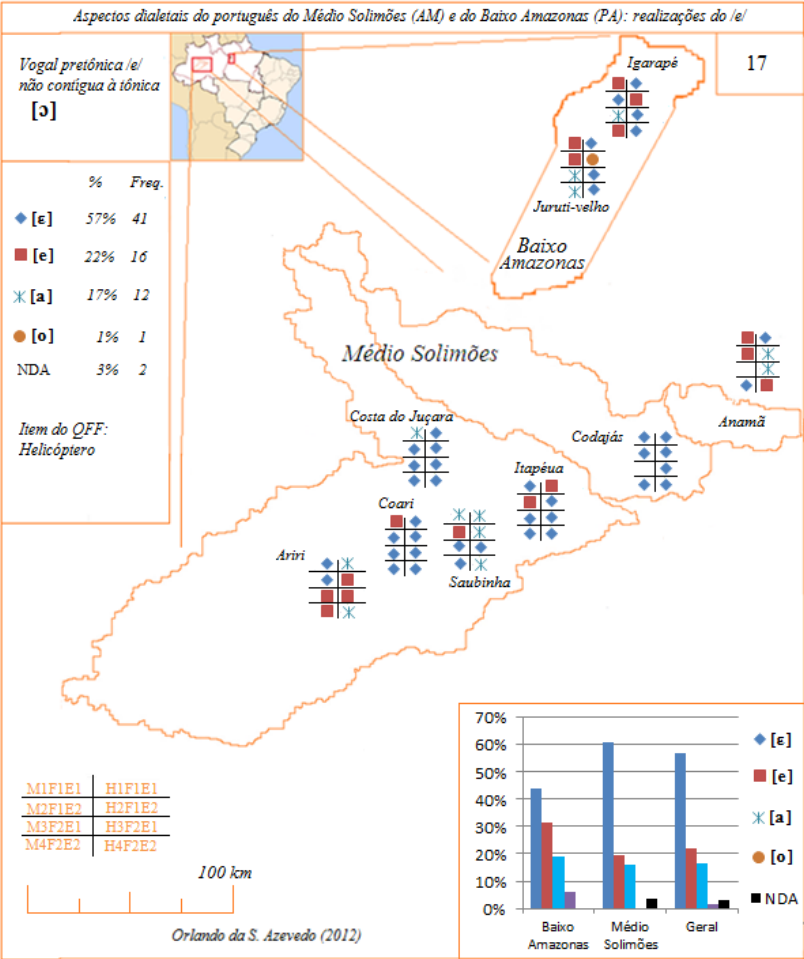
Tabela 26 Realizações de /e/ não contíguo à [ẽ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	12	75%	40	71%	52	72%
[e]	4	25%	15	27%	19	26%
NDA			1	2%	1	1%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

#### f. Não contígua à vogal tônica [ɔ]

Na carta fonética 17 foi analisado apenas o vocábulo *helicóptero*, no qual o /e/ não contíguo à tônica [ɔ] se realizou foneticamente como [ɛ], [e], [a] e [o]. No geral, das setenta e duas ocorrências de /e/, 57% foram para a variante média baixa [ɛ], 22% para a permanência da

variante média alta [e], 17% para o abaixamento total na ocorrência da variante [a] e 1% para a mudança de um vogal anterior /e/ para posterior [o].



O vocábulo *helicóptero* em questão, não é usual no vocabulário interiorano, por isso surgiram variantes lexicais como [a.ʎi.'kɔ.pi] no Baixo Amazonas e em quatro pontos do Médio Solimões (Ananás, Costa do Juçara, Saubinha e Ariri), e como [o.ʎi.'kɔ.pi] no Juruti-velho (BA).

Em Codajás (MS), a forma [ɛ.ʎi.'kɔ.pi.te.ru] ocorreu 100% e na Costa do Juçara (MS) ocorreu 88% concorrendo com um registro apenas

da variante [a.ʎi.kɔ.pi], menos usual. A única ocorrência predominante da variante média alta [e] (50%) ocorreu em Ariri (MS), pois os usuários dessa localidade tendem a usar uma linguagem mais formal em virtude de professarem o adventismo.

Por região, o percentual de abertura da vogal pretônica /e/ foi maior no Médio Solimões, onde registrou 61% das cinquenta e seis possibilidades. Por outro lado, no Baixo Amazonas o percentual foi de 44% das dezesseis possibilidades.

A segunda variante mais expressiva, a pretônica média alta [e], esteve mais presente nas respostadas dadas pelas mulheres.

No geral e por região, prevaleceu no vocábulo *helicóptero*, a presença da variante pretônica média baixa [ɛ], que caracteriza, assim, o fenômeno do abaixamento vocálico por influência dos traços fonéticos da vogal tônica média baixa posterior [ɔ].

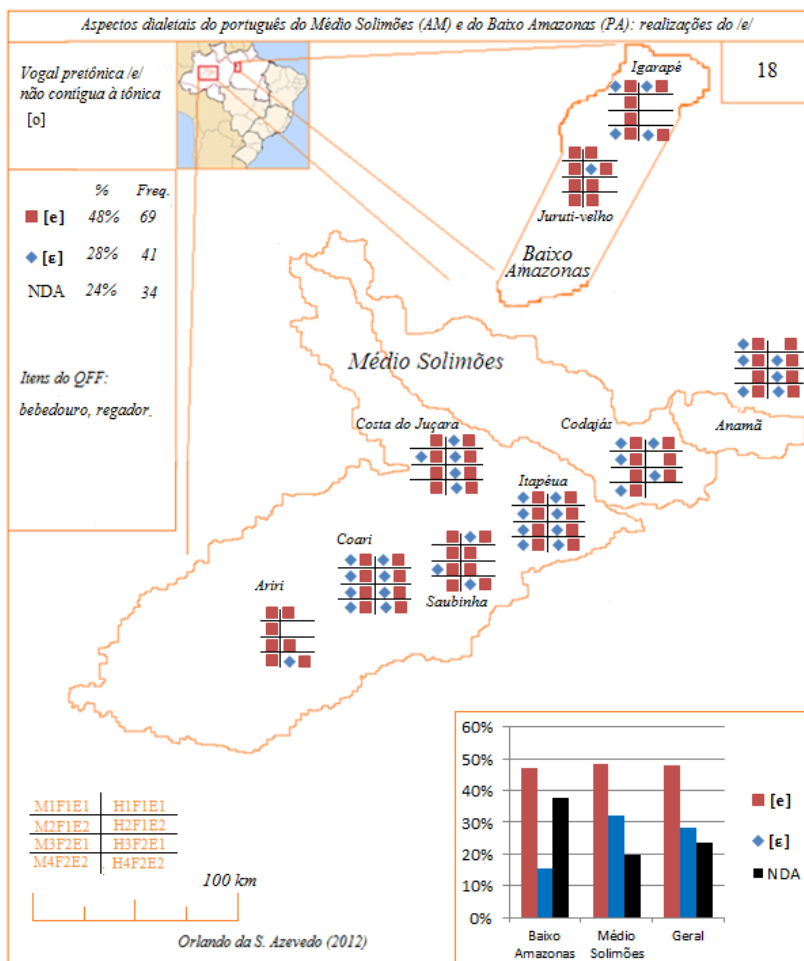
Na Tabela 27, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ não contíguo à [ɔ].

Tabela 27 Realizações do /e/ não contíguo à [ɔ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	7	44%	34	61%	41	57%
[e]	5	31%	11	20%	16	22%
[a]	3	19%	9	16%	12	17%
[o]	1	6%			1	1%
NDA			2	4%	2	3%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

#### g. Não contígua à vogal tônica [o]

Na carta fonética 18, analisamos nos vocábulos *bebedouroe regador* o /e/ não contíguo à tônica [o], que se realizou foneticamente como [e] e [ɛ]. No cômputo geral, foram 144 possibilidades de incidência de /e/, sendo trinta e duas no Baixo Amazonas e cento e doze no Médio Solimões.



A incidência de NDA (nenhuma das respostas anteriores) foi bastante expressiva em virtude da presença de variantes lexicais do vocábulo *regador*, pois das setenta e duas possibilidades de incidência de /e/ para esse vocábulo, em quarenta e uma delas, houve presença da variante média baixa [ɛ], enquanto as trinta e uma possibilidades restantes foram variações, na maioria, lexicais como *jarrador*, *bigorna*, *jardineira* etc. Considerando, apenas, a realização concreta de [ɛ], este ocorreu em 98% dos dados relativos ao vocábulo *regador*. O vocábulo



*bebedouro*, que é bastante conhecido pelos informantes, possui uma variante pretônica estável na posição média alta, trata-se do [e], que obteve um percentual de ocorrência de 96% se considerarmos apenas as setenta e duas possibilidades de incidência de /e/.

Ignorando a realidade linguística de cada vocábulo, a variante pretônica média alta [e] incidiu com registro percentual de 48% no Médio Solimões e no geral, enquanto no Baixo Amazonas o registro percentual foi de 47%. A variante média baixa [ɛ], por sua vez, obteve registros percentuais de 16%, de 32% e de 28%, respectivamente, no Baixo Amazonas, no Médio Solimões e no contexto geral.

Portanto, encontramos, de maneira quase categórica, nos vocábulos *bebedouro* e *regador*, as variantes pretônicas, respectivamente, [e] e [ɛ], que tipificam a manutenção e o abaixamento de /e/. Na ocorrência da manutenção houve assimilação dos traços fonéticos da vogal tônica [o] pela vogal átona [e], que por sua vez, contribuiu para a manutenção da pretônica não contígua [e]. Em se tratando da ocorrência do abaixamento no vocábulo *regador*, a vogal tônica não exerceu nenhuma influência sobre a ocorrência da pretônica média baixa [ɛ], mas a vogal átona baixa da sílaba seguinte [a] influenciou no abaixamento de /e/. Embora no contexto geral e regional prevaleça o fenômeno da manutenção da variante média alta [e], vimos que em cada vocábulo não ocorre dessa forma.

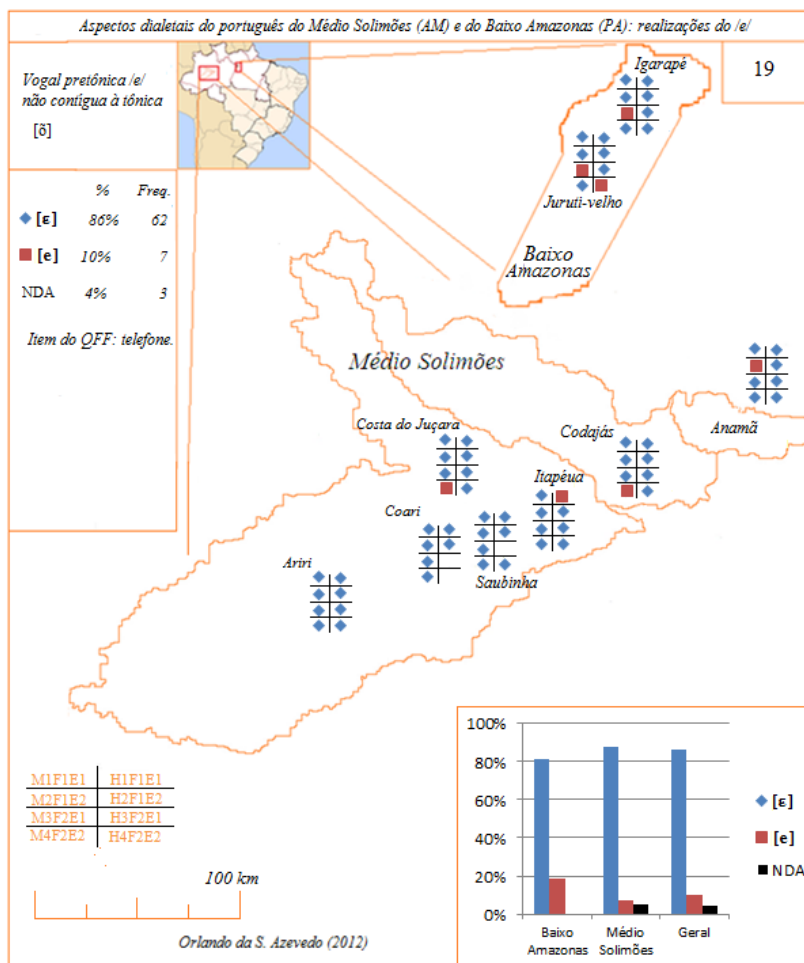
Na Tabela 28, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos das realizações de /e/ não contíguo à [o].

Tabela 28 Realizações de /e/ não contíguo à [o]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	15	47%	54	48%	69	48%
[ɛ]	5	16%	36	32%	41	28%
NDA	12	38%	22	20%	34	24%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

#### **h. Não contígua à vogal tônica [õ]**

Nos dados da carta fonética 19, o /e/ pretônico não contíguo a vogal tônica [õ] apresentou duas variantes fonéticas [ɛ] e [e]. Das setenta e duas possibilidades de incidência do /e/, 86% foram para ocorrência de [ɛ] e 10% para de [e].



Por região, o percentual de abertura da pretônica /e/ se realizando como [ɛ] se manteve bastante expressivo com registros de 81% e de 88%, respectivamente, no Baixo Amazonas e no Médio Solimões.

A variante [e] obteve percentuais de ocorrência de 19% no Baixo Amazonas e de 7% no Médio Solimões.

Além disso, das sete ocorrências de [e], cinco foram dadas pelas mulheres e duas pelos homens. Em Ariri (MS), em Coari (MS) e em Saubinha (MS) não houve incidência da variante [e]. Portanto, a variante

pretônica média baixa [ɛ] foi a predominante no vocábulo *telefone*, que foi transcrito [tɛ.lɛ.'fõ.ɲi].

Não podemos afirmar que a presença da vogal tônica [õ] tenha influenciado a abertura da pretônica não contígua, porém esse processo ocorreu por assimilação dos traços da pretônica [ɛ] contígua facilitando, assim, a pronúncia das duas pretônicas.

Outras pesquisas afirmam que a presença de uma vogal baixa nasal [ã] favorece o abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ]. Nesta pesquisa, porém, veremos que em alguns contextos envolvendo vogais tônicas médias nasais [ẽ] e [õ] também ocorreu o abaixamento.

Sabemos que não houve assimilação dos traços fonéticos da vogal posterior [õ] pelas vogais pretônicas [ɛ] e [ɛ] da posição contígua e não contígua, pois a vogal [õ] é semifechada e as vogais [ɛ] e [ɛ] da posição não contígua e contígua são semiabertas. Os sons consonânticos adjacentes são produzidos mais fechados, nem por isso impedem o abaixamento de /e/. Portanto, o abaixamento ocorrido no vocábulo *telefone* é uma característica regional.

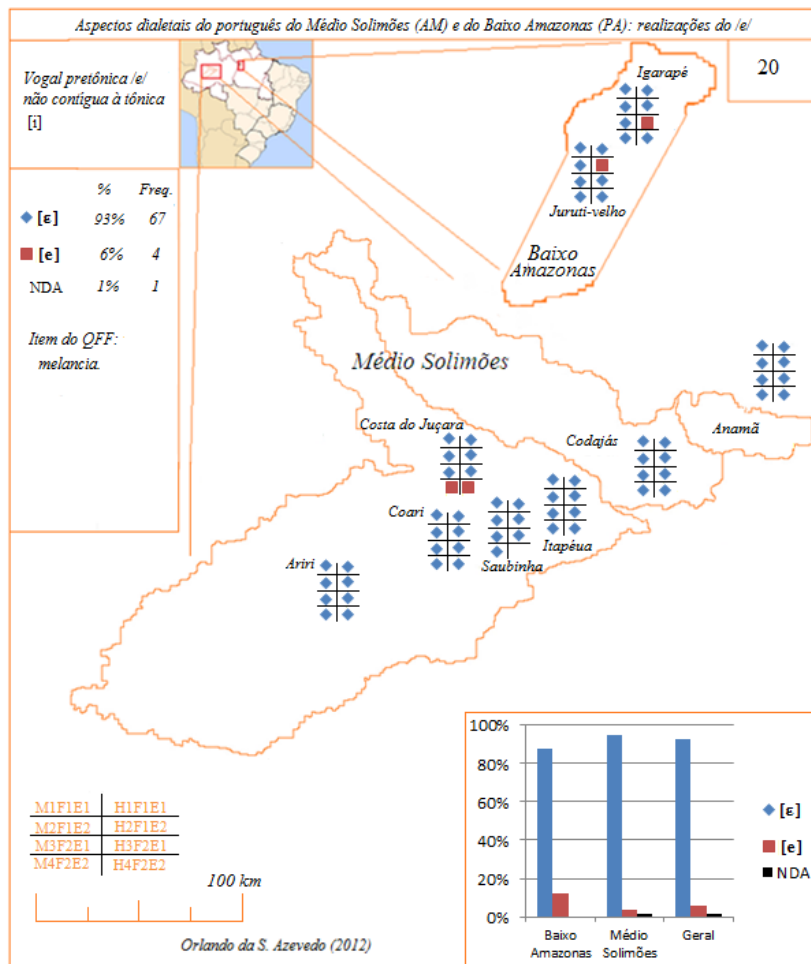
Os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ não contíguo à [õ] podem ser visualizados na Tabela 29 abaixo:

Tabela 29 Realizações de /e/ não contíguo à [õ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	13	81%	49	88%	62	86%
[e]	3	19%	4	7%	7	10%
NDA			3	5%	3	4%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

#### i. Não contígua à vogal tônica [i]

Na carta fonética 20, analisamos apenas o vocábulo *melancia*. Como a pretônica /e/ está distante da vogal tônica alta [i], a influência desta fica comprometida. Por isso, não encontramos em nossa análise o /e/ se realizando como [i] nesse vocábulo, o que soaria estranho pela falta de hábito do falante a prolação de *melancia* como [mi.lã.'si.a].



Os dados absolutos gerais das ocorrências de /e/ foram setenta e duas e, por região, foram dezesseis no Baixo Amazonas e cinquenta e seis no Médio Solimões.

O percentual de abertura do /e/ pretônico foi maior no Médio Solimões, onde obteve um registro percentual de 95%, enquanto no Baixo Amazonas o registro percentual foi de 88%.

Do total de setenta e duas possibilidades de ocorrência de /e/, não contíguo à tônica [i], houve realização em [ɛ] com 93% de incidência e em [e] com 6% das ocorrências.

A manutenção da variante média alta [e] incidiu na Costa do Juçara (MS) com duas ocorrências, no Igarapé do Juruti-velho (BA) e na vila do Juruti-velho (BA) com apenas uma ocorrência cada.

Nos demais pontos do Médio Solimões ocorreu, 100% a vogal média baixa [ɛ]. Portanto, no vocábulo *melancia* produzido como [mɛ.lã.'si.ɐ], o [ɛ] constituiu o padrão dialetal nas duas regiões. Verificamos, ainda, nesse vocábulo que a presença de uma vogal baixa [a] átona na sílaba seguinte exerceu influência no abaixamento da pretônica /e/ em sua realização como [ɛ].

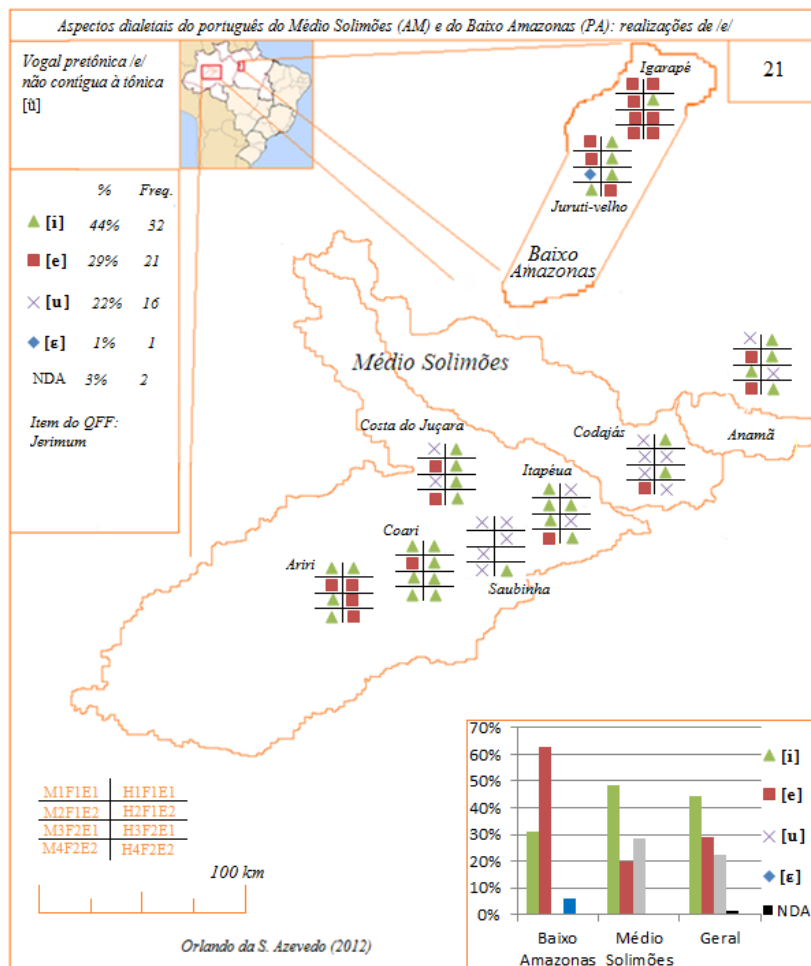
Na Tabela 30, podemos visualizar os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ abaixo:

Tabela 30 Realizações de /e/ não contíguo à [i]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	14	88%	53	95%	67	93%
[e]	2	13%	2	4%	4	6%
NDA			1	2%	1	1%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

#### j. Não contígua à vogal tônica [ũ]

Na carta fonética 21, analisamos apenas o vocábulo *jerimum* (o mesmo que *abóbora* em outras regiões do Brasil), no qual as realizações de /e/ totalizariam setenta e duas ocorrências. Desse total, encontramos quatro variantes para o /e/ pretônico não contíguo a [ũ], a saber: a variante alta anterior [i] com registro percentual de 44%, a variante média alta anterior [e] com 29%, a variante alta posterior [u] com 22% e com 1% apenas a variante média baixa anterior [ɛ].



Nos resultados de /e/, nesse contexto linguístico envolvendo o vocábulo *jerimum*, esperávamos uma flutuação entre [e] e [ɛ], mas esta última só apresentou uma ocorrência apenas registrada no Juruti-Velho (BA) na resposta da informante M3F2E1, doméstica. Em todos os pontos, houve uma alternância de [i] para [e] com predominância da variante alta, exceto na comunidade Saubinha (MS) e na cidade de Codajás (MS), onde a variante alta posterior [u] foi predominante.

O alteamento de [i] se deve à presença da vogal pretônica [i] contígua à tônica [ũ] facilitando, assim, a harmonia vocálica perfeita entre pretônica não contígua [i] e pretônica contígua [i].

A vogal tônica [ũ] influenciou a pretônica contígua [i], que se transformou em [u], que por sua vez influenciou a pretônica [e], que também se transformou em [u], ocorrendo, assim, uma harmonia vocálica entre [u] (pretônica não contígua), [u] (pretônica contígua) e [ũ] (tônica) na pronúncia [ʒu.ru.'mũ] registrada duas vezes na Costa do Juçara (MS), cinco vezes no Saubinha (MS), duas vezes no Itapéua (MS), cinco vezes em Codajás (MS) e duas vezes em Anamã (MS).

Dentre as variantes [ʒu.ru.'mũ], [ʒi.ri.'mũ], [ʒe.ri.'mũ] e [ʒɛ.ru.'mũ], [ʒi.ri.'mũ] se sobressaiu, em relação às demais no Médio Solimões, a variante lexical [ʒi.ri.'mũ], onde a pretônica alta [i] obteve um registro percentual de 46%, seguida por [u] que obteve 29% e por [e] que obteve 20%. A variante [ʒe.ri.'mũ] constituiu o padrão dialetal do Baixo Amazonas, onde o [e] incidiu com percentual de 63% e foi seguido por [i], que obteve um registro percentual de 31%.

Portanto, em termos de realizações pretônicas do /e/ no vocábulo *jerimum*, no Baixo Amazonas se destacou o fenômeno da manutenção da variante média alta anterior [e], enquanto no Médio Solimões o destaque foi para o alteamento de /e/ em sua realização pretônica como variante média alta [i].

Podemos visualizar, na Tabela 31, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ não contíguo à [ũ].

Tabela 31 Realizações de /e/ não contíguo à [ũ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	5	31%	27	48%	32	44%
[e]	10	63%	11	20%	21	29%
[u]			16	29%	16	22%
[ɛ]	1	6%			1	1%
NDA			2	4%	2	3%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

### 6.1.3 Considerações sobre as ocorrências de /e/ por não contiguidade

As realizações do /e/ pretônico incidiram em dez contextos não contíguos à vogal tônica por região e no contexto geral.

Na Tabela 32, os fenômenos do alteamento, abaixamento e manutenção predominaram nos seguintes contextos:

1. O alteamento, em sua realização como [i], não contíguo à vogal tônica [ɛ], à [e] e à [ẽ] predominou nas duas regiões; e não contíguo à [ũ], somente na região solimoense;
2. O abaixamento de /e/, em sua realização como [ɛ], não contíguo à vogal tônica [i], à [ɔ] e à [õ], predominou nas duas regiões; e não contíguo à vogal tônica [a] e [ã], [ẽ], somente na região geográfica do Médio Solimões;
3. A manutenção de /e/, em sua realização como [e], não contíguo à vogal tônica [o], predominou nas duas regiões; e não contíguo à [a], à [ã] e à [ũ], somente na região solimoense.

Tabela 32 Realizações do /e/ na posição não contígua à tônica

Nº	/e/ não contíguo	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral
1	[a]	39%	[e]	38%	[ɛ]	35% [ɛ]
2	[ã]	43%	[e]	53%	[ɛ]	47% [ɛ]
3	[ɛ]	63%	[i]	75%	[i]	72% [i]
4	[e]	50%	[i]	48%	[i]	48% [i]
5	[ẽ]	75%	[i]	71%	[i]	72% [i]
6	[i]	88%	[ɛ]	95%	[ɛ]	93% [ɛ]
7	[ɔ]	44%	[ɛ]	61%	[ɛ]	57% [ɛ]
8	[o]	47%	[e]	48%	[e]	48%



						[e]
9	[õ]	81%	[ε]	88%	[ε]	86% ε]
10	[ũ]	63%	[e]	48%	[i]	44% [i]

A manutenção de /e/, em sua realização como [e], diante de [e] e diante de [o], predominou nas duas regiões; e diante de [ã], diante de [ẽ], diante de [i] e diante de [ũ] somente na região geográfica do Baixo Amazonas.

No Baixo Amazonas, o [e] predominou em quatro contextos, a saber: não contíguo à [a], à [ã], à [o] e à [ũ] com percentuais de ocorrência, respectivamente, de 39%, 43%, 47% e de 63%.

A variante [i] foi mais incidente em três contextos: não contíguo à [ε] com 63%, à [e] com 50% e à [ẽ] com 75%. Nos outros três contextos, onde o /e/ foi não contíguo à [i], à [ɔ] e à [õ], a variante [ε] predominou com percentuais respectivos de 88%, de 44% e de 81%.

No Médio Solimões, a variante [e] predominou em apenas um contexto: não contíguo à [o] obtendo um percentual de 48%. A mais incidente nessa região foi a variante média baixa [ε], que predominou em cinco contextos: não contíguo à [a], à [ã], à [i], à [ɔ] e à [õ], obtendo percentuais de ocorrências respectivos de 38%, de 53%, de 95%, de 61% e de 88%. A variante [i] foi outra bastante recorrente no Médio Solimões, pois incidiu em quatro contextos: não contíguo à [ε], à [e], à [ẽ] e à [ũ] com margem percentual, respectivamente, de 75%, de 48%, de 71% e de 48%.

Nos dados gerais, ao ignorarmos a realidade linguística de cada região, obtivemos cinco contextos de predominância de [ε] com percentuais de ocorrência de 35% quando não contíguo à [a], de 47% quando não contíguo à [ã], de 93% quando não contíguo à [i], de 57% quando não contíguo à [ɔ] e de 86% quando não contíguo à [õ]. A variante alta [i] predominou em quatro contextos: não contíguo à [ε] com percentual de 72%, à [e] com 48%, à [ẽ] com 72% e à [ũ] com 44%. Por último, a predominância de [e] foi apenas em um contexto: o de não contiguidade à [o] registrando um percentual de ocorrência de 48%.

As mesmas variantes predominantes nos dez contextos fonéticos do Médio Solimões também predominaram no cômputo geral. Por outro lado, a vogal média alta [e] predominou em três contextos fonéticos no Baixo Amazonas (não contígua à [a], não contígua à [ã] e não contígua à [ũ]); porém, não predominou nesses mesmos contextos no cômputo geral.

A não contiguidade das realizações da vogal pretônica /e/ em relação à vogal tônica compromete a assimilação dos traços desta por aquelas. Por isso, outros fatores linguísticos agem sobre as ocorrências das pretônicas como a presença dos traços fonéticos da pretônica contígua e de sons consonânticos adjacentes. Os casos de harmonia vocálica são mais raros na posição não contígua e quando acontecem, a vogal tônica influencia a pretônica contígua, que por sua vez influencia a pretônica não contígua como, por exemplo, o que sucedeu com o vocábulo *jerimum* transcrito [ʒu.ru.'mũ].

Nos dados da Tabela 32, podemos dizer que a harmonia vocálica ocorreu entre a pretônica [ɛ] e a tônica [ɔ] no vocábulo *helicóptero* transcrito [ɛ.ʎi.'kɔ.pi.te.ru], sem, contudo, passar pela pretônica contígua [i], caso contrário resultaria na pronúncia [ɛ.ʎɛ.'kɔ.pi.te.ru] sem nenhum registro encontrado. O mesmo fenômeno aconteceu com o vocábulo *elefante* transcrito de acordo com a pronúncia de alguns informantes como [a.le.fã.tʃi] havendo, assim, uma dissimilação entre as duas pretônicas e ocorrendo uma aproximação dos traços entre a pretônica não contígua [a] e a tônica [ã].

Outro caso, que pode ser harmonia vocálica, foi o que ocorreu entre a pretônica [e] e a tônica [o] presentes nos vocábulos *bebedouro* com sessenta e oito ocorrências e *regador* com uma ocorrência apenas. Naquele houve contaminação envolvendo as duas pretônicas [e] e [ɛ] exemplificada na transcrição [be.be.'doh], neste somente na pretônica não contígua [e] visualizada em uma única ocorrência [he.ga.doh].

O deslocamento de vogais pretônicas no eixo vertical se deu nos dois sentidos. Considerando apenas as variantes mais incidentes mostradas na Tabela 32, concluímos que subindo o eixo vertical da boca houveo alteamento predominante em três contextos no Baixo Amazonas, em quatro contextos no Médio Solimões e em quatro contextos no geral. Houve o fenômeno da manutenção da variante média alta [e] em quatro contextos no Baixo Amazonas e em um contexto apenas no Médio Solimões e no cômputo geral. Por outro lado, descendo o eixo vertical, o abaixamento ocorreu em três contextos no

Baixo Amazonas, em cinco no Médio Solimões e em cinco no cômputo geral.

## 6.2 O contexto fonológico precedente das realizações da vogal média /e/

Verificaremos neste tópico em quais contextos precedentes foram propensos ao alteamento, à manutenção ou ao abaixamento de /e/.

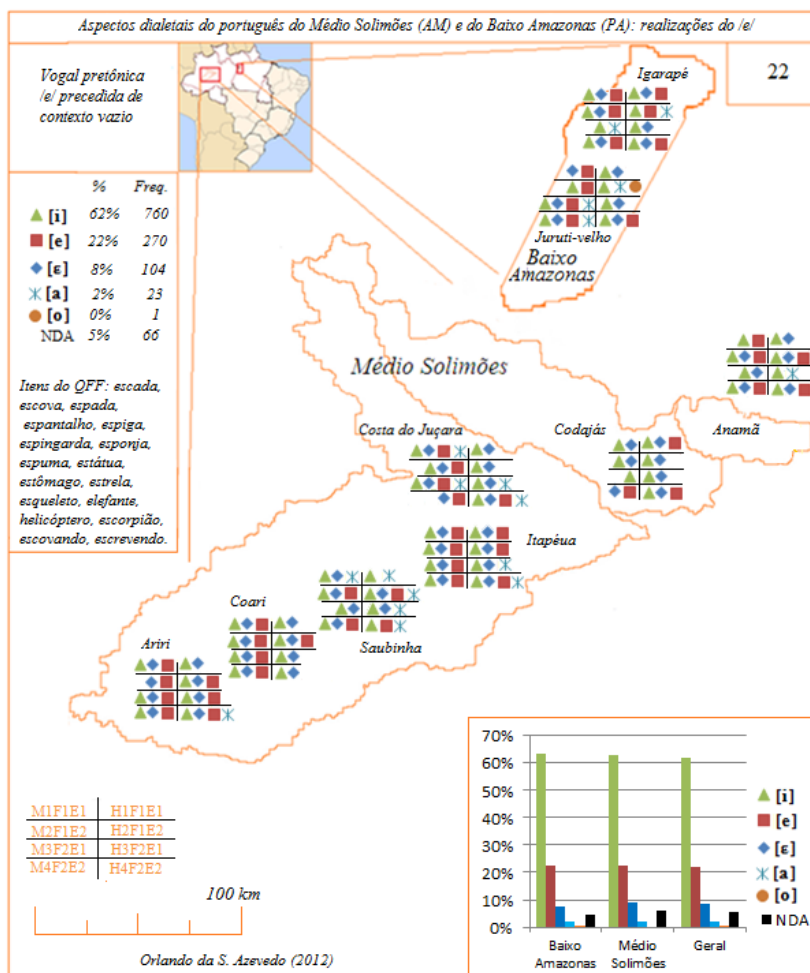
### a. Precedida de contexto vazio

Na carta fonética 22, analisamos o /e/ em início absoluto de palavra nos vocábulos *escada*, *escova*, *espada*, *espantalho*, *espiga*, *espingarda*, *esponja*, *espuma*, *estátua*, *estômago*, *estrela*, *esqueleto*, *elefante*, *helicóptero*, *escorpião*, *escovando* e *escrevendo*.

São no total dezessete vocábulos, onde o /e/ pretônico obteve seis variantes fonéticas no geral, a saber: [i] com registro percentual de 62%, [e] com 22%, [ɛ] com 8%, [a] com 2% e [o] com 0% ou uma ocorrência apenas sendo registrada no Juruti-Velho (BA). Tal proporcionalidade se manteve por região. Entre os vocábulos analisados, o alteamento só ocorreu naqueles seguidos de /S/, ou seja, ocorreu praticamente em todos os vocábulos à exceção dos vocábulos *helicóptero* e *elefante*, onde a variante média baixa [ɛ] foi predominante. No vocábulo *elefante* houve um caso de dissimilação envolvendo as pretônicas como exemplificado na transcrição [ɛ.le.'fã.tʃi] na resposta da informante M4E2F2 em Codajás (MS), na resposta da informante M1E2F1 no Igarapé do Juruti-velho (BA) e nas respostas dos informantes M1E1F1 e H4E2 F2 na vila do Juruti-velho (BA). Verificamos, ainda, que o alteamento em alguns vocábulos não foi categórico. Por exemplo, na comunidade adventista Ariri (MS), os informantes começaram respondendo com a variante média alta [e] no vocábulo *escada*, que foi transcrito [eʃ¹.ka.dɐ] cinco vezes, correspondentes a 63% do total de oito incidências de /e/.

Esse comportamento do falante, porém, não se manteve predominante nos demais vocábulos, nos quais o alteamento ocorreu de maneira expressiva nessa localidade. Na comunidade Itapéua (MS) a metade dos informantes pronunciou a variante média alta [e] e outra metade a variante alta [i] no vocábulo *espingarda* com quatro ocorrências cada, correspondentes a 50% do total de oito. Esse equilíbrio se manteve na prolação do vocábulo *estômago* e do vocábulo

*estrela*, no qual o alteamento e a manutenção obtiveram registro percentual igual de 50% para cada fenômeno ocorrido na mesma localidade. Outro fato inesperado aconteceu com o vocábulo *espuma*, que foi transcrito como [iʃ.'pũ.mə], [eʃ.'pũ.mə], [iʃ.'kũ.mə] e [eʃ.'kũ.mə], com destaque para a manutenção da variante média alta [e], mais uma vez, na vila de Itapéua, no qual predominou com registro percentual de 63%.



Os informantes que optaram pela variante média alta [e] nos vocábulos, onde o /e/ era seguido por /S/, possuíam escolaridade mais avançada como, por exemplo, as informantes M2E2F1 e M4E2F2 na Costa do Juçara, a informante M4E2F2 na cidade de Codajás, os informantes M4E2F2 e H4E2F2 na cidade de Anamá, os informantes M2E2F1 e H4E2F2 na vila do Juruti-velho. Tal variante, entretanto, ao considerarmos o mesmo contexto seguinte envolvendo o arquifonema /S/, foi também recorrente nas respostas de informantes com baixa escolaridade e, sobretudo, nas respostas femininas. Por exemplo, as informantes M1E1F1 da cidade de Anamá e da vila do Juruti-velho responderam, quase categoricamente, todos os vocábulos com a variante média alta [e]. O alteamento foi categórico na maioria dos vocábulos apenas no Igarapé do Juruti-velho.

Por outro lado, a vila do Juruti-velho foi a localidade, onde mais ocorreu a manutenção da variante média alta [e] por conta dos informantes M1E1F1, M2E2F1, H4E2F2 e na oscilação das respostas dadas pelas informantes M3E1F2 e M4E2F2, inclusive em paridade com o fenômeno do alteamento. Por exemplo, a manutenção da variante média alta [e] obteve registro percentual de 50% nos vocábulos *escova*, *espada*, *espiga*, *estátua* e *escovando*, e, predominantemente, no vocábulo *espuma*, no qual obteve registro percentual de 50%.

Na Tabela 33, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ em início absoluto de palavra.

Tabela 33 Realizações de /e/ em início absoluto de palavra

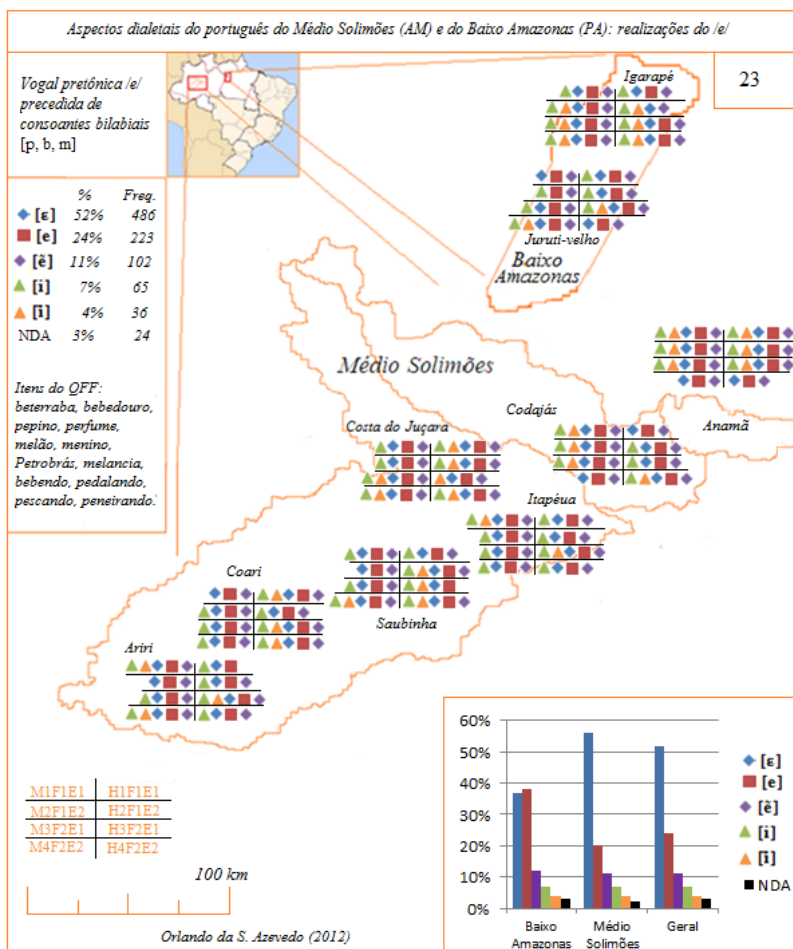
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	172	63%	588	63%	760	62%
[e]	61	22%	209	22%	270	22%
[ɛ]	20	7%	84	9%	104	8%
[a]	6	2%	17	2%	23	2%
[o]	1	0%			1	0%
NDA	12	4%	54	6%	66	5%
Total	272	100%	931	100%	1224	100%

## b. Precedida de consoantes bilabiais

Na carta fonética 23, analisamos o comportamento da pretônica /e/ precedido das consoantes bilabiais [p, b, m] nos vocábulos *beterraba*, *bebedouro*, *pepino*, *perfume*, *melão*, *menino*, *Petrobrás*, *melancia*, *bebendo*, *pedalando*, *pescando* e *peneirando*.

Nesse contexto envolvendo consoante bilabial precedente, o /e/ se realizou foneticamente como [ɛ], [e], [ẽ], [i] e [ĩ]. Do total de 936 ocorrências de /e/, 52% foram para [ɛ], 24% foram para [e], 11% foram para [ẽ], 7% foram para [i] e 4% foram para [ĩ].

No Baixo Amazonas, ocorreu um equilíbrio entre a variante média baixa [ɛ] e a variante média alta [e] com resultados percentuais, respectivamente, de 37% e de 38% do total de 208 ocorrências de [e] com registros percentuais de, 37% e 38%. No Médio Solimões, a diferença percentual entre as duas variantes foi bastante expressiva com 56% para [ɛ] e com 24% para [e] do total de 728 ocorrências de /e/.



Portanto, a manutenção da variante média alta [e] foi o fenômeno mais recorrente na região do Baixo Amazonas, enquanto na região do Médio Solimões e no cômputo geral foi o abaixamento de /e/ em sua realização fonética como [ɛ].

Na Tabela 34, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ precedido de consoantes bilabiais.

Tabela 34 Realizações de /e/ precedido de consoantes bilabiais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	77	37%	409	56%	486	52%
[e]	78	38%	145	20%	223	24%
[ẽ]	24	12%	78	11%	102	11%
[i]	15	7%	50	7%	65	7%
[ĩ]	8	4%	28	4%	36	4%
NDA	6	3%	18	2%	24	3%
Total	208	100%	728	100%	936	100%

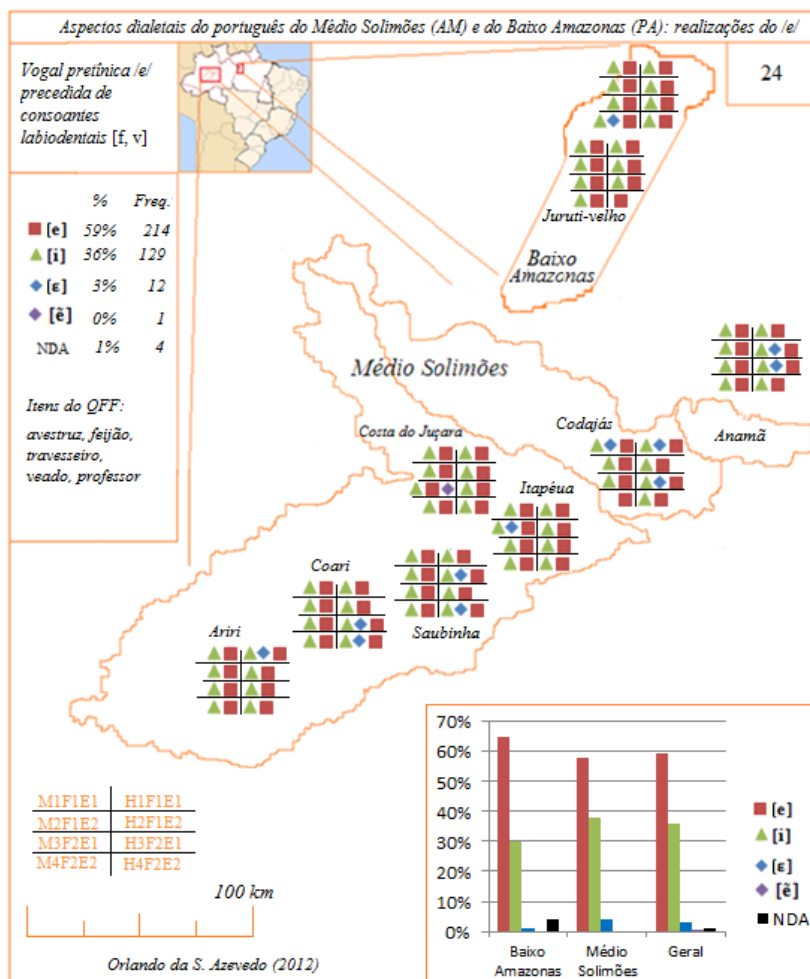
### c. Precedida de consoantes labiodentais

Na carta fonética 24, o /e/ precedido de consoantes labiodentais se realizou foneticamente como [e], [i], [ɛ] e [ẽ]. Das 360 possibilidades de incidência das realizações do /e/ pretônico, a variante média alta [e] se sobressaiu obtendo percentual de ocorrência em 60% em relação à [i], [ɛ] e [ẽ], que obtiveram, respectivamente, 36%, 3% e 0% no mesmo cômputo geral.

No Baixo Amazonas, a incidência de [e] foi predominante, pois obteve um percentual de 65% do total de 80 ocorrências de /e/. Ainda nessa região, a variante alta [i] registrou 30% e a variante média baixa [ɛ] registrou 1%. Em se tratando das ocorrências do /e/ na região do Médio Solimões, a variante pretônica [e] também foi a mais expressiva com percentual de ocorrência em 58%, e foi seguida por [i] com 38%, por [ɛ] com 4% e por [ẽ] com 0% ou um registro apenas detectado no vocábulo *avestruz*, que foi pronunciado nasalizado pela informante M3F2E1 da Costa do Juçara (MS). Os quatro vocábulos analisados possuem formas estáveis no dialeto solimoense e jurutiense. Por exemplo, no vocábulo *veado*, a variante lexical recorrente foi [vi.'a.du], cuja pretônica também sucede no vocábulo *traveseiro* produzido como [tra.vi.'se.ru]. Nesses dois vocábulos, a variante pretônica alta [i] foi quase 100% predominante. Outros vocábulos, que possuem variantes lexicais praticamente imutáveis são *professor* e *feijão*, onde a pretônica média alta [e] ocorreu 100%. Por último, o vocábulo *avestruz* transcrito em sua variante lexical mais incidente [aveʃ.'truʃ], na qual o [e]



pretônico foi mais incidente com cinquenta e oito ocorrências no geral, quarenta e três ocorrências no Médio Solimões e quinze ocorrências no Baixo Amazonas.



A variante média baixa [ɛ] não era esperada no vocábulo *avestruz*, por não haver nenhum segmento adjacente favorável ao abaixamento do /e/. Apesar disso, obtivemos doze ocorrências no cômputo geral, sendo onze incidentes no Médio Solimões e uma apenas no Baixo Amazonas. A presença do segmento vocálico [ɛ] esteve

presente nas dez respostas dadas por homens, e apenas em duas respostas dadas pelas mulheres. Portanto, apesar da predominância do alteamento nos vocábulos *traveseiro* e *veado*, a manutenção da variante média alta [e] foi predominante nos vocábulos *avestruz*, *feijão* e *professor*, influenciando, dessa forma, no cômputo geral e regional.

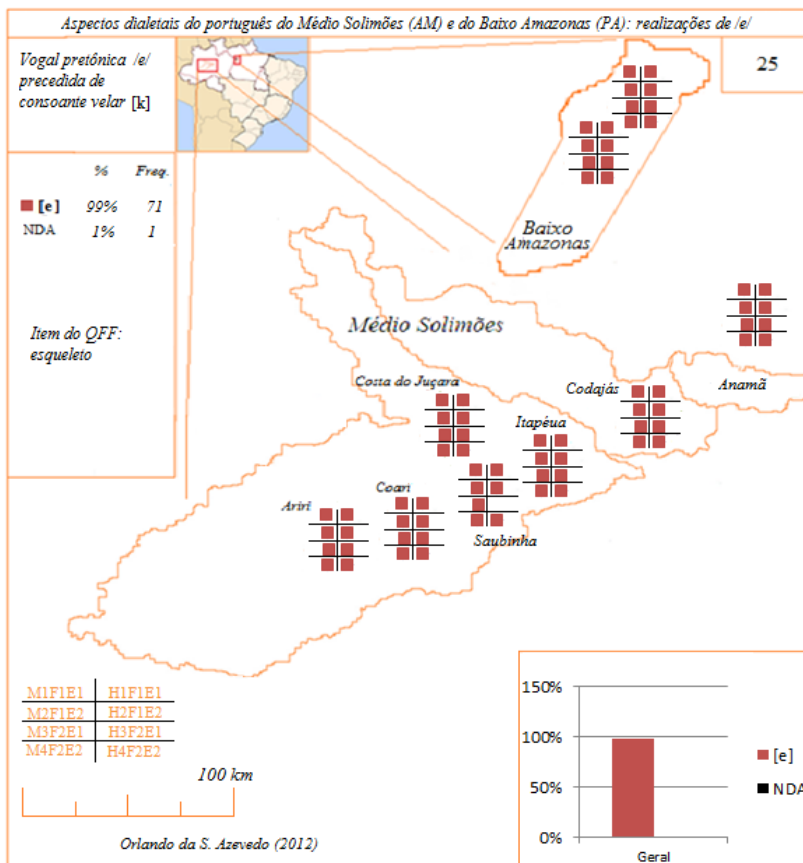
Os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ precedido de consoantes labiodentais podem ser visualizados na Tabela 35 abaixo:

Tabela 35 Realizações de /e/ precedido de consoantes labiodentais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	52	65%	162	58%	214	59%
[i]	24	30%	105	38%	129	36%
[ɛ]	1	1%	11	4%	12	3%
[ẽ]			1	0%	1	0%
NDA	3	4%	1	0%	4	1%
Total	80	100%	280	100%	360	100%

#### d. Precedida de consoante velar

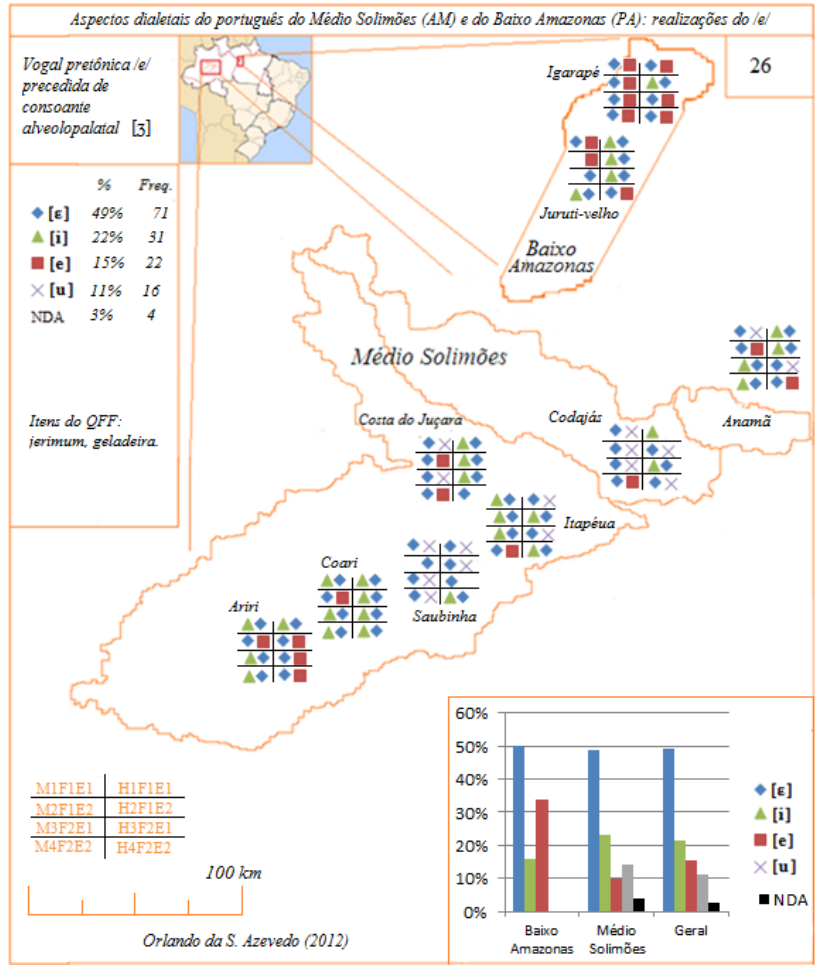
Na carta fonética 25, analisamos o /e/ precedido de consoante velar [k] apenas no vocábulo *esqueleto*, no qual se realizou foneticamente como [e] e obteve registro percentual de 99% do total de setenta e duas possibilidades, pois o informante HEF2E1 da comunidade Saubinha (MS) respondeu *costela* ao invés de *esqueleto*, que foi produzido como [iʃ.ke.'le.tu]. Portanto, a manutenção da variante média alta [e] ocorreu de maneira estável no contexto geral, não havendo nenhuma flutuação para [ɛ].



### e. Precedida de consoante alveolopalatal

Na carta fonética 26, analisamos as realizações pretônicas de /e/ em apenas dois vocábulos, saber: *geladeira* e *jerimum*. Verificamos se o contexto precedente envolvendo consoante alveolopalatal [ʃ] foi suscetível para a ocorrência do fenômeno do abaixamento de /e/ em sua realização como variante média pretônica baixa [ɛ] ou foi suscetível ao fenômeno da manutenção da variante média alta [e]. O /e/ precedido de consoante alveolopalatal [ʃ] se realizou foneticamente como [ɛ], [i], [e] e [u]. O abaixamento de /e/ para [ɛ] foi o fenômeno predominante nos dados gerais. Em nível lexical, porém, houve a predominância também

do fenômeno do alteamento de /e/ para [i]. Por exemplo, no vocábulo *jerimum*, que foi analisado anteriormente na carta 21, onde a variante alta anterior [i] ocorreu trinta e uma vezes (43%), a variante alta posterior [u] ocorreu dezesseis vezes (22%), a variante aberta anterior [ɛ] ocorreu uma vez (1%) e a variante média alta anterior [e] ocorreu vinte e uma vezes (29%). Aproveitamos, assim, esses dados percentuais e absolutos na carta fonética 26 ao ressaltarmos a predominância do alteamento ocorrendo no vocábulo *jerimum*.



Os números percentuais e absolutos do vocábulo *geladeira*, no que diz respeito às realizações fonéticas de /e/, limitam-se apenas à variante média baixa anterior [ɛ] com setenta ocorrências, equivalentes a 97% do total de setenta e duas possibilidades. A forma lexical padrão utilizada no dialeto solimoense e jurutiense para o vocábulo *geladeira* foi [ʒɛ.la.'dɛrɐ] com preferência pela pretônica média baixa anterior [ɛ].

No geral, o /e/ se realizou como [ɛ] 49%, como [i] 22%, como [e] 15% e como [u] 11%. Pelo gráfico da carta fonética 26, percebemos que, por região, os números percentuais estão próximos, por exemplo, o [ɛ] obteve 50% no Baixo Amazonas e 49% no Médio Solimões.

A diferença percentual ocorreu apenas nos dados da segunda variante pretônica mais expressiva, pois no Baixo Amazonas foi o [e], que obteve 34%, enquanto no Médio Solimões foi o [i], que obteve 23%.

Portanto, o abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] foi o fenômeno mais recorrente por região e no cômputo geral.

Na Tabela 36, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ precedido de consoante alveolopalatal.

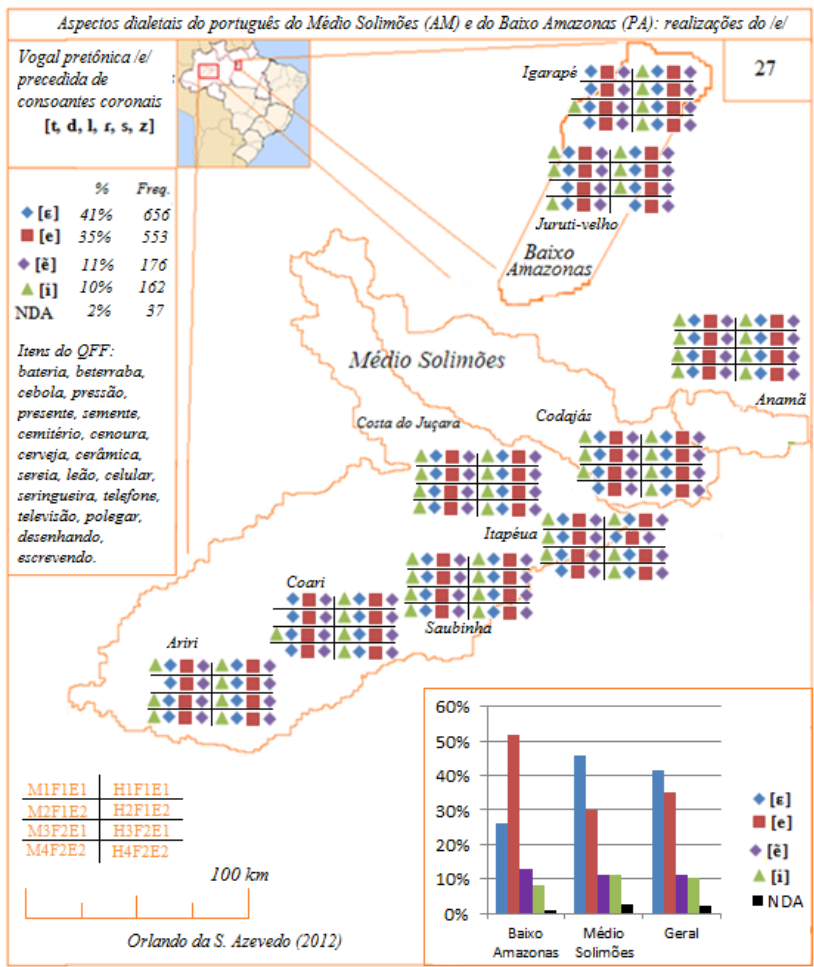
Tabela 36 Realizações de /e/ precedido de consoante alveolopalatal

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	16	50%	55	49%	71	49%
[i]	5	16%	26	23%	31	22%
[e]	11	34%	11	10%	22	15%
[u]			16	14%	16	11%
NDA			4	4%	4	3%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

#### f. Precedida de consoantes coronais

Na carta fonética 27, analisamos o comportamento da vogal média pretônica /e/ nos vocábulos *bateria*, *beterraba*, *cebola*, *pressão*, *presente*, *semente*, *cemitério*, *cenoura*, *cerveja*, *cerâmica*, *sereia*, *leão*, *celular*, *seringueira*, *telefone*, *televisão*, *polegar*, *desenhando* e *escrevendo*. A previsão de incidências das realizações pretônicas de /e/,

considerando ocorrências duplas nos vocábulos *telefone*, *televisão* e *desenhando*, foi de 1.584.



Encontramos divergências nos resultados entre o Baixo Amazonas (PA) e o Médio Solimões (AM) com presença expressiva do [e] naquela região, enquanto o [ɛ] foi expressivo nesta.

Do total de 1.584 ocorrências de /e/, 41% foram para [ɛ], 35% foram para [e], 11% para [ẽ] e 10% para [i]. Na região do Baixo Amazonas, a manutenção da variante média alta [e] foi predominante

com 52%, enquanto as demais variantes [ɛ], [ẽ], [i] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 26%, de 13% e de 8%.

No Médio Solimões, por sua vez, o abaixamento de /e/ para [ɛ] foi predominante com registro percentual de ocorrência em 46%, enquanto as demais ocorrências de [e], [ẽ] e [i] obtiveram, respectivamente, 30%, 11% e 11%.

Como lidamos com uma gama de vocábulos na carta fonética 27, é natural que existam variantes pretônicas estáveis ocorrendo em seus respectivos vocábulos, funcionando como uma balança de pesos e contrapesos na incidência regional e geral.

Se por um lado, a propensão das coronais seria para abertura da pretônica /e/, por outro lado outros fatores como os sociais (gênero, escolaridade e faixa etária) e diatópicas (entre os pontos de inquérito e entre as duas regiões geográficas) vão no sentido contrário, ou para a manutenção em favor de [e] ou para o alteamento em favor de [i], etc.

Por isso, tornou-se difícil haver uma ocorrência categórica envolvendo múltiplos vocábulos, sendo que cada um deles possui histórico de uso diferenciado entre os membros de cada comunidade linguística.

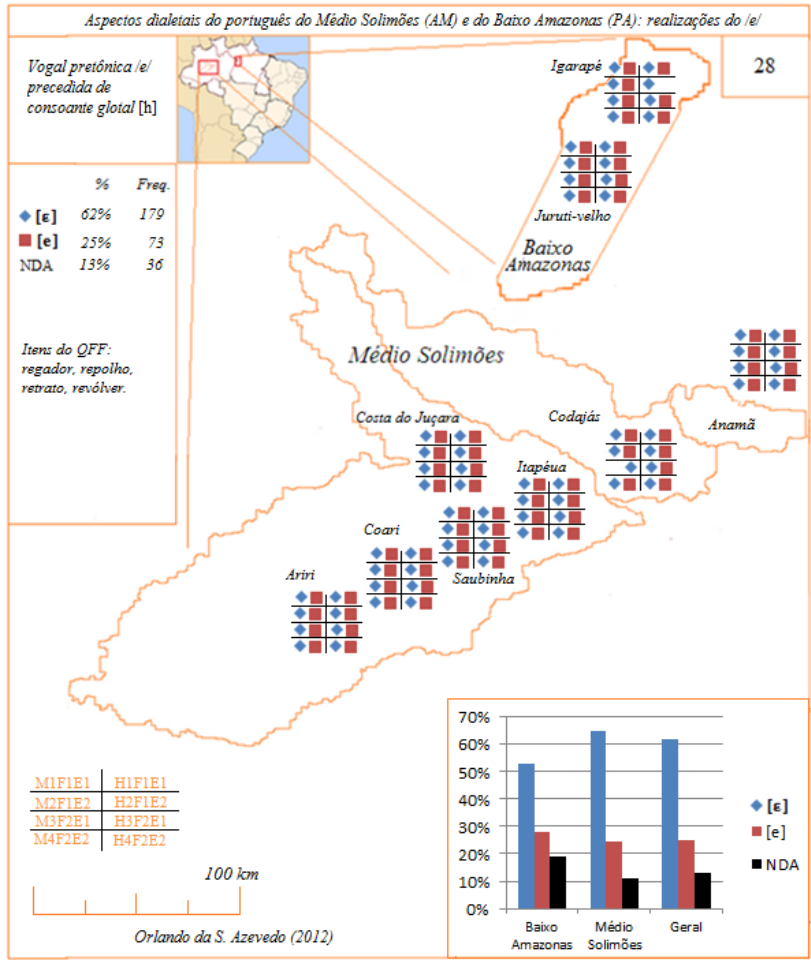
Na Tabela 37, disponibilizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ precedido de consoantes coronais.

Tabela 37 Realizações de /e/ precedido de consoantes coronais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	93	26%	563	46%	656	41%
[e]	184	52%	369	30%	553	35%
[ẽ]	44	13%	132	11%	176	11%
[i]	27	8%	135	11%	162	10%
NDA	4	1%	33	3%	37	2%
Total	352	100%	1232	100%	1584	100%

g. Precedida de consoante glotal

Na carta fonética 28, o /e/ precedido de consoante glotal [h] apresentou, no geral das 288 possibilidades de incidência, 62% das realizações em [ɛ] e 25% em [e].



Nas duas regiões o abaixamento do /e/ pretônico foi predominante. Por exemplo, no Baixo Amazonas o [ɛ] registrou 53% do total de sessenta e quatro, e no Médio Solimões registrou 65% do total



de 224. Já a variante média alta [e] ocorreu 28% no Baixo Amazonas e 25% no Médio Solimões.

Portanto, a propensão no âmbito regional e geral foi pelo abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] no contexto precedente envolvendo a consoante glotal.

Disponibilizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ na Tabela 38 abaixo:

Tabela 38 Realizações do /e/ precedido de consoante glotal

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	34	53%	145	65%	179	62%
[e]	18	28%	55	25%	73	25%
NDA	12	19%	24	11%	36	13%
Total	64	100%	224	100%	288	100%

### 6.2.1 Considerações sobre as realizações do /e/ pretônico no contexto precedente

Na Tabela 39, disponibilizamos as ocorrências das variantes mais predominantes do /e/ pretônico nos sete contextos linguísticos.

1. O alteamento de /e/, em sua realização como [i], em início absoluto de palavra, predominou nas duas regiões; e precedido de consoante labiodental, somente na região solimoense;
2. O abaixamento de /e/, em sua realização como [ɛ], precedido de consoante alveolopalatal e glotal, predominou nas duas regiões; e, precedido de consoante bilabial e coronal, somente na região geográfica do Médio Solimões;
3. A manutenção de /e/, em sua realização como [e], precedido de consoante velar, predominou nas duas regiões; e, precedido de consoante bilabial, labiodental e coronal, somente na região geográfica do Baixo Amazonas.

Tabela 39 Realizações do /e/ no contexto precedente

Nº	/e/ precedido	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral
1	Vazio <sup>44</sup>	63%	[i]	63%	[i]	62% [i]
2	Bilabial	38%	[e]	56% [ɛ]		52% [ɛ]
3	Labiodental	65% [e]		58% [i]		59% [i]
4	Velar	100% [e]		98% [e]		98% [e]
5	Alveolopalatal	50% [ɛ]		49% [ɛ]		49% [ɛ]
6	Coronal	52% [e]		46% [ɛ]		41% [ɛ]
7	Glotal	53% [ɛ]		65% [ɛ]		62% [ɛ]

No Baixo Amazonas, em quatro contextos a incidência maior foi da variante média alta [e]: no contexto precedente envolvendo bilabial com registro percentual de 38%, labiodental com 65%, velar com 100% e coronal com 52%.

No contexto precedente envolvendo alveolopalatal e glotal, o [ɛ] foi mais recorrente com percentuais respectivamente, de 50% e de 53%. Ainda na região do Baixo Amazonas, tendo como parâmetro, dessa vez, o contexto vazio precedente de /e/, a variante alta [i] obteve maior registro percentual com 63%.

No Médio Solimões, por sua vez, quatro contextos foram favoráveis à abertura do /e/, a saber: no contexto precedente envolvendo bilabial, alveolopalatal, coronal e glotal, com registros percentuais, respectivamente, de 56%, de 49%, de 46% e de 65%. O contexto velar precedente de /e/ foi o único no Médio Solimões com ocorrência de [e]

<sup>44</sup> Em contexto absoluto de palavra.

no vocábulo *esqueleto*, onde obteve um registro de 98% ou 100% se considerarmos somente as respostas válidas.

No contexto geral, prevaleceram os mesmos contextos do Médio Solimões com a variante média baixa [ɛ] predominando em quatro contextos envolvendo bilabial, alveolopalatal, coronal e glotal, com percentuais respectivos de 52%, 49%, 41% e 62%. Em início absoluto de palavra e no contexto labiodental precedente houve predominância do [i] com percentuais, respectivamente, de 62% e 59%. Por último, no contexto velar precedente, onde o [e] obteve 98% ou 100% se também considerarmos somente as respostas válidas.

Quanto ao grau de elevação da língua, a manutenção da variante média alta [e] foi predominante no Baixo Amazonas em quatro contextos envolvendo consoante bilabial, labiodental e velar. O alteamento de /e/ em sua realização como [i] ocorreu apenas no início absoluto de vocábulo. Nessa região, ainda, o abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] aconteceu em dois contextos envolvendo consoante alveolopalatal e glotal.

No Médio Solimões, segundo o parâmetro movimentação da língua no eixo vertical da boca, o abaixamento de /e/ foi mais incidente em quatro contextos (bilabial, alveolopalatal, coronal e glotal). A manutenção da variante média alta [e] aconteceu em um contexto (velar) e o alteamento de /e/ em sua realização como [i] em dois contextos (vazio e labiodental). Os mesmos dados do Médio Solimões servem como parâmetro para o contexto geral.

### **6.3.0 contexto fonológico seguinte das realizações da vogal média /e/**

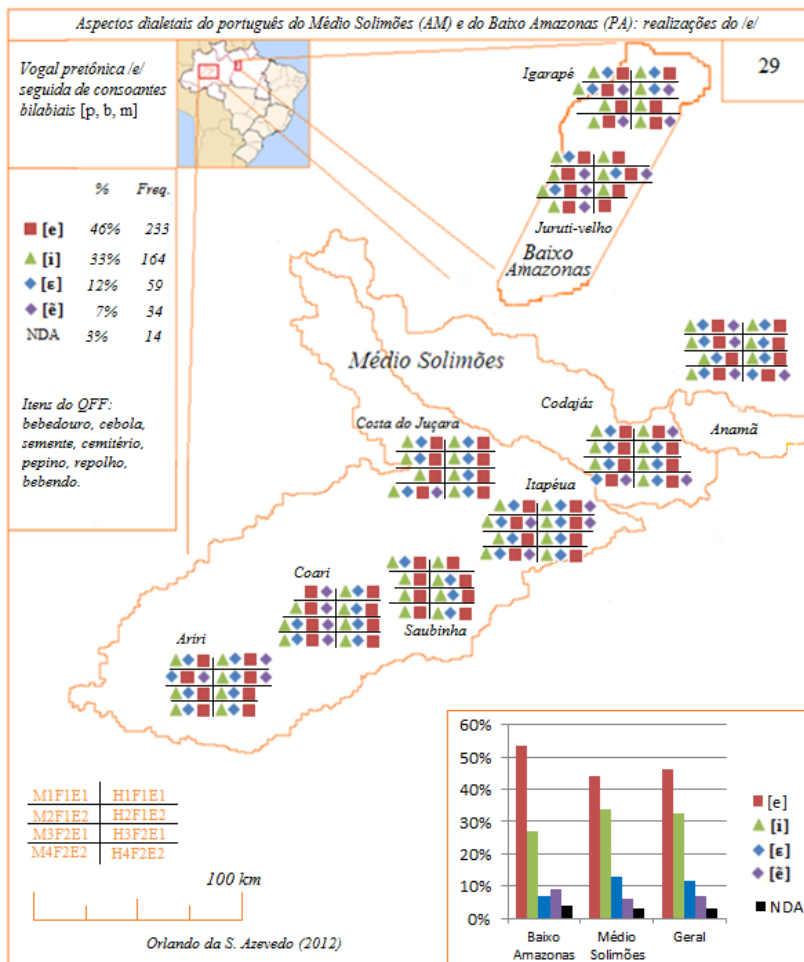
Verificaremos neste tópico se o contexto seguinte influenciou mais o alteamento, a manutenção ou abaixamento de /e/.

#### **a. Seguida de consoantes bilabiais**

Na carta fonética 29, analisamos o comportamento da vogal média pretônica /e/ nos vocábulos *bebedouro*, *cebola*, *semente*, *cemitério*, *pepino*, *repolho* e *bebendo*. Nesses vocábulos, o /e/ seguido de consoantes bilabiais se realizou como [e], [i], [ɛ] e [ẽ]. Verificamos se as consoantes bilabiais seguintes são propensas ao abaixamento, ao alteamento ou à manutenção.

Do total de 504 possibilidades de incidência da pretônica /e/, o [e] ocorreu 46%, o [i] ocorreu 33%, o [ɛ] ocorreu 12% e o [ẽ] ocorreu 7%.

No Baixo Amazonas, do total de cento e doze ocorrências de /e/, a variante média alta [e] ocorreu 54% seguida por [i] com 27%, por [ẽ] com 9% e por [ɛ] com 7%. Por sua vez no Médio Solimões das 392 ocorrências da pretônica /e/, a variante média alta [e] ocorreu 44% das vezes e as demais variantes [i], [ɛ] e [ẽ] ocorreram, respectivamente, 34%, 13% e 6% das vezes. Uma das diferenças entre as duas regiões é ocorrência maior da variante nasalizada no Baixo Amazonas com 9%, enquanto tal variante obteve 7% no Médio Solimões. Nos vocábulos *semente*, *pepino*, *cemitério*, a propensão foi pelo alteamento de /e/ em sua realização como variante alta [i], enquanto nos demais vocábulos a propensão foi pela manutenção da variante média alta [e], influenciando, assim, os dados regionais e gerais.



Na Tabela 40, disponibilizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ diante de consoantes bilabiais.

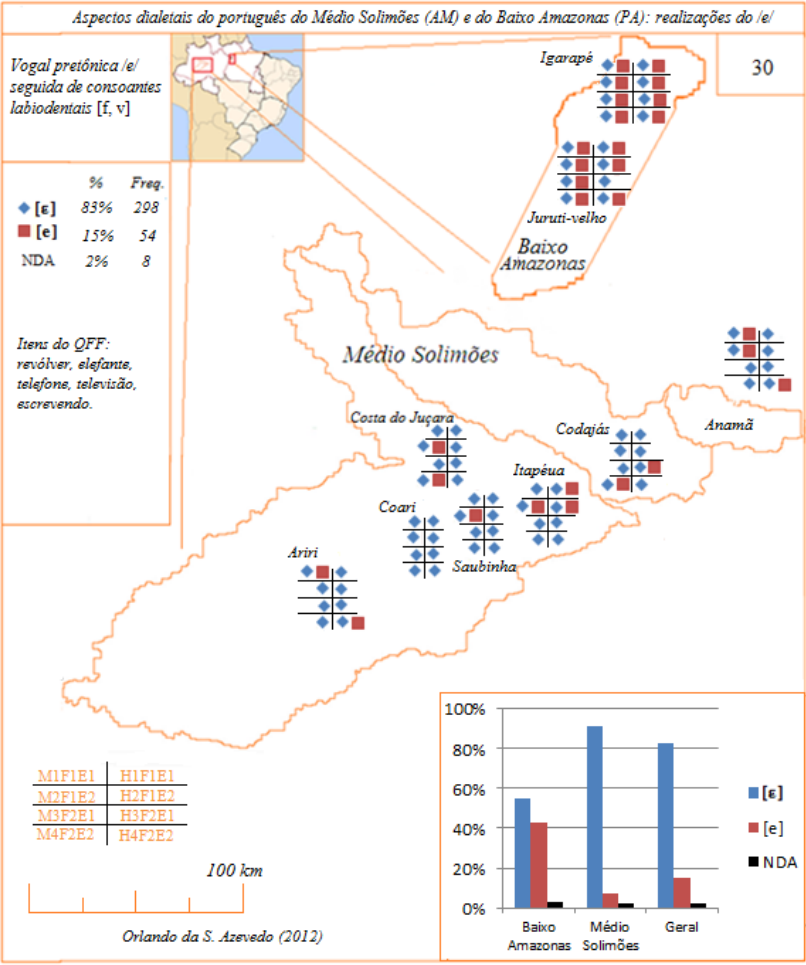
Tabela 40 Realizações do /e/ diante de consoantes bilabiais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[e]	60	54%	173	44%	233	46%
[i]	30	27%	134	34%	164	33%
[ɛ]	8	7%	51	13%	59	12%
[ẽ]	10	9%	24	6%	34	7%
NDA	4	4%	10	3%	14	3%
Total	112	100%	392	100%	504	100%

### b. Seguida de consoantes labiodentais

Na carta fonética 30, as variantes do /e/ seguido de consoantes labiodentais obtiveram, no contexto geral, os seguintes percentuais: a variante média [ɛ] obteve 83%, enquanto a variante [e] obteve 16% do total de 360 ocorrências; no Baixo Amazonas, do total de oitenta incidências de /e/, a variante média baixa [ɛ] obteve 55% das ocorrências, enquanto a variante média alta [e] obteve 43%; no Médio Solimões, a diferença entre as duas variantes foi mais acentuada como [ɛ] obtendo 91% das ocorrências e o [e] 7% do total de 280 incidências de /e/.

Portanto, o /e/ pretônico tende a se realizar predominantemente como vogal média baixa [ɛ] nos vocábulos *revólver*, *elefante*, *telefone*, *televisão* e *escrevendo*, configurando, assim, o fenômeno do abaixamento como o recorrente nas duas regiões amazônicas.



Podemos visualizar, na Tabela 41, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/.

Tabela 41 Realizações de /e/ diante de consoantes labiodentais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	44	55%	254	91%	298	83%
[e]	34	43%	20	7%	54	15%
NDA	2	3%	6	2%	8	2%
Total	80	100%	280	100%	360	100%

### c. Seguida de consoantes palatais

Na carta fonética 31 é abordado o /e/ seguido das consoantes palatais [ɲ] e [ʎ].

O /e/ pretônico apresentou muitas variantes fonéticas, sendo sete no total, a saber: [ɛ], [ĩ], [ẽ], [e], [a], [i] e [o]. Essas variantes pretônicas ocorreram apenas nos vocábulos *menino* e *helicóptero*.

No Estado do Amazonas e no Estado do Pará não se pronuncia [l] diante de [i], isto é, pronuncia-se “lh” que na transcrição fonética do alfabeto fonético internacional é [ʎ].

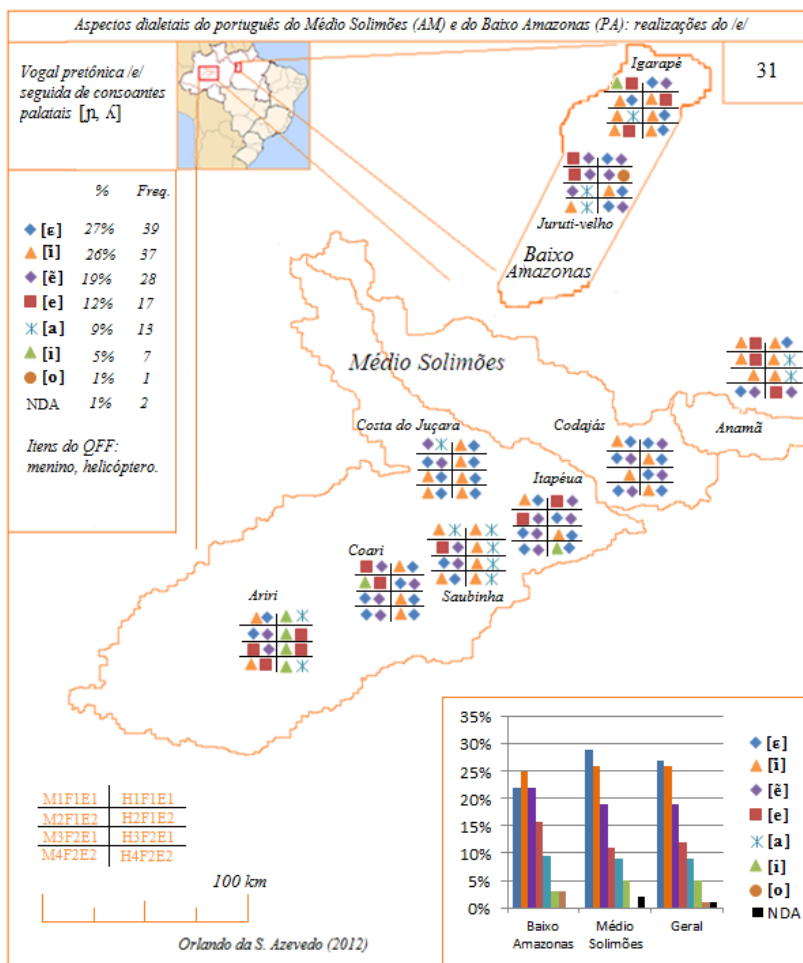
Exemplificamos com os mesmo vocábulos em análise contendo as variações encontradas nos nove pontos de inquérito, a saber: [ɛ.ʎi.'kɔ.pi]~[o.ʎi.'kɔ.pi]~[a.ʎi.'kɔ.pi], [me.'ɲi.nu]~[mẽ.'ɲi.nu]~[mi.'ɲi.nu]~[mĩ.'ɲi.nu].

No geral, das 144 realizações de /e/, o [ɛ] ocorreu 27% das vezes, o [ĩ] 26%, o [ẽ] 19%, o [e] 12%, o [a] 9%, o [i] 5% e o [o] 1%. Com esses dados, podemos afirmar que predomina a variante alta nasal [ĩ] no vocábulo *menino* transcrito como [mĩ.'ɲi.nu], e a variante média baixa [ɛ] no vocábulo *helicóptero* transcrito como [ɛ.ʎi.'kɔ.pi] e [ɛ.ʎi.'kɔ.piteru].

Por região, no Baixo Amazonas, a variante alta nasal [ĩ] foi mais incidente com 25% das realizações de /e/, seguido por [ẽ] com 22%, por [ɛ] com 22%, por [e] com 16%, por [a] com 9%, por [i] e por [o] com 3% cada, totalizando trinta e duas ocorrências de /e/ nessa região.

No Médio Solimões, a variante média baixa [ɛ] obteve maior incidência com registro percentual de 29% do total de 112 ocorrências de /e/, seguida por [ĩ] com 26%, por [ẽ] com 19%, por [e] com 11%, por [a] com 9% e por [i] com 5%.





Na análise das realizações do /e/ por ponto, considerando os mesmos vocábulos no contexto seguinte de /e/, onde existem consoantes palatais, verifica-se que os resultados são bastante díspares, pois: em Ariri o [i] e o [e] têm 25% cada. Na Costa do Juçara, em Coari, no Itapéua e em Codajás, o [ɛ] obtém a maior incidência com percentuais, respectivamente, de 44%, 38%, 38% e 44%; no Saubinha e em Anamá destaca-se a maior incidência da variante alta nasal [ĩ], com percentuais, respectivamente, de 38% e de 38%; no Baixo Amazonas, a variante

nasal [ẽ] obtém a maior incidência no Juruti-Velho com 38% de trinta e duas possibilidades de ocorrências de /e/, e no Igarapé do Juruti-velho a maior incidência é da variante alta nasal [ĩ], que obteve 38%.

Apesar de não haver um resultado elástico entre o fenômeno do alteamento e do abaixamento de /e/ no contexto palatal seguinte, aquele prevaleceu no Baixo Amazonas, enquanto este prevaleceu no Médio Solimões e no cômputo geral.

Na Tabela 42, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ diante de consoantes palatais.

Tabela 42 Realizações de /e/ diante de consoantes palatais

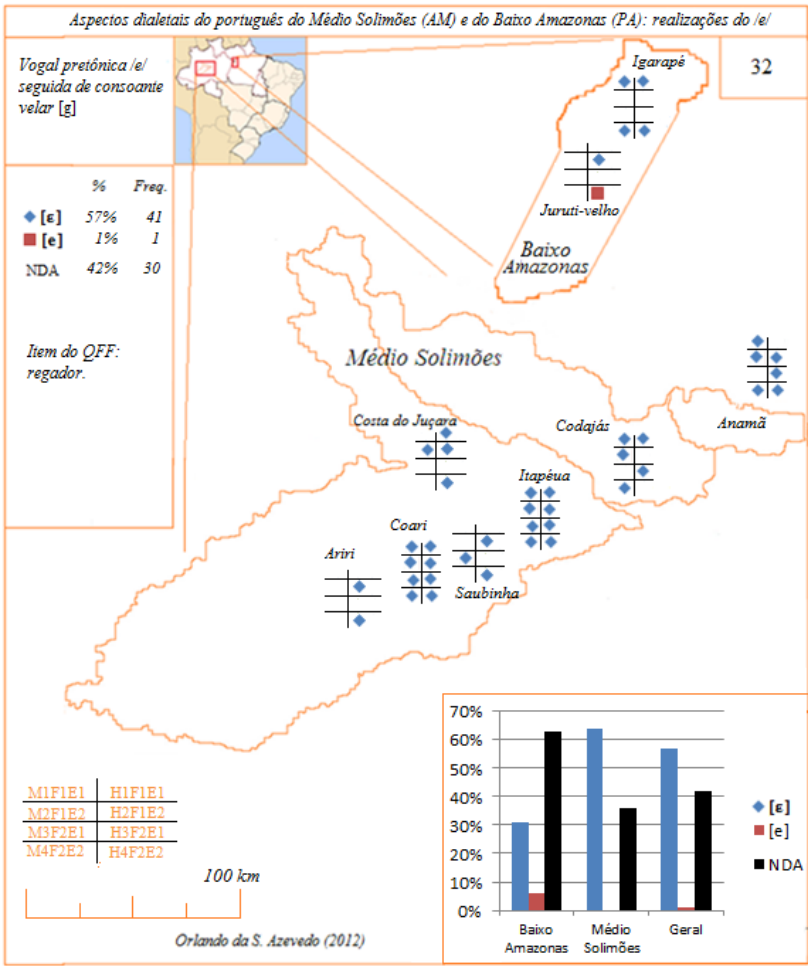
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	7	22%	32	29%	39	27%
[ĩ]	8	25%	29	26%	37	26%
[ẽ]	7	22%	21	19%	28	19%
[e]	5	16%	12	1%	17	12%
[a]	3	9%	10	9%	13	9%
[i]	1	3%	6	5%	7	5%
[o]	1	3%			1	1%
NDA			2	2%	2	1%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

#### d. Seguida de consoante velar

Na carta fonética 32, encontramos a ocorrência de /e/ apenas no vocábulo *regador*, que sofreu bastantes variações de natureza lexical correspondendo a 42% do total de setenta e duas possibilidades de realizações de /e/.

Muitos informantes não conheciam o vocábulo *regador*. Por isso, o abaixamento de /e/ para [ɛ] foi de 57% ao considerarmos nenhuma das respostas anteriores (NDA). Na prática, a ocorrência de [ɛ] foi de quase 100% se considerarmos apenas o vocábulo *regador* produzido como [hɛ.ga.'doh], a variante estável no dialeto solimoense e jurutiense. Na carta fonética 32 aparece, ainda, um ícone vermelho no espaço da vila

do Juruti-velho que corresponde a uma ocorrência apenas de [e] na resposta dada pelo informante H4F2E2.



Na Tabela 43, visualizamos em números percentuais e em números absolutos as realizações pretônicas de /e/ diante de consoante velar.

Tabela 43 Realizações de /e/ diante de consoante velar

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	5	31%	36	64%	41	57%
[e]	1	6%			1	1%
NDA	10	63%	20	36%	30	42%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

### e. Seguida das realizações do arquifonema /S/

Na carta fonética 33, encontramos uma gama de vocábulos (dezessete), nos quais o /e/ é seguido por realizações do arquifonema /S/, a saber: *escada, escova, espada, espantalho, espiga, espingarda, esponja, espuma, estátua, estômago, estrela, esqueleto, avestruz, escorpião, escovando, escrevendo e pescando*.

Esse arquifonema influenciou, sobremaneira, o /e/, facilitando o alteamento dele, mas não foi absoluto, uma vez que nenhum falante interiorano pronunciou para os vocábulos *avestruze pescando*, respectivamente, [a.vĩʃ.ˈtruʃ] ou [pĩʃ.ˈkã.du].

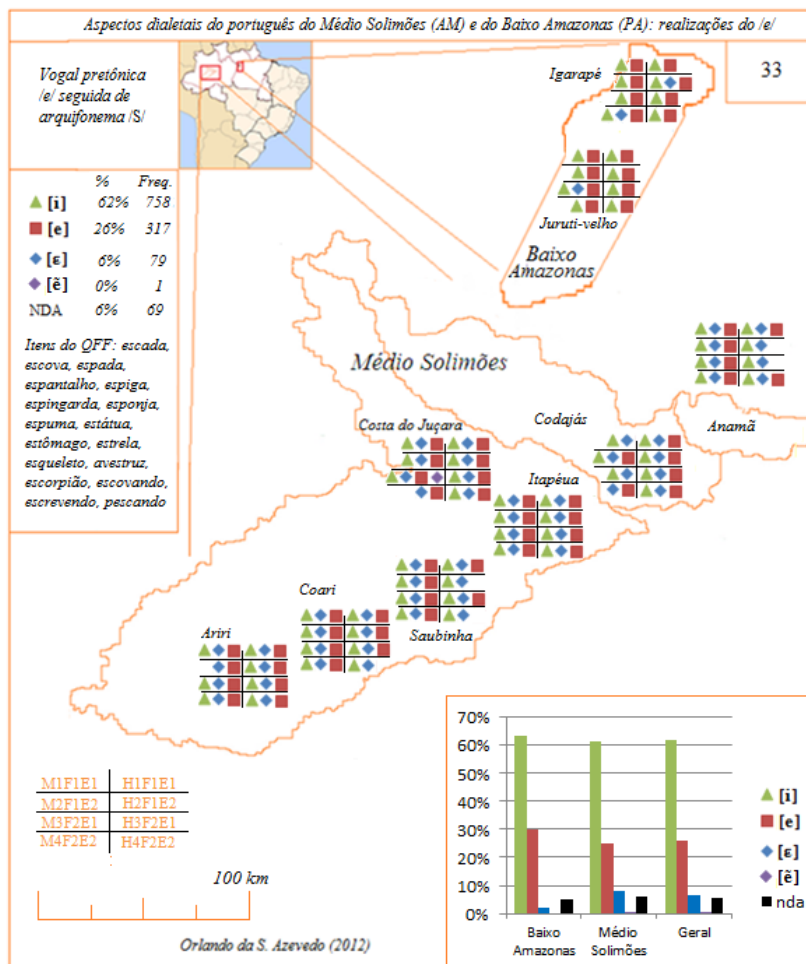
Do total de 1.223 realizações de /e/, o [i] ocorreu 62%, o [e] 26%, o [ɛ] 6% e o [ẽ] 0% ou uma ocorrência apenas registrada na Costa do Juçara (MS).

As variantes [e] e [ɛ] iniciando os vocábulos seguidos por /S/ foram controladas pelos falantes que se esforçaram para pronunciar tal qual a grafia “e”, que foi perceptível devido à ênfase no momento da prolação ou da repetição da variante média alta [e] ou da variante média baixa [ɛ].

Houve também oscilação na pronúncia entre a variante alta [i] e a variante média alta [e] na resposta de um informante ao pronunciar um mesmo vocábulo. Nesse caso consideramos apenas a resposta mais previsível, ou seja, a variante alta [i], por julgarmos segundo nosso conhecimento empírico sobre a realidade linguística regional como sendo mais comum.

A mesma tendência proporcional das realizações do /e/ se manteve por região, pois a variante [i] obteve registro percentual de 64% no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões tal variante obteve registro percentual de 61%.

As demais variantes [e] e [ɛ] incidiram com percentuais de 30% e de 2% no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões o registro dessas variantes foi, respectivamente, de 25% e de 8%. Por último, a variante [ẽ] ocorreu uma única vez no Médio Solimões, mais precisamente na Costa do Juçara.



Concluimos, pois, que o alteamento do /e/ foi bastante produtivo iniciando o vocábulo e sendo seguido por /S/, uma consoante fricativa pronunciada, na maioria dos casos, como [ʃ], que por sua vez, contribuiu

para a ocorrência desse fenômeno devido à articulação dela ser na região palatal da boca.

Na Tabela 44, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ diante de /S/.

Tabela 44 Realizações de /e/ diante de /S/

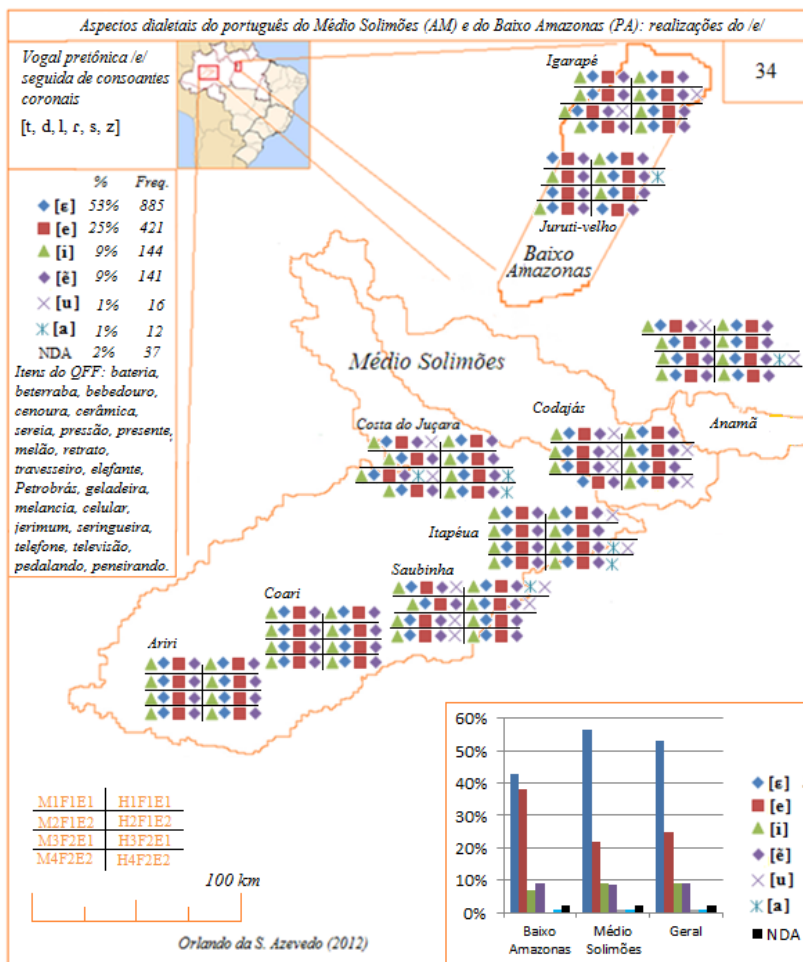
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[i]	173	64%	585	61%	758	62%
[e]	81	30%	236	25%	317	26%
[ɛ]	5	2%	74	8%	79	6%
[ẽ]			1	0%	1	0%
NDA	13	5%	56	6%	69	6%
Total	272	100%	952	100%	1224	100%

#### f. Seguida de consoantes coronais

Na carta fonética 34, o /e/ seguido de consoantes coronais se realizou foneticamente como [ɛ] com registro percentual de 53%, [e] com 25%, [i] com 9%, [ẽ] com 9%, [u] com 1% e [a] com 1%.

Por região, no Baixo Amazonas o [ɛ] ocorreu 43%, o [e] 38%, o [ẽ] 9%, o [i] 7% e o [a] 1%. No Médio Solimões o [ɛ] ocorreu 56%, o [e] 22%, o [ẽ] 8%, o [i] 9%, o [a] 1% e o [u] 1%.

No contexto seguinte envolvendo consoantes coronais, o abaixamento de /e/ em sua realização como variante média baixa [ɛ] foi mais expressivo no Médio Solimões, enquanto no Baixo Amazonas houve o equilíbrio entre o abaixamento e a manutenção da variante média alta [e] com uma pequena diferença para incidência maior daquela.



Na Tabela 45, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ diante de consoantes coronais.

Tabela 45 Realizações de /e/ diante de consoantes coronais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	160	43%	725	56%	885	53%
[e]	81	38%	236	22%	421	25%
[i]	26	7%	118	9%	144	9%
[ẽ]	32	9%	109	8%	141	9%
[u]			16	1%	16	1%
[a]	3	1%	9	1%	12	1%
NDA	7	2%	30	2%	37	2%
Total	368	100%	1288	100%	1656	100%

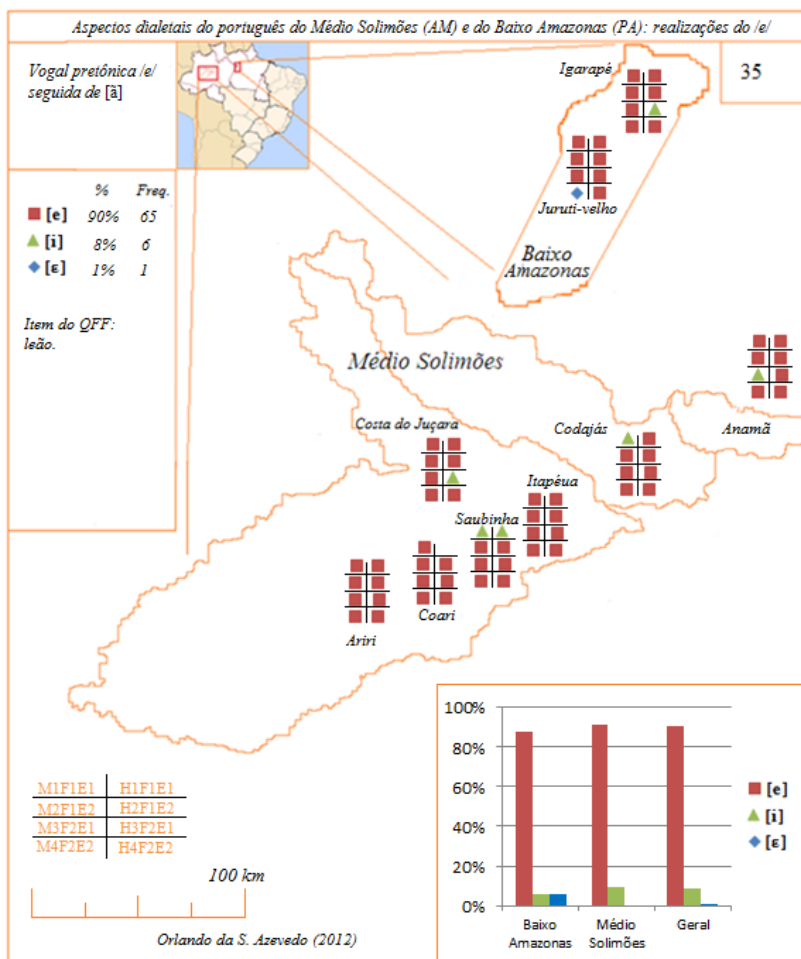
### g. Seguida de vogal baixa central nasal

Na carta fonética 25, analisamos apenas o vocábulo *leão*. Esperávamos que nesse vocábulo fosse categórica a manutenção da variante alta [e], porque o referente não faz parte da fauna local e a apropriação do léxico, certamente, acontece por influência da mídia e da escola. Em seis ocorrências, o /l/ se realizou como [ʎ], que por sua vez, influenciou no alteamento do /e/ em sua realização final como [i] exemplificada na transcrição fonética [ʎi.ˈmɐw].

A outra explicação para a elevação do /e/ seria o hiato formado com a vogal [a]. O processo esperado para esse contexto linguístico, ou seja, o /e/ diante de vogal baixa central, seria a realização como [ɛ].

Apesar de não ser categórica, a variante média alta [e] foi a mais incidente com 90% do total de setenta e duas ocorrências de /e/. No espaço cartográfico, visualizamos, ainda, a ocorrência de [i] com 10% incidindo nas localidades do Médio Solimões como Costa do Juçara, Saubinha, Codajás, Anamá, e incidindo no Igarapé do Juruti-velho no Baixo Amazonas. A variante alta [i] ocorreu apenas no repertório linguístico das pessoas com baixa escolaridade (até a 4ª série). Mais rara foi a variante aberta [ɛ] com uma ocorrência apenas (1% do total geral) registrada na vila do Juruti-velho. Portanto, a manutenção da variante média alta foi fenômeno mais recorrente nas duas regiões amazônicas.

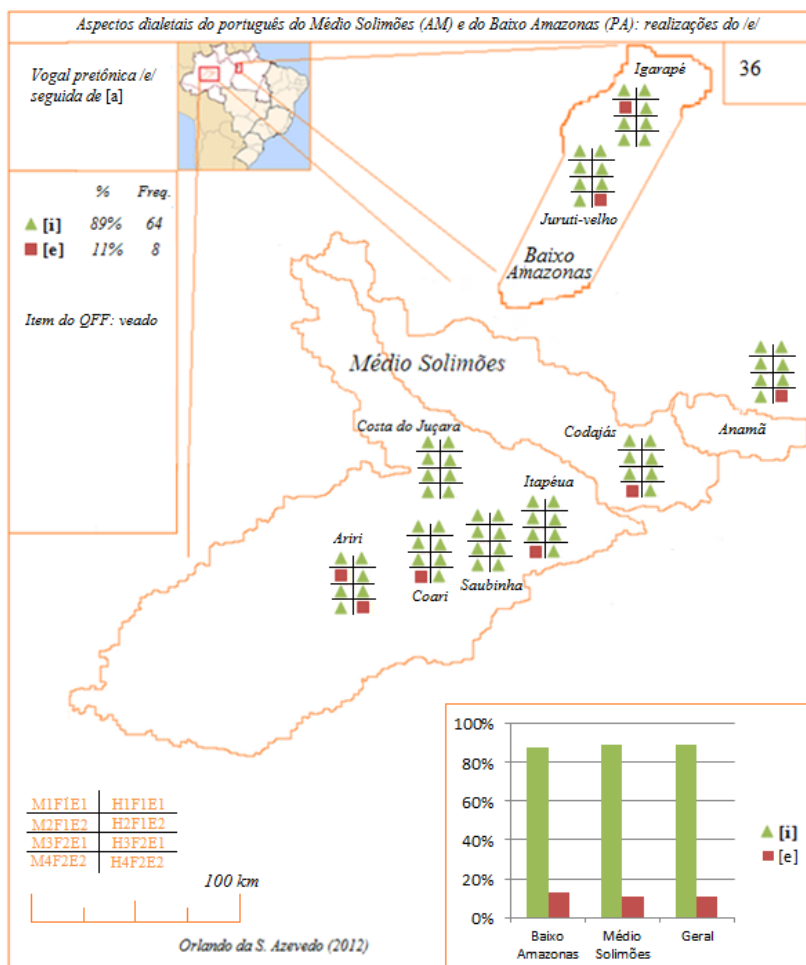




## h. Seguida de vogal baixa oral central

Na carta fonética 36, a vogal pretônica /e/ seguida de vogal baixa oral. O esperado foi o alteamento diante de uma vogal baixa [a] formadora de hiato presente no vocábulo *veado*. No geral, houve realização quase categórica do [i], que obteve registro percentual de 89%, e do [e], que obteve registro percentual de 11%. A mesma tendência de alteamento de /e/ para [i] se manteve por região com

percentuais acima de 80%. Logo, o vocábulo *veado* possui a variante [vi.'a.du] como a mais realizada nas nove localidades pesquisadas.



Observemos, ainda, no espaço cartográfico que somente os informantes da Escolaridade 2 (acima da 4ª. série primária) controlaram suas respostas, ao responderem, a forma transcrita [ve.'a.du] do vocábulo *veado*, uma vez que a variante pretônica [e] não é comum no linguajar regional. Além desse parâmetro, das oito respostas envolvendo

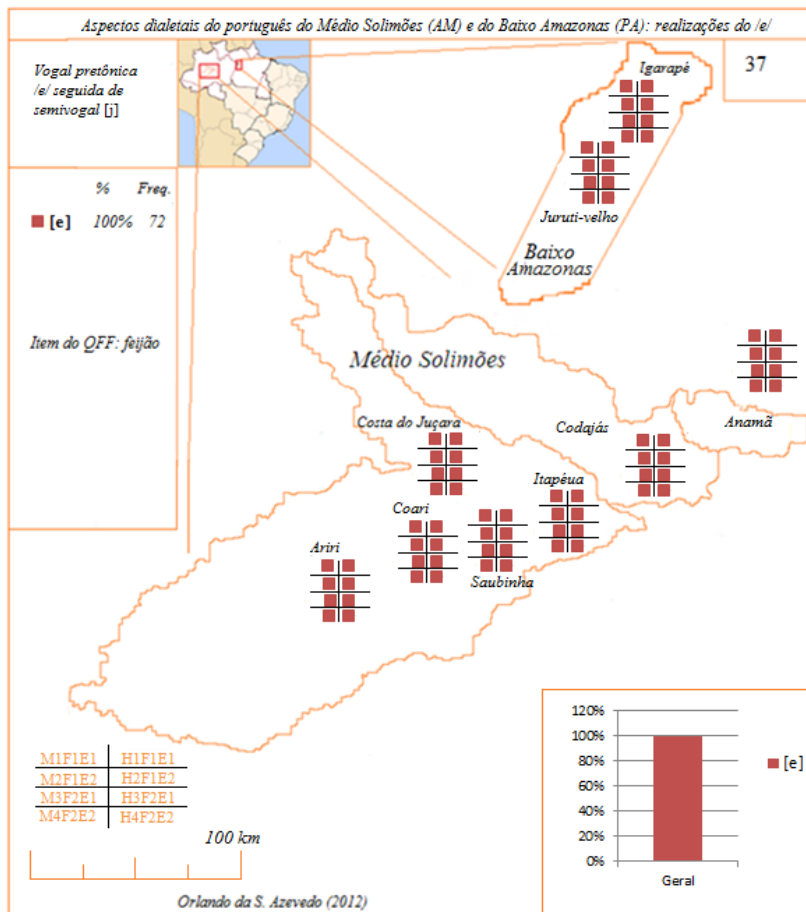
a pretônica [e], seis foram dadas por informantes da Faixa etária 2 ( 50 a 65 anos) e cinco foram dadas por mulheres.

Nas comunidades da Costa do Juçara e na comunidade do Saubinha, o alteamento foi categórico. O processo de dissimilação ocorreu entre a variante pretônica alta [i] e a tônica baixa [a], sendo que nesse processo a altura da labiodental precedente /v/ se aproxima da altura do [i] pretônico, havendo, pois, menos esforço articulatório no momento da prolação.

#### **i. Seguida de semivogal**

Na carta fonética 37, encontramos somente o vocábulo *feijão*. Das setenta e duas possibilidades de ocorrência de /e/ no vocábulo *feijão*, todos os informantes de todas as localidades, nas duas regiões, pronunciaram 100% a variante média alta [e], ou seja, a manutenção foi um fenômeno categórico nesse vocábulo.

A semivogal [j] não apareceu predominantemente nesse vocábulo, onde participava do encontro vocálico [ej], sofrendo monotongação em sua realização com [e]. Por isso, encontramos duas variantes lexicais: uma sem o [j] na produção [fe.'ʒãw] e outra com [j] na produção [fej.'ʒãw]. Nesse contexto, também encontramos duas consoantes: uma na posição precedente [f] e outra na posição seguinte [ʒ] em relação à pretônica /e/. Na pronúncia dessas consoantes, o grau de abertura da boca é menor do que o da vogal tônica baixa central nasal [ã]. Portanto, diferentemente da pronúncia típica do nordeste brasileiro exemplificada na transcrição [fe.'ʒãw], a frequência categórica nas duas regiões amazônicas foi da realização fonética da vogal média alta [e] presente nas duas variantes lexicais [fe.'ʒãw] e [fej.'ʒãw].



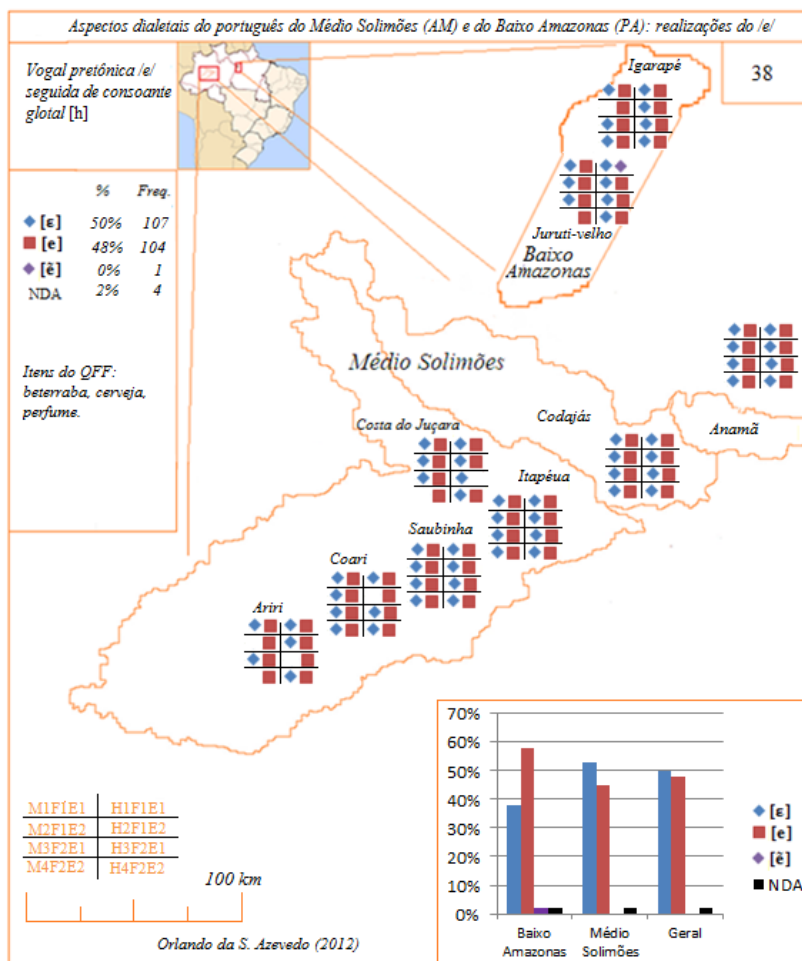
## j. Seguida de consoante glotal

Na carta 38, analisamos o contexto seguinte de /e/ envolvendo consoante glotal nos vocábulos *beterraba*, *cerveja* e *perfume*.

No cômputo geral de 216 possibilidades de incidência do /e/, encontramos três realizações, a saber: [ɛ] com 50% das ocorrências, [e] com 48% e [ẽ] com 0% ou uma ocorrência apenas registrada no Igarapé do Juruti-velho, no Baixo Amazonas.

Considerando, desta vez, o contexto regional, no Baixo Amazonas, por exemplo, o [e] foi mais recorrente obtendo um

percentual de ocorrência de 60% do total absoluto de quarenta e oito, e a segunda variante mais expressiva foi [ɛ], que obteve 35%, e foi seguida por [ẽ] com percentual de 2%.



No Médio Solimões, a variante média baixa [ɛ] foi mais incidente com 53%, seguida por [e] com registro percentual de 45% do total de 168 possibilidades de incidência de /e/.

Os números percentuais mostram uma flutuação entre as pretônicas média alta [e] e média baixa [ɛ], ocorrendo nos vocábulos

*beterraba*, *cerveja* e *perfume*, com predominância daquela no Baixo Amazonas e desta no Médio Solimões. Apesar de na região solimoense ser maior a incidência de [ɛ], a variante [e] obteve dezessete ocorrências (71%) no Ariri (MS), enquanto o [ɛ] obteve sete (29%). Essa expressividade do [e] foi maior do que a ocorrida no Igarapé do Juruti-velho e na vila do Juruti-velho, onde foram registradas, respectivamente, quinze (61%) e treze vezes (54%). Outra localidade do Médio Solimões, onde a incidência de [e] foi maior, com doze ocorrências (50%), foi Coari por apenas uma diferença, já que a variante [ɛ] ocorreu lá onze vezes (46%).

Portanto, no contexto seguinte envolvendo consoante glotal, a manutenção da variante média alta [e] foi predominante no Baixo Amazonas, enquanto, no Médio Solimões e, no cômputo geral, foi o abaixamento de /e/ por pequena diferença em relação à manutenção.

Na Tabela 46, visualizamos os dados em número percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /e/ diante de consoante glotal.

Tabela 46 Realizações de /e/ diante de consoante glotal

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	18	38%	89	53%	107	50%
[e]	28	58%	76	45%	104	48%
[ẽ]	1	2%			1	0%
NDA	1	2%	3	2%	4	2%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

### 6.3.1.1 Considerações sobre as realizações do /e/ pretônico no contexto seguinte

No contexto seguinte, às realizações do /e/ pretônico, a propensão foi pela abertura no Médio Solimões e no cômputo geral, e por um equilíbrio entre abertura e fechamento no Baixo Amazonas. Os dados comparativos por região e no contexto geral podem ser visualizados na Tabela 47, na qual:

1. O alteamento de /e/, em sua realização como [i], seguido das realizações do /S/ e seguido do [a], formador de hiato, predominou nas duas regiões; e, em sua realização como variante alta nasal [ĩ], seguido de consoante palatal, somente na região geográfica do Baixo Amazonas;
2. O abaixamento de /e/, em sua realização como [ɛ], seguido de consoante labiodental, velar e coronal, predominou nas duas regiões; e, seguido, de consoante palatal e glotal, predominou somente na região solimoense;
3. A manutenção de /e/, em sua realização como [e], seguido de consoante bilabial, de vogal baixa nasal [ã] e semivogal [j], predominou nas duas regiões; e, seguido de consoante de glotal somente na região geográfica do Baixo Amazonas.

Tabela 47 Realizações do /e/ no contexto seguinte

Nº	/e/ seguido	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral
1	Bilabial	54%	[e]	44%	[e]	46% [e]
2	Labiodental	55%	[ɛ]	91%	[ɛ]	83% [ɛ]
3	Palatal	25%	[ĩ]	29%	[ɛ]	27% [ɛ]
4	Velar	31%	[ɛ]	64% [ɛ]		57% [ɛ]
5	/S/	64%	[i]	62%	[i]	62% [i]
6	Coronal	43%	[ɛ]	56%	[ɛ]	53% [ɛ]
7	Glotal	58%	[e]	53%	[ɛ]	50% [ɛ]
8	[a]	88%	[i]	89% [i]		89% [i]
9	[ã]	88%	[e]	91% [e]		90% [e]

10	[j]	100%	[e]	100%	100%
				[e]	[e]

O abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ], no Baixo Amazonas, ocorreu diante de labiodental (55%), de velar (31%) e diante coronal (43%); já a manutenção envolvendo a realização de [e] ocorreu diante de bilabial (54%), diante de glotal (58%), diante de vogal tônica nasal baixa central [ã] e diante de [j] (100%). O alteamento envolvendo a realização de [i] ocorreu diante das realizações do arquifonema /S/ (64%), diante de vogal tônica oral baixa central [a] (88%) e envolvendo a realização da variante alta nasal [i] diante de palatal (25%).

No Médio Solimões, o abaixamento de /e/ foi predominante no contexto seguinte envolvendo labiodental (91%), palatal (29%), velar (64%), coronal (56%) e glotal (53%), a variante média baixa [ɛ]. Por outro lado, a manutenção da variante média alta [e] ocorreu diante bilabial (44%) e diante vogal tônica nasal baixa central [a] (91%). Por último, o alteamento de /e/ para [i] ocorreu diante de /S/ (62%), diante de vogal tônica oral baixa central [a] (89%) e diante [j] (100%).

No geral, a mesma tendência percentual predominante das realizações do /e/ no Médio Solimões segue no cômputo geral nos mesmos contextos linguísticos.

### 6.3.2 As realizações da vogal média pretônica /o/ por contiguidade

Verificaremos neste tópico se o comportamento da pretônica é influenciado pelos traços fonéticos da vogal tônica na ocorrência do alteamento, da manutenção e abaixamento de /o/.

#### a. Contígua à tônica [a]

Na carta fonética 39, foram analisados oito vocábulos, a saber: *Petrobrás, chocalho, colar, goiaba, jornal, tomate, toalha, sofá e chocolate*. Verificaremos se a presença de uma vogal baixa oral [a] favorece o abaixamento da pretônica /o/. Do total de 576 ocorrências do /o/, obtivemos no contexto contíguo à [a] sete variantes pretônicas. O abaixamento da vogal média posterior /o/ para [ɔ], conforme visualização da carta fonética 39, foi predominante no geral e por região.

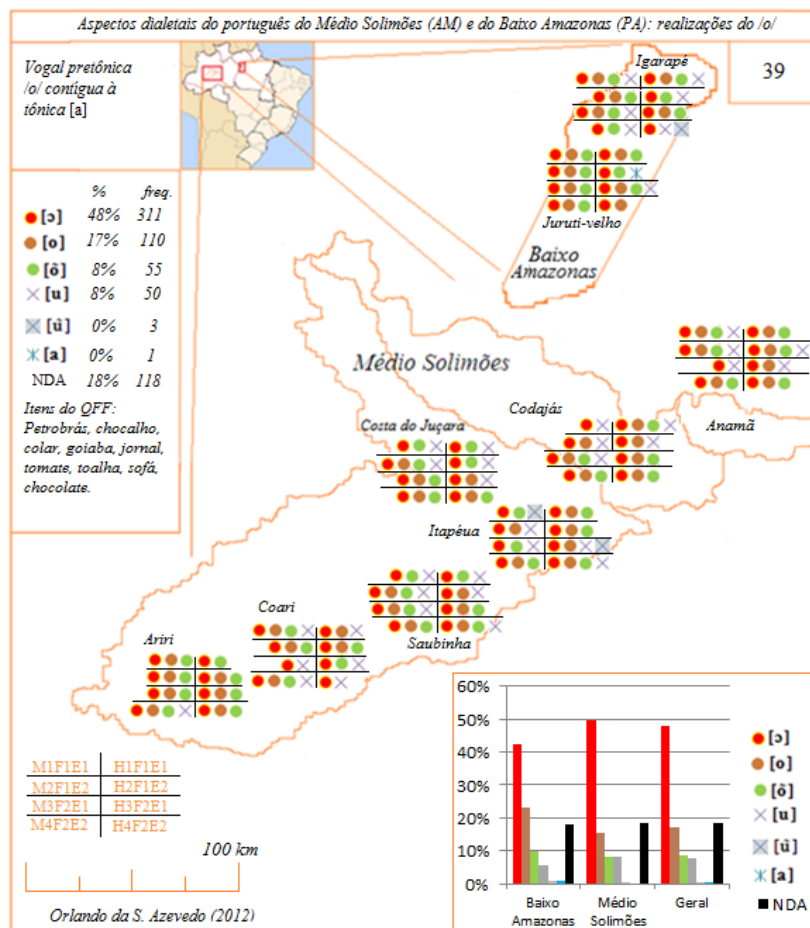


No geral, a variante média baixa [ɔ] obteve percentual de ocorrência em 42%, equivalentes a 243 ocorrências. A variante média alta [o] obteve percentual de ocorrência em 19%, equivalentes a 107 ocorrências. As variantes menos expressivas foram [u] com registro percentual de 9%, equivalentes a cinquenta ocorrências, [õ] com 10%, equivalentes a cinquenta e cinco ocorrências, [ũ] com 1%, equivalentes a três ocorrências e o [a] com 0% ou uma ocorrência apenas.

Alguns vocábulos não apresentaram a mesma unidade lexical. Por exemplo, os itens lexicais *chocalho* e *colar* são conhecidos, respectivamente, como *maracá* e *cordão*.

Nos vocábulos *Petrobrás*, *goiaba*, *chocolate*, *jornal* e *sofá*, o abaixamento de /e/ foi predominante no cômputo geral e no cômputo do Médio Solimões.

No Baixo Amazonas, o fenômeno da manutenção predominou nos vocábulos *sofá*, *goiaba*, *tomate* e *toalha*. A manutenção no Médio Solimões foi predominante nos vocábulos *tomate* e *toalha*.



A presença de uma vogal baixa central na sílaba tônica certamente contribuiu para o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ], porém tal influência não foi absoluta, porque o fator diatópico favoreceu o fenômeno da manutenção de /o/ como [o] nos vocábulos *goiaba*, *tomate* e *toalha*.

Na Tabela 48, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de vogal tônica [a].

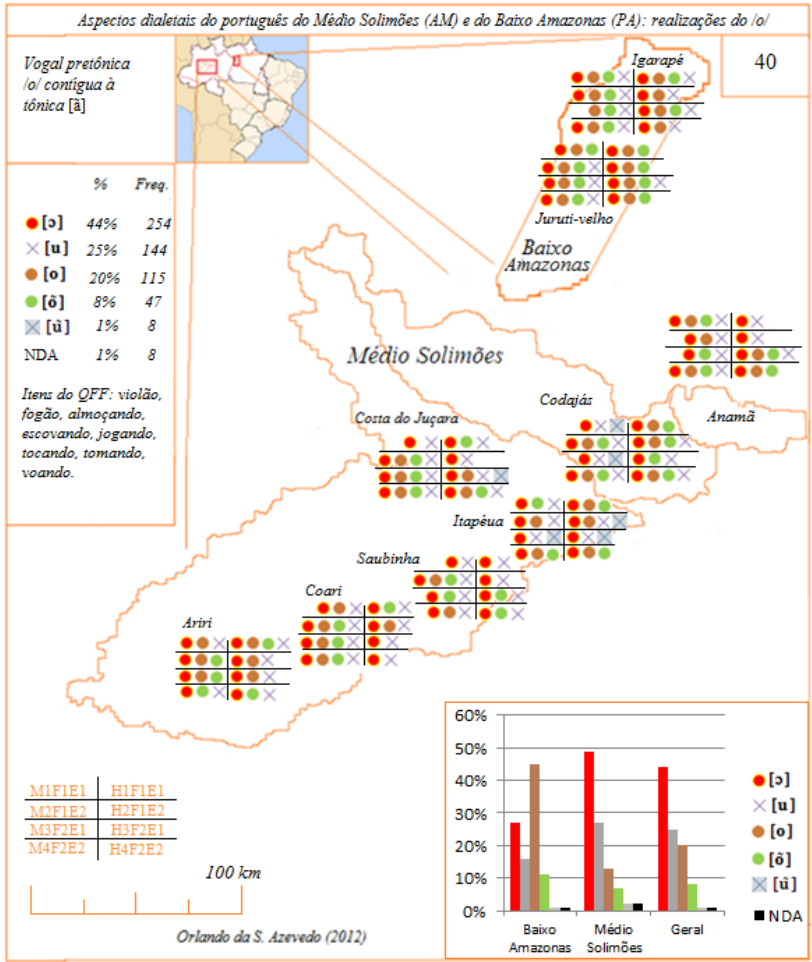
Tabela 48 Realizações de /o/ diante de [a]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	48	38%	195	44%	243	42%
[o]	30	23%	77	17%	107	19%
[õ]	14	11%	41	9%	55	10%
[u]	8	6%	42	9%	50	9%
[ũ]	1	1%	2	0%	3	1%
[a]	1	1%			1	0%
NDA	26	20%	91	20%	117	20%
Total	128	100%	448	100%	576	100%

### b. Contígua à tônica [ã]

Na carta fonética 40, o abaixamento de /o/ para [ɔ] continua sendo mais recorrente com 44% do total de 566 ocorrências.

A manutenção da variante pretônica [ɔ] só foi predominante em todos os pontos do Médio Solimões, onde registrou 49%, seguido pelo alteamento de /o/ em sua realização como [u], que obteve 25%. Por outro lado, no Baixo Amazonas, predominou a manutenção da variante média alta [o] com registro percentual de 45%, seguida do abaixamento como variante média baixa [ɔ], que obteve 27%. As demais variantes de /o/ no contexto contíguo à [ã] obtiveram os seguintes dados percentuais: [u] ocorreu 25% das vezes, [o] 19%, [õ] 8% e [ũ] 2% equivalentes a dez ocorrências do total de 566 ocorrências de /o/.



Na Tabela 49, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de vogal tônica [ã].

Tabela 49 Realizações de /o/ diante de [ã]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	34	27%	220	49%	254	44%
[o]	57	45%	58	13%	115	20%
[õ]	14	11%	33	7%	47	8%
[u]	21	16%	123	27%	144	25%
[ũ]	1	1%	7	2%	8	1%
NDA	1	1%	7	2%	8	1%
Total	128	100%	448	100%	576	100%

### c. Contígua à tônica [e]

Na carta fonética 41, verificamos se /o/ foi influenciado pela vogal tônica média alta [e] em sua realização como [o].

As realizações do /o/ incidiram nos vocábulos *cachoeira*, *coelho*, *morcego*, *pipoqueira*, *sorvete*, *orelha*, *sabonete* e *borboleta*. Nesse contexto encontramos além da variante média alta anterior [o], as variantes [u], [õ], [ɔ] e [ũ]. As variantes [ɔ] e [ũ] não constituem variantes pretônicas comuns nos dialetos solimoense e jurutiense, uma vez que obtiveram baixa incidência. Em se tratando das variantes [õ] e [ũ] ocorreram apenas no vocábulo *sabonete*, que foi transcrito como [sa.bõ.'netʃi] e [sa.bũ.'netʃi].

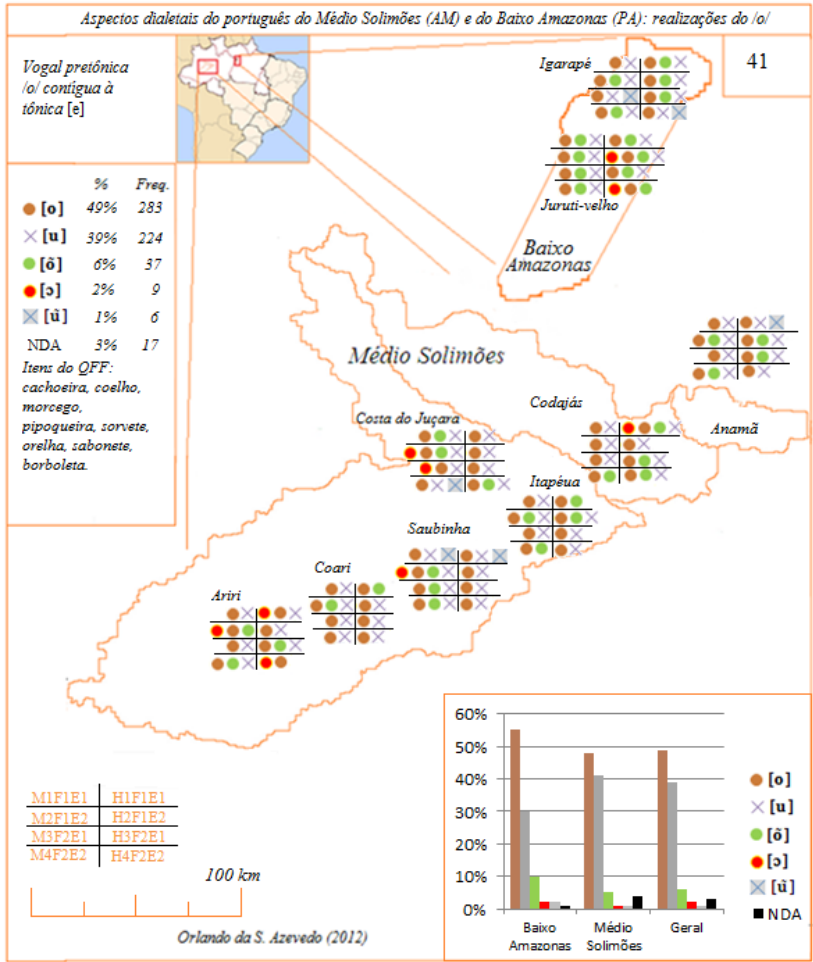
No geral, a vogal pretônica posterior /o/ diante da vogal média alta anterior [e], realizou-se como [o] 49% das vezes, como [u] 39%, como [õ] 6%, como [ɔ] 2% e como [ũ] 1% ou seis ocorrências apenas do total de 576.

A sequência percentual decrescente envolvendo as três variantes mais expressivas é vista na carta 41 ao observarmos o gráfico percentual. Entretanto, por ponto de inquérito somente em Codajás e em Anamã, a variante alta [u] foi mais recorrente com percentuais, respectivamente, de 48% e de 50% do total de sessenta e quatro ocorrências de /o/ em cada ponto.

No Baixo Amazonas, a diferença percentual foi maior com 55% das ocorrências de /o/ se realizando como [o], 30% como [u], 10% como [õ], 2% como [ɔ] e 2% como [ũ]. No Médio Solimões, a diferença entre

a mais incidente [o] com 48% e a segunda menos expressiva [u] com 41% foi menor que a ocorrida no Baixo Amazonas.

Portanto, a manutenção da variante média alta [o] obteve maior expressividade no Baixo Amazonas do que sua predominância no Médio Solimões e no cômputo geral.



Na Tabela 50, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [e].

Tabela 50 Realizações de /o/ diante de [ẽ]

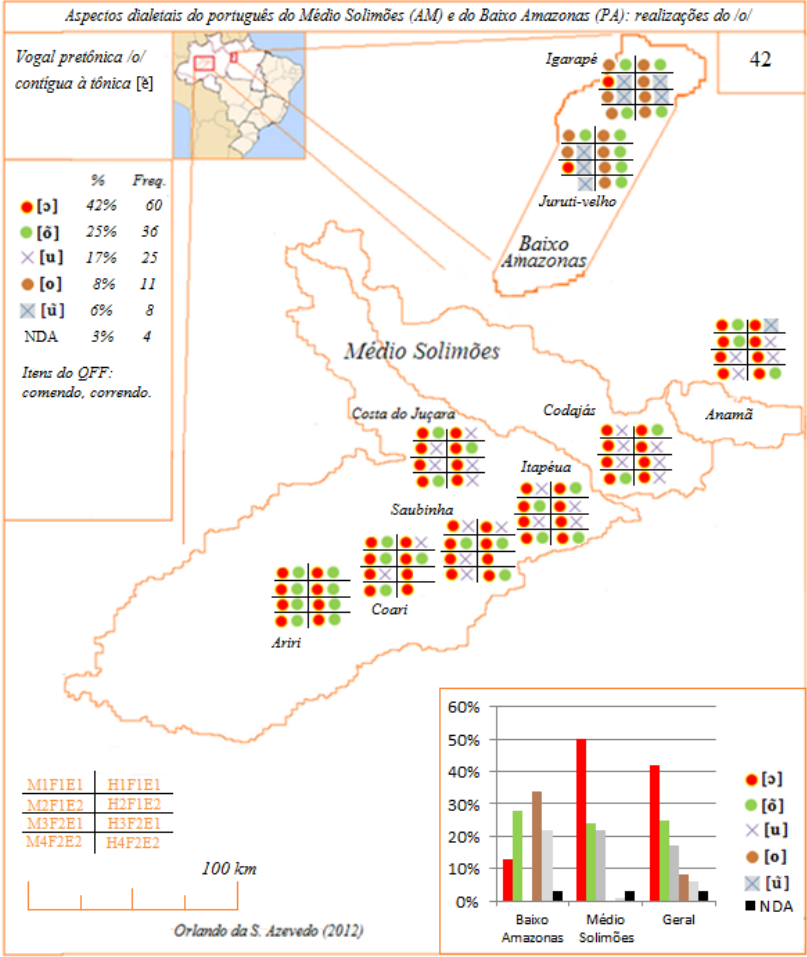
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	70	55%	213	48%	283	49%
[u]	39	30%	185	41%	224	39%
[õ]	13	10%	24	5%	37	6%
[ɔ]	3	2%	6	1%	9	2%
[ũ]	2	2%	4	1%	6	1%
NDA	1	1%	16	4%	17	3%
Total	128	100%	448	100%	576	100%

#### d. Contígua à tônica [ẽ]

Na carta fonética 42, o /o/ diante de vogal nasal [ẽ] se realizou como [ɔ] de forma recorrente em relação às demais variantes, registrando 42% do total geral de 144 ocorrências. As demais variantes [õ], [o], [u] e [ũ] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 25%, de 8%, de 17% e de 6%.

No contexto regional, as variantes lexicais [kɔ.mẽ.du] e [kɔ.'hẽ.du] foram predominantes em todos os pontos do Médio Solimões; por outro lado, no Baixo Amazonas predominou as variantes lexicais [ko.mẽ.du] e [ko.'hẽ.du]. O percentual de incidência da variante média baixa [ɔ] no Médio Solimões foi de 50%, enquanto da variante média alta [o] no Baixo Amazonas foi de 34%.

Portanto, mais uma vez, delimitamos as duas regiões com predominância da variante média alta [o] no Baixo Amazonas e da variante média baixa [ɔ] no Médio Solimões, que caracterizam, respectivamente, o fenômeno da manutenção e do abaixamento vocálico.



Visualizamos, na Tabela 51, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [ẽ].



Tabela 51 Realizações de /o/ diante de [ẽ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	4	13%	56	50%	60	42%
[õ]	9	28%	27	24%	36	25%
[u]			25	22%	25	17%
[o]	11	34%			11	8%
[ũ]	7	22%	1	1%	8	6%
NDA	1	3%	3	3%	4	3%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

#### e. Contígua à tônica [ɛ]

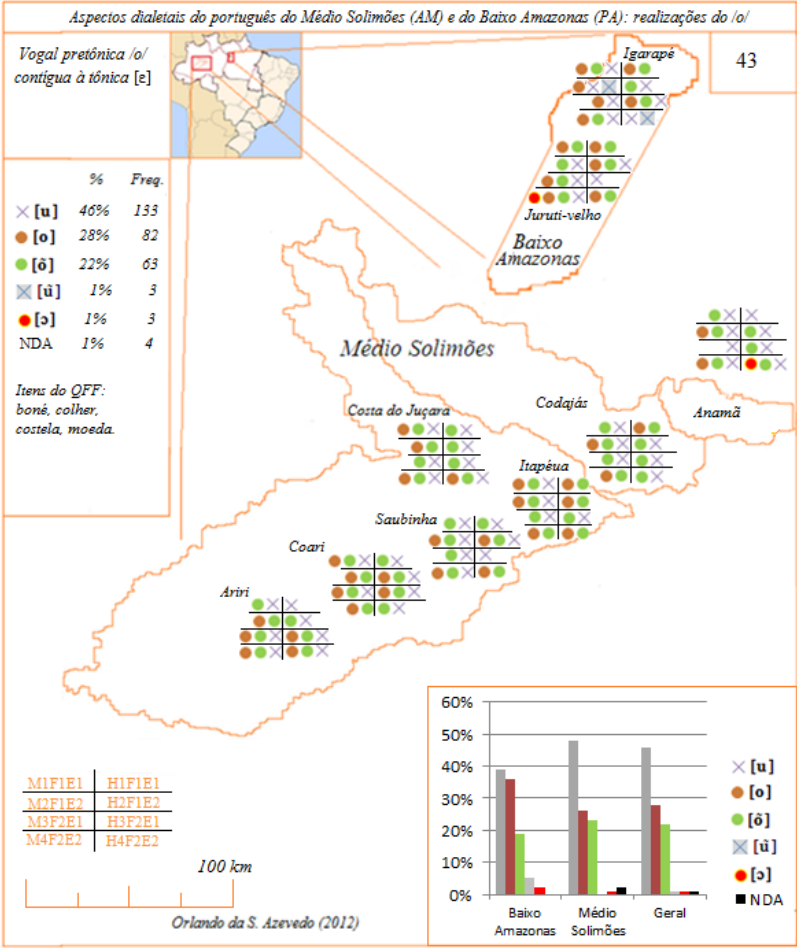
Na carta fonética 43, o contexto contíguo à vogal tônica [ɛ] não exerceu influência sobre as realizações mais incidentes do /o/ nos vocábulos *boné*, *colher*, *costela* e *moeda*, porque as ocorrências com a variante média baixa [ɔ] foram insignificantes, ou seja, foram registradas apenas três incidência do total de 288 possibilidades.

O fenômeno vocálico que envolveu as variantes pretônicas nos vocábulos *boné*, *colher*, *costela* e *moeda* foi o alteamento predominante no geral e por região da pretônica posterior /o/ em sua realização como [u].

Do total de 288 ocorrências de /o/, 46% foram para [u], 28% para [o], 22% para [õ], 1% cada para [ɔ] e para [ũ] ou três ocorrências apenas para cada variante. Porém, a incidência maior de [u] não foi absoluta, porque no Itapéua (MS) e no Juruti-velho (BA) a variante média alta [o] ocorreu mais vezes com percentuais de 44% cada do total de trinta e duas possibilidades de incidência de /o/ em cada um desses pontos de inquérito.

Nos dados do gráfico da carta fonética 43, as variantes [u] e [o] ocorreram com percentuais de 39% e de 36% no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões ocorreram com 48% e 26%.

Portanto, não houve influência expressiva da vogal tônica média baixa [ɛ] na realização do /o/ como [u], pois houve apenas cinco registros da variante média baixa [ɔ].



Disponibilizamos, na Tabela 52, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [ε].

Tabela 52 Realizações de /o/ diante de [ɛ]

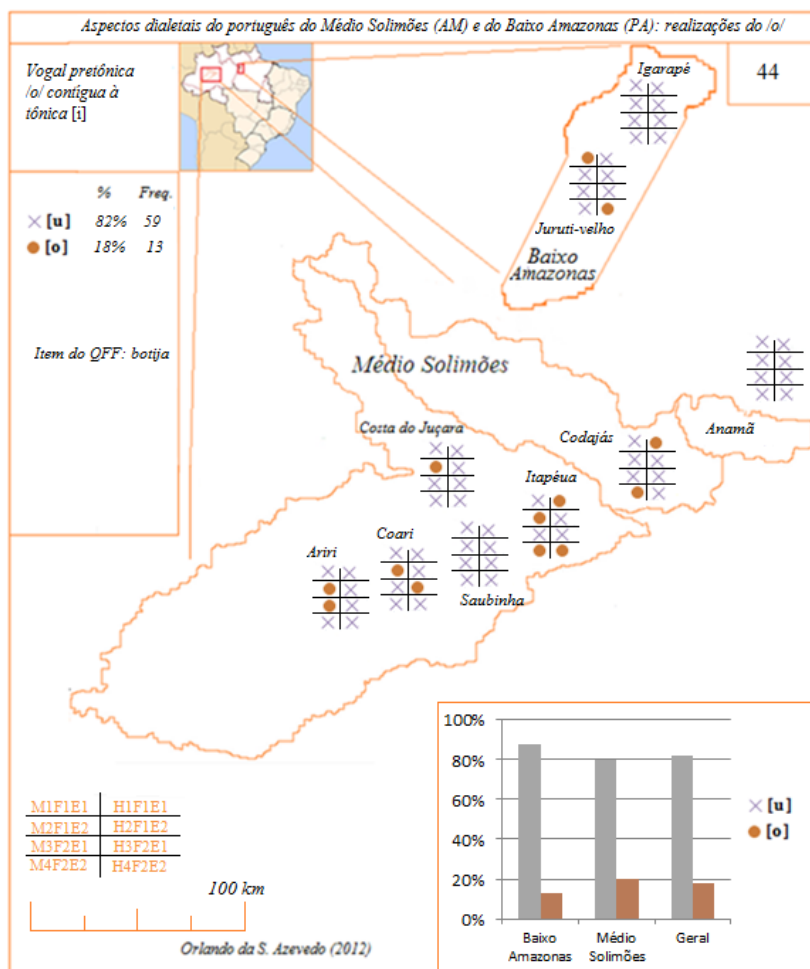
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	25	39%	108	48%	133	46%
[o]	23	36%	59	26%	82	28%
[õ]	12	19%	51	23%	63	22%
[ũ]	3	5%			3	1%
[ɔ]	1	2%	2	1%	3	1%
NDA			4	2%	4	1%
Total	64	100%	224	100%	288	100%

#### f. Contígua à tônica [i]

O vocábulo *botija*, objeto de análise na carta fonética 44, apresentou duas variantes fonéticas [bu.<sup>h</sup>tʃi.ʒɐ] e [bo.<sup>h</sup>tʃi.ʒɐ]. Verificamos se houve assimilação dos traços fonéticos da vogal tônica pela pretônica. Certamente, o contexto fonético favoreceu o alteamento de /o/ em sua realização como [u] exigindo menos esforço na prolação, pois além da vogal alta ser pronunciada na região palatal da boca, temos a palatalização da consoante alveolar /t/ se realizando como africada [tʃ], além da presença de uma consoante bilabial no contexto precedente, que facilita o processo de alteamento.

A variante [o] foi pouco recorrente e foi a mais controlada pelo usuário da maioria dos pontos, exceto Saubinha (MS), Anamã (MS) e Igarapé do Juruti-velho (BA), onde a variante [bu.<sup>h</sup>tʃi.ʒɐ] foi produzida em 100% dos dados. Das treze ocorrências da variante [o], oito foram em respostas dadas por informantes mais escolarizados, e também oito foram em respostas dadas por mulheres.

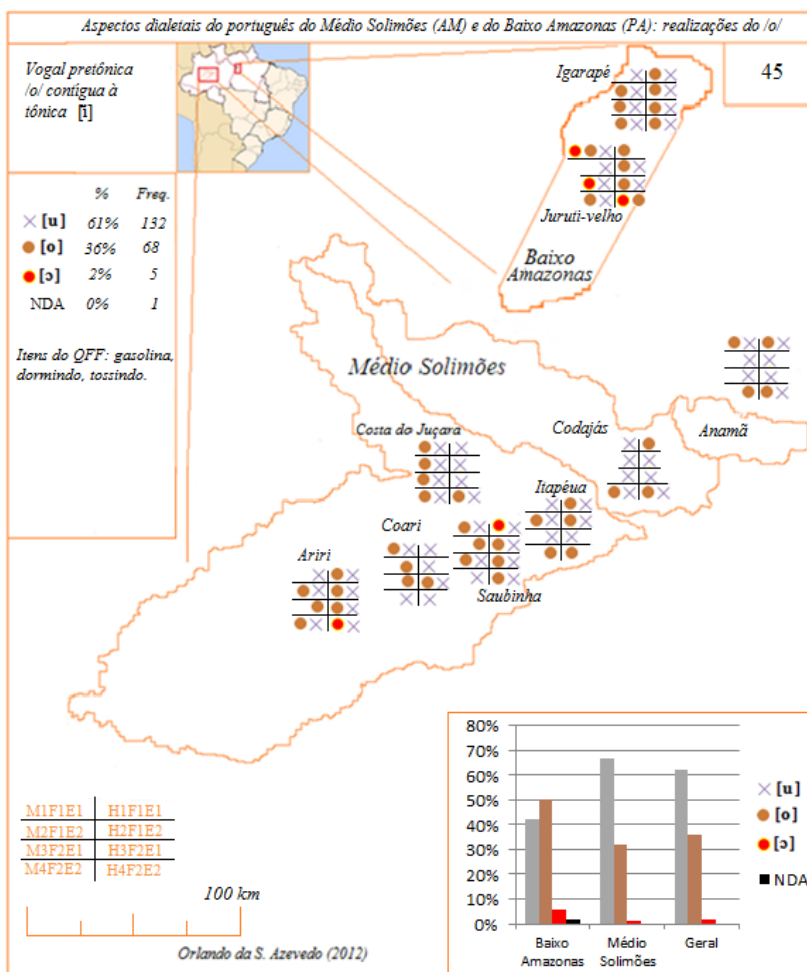
No geral, o alteamento de /o/ para [u] foi a marca dialetal no que diz respeito ao uso dessa pretônica no vocábulo *botija*. A mesma tendência percentual de predominância da variante pretônica alta [u] se manteve no Baixo Amazonas com 88% das ocorrências, no Médio Solimões com 80% e no geral com 82%. Destacamos, ainda, o alteamento acontecendo de forma categórica na comunidade Saubinha (MS), na cidade de Anamã e nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho.



### g. Contígua à tônica [i]

Na carta fonética 45, analisamos as realizações do /o/ diante de vogal alta [i] nos vocábulos *gasolina*, *dormindo* e *tossindo*. Com base em experiências sobre o falar regional, esperávamos que a variante alta [u] fosse categórica ou predominante. De fato, o fenômeno do alteamento de /o/ para [u] foi expressivo, porém somente no Médio Solimões, enquanto no Baixo Amazonas houve a manutenção da variante média

alta [o]. Esse alteamento ocorreu mais por influência das consoantes precedentes do que por influência da vogal tônica não homorgânica [i].



Obtivemos os seguintes percentuais para as três variantes de /o/ nesse contexto linguístico: o [u] registrou 61% do total de 216 possibilidades, o [o] registrou 36% e o [ɔ] registrou 2% apenas ou cinco ocorrências, das quais uma em Ariri (MS), uma no Saubinha (MS) e três no Juruti-velho (BA). As formas [o] e [ɔ] foram controladas por alguns informantes do Médio Solimões devido à ênfase dada no momento em

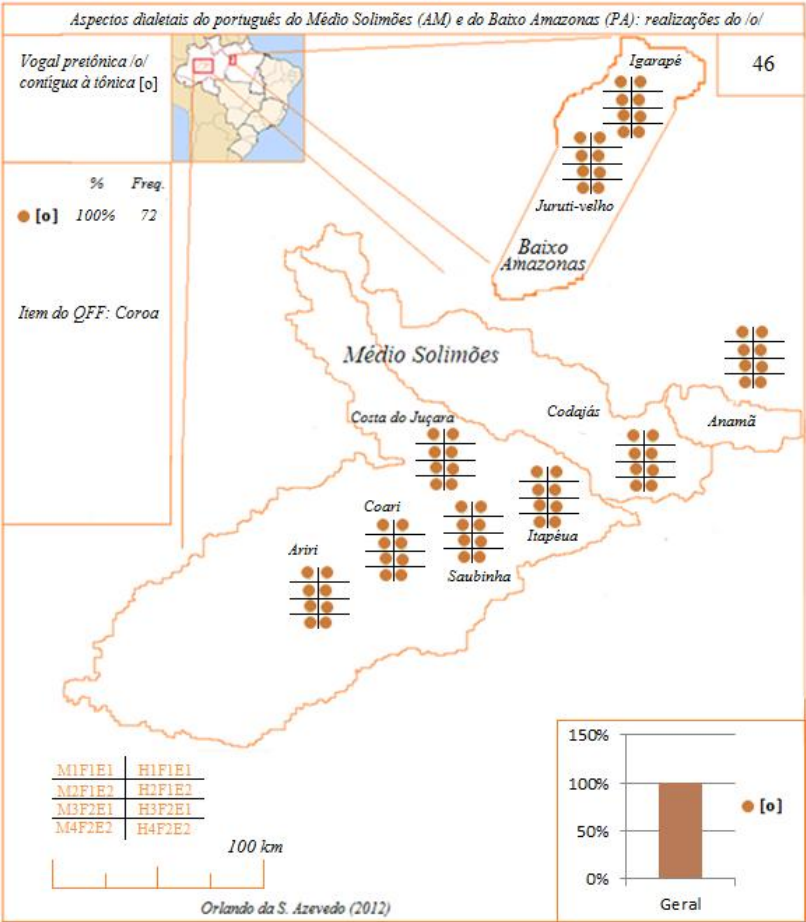
que foram proferidas, pois empiricamente sabíamos que a variante alta [u] era a mais usual nos vocábulos *gasolina*, *dormindo* e *tossindo*. No vocábulo *gasolina*, o alteamento obteve registro percentual de 85% (sessenta e uma ocorrências), enquanto a manutenção, pouco expressiva, obteve 15% (onze ocorrências). Em se tratando do vocábulo *dormindo*, as informantes M2E2F1 dos cinco pontos do município de Coari pronunciaram a variante média alta [o], porém o surpreendente aconteceu nas duas localidades do Baixo Amazonas, onde a manutenção dessa variante foi categórica entre os homens. Em relação aos dados percentuais para as ocorrências de fenômenos vocálicos no vocábulo *dormindo*, o alteamento obteve registro percentual de 56% (quarenta ocorrências), a manutenção obteve 43% (trinta e uma ocorrências) e, por último, com incidência pouco expressiva, o abaixamento com uma ocorrência apenas. Dos três vocábulos, em *tossindo* a manutenção da variante alta [o] foi predominante com registro percentual de 50% (trinta e seis ocorrências), o alteamento obteve 43% (trinta e uma ocorrências) e o abaixamento obteve 6% (quatro ocorrências). No Baixo Amazonas, porém, a propensão foi pela variante média alta [o] por ser um fenômeno característico dessa localidade, assim como nas demais regiões do Estado do Pará. O [o] na região jurutiense obteve 50%, seguido por [u] com 42% e por [ɔ] com 6%. No Médio Solimões, a variante alta [u] obteve a maior expressividade com 67% do total de 168 possibilidades de incidência de /o/, e foi seguida por [o] com 32% e por [ɔ] com 1%. Portanto, no Baixo Amazonas, a manutenção da variante alta [o] foi o fenômeno mais recorrente, enquanto na região solimoense foi o fenômeno do alteamento de /o/ em sua realização fonética como [u]. Na Tabela 53, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [i].

Tabela 53 Realizações de /o/ diante de [i]

	B. Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	20	42%	113	67%	133	62%
[o]	24	50%	53	32%	77	36%
[ɔ]	3	6%	2	1%	5	2%
NDA	1	2%			1	0%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

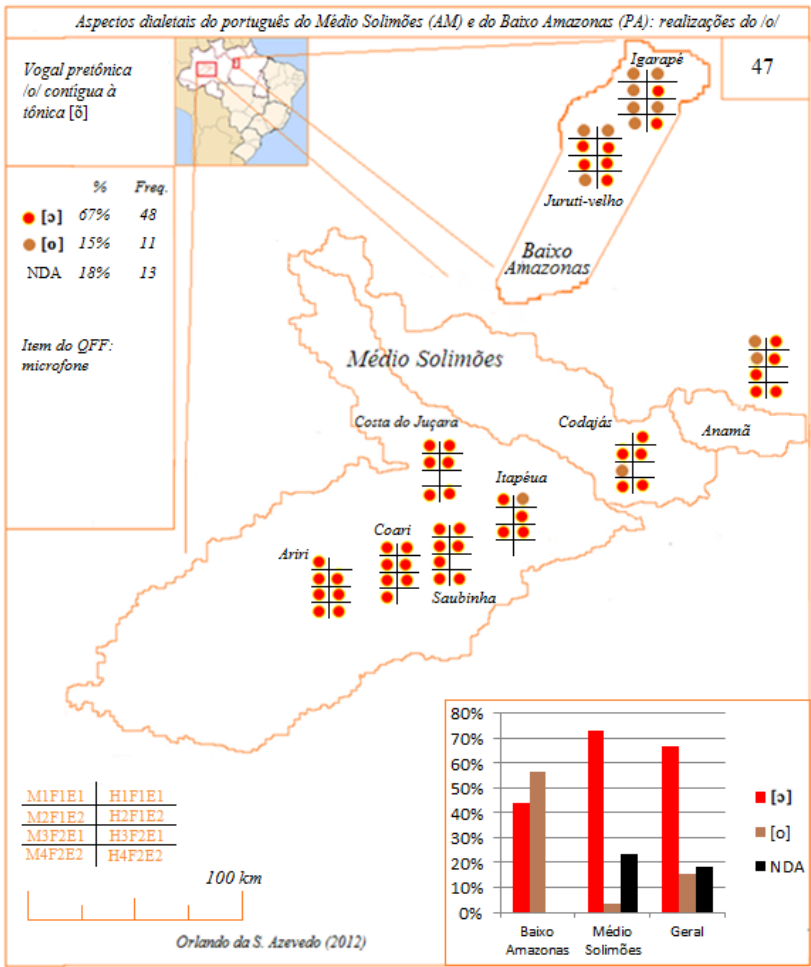
#### h. Contígua à tônica [o]

Na carta fonética 46, analisamos apenas o vocábulo *coroa*, onde o /o/ pretônico sofreu influência da vogal tônica [o]. A forma padrão no dialeto solimoense e jurutiense para o vocábulo *coroa* foi a manutenção da variante média alta [o] de forma categórica, sendo transcrito como [ko<sup>l</sup>ro.ɐ].



i. Contígua à tônica [õ]

Na carta fonética 47, o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] ocorreu 67% do total de setenta e duas incidências, pois onze informantes reduziram o vocábulo *microfone* para *micro*, *mico* ou não souberam responder.



A variante menos expressiva [o] ocorreu 15% das vezes e foi registrada, conforme carta fonética 47, em Itapéua (MS), em Codajás (MS), em Anamá (MS) e nas duas localidades do Baixo Amazonas. No Médio Solimões, a variante [ɔ] obteve 73% do total de cinquenta e seis



ocorrências e a variante [o] obteve 4%. No Igarapé do Juruti-velho, porém, a variante média alta [o] foi predominante, obtendo um percentual de ocorrência em 75% do total de oito, influenciando na totalidade dos dados da região do Baixo Amazonas, onde tal variante obteve 56%, enquanto a variante média baixa [ɔ] obteve 44%. Portanto, a manutenção da variante média alta [o] foi predominante no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões foi o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ].

Na Tabela 54, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [õ].

Tabela 54 Realizações de /o/ diante de [õ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	7	44%	41	73%	48	67%
[o]	9	56%	2	4%	11	15%
NDA			13	23%	13	18%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

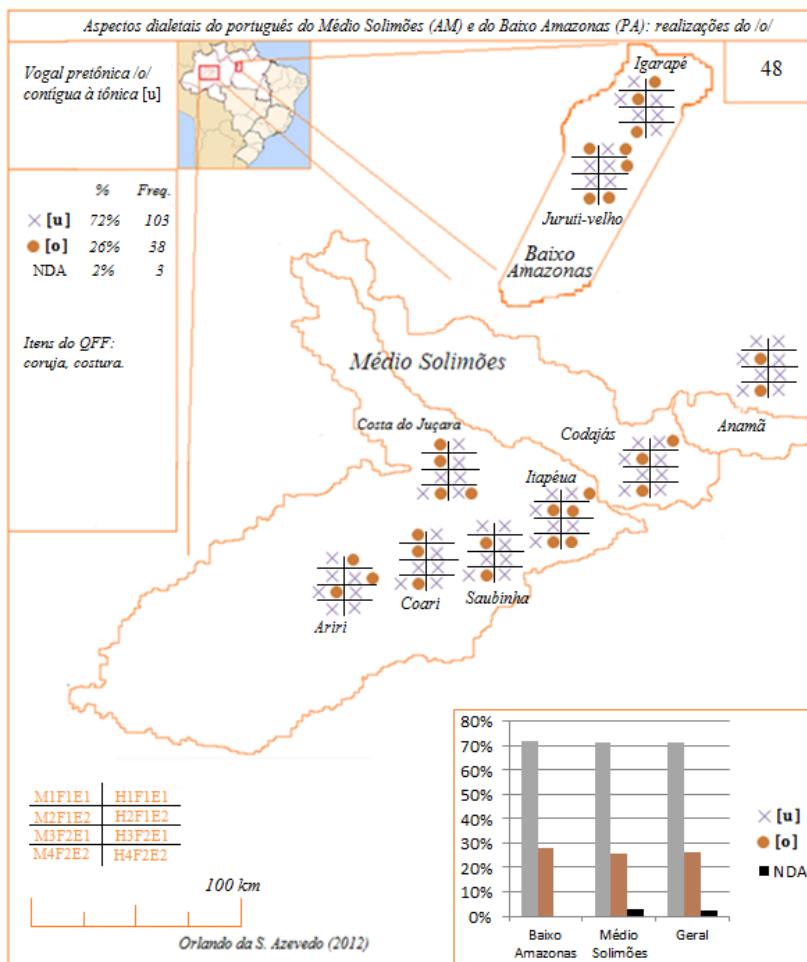
#### j. Contígua à tônica [u]

Na carta fonética 48, analisamos a influência da tônica sobre a pretônica no vocábulo *coruja* e *costura*. Com base no conhecimento empírico sobre o falar regional, esperávamos ser expressivo o fenômeno do alteamento pretônico nesses vocábulos.

O contexto fonético adjacente influenciou, sobremaneiramente, no alteamento da vogal média pretônica /o/ nos vocábulos *coruja* e *costura*. Esse fenômeno foi mais expressivo no vocábulo *costura*, havendo uma harmonização entre a tônica /u/ e a variante pretônica [u]. O alteamento obteve registro percentual de 79%, equivalentes a cinquenta e sete ocorrências, enquanto a manutenção obteve 19%, equivalentes a catorze ocorrências. Por sua vez, o alteamento da pretônica /o/ no vocábulo *coruja* obteve uma ocorrência menor do que a ocorrida no vocábulo *costura*, em virtude da ocorrência regular da manutenção.

Por exemplo, a manutenção da variante média alta [o] foi predominante no Itapéua (MS), onde obteve registro percentual de 63%,

equivalentes a cinco ocorrências do total de oito, e obteve igual percentual do alteamento na vila do Juruti-velho (BA), que 50% para cada fenômeno. No cômputo geral, envolvendo somente o vocábulo *coruja*, o alteamento obteve 60%, equivalentes a quarenta e três ocorrências, a manutenção obteve 38%, equivalentes a vinte e sete ocorrências.



Os percentuais gerais envolvendo os dois vocábulos nas duas regiões amazônicas foram os seguintes para a incidência de fenômenos vocálicos relacionados à variável /o/ na posição pretônica: o alteamento

obteve 72%, enquanto a manutenção obteve 26% do total de 144 possibilidades de incidência de /o/.

Por região, tais variantes obtiveram percentuais de ocorrência de 72% e de 28% no Baixo Amazonas, e de 71% e de 26% no Médio Solimões.

Dessa forma, o alteamento de /o/ em sua realização como variante alta [u], incidente nos vocábulos *coruja* e *costura*, constituiu o fenômeno predominante nas duas regiões estudadas.

Na Tabela 55, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [u].

Tabela 55 Realizações de /o/ diante de [u]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	23	72%	80	71%	103	72%
[o]	9	28%	29	26%	38	26%
NDA			3	3%	3	2%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

### 6.3.3 Considerações sobre as realizações do /o/ por contiguidade

Em se tratando das realizações do /o/ pretônico no contexto contíguo a vogais tônicas, encontramos resultados díspares nas duas regiões estudadas. Na Tabela 56, está o resumo das realizações predominantes do /o/ pretônico no contexto contíguo por região e no geral, na qual:

1. O alteamento de /o/, em sua realização como [u], diante de [ɛ], diante de [i] e diante de [u], predominou nas duas regiões; e, diante de [ĩ], somente na região solimoense;
2. O abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], diante de [a], predominou nas duas regiões; e, diante de [ã], [ẽ] e [õ], somente na região geográfica do Médio Solimões;
3. A manutenção de /o/, em sua realização como [o], diante de [e] nas duas regiões; e, diante de [ã], diante de [ẽ], diante de [ĩ] ediante de [õ] somente na região geográfica do Baixo Amazonas.

Tabela 56 Realizações do /o/ no contexto contíguo

Nº	/o/ contíguo	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral
1	[a]	38%	[ɔ]	44%	[ɔ]	42% [ɔ]
2	[ã]	45%	[o]	49%	[ɔ]	44% [ɔ]
3	[ɛ]	39%	[u]	48%	[u]	46% [u]
4	[e]	55%	[o]	48%	[o]	49% [o]
5	[ẽ]	34%	[o]	50%	[ɔ]	42% [ɔ]
6	[i]	88%	[u]	80%	[u]	82% [u]
7	[ĩ]	50%	[o]	67%	[u]	61% [u]
8	[õ]	56%	[o]	73%	[ɔ]	67% [ɔ]
9	[u]	72%	[u]	71%	[u]	72% [u]

Verificamos na Tabela 56 que a variante média alta [o] ocorreu em cinco contextos, no Baixo Amazonas, a saber: diante de [ã] com registro percentual de 45%, diante de [e] com 55%, diante de [ẽ] com 34%, diante de [i] com 50% e diante de [õ] com 56%. Apenas um contexto foi favorável à abertura da vogal /o/, que ocorreu diante de [a] como [ɔ] registrando 38%. Ainda na região do Baixo Amazonas, a variante alta [u] foi predominante diante de [ɛ] com percentual de ocorrência em 39%, diante de [i] com 88% e diante de [u] com 72%. Portanto, nessa região predominaram variantes fechadas [o] e [u], totalizando oito contextos mantendo a mesma tendência com a ocorrência das realizações pretônicas do /e/ verificadas anteriormente.

No Médio Solimões, houve paridade no número de contextos predominantes entre a variante média baixa [ɔ] e variante alta [u] em quatro contextos para cada uma dessas variantes. Houve uma única ocorrência de [ɔ] no Baixo Amazonas, enquanto, no Médio Solimões, a variante [o] só foi predominante no contexto contíguo à [õ], onde registrou 73%. No cômputo geral, ao ignorarmos a realidade linguística de cada região, os contextos [a], [ã], [ẽ] e [õ] foram favoráveis à abertura de /o/ em sua realização como [ɔ] com registros percentuais, respectivamente, de 44%, de 49%, de 50% e de 73%, e os contextos [ε], [i], [ĩ] foram propensos à realização da variante [u] com registros percentuais, respectivamente, de 48%, de 80% e de 67%.

No geral, nos mesmos contextos se manteve a mesma tendência de predominância das realizações pretônicas de /o/ do Médio Solimões.

No Baixo Amazonas, o alteamento de /o/, em sua realização como [u], ocorreu em três contextos, e em sua realização como [o] predominou em cinco contextos. Já o abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], foi pouco incidente ocorrendo apenas em um contexto. Assimilação dos traços da vogal tônica ocorreu entre vogais não homorgânicas [o] e [e], [u] e [i] e vogais homorgânicas [u] e [u] favorecendo essas realizações pretônicas, respectivamente, em média alta e alta.

Na região solimoense, o abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], e o alteamento, em sua realização como [u], foram predominantes em quatro contextos cada. A manutenção da variante média alta [o], por sua vez, predominou em apenas em um contexto, por harmonia vocálica com a vogal tônica [e]. O alteamento de /o/ em sua realização como [u] incidiu por harmonia vocálica com a vogal tônica [i].

No cômputo geral, aplicam-se os mesmo fenômenos de alteamento, manutenção e abaixamento do /o/ pretônico do Médio Solimões.

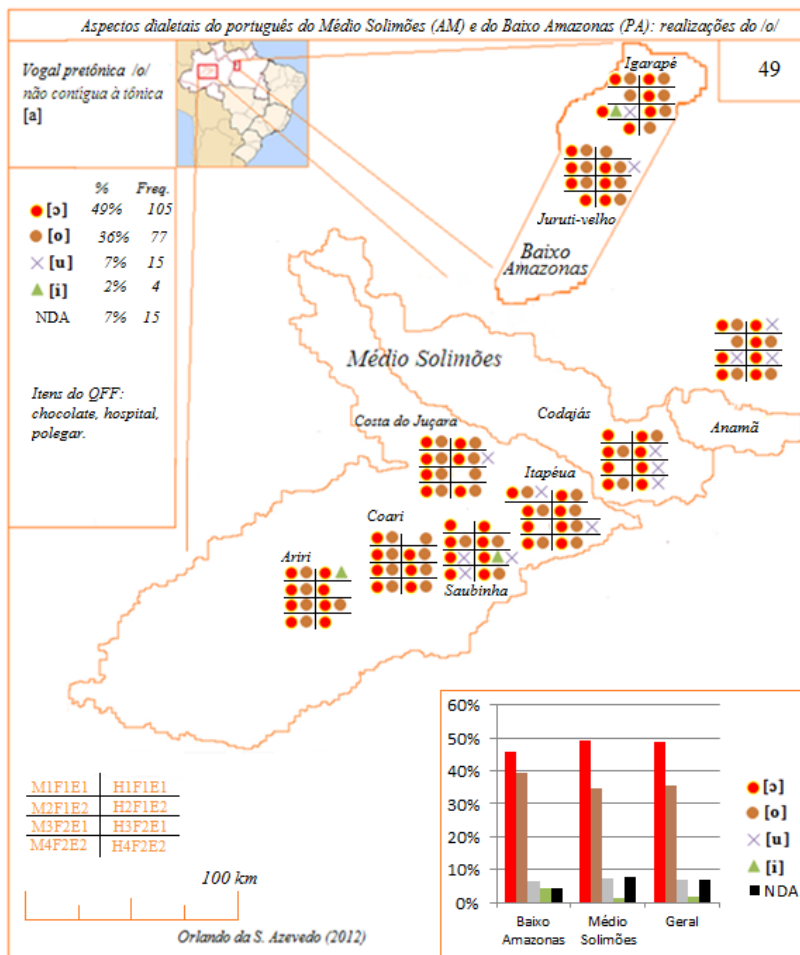
### **6.3.4 As realizações da vogal média pretônica /o/ por não contiguidade**

#### **a. Não contígua à tônica [a]**

Na carta fonética 49, embora seja raro, analisamos a influência da vogal tônica [a] sobre a pretônica /o/ em sua realização como [ɔ], que é

uma variante com traços fonéticos próximos aos de uma vogal central baixa oral [a].

No geral, a vogal pretônica /o/ não contígua à tônica [a] apresentou cinco variantes expressas na carta fonética 49, a saber: [ɔ] com 49% das incidências, [o] com 36%, [u] com 7%, [i] com 2%. Logo, os vocábulos *chocolate*, *hospital* e *polegar* foram pronunciados mais vezes com a variante média baixa [ɔ] podendo ser transcritas, respectivamente, como [ʃɔ.kɔ'la.tʃi], [ɔʃ.pi.'taw] e [pɔɛ.'gah]. A variante média alta [o] ocorreu com percentual de 26% e foi a mais recorrente no Igarapé do Juruti-velho (BA) registrando 46%, na Costa do Juçara (MS) registrando 54%, na cidade de Coari (MS) registrando 54%; enquanto a variante média baixa [ɔ] foi predominante na vila do Juruti-velho (BA) com registro percentual de 54%, em Anamá (MS) com 50%, no Itapéua (MS) com 54%, no Saubinha (MS) com 58% e em Ariri (MS) com 54%.



Portanto, no Igarapé do Juruti-velho, Costa do Juçara e Coari predominou a variante média alta [o] nos vocábulos *chocolate*, *hospital* e *polegar*, que foram transcritos, respectivamente, como [ʃo.kɔ'la.tʃi], [oʃ.pi.'taw] e [po.le.'gah]; enquanto na vila do Juruti-velho, em Ananã, no Itapéua, em Saubinha e em Ariri predominou a variante média baixa [ɔ] para os mesmos vocábulos, que foram transcritos [ʃɔ.kɔ'la.tʃi], [oʃ.pi.'taw] e [pɔ.le.'gah].

Por região, a vogal pretônica média baixa [ɔ] foi predominante com percentuais de ocorrência em 46% no Baixo Amazonas e em 49%

no Médio Solimões. A variante média alta [o] foi a segunda com maior expressividade, pois obteve 40%, 35% e 36%, respectivamente, no Baixo Amazonas, no Médio Solimões e no geral. Outras variantes menos expressivas foram [u] com registros percentuais de 6%, de 7% e de 7%, e [i] com registros percentuais de 4%, de 8% e de 7%, respectivamente, no Baixo Amazonas, no Médio Solimões e no geral.

Portanto, o fenômeno do abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] foi predominante no contexto geral e regional.

Na Tabela 57, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ não contíguo à [a].

Tabela 57 Realizações de /o/ não contíguo à [a]

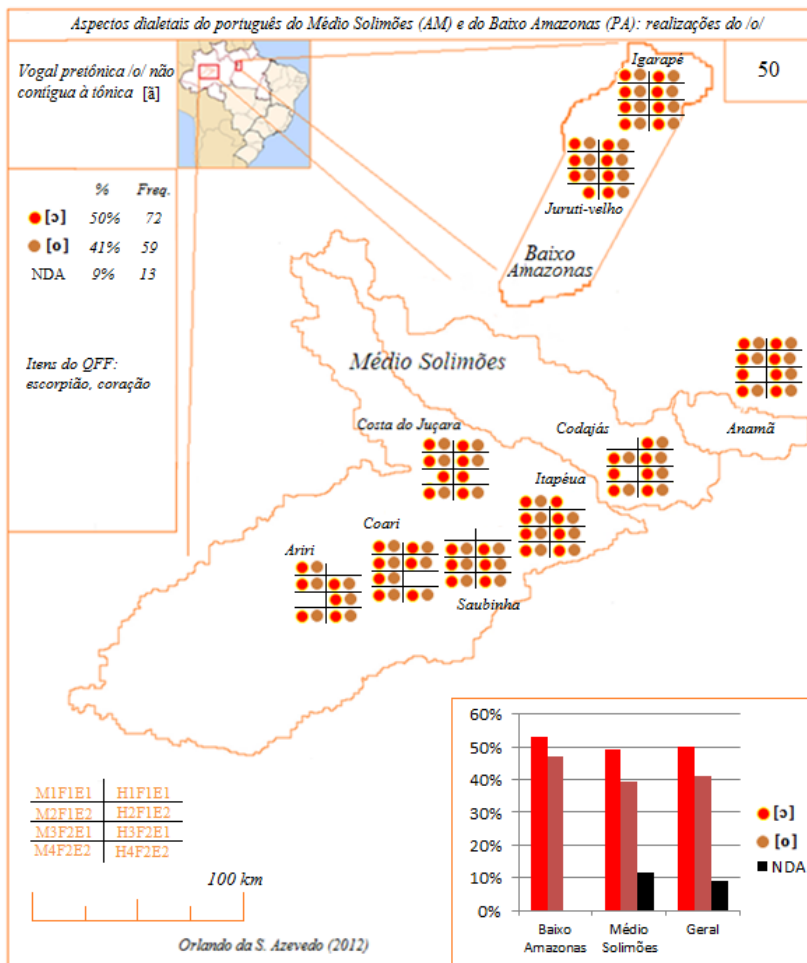
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	22	46%	83	49%	105	49%
[o]	19	40%	58	35%	77	36%
[u]	3	6%	12	7%	15	7%
[i]	2	4%	2	1%	4	2%
NDA	2	4%	13	8%	15	7%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

#### **b. Não contígua à tônica [ã]**

Na carta fonética 50, analisamos dois vocábulos com a presença da vogal tônica [ã]. Como se trata de uma vogal tônica baixa nasal, a propensão da pretônica pode ser pela abertura, ou seja, o /o/ se realizando como [ɔ]. Porém, tal simetria nem sempre acontece, ainda mais quando a pretônica se separa da vogal tônica por uma ou por mais de uma sílaba.

Obtivemos duas realizações do /o/ não contíguo à tônica nasal [ã], a saber: a variante média baixa [ɔ], que obteve registro percentual de 50%, equivalente a setenta e duas ocorrências, e a variante média alta [o], que obteve registro percentual de 41%, equivalente a cinquenta e nove ocorrências, totalizando 144 possibilidades de incidência de /o/.





Em todos os pontos da pesquisa, a variante média baixa [ɔ] foi predominante. Porém, o fenômeno do abaixamento de /o/ ocorreu apenas uma vez no vocábulo *escorpião* na resposta dada pela informante M4E2F2, moradora da vila do Juruti-velho no Baixo Amazonas. Doze informantes do Médio Solimões denominaram o referente desse vocábulo como *lacrau*. Por isso, o fenômeno da manutenção da variante média alta [o] obteve um registro percentual de 82%, equivalentes a cinquenta e nove ocorrências.

Em contraposição aos dados do vocábulo *escorpião*, no vocábulo *coração*, que foi transcrito como [kɔ.ra.'sãw], aconteceu o abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ] de maneira categórica ao considerarmos os dados concretos, pois nos esquecemos de aplicar a pergunta referente a esse vocábulo para a informante M1E1F1, moradora da cidade de Codajás no Médio Solimões. Certamente a altura baixa da vogal átona contígua [a] e da vogal tônica [ã] influenciou a abertura de /o/ no vocábulo *coração*, porém o mesmo não podemos dizer em relação à ocorrência da pretônica média alta [o] no vocábulo *escorpião*, pois a pronúncia travada exige bastante esforço articulatório.

Desta vez, o Baixo Amazonas obteve um percentual superior de realização da pretônica /o/ como [ɔ] registrando 53% do cômputo de trinta e duas ocorrências, enquanto tal variante obteve 49% no Médio Solimões do cômputo de cento e doze. Portanto, o fenômeno do abaixamento vocálico foi predominante no cômputo geral e regional.

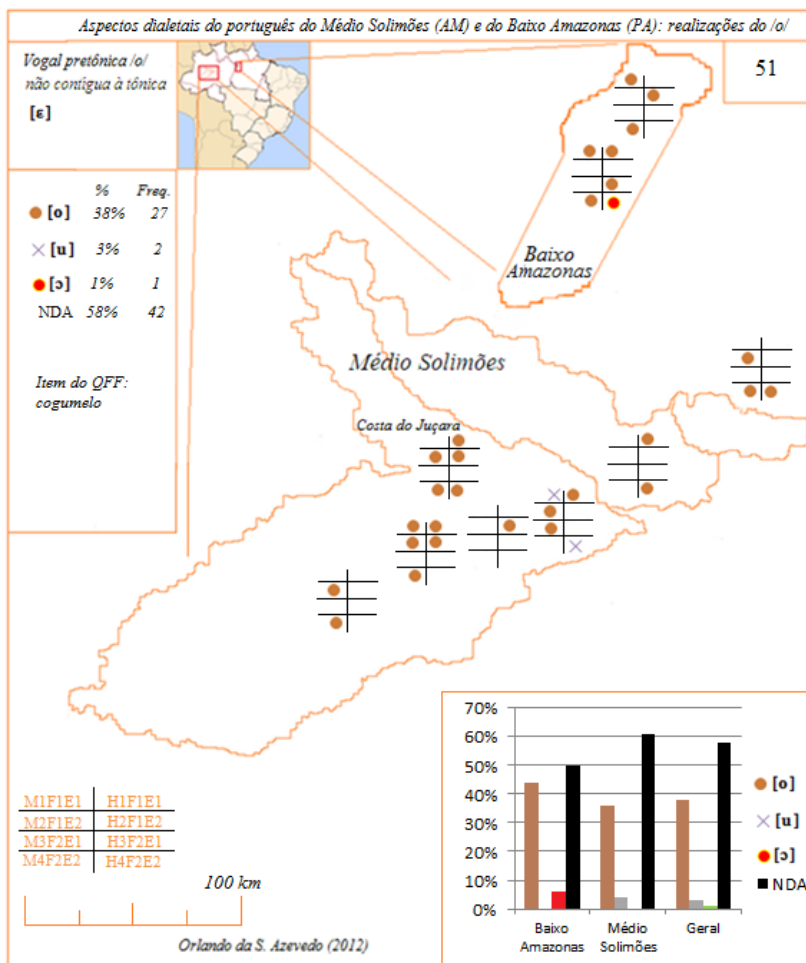
Visualizamos na Tabela 54 os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ não contíguo à [ã].

Tabela 54 Realizações de /o/ não contíguo à [ã]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	17	53%	54	48%	71	49%
[o]	15	47%	45	40%	60	42%
NDA			13	12%	13	9%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

c. Não contígua à tônica [ɛ]

Na carta fonética 51, foi analisado apenas o vocábulo *cogumelo*, no qual o /o/ não contíguo à tônica [ɛ] se realizou foneticamente, no geral, como [o] em 38% dos casos, como [ɔ] em 3% e como [u] em 1%.



Pelos dados constantes no gráfico da carta fonética 51, temos trinta realizações concretas de /o/. Isso significa que o vocábulo *cogumelo* não é comum no repertório linguístico das comunidades e cidades amazônicas, onde a variante lexical *urupé* é mais usual. A previsão de realizações de /o/ era de setenta e duas ocorrências, porém quarenta e duas foram para a variação lexical. Por região, a variante lexical *urupé* também foi predominante com 50% das ocorrências no Baixo Amazonas e 61% das ocorrências no Médio Solimões.

Portanto, considerando apenas os casos concretos envolvendo as realizações pretônicas de /o/, a manutenção da variante média alta [o] foi o fenômeno mais recorrente no cômputo geral e regional.

Na Tabela 58, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ não contíguo à [ɛ].

Tabela 58 Realizações de /o/ não contíguo à [ɛ]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	7	44%	20	36%	27	38%
[u]			2	4%	2	3%
[ɔ]	1	6%			1	1%
NDA	8	50%	34	61%	42	58%
Total	128	100%	56	100%	72	100%

#### d. Não contígua à tônica [e]

Na carta fonética 52, analisamos nos vocábulos *borboleta*, *mosquiteiro* e *roçadeira*, as realizações pretônicas do /o/ diante da vogal média alta anterior [e].

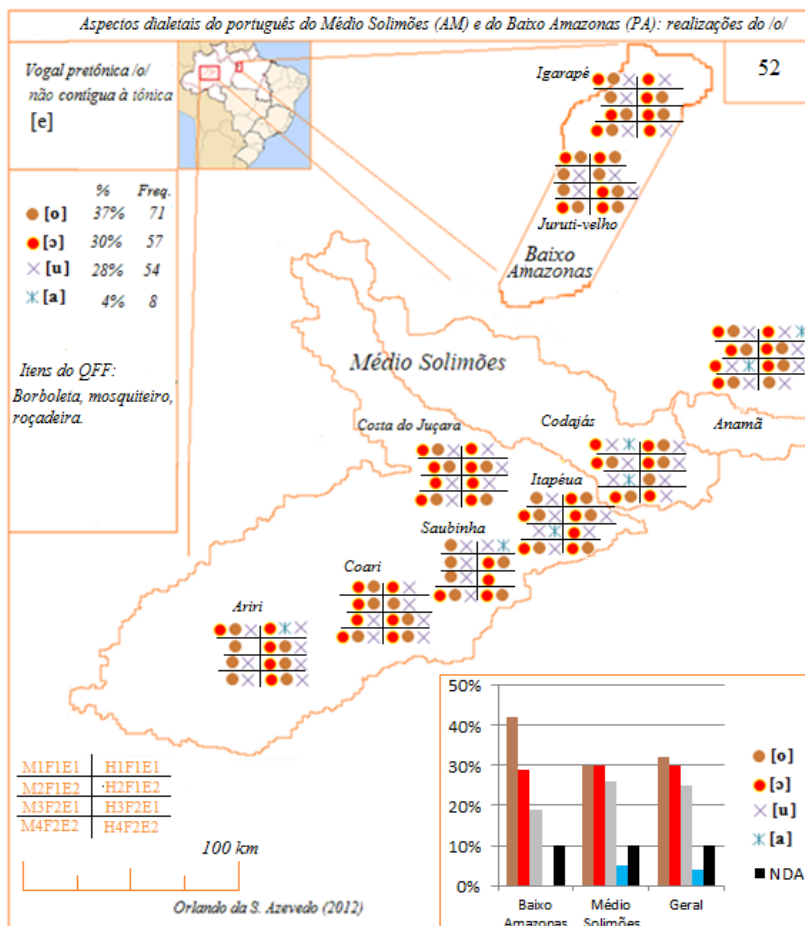
O /o/ pretônico não contíguo à tônica [e] se realizou foneticamente como [o] em 32%, como [ɔ] em 30%, como [u] em 28%, como [a] em 4%. Pela carta fonética 52, as três variantes [o], [ɔ] e [u] possuem valores percentuais, no contexto geral, próximos.

Das quarenta e oito ocorrências de /o/ no Baixo Amazonas, 42% foram para as ocorrências da variante média alta [o], 29% para a variante média baixa [ɔ] e 19% para a variante alta [u].

No Médio Solimões, por sua vez, das 168 ocorrências de /o/, 30% cada foram para [ɔ], equivalentes a sessenta e quatro ocorrências e para [o], equivalente setenta ocorrências. Nessa região, ainda, a variante alta [u] obteve 26% e a variante baixa central obteve 5%.

Por ponto de inquérito, temos a variante média baixa [ɔ] predominante na Costa do Juçara (MS) com percentual de ocorrência em 46%. A variante média alta [o] foi predominante em Ariri (MS) com registro percentual de 33%, em Coari com 38%, no Saubinha (MS) com

29%, no Itapéua com 33%, no Igarapé do Juruti-velho com 46% e no Juruti-velho com 26%. Houve um equilíbrio entre [ɔ] e [o] em Anamá com 29% para cada variante, e em Codajás o equilíbrio foi entre [ɔ] e [u] com 29% também para cada variante. Mesmo nos pontos de inquérito, a diferença entre a variante mais expressiva e as demais é pequena.



Conforme dados da carta fonética 52, o vocábulo *borboleta* foi pronunciado oito vezes como [bah.bu'letɐ] com incidência nas

comunidades Ariri (MS), Costa do Juçara (MS), Saubinha (MS), Itapéua (MS), Codajás (MS) e Anamã (MS). A incidência da variante alta [u] foi mais expressiva no vocábulo *mosquiteiro* transcrito [muʃ.ki'tero], enquanto no vocábulo *roçadeira* predominou a variante média baixa [ɔ], apesar de tal vocábulo ser pouco conhecido na maioria dos pontos de inquérito, exceto na Costa do Juçara, onde é bastante conhecido e utilizado.

Portanto, no Baixo Amazonas, o fenômeno do abaixamento vocálico foi predominante, enquanto no Médio Solimões incidiram de forma predominante tanto o fenômeno da manutenção quanto o do abaixamento.

Visualizamos, na Tabela 59, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ não contíguo à [e].

Tabela 59 Realizações de /o/ não contíguo à [e]

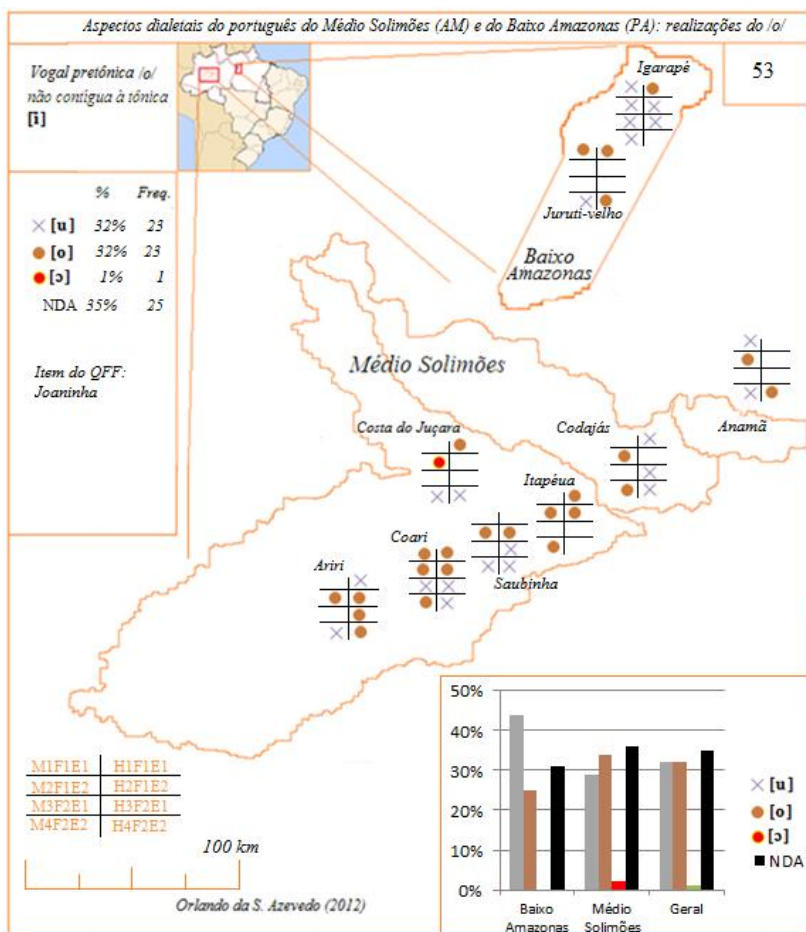
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	20	42%	50	30%	70	32%
[ɔ]	14	29%	50	30%	64	30%
[u]	9	19%	44	26%	53	25%
[a]			8	5%	8	4%
NDA	5	10%	16	10%	21	10%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

#### e. Não contígua à [i]

Na carta fonética 53, temos em foco de análise apenas o vocábulo *joaninha*, que sofreu variações lexicais e pelo fato também de os informantes não conhecerem bem esse termo.

Do total das setenta e duas ocorrências de /o/, 32% foram ocorrências de [u] e 32% foram de [o]. Dessa forma, fica configurando um equilíbrio existente entre essas duas variantes, uma vez que os valores percentuais foram de 32%, correspondentes a vinte e três ocorrências, para cada variante. Essa oscilação foi resultante da predominância da variante alta posterior [u] em alguns dos nove contextos e da variante média alta posterior [o] em outros pontos de

inquérito do Médio Solimões e do Baixo Amazonas. Por exemplo, a variante alta posterior [u] foi mais incidente na Costa do Juçara (MS), no Saubinha (MS), em Codajás (MS) e no Igarapé do Juruti-velho (BA). Por sua vez, a variante média alta posterior [o] foi mais recorrente em Ariri (MS), Coari (MS), Itapêua (MS) e no Juruti-velho (BA). Por último em Anamá, as variantes [u] e [o] obtiveram igual incidência.



Nos dados regionais, por exemplo, no Baixo Amazonas, a variante alta [u] foi predominante com percentual de ocorrência em 44%, enquanto no Médio Solimões foi a variante média alta [o] com percentual de ocorrência em 34%, perdendo, inclusive, para os dados

que compunham a variante lexical, que obteve 36%. As variantes lexicais encontradas para esse vocábulo foram *tracajá*, *besouro*, *bisoro*, *jabuti*, *tracajazinho* e *percevejo*. Julgamos que somente as variantes lexicais *besouro* e *bisoro* correspondem ao referente esperado por nós, as demais variantes lexicais foram respondidas pelos informantes com dúvidas sobre o que se tratava.

Portanto, o fenômeno do alteamento foi mais expressivo no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões houve uma propensão pela manutenção da variante média alta [o].

Visualizamos, na Tabela 60, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ não contíguo à [i].

Tabela 60 Realizações de /o/ não contíguo à [i]

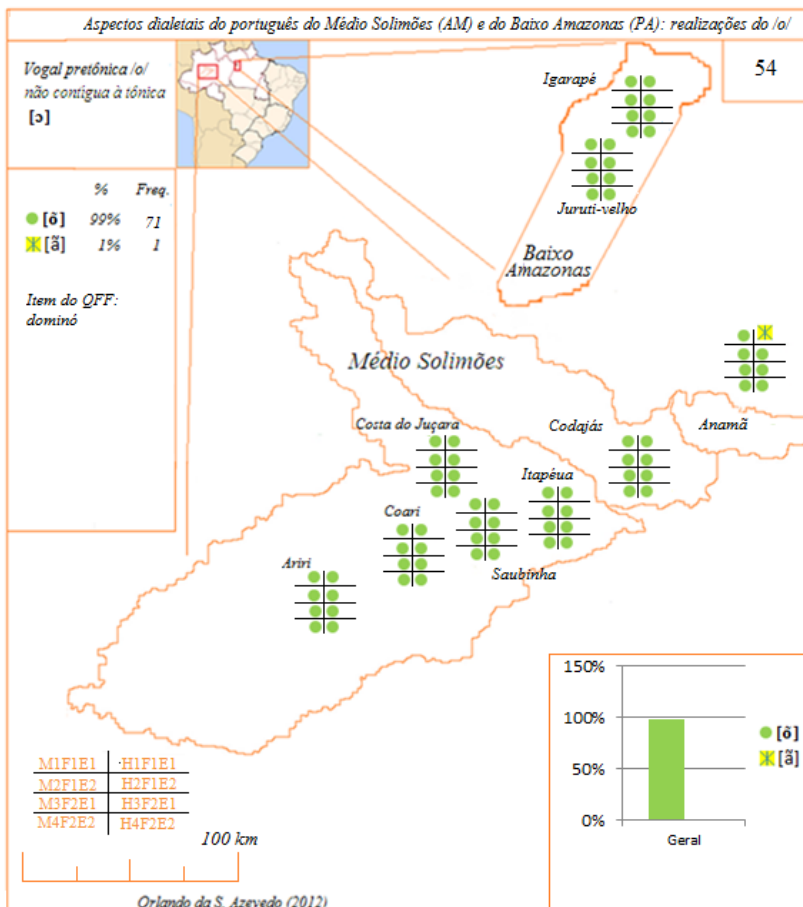
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	7	44%	16	29%	23	32%
[o]	4	25%	19	34%	23	32%
[ɔ]			1	2%	1	1%
NDA	5	31%	20	36%	25	35%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

#### f. Não contíguo à [ɔ]

Nos dados da carta fonética 54, analisamos no vocábulo *dominóo* comportamento da vogal média pretônica /o/ não contíguo à tônica [ɔ]. O resultado mostrou a predominância da vogal média alta posterior nasal [õ], obtendo um percentual de ocorrência em 99%.

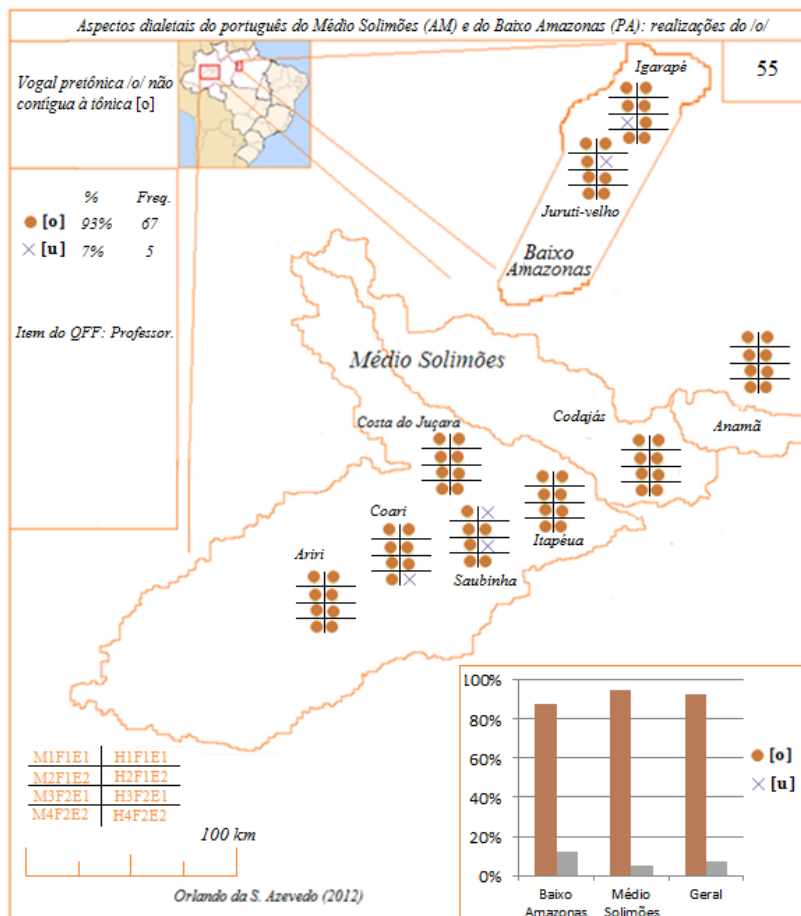
Encontramos também nesse contexto a vogal baixa central nasal [ã] produzida como [dã.mi.'nɔ] com percentual de ocorrência em 1% registrada na cidade Anamá, no Médio Solimões, na resposta dada pelo informante H1F1E1. Portanto, a manutenção da variante média alta nasal [õ] foi quase categórica no vocábulo *dominó*.





### g. Não contígua à tônica [o]

Na carta fonética 55, foi analisado apenas o vocábulo *professor*, no qual a pretônica [o] foi a mais predominante no Baixo Amazonas com percentual de ocorrência em 88%.



No Médio Solimões, a variante média alta nasal [õ] obteve percentual de ocorrência em 95% e no geral obteve 93% do total de setenta e duas possibilidades de incidência de /o/. Portanto, o fenômeno da manutenção da variante média alta posterior foi mais recorrente no cômputo geral e regional.

### 6.3.5 Considerações sobre as realizações do /o/ por não contiguidade

Na Tabela 61, encontramos as variantes mais predominantes distribuídas de acordo com a contiguidade nos sete contextos contíguos às vogais tônicas.

1. O alteamento de /o/, em sua realização como [u], não contíguo à vogal tônica [ĩ], predominou somente na região do Baixo Amazonas;
2. O abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], não contíguo à vogal tônica [a] e à [ã], predominou nas duas regiões;
3. A manutenção de /o/, em sua realização como [o], não contíguo à vogal tônica [ɛ], [e] e [o], predominou nas duas regiões; e, como variante média alta nasal [õ], não contíguo à vogal tônica [ɔ], nas duas regiões estudadas.

Tabela 61 Realizações do /o/ no contexto não contíguo

Nº	/o/ contíguo	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral
1	[a]	46%	[ɔ]	49%	[ɔ]	49% [ɔ]
2	[ã]	53%	[ɔ]	49%	[ɔ]	50% [ɔ]
3	[ɛ]	44%	[o]	36%	[o]	38% [o]
4	[e]	42%	[o]	30%	[o]	32% [o]
5	[ĩ]	44%	[u]	34%	[o]	32% e 32% [u] e [o]
6	[ɔ]	100%	[õ]	99%	[õ]	99% [õ]
7	[o]	88%	[o]	95%	[o]	93% [o]

No Baixo Amazonas, a pretônica /o/ se realizou como [ɔ] não contígua à [a] obtendo um percentual de ocorrência em 46% e não

contígua à [ã] registrando 53%, como [o] não contígua à [ε], à [e] e à [o] com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 36%, em 30% e em 88%, como [u] não contígua a [i] com percentual de ocorrência em 44%.

No Médio Solimões, onde costumam ser mais expressivas as variantes médias baixas [ε] e [ɔ], desta vez a variante média alta [o] foi predominante em quatro contextos, a saber: não contígua à [ε], [e], [i] e [o] com percentuais respectivos de 36%, de 30%, de 34% e de 93%. Nessa região, ocorreu uma única variante nasal [õ] não contígua a [ɔ], que obteve 99%. A variante média baixa [ɔ] ocorreu 49% não contígua a [a] e 49% não contígua a [ã].

No geral, manteve-se a mesma tendência dos dados percentuais e absolutos do Médio Solimões, à exceção do contexto não contíguo a vogal tônica [i], cujos números percentuais e absolutos foram exatamente iguais, havendo, portanto, nesse contexto duas variantes predominantes com percentuais de ocorrência em 32% (correspondentes a vinte e três em números absolutos) cada para as pretônicas [u] e [o].

Os casos envolvendo a manutenção da variante média alta [o] foram mais incidentes por região e no geral e incidiram no contexto não contíguo a [ε], a [e] e a [o].

No contexto não contíguo a [ɔ] incidiu a variante a variante média alta nasal [õ]. Em dois casos, os mesmos por região e no geral, a manutenção da variante média alta [o] foi facilitada pela harmonia vocálica entre pretônica e tônica como, por exemplo, entre [e] e [o] (vogais não homorgânicas) e entre [o] e [o] (vogais homorgânicas).

O abaixamento da pretônica /o/ em sua realização como [ɔ] foi comum por região e no geral no contexto não contíguo a [a] e a [ã].

### **6.3.60 contexto fonológico precedente das realizações da vogal média pretônica /o/**

#### **a. Em início absoluto de palavra**

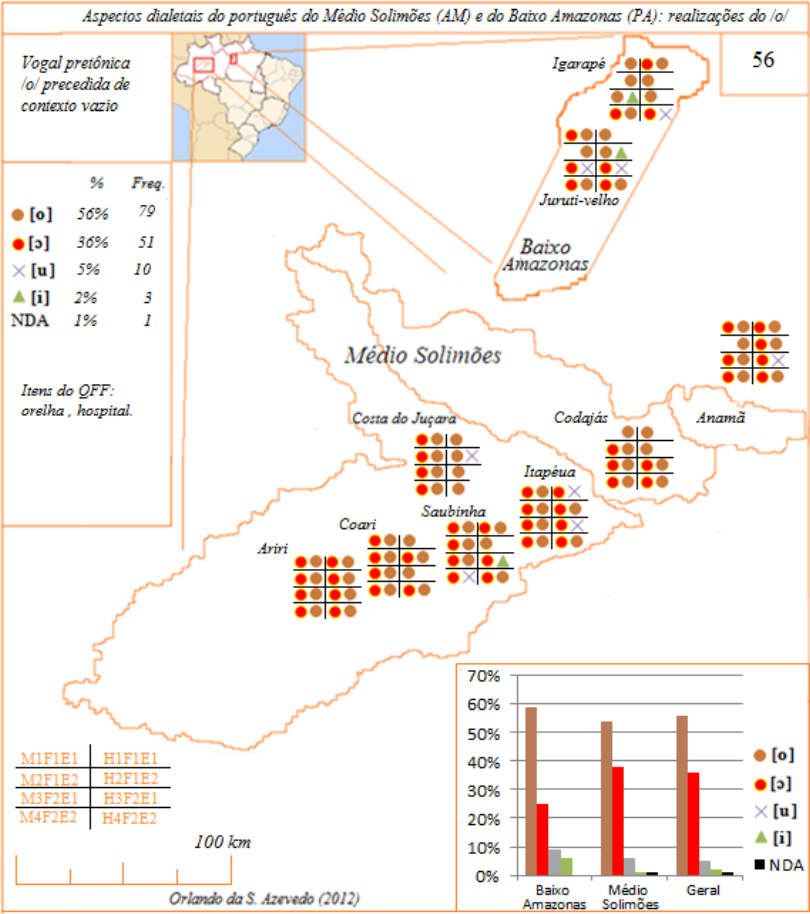
Na carta fonética 56, cuja análise envolveu dois vocábulos *orelhae hospital*, o /o/ pretônico se realizou, no geral, como [o] em 56% das vezes, como [ɔ] em 36%, como [u] em 5%, como [i] em 2% ou três ocorrências apenas, do total de 144 ocorrências de /o/.

O fenômeno do alteamento, que foi comum nesse contexto linguístico envolvendo o /S/ em se tratando das realizações da vogal anterior /e/, obteve pouca expressividade na realização de /o/ como [u].

A ocorrência mais expressiva da variante média alta [o] foi no Baixo Amazonas com percentual de 59%, enquanto tal variante obteve 54% no Médio Solimões.

De todos os pontos, somente na cidade de Anamã o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] foi mais expressiva, obtendo um registro percentual de 44% contra 38% obtidos pela variante média alta [o].

Portanto, o /o/ em início absoluto de palavra foi propenso à manutenção da variante média alta [o] no cômputo geral e regional.



Na Tabela 62, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos nas realizações pretônicas de /o/ em início absoluto de palavra.

Tabela 62 Realizações de /o/ em início absoluto de palavra

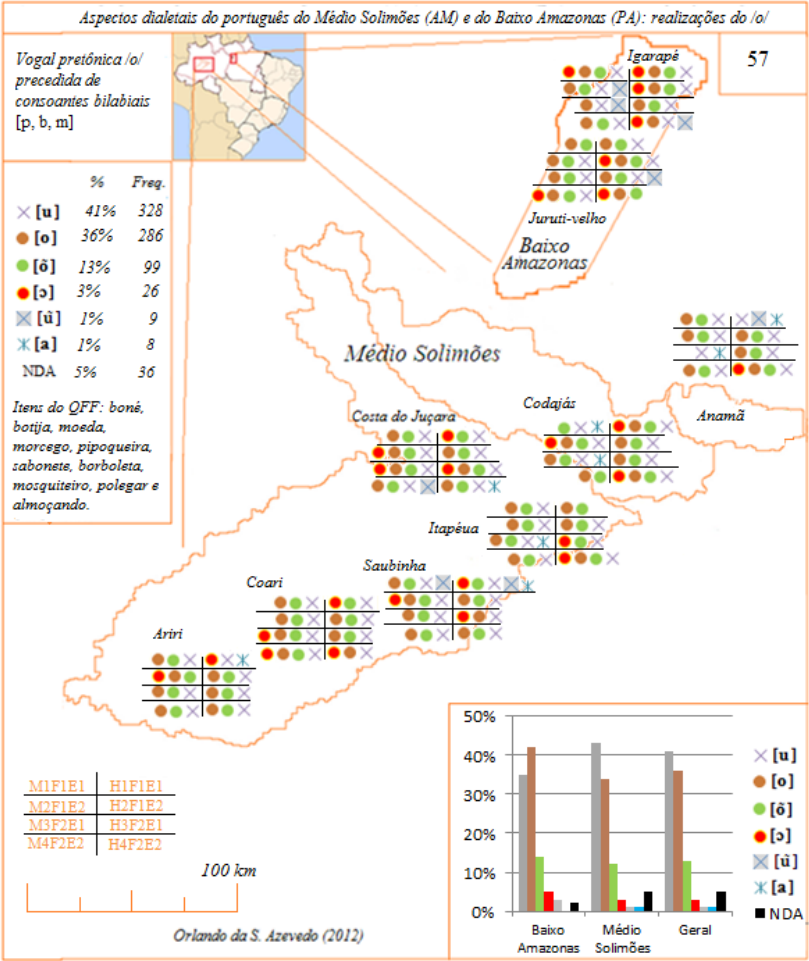
	Baixo Amazonas	Médio Solimões	Geral
--	----------------	----------------	-------

Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	19	59%	60	54%	79	56%
[ɔ]	8	25%	43	38%	51	36%
[u]	3	9%	7	6%	10	5%
[i]	2	6%	1	1%	3	2%
NDA			1	1%	1	1%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

### b. Precedida de consoantes bilabiais

Na carta fonética 57, analisamos nos vocábulos *boné*, *botija*, *moeda*, *morcego*, *pipoqueira*, *sabonete*, *borboleta*, *mosquiteiro*, *polegare almoçando* o comportamento da vogal pretônica /o/. Nesses vocábulos, as consoantes bilabiais [p, b, m] podem influenciar o /o/ em sua realização como [u]. Essa propensão para o alteamento da pretônica /o/ envolvendo consoantes bilabiais precedentes foi confirmada na pesquisa de Bisol (1981). O alteamento da pretônica /o/ ocorreu mais em alguns desses vocábulos do que em outros. A tendência no momento da produção é a diminuição do esforço articulatório, por isso alguns informantes pronunciaram, na maioria desses vocábulos, a variante alta [u] em sua posição pretônica.

Na carta fonética 57, o /o/ precedido de consoantes bilabiais se realizou, do somatório geral incluindo 792 ocorrências, como [u] em 41%, como [o] em 36%, como [õ] em 13%, como [ɔ] em 3% ou vinte e cinco ocorrências, como [ũ] em 1% ou nove ocorrências, como [a] em 1% ou oito ocorrências. No Baixo Amazonas, o [o] foi mais incidente registrando 42% do total de 176 possibilidades contrariamente à incidência maior da variante alta [u] do Médio Solimões, onde obteve um registro percentual de 43% do total de 616 possibilidades. Mesmo no Médio Solimões houve discrepâncias quanto à predominância de [u] e [o], pois em Ariri, em Coari e em Itapéua, os percentuais mais expressivos para a variante média alta [o] foram, respectivamente, de 42%, de 44% e de 41%; por outro lado, a variante alta [u] foi mais expressiva no Saubinha, na Costa do Juçara, em Codajás e em Anamá com registros percentuais, respectivamente, de 50%, de 44%, de 47% e de 51%.



Na Tabela 63, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ precedido de consoantes bilabiais.

Tabela 63 Realizações de /o/ precedido de consoantes bilabiais

	Baixo Amazonas	Médio Solimões	Geral
--	----------------	----------------	-------



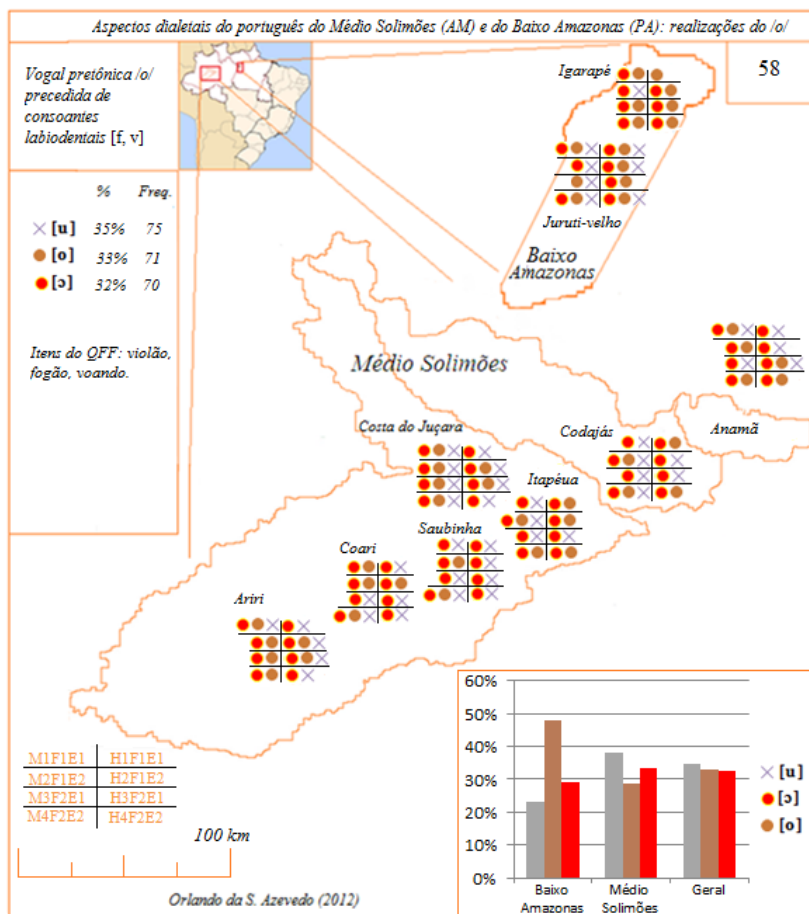
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	61	35%	267	43%	328	41%
[o]	74	42%	212	34%	286	36%
[õ]	25	14%	74	12%	99	13%
[ɔ]	8	5%	18	3%	26	3%
[ũ]	5	3%	4	1%	9	1%
[a]			8	1%	8	1%
NDA	3	2%	33	5%	36	5%
Total	176	100%	616	100%	792	100%

### c. Precedida de consoantes labiodentais

Na carta fonética 58, o /o/ precedido de consoantes labiodentais se realizou, no geral, como [u] em 35% das vezes, como [ɔ] em 33%, como [o] em 32%, totalizando 216 ocorrências.

Por região, o [o] ocorreu com maior percentual registrando 48% no Baixo Amazonas, contrariamente aos 38% da variante alta [u], a mais expressiva, registrada no Médio Solimões. Os pontos com maiores registros de [u] foram Coari (MS) com 38%, Saubinha (MS) com 54%, Costa do Juçara (MS) com 42%, Codajás (MS) com 42 e Igarapé (BA) com 38%. No Juruti-velho, a variante [o] obteve 63%, em Anamá, as variantes [ɔ], [o] e [u] obtiveram percentual igual de 33% cada, no Itapéua e em Ariria variante predominante [o] obteve 38% em cada localidade.

Portanto, no contexto precedente envolvendo consoantes labiodentais, a manutenção da variante alta [o] foi o fenômeno predominante no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões foi o alteamento.



Na Tabela 64, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ precedido de consoantes labiodentais.

Tabela 64 Realizações de /o/ precedido a consoantes labiodentais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	11	23%	64	38%	75	35%
[o]	23	48%	48	29%	71	33%
[ɔ]	14	29%	56	33%	70	32%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

#### d. Precedida de consoantes velares

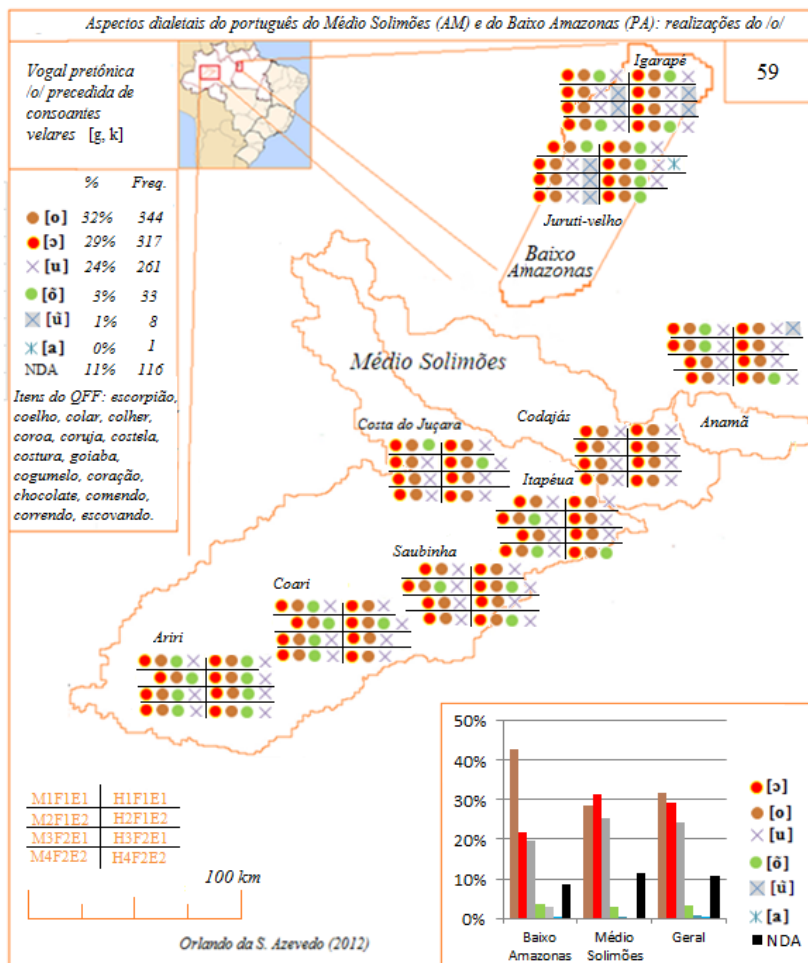
Na carta fonética 59, analisamos as variantes do /o/ pretônico precedido de consoantes velares nos vocábulos *escorpião, coelho, colar, colher, coroa, coruja, costela, costura, goiaba, cogumelo, coração, chocolate, comendo, correndo e escoando*.

Esperávamos que o /o/ se realizasse, predominantemente, como vogal alta [u] diante do contexto precedente envolvendo as consoantes velares [k] e [g]. Porém, o alteamento foi menos do que expressivo que a manutenção e o abaixamento.

Na carta fonética 59, do total de 1.080 ocorrências, o /o/ pretônico precedido de consoantes velares se realizou como [o] 32% das vezes, como [ɔ] 29%, como [u] 23%, como [õ] 3%, como [ũ] 1% ou oito ocorrências como [a] 0% ou uma ocorrência apenas.

O [o] pretônico no Baixo Amazonas ocorreu cento e três vezes, e no Médio Solimões 241, totalizando 344 ocorrências, enquanto o [ɔ] pretônico obteve 327 ocorrências. Isso significa que os dados das duas localidades do Baixo Amazonas foram suficientes para aumentara incidência do [o] no contexto geral. Enquanto no Baixo Amazonas o /o/ se realizou, predominantemente, como [o] com registro percentual de 43% do total de 840 ocorrências, no Médio Solimões a predominância foi para a variante média baixa [ɔ] com 32% do total de 840 possibilidades de incidência de /o/ nessa região.

Portanto, no Baixo Amazonas o fenômeno da manutenção da variante média alta [o] foi mais recorrente, influenciando a incidência desse fenômeno no cômputo geral, enquanto no Médio Solimões o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] foi mais recorrente.



Na Tabela 65, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ precedido de consoantes velares.

Tabela 65 Realizações de /o/ precedido de consoantes velares

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	103	43%	241	29%	344	32%
[ɔ]	52	22%	265	32%	317	29%
[u]	47	20%	214	25%	261	24%
[õ]	9	4%	24	3%	33	3%
[ũ]	7	3%	1	0%	8	1%
[a]	1	0%			1	0%
NDA	21	9%	95	11%	116	1%
Total	240	100%	840	100%	1080	100%

#### e. Precedida de consoantes alveolopalatais

Na carta fonética 60, verificamos o comportamento da pretônica /o/ precedida de consoantes alveolopalatais [ʒ] e [ʃ] nos vocábulos *jornal*, *joaninha*, *chocalho*, *cachoeira*, *chocolate* e *jogando*. Esperamos a realização da vogal média pretônica /o/ como [ɔ] na caracterização do fenômeno do abaixamento vocálico. Esse fenômeno ocorreu de forma mais expressiva em alguns vocábulos do que em outros.

Por exemplo, no vocábulo *jornal* produzido como [ʒɔh.'naw], o abaixamento foi quase categórico, pois obteve registro percentual de 96%, correspondentes a sessenta e nove ocorrências. Os 4% restantes, três ocorrências apenas, estão relacionados com a manutenção da variante média alta [o]. Como vimos, ao contrário da sílaba travada no vocábulo *escorpião*, onde a manutenção de [o] foi quase categórica, pois houve uma ocorrência apenas da variante [ɔ], a sílaba travada do vocábulo *jornal* favoreceu o abaixamento também quase categórico de /o/.

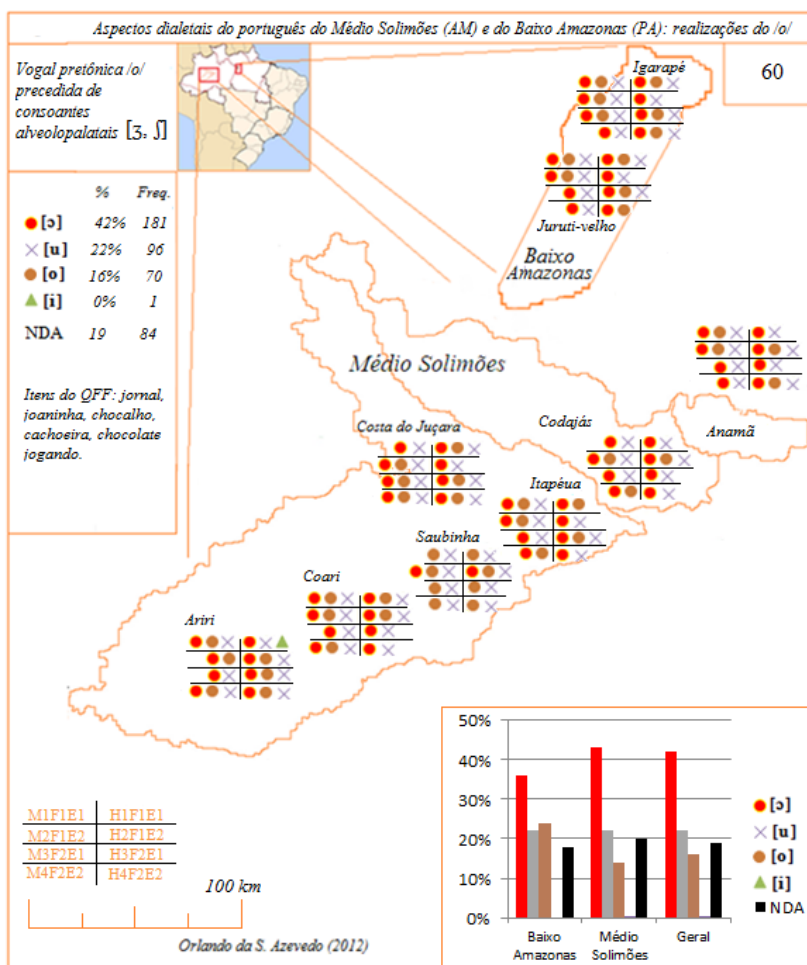
Vimos anteriormente que no vocábulo *joaninha* houve incidência paritária entre a manutenção e o alteamento com trinta e duas ocorrências para cada fenômeno.

O resultado que nos surpreende foi o referente ao vocábulo *chocalho*, pois não é usual nos dois dialetos, nos quais houve forte incidência da variante lexical *maracá*, que obteve 65% (quarenta e sete ocorrências), enquanto o alteamento obteve 24% (dezessete

ocorrências), a manutenção obteve 8% (seis ocorrências) e a outra variante lexical *xequi* obteve 1% (uma ocorrência apenas).

No vocábulo *cachoeira*, o alteamento foi expressivo obtendo 85% (sessenta e uma ocorrências), enquanto a manutenção da variante alta [o] obteve apenas 13% (nove ocorrências).

No vocábulo *jogando*, o abaixamento obteve registro percentual de 82% (cinquenta e nove ocorrências), e a manutenção obteve 14% (dez ocorrências).



Por último, no vocábulo *chocolate*, o fenômeno do abaixamento obteve percentual expressivo de 76% (cinquenta e cinco ocorrências), a manutenção obteve 22% (dezesesseis ocorrências) e o abaixamento total na realização de /o/ como [a], que obteve 1% apenas (uma ocorrência).

Do total geral de 432 ocorrências, o /o/ precedido de consoantes alveolopalatais se realizou como [ɔ] com registro percentual de 42%, como [u] 22%, como [o] 16% e como [i] 0% ou uma ocorrência apenas registrada em Ariri (MS) na resposta dada pelo informante H1F1E1. O abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] se manteve predominante por ponto e por região. No Médio Solimões, o percentual de abertura de /o/ em sua realização como [ɔ] foi de 43%, enquanto no Baixo Amazonas foi de 36%.

Portanto, no contexto precedido de consoantes alveolopalatais [ʃ] e [ʒ], o fenômeno do abaixamento foi o mais recorrente tanto no Baixo Amazonas e quanto no Médio Solimões.

Na Tabela 66, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ de consoantes alveolopalatais.

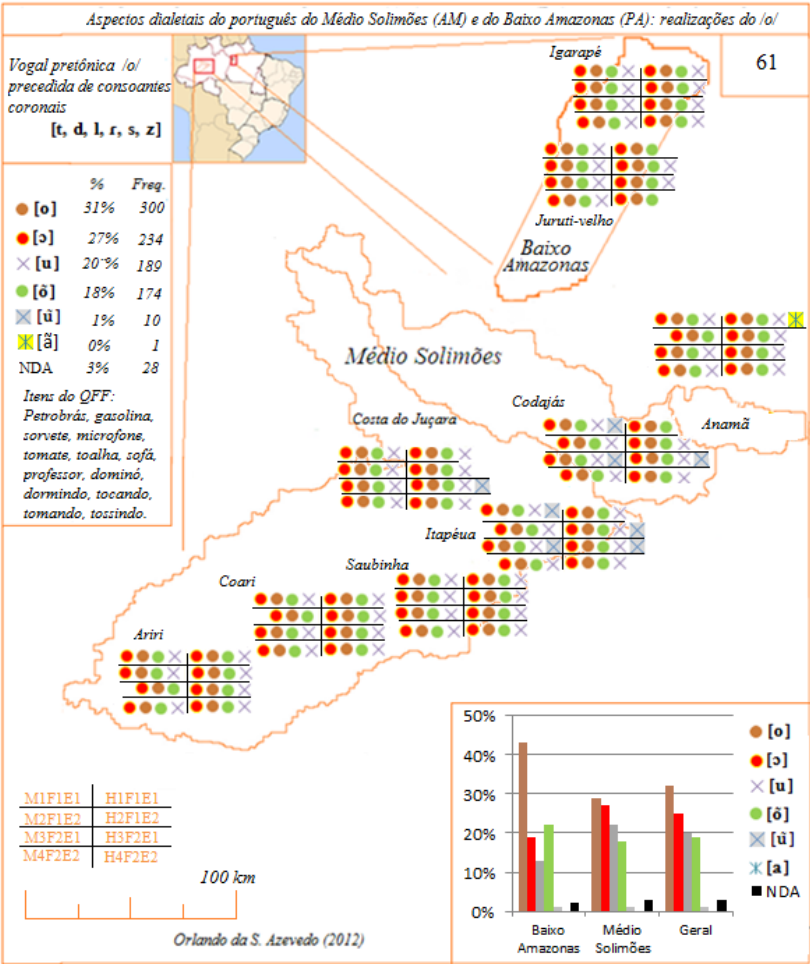
Tabela 66 Realizações de /o/ precedido a consoantes alveolopalatais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	35	36%	146	43%	181	42%
[u]	21	22%	75	22%	96	22%
[o]	23	24%	47	14%	70	16%
[i]			1	0%	1	0%
NDA	17	18%	67	20%	84	20%
Total	96	100%	336	100%	432	100%

#### f. Precedida de consoantes coronais

Na carta fonética 61, verificamos o comportamento da pretônica /o/ precedida de consoantes coronais [t, d, l, r, s, z] nos vocábulos *Petrobrás, gasolina, sorvete, microfone, tomate, toalha, sofá, professor, dominó, dormindo, tocando, tomando e tossindo*. Encontramos nesses vocábulos as variantes pretônicas [o], [ɔ], [u], [õ], [ũ] e [ã] ocorrendo de

forma categórica ou quase categórica em alguns vocábulos, por isso o surgimento de seis variantes.



Nesse contexto envolvendo consoantes coronais, a previsão de incidência do /o/ no cômputo geral foi de 936, no Baixo Amazonas foi de 208 e no Médio Solimões foi de 728. Diante desses números absolutos, obtivemos os resultados descritos nos parágrafos seguintes.

Do total de 936 ocorrências, as seis realizações de /o/, precedido de consoantes coronais foram [o], que obteve percentual de ocorrência



em 32%, [ɔ] em 25%, [u] em 20%, [õ] em 19%, [ũ] em 1% e [ã] 0% ou uma ocorrência apenas registrada na cidade de Anamã (MS).

No contexto coronal precedente de /o/, a incidência maior da variante média alta [o] foi registrada no Baixo Amazonas, onde obteve 43% do total de 208 possibilidades.

No Médio Solimões, a variante média alta [o] também foi a mais incidente do que a variante média baixa [ɔ] em 2% apenas e obtiveram percentuais, respectivamente, de 29% e de 27% do total de 208 ocorrências.

Verificamos, ainda, que nos pontos da carta fonética 61 como Ariri (MS), Itapéua (MS), Costa do Juçara (MS), Codajás (MS), Anamã (MS), Igarapé do Juruti-velho (BA) e Juruti-velho, o [o] obteve a maior frequência, enquanto em Coari (MS), e no Saubinha o [ɔ] ocorreu mais vezes que as demais variantes de /o/.

Embora a manutenção da variante média alta seja mais expressiva no Baixo Amazonas, ela se manteve também predominante no Médio Solimões e no cômputo geral.

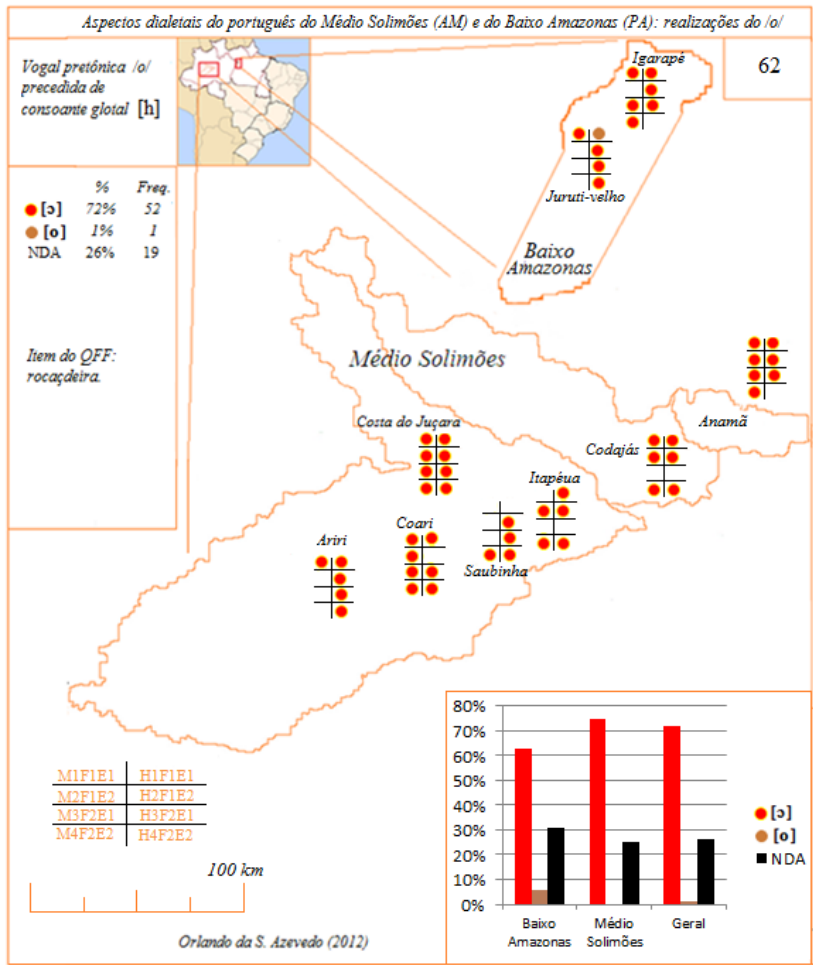
Na Tabela 67, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ precedido de consoantes coronais.

Tabela 67 Realizações de /o/ precedido de consoantes coronais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	89	43%	211	29%	300	32%
[ɔ]	40	19%	194	27%	234	25%
[u]	28	13%	161	22%	189	20%
[õ]	45	22%	129	18%	174	19%
[ũ]	2	1%	8	1%	10	1%
[ã]			1	0%	1	0%
NDA	26	2%	91	3%	28	3%
Total	208	100%	728	100%	936	100%

g. Precedida de consoante glotal

Na carta fonética 62, verificamos o comportamento da pretônica /o/ precedida de consoante glotal apenas no vocábulo *roçadaeira*. Nossa expectativa era a de que o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] fosse predominante nesse vocábulo.



A variante média baixa [ɔ] de /o/ foi a mais expressiva, no geral, com 72% do total de setenta e duas possibilidades. A outra variante média alta de /o/ ocorreu uma única vez no Juruti-velho, no Baixo Amazonas. As dezenove possibilidades restantes de incidência de /o/ foram respostas que não continham nenhuma variante vocálica de /o/ e sucederam em virtude do falante não saber do que se tratava ou em virtude de ocorrer variação lexical. Na prática, o vocábulo *roçadeira* é pronunciado com quase 100% se não considerarmos as dezenove respostas vazias ou com variação lexical.

Por região, a variante [ɔ] foi mais expressiva com registro percentual de 75% no Médio Solimões do que os 63% registrado no Baixo Amazonas para essa mesma variante.

Portanto, no contexto precedente envolvendo consoante glotal, o fenômeno do abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] foi bastante expressivo por região e no cômputo geral.

Na Tabela 68, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ precedido de consoante glotal.

Tabela 68 Realizações de /o/ precedido de consoante glotal

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	10	63%	42	75%	52	72%
[o]	1	6%			1	1%
NDA	5	31%	14	25%	19	26%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

### 6.3.7 Considerações sobre as realizações do /o/ pretônico no contexto precedente

As realizações predominantes do /o/ pretônico no contexto precedente incluindo vazio, bilabial, labiodental, velar, alveolopalatal e coronal foram distribuídas na Tabela 69, na qual:

1. O alteamento de /o/, em sua realização como [u], precedido de consoante bilabial e labiodental, somente na região do Médio Solimões;

2. O abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], precedido de consoante alveolopalatal e glotal, predominou nas duas regiões; e, precedido de consoante velar, somente na região geográfica do Médio Solimões;
3. A manutenção de /o/, em sua realização como [o], em início absoluto de palavra e precedido de consoante coronal, predominou nas duas regiões; e, precedido de consoante bilabial, labiodental e velar, somente na região geográfica do Baixo Amazonas.

Tabela 69 Realizações do /o/ pretônico no contexto precedente

Nº	/o/ contíguo	Baixo Amazonas	Médio Solimões	Geral
1	Vazio	59% [o]	54% [o]	56% [o]
2	Bilabial	42% [o]	43% [u]	41% [u]
3	Labiodental	48% [o]	38% [u]	35% [u]
4	Velar	43% [o]	32% [ɔ]	32% [o]
5	Alveolopalatal	36% [ɔ]	43% [ɔ]	42% [ɔ]
6	Coronal	43% [o]	29% [o]	32% [o]
7	Glotal	63% [ɔ]	75% [ɔ]	72% [ɔ]

Segundo os dados da Tabela 69, no Baixo Amazonas, predominou manutenção da variante média alta [o], que ocorreu em cinco contextos, a saber: precedido de vazio, de bilabial, labiodental, velar e coronal, com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 59%, em 42%, em 48%, em 43% e em 43%. Nessa região, o abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], ocorreu no contexto alveolopalatal precedente e glotal precedente, com percentuais de ocorrências, respectivamente, em 36% e em 63%.

No Médio Solimões, o abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], além de ter ocorrido no contexto alveolopalatal precedente com registro percentual de 43%, ocorreu também no contexto velar precedente e glotal precedente com registro percentual, respectivamente, de 32% e 75%. Dois contextos foram favoráveis à manutenção da variante média alta [o], a saber: no início absoluto de palavra e no contexto envolvendo coronal precedente, a variante média alta [o] predominou com percentuais, respectivamente, de 54% e de 29%. Os dois contextos restantes foram propensos ao alteamento de /o/ em sua realização como [u], ou seja, no contexto bilabial precedente e labiodental precedente predominou a variante alta [u] com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 43% e em 38%.

No geral, a manutenção da variante média alta [o] ocorreu no contexto vazio precedente, velar precedente e coronal precedente, obtendo registros percentuais, respectivamente, de 56%, de 32% e de 32%. O alteamento de /o/, em sua realização como [u], ocorreu no contexto bilabial precedente e labiodental precedente, obtendo registros percentuais, respectivamente, de 41% e de 35%. Ainda no cômputo geral, houve no contexto alveolopalatal precedente e glotal precedente o abaixamento de /o/ em sua realização como variante média baixa [ɔ], obtendo registro percentual, respectivamente, de 42% e de 72%.

### **6.3.8 O contextofonológico seguinte das realizações da vogal média /o/**

#### **a. Diante de consoante alveolopalatal**

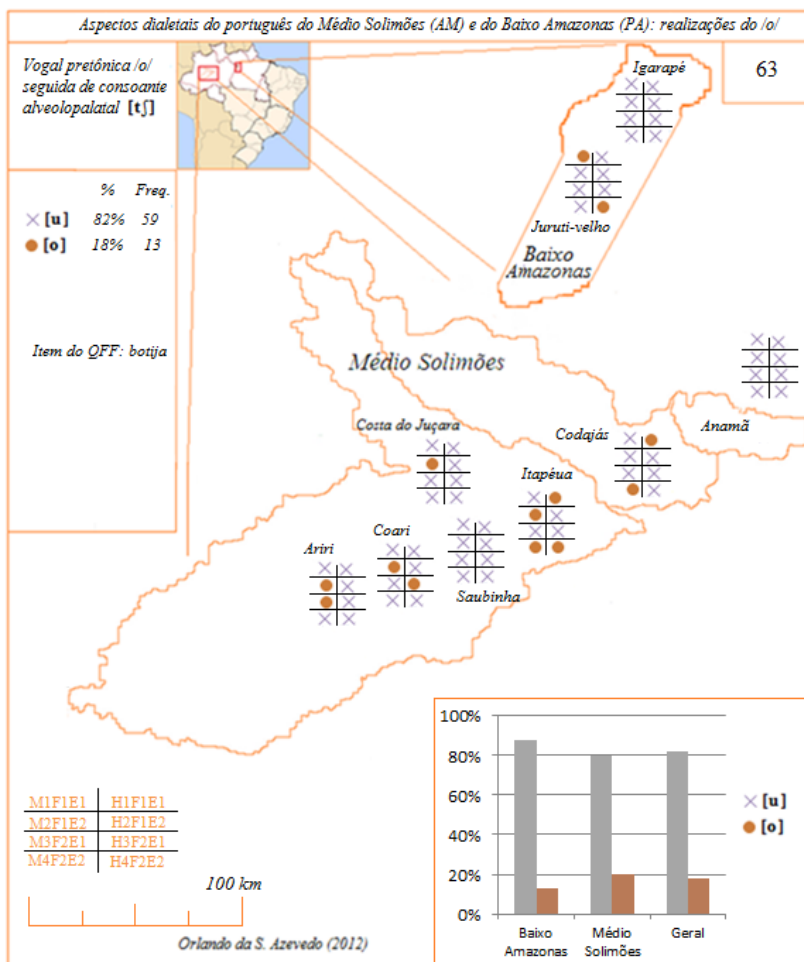
Na carta fonética 63, verificamos se o /o/ pretônico iria se realizar predominantemente como [u], pois o contexto seguinte envolveu vogal alta anterior [i], que influenciou a palatalização da consoante dental [t] ao se realizar como [tʃ], uma consoante africada na posição pré-palatal. Portanto, a propensão do contexto seguinte seria para que o /o/ se realizasse como [u].

Nesse contexto houve duas variantes pretônicas, sendo uma alta [u], que obteve uma frequência de cinquenta e nove ocorrências, e outra média alta [o], que, por sua vez, obteve treze ocorrências.

Na carta fonética 62 o /o/ seguido de consoante alveolopalatal se realizou como [u] em 82% das ocorrências, como [o] em 18%, totalizando, pois, setenta e duas possibilidades de ocorrência do /o/.

Essa mesma tendência em números percentuais da variante alta [u] foi verificada por região. Por exemplo, o registro percentual da variante alta [u] foi de 88% no Baixo Amazonas, e no Médio Solimões, por sua vez, o registro percentual foi de 80% para tal variante alta.

Das treze ocorrências do [o] pretônico, duas incidiram no Baixo Amazonas, sendo uma na produção da informante M1F1E1, e outra na produção do informante H4F2E2. As onze ocorrências restantes incidiram no Médio Solimões, sendo duas em Codajás (H1F1E1 e M4F2E2), uma na Costa do Juçara (M2F1E2), quatro em Itapéua (M2F1E2, M4F2E2, H1F1E1 e H4F2E2), duas em Coari (M2F2E2 e H3F2E1) e duas em Ariri (M2F2E2 e M3F2E1).



Portanto, no vocábulo *botija* [buˈtʃi.ʒɐ], o alteamento de /o/ em sua realização pretônica como [u] foi recorrente e tal vogal alta se constitui como variante padrão no dialeto solimoense e jurutiense nesse vocábulo.

Na Tabela 70, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoante palatal.

Tabela 70 Realizações de /o/ diante de consoante alveolopalatal

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	14	88%	45	80%	59	82%
[o]	2	13%	11	20%	13	18%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

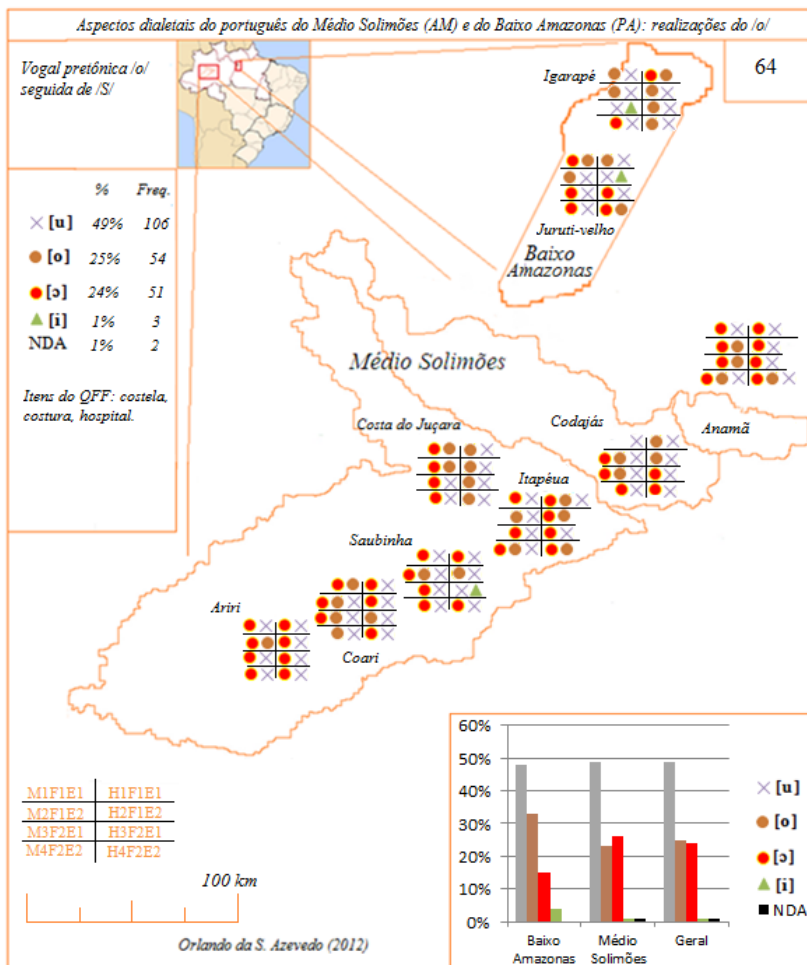
#### a. Diante do arquifonema /S/

Na carta fonética 64, verificamos se ocorre o alteamento de /o/ em sua realização como [u] diante das realizações fonéticas do arquifonema /S/. O alteamento não só ocorreu como também foi predominante por região e no cômputo geral, como se pode verificar no gráfico inserido na carta fonética 64.

A incidência de [u] no Baixo Amazonas foi de 48% do total de quarenta e oito possibilidades das ocorrências de /o/ nessa região. As demais variantes de /o/ ocorreram com os seguintes percentuais ainda no Baixo Amazonas: [o] com 33%, [ɔ] com 15% e [i] com 4% ou duas ocorrências apenas.

No Médio Solimões, o percentual da variante alta [u] foi de 49% e foi seguida por [ɔ] com 26%, por [o] com 23% e por [i] com 1% apenas. No Saubinha (MS), no Juruti-Velho (BA) e no Igarapé do Juruti-velho (BA), alguns falantes pronunciaram o vocábulo *hospital* como [iʃ.pi.'taw], e esse mesmo vocábulo foi pronunciado também com a variante pretônica média baixa [ɔ], a mais expressiva, e com a variante pretônica média alta [o]. Nos demais vocábulos *costela* e *costura* a variante alta [u] foi mais recorrente.





No geral, manteve-se a mesma tendência de predominância da variante alta [u] regional, que obteve 49% das ocorrências de /o/ e foi seguida pelas variantes [ɔ] com registro percentual de 25%, por [o] com 24% e por [i] com 1%.

Na Tabela 71, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante das realizações do /S/.

Tabela 71 Realizações de /o/ diante de /S/

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	23	48%	83	49%	106	49%
[o]	16	33%	38	23%	54	25%
[ɔ]	7	15%	44	26%	51	24%
[i]	2	4%	1	1%	3	1%
NDA			2	1%	2	1%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

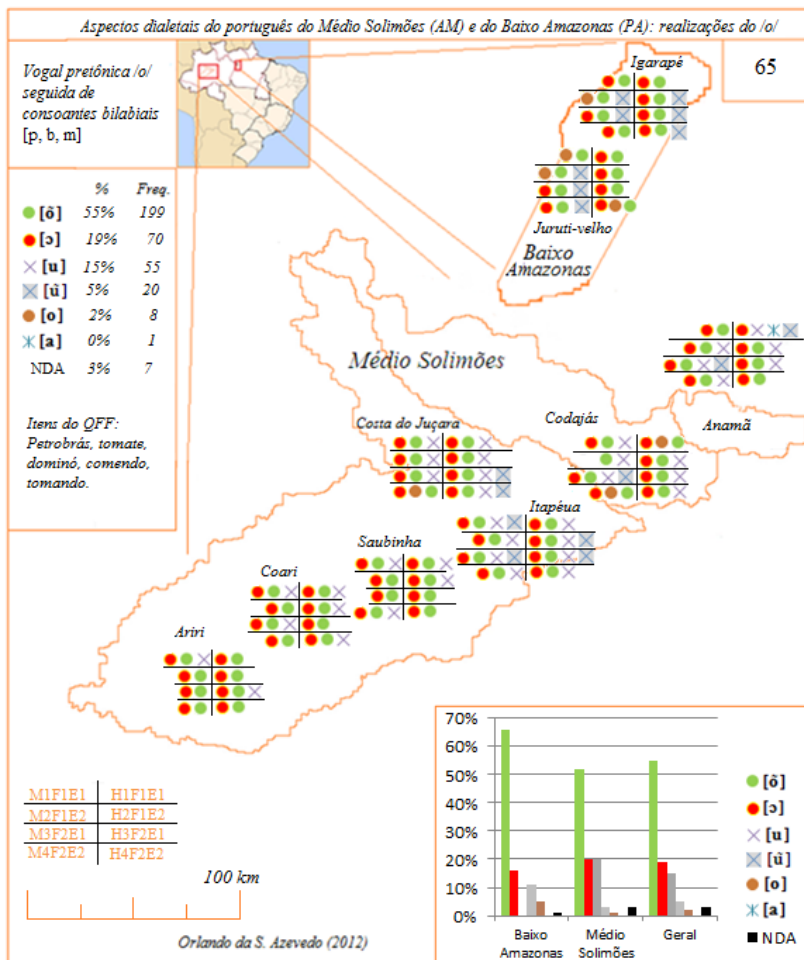
## b. Diante de consoantes bilabiais

Na carta fonética 65, verificamos o comportamento da pretônica /o/ nos vocábulos *Petrobrás*, *tomate*, *dominó*, *comendo* e *tomando*. Certamente os traços nasais da bilabial [m] tenderiam a favorecer a nasalização da pretônica /o/ em sua realização predominante como [õ].

De todos os pontos, a nasalização foi mais recorrente na comunidade Ariri (MS), onde a variante média alta nasal [õ] obteve percentual de ocorrência em 75% do total de quarenta possibilidades de incidência e /o/. O segundo maior percentual para essa variante nasal foi na vila do Juruti-velho (BA), que registrou 70% também do total de quarenta possibilidades de incidência do /o/ pretônico.

Do total geral de 360 ocorrências, o /o/ pretônico, diante de consoantes bilabiais, realizou-se como [õ] 55%, como [ɔ] 19%, como [u] 15%, como [o] 2% ou cinco ocorrências e como [ã] 0% ou um registro no vocábulo *dominó* pronunciado [dã.mi.'nɔ] na cidade de Anamá, no Médio Solimões.

O fenômeno linguístico predominante foi a nasalização da pretônica ao assimilar os traços de nasalidade da consoante bilabial [m]. A variante nasalizada [õ] foi mais frequente no Baixo Amazonas, onde obteve um percentual de ocorrência em 66% do total de oitenta ocorrências de /o/ nessa região, enquanto tal variante nasalizada obteve percentual de ocorrência em 52% no Médio Solimões do total de 280 ocorrências previstas para essa região.



Os informantes das duas regiões nasalizam os vocábulos *tomate*, *dominó*, *comendo* e *tomando* transcritos, respectivamente, como [tõ.'ma.tʃi], [dõ.mi.'nɔ] e [kõ.mẽ.du]. O vocábulo *Petrobrás*, analisado nesse contexto segue predominantemente com pronúncia aberta [ɔ] em todos os pontos da pesquisa.

Portanto, diante de consoante alveolopalatal, a manutenção da variante média alta nasal [õ] foi o fenômeno mais recorrente por região e no cômputo geral.

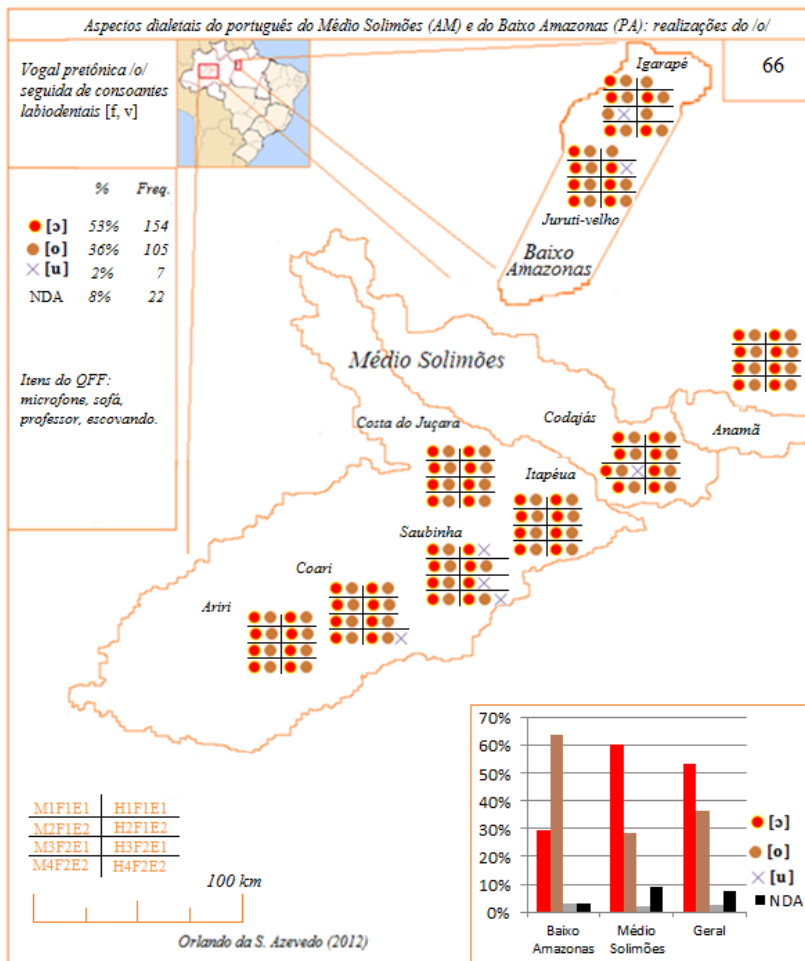
Visualizamos, na Tabela 72, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoantes bilabiais.

Tabela 72 Realizações de /o/ diante de consoantes bilabiais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[õ]	53	66%	146	52%	199	55%
[ɔ]	13	16%	57	20%	70	19%
[u]			55	20%	55	15%
[ũ]	9	11%	11	3%	20	5%
[o]	4	5%	4	1%	8	2%
[ã]			1	0%	1	0%
NDA	1	1%	6	3%	7	3%
Total	80	100%	280	100%	360	100%

### c. Diante de consoantes labiodentais

Na carta fonética 66, o /o/ diante de consoantes labiodentais [f, v] se realizou como [ɔ] com percentual geral de 53%, como [ɔ] com 36% e como [u] com 2%. O abaixamento de /o/ para [ɔ] foi predominante em todos os pontos do Médio Solimões, enquanto a manutenção da variante média alta [o] foi bastante expressiva nos dois pontos do Baixo Amazonas. Por exemplo, no Baixo Amazonas, ao considerarmos nessa região o total de sessenta e quatro ocorrências de /o/, a variante mais expressiva [o] obteve 64%, e, no Médio Solimões, a variante mais expressiva [ɔ] obteve 60% do total de 224 ocorrências de /o/.



Novamente as duas regiões se distanciam quanto ao uso das pretônicas, sendo a variante média alta [o] característico da região paraense e a variante média baixa [ɔ] característico da região amazonense. Logo, na região jurutiense, predominou a manutenção e na região solimoense, o abaixamento.

Na Tabela 73, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoantes labiodentais.

Tabela 73 Realizações de /o/ diante de consoantes labiodentais

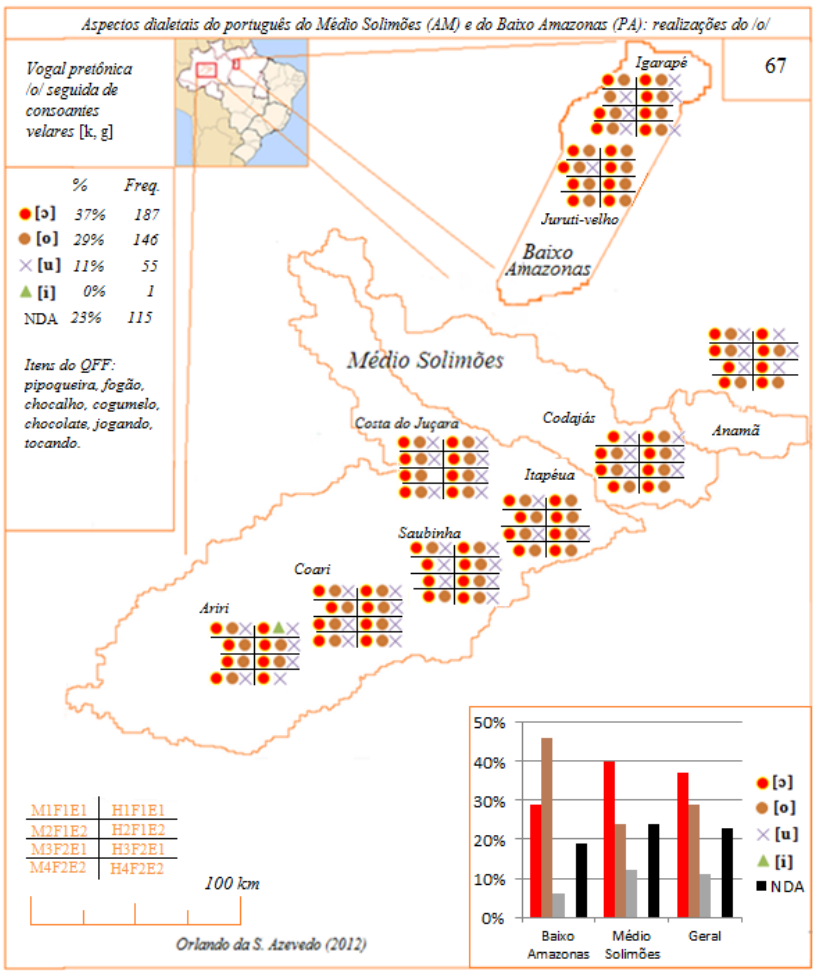
	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	19	30%	135	60%	154	3%
[o]	41	64%	64	29%	105	36%
[u]	2	3%	5	2%	7	2%
NDA	2	3%	20	9%	22	8%
Total	64	100%	224	100%	288	100%

#### d. Diante de consoantes velares

Na carta fonética 67, verificamos o comportamento da pretônica /o/ diante das consoantes velares [k, g]. A propensão nesse contexto foi pela abertura de /o/ em sua realização como [ɔ]. Apesar dessa predominância no cômputo geral, a diferença dialetal entre a região do Baixo Amazonas e a região do Médio Solimões se mostrou cada vez mais acentuada na visualização do gráfico da carta fonética 67, pois a alternância entre [o] e [ɔ] de uma região para outra caracterizou a variante dialetal específica em cada região amazônica.

Os percentuais gerais das realizações de /o/ diante de consoantes labiodentais foram os seguintes: o [ɔ] registrou 37%, o [o] 29% e o [u] 11% e o [i] 0%.

No Baixo Amazonas, o percentual da variante [o], a mais incidente nessa região, foi de 46%, enquanto a variante mais incidente [ɔ] no Médio Solimões, incluindo todos os sete pontos, obteve 40%. Mais uma vez, a manutenção da variante média alta [o] foi predominante no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões foi o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ].



Na Tabela 74, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoantes velares.

Tabela 74 Realizações de /o/ diante de consoantes velares

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	32	29%	155	40%	187	37%
[o]	52	46%	94	24%	146	29%
[u]	7	6%	48	12%	55	11%
[i]			1	0%	1	0%
NDA	21	19%	94	24%	115	23%
Total	112	100%	392	100%	504	100%

### e. Diante de consoantes palatais

Na carta fonética 68, o /o/ pretônico tende a se realizar como [u] diante de [ʎ].

As realizações do /o/ pretônico incidiram nos vocábulos *colhere gasolina*<sup>45</sup>, em cuja realização obtiveram-se os seguintes dados percentuais gerais do total de 144 ocorrências, a saber: diante de consoante palatal se realizou predominantemente como [u] com 71%, sendo seguida por [o] com 27% e por [ɔ] com 1%.

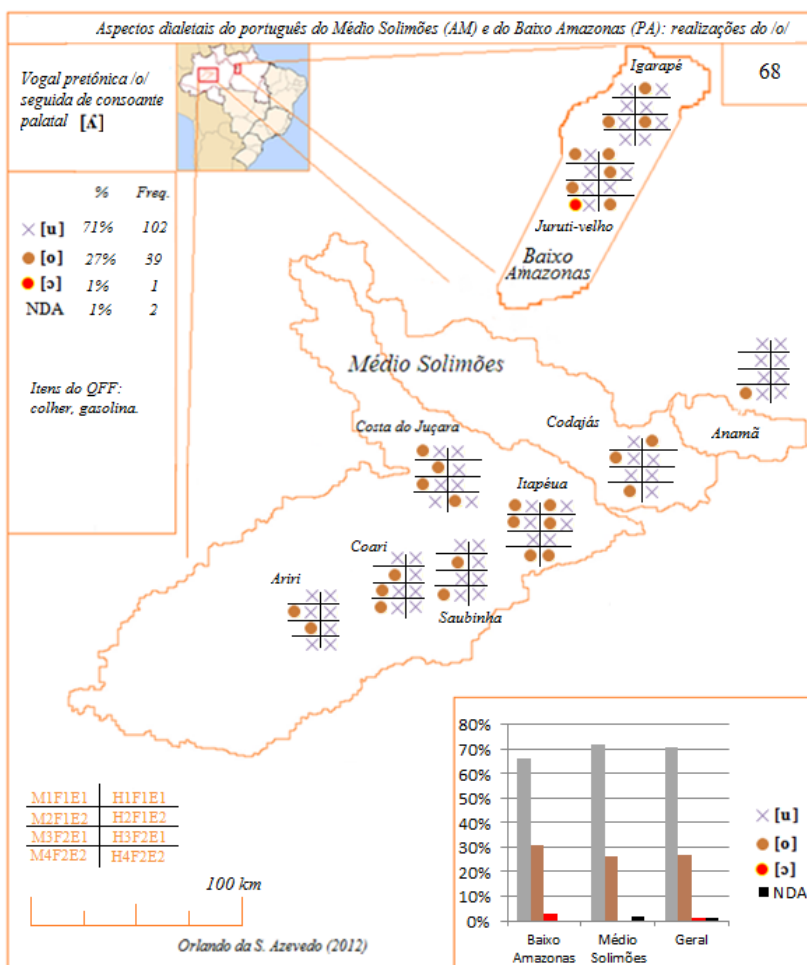
Essa tendência se espalha por região predominando no Baixo Amazonas com registro percentual de 66% e, no Médio Solimões, predominando com registro percentual de 72%. Portanto, o alteamento vocálico constitui o padrão dialetal nas duas regiões estudadas no uso da variante alta [u] nos vocábulos *colher* e *gasolina*, que foram transcritos, respectivamente, como [ku.ˈlɛ] e como [ga.zu.ˈʎi.nɐ]. Sabemos que, no vocábulo *gasolina*, o alteamento ocorreu com registro percentual de 85% (sessenta e uma ocorrências). Passamos, pois, a tecer algumas considerações sobre as realizações pretônicas de /o/ no vocábulo *colher*.

O alteamento nesse vocábulo foi categórico na cidade de Anamá (MS) se considerarmos apenas as sete respostas válidas, uma vez que nos esquecemos de aplicar a questão referente a esse léxico para a

<sup>45</sup>O grafema “lê” ou “l” nas pronúncias, por exemplo, dos vocábulos “lata”, “letra”, pode ser pronunciado como “lh” diante de vogal alta anterior [i]. É o que acontece com frequência nas regiões ora pesquisadas. O grafema “lh” corresponde no alfabeto fonético internacional ao fonema /ʎ/, que é uma consoante palatal no sistema do alfabeto fonético internacional.



informante M3E1F2. Em Itapêua (MS), a manutenção da variante média alta [o] obteve percentual de 75% (seis ocorrências). Essa predominância foi detectada na vila do Juruti-velho (BA), onde obteve-se 63% (cinco ocorrências). Os dados gerais no vocábulo *colher* apontam a predominância do fenômeno do alteamento de /o/ em sua realização como variante alta [u] com registro percentual de 58% (quarenta e duas ocorrências), enquanto a manutenção obteve 38% (vinte e oito ocorrências).



Na Tabela 75, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoantes palatais.

Tabela 75 Realizações de /o/ diante de consoantes palatais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	21	66%	81	72%	102	71%
[o]	10	31%	29	26%	39	27%
[ɔ]	1	3%			1	1%
NDA			2	2%	2	1%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

#### f. Diante de consoantes coronais

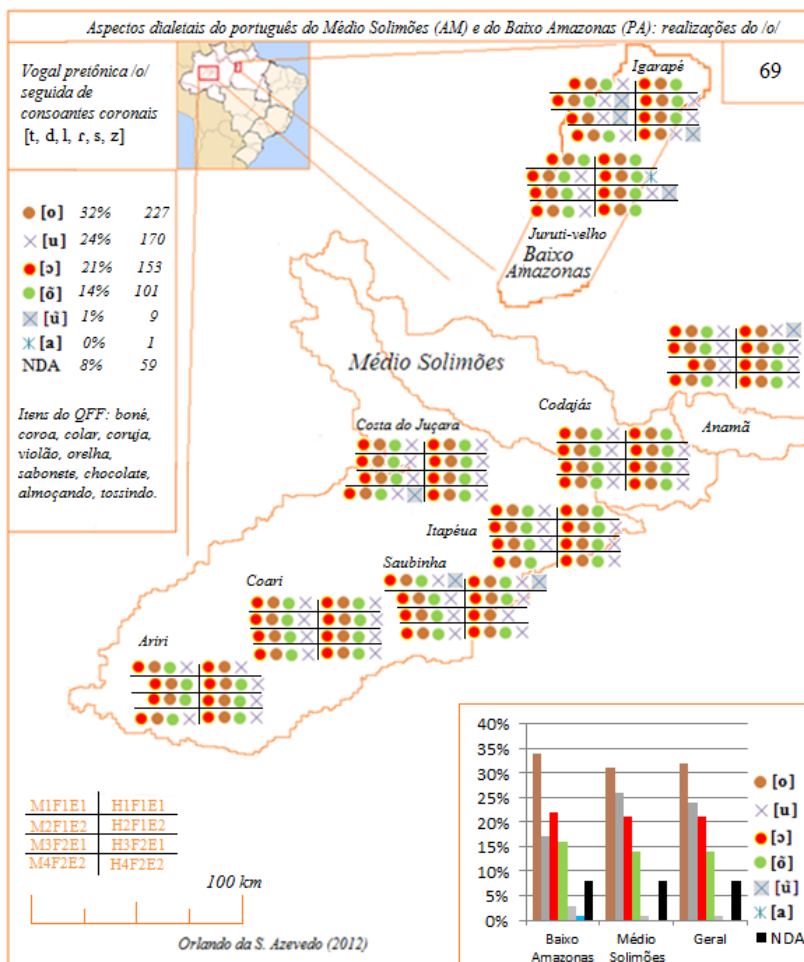
Na carta fonética 69, analisamos as realizações pretônicas de /o/ nos vocábulos *boné*, *coroa*, *colar*, *coruja*, *violão*, *orelha*, *sabonete*, *chocolate*, *almoçando* e *tossindo*, e verificamos que o comportamento da pretônica /o/, diante de consoantes coronais, foi bastante variado, pois apresentou seis variantes fonéticas, a saber: [o], [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [ã].

Os dados percentuais, do total de 720 ocorrências de /o/, foram os seguintes: [o] registrou 32%, [u] registrou 24%, [ɔ] registrou 21%, [õ] registrou 14%, [ũ] registrou apenas 1%, equivalente a dez ocorrências e [a] registrou, conforme arredondamento do *Excel*, 0%, equivalente a uma ocorrência apenas registrada no Juruti-velho (BA).

A tendência da ocorrência da variante média alta [o] se manteve mais forte no Baixo Amazonas do que no Médio Solimões, sendo que naquela região registrou 34% e nesta registrou 31%. A segunda variante mais expressiva no Baixo Amazonas foi a variante [ɔ], que obteve 22% e foi seguida por [u] com 17%, por [õ] com 16%, por [ũ] com 3% e por [a] com 1%.

No Médio Solimões, por sua vez, a segunda variante mais expressiva foi [u], que obteve um percentual de ocorrência em 26% e foi seguida por [ɔ] com 21%, por [õ] com 14% e por [ũ] com 1%.

Portanto, a manutenção da variante média alta [o] foi o fenômeno mais recorrente no cômputo geral e regional.



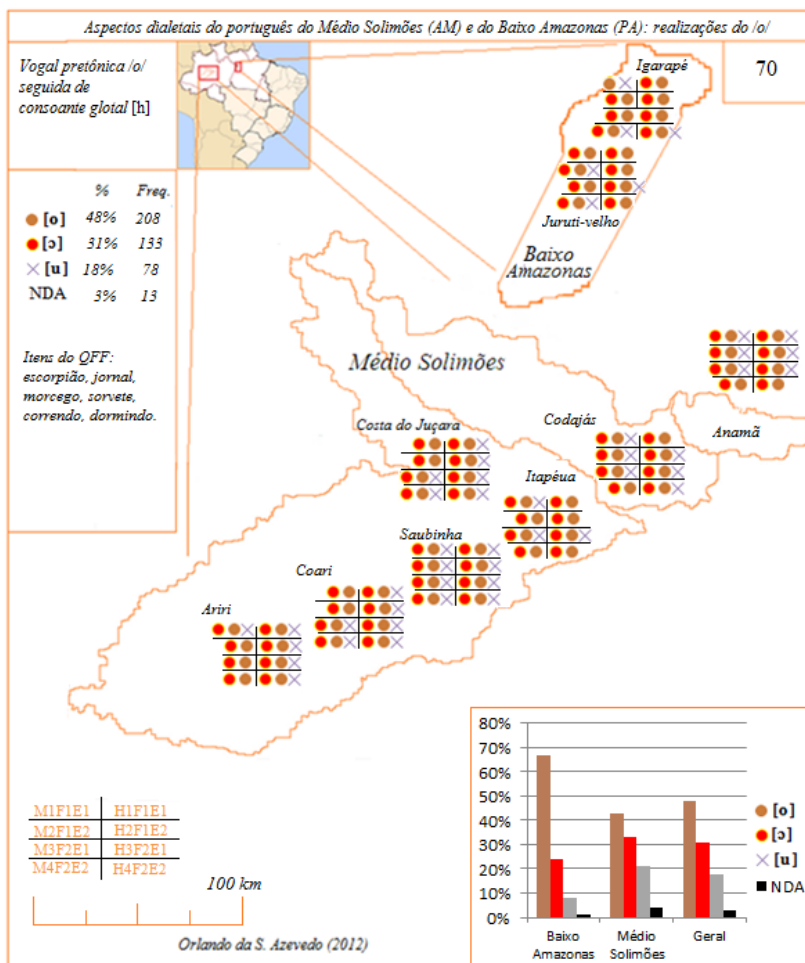
Visualizamos, na Tabela 76, os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoantes coronais.

Tabela 76 Realizações de /o/ diante de consoantes coronais

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	54	34%	173	31%	227	32%
[u]	27	17%	143	26%	170	24%
[ɔ]	35	22%	118	21%	153	21%
[õ]	25	16%	76	14%	101	14%
[ũ]	5	3%	4	1%	9	1%
[a]	1	1%			1	0%
NDA	13	8%	46	8%	59	8%
Total	160	100%	560	100%	720	100%

### g. Diante de consoante glotal

Na carta fonética 70, analisamos o comportamento da vogal pretônica /o/ diante de consoante glotal nos vocábulos *escorpião*, *jornal*, *morcego*, *sorvete*, *correndo* e *dormindo*. Do total de 720 ocorrências, o percentual das realizações de /o/ no contexto geral foram: 32% para [o], 24% para [u], 21% para [ɔ], 14% para [õ], 1% para [ũ] e 0% para [a] ou um ocorrência apenas registrada no Juruti-velho (BA). Sabemos, no cômputo geral, que, no vocábulo *escorpião*, predominou a manutenção da variante média alta [o], que, no vocábulo *jornal*, predominou o abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ], e que, no vocábulo *dormindo*, predominou o alteamento de /o/ em sua realização como [u]. Nos tópicos seguintes, verificamos os fenômenos vocálicos nos demais vocábulos. Por exemplo, no vocábulo *correndo*, o alteamento foi categórico na região do Médio Solimões, enquanto, no Baixo Amazonas, a manutenção da variante média alta [o] foi predominante com registro percentual de 69% (onze ocorrências do total de dezesseis). No vocábulo *morcego*, a manutenção da variante média alta obteve 75% (doze ocorrências) no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões, o alteamento obteve 59% (trinta e três ocorrências). Não houve nesse vocábulo nenhum registro da variante média baixa [ɔ], e a incidência de [o] foi maior quando o “erre” era pronunciado, pois houve casos de apagamento dessa consoante.



No vocábulo *sorvete*, manutenção é quase categórica, pois somente um informante do Médio Solimões pronunciou a variante alta [u] e dois informantes do Baixo Amazonas pronunciaram a variante média baixa [ɔ]. Também o apagamento do “erre” ocorreu nesse vocábulo com regularidade, porém não afetou a ocorrência expressiva do fenômeno da manutenção. Com exceção do vocábulo *correndo*, os demais possuem travamento silábico em “erre”. Com apagamento fonético ou não do “erre”, em três vocábulos, considerando os dados

gerais, foi predominantea manutenção, em um o abaixamento e em outro o alteamento.

No Baixo Amazonas, as variantes [o], [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [a] obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, de 34%, 17%, 22%, 16%, 3% e 1%. No Médio Solimões, por sua vez, as variantes [o], [u], [ɔ], [õ] e [ũ] obtiveram valores percentuais de 31%, de 26%, de 21%, de 14% e de 1%. Portanto, a manutenção da variante média alta [o] predominou no cômputo geral e regional.

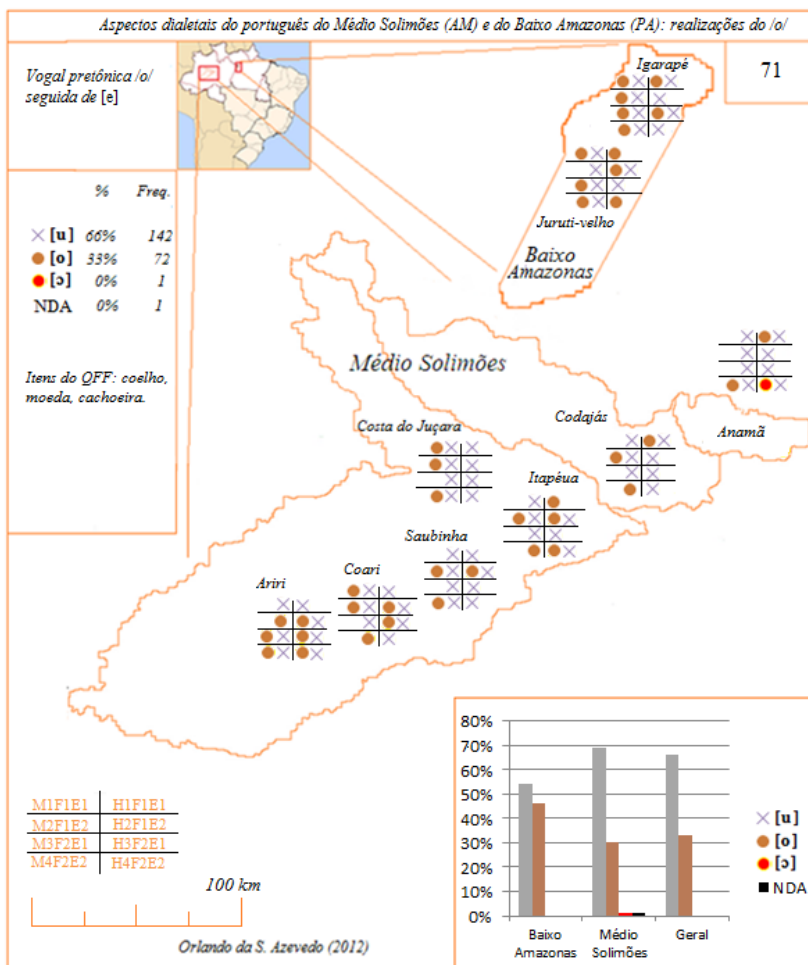
Na Tabela 77, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de consoante glotal.

Tabela 77Realizações de /o/ diante de consoante glotal

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	64	67%	144	43%	208	48%
[ɔ]	23	24%	110	33%	133	31%
[u]	8	8%	70	21%	78	18%
NDA	1	1%	12	4%	13	3%
Total	96	100%	336	100%	432	100%

**h. Diante de vogal média [e]**

Na carta fonética 71, verificamos se a vogal tônica [e] influenciou a pretônica /o/ em sua realização como [o]. Os valores percentuais gerais mostram a predominância do alteamento que ocorreu 66% do total de 216, e foi seguida por [o], que ocorreu 33%, e por [ɔ], que ocorreu 0%, equivalente a uma ocorrência apenas. Esse fenômeno foi mais expressivo no Médio Solimões, onde a variante alta [u] obteve 69%, enquanto no Baixo Amazonas tal variante obteve 54%.



Na Tabela 78, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [e].

Tabela 78 Realizações de /o/ diante de [e]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[u]	26	54%	116	69%	142	66%
[o]	22	46%	50	30%	72	33%
[ɔ]			1	1%	1	0%
NDA			1	1%	1	0%
Total	48	100%	168	100%	216	100%

### i. Diante de [ja]

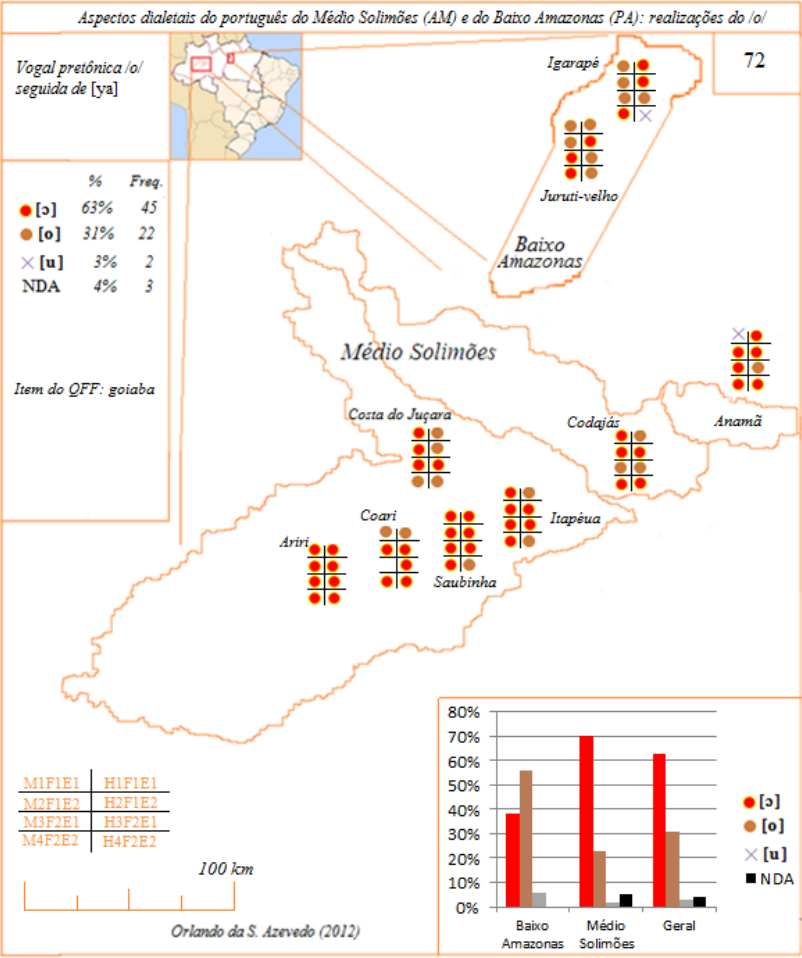
Na carta fonética 72, verificamos se o /o/ realizou como [ɔ] diante da sequência vocálica [ja].

No vocábulo *goiaba*, o /o/ se realizou, no geral, predominantemente, como [ɔ], obtendo 63% do total de setenta e duas ocorrências do /o/, e de forma menos expressiva se realizou como [o] e [u], respectivamente, com percentuais de ocorrência em 31% e em 3%, que equivalem a duas ocorrências apenas.

No Baixo Amazonas o [o] foi predominante, onde obteve 56% do total de dezesseis ocorrências envolvendo o /o/ pretônico. A variante [ɔ], a mais incidente no Médio Solimões, obteve registro percentual de 70% do total de cinquenta e seis possibilidades de incidência do /o/ nessa região. Enquanto todos os pontos dos mapas da carta fonética 72 apontam concorrência entre [ɔ] e [o], na comunidade Ariri, o abaixamento de /o/ para [ɔ] foi 100%.

Assim, temos novamente a manutenção da variante média alta como mais incidente no Baixo Amazonas e temos o abaixamento como o fenômeno predominando no Médio Solimões.





Na Tabela 79, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [ja].

Tabela 79 Realizações de /o/ diante de [ja]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɔ]	6	38%	39	70%	45	63%
[o]	9	56%	13	23%	22	31%
[u]	1	6%	1	2%	2	3%
NDA			3	5%	3	4%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

### j. Diante de [a]

Na carta fonética 73, analisamos os vocábulos *toalha* e *joaninha* para sabermos se diante de vogal baixa central [a], o /o/ se realizaria como variante média baixa [ɔ].

Os resultados mostram que o percentual de abertura de /o/ em sua realização como [ɔ] foi insignificante, não representando, por isso, o padrão dialetal nas duas regiões pesquisadas. O que ocorreu foi uma dissimilação entre a vogal tônica baixa central [a] e as variantes pretônicas mais expressivas nesse contexto, que foram a variante média alta [o] e a variante alta [u].

Os números absolutos no cômputo geral foram de 144 ocorrências de /o/, e por região foram trinta e duas no Baixo Amazonas e de cento e doze no Médio Solimões. Esses números absolutos no geral e por região estão distribuídos em números percentuais correspondentes às realizações pretônicas de /o/ nos parágrafos seguintes.

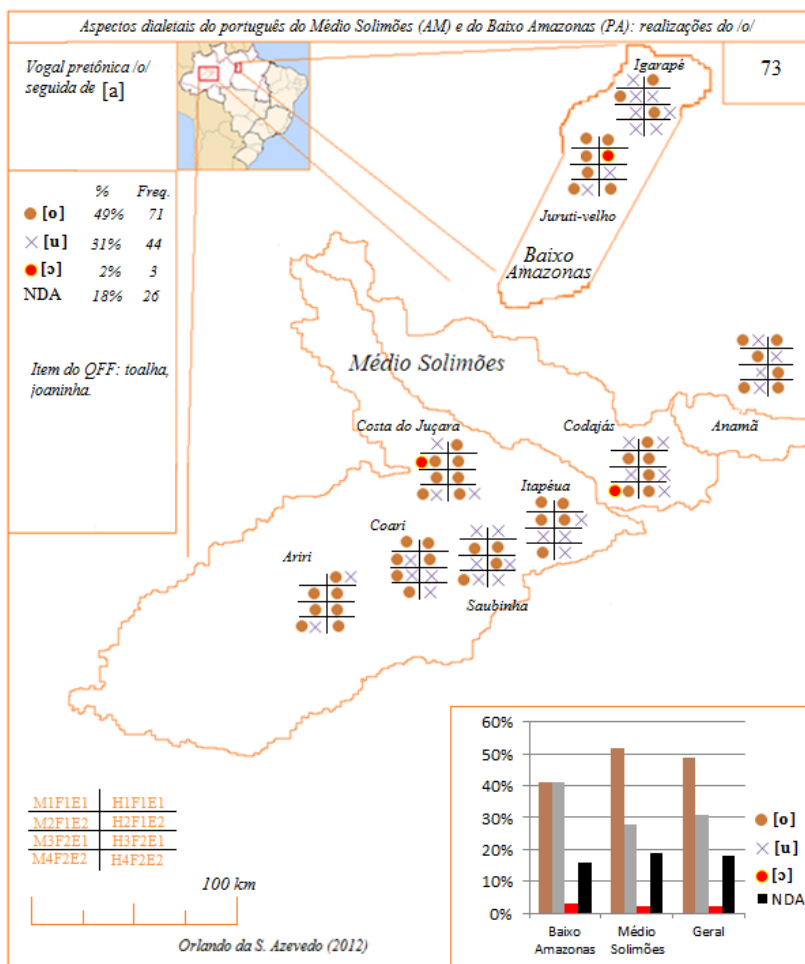
Diante da vogal baixa central oral [a], o /o/ pretônico, no geral, se realizou como [o] 49%, como [u] 31% e como [ɔ] 2%, equivalente a três ocorrências apenas registradas uma na Costa do Juçara (MS), uma na Cidade de Codajás (MS) e outra na vila do Juruti-velho (BA).

A concorrência vista nos mapas do Baixo Amazonas e do Médio Solimões, carta fonética 73, foi entre a variante média alta [o] e a variante alta [u], sendo de forma mais acirrada nas duas localidades paraenses com percentuais de ocorrência empatados em 41% e com a mesma frequência absoluta, sendo treze para cada variante.

Na região do Médio Solimões se sobressaiu de maneira mais expressiva a variante [o] com percentual de ocorrência em 52%, sendo seguida por [u] em 28% e por [ɔ] em 2%.

O vocábulo *joaninha*, em referência a um inseto com bolinhas pretas nas asas vermelhas, não foi consensual tal terminologia entre os falantes, pois alguns não sabiam denominar esse inseto, enquanto outros o chamam de *besouro*, *tracajá*, *tracajazinho* e *besourinho*.

Vimos que o alteamento e a manutenção predominaram no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões e no cômputo geral foi a manutenção.



Na Tabela 80, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [a].

Tabela 80 Realizações de /o/ diante de [a]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	13	41%	58	52%	71	49%
[u]	13	41%	31	28%	44	31%
[ɔ]	1	3%	2	2%	3	2%
NDA	5	16%	21	19%	26	18%
Total	32	100%	112	100%	144	100%

#### k. Diante de [ã]

Na carta fonética 74, verificamos no vocábulo *voando* se a propensão da pretônica /o/ foi pela abertura em sua realização como [ɔ] ou pelo fechamento total em sua realização como [u].

Em tal vocábulo, o /o/ pretônico, diante de vogal baixa central nasal [ã], se realizou, no cômputo geral, como [o], obtendo um percentual de ocorrência em 53% e como [u] em 47%. Houve, nos nove pontos de inquérito, informantes que optaram por responder [vu.'ã.du], enquanto outros optaram por responder [vo.'ã.du], totalizando, assim, setenta e duas ocorrências.

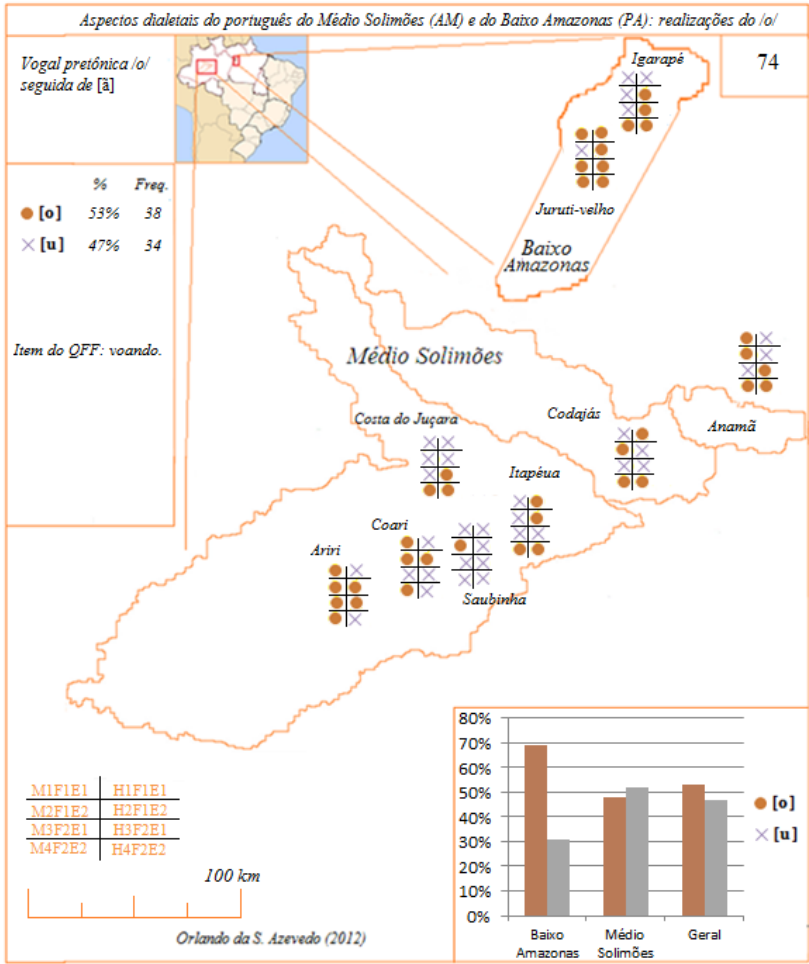
Empiricamente esperávamos uma incidência maior da variante alta [u], a mais antiga no repertório linguístico das localidades envolvidas nesta pesquisa.

Mas os resultados apontam a tendência maior de /o/ se realizando como [o]. Essa maior incidência de [o] se deve ao fato de as duas localidades do Baixo Amazonas obterem percentual de ocorrência em 69%, impondo uma diferença acentuada para a segunda variante [u], que obteve nessa região 31%, totalizando, assim, dezesseis possibilidades de incidência de /o/.

No Médio Solimões, por sua vez, a variante alta [u] predominou registrando um percentual de 54% das ocorrências do /o/, enquanto a variante [o] obteve 46% do total de cinquenta e seis. As localidades do Médio Solimões, onde o [u] foi mais recorrente foram Saubinha e Costa

do Juçara com registros percentuais, respectivamente, de 88% e de 63% do total de oito ocorrências em cada localidade.

Dessa forma, com a predominância da variante média alta [o] no Baixo Amazonas e no cômputo geral fica caracterizado o fenômeno da manutenção, enquanto no Médio Solimões predominou a variante alta [u], caracterizando o fenômeno do alteamento de /o/.



Na Tabela 81, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ diante de [ã].

Tabela 81 Realizações de /o/ diante de [ã]

	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Variante	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	11	69%	27	48%	38	53%
[u]	5	31%	29	52%	34	47%
Total	16	100%	56	100%	72	100%

### 6.3.8.1 Considerações sobre as realizações do /o/ pretônico no contexto seguinte

Foram doze contextos seguintes, onde as realizações pretônicas do /o/ incidiram por região e no cômputo geral. Podemos visualizar os resultados das vogais pretônicas predominantes em seus respectivos contextos na Tabela 82, os quais foram os seguintes:

1. O alteamento de /o/, em sua realização como [u], seguido de consoante alveolopalatal, palatal e das realizações do /S/, predominou nas duas regiões; e seguido da vogal tônica [a], formadora de hiato, predominou apenas na região do Baixo Amazonas;
2. O abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], seguido de consoante labiodental, predominou nas duas regiões estudadas; e, seguido de consoante velar e do encontro vocálico [ja], predominou somente na região solimoense;
3. A manutenção de /o/, em sua realização como [o], seguido de consoante coronal, glotal, vogal tônica [a] e vogal tônica [ã], predominou nas duas regiões estudadas; e, seguida de consoante velar e do encontro vocálico [já], predominou apenas na região do Baixo Amazonas; e, como variante média alta nasal [õ], seguida de consoante bilabial, predominou nas duas regiões amazônicas.

No Baixo Amazonas, praticamente não houve espaço para a incidência da variante média baixa [ɔ], pois esta ocorreu somente diante de consoante labiodental com registro percentual de 64%. Portanto, o contexto seguinte de /o/ não foi propenso à ocorrência do fenômeno do abaixamento.

Por outro lado, verificamos que dos doze contextos enumerados na Tabela 82, em um ocorreu a variante média alta nasal [õ] com registro percentual de 66% diante de bilabial; em quatro, ocorreu a variante alta [u] com registros percentuais, respectivamente, de 88% diante de alveolopalatal, de 66% diante de palatal, de 48% diante do arquifonema /S/ e de 54% diante de [e]; em cinco ocorreu a variante média alta [o] com registro percentual de 46% diante de velar, 34% diante de coronal, 67% diante de glotal, 69% diante de [ã] e 56% diante de [ja]; e em um contexto houve uma incidência dupla envolvendo as variantes [o] e [u] com registro percentual de 41% cada diante de [a].

Tabela 82 Realizações do /o/ no contexto seguinte

Nº	/o/ seguido	Baixo Amazonas	Médio Solimões	Geral
1	Bilabial	66% [õ]	52% [õ]	55% [õ]
2	Labiodental	64%    [ɔ]	60% [ɔ]	53% [ɔ]
3	Alveolopalatal	88% [u]	80% [u]	82% [u]
4	Palatal	66% [u]	72% [u]	71% [u]
5	Velar	46% [o]	40% [ɔ]	37% [ɔ]
6	/S/	48% [u]	49% [u]	49% [u]
7	Coronal	34% [o]	31% [o]	32% [o]
8	Glotal	67% [o]	43% [o]	48% [o]
9	[e]	54% [u]	69% [u]	66% [u]
10	[a]	41% [o] e [u]	52% [o]	49% [o]

11	[ã]	69%	48%	53%
		[o]	[o]	[o]
12	[ja]	56%	70%	63%
		[o]	[o]	[o]

No Médio Solimões, a abrangência do abaixamento de /o/ para [ɔ] se estendeu para o contexto labiodental, velar e [ja] com registros percentuais, respectivamente, de 60%, de 40% e de 70%. No contexto bilabial seguinte, ocorreu a variante média alta nasal [õ] com registro percentual de 52%. O alteamento de /o/, em sua realização como [u], ocorreu diante de alveolopalatal com registro percentual de 80%, diante de palatal com 72%, diante do arquifonema /S/ com 49%, e diante de [e] com registro percentual de 69%. Os quatro últimos contextos foram propensos à ocorrência da variante média alta [o], a saber: diante de coronal, glotal, diante de [a] e diante de [ã] com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 31%, em 43%, em 52% e em 48%.

A mesma tendência de predominância percentual das ocorrências das realizações pretônicas de /o/ do Médio Solimões se aplicam ao cômputo geral.

Em resumo, no contexto seguinte predominaram os seguintes fenômenos vocálicos:

No Baixo Amazonas

- a. Manutenção em seis contextos: bilabial, velar, coronal, glotal, [ã] e [ja];
- b. Manutenção e alteamento em um contexto: [a];
- c. Abaixamento em um contexto: labiodental;
- d. Alteamento em quatro contextos: alveolopalatal, palatal, /S/ e [e].

No Médio Solimões e no Geral

- a. Manutenção em cinco contextos: bilabial, coronal, glotal, [a] e [ã];
- b. Abaixamento em três contextos: labiodental, velar e [ja].
- c. Alteamento em quatro contextos: alveolopalatal, palatal, /S/ e [e].

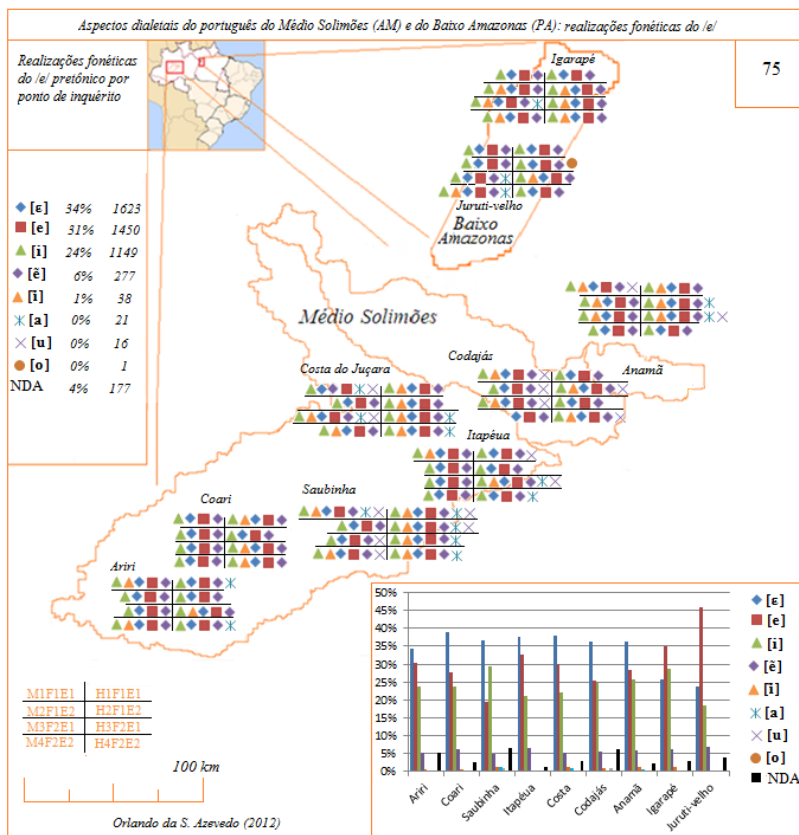


## **6.4 As realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto extralinguístico**

Verificaremos se no eixo diatópico, haverá diferenças significativas entre a Região do Médio Solimões e a do Baixo Amazonas no que diz respeito às ocorrências das pretônicas /e/ e /o/. Verificaremos também se houve diferença ao levarmos em consideração os parâmetros sociais como gênero, escolaridade e faixa etária. Dessa forma, pretendemos saber se as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ foram mais incidentes entre a região do Baixo Amazonas e a região do Médio Solimões, entre homens e mulheres, entre menos escolarizados e mais escolarizados e entre informantes da faixa etária de 18 a 30 anos e a faixa etária de 50 a 65 anos.

### **6.4.1 As realizações da vogal média pretônica /e/ no contexto diatópico**

Nos dados gerais da carta fonética 75, computamos 4.752 ocorrências das realizações do /e/ pretônico, das quais 1.623 (34%) foram para [ɛ], 1.450 (31%) foram para [e], 1.149 (24%) para [i], 277 (6%) foram para [ẽ], trinta e oito (1%) foram para [ĩ], vinte e uma (0%) foram para [a], dezesseis (0%) foram para [u], um (0%) foi para [o] e 177 (4%) foram para NDA (incluindo variantes lexicais, respostas não dadas e perguntas não feitas na ocasião das entrevistas).



Em todos os pontos da região do Médio Solimões, onde foi aplicado o questionário fonético-fonológico, houve predominância da variante média baixa anterior [ɛ] com 1.361 ocorrências, que equivalem a 37% do total de 3.696 possibilidades de incidência de /e/ nessa região. Os falantes se identificaram, na maioria, com essa variante média baixa, que possui formas estáveis no dialeto local. Merecem ainda relevância as alternantes [e] e [i], que obtiveram frequência, respectivamente, de 1.022, equivalentes a 28%, e de 900, equivalentes a 24%. As realizações vocálicas de /e/ mostram a configuração atual do dialeto solimoense com formas estáveis no contexto onde ocorreram.

No Baixo Amazonas, por sua vez, das 1.056 ocorrências de /e/, a variante média alta [e] incidiu 428 vezes, equivalentes a 41% do total. Essa margem foi expressiva em comparação as ocorrências de [ɛ], que

obteve 262 equivalentes 25%, as de [i], que obteve 249 equivalentes a 24% do total dessa região.

Em cada ponto de inquérito do Médio Solimões, o abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] foi mais significativo, sendo esta variante seguida sempre pela variante média alta [e] e pela variante alta [i], exceto no Saubinha em que a sequência do mais frequente para o menos frequente, em se tratando das três variantes mais incidentes, foi média baixa, [ɛ], alta [i] e média alta [e].

Temos os seguintes percentuais para a variante mais expressiva [ɛ] nos sete pontos do Médio Solimões, a saber: em Ariri, o registro percentual foi de 34%; em Coari foi de 39%, no Saubinha foi de 37%, no Itapéua foi de 38%, na Costa do Juçara foi de 38%, em Codajás foi de 36% e em Anamá foi de 36%. Dos sete pontos do Médio Solimões, Coari obteve maior incidência em relação ao percentual de abertura do /e/ pretônico em sua realização como [ɛ].

Por outro lado, nos dois pontos do Baixo Amazonas, a variante média alta [e] foi mais expressiva, sendo seguido por [i] e por [ɛ] no Igarapé, e sendo seguida por [ɛ] e por [i] na vila do Juruti-velho. Das duas localidades do Baixo Amazonas, o percentual de ocorrência da variante média alta [e] foi maior na vila do Juruti-velho, onde obteve um registro percentual de 46%, enquanto no Igarapé do Juruti-velho, o registro percentual foi de 35%.

Portanto, as duas regiões amazônicas constituem-se em comunidades linguísticas diferentes, pois, em todos os pontos do Médio Solimões, sobressaiu-se a variante média baixa [ɛ] e nos dois pontos do Baixo Amazonas se sobressaiu a variante média alta [e].

Na Tabela 83 e 84, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações de /e/ por ponto de inquérito.

Tabela 83 Realizações de /e/ em Ariri, Coari, Saubinha, Itapéua e Costa

Variante	Ariri		Coari		Saubinha		Itapéua		Costa	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ɛ]	182	34%	206	9%	193	37%	198	38%	200	38%

[e]	160 30%	146 8%	103 20%	172 33%	158 30%
[i]	126 24%	126 4%	155 29%	111 21%	116 22%
[ẽ]	28 5%	33 6%	25 5%	34 6%	27 5%
[ĩ]	3 1%	3 1%	6 1%	2 0%	6 1%
[a]	2 0%		7 1%	2 0%	4 1%
[u]			5 1%	2 0%	2 0%
[o]					
NDA	27 5%	14 3%	34 6%	7 1%	15 3%
Total	528 100%	528 100%	528 100%	528 100%	528 100%

Tabela 84 Realizações de /e/ em Codajás, Anamã, Igarapé e Juruti

Variante	Codajás		Anamã		Igarapé		Juruti	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[ẽ]	191	36%	191	36%	136	26%	126	24%
[e]	134	25%	149	28%	185	35%	243	46%
[i]	131	25%	135	26%	151	29%	98	19%
[ẽ]	30	6%	31	6%	33	6%	36	7%
[ĩ]	4	1%	6	1%	6	1%	2	0%
[a]			3	1%	1	0%	2	0%
[u]	5	1%	2	0%				
[o]							1	0%
NDA	33	6%	11	2%	16	3%	20	4%
Total	528	100%	528	100%	528	100%	528	100%

Diante dessas ocorrências pretônicas predominantes, distribuímos os fenômenos da manutenção e abaixamento do /e/ pretônico por ponto de inquérito:

No Baixo Amazonas

- Igarapé do Juruti-velho: manutenção em 35%;
- Vila do Juruti-velho: manutenção em 46%.

No Médio Solimões

- a. Ariri: abaixamento em 34%;
- b. Coari: abaixamento em 39%;
- c. Saubinha: abaixamento em 37%;
- d. Itapéua: abaixamento em 38%;
- e. Costa do Juçara: abaixamento em 38%;
- f. Codajás: abaixamento em 36%;
- g. Anamã: abaixamento em 36%.

#### **6.4.2 As realizações da vogal média pretônica /e/ por gênero/sexo**

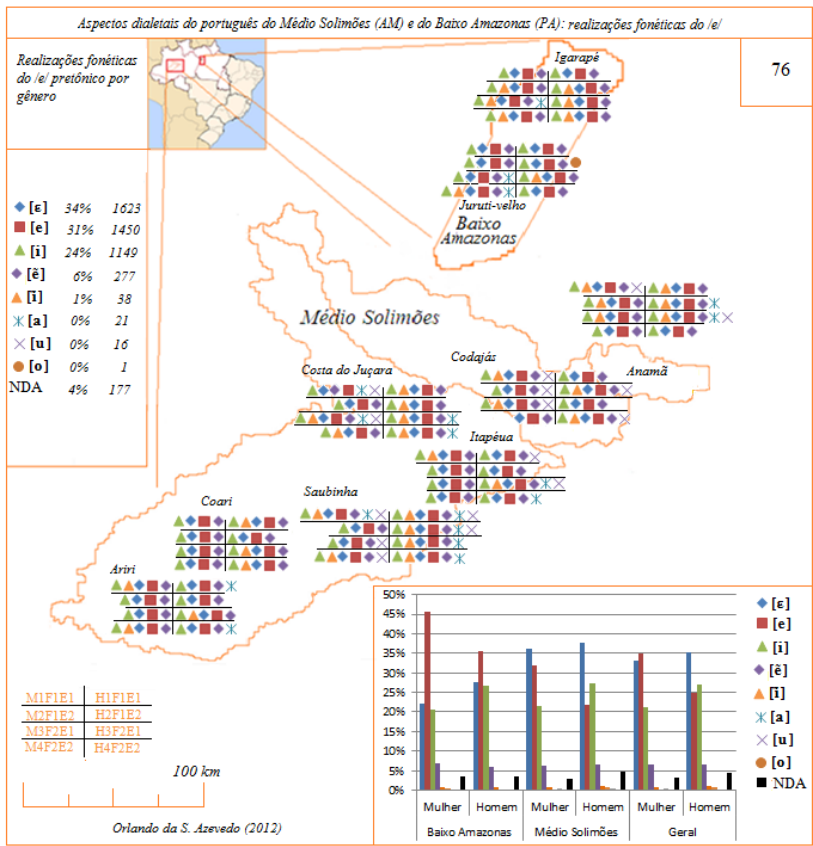
Na carta fonética 76, verificamos se a variável sexo influenciou na prolação das variantes pretônicas de /e/. A propensão no feminino é pela variante média alta [e], relativamente mais prestigiosa, enquanto a propensão no masculino é pela variante média baixa [ɛ] ou pela variante alta [i], relativamente mais estigmatizadas. Os resultados podem ser visualizados na carta fonética 76.

No cômputo geral da carta fonética 76, as mulheres usam mais a variante média alta [e], que foi seguida da variante média baixa [ɛ] com percentuais de ocorrência em 35% para aquela e em 33% para esta. Nesse parâmetro, ainda, o /e/ se realizou como [i] com registro percentual de 21%, como [ẽ] com 6%, como [ĩ] com 1% e como [a] e [u] com 0% cada. As perguntas não feitas, variação lexical e perguntas não respondidas pelos informantes totalizaram 3% nesse parâmetro.

No cômputo geral, ainda, os homens preferem a variante média baixa [ɛ], que obteve registro percentual de 35%, seguida por [i] com 27%, por [e] com 25%, por [ẽ] com 7%, por [ĩ] e por [a] com 1% cada, por [u] e por [o] com 0% cada e 4%, equivalentes a nenhuma das respostas anteriores (incluindo perguntas não feitas, variação lexical e perguntas não respondidas pelos informantes). Dessa forma, segundo o parâmetro gênero, no feminino se sobressaiu a variante fechada [e], e no masculino destacamos a variante aberta [ɛ].

No Baixo Amazonas, a variante média alta [e] foi predominante nos dois gêneros obtendo um registro percentual de 46% para o feminino e 35% para o masculino. As demais variantes [ɛ], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u], [u] e NDA obtiveram percentuais de ocorrência no feminino, respectivamente, em 22%, em 21%, em 7%, em 1%, em 1%, em 0%, em 0% e em 3%, enquanto no masculino tal sequência vocálica obteve

registros percentuais, respectivamente, de 28%, de 27%, de 6%, de 1%, de 0%, de 0%, de 0% e de 3%.



No Médio Solimões, foi a vez de a variante média baixa [ε] ser mais incidente nos dois gêneros com percentuais de ocorrência em 36% para o feminino e em 38% para o masculino. As demais variantes [e], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u], [u] e NDA incidiram com percentuais respectivos de 32%, de 22%, de 22%, de 7%, de 1%, de 1%, de 0%, de 0% e de 5%.

Em resumo, os fenômenos vocálicos mais recorrentes segundo o parâmetro gênero foram:

No Baixo Amazonas

- a. Feminino: manutenção em 46%;
- b. Masculino: manutenção em 35%.

No Médio Solimões

- a. Feminino: abaixamento em 36%
- b. Masculino: abaixamento em 38%.

No cômputo geral envolvendo as duas regiões

- a. Feminino: manutenção em 35%;
- b. Masculino: abaixamento em 35%;

#### **6.4.3As realizações da vogal média pretônica /e/ por escolaridade**

Na carta fonética 77, verificamos se a variável escolaridade influenciou na produção das variantes pretônicas de /e/. A propensão na escolaridade 1 (analfabeto ou com escolaridade até a 4ª série) é pela variante média baixa [ɛ] ou pela variante alta [i], relativamente menos prestigiosas, enquanto a propensão na escolaridade 2 (acima da 4ª. série) é pela variante média alta [e], relativamente mais prestigiosa. Os resultados podem ser visualizados na carta fonética 77.

Na carta fonética 77, ao levarmos em consideração o contexto geral, o /e/ segundo o parâmetro escolaridade 1 se realizou como [ɛ] em 34%, como [i] em 27% e como [e] em 27%. No parâmetro escolaridade 2, as variantes [e] e [ɛ] estão praticamente empatadas com percentuais de ocorrência em 34% diferenciando-se apenas quanto à frequência, sendo 816 para [e] e em 812 para [ɛ]. A variante alta [i] na escolaridade 2 ocorreu 21% das vezes. Por sua vez, a variante nasalizada [ẽ] ocorreu 6% em ambas as escolaridades. Por último, as demais variantes pouco expressivas [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram na escolaridade 1 percentuais de ocorrência, respectivamente, em 1%, em 1%, em 0% e em 0%, enquanto tal sequência de pretônicas obtiveram registros percentuais na escolaridade 2 de 1%, de 0%, de 0%, e de 0%.

Por região, primeiramente no Baixo Amazonas, onde prevaleceu tanto na escolaridade 1 quanto na escolaridade 2 a variante média alta [e], sendo esta mais expressiva na escolaridade 2 (informantes com escolaridade mais avançada) com percentual de ocorrência em 42%,





diferenciando-se apenas quanto à frequência, sendo que na escolaridade 1 foi de 679 e de 682 na escolaridade 2. As demais variantes [e], [i], [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram na escolaridade 1 registro percentuais, respectivamente, de 23%, de 27%, de 5%, de 1%, de 1%, de 1% e de 0%, enquanto, na escolaridade 2, tal sequência de realizações pretônicas obteve registros percentuais de 32%, de 21%, de 6%, de 1%, de 0%, de 0% e de 0%.

Em resumo, os fenômenos vocálicos mais recorrentes segundo o parâmetro escolaridade foram:

No Baixo Amazonas

- a. Escolaridade 1 (até a 4ª série): manutenção em 39%;
- b. Escolaridade 2 (acima da 4ª série) : manutenção em 42%.

No Médio Solimões

- a. Escolaridade 1 (até a 4ª série): abaixamento em 37%
- b. Escolaridade 2 (acima da 4ª série): abaixamento em 37%.

No cômputo geral envolvendo as duas regiões

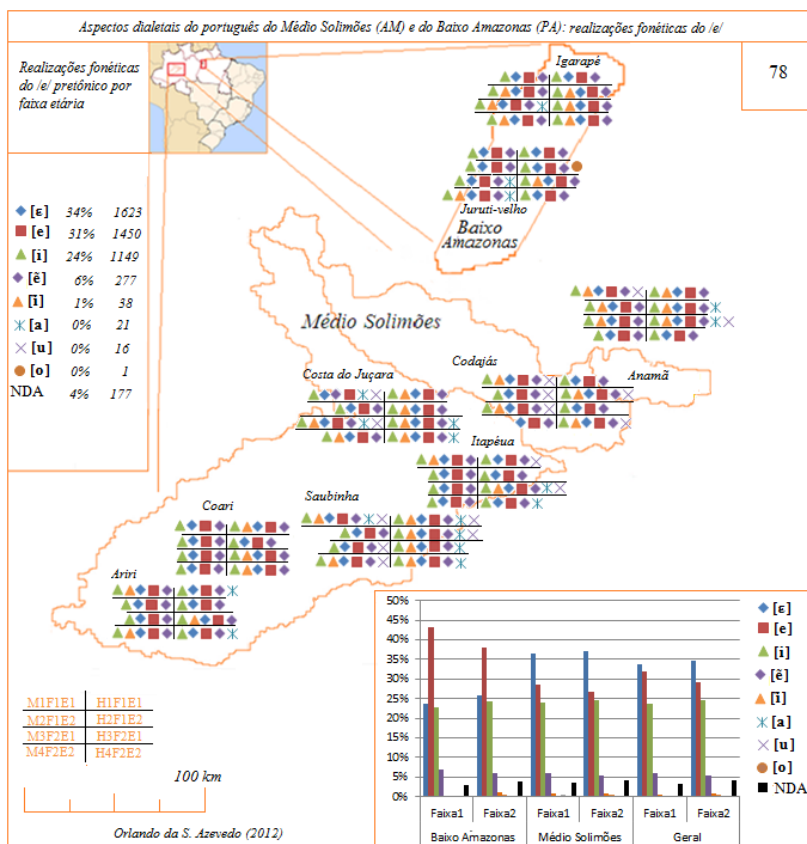
- a. Escolaridade 1 (até a 4ª série): abaixamento em 34%;
- b. Escolaridade 2 (acima da 4ª série): abaixamento e manutenção em 34% cada.

#### **6.4.4 As realizações da vogal média pretônica /e/ por faixa etária**

Na carta fonética 78, verificamos se a variável faixa etária influenciou na prolação das variantes pretônicas de /e/. A propensão na faixa 1 (de 18 a 30 anos) é pela variante média alta [e], relativamente mais prestigiosa, enquanto a propensão na faixa 2 (de 50 a 65 anos) é pela variante alta [i] ou pela variante média baixa [ɛ], relativamente menos prestigiosas. Os resultados podem ser visualizados na carta fonética 78.

Nessa carta, ao considerarmos o cômputo geral de 4.752 ocorrências, o /e/ segundo o parâmetro faixa etária1 (18-30) se realizou como [ɛ] 34%, como [e] 32%, como [i] 24%, como [ẽ] 6%, como [ĩ] 1% e como [a], [u] e [o] 0% cada. Na faixa etária 2 (de 50 a 65 anos), a sequência percentual decrescente, da mais expressiva para a menos expressiva, foi a seguinte: a variante [ɛ] obteve 35%, [e] obteve 29%, [i] obteve 25%, [ẽ] obteve 6%, [ĩ] e [a] obtiveram 2% cada e as demais variantes menos expressivas [u] e [o] obtiveram 0% cada. Portanto, o

percentual de abertura da pretônica /e/, em sua realização como [ɛ], foi maior na faixa 2 (com informantes mais velhos).



Por região, no Baixo Amazonas manteve-se a mesma tendência dos demais parâmetros, ou seja, a variante média alta [e] foi mais expressiva, e da mesma forma sucedeu no Médio Solimões com a variante média baixa [ɛ].

Os percentuais da variante mais expressiva no Baixo Amazonas na faixa 1 (de 18 a 30 anos) e na faixa 2 (de 50 a 65anos) foram, respectivamente, de 43% e de 38%, ou seja, a variante média alta [e] foi mais frequente no relatório linguístico dos jovens. Na faixa 1 (18 a 30 anos), as demais variantes [ɛ], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, em 24%, em 23%, em 7%,

em 0%, em 0%, em 0% e em 0%, enquanto os dados percentuais seguindo a mesma sequência vocálica foram na faixa etária 2 de 26%, de 24%, de 6%, de 1%, de 1%, de 0% e de 0%.

No Médio Solimões, a variante média baixa [ɛ] foi mais incidente tanto na faixa 1 (de 18 a 30 anos) quanto na faixa 2 ( de 50 a 65 anos ), sendo que o percentual de abertura de /e/ foi 36% naquela e nesta 37%. As demais variantes pretônicas [e], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 29%, de 24%, de 6%, de 1%, de 0%, de 0% e de 0% na faixa 1 (de 18 a 30 anos), enquanto na faixa 2 ( de 50 a 65 anos ) essas variantes vocálicas obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 27%, de 25%, de 5%, de 1%, de 1%, de 0% e de 0%.

Em resumo, os fenômenos vocálicos mais recorrentes segundo o parâmetro faixa etária foram:

No Baixo Amazonas

- a. Faixa 1 (de 18 a 30 anos): manutenção em 43%;
- b. Faixa 2 (de 50 a 65 anos) : manutenção em 38%.

No Médio Solimões

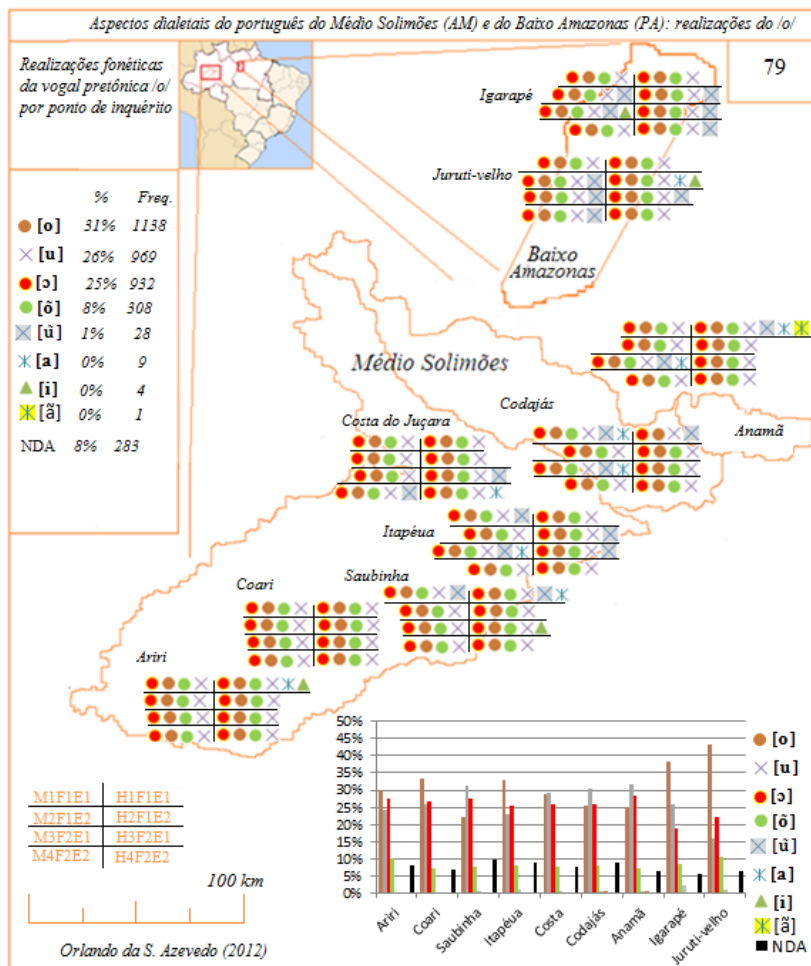
- a. Faixa 1 (de 18 a 30 anos): abaixamento em 36%
- b. Faixa 2 (de 50 a 65 anos): abaixamento em 37%.

No cômputo geral envolvendo as duas regiões

- a. Faixa 1 (de 18 a 30 anos): abaixamento em 34%;
- b. Faixa 2 (de 50 a 65 anos): abaixamento em 35%.

#### **6.4.5 As realizações da vogal média pretônica /o/ no contexto diatópico**

Nos dados gerais da carta fonética 79, do total de 3.672 ocorrências de /o/, 1.138 ou 31% foram para a incidência de [o], 969 ou 26% foram para a incidência de [u], 932 ou 25% foram para a incidência de [ɔ], 308 ou 8% foram para a incidência de [õ], vinte e oito ou 1% foi para a incidência de [ũ], nove ou 0% foi para a incidência de [a], quatro ou 0% foi para a incidência de [i] e um ou 0% para a incidência de [ã] e 283 ou 8% para NDA (incluindo variantes lexicais, respostas não dadas e perguntas não feitas na ocasião das entrevistas).



Na região do Médio Solimões, computamos 2.856 ocorrências da pretônica /o/, das quais se destacaram as variantes [ɔ], [o] e [u], as mais incidentes, pois apresentaram números absolutos e percentuais bastante próximos, respectivamente, 765 (27%), 805 (28%) e 798 (28%). Isso ocorreu, porque houve uma alternância de vogais nos diferentes pontos de inquérito dessa região. Por exemplo, em Ariri, em Coari e em Itapêua, a variante média alta [o] foi mais incidente com dados percentuais de 29%, de 33% e de 33%, respectivamente, enquanto a variante alta [u] ocorreu mais vezes na Costa do Juçara, no Saubinha,

em Codajás e em Anamã com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 29%, em 31%, em 30% e em 32%. A variante média baixa [ɔ] foi a segunda mais expressiva em Ariri, em Coari e em Itapéua com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 28%, em 27% e em 25%.

No Baixo Amazonas, por sua vez, da mesma forma que houve predominância acentuada da variante média alta anterior [e], a variante média alta posterior [o] foi muito mais expressiva do que [ɔ] e [u]. Nessa região, foram 816 ocorrências de /o/ distribuídas em 333 equivalentes a 41% para [o], em 171 equivalentes a 21% para [u], em 167 equivalentes a 20% para [ɔ]. No Igarapé do Juruti-velho, houve registros percentuais de 38%, de 26%, de 19%, de 9%, de 2% e de 0%, respectivamente, para as variantes [o], [ɔ], [õ], [ũ] e [i], enquanto, na vila do Juruti-velho, os percentuais foram de 43%, de 16%, de 22%, de 11%, de 1%, de 0% e de 0%, respectivamente, para as variantes [o], [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i].

Na Tabela 85 e 86, visualizamos os dados em números percentuais e em números absolutos das realizações pretônicas de /o/ por ponto de inquérito.

Tabela 85 Realizações de /o/ em Ariri, Coari, Saubinha, Itapéua e Costa

Variante	Ariri		Coari		Saubinha		Itapéua		Costa	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	120	29%	136	33%	91	22%	135	33%	117	29%
[u]	99	24%	106	26%	128	31%	93	23%	119	29%
[ɔ]	113	28%	109	27%	113	28%	104	25%	105	26%
[õ]	41	10%	29	7%	32	8%	33	8%	32	8%
[ũ]					2	0%	5	1%	2	0%
[a]	1	0%			1	0%	1	0%	1	0%
[i]	1	0%			1	0%				
[ã]										
NDA	33	8%	28	7%	40	10%	37	9%	32	8%
Total	408	100%	408	100%	408	100%	408	100%	408	100%

Tabela 86 Realizações de /o/ em Codajás, Anamã, Igarapé e Juruti

Variante	Codajás	Anamã	Igarapé	Juruti
----------	---------	-------	---------	--------

	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
[o]	104	25%	102	25%	156	38%	177	43%
[u]	124	30%	129	32%	106	26%	65	16%
[ɔ]	106	26%	115	28%	77	19%	90	22%
[õ]	33	8%	30	7%	35	9%	43	11%
[ũ]	2	0%	3	1%	10	2%	4	1%
[a]	2	0%	2	0%			1	0%
[i]					1	0%	1	0%
[ã]			1	0%				
NDA	37	9%	26	6%	23	6%	27	7%
Total	408	100%	408	100%	408	100%	408	100%

Portanto, a região do Baixo Amazonas, representada na amostra de duas localidades interioranas do Estado do Pará, possui uma forte ocorrência de variantes médias altas [e] e [o], enquanto na região do Médio Solimões a variante aberta [ɛ] nas realizações de /e/ foi mais incidente e nas realizações de /o/ houve um equilíbrio entre [o] e [u] por conta das disparidades estatísticas apresentadas nos pontos de inquérito.

Diante dessas ocorrências pretônicas predominantes, distribuímos os fenômenos da manutenção, abaixamento e alteamento do /o/ pretônico por ponto de inquérito:

No Baixo Amazonas

a. Igarapé do Juruti-velho: manutenção em 38%;

b. Vila do Juruti-velho: manutenção em 43%.

No Médio Solimões

a. Ariri: manutenção em 29%;

b. Coari: manutenção em 33%;

c. Saubinha: alteamento em 31%;

d. Itapéua: manutenção em 33%;

e. Costa do Juçara: alteamento em 29%;

f. Codajás: alteamento em 30%;

g. Anamá: alteamento em 32%.

#### 6.4.6 As realizações da vogal média pretônica /o/ por gênero/sexo

Na carta fonética 80, verificamos se a variável sexo influenciou na prolação das variantes pretônicas de /o/. A propensão no feminino é

pela variante média alta [o], relativamente mais prestigiosa, enquanto a propensão no masculino é pela variante média baixa [ɔ] ou pela variante alta [u], relativamente mais estigmatizadas. Os resultados podem ser visualizados na carta fonética 80.

Nessa carta fonética, as realizações do /o/, segundo o parâmetro social gênero, apresentou os seguintes percentuais gerais: tanto no feminino quanto no masculino incidiram a variante média alta [o] com percentuais de ocorrência em 32% para aquele e em 30% para este. Além dessas variantes, no feminino também incidiram as variantes [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] com percentuais de incidência, respectivamente, de 25%, de 25%, de 9%, de 1%, de 0% e de 0%; enquanto no masculino obteve na sequência pretônica [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã], respectivamente, os percentuais de ocorrência em 28%, em 25%, em 8%, em 1%, em 0%, em 0% e em 0%.

No Baixo Amazonas, foi no gênero masculino, que apresentou o percentual maior da ocorrência da variante média alta [o], obtendo 44% dos casos, enquanto tal variante obteve no feminino 38%. Ainda no feminino, a sequência vocálica [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i] obteve, respectivamente, os percentuais de ocorrência em 24%, em 20%, em 10%, em 2% e em 0%, enquanto no masculino as variantes [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, em 18%, em 21%, em 10%, em 2%, em 0% e em 0%.

No Médio Solimões, houve resultados diferentes, pois, no gênero masculino, a incidência maior foi da variante alta [u], que obteve 31%, enquanto, no feminino, a incidência maior foi da variante média alta [o], que obteve também 31%. Para as demais variantes, no feminino, foram registrados os seguintes percentuais para a sequência vocálica [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [a], respectivamente, 25%, 27%, 9%, 0% e 0%. No masculino, foram registrados os seguintes percentuais para a sequência [o], [ɔ], [õ], [ũ] [a], [i] e [ã], respectivamente, 26%, 27%, 7%, 1%, 0%, 0% e 0%.

Em resumo, os fenômenos vocálicos mais recorrentes segundo o parâmetro gênero foram:

No Baixo Amazonas

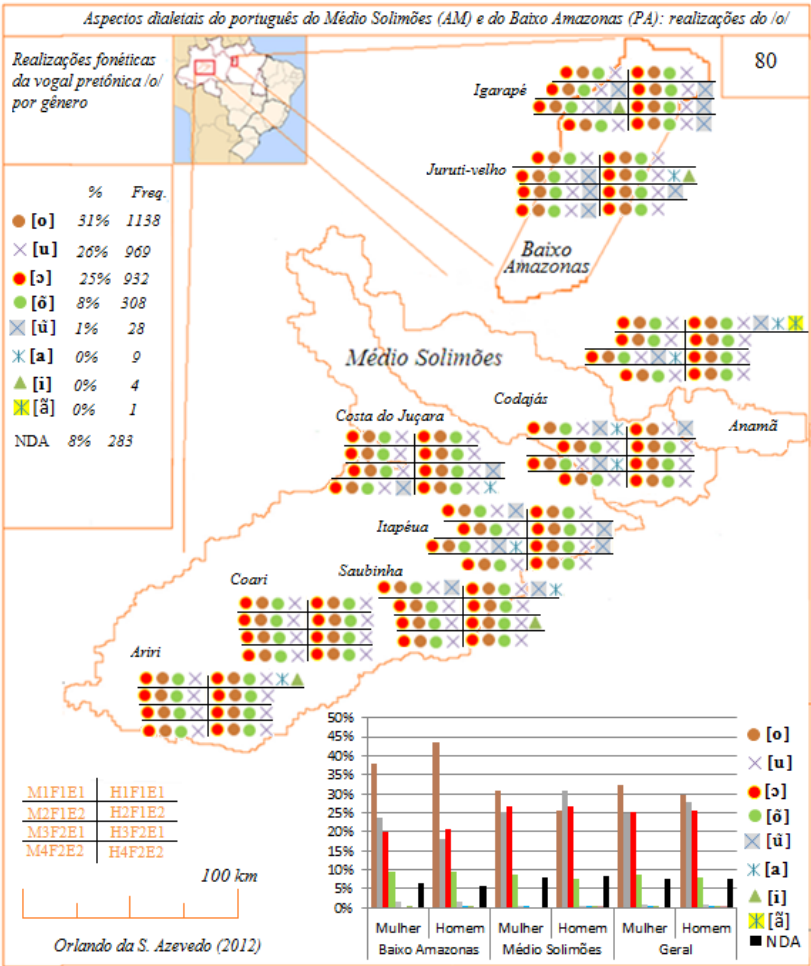
- a. Feminino: manutenção em 38%;
- b. Masculino: manutenção em 44%.

No Médio Solimões

- a. Feminino: manutenção em 31%
- b. Masculino: alteamento em 31%.

No cômputo geral envolvendo as duas regiões

- a.Feminino: manutenção em 32%;
- b. Masculino: manutenção em 30%;



6.4.7As realizações da vogal média pretônica /o/ por escolaridade

Na carta fonética 81, verificamos se a variável escolaridade influenciou na produção das variantes pretônicas de /o/. A propensão na escolaridade 1 (analfabeto ou com escolaridade até a 4ª série) é pela

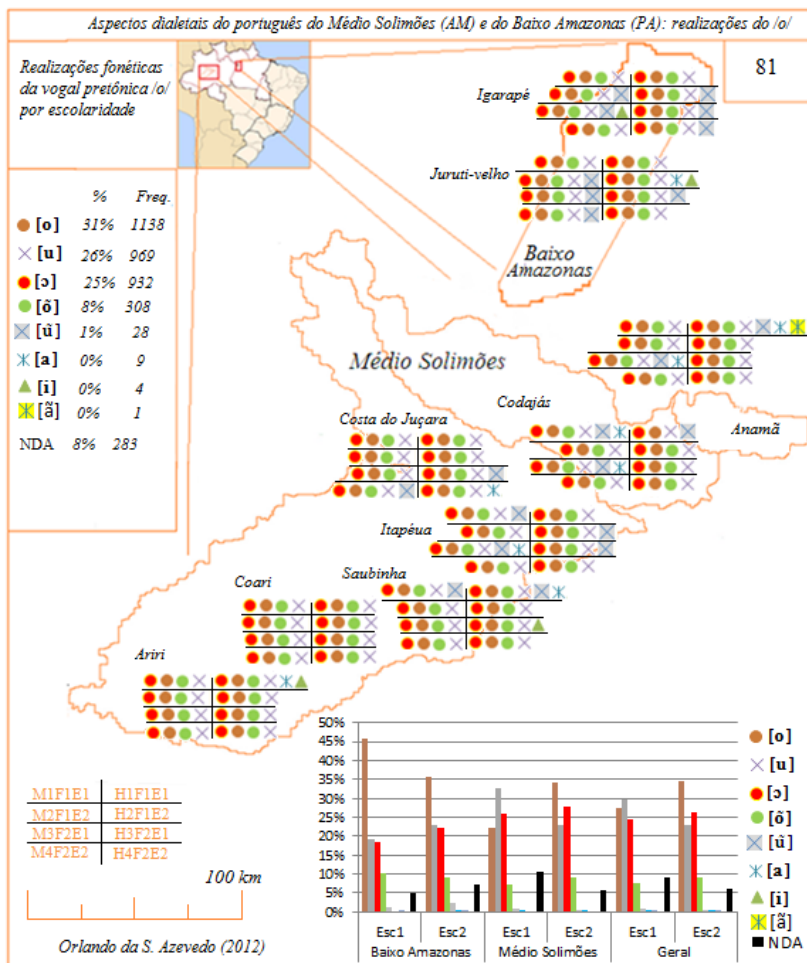


variante média baixa [ɔ] ou pela variante alta [u], relativamente menos prestigiosa, enquanto a propensão na escolaridade 2 (acima da 4ª série) é pela variante média alta [o], relativamente mais prestigiosa. Os resultados podem ser visualizados na carta fonética 81.

No Baixo Amazonas, o percentual maior de ocorrência da variante [o] foi registrada na Escolaridade 1 (até a 4ª série) com 46%, enquanto na escolaridade 2 (acima da 4ª série) foi de 36%. As demais variantes [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i] obtiveram, respectivamente, 19%, 19%, 10%, 1% e 0% na escolaridade 1 (até a 4ª série), enquanto na sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] houve percentuais de ocorrência em 23%, em 22%, em 9%, em 2%, em 0% e em 0%.

No Médio Solimões, na escolaridade 1 (até a 4ª série), incidiu a variante alta [u] com percentual de ocorrência em 33%, enquanto na escolaridade 2 (acima da 4ª série) incidiu a variante [o] com percentual de ocorrência em 34%. Na escolaridade 1 (até a 4ª série), a sequência de vogais pretônicas [o], [ɔ], [õ], [ũ] e [a] obteve os seguintes registros percentuais, respectivamente, de 22%, de 26%, de 7%, de 1% e de 0%. Na escolaridade 2 (acima da 4ª série) a sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã] obteve registros percentuais, respectivamente, de 23%, de 28%, de 9%, de 0%, de 0%, de 0% e de 0%. Portanto, na região solimoense, predominou na escolaridade 1 (até a 4ª série), a variante alta [u] e, na escolaridade 2 (acima da 4ª série), predominou a variante média alta [o].

Os dados percentuais das variantes pretônicas de /o/ do Médio Solimões influenciaram o cômputo percentual geral das duas variantes mais expressivas [u] e [o]. Portanto, predominou na escolaridade 1 (até a 4ª série), a variante alta [u], que obteve 30% e, na escolaridade 2 (acima da 4ª série), a variante média alta [o], que obteve 35%. Na escolaridade 1, a sequência vocálica [o], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] obteve registros percentuais, respectivamente, de 27%, de 24%, de 8%, de 1%, de 0% e de 0%. Na escolaridade 2 (acima da 4ª série), a sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã] obteve registros percentuais, respectivamente, de 23%, de 26%, de 9%, de 1%, de 0%, de 0% e de 0%.



No Baixo Amazonas

- Escolaridade 1 (até a 4ª série): manutenção em 46%;
- Escolaridade 2 (acima da 4ª série) : manutenção em 36%.

No Médio Solimões

- Escolaridade 1 (até a 4ª série): alteamento em 33%
- Escolaridade 2 (acima da 4ª série): manutenção em 34%.

No cômputo geral envolvendo as duas regiões

a. Escolaridade 1 (até a 4ª série): alteamento 30%;

b. Escolaridade 2 (acima da 4ª série): manutenção em 35% .

#### **6.4.8 As realizações da vogal média pretônica /o/ por faixa etária**

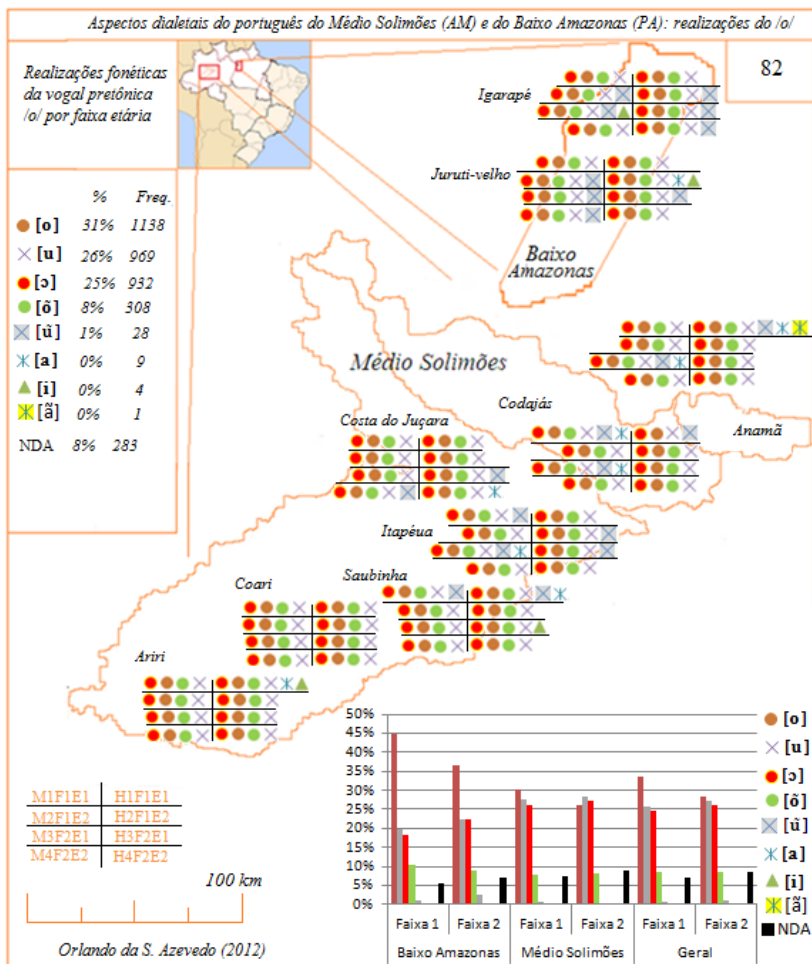
Na carta fonética 82, verificamos se a variável faixa etária influenciou na produção das variantes pretônicas de /o/. A propensão na faixa 1 (de 18 a 30 anos) é pela variante média alta [o], relativamente mais prestigiosa, enquanto a propensão na faixa 2 (de 50 a 65 anos) é pela variante alta [u] ou pela variante média baixa [ɔ], relativamente menos prestigiosas. Os resultados podem ser visualizados na carta fonética 82.

No Baixo Amazonas, o percentual maior de ocorrência da variante [o] foi registrada na faixa 1 (de 18 a 30 anos), na qual obteve 45%, enquanto na Faixa 2 (de 50- a 65 anos) foi de 36%. As demais variantes [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 20%, de 18%, de 10%, de 1% e de 0% na faixa 1 (de 18 a 30 anos), enquanto na sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i], houve percentuais de ocorrência em 22%, em 23%, em 9%, em 2%, em 0% e em 0% na faixa etária 2 (de 50 a 65 anos).

No Médio Solimões, na faixa 1 (de 18 a 30 anos) incidiu a variante média alta [o] com percentual de ocorrência em 30%, enquanto na faixa 2 (de 50 a 65 anos) incidiu a variante alta [u] com percentual de ocorrência em 28%. Na faixa 1 (de 18 a 30 anos) a sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [a] obteve os seguintes registros percentuais, respectivamente, de 27%, de 26%, de 8%, de 1% e de 0%. Na faixa 2 (de 50 a 65 anos) a sequência de vogais pretônicas [o], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã] obteve registros percentuais, respectivamente, de 26%, de 27%, de 8%, de 0%, de 0%, de 0% e de 0%. Portanto, na região solimoense predominou na faixa 1 (de 18 a 30 anos) a variante média alta [o] e na faixa 2 (de 50 a 65 anos) predominou a variante alta [u].

No geral, predominou, na faixa 1 (de 18 a 30 anos), a variante média alta [o], que obteve 33%, e na faixa 2 (de 50 a 65 anos) também predominou a variante média alta [o], que obteve 29%. Na faixa 1 (de 18 a 30 anos), a sequência vocálica [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] obteve registros percentuais, respectivamente, de 26%, de 25%, de 8%, de 1%, de 0% e de 0%. Na faixa 2 (de 50 a 65 anos), a sequência de vogais

pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã] obteve registros percentuais, respectivamente, de 27%, de 26%, de 8%, de 1%, de 0%, de 0% e de 0%.



Em resumo, os fenômenos vocálicos mais recorrentes segundo o parâmetro faixa etária foram:

No Baixo Amazonas

a. Faixa 1 (de 18 a 30 anos): manutenção em 45%;

b. Faixa 2 (de 50 a 65 anos) : manutenção em 36%.

- No Médio Solimões
- a.Faixa 1 (de 18 a 30 anos): manutenção em 30%
  - b. Faixa 2 (de 50 a 65 anos): alteamento em 28%.

- No cômputo geral envolvendo as duas regiões
- a.Faixa 1 (de 18 a 30 anos): manutenção em 33%;
  - b. Faixa 2 (de 50 a 65 anos): manutenção em 29%.

**6.4.9Paralelo das realizações médias pretônicas /e/ e /o/ no contexto onde ocorrem**

**a. O /e/ por contiguidade e não contiguidade à vogal tônica**

Chegamos ao seguinte resultado na análise linguística do /e/ por contiguidade e não contiguidade considerando apenas as variantes mais recorrentes no dialeto solimoense e jurutiense:

Tabela 87 Realizações predominantes do /e/ no contexto contíguo e não contíguo

Baixo Amazonas				Médio Solimões			
	/e/ contíguo o		/e/ não contíguo o		/e/ contíguo o		/e/ não contíguo o
[a]	46% [i]	[a]	39% [e]	45%	[i]	38% [ɛ]	
[ã]	50% [e]	[ã]	43% [e]	58% [ɛ]		53% [ɛ]	
[e]	68% [e]	[e]	50% [i]	64% [e]		48%	[i]
[ẽ]	44% [e]	[ẽ]	75% [i]	71% [ɛ]		71%	[i]
		[ɛ]	63% [i]			75%	[i]
[i]	56% [e]	[i]	88% [ɛ]	38%	[i]	95% [ɛ]	

[ĩ]	47%			46%	[i]
	[i]				
[ɔ	88%	[ɔ]	44%	100%	[ɛ 61%
]	[ɛ]		[ɛ]	]	[ɛ]
[o	65%	[o	47%	63%	48%
]	[e]	]	[e]	[e]	[e]
[õ	52%	[õ	81%	47%	[i] 88%
]	[i]	]	[ɛ]		[ɛ]
[u	68%			50%	
]	[e]			[ɛ]	
[ũ	45%	[ũ	63%	56%	[i] 48%
]	[e]	]	[e]		[i]

Como podemos observar na Tabela 87, há contextos contíguos e não contíguos a /e/ que favorecem o alteamento da vogal /e/, em sua realização como [i], a manutenção em sua realização como vogal média pretônica alta [e] e o abaixamento em sua realização como vogal média pretônica baixa [ɛ].

No Baixo Amazonas, na posição contígua houve três casos de alteamento de /e/ para [i], sete casos de manutenção da variante média alta [e] e um caso de abaixamento para [ɛ]. Na posição não contígua, o abaixamento predominou em mais três contextos, enquanto três foram propensos ao alteamento e quatro foram propensos à manutenção da variante média alta [e].

Na Tabela 88, temos a frequência das ocorrências dos fenômenos do alteamento, da manutenção e do abaixamento de /e/ na posição contíguae não contígua à vogal tônica.

Tabela 88Frequência do alteamento e do abaixamento de /e/ no contexto contíguo e não contíguo

Pretôni cas	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Fenômen o
	Contí gua	Não contí gua	Contí gua	Não contí gua	
Posiçã o					

[i]	3	3	5	4	Alteamen to
[e]	7	4	2	1	Manutenç ão
[ɛ]	1	3	4	5	Abaixam ento
Total	11	10	11	10	

No Médio Solimões, na posição contígua, houve cinco contextos favoráveis ao alteamento de /e/ em sua realização como [i], dois casos envolvendo a manutenção da variante média alta [e], e houve quatro contextos favoráveis ao abaixamento da vogal pretônica /e/ em sua realização como [ɛ]. Na posição não contígua, a propensão para o abaixamento de /e/ predominou em mais cinco contextos em sua realização como [ɛ], enquanto para o alteamento predominou em quatro contextos e apenas um contexto foi favorável à manutenção da variante média alta [e].

Verificamos, no Gráfico 1, que no Baixo Amazonas a variante média alta [e] (linha vermelha) predominou na maioria dos contextos, dos quais obteve 52% do total de vinte e um contextos, e em contrapartida foi pouco incidente no Médio Solimões, onde registrou 14%. Por sua vez, na região do Médio Solimões tanto a variante alta [i] (linha azul) quanto a variante média baixa [ɛ] (linha verde) obtiveram igual percentual de ocorrência, ou seja, 43% do total de vinte e um contextos, enquanto no Baixo Amazonas essas duas variantes foram menos expressivas com registros percentuais de 29% para [i] e 19% para [ɛ].

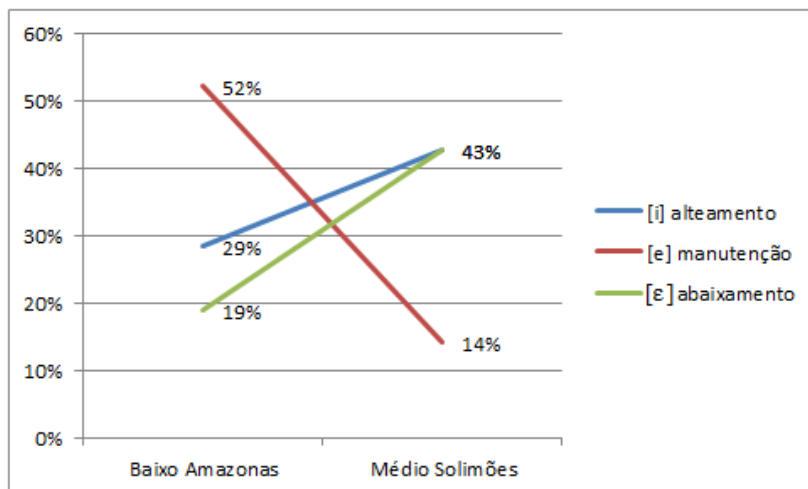


Gráfico 1 As variantes [i], [e] e [ɛ] no contexto contíguo e não contíguo

A influência da tônica em relação às realizações de /e/ se mostrou mais forte na contiguidade, onde aconteceu a assimilação ou harmonia vocálica entre pretônica [e] e tônica [e], entre pretônica [i] e tônica [i], entre pretônica [i] e tônica nasal [ĩ], entre a pretônica [ɛ] e a tônica [ɔ], entre pretônica [e] e tônica [o] e entre pretônica [i] e tônica [ũ].

No contexto não contíguo, a assimilação dos traços da tônica aconteceu entre a pretônica [ɛ] e tônica [ɔ], entre a pretônica [e] e a tônica [o], entre a pretônica [i] e a tônica [ũ].

No Baixo Amazonas, na posição contígua à tônica [a], o /e/ realizou-se como [i] em 47% das ocorrências, e na não contiguidade se realizou como [e] 35%. Em relação à tônica [ã] ocorreu [e] tanto na posição contígua quanto na posição não contígua com registros percentuais, respectivamente, de 50% e 43%. Nos demais contextos contíguos, o /e/ se realizou como [e] 35% diante de [e], 44% diante de [ẽ], 56% diante de [i], 65% diante de [o], 68% diante de [u] e 45% diante de [ũ]; e se realizou como [ɛ] 88% diante de [ɔ]. Já na posição não contígua, diante de [e], [ẽ], [i], [ɔ], [o] e [ũ], o /e/ se realizou como [i], [i], [ɛ], [ɛ] [e] e [e] com registros percentuais, respectivamente, de 50%, de 75%, de 88%, de 44%, de 47% e de 63%.

O contexto contíguo a vogal tônica [ɛ] só ocorreu na posição não contígua, onde a variante alta [i] incidiu com 63%. A mesma



exclusividade aconteceu no contexto contíguo à vogal tônica [i] e à vogal tônica [u], onde ocorreram a variante alta [i] e a média alta [e] com registros percentuais, respectivamente, de 47% e de 68%. Portanto, quanto à contiguidade e à não contiguidade das realizações de /e/, houve cinco realizações divergentes diante da mesma vogal, três diferenças por exclusividade de contexto e em quatro contextos se mantiveram a mesma realização pretônica com divergência apenas no percentual de ocorrência.

No Médio Solimões, na posição contígua à tônica [a], o /e/ realizou-se como [i] 45%, e na não contiguidade se realizou como [ɛ] 38%. Em relação à tônica [ã] ocorreu [ɛ] tanto na posição contígua quanto na posição não contígua com registros percentuais, respectivamente, de 58% e de 53%. Nos demais contextos contíguos, o /e/ se realizou como [e] 64% diante de [e], 63% diante de [o]; como [ɛ] 58% diante de [ã], 71% diante de [ẽ], 100% diante de [ɔ] e 68% diante de [u]; como [i] 38% diante de [i], 46% diante de [ĩ], 47% diante de [õ] e 56% diante de [ũ]. Já na posição não contígua, diante de [e], de [ẽ], de [i], de [ɔ], de [o], de [õ] e de [ũ], o /e/ se realizou como [i], [i], [ɛ], [ɛ], [e], [ɛ] e [i] com registros percentuais, respectivamente, de 48%, de 71%, de 95%, de 61%, de 48%, de 88% e de 48%. O contexto envolvendo vogal tônica [ɛ] só ocorreu na posição não contígua, onde a variante alta [i] incidiu com 75%. A mesma exclusividade aconteceu no contexto contíguo à vogal tônica [i] e à vogal tônica [u], onde ocorreram a variante alta [i] e a média baixa [ɛ] com registros percentuais, respectivamente, de 46% e de 50%.

Portanto, quanto à contiguidade e à não contiguidade das realizações de /e/ no Médio Solimões, houve cinco realizações divergentes diante da mesma vogal, três diferenças por exclusividade de contexto e em quatro contextos se manteve a mesma realização pretônica com divergência apenas no percentual de ocorrência.

## **b. A vogal média pretônica /e/ e os contextos precedentes e seguintes**

Chegamos ao seguinte resultado na análise linguística do /e/ no contexto precedente e seguinte considerando apenas as variantes mais recorrentes no dialeto solimoense e jurutiense.

Na Tabela 89 disponibilizamos as variantes mais expressivas no contexto precedente e seguinte ao /e/.

Tabela 89 Realizações predominantes de /e/ no contexto precedente e seguinte

Contexto	Baixo Amaz onas	Médi o Solim ões	Context o	Baixo Amaz onas	Médi o Solim ões
Precedent e /e/	% Pret	% Pret	/e/ seguint e	% Pret	% Pret
Vazio	63% [i]	63% [i]			
Bilabial	38% [e]	56% [ɛ]	Bilabial	54% [e]	50% [ɛ]
Labiodent al	65% [e]	58% [i]	Labioden tal	55% [ɛ]	68% [e]
Velar	100% [e]	98% [e]	Velar	31% [ɛ]	44% [e]
Alveolop alatal	50% [ɛ]	49% [ɛ]			
Coronal	52% [e]	46% [ɛ]	Coronal	43% [e]	56% [ɛ]
Glotal	53% [ɛ]	65% [ɛ]	Glotal	58% [e]	53% [ɛ]
			Palatal	25% [i]	29% [ɛ]
			/S/	64% [i]	62% [i]
			[ã]	88% [e]	91% [e]
			[a]	88% [i]	89% [i]
			[j]	100%	100%

[e] [e]

No Baixo Amazonas, dos contextos precedentes ao /e/, um foi propenso ao alteamento, quatro foram propensos à manutenção da variante média alta [e] e dois foram propensos ao abaixamento para [ɛ].

No contexto seguinte, o abaixamento predominou também em dois contextos, a manutenção da variante média alta [e] predominou em cinco contextos, o alteamento para a variante [i] predominou em dois contextos e apenas um contexto foi favorável ao alteamento da variante alta nasal [ĩ].

Segundo dados da Tabela 90, no Médio Solimões, no contexto precedente houve dois casos de alteamento, um caso de manutenção da variante média alta [e], quatro casos do abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ]. No contexto seguinte a propensão pela abertura de /e/ em sua realização como [ɛ] abrangeu três contextos, enquanto o alteamento ocorreu em um contexto apenas e a manutenção da variante média alta [e] ocorreu em seis contextos.

Tabela 90 Frequência do alteamento e do abaixamento de /e/ no contexto precedente e seguinte

Pretônicas	Baixo Amazonas		Médio Solimões		
	Precedente	Seguinte	Precedente	Seguinte	Fenômeno
[i]	1	2	2	2	Alteamento
[ĩ]	1				Alteamento
[e]	4	5	1	5	Manutenção
[ɛ]	2	2	4	3	Abaixamento
Total	8	9	7	10	

No Gráfico 2 houve predominância do [e] no Baixo Amazonas, onde obteve um registro percentual de 53% do total de dezessete contextos, enquanto no Médio Solimões tal variante obteve 35% e, na mesma região solimoense, a variante média baixa [ɛ] obteve 41% do total de dezessete, que, por sua vez, foi menos expressiva no Baixo Amazonas, onde registrou 24%. A variante alta [i] obteve registro percentual de 18% no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões

foi de 24%. Por último, a variante alta nasal [i] foi registrada apenas no Baixo Amazonas com percentual de ocorrência em 6%.

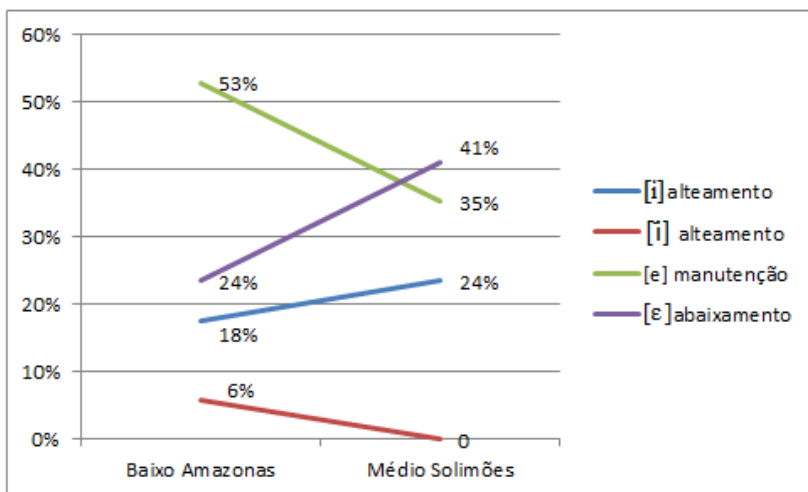


Gráfico 2 As variante [i], [ĩ], [e] e [ɛ] no contexto precedente e seguinte

No Baixo Amazonas, o abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] ocorreu em quatro contextos: no contexto de alveolopalatal precedente, o registro percentual foi de 50%, sem correspondente no contexto seguinte; no contexto envolvendo glotal precedente, o registro percentual foi de 53%, enquanto no contexto glotal seguinte ocorreu a variante [e], que obteve um percentual de ocorrência em 58%; no contexto envolvendo velar seguinte, a variante [ɛ] obteve incidência de 31%, enquanto no contexto envolvendo velar precedente ocorreu a variante [e] em 100% das ocorrências; no contexto de labiodental seguinte, a variante [ɛ] registrou 55%, já no contexto labiodental precedente a variante [e] registrou 65%. A manutenção da variante média alta [e] ocorreu também no contexto bilabial precedente (38%) e seguinte (54%), coronal precedente (52%) e seguinte (43%), apenas no contexto seguinte de vogal baixa central nasal [ã] (88%) e apenas no contexto seguinte de semivogal [j] (100%). Por último, o alteamento de /e/ se realizando como [i] e [ĩ] envolveu os seguintes contextos: realizando-se como [ĩ] apenas no contexto palatal seguinte (25%); realizando-se como [i] apenas no contexto vazio precedente (63%), apenas no contexto seguinte envolvendo arquifonema /S/ (64%) e no

contexto de vogal baixa central oral [a] (88%). Fora os contextos exclusivos, na precedência e na sequência fonética envolvendo bilabial e coronal, manteve-se a mesma variante, enquanto no contexto de labiodental, velar e glotal não se manteve a mesma variante do contexto precedente no contexto seguinte.

No Médio Solimões, os fenômenos de alteamento, de manutenção e de abaixamento envolveram as seguintes variantes conforme o contexto precedente e seguinte de /e/: o alteamento envolvendo a variante alta [i] precedido de contexto vazio (63%), sem correspondente no contexto seguinte, e no contexto precedido de labiodental (58%), enquanto no contexto seguido de labiodental ocorreu a manutenção da variante média alta [e] (68%); o abaixamento envolvendo a variante média baixa [ɛ] no contexto bilabial precedente (56%) e no seguinte ocorreu a manutenção envolvendo a variante média alta [e] (50%); a manutenção da variante média alta [e] no contexto precedente e seguinte envolvendo a consoante velar com registros percentuais, respectivamente, de 98% e de 44%; o abaixamento envolvendo a variante média baixa [ɛ], que foi precedido de consoante alveolopalatal e obteve 49%, sem correspondente no contexto seguinte; o abaixamento envolvendo a variante média baixa [ɛ], que foi precedida e seguida por consoante coronal com percentuais respectivos de 46% e de 56%; o abaixamento envolvendo a variante média baixa [ɛ], que foi precedida e seguida por consoante glotal com percentuais de ocorrência em 65% e em 53%.

Dos cinco contextos restantes, em dois houve alteamento diante de /S/ e diante [a] com registros percentuais, respectivamente, de 62% e de 89%; em dois, houve a manutenção da variante média alta [e] diante de [ã] e diante de [j] com registros percentuais, respectivamente, de 91% e de 100%; e em um houve abaixamento em sua realização como [ɛ] com registro percentual de 29%. Fora os contextos exclusivos, na precedência e na sequência fonética envolvendo bilabial e labiodental não se manteve a mesma variante, enquanto no contexto de velar, coronal e glotal se manteve a mesma variante do contexto precedente no seguinte. Os resultados mostram que em determinados contextos linguísticos existe predominância da vogal alta anterior [i], da vogal média alta anterior [e] e da vogal média baixa anterior [ɛ] e da vogal média alta anterior nasal [ĩ].

### **c. A vogal /o/ no contexto contíguo e não contíguo à vogal tônica**

Chegamos ao seguinte resultado na análise linguística do /o/ por contiguidade e não contiguidade considerando apenas as variantes mais recorrentes no dialeto solimoense e jurutiense.

Tabela 91 Realizações predominantes de /o/ no contexto contíguo e não contíguo

Baixo Amazonas		Médio Solimões	
	/o/ contíguo o	/o/ não contíguo o	/o/ não contíguo o
[a]	38%	[a]	46%
	[ɔ]		[ɔ]
[ã]	45%	[ã]	53%
	[o]		[ɔ]
[ɛ]	39%	[ɛ]	44%
	[u]		[o]
[e]	55%	[e]	42%
	[o]		[o]
[ẽ]	34%		50%
	[o]		[ɔ]
[i]	88%		80%
	[u]		[u]
[ĩ]	50%	[ĩ]	44%
	[o]		[u]
		[ɔ]	100%
		]	[õ]
		[o]	88%
		]	[o]
[õ]	6%		73%
]	[o]		[ɔ]
[u]	72%		71%
]	[u]		[u]

Na Tabela 91, há contextos contíguos e não contíguos a /o/ que favorecem o alteamento da vogal [u], a manutenção da vogal média fechada [o] e o abaixamento da vogal [ɔ].

Segundo dados da Tabela 91, no Baixo Amazonas, na posição contígua, houve três contextos favoráveis ao alteamento, cinco contextos favoráveis à manutenção da variante média alta [o] e um contexto favorável ao abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ]. Por outro lado, na posição não contígua, o abaixamento predominou em dois contextos, enquanto em três foram favoráveis à manutenção da variante média alta [o], um foi propenso ao alteamento de /o/ em sua realização como [u] e um à manutenção da variante média alta nasal [õ].

O número de contextos, em que ocorrem os fenômenos do alteamento, da manutenção da variante média alta oral e da variante média alta nasal e do abaixamento estão demonstrados na Tabela 92.

Tabela 92 Frequência do alteamento e do abaixamento de /o/ no contexto contíguo e não contíguo

Pretônic as	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Fenômen o
	Contí gua	Não contí gua	Contí gua	Não contí gua	
[u]	3	1	4		Alteamen to
[õ]	1		1		Manutenç ão
[o]	5	3	1	4	Manutenç ão
[ɔ]	1	2	4	2	Abaixam ento
Total	10	6	10	6	

No Médio Solimões, na posição contígua, houve quatro contextos favoráveis ao alteamento de /o/ em sua realização como [u], um contexto favorável à manutenção da variante média alta [o], um contexto favorável à manutenção da variante média alta nasal [õ] e quatro contextos favoráveis ao abaixamento de /o/ em sua realização

como [ɔ]. Por outro lado, na posição não contígua, a propensão para o abaixamento de /o/ envolveu dois contextos, enquanto quatro contextos foram favoráveis à manutenção da variante média alta e um contexto foi favorável à manutenção da variante média alta nasal [õ].

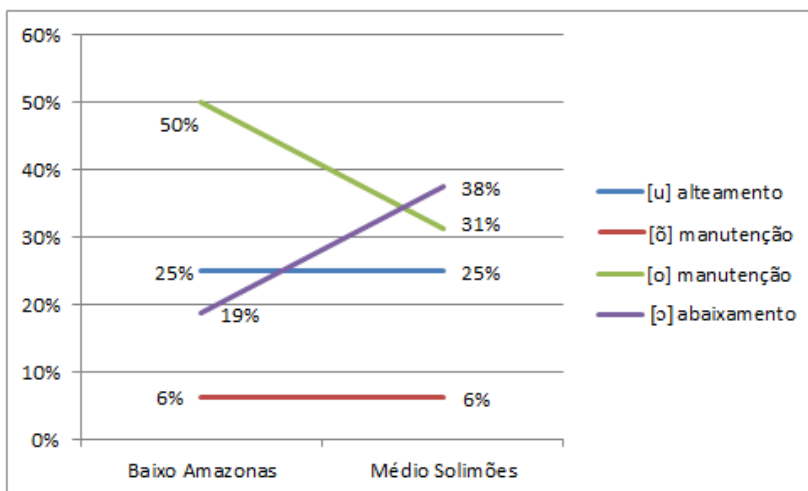


Gráfico 3 As variante [u], [õ], [o] e [ɔ] no contexto contíguo e não contíguo

Verificamos no Gráfico 3, que no Baixo Amazonas a variante média alta [o] (linha verde) predominou na maioria dos contextos, dos quais obteve registro percentual de 50% do total de dezesseis contextos, e em contrapartida obteve um registro percentual de 31% no Médio Solimões. Na região solimoense predominou a variante média baixa [ɔ] (linha roxa) com percentual de ocorrência em 38% contrariamente à baixa incidência no Baixo Amazonas, onde registrou 19%. A variante alta [u] (linha azul) obteve percentual de ocorrência em 25% em cada região. Por último, em 6% das ocorrências coube a variante média alta nasal [õ] (linha vermelha) com igual percentual em cada região.

No Baixo Amazonas, na posição contígua à tônica [a], o /o/ realizou-se como [ɔ] 38%, e na não contiguidade se realizou também como [ɔ] 46%. Em relação à tônica [ã] ocorreu [o] com percentual de ocorrência em 45%, porém na posição não contígua ocorreu [ɔ] registrando 53%. Nos demais contextos contíguos, o /o/ se realizou como [u] com os seguintes registros percentuais de ocorrência: 39% diante de [ɛ], com correspondente na posição não contígua se realizando



como [o] registrando 44%; 88% diante de [i], sem correspondente na posição não contígua; e 72% diante de [u], sem correspondente na posição não contígua. O /o/ obteve as seguintes realizações na posição contígua e na posição não contígua: como [o] na posição contígua e não contígua com percentuais, respectivamente, de ocorrência em 55% e em 42%; como [o] diante de [ẽ] registrando 34%, sem correspondente na posição não contígua; como [u] diante de [i] registrando 88%, sem correspondente na posição não contígua; como [o] diante de [ĩ] registrando 50%, enquanto na posição não contígua ocorreu [u] registrando 44%; como [o] diante de [õ] registrando 56%, sem correspondente na posição não contígua; como [u] diante de [u] registrando 72%, sem correspondente na posição não contígua. Por último, na posição não contígua, houve duas realizações exclusivas de /o/, a saber: como [õ] diante de [ɔ] com registro percentual de 100%, e como [o] com registro percentual de 88%. Fora as ocorrências em contextos exclusivos ou da posição contígua ou da posição não contígua, apenas dois contextos mantiveram a mesma variante, diferenciando-se no percentual de ocorrência apenas, e três contextos divergiram quanto às suas realizações pretônicas.

No Médio Solimões, na posição contígua e na posição não contígua a tônica [a], o /o/ realizou-se apenas como [ɔ] obtendo um registro percentual, respectivamente de 44% e 36%. Essa tendência se manteve no contexto contíguo e não contíguo à [ã] com percentuais de ocorrência em 49% e em 53% para a mesma variante [ɔ]. Em se tratando de contexto envolvendo a tônica [ɛ] ocorreu a variante alta [u] na posição contígua e a variante média alta [o] na posição não contígua com registros percentuais de 48% para aquela e 48% para esta. Quando o parâmetro foi a tônica [e], ocorreu a mesma variante [o] nos dois contextos, sendo os registros percentuais de 48% na posição contígua e 71% na não contígua. No contexto envolvendo a tônica [ĩ] ocorreu [u] na posição contígua e [o] na não contígua com registros percentuais de 67% para aquela e 34% para esta. Os contextos exclusivos da posição contígua envolveram as vogais tônicas [ẽ], [i], [õ] e [u] propensos às ocorrências de [ɔ], de [u], de [ɔ] e de [u] com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 50%, em 80%, em 73% e em 71%. Os contextos exclusivos da posição não contígua envolveram as vogais tônicas [ɔ] e [o] e foram propensos às ocorrências das variantes [õ] e [o] com registros percentuais, respectivamente, de 99% e de 95%. Fora os contextos exclusivos de cada contexto contíguo e não contíguo na região

solimoense, três contextos mantiveram a mesma variante, diferenciando-se apenas quanto ao percentual de ocorrência de suas variantes, e dois contextos divergiram quanto às realizações do /o/.

**d. A vogal média pretônica /o/ e os contextos precedentes e seguintes**

Chegamos ao seguinte resultado na análise linguística do /o/ no contexto precedente e seguinte considerando apenas as variantes mais recorrentes no dialeto solimoense e jurutiense.

Tabela 93 Realizações predominantes de /o/ no contexto precedente e seguinte

Contexto precedente	B.Amazonas		M.Solimões		Contexto /o/ seguinte	B.Amazonas		M.Solimões	
	%	Pret	%	Pret		%	Pret	%	Pret
Labial	59%	[o]	54%	[o]	Labial	66%	[õ]	52%	[õ]
Labiodental	42%	[o]	43%	[u]	Labiodental	64%	[ɔ]	60%	[ɔ]
Velar	48%	[o]	38%	[u]	Velar	46%	[o]	40%	[ɔ]
Alveolopalatal	43%	[o]	32%	[ɔ]	Alveolopalatal	44%	[o]	40%	[ɔ]
Coronal	36%	[ɔ]	43%	[ɔ]	Coronal	88%	[u]	80%	[u]
Glotal	43%	[o]	29%	[o]	Glotal	34%	[o]	31%	[o]
	63%	[ɔ]	75%	[ɔ]	Palatal	67%	[o]	43%	[o]
						66%	[u]	72%	[u]
					/S/	48%	[u]	49%	[u]
					[e]	54%	[u]	69%	[u]
					[a]	41%	[o] e [u]	52%	[o]
					[ja]	56%	[o]	70%	[ɔ]
					[ã]	69%	[o]	48%	[o]

No Baixo Amazonas, em cinco contextos precedentes houve manutenção da variante média alta [o] e em dois contextos houve abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ].

No contexto seguinte, apenas um foi favorável ao abaixamento, um foi propenso à manutenção da variante média alta nasal [õ], cinco propensos à manutenção da variante média alta [o], quatro propensos ao alteamento de /o/ em sua realização como [u] e um foi favorável, simultaneamente, à manutenção da variante média alta [o] e ao alteamento para [u].

A quantidade contextos contíguos e não contíguos, nos quais os fenômenos do alteamento, da manutenção da variante média alta oral e nasal e do abaixamento, está demonstrado na Tabela 94.

Tabela 94 Frequência do alteamento e do abaixamento de /o/ no contexto precedente e seguinte

Pretôn icas	Baixo Amazonas		Médio Solimões		Fenômeno
	Precedente	Seguinte	Precedente	Seguinte	
[u]	5		2	4	Alteamento
[õ]	1		1		Manutenção
[o]	5	6	2	4	Manutenção
[ɔ]	2	1	3	3	Abaixamento
Total	13	7	8	11	

Segundo dados da Tabela 94, no Médio Solimões, considerando o contexto precedente houve predominância do alteamento de /o/ para [u] em dois contextos, da manutenção também em dois contextos e do abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] em três contextos. Por outro lado, ao considerarmos o contexto seguinte, o abaixamento de /o/ para [ɔ] predominou em três contextos, enquanto o alteamento, a manutenção da variante média alta [o] e manutenção da variante média

nasal [õ] predominaram, respectivamente, em quatro contextos, em quatro contextos e um contexto apenas.

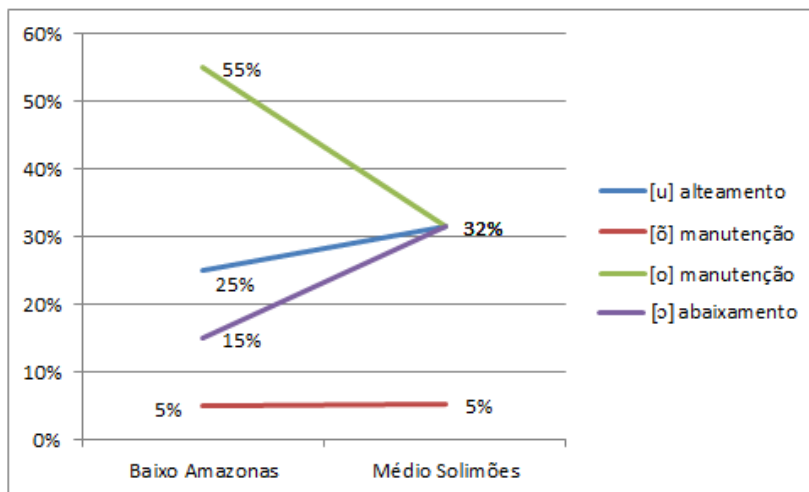


Gráfico 4 As variantes [u], [õ], [o] e [ɔ] no contexto precedente e seguinte

No Gráfico 4 houve predominância da variante média alta [o] no Baixo Amazonas, onde obteve um registro percentual de 55% do total de 19 contextos, enquanto no Médio Solimões tal variante obteve 32%, igualmente ao percentual das variantes [u] e [ɔ] do total de 19 contextos. A variante [õ] obteve registro percentual de 5% em cada região. Por último, a variante alta [u] e baixa [ɔ] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 25% e de 15% no Baixo Amazonas.

No Baixo Amazonas, o /o/ se realizou como [o] precedido de contexto vazio, bilabial, labiodental, velar e coronal, nos quais obteve registros percentuais, respectivamente, de 59%, de 42%, de 48%, de 43% e de 43%, enquanto no contexto seguinte, o /o/ não teve realização em contexto vazio seguinte, porém se realizou como [õ] diante de bilabial com registro percentual de 66%, como [ɔ] diante de labiodental com registro percentual de 64%, como [u] diante de alveolopalatal com registro percentual de 88% e como [o] diante de velar, diante de coronal e diante de glotal com registros percentuais, respectivamente, de 46%, de 34% e de 67%. Os contextos envolvendo palatal, arquifonema /S/, [e], [a], [ja] e [ã] só existem na posição seguinte às realizações de /o/, as

quais foram, respectivamente, [u], [u], [u] e [o], [o] e [o] com registros percentuais respectivos de 66%, de 48%, 54%, 41% cada, 56% e 69%.

No Baixo Amazonas, ainda, fora os contextos exclusivos, na precedência e na sequência fonética envolvendo velar e coronal, manteve-se a mesma variante, enquanto no contexto envolvendo bilabial, labiodental, alveolopalatal e glotal não se manteve a mesma variante do contexto precedente no contexto seguinte.

Como visto anteriormente, no Médio Solimões houve seis contextos favoráveis ao abaixamento do /o/ em sua realização como [ɔ], seis contextos favoráveis à manutenção da variante média alta [o], seis contextos favoráveis ao alteamento do /o/ em sua realização como [u] e apenas um contexto propenso à manutenção da variante média alta nasal [õ]. Os contextos precedentes e seguintes dessas variantes fonéticas estão descritos nos parágrafos seguintes com os respectivos percentuais de ocorrência.

No início absoluto de palavra, o /o/ se realizou como [o] com registro percentual de ocorrência em 54%, sem correspondente no contexto seguinte. No contexto bilabial precedente o /o/ se realizou como [u] em 43% e no seguinte como [õ] em 52%. No contexto labiodental precedente o [u] ocorreu 38% e no seguinte o [ɔ] ocorreu 60%. No contexto velar precedente e no velar seguinte, ocorreu a mesma variante [ɔ] com percentual de ocorrência, respectivamente, em 32% e em 40%. No contexto alveolopalatal precedente ocorreu [ɔ] com registro percentual de 43%, enquanto no contexto seguinte ocorreu [u] com registro percentual de 80%. No contexto coronal precedente e seguinte ocorreu somente a variante [o] com registros percentuais, respectivamente, de 29% e 31%. No contexto envolvendo consoante glotal o /o/ se realizou como [ɔ] na posição precedente e como [o] na seguinte com registros percentuais, respectivamente, de 75% e de 43%.

Ainda na região solimoense, seis contextos são exclusivos da posição seguinte (ver Tabela 93), a saber: o /o/ se realizou como [u] diante de consoante palatal, das realizações de /S/ e diante de vogal média alta [e] com registros percentuais, respectivamente, de 72%, 49% e 69%; como [o] diante de vogal baixa central oral [a] e diante de vogal baixa central nasal [ã] com registros percentuais, respectivamente, de 52% e 48%; por último, o /o/ se realizou como [ɔ] diante do ditongo [ja] com percentual e ocorrência em 70%. Excluídos os contextos exclusivos, na precedência e na sequência fonética envolvendo bilabial, labiodental, alveolopalatal e glotal, não se manteve a mesma variante fonética,

enquanto no contexto velar e coronal se manteve a mesma variante fonética do contexto precedente no seguinte.

Os resultados mostram que em determinados contextos linguísticos existe predominância da vogal alta posterior [u], da vogal média alta posterior [o], da vogal média baixa posterior [ɔ] e da vogal média posterior nasal [õ].

Dos trinta e oito contextos intralinguísticos do Baixo Amazonas, onde ocorreram as variantes pretônicas de /e/, vinte foram favoráveis à predominância da variante média alta [e], nove foram favoráveis à predominância da variante alta [i], oito foram favoráveis à predominância da variante média baixa [ɛ] e um foi favorável à predominância da variante alta nasal [ĩ].

Dos trinta e sete contextos intralinguísticos do Médio Solimões, onde ocorreram as variantes pretônicas de /e/, dezesseis foram favoráveis à predominância da variante média baixa [ɛ], treze foram favoráveis à predominância da variante alta [i] e nove foram favoráveis à predominância da variante média alta [e]. Portanto, demonstramos em números percentuais a predominância das variantes pretônicas de /e/ nas duas regiões amazônicas no Gráfico 5:

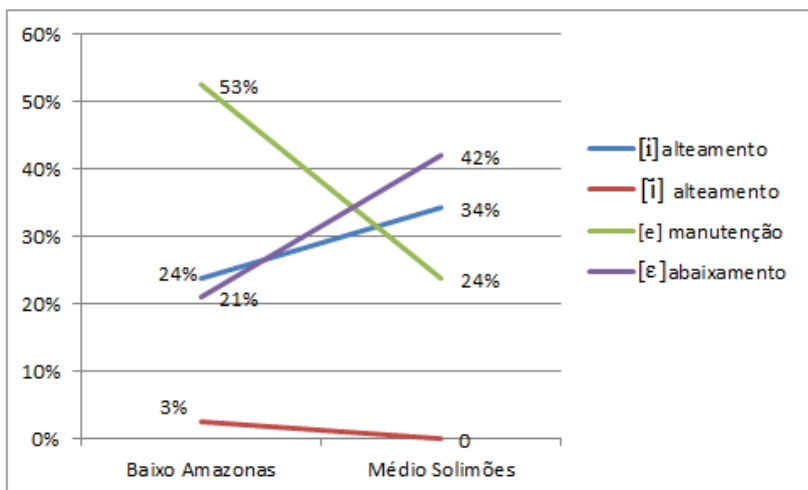


Gráfico 5 Fenômenos vocálicos do /e/ pretônico por contexto intralinguístico

Pela leitura do Gráfico 5, a manutenção da variante média alta [e] predominou no Baixo Amazonas, onde obteve 53% dos contextos, enquanto os demais fenômenos como alteamento para variante alta [i],

alteamento para variante alta nasal [ĩ] e o abaixamento para [ɛ], obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 21%, de 3% e de 21%. Já no Médio Solimões, predominou o abaixamento de /e/ em sua realização como variante média baixa [ɛ] com registro percentual de 42% do total de trinta e sete contextos computados. Os demais fenômenos vocálicos da região solimoense como alteamento e manutenção, obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 34% e de 24%. Concluímos que no Baixo Amazonas existem quatro variantes pretônicas predominantes em seus respectivos contextos: [e], [ɛ], [i] e [ĩ], enquanto no Médio Solimões existem três: [ɛ], [i] e [e]. O Baixo Amazonas constitui uma comunidade linguística com traços pretônicos diferentes dos da Região do Médio Solimões.

Em se tratando das realizações pretônicas de /o/, computamos trinta e seis contextos intralinguísticos no Baixo Amazonas, dos quais dezenove foram favoráveis à predominância da variante média alta [o], nove foram favoráveis à predominância da variante alta [u], seis foram favoráveis à predominância da variante média baixa [ɔ] e dois foram favoráveis à predominância da variante média alta nasal [õ]. Dos trinta e cinco contextos intralinguísticos do Médio Solimões, onde ocorreram as variantes pretônicas de /o/, dez contextos foram favoráveis à predominância da variante alta [u], onze foram favoráveis à predominância da variante média alta [o] e doze foram favoráveis à predominância da variante média baixa [ɔ] e dois foram favoráveis à predominância da variante média alta nasal [õ]. A visualização dos números percentuais das variantes pretônicas de /o/ nas duas regiões amazônicas pode ser visualizada no Gráfico 6:

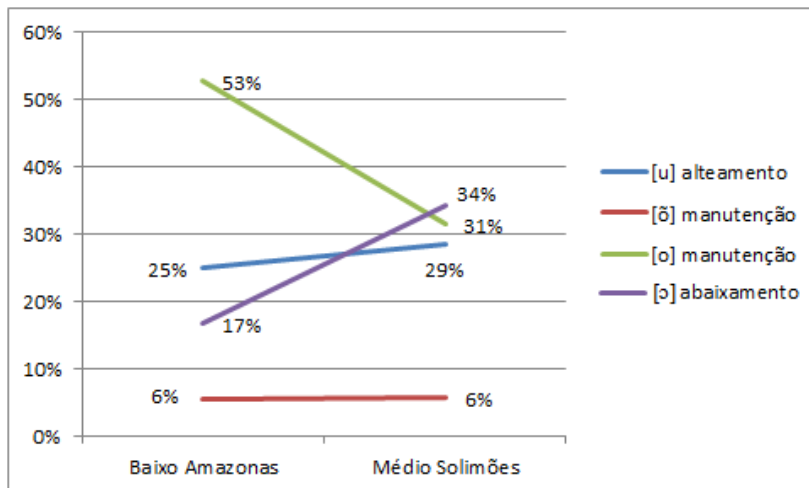


Gráfico 6 Fenômenos vocálicos do /o/ pretônico por contexto intralinguístico

Pela leitura do Gráfico 6, a manutenção da variante média alta [o] predominou na maioria dos contextos, obtendo um registro percentual de 53% no Baixo Amazonas. No Médio Solimões, por sua vez, o abaixamento de /o/ em sua realização como variante média baixa [ɔ] predominou na maioria dos contextos com registro percentual de 34%, porém com pequena diferença em relação às incidências dos fenômenos da manutenção da variante média alta [o] e do alteamento para [u], que obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 31% e de 29%. Podemos observar no gráfico 6: que existem quatro vogais pretônicas posteriores predominante em seus respectivos contextos nas duas regiões estudadas; que no Baixo Amazonas a predominância mais acentuada foi da variante média alta [o]; e que no Médio Solimões as variantes [u], [o] e [ɔ] estão concorrendo entre si.

Vamos comparar nos parágrafos seguintes os resultados da pesquisa atual envolvendo realizações médias pretônicas /e/ e /o/ com os resultados de pesquisas anteriores já concluídas no Amazonas e no Pará e com o trabalho de Bisol (1981).

#### 6.4.10 Comparações dos resultados envolvendo as realizações pretônicas /e/ e /o/ com estudos realizados no Amazonas, no Pará e com o estudo de Bisol (1981) na fala gaúcha



Na década de 1980, conforme Corrêa em o *Falar do caboco amazonense (Aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves)*, as realizações de /e/ e de /o/ foram, respectivamente, em [i] e em [u] de forma categórica. Em nossa pesquisa, o alteamento não ocorre mais de forma categórica e sofre concorrência do fenômeno da manutenção e do abaixamento, principalmente, na região geográfica do Médio Solimões.

Nessa mesma década, Cunha e Silva (1980) em *Análise fonético-fonológico das vogais médias pretônicas na fala de Manaus* concluiu seu estudo sobre as pretônicas /e/ e /o/ nessa cidade da seguinte forma: as variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] constituíam o padrão geral encontrado na fala de Manaus, enquanto as variantes médias altas [e] e [o] eram de uso restrito. O fenômeno da manutenção das variantes médias altas [e] e [o] ocorria diante de vogais médias altas tônicas [e] e [o]. Exemplos: nos vocábulos *pegou*, *peguei* e *adorei*, produzidos, respectivamente, como [pe.'gow], [pe.'gej] e [a.do.'rej]. Em nosso estudo, isso ocorreu também diante de [e] e de [o] em dois contextos cada no Baixo Amazonas e no Médio Solimões na posição contígua e em um contexto cada na posição não contígua. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *sereia*, *bebedouro*, *professor* como [se.'re.jɐ], [be.be.'dow.ru] e [pro.fe'.soh].

O fenômeno do abaixamento vocálico na pesquisa de Cunha e Silva (1980) ocorria diante vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogal baixa oral [a] ou nasal [ã] e diante de vogais médias altas nasais [ẽ] e [õ]. Exemplos: nos vocábulos *pegamos*, *adoramos*, *noção*, *setembro*, *proposta* e *negócio* produzidos, respectivamente, como [pe.'ga.muʃ], [a.do.'ra.muʃ], [no'sãw], [se.'tẽ.bru], [pro.'poʃ.tɐ] e [nẽ.'go.siu]. Em nossa pesquisa, o abaixamento ocorreu também diante de vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], diante de vogal baixa oral [a] e nasal [ã] e diante de vogais médias altas nasais [ẽ] e [õ]. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *coração*, *jogando*, *melão*, *revólver*, *microfone* e *correndo* como [kõ.'ra.sãw], [ʒõ.'gã.du], [mẽ.'lãw], [hẽ.'võ.vɪ], [mi.krõ.'fõɲɪ] e [kõ.'hẽ.du].

O alteamento em sua realização como vogais altas [i] e [u], ocorria na pesquisa de Cunha e Silva (1980) diante de [ʃ] em início absoluto de palavra, de hiato e de vogal alta [u]. Exemplos: nos vocábulos *extrato*, *passar*, *voar* e *peru*, produzidos, respectivamente,

como [iʃ.'tra.tu], [pa.si.'ah], [vu.'ah] e [pi'ru]. Encontramos esse fenômeno nesses contextos na pesquisa atual. Por exemplo, nas formas produzidas dos vocábulos *esqueleto*, *veado*, *espuma*, como [iʃke.'le.tu], [vi.'a.du] e [iʃ.'pu.mə].

Atualmente Quara, (2012) considera que na fala de Manaus há o predomínio do fenômeno da manutenção vocálica com a ocorrência de variantes médias altas [e] e [o].

Nos dados do ALAM (2004), ao computarmos os dados das cartas fonéticas 6-*bebida*, 7-*depois*, 8-*educação*, 9-*mentira*, 13-*peixinho*, 14-*estragada*, 15-*esgoto*, 16-*espinha*, 17-*pescoço*, 18-*tesoura*, 19-*presente*, 20-*melancia*, 21-*melhor*, 22-*perfume*, 23-*perdido*, 29-*queimar*, 30-*leilão*, 31-*leiloeiro*, 32-*real*, 33-*reais*, 39-*botinho*, 47-*desovar*, 82-*resultado*, 101-*devagar*, 103-*remédio* e 105-*medicina*, verificamos que em Parintins predominou a manutenção da variante média alta com registro percentual de 49% (setenta e seis ocorrências) do total de 156 possibilidades de incidência do /e/ pretônico nesses vocábulos. Na mesma localidade os fenômenos do abaixamento e do alteamento obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 15% (vinte e três ocorrências) e 12% (dezoito ocorrências).

Na obtenção dos dados do /o/ pretônico na cidade de Parintins, verificamos no ALAM (CRUZ, 2004) as realizações fonéticas nas cartas 5-*tomate*, 28-*colheita*, 40-*notícia*, 41-*obrigado*, 42-*afogar*, 43-*conversando*, 44-*conheço*, 45-*comer*, 46-*mosquito*, 47-*desovar*, 48-*trovão*, 49-*inocente*, 50-*polvilho*, 51-*chorão*, 52-*morreu*, 53-*assoalho*, 54-*coador*, 55-*goiaba*, 56-*proibido*, 57-*oitenta*, 58-*magoadado*, 64-*canoinha*, 74-*outubro*, 75-*orelha*, 76-*coração*, 77-*joelho*, 78-*comadre*, 79-*bonito*, 87-*assobio*, 90-*soldado* e 98-*advogado*, e encontramos os seguintes resultados: o fenômeno da manutenção da variante média alta [o] foi predominante com registro percentual de 42% (oitenta ocorrências) do total de 192 possibilidades de incidência do /o/. Esse fenômeno foi seguido pelo abaixamento com registro percentual de 14% (vinte e sete ocorrências) e pelo alteamento com registro percentual de 13% (vinte e cinco ocorrências).

No Baixo Amazonas, região amazonense, Brito (2011, p. 59) pesquisou as realizações fonéticas do /e/ e do /o/ pretônicos nas cidades Nhamundá, Urucará, São Sebastião do Uatumã, Boa Vista do Ramos e Barreirinha. Nos dados gerais do /e/, que totalizaram 530 possibilidades, o fenômeno da manutenção da variante média alta [e] foi mais expressivo com 50% das ocorrências, equivalentes a 265, e foi seguido pelo abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] com 26,79%

ocorrências, equivalentes a 142, e pelo alteamento de /e/ em sua realização como [i] com 16,79%, equivalentes a oitenta e nove ocorrências. Nos dados gerais do /o/, que totalizaram 688, novamente o fenômeno da manutenção da variante média alta [o] foi predominante e obteve percentual de ocorrência em 44, 91%, equivalentes a 309, e foi seguido pelo alteamento de /o/ em sua realização como [u] com 29,79%, equivalente a 205 ocorrências, e pelo abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] com 18,16%, equivalentes a 125 ocorrências.

Em Itacoatiara, cidade localizada no Médio Amazonas e é outro ponto de inquérito do ALAM (CRUZ, 2004), considerando os mesmos vocábulos computados para a cidade de Parintins no Baixo Amazonas, verificamos, também, o fenômeno da manutenção da variante média alta [e] como sendo o mais expressivo com registro percentual de 46% (setenta e uma ocorrências), enquanto o abaixamento do /e/ pretônico para [ɛ] obteve registro percentual de 17% (vinte e sete ocorrências) e o alteamento de /e/ para [i] obteve 15% (vinte e quatro ocorrências)

Isso nos permite considerar que do Baixo Amazonas no Estado do Pará (nossa pesquisa), passando pela microrregião do Baixo Amazonas no Estado do Amazonas, (CRUZ, 2004) e (BRITO, 2011), passando pelo Médio Amazonas ao considerarmos a cidade de Itacoatiara e chegando até Manaus (QUARA, 2012), predominam variantes médias altas [e] e [o], ou seja, o fenômeno da manutenção é o mais expressivo nesse percurso do rio Amazonas. A diferença em números percentuais e em números absolutos do fenômeno da manutenção para os demais fenômenos pretônicos é grande e atualmente não corrobora, pois, com a hipótese de Antenor Nascentes (1953) que afirmou que o falar nortista era caracterizado pela ocorrência de vogais abertas [ɛ] e [ɔ]

Os resultados que divergem um pouco das dessas pesquisas são os que constam no estudo de Silva (2009) sobre o *Comportamento da vogal tônica posterior média /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves* na região do Médio Amazonas.

A conclusão de Silva (2009) sobre o comportamento pretônico de /e/ e de /o/ foi: nas realizações de /e/, a variante alta [i] é predominante em Itapiranga e em Silves segundo o parâmetro gênero masculino e feminino; a variante média alta [e] é predominante na faixa etária 1 em Itapiranga, enquanto em Silves foi a variante alta [i] também na faixa etária 1. Nas realizações do /o/ pretônico, segundo o parâmetro gênero, em Itapiranga predominou a variante média alta [o] para o masculino, e em Silves a variante alta [u] para o feminino; segundo o parâmetro faixa

etária, em Itapiranga, predominou a variante média alta [o] na faixa etária 1, e em Silves predominou a variante alta [u] na faixa etária 3. Portanto, nas cidades de Itapiranga e Silves, na região do Médio Amazonas, temos para /e/ e /o/ realizações fechadas, respectivamente, em [e] e em [i] para a vogal média anterior /e/, em [o] e em [u] para a vogal média posterior /o/.

Do total de 144 ocorrências do /e/ pretônico na pesquisa de Silva (2009), 42,4% das ocorrências foram de manutenção da variante média alta [e] e de 42% para o fenômeno do alteamento na cidade de Itapiranga, enquanto na cidade de Silves o alteamento foi mais expressivo com registro percentual de 43,1%.

Se formos considerar o cômputo geral de 288 ocorrências da vogal média pretônica /e/ envolvendo as duas cidades do Médio Amazonas, o alteamento dessa pretônica em sua realização como variante alta [i] é predominante com registro percentual de 43%, equivalentes a cento e vinte e três ocorrências, enquanto a manutenção da variante média alta [e], o abaixamento como realização da variante média baixa [ɛ] e nenhuma das respostas, incidiram com registros percentuais, respectivamente, de 40%, equivalentes a cento e quinze ocorrências, de 10%, equivalentes a vinte e oito ocorrências, de 8%, equivalente a vinte e duas ocorrências. Desta vez, ao analisarmos o somatório geral das ocorrências do /o/ pretônico em cada uma dessas localidades do Médio Amazonas, Silva (2009) obteve os resultados seguintes: em Itapiranga houve predominância da manutenção de [o] com registro percentual de 39,4%, correspondentes a setenta e uma ocorrências do total de cento e oitenta; enquanto em Silves o fenômeno do alteamento foi bastante expressivo com registro percentual de 42%, correspondentes a setenta e sete ocorrências do total de cento e oitenta.

Nos dados gerais, envolvendo as duas localidades do Médio Amazonas, que totalizaram 360 possibilidades de incidência de /o/, o alteamento foi também expressivo com registro percentual de 39%, correspondentes a cento e quarenta ocorrências, enquanto a manutenção da variante média alta [o], o abaixamento com a realização da variante média baixa [ɔ] e nenhuma das respostas, incidiram com registros percentuais, respectivamente, de 37%, correspondentes a cento e trinta e três ocorrências, de 17%, correspondentes a sessenta e quatro ocorrências e de 7%, correspondentes a vinte e três ocorrências. Portanto, o fenômeno vocálico predominante na região do Médio Amazonas ao considerarmos apenas os dados gerais das cidades de Silves e Itapiranga foi o alteamento de /e/ e de /o/ em suas realizações

pretônicas como variantes altas, respectivamente, [i] e [u] corroborando em parte com os resultados de Correa (1980) quase três décadas depois, quando ocorria o alteamento categórico no falar caboclo de Itacoatiara e Silves na região do Médio Amazonas. Esse alteamento também foi predominante no cômputo geral do Médio Solimões.

Gostaríamos de saber se a predominância do fenômeno da manutenção de /e/ e de /o/ nas realizações como [e] e [o] somente ocorreria até a cidade de Manaus no encontro entre as águas do rio Negro e do rio Solimões. Aguçou-nos a curiosidade, uma vez que não tínhamos dados de cidades ou de comunidades localizadas no começo do rio Solimões. Procuramos novamente os dados no ALAM (CRUZ, 2004) sobre as ocorrências de vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e encontramos a cidade de Manacapuru. Nesse Atlas, Cruz (2004, p. 139)) chegou a seguinte conclusão sobre as realizações fonéticas dessas vogais:

(a) As vogais médias pretônicas **/e/ e /o/**<sup>46</sup> tendem a ser realizadas como abertas [ɛ, ɔ], confirmando-se, assim, a característica apontada por Antenor Nascentes como tipificadora do Falar do Norte do Brasil, embora as variantes fechadas [o, e] e altas [i, u] ocorram com significativos índices de frequência, inclusive categóricos, em alguns vocábulos.

Vamos verificar se essa afirmação se confirma na cidade de Manacapuru e iremos confrontar com os dados da cidade de Anamã na região geográfica do Médio Solimões.

Como sabemos, a cidade de Anamã está localizada no Médio Solimões e a uma hora e meia de distância, se o transporte for feito por lancha rápida, da cidade de Manacapuru e a cinco horas se o transporte for feito de barco no trajeto entre essas duas cidades. Em Anamã predominou o fenômeno do abaixamento da pretônica /e/ e o fenômeno do alteamento para a pretônica /o/, totalmente diferente dos resultados que encontramos na cidade de Manacapuru, onde a manutenção das variantes médias altas [e] e [o] foi predominante com registros percentuais, respectivamente, de 44%, equivalentes a sessenta e oito ocorrências do total de 156, e de 29%, correspondentes cinquenta e cinco ocorrências do total de 192.

---

<sup>46</sup>Inserimos as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ em negrito na citação de Cruz (2004).

Em Manacapuru, o índice de abstenção dos informantes conforme os dados do ALAM (CRUZ, 2004), incluindo perguntas não feitas, respostas não dadas e problemas de outra natureza, foi expressivo, pois nos resultados da pretônica /e/ o índice chegou a 19%, com trinta ocorrências, igual ao percentual da variante média baixa [ɛ] (19%), com trinta ocorrências, e superior ao da variante alta [i] (13%), com vinte ocorrências, e da variante média alta nasal [ẽ] (5%), com oito ocorrências. Esse índice aumentou mais ainda nos resultados da pretônica /o/ com incidência de 22%, com quarenta e três ocorrências, muito superior aos números percentuais das variantes [ɔ], [u], [õ], [w], [ũ] e [a], que foram, respectivamente, de 18% (trinta e cinco ocorrências), de 18% (trinta e cinco ocorrências), de 7% (treze ocorrências), de 4% (oito ocorrências), de 1% (duas ocorrências) e de 1% (uma ocorrência). Esses dados de Manacapuru corroboram para a conclusão do cômputo geral do ALAM, pois Cruz (2004) concluiu que as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ tendem a ocorrer predominantemente como variantes abertas [ɛ] e [ɔ], e confirmou, dessa forma, o padrão dialetal apontado por Antenor Nascentes do falar do norte do Brasil, embora as variantes fechadas [e] e [o] e altas [i] e [u] incidem com índices de frequência, inclusive categóricos, em alguns vocábulos.

Na pesquisa atual, ao ignorarmos os contextos linguísticos e extralinguísticos onde as vogais pretônicas /e/ e /o/ se realizaram, e ao nos atermos somente aos dados gerais brutos, diríamos que tanto no Médio Solimões (AM) quanto no Baixo Amazonas (PA) predominaram a vogal média baixa anterior [ɛ] e a vogal média alta posterior [o]. Em análise separada, percebemos que na região do Baixo Amazonas (PA), envolvendo as duas localidades paraenses, as alternantes [e] e [o] são mais expressivas, as mesmas variantes predominantes constatadas no trabalho de Freitas (2001) na cidade de Bragança no Estado do Pará e no trabalho de Rodrigues e Araújo (2007) na cidade paraense de Cametá.

No Médio Solimões, encontramos como predominante o [ɛ] em todos os sete pontos de inquérito, para vogal pretônica anterior, e para a pretônica posterior, o [u] foi predominante em três pontos (Anamã, Saubinha e Costa do Juçara) e o [o] em quatro pontos (Ariri, Coari, Itapéua e Codajás. A predominância da variante média baixa anterior [ɛ] na região solimoense corrobora os resultados encontrados no ALAM (CRUZ, 2004, p. 139), onde essa variante também foi predominante no cômputo geral.

Gostaríamos de saber se havia nas cartas fonéticas do ALAM o cômputo de dados sobre as realizações pretônicas de /e/ e de /o/ em alguma localidade mais acima no Rio Solimões, que fosse próxima ao município de Coari no Médio Solimões. Nossa finalidade era saber se as ocorrências pretônicas dos pontos de inquérito do município de Coari seriam semelhantes ou diferentes de uma localidade da microrregião Jutai-Solimões-Juruá.

Como sabemos, nos cinco pontos de inquérito do município de Coari, houve predominância do abaixamento em se tratando da variante média anterior /e/, e houve manutenção da variante média alta [o] em Ariri, em Coari e em Itapéua, porém houve alteamento no Saubinha e na Costa do Juçara. Os dados do ALAM relativos à cidade de Tefé mostraram a manutenção das variantes médias altas [e] e [o], as quais obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 38%, correspondentes a cinquenta e nove ocorrências de um total de 156, de 35%, correspondentes a sessenta e oito ocorrências de um total de 192. Mais uma vez, o índice percentual de nenhuma das respostas anteriores, incluindo respostas não dadas, respostas não feitas e problemas de outra natureza, foi expressivo, desta vez para cidade de Tefé, sendo 28% (quarenta e três ocorrências) para a vogal anterior /e/ e 26% (quarenta e nove ocorrências) para a vogal posterior /o/. O Abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ], o alteamento de /e/ em sua realização como [i] e a manutenção da variante média alta nasal [ẽ] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 19%, correspondentes a trinta ocorrências, de 11%, correspondentes a dezessete ocorrências, e de 4%, correspondentes a sete ocorrências. Em se tratando da vogal média posterior /o/, os fenômenos de abaixamento para a variante média baixa [ɔ], alteamento para a variante alta oral [u], manutenção da variante média alta nasal [õ], alteamento para a variante alta nasal [ũ] e redução para um segmento vocálico menos tenso como [w] na transcrição de Cruz (2004) para os vocábulos *assoalho*, *coador* e *magoado*, obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 19% (trinta e seis ocorrências), de 12% (vinte e três ocorrências), de 5% (nove ocorrências) e de 2% (três ocorrências).

Podemos afirmar que desde a região do Baixo Amazonas no Estado do Pará, subindo o Rio Amazonas até Manaus no Estado do Amazonas, e de Manaus subindo o Rio Solimões até a cidade de Manacapuru, a 71 km de distância em linha reta, predomina a manutenção das variantes médias altas [e] e [o]. Depois segue uma pausa com predominância do abaixamento de /e/ e da oscilação entre

manutenção, alteamento e abaixamento de /o/ na região do Médio Solimões. Depois do município de Coari, a 195 km de distância subindo o Rio Solimões, está localizada a cidade de Tefé, onde novamente volta a ser predominante o fenômeno da manutenção das variantes médias altas [e] e [o], que igualmente aos dados da cidade de Parintins, Itacoatiara e Manacapuru corroboram com os resultados gerais do ALAM, que indica a predominância do abaixamento.

Azevedo (2001) realizou uma pesquisa sobre as pretônicas /e/ e /o/ com falantes analfabetos ou semianalfabetos oriundos do rio Juruá (AM), um dos afluentes do rio Solimões, que estavam até dois anos morando na periferia da cidade de Manaus. Foram submetidos a uma nova reanálise para o /e/ pretônico os seguintes vocábulos: *beber, descer, semente, segredo, esqueleto, negócio, melhor, defesa, setembro, redondo, perfume, desejo, vermelho, resistir, diferente, enxotar, desovar, Eduardo, enxugar, estou, tesoura, besouro, espírito, peneira, pesadelo, vegetal, geladeira, dedicado, fevereiro, esperar, esbarrar, engasgar, emporcalhadoe orelhudo*, totalizando trinta e quatro vocábulos.

Os vocábulos submetidos a uma nova reanálise para o /o/ pretônico foram: *negócio, picolé, soar, enxotar, ovado, ossada, ovelha, coelho, joelho, coar, arpoar, atolar, mojica, desovar, coceira, coroa, volante, problema, morena, doutor, dourado, outubro, ouvido, vassourinha, pouquinho, roubado, gostou, porteiro, coração, emporcalhado, correnteza, chocolate, ocupado, dolorido, colorido e orelhudo*, totalizando trinta e seis vocábulos.

No rio Juruá, o padrão pretônico por vocábulo em se tratando das ocorrências de /e/ está assim distribuído:

Tabela 95 Alteamento do /e/ pretônico no rio Juruá (AM)

Alteamento [i]				Alteamento [i]	
Nº	Vocábulos	%	freq.	%	freq.
1	Semente	100%	8		
2	Desovar	100%	8		
3	Tesoura	100%	8		
4	Besouro	100%	8		



5	<b>Espírito</b>	100%	8		
6	<b>Esperar</b>	90%	7		
7	<b>Esbarrar</b>	80%	6		
8	<b>Enxotar</b>			80%	6
9	<b>Enxugar</b>			100%	8
10	<b>Engasgar</b>	10%	1	90%	7
11	<b>Emporcalhado</b>			100%	8
12	<b>Esqueleto</b>	100%	8		
Total	12 vocábulos	23%	69	11%	34

Na Tabela 95, o alteamento de /e/ em sua realização como [i] registrou 23% (sessenta e nove ocorrências) e foi categórico nos vocábulos *semente*, *desovar*, *tesoura*, *besouro*, *espírito* e *esqueleto*, e ocorreu de forma predominante nos vocábulos *esbarrar* e *esperar*. Por último, o alteamento de /e/ em sua realização como variante alta nasal [i] foi categórico nos vocábulos *enxugar* e *emporcalhado* e quase categórico nos vocábulos *enxotar* e *engasgar*, totalizando no cômputo geral envolvendo apenas esses quatro vocábulos trinta e quatro ocorrências, equivalentes a 11%.

Conforme dados da Tabela 96, o fenômeno da manutenção da variante média alta [e] predominou no rio Juruá, onde obteve 34% (cento e três ocorrências), incidindo de maneira categórica nos vocábulos *esqueleto*, *beber*, *segredo*, *defesa*, *desejo* e *orelhudo*, e ocorrendo de forma predominante nos vocábulos *vermelho*, *resistir*, *diferente*, *geladeira* e *fevereiro*.

Tabela 96 Manutenção do /e/ pretônico no rio Juruá (AM)  
Manutenção [e]

Nº	Vocábulos	%	freq.
----	-----------	---	-------

1	<b>Esqueleto</b>	100%	8
2	<b>Beber</b>	100%	8
3	<b>Descer</b>	100%	8
4	<b>Segredo</b>	100%	8
5	<b>Defesa</b>	100%	8
6	<b>Desejo</b>	100%	8
7	<b>Vermelho</b>	80%	6
8	<b>Resistir</b>	90%	7
9	<b>Diferente</b>	90%	7
10	<b>Peneira</b>	90%	7
11	<b>Geladeira</b>	50%	4
12	<b>Fevereiro</b>	80%	12
13	<b>Orelhudo</b>	100%	8
Total	13 vocábulos	34%	103

Na tabela 97, verificamos as ocorrências do fenômeno do abaixamento no rio Juruá (AM).

Tabela 97 Abaixamento do /e/ pretônico no rio Juruá (AM)

Abaixamento de [ɛ]

Nº	Vocábulos	%	freq.
1	<b>Negócio</b>	100%	8
2	<b>Melhor</b>	100%	8
3	<b>Setembro</b>	100%	8
4	<b>Redondo</b>	100%	8
5	<b>Perfume</b>	100%	8
6	<b>Eduardo</b>	100%	8
7	<b>Pesadelo</b>	90%	7
8	<b>Vegetal</b>	90%	14

9	Dedicado	90%	7
Total	9 vocábulos	30%	91

O abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] registrou 30% (noventa e uma ocorrências), incidindo de maneira categórica nos vocábulos *negócio*, *melhor*, *setembro*, *redondo*, *perfume*, *Eduardo*, e ocorrendo de forma predominante nos vocábulos *pesadelo*, *vegetale dedicado*. Na Tabela 98, o fenômeno do alteamento de /o/ obteve registro percentual de 21% (sessenta e três ocorrências) e foi categórico nos vocábulos *soar*, *joelho*, *arpoar* e *mojica*, e ocorreu de forma predominante nos vocábulos *ovelha*, *coelho*, *coar*, e *enxotar*.

Tabela 98 Alteamento do /o/ pretônico no rio Juruá (AM)  
Alteamento [u]

Nº	Vocábulos	%	freq.
1	Soar	100%	8
2	Ovelha	90%	7
3	Joelho	100%	8
4	Coar	90%	7
5	Arpoar	100%	8
6	Coelho	90%	7
7	Mojica	100%	8
8	Enxotar	50%	4
Total	8 vocábulos	21%	63

Na Tabela 99, o fenômeno da manutenção obteve 37% (111 ocorrências) incidindo de forma categórica nos vocábulos *vassourinha*, *pouquinho*, *gostou*, *colorido*, *fevereiro* e *doutor*, e ocorreu de forma predominante nos vocábulos *outubro*, *ouvido*, *porteiro* e *dolorido*.

Tabela 99 Manutenção do /o/ pretônico no rio Juruá (AM)  
Manutenção [o]

Nº	Vocábulos	%	freq.
----	-----------	---	-------

1	<b>Coroa</b>	100%	8
2	<b>Morena</b>	90%	7
3	<b>Doutor</b>	100%	8
4	<b>Outubro</b>	90%	7
5	<b>Ouvido</b>	90%	7
6	<b>Vassourinha</b>	100%	8
7	<b>Pouquinho</b>	100%	8
8	<b>Gostou</b>	100%	8
9	<b>Porteiro</b>	90%	7
10	<b>Dolorido</b>	90%	14
11	<b>Colorido</b>	100%	16
12	<b>Orelhudo</b>	80%	6
Total	12 vocábulos	37%	111

Na Tabela 100 o fenômeno do abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] foi predominante no rio Juruá, pois obteve 41% (126) do total de 304.

Esse fenômeno ocorreu de forma categórica nos vocábulos *picolé*, *ossada*, *atolar*, *desovar*, *dourado*, *roubado* e *coração*, *emporcalhado*, *correnteza*, *chocolate*, e ocorreu de maneira expressiva nos vocábulos *ovado*, *coceira*, *problema* e *volante*. Em se tratando do vocábulo *ocupado* foi produzido 50% (quatro ocorrências) dos casos como [aw.ku.'pa.du] e como [ɔ.ku.'pa.du] 30% (três ocorrências).

Tabela 100 Abaixamento do /o/ pretônico no rio Juruá (AM)

Abaixamento [ɔ]		Abaixamento [a]	
Nº	Vocábulos	%	freq.
1	<b>Picolé</b>	100%	8
2	<b>Enxotar</b>	50%	4
3	<b>Ovado</b>	90%	7
4	<b>Ossada</b>	100%	8

5	Atolar	100%	8		
6	Desovar	100%	8		
7	Coceira	80%	6		
8	Problema	90%	7		
9	Volante	90%	7		
10	Dourado	100%	8		
11	Roubado	100%	8		
12	Coração	100%	8		
13	Emporcalhado	100%	8		
14	Correnteza	100%	8		
15	Chocolate	100%	8		
16	Ocupado	40%	3	50%	4
Total	16 vocábulos	41%	126	1%	4

Nos contextos, nos quais ocorreram os fenômenos do alteamento, da manutenção e do abaixamento vocálico no rio Juruá, em nossa pesquisa também ocorreram esses três fenômenos.

Na Tabela 101, disponibilizamos os dados em números percentuais e em números absolutos envolvendo os três fenômenos vocálicos mais predominantes considerando algumas das pesquisas já elencadas anteriormente.

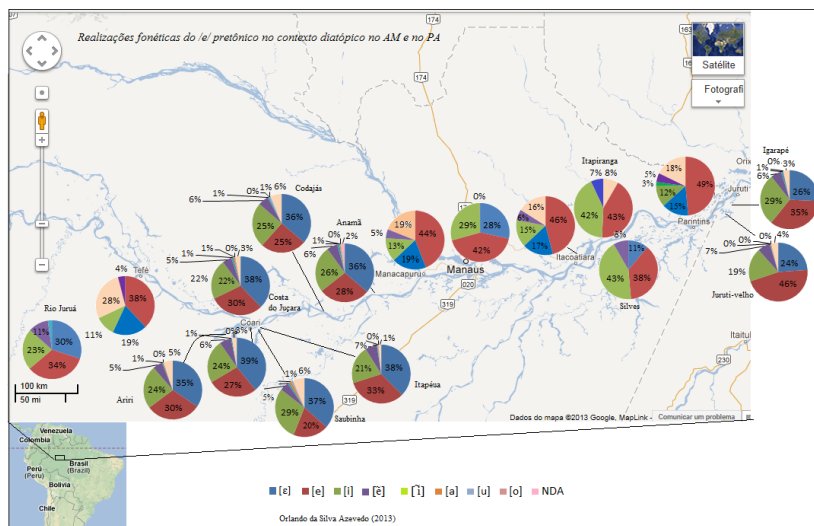
Tabela 101 Realizações pretônicas de /e/ no contexto diatópico  
Principais realizações pretônicas do /e/ no contexto diatópico

Pontos de inquérito	Alt.[i]	Manut. [e]	Abaix. [ɛ]	Total	Pesquisa
	% Freq.	% Freq.	% Freq.		
Igarapé (PA)	29% 151	35% 185	26% 136	528	Esta
Juruti-velho (PA)	19% 98	46% 243	24% 126	528	Esta
Parintins	12%	49%	15%	156	Cruz

(AM)	18	76	23		(2004)
Itapiranga (AM)	42% 61	42% 61	7% 12	144	Silva (2009)
Silves (AM)	43% 62	38% 54	11% 16	144	Silva (2009)
Itacoatiara (AM)	15% 24	46% 71	17% 27	156	Cruz (2004)
Manaus (AM) <sup>47</sup>	29% 327	42% 476	28% 319	1.125	Quara (2012)
Manacapuru (AM)	13% 20	44% 68	19% 30	156	Cruz (2004)
Anamã (AM)	26% 135	28% 149	36% 191	528	Esta
Codajás (AM)	25% 131	25% 134	36% 191	528	Esta
Itapéua (AM)	21% 111	33% 172	38% 198	528	Esta
Saubinha (AM)	29% 155	20% 103	37% 193	528	Esta
Coari (AM)	24% 126	27% 145	39% 206	528	Esta
Costa do Juçara (AM)	22% 116	30% 158	38% 200	528	Esta
Ariri (AM)	24% 126	30% 160	35% 182	528	Esta
Tefé (AM)	11% 17	38% 59	19% 30	156	Cruz (2004)
Rio Juruá	23% 69	34% 103	30% 91	304	Azevedo (2001)

Visualizando esses dados no Mapa 11 para as ocorrências do /e/ pretônico, temos:

<sup>47</sup>Quara (2012) computou os dados juntos das variantes fechadas [e] e [ẽ] e das variantes altas [i] e [ĩ].



Mapa 11 Ocorrências da manutenção, abaixamento e alteamento no espaço cartográfico

Na Tabela 102, disponibilizamos os dados dos três fenômenos mais recorrentes do /o/ pretônico envolvendo algumas das pesquisas já elencadas anteriormente.

Tabela 102 Realizações pretônica do /o/ no contexto diatópico  
Principais realizações pretônicas do /o/ no contexto diatópico

	Alt. [u]	Manut. [o]	Abaix. [ɔ]	Tota l	Pesquisa
Pontos de inquérito	% Freq.	% Freq.	% Freq.		
Igarapé (PA)	26% 106	38% 156	19% 77	408	Esta
Juruti-velho (PA)	16% 65	43% 177	22% 90	408	Esta
Parintins (AM)	13% 25	42% 80	14% 27	192	Cruz (2004)
Itapiranga (AM)	35% 63	39% 71	18% 32	180	Silva (2009)
Silves (AM)	43% 77	34% 62	18% 32	180	Silva (2009)
Itacoatiara (AM)	18% 34	36% 69	16% 31	192	Cruz (2004)
Manaus (AM) <sup>48</sup>	32% 348	49% 535	18% 192	1.08 1	Quara (2012)
Manacapuru (AM)	18% 35	29% 55	18% 35	192	Cruz (2004)
Anamã (AM)	32% 129	25% 102	28% 115	408	Esta
Codajás (AM)	30% 124	25% 104	26% 106	408	Esta
Itapéua (AM)	23% 93	33% 135	26% 104	408	Esta
Saubinha (AM)	31% 128	22% 91	28% 113	408	Esta
Coari (AM)	26% 106	33% 136	27% 99	408	Esta
Costa do Juçara	29%	29%	26%	408	Esta

<sup>48</sup>Quara (2012) computou os dados juntos das variantes fechadas [o] e [õ] e das variantes altas [u] e [ũ].





regularidade em alguns vocábulos, ou seja, em tal contexto linguístico ou extralinguístico só há espaço para a variante média alta nasal [ẽ] com 277 ocorrências ou 6% do total.

Da mesma forma que o /e/ obteve quatro variantes predominantes, as realizações do /o/ pretônico foram quatro variantes que se destacaram, a saber: o [o] com 31%, equivalentes a 1.138 ocorrências, o [u] com 26%, equivalentes a 969 ocorrências, o [ɔ] com 25%, equivalentes a 932 ocorrências e a variante nasal posterior [õ] com 8%, equivalentes a 308 ocorrências de um total de 3.672. Esses resultados, pois, são diferentes dos encontrados no ALAM (CRUZ, 2004, p.139) onde predominou apenas a variante pretônica média baixa [ɔ].

Existem vocábulos que possuem variantes vocálicas médias pretônicas estáveis ou pouco mutáveis no dialeto solimoense e jurutiense como em: *colher*, *costela*, *gasolina* transcritos, respectivamente, como [ku<sup>1</sup>.ʎeh], [kuʃ.<sup>1</sup>te.lə], [ga.zu.<sup>1</sup>ʎi.nə]; *menino* transcrito como [mĩ.<sup>1</sup>jĩ.nu]; *Petrobrás* transcrito como [petrõ<sup>1</sup>braʃ]; *professor* transcrito como [pro.fe.<sup>1</sup>soh]; *dominó* transcrito como [dõ.mi.<sup>1</sup>nõ]; nos vocábulos onde o /e/ foi precedido de vazio e seguido por /S/, o padrão pretônico foi [i] seguindo a mesma tendência nas demais regiões brasileiras como *escada*, *escova*, *espada*, *espantalho*, *espiga*, *espingarda*, *esponja*, *espuma*, *estátua*, *estômago*, *estrela*, *esqueleto*, *escorpião*, *escovando* e *escrevendo*.

A altura da vogal átona na sílaba seguinte funcionou como uma espécie de gatilho (BISOL, 1981) para os fenômenos vocálicos da manutenção das variantes médias altas [e], [õ] e [o], do alteamento de /e/ e /o/ em suas realizações, respectivamente, como [i], [ĩ] e [u] e do abaixamento de /e/ e /o/ em suas realizações, respectivamente, como [ɛ] e [ɔ]. Embora, o falante nem sempre age de acordo com essa simetria vocálica, pois, eventualmente, onde menos esperamos um fenômeno, este acaba acontecendo. Por exemplo, o /e/ se realizou predominantemente como [e] diante da vogal tônica [ũ] no Baixo Amazonas, porém como [i] nesse mesmo contexto no Médio Solimões.

Na tese de Bisol (1981), ainda, as consoantes velares no contexto precedente e as consoantes palatais no contexto seguinte favorecem o alteamento de /e/ em sua realização como [i] na fala gaúcha. Nesta pesquisa em relação aos dados do Baixo Amazonas, aconteceu a manutenção da variante média alta [e] no contexto palatal precedente,

e somente no contexto palatal seguinte houve o alteamento para a variante nasal [ɪ]. Em se tratando dos dados do Médio Solimões, nenhum deles bate com os resultados de Bisol (1981) sobre o alteamento de /e/, pois nos dois contextos prevaleceu o fenômeno do abaixamento de /e/.

Na pesquisa de Bisol (1981), as consoantes alveolares no contexto precedente e as consoantes bilabiais no contexto seguinte da pretônica /e/ não favoreceram o alteamento. Nesta pesquisa, consideramos as consoantes alveolares /t/ e /d/, que foram incluídas no grupo de consoantes coronais, onde houve predominância da manutenção no Baixo Amazonas e do abaixamento no Médio Solimões. Quanto ao contexto bilabial seguinte, nas duas regiões amazônicas incidiu de forma predominante a manutenção da variante média alta [e].

Quanto ao alteamento da pretônica medial posterior /o/, em sua realização como [u], Bisol (1981) considerou que a presença de um segmento palatal precedente e de um segmento alveolar seguinte favoreceu a ocorrência desse fenômeno. Em nossa pesquisa consideramos que as consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/ são produzidas na posição pré-palatal da boca, por isso são classificadas como alveolopalatais, onde o abaixamento de /o/ em sua realização como variante baixa posterior [ɔ] foi predominante nas duas regiões amazônicas. Somente no contexto alveolopalatal seguinte que houve o alteamento, inclusive, de forma expressiva tanto no Médio Solimões quanto no Baixo Amazonas. Como as consoantes alveolares /t/ e /d/ foram incluídas no grupo de coronais, não dispomos de dados precisos ao mostrarmos que nesse grupo não houve alteamento predominante, houve, porém, a manutenção da variante média alta [o] em ambas regiões estudadas.

Para finalizar esse paralelo, Bisol (1981) considerou que uma vogal tônica nasalizada favorece somente o alteamento da pretônica anterior /e/. Vejamos nossos resultados primeiramente para as realizações pretônicas da vogal média anterior /e/:

No Baixo Amazonas

- a. Diante de [ã]: manutenção da variante média alta [e] em 50%;
- b. Diante de [ẽ]: manutenção da variante média alta [e] em 44%;
- c. Diante de [i]: alteamento com a realização da variante alta [i] em 47%;
- d. Diante de [õ]: alteamento com a realização da variante alta [i] em 52%;
- e. Diante de [ũ]: manutenção da variante média alta [e] em 45%.

Logo, constatamos que essa tese não se aplica plenamente ao dialeto jurutiense, pois houve mais casos de manutenção do que de alteamento.

#### No Médio Solimões

a. Diante de [ã]: abaixamento com a realização da variante média baixa [ɛ] em 58%;

b. Diante de [ẽ]: abaixamento com a realização da variante média baixa [ɛ] em 71%;

c. Diante de [ĩ]: alteamento com a realização da variante alta [i] em 46%;

d. Diante de [õ]: alteamento com a realização da variante alta [i] em 47%;

e. Diante de [ũ]: alteamento com a realização da variante alta [i] em 56%.

Como constatado nos dados da região solimoense, apesar de o alteamento abranger mais contextos que os dados do Baixo Amazonas, em nossa pesquisa houve contextos envolvendo vogais tônicas nasais, onde o abaixamento foi predominante, e houve contextos, onde o alteamento também foi predominante.

Consideramos os contextos envolvendo vogais tônicas nasais para as realizações pretônicas da vogal média posterior /o/:

#### No Baixo Amazonas

a. Diante de [ã]: manutenção da variante média alta [o] em 45%;

b. Diante de [ẽ]: manutenção da variante média alta [o] em 34%;

c. Diante de [ĩ]: manutenção da variante média alta [o] em 50%.

De fato, a manutenção predominante da variante média alta [o] no dialeto jurutiense corrobora com a consideração de Bisol (1981) na fala gaúcha de que o contexto seguinte envolvendo vogais tônicas nasais não favorece o alteamento da vogal pretônica posterior /o/.

#### No Médio Solimões

a. Diante de [ã]: abaixamento com a realização da variante média baixa [ɔ] em 49%;

b. Diante de [ẽ]: abaixamento com a realização da variante média baixa [ɔ] em 50%;

c. Diante de [i]: alteamento com a realização da variante alta [u] em 67%.

Como vimos nos dados do Médio Solimões, não se aplicam de forma categórica os resultados da fala gaúcha (Bisol, 1981) no dialeto solimoense, uma vez que o alteamento ocorreu em um dos três contextos de nossa pesquisa. Portanto, nas duas regiões amazônicas, os fenômenos que ocorreram com as vogais pretônicas por meio de assimilação ou dissimilação dos traços das consoantes e vogais adjacentes no contexto linguístico ou extralinguístico caracterizam o alteamento de /e/ e /o/ em suas realizações, respectivamente, como [i] e [u], a manutenção das variantes médias altas [e] e [o], o abaixamento de /e/ e /o/ em suas realizações como [ɛ] e [ɔ] e a manutenção das variantes médias altas nasais [ẽ] e [õ].

#### **6.4.11 Padrão regional e geral das realizações do /e/ e do /o/ pretônicos por vocábulo**

Apresentamos mediante a utilização de tabelas as ocorrências em números percentuais e em números absolutos dos fenômenos vocálicos do abaixamento, do alteamento e da manutenção das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ por vocábulos.

#### **6.4.12 Abaixamento de /e/ por vocábulo**

Os vocábulos elencados na Tabela 103 constituem a maioria do total de 102 selecionados para compor o questionário fonético-fonológico.

Nesses vocábulos predominou de maneira expressiva o fenômeno pretônico do abaixamento de /e/ para [ɛ]. Houve alguns casos de manutenção de /e/ em sua realização como [e]. Por exemplo, em *bateria*, *perfume*, *bebendo*, *desenhando* e *televisão* a variante média alta [e] predominou somente no Baixo Amazonas. Por outro lado, os dados da Tabela 103, o abaixamento foi categórico nos vocábulos *revólver*, *Petrobrás* e *geladeira* e ocorreu tal fenômeno somente na região solimoense.

O contexto seguinte envolvendo vogal baixa oral [a], vogal baixa nasal [ã], vogal média baixa [ɛ], vogal média nasal anterior [ẽ], vogal média baixa posterior [ɔ], vogal média nasal posterior [õ] e vogal alta nasal posterior [ũ] foi significativo no processo de abaixamento do /e/ e estão presentes em todos os contextos, à exceção dos contextos envolvendo os vocábulos *helicóptero*, *bateria* e *televisão*, onde encontramos segmentos coronais [t] e [l] adjacentes ao /e/.

Tabela 103 Predominância do abaixamento de /e/ por vocábulo

Vogal média pretônica /e/→[ɛ]								
Abaixamento		Baixo Amazonas			Médio Solimões		Geral	
N <sup>o</sup>	Vocábulo	Vogal	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
1	Elefante	[ɛ]	69%	11	82%	42	82%	53
2	Elefante	[ɛ]	69%	11	95%	53	89%	64
3	Bateria	[ɛ]	Manutenção		55%	31	Manutenção	
4	Cerâmica	[ɛ]	50%	8	68%	38	64%	46
5	Perfume	[ɛ]	Manutenção		79%	44	69%	50
6	Pressão	[ɛ]	63%	10	95%	53	88%	63
7	Presente	[ɛ]	63%	10	96%	54	89%	64
8	Melão	[ɛ]	88	14	98	55	96	69

		]	%		%		%	
9	Regador	[ε ]	63 %	10	64 %	36	64 %	46
10	Retrato	[ε ]	88 %	14	95 %	53	93 %	67
11	Revólver	[ε ]	88 %	14	100 %	56	97 %	70
12	Petrobrás	[ε ]	63 %	10	100 %	56	92 %	66
13	Beterraba	[ε ]	75 %	12	84 %	47	82 %	59
14	Beterraba	[ε ]	63 %	10	77 %	43	74 %	53
15	Telefone	[ε ]	75 %	12	88 %	49	85 %	61
16	Telefone	[ε ]	81 %	13	88 %	49	86 %	62
17	Polegar	[ε ]	50 %	8	59 %	33	57 %	41
18	Bebendo	[ε ]	Manutenção		86 %	48	76 %	55
19	Desenhando	[ε ]	Manutenção		98 %	55	83 %	60
20	Pedaland o	[ε ]	63 %	10	96 %	54	89 %	64
21	Peneirando	[ε ]	63 %	10	68 %	38	67 %	48
22	Helicóptero	[ε ]	44 %	7	61 %	34	57 %	41
23	Geladeira	[ε ]	94 %	15	100 %	56	99 %	71

2 4	Melancia	[ɛ ]	88 %	14	95 %	53	93 %	67
2 5	Televisão	[ɛ ]	Manutenção		77 %	43	61 %	44
2 6	Televisão	[ɛ ]	Manutenção		79 %	44	67 %	48

#### 6.4.12.1 Alteamento de /e/ por vocábulo

O alteamento de /e/ em sua realização como [i] ocorreu em vocábulos cujo contexto linguístico foi fundamental para a incidência desse fenômeno.

Tabela 104 Predominância do alteamento de /e/ por vocábulo

Vogal média pretônica /e/ → [i], [ɪ]								
Alteamento			Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
N°	Vocábulo	Vogal	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
1	Escada	[i]	81%	13	75%	42	76%	55
2	Escova	[i]	75%	12	71%	40	72%	52
3	Espada	[i]	75%	12	78%	43	77%	55
4	Espantalho <sup>49</sup>	[i]	Variante lexical		Variante lexical		Variante lexical	
5	Espiga	[i]	69%	11	80%	43	77%	54
6	Espingarda	[i]	81%	13	71%	40	74%	53
7	Esponja	[i]	69%	11	70%	39	69%	50
8	Espuma	[i]	69%	11	68%	38	68%	49
9	Estátua	[i]	75%	12	75%	42	75%	54
10	Estômago	[i]	81%	13	76%	42	76%	55
11	Estrela	[i]	81%	13	79%	44	79%	57
12	Esqueleto	[i]	88%	14	73%	40	76%	54
13	Semente	[i]	Manutenção		46%	26	42%	30
14	Cemitério	[i]	63%	10	75%	42	72%	52
15	Pepino	[i]	88%	14	82%	46	83%	60

<sup>49</sup>O vocábulo *espantalho* foi substituindo pela variante lexical *juda*, que obteve registro percentual de 38% cada no Baixo Amazonas, no Médio Solimões e no cômputo geral. Nos casos em que houve a resposta *espantalho*, o /e/ pretônico sofreu alteamento com registro percentual de 31% no Baixo Amazonas, de 34% no Médio Solimões e de 33% no cômputo geral.



16	Menino	[ĩ]	50%	8	54%	30	53%	38
17	Travesseiro	[i]	63%	10	96%	54	89%	64
18	Veado	[i]	88%	14	89%	50	89%	64
19	Jerimum	[i]	Manutenção		43%	24	40%	29
20	Seringueira	[i]	63%	10	71%	40	69%	50
21	Escorpião	[i]	75%	12	63%	35	65%	47
22	Escovando	[i]	69%	11	79%	44	76%	55
23	Escrevendo	[i]	75%	12	71%	40	72%	52

O fenômeno do alteamento aconteceu por assimilação regressiva ou progressiva dos traços fonéticos de sons consonânticos ou vocálicos adjacentes à vogal pretônica /e/.

Por exemplo, a maioria dos vocábulos elencados na Tabela 104 apresenta a pretônica /e/ no início e seguido por /S/, que se realizou como [ʃ], influenciando na ocorrência da vogal alta [i]. Apesar de não haver ocorrência categórica no contexto regional e no cômputo geral, pois alguns informantes de baixa escolaridade ou de escolaridade mais avançada pronunciavam o [e] de forma controlada ou de forma natural, o alteamento foi bastante expressivo.

Além do contexto inicial de vocábulo e seguido por /S/, a altura da vogal da sílaba tônica ou da vogal da sílaba seguinte foi favorável ao alteamento como nos casos envolvendo os vocábulos *cemitério*, *pepino*, *menino*, *jerimum* e *seringueira* no Médio Solimões e no cômputo geral. No Baixo Amazonas houve a manutenção da variante média alta [e] na pronúncia de *semente* e *jerimum*. Em se tratando do alteamento ocorrido nos vocábulos *veado* e *travesseiro*, o contexto precedente envolvendo a consoante labiodental /v/ foi significativo para a ocorrência desse fenômeno.

#### 6.4.12.2 A manutenção de /e/ por vocábulo

Como podemos visualizar na Tabela 100, a manutenção da variante média alta [e] e [ẽ] é um fenômeno vocálico pretônico característico do Baixo Amazonas, onde, inclusive ocorreu de forma categórica nos vocábulos *cenoura*, *cerveja*, *sereia*, *professor*, *desenhando*, *peneirando* e *feijão*.

Tabela 105 Predominância da manutenção de /e/ como [e] e [ẽ] por vocábulo

Vogal média pretônica /e/→[e], [ẽ]								
Manutenção			Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Nº	Vocábulo	Vogal	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
1	Semente	[e]	44%	7	Alteamento		Alteamento	
2	Jerimum	[e]	63%	10	Alteamento		Alteamento	
3	Avestruz	[e]	94%	15	77%	43	81%	58
4	Bateria	[e]	81%	13	Abaixamento		53%	38
5	Cenoura	[ẽ]	100%	16	95%	53	96%	69
6	Cerveja	[e]	100%	16	96%	54	97%	70
7	Cerâmica	[e]	50%	8	Abaixamento		Abaixamento	
8	Sereia	[e]	100%	16	98%	55	99%	71
9	Leão	[e]	88%	14	91%	51	90%	65
10	Perfume	[e]	63%	10	Abaixamento		Abaixamento	
11	Repolho	[e]	94%	15	98%	55	97%	70
12	Bebedouro	[e]	88%	14	96%	54	94%	68
13	Bebedouro	[e]	88%	14	96%	54	94%	68
14	Cebola	[e]	81%	13	61%	34	65%	47
15	Celular	[e]	94%	15	93%	52	93%	67
16	Professor	[e]	100%	16	100%	56	100%	72
17	Desenhando	[ẽ]	100%	16	100%	56	100%	72
18	Desenhando	[e]	69%	11	Abaixamento		Abaixamento	
19	Peneirando	[ẽ]	100%	16	96%	54	97%	70
20	Feijão	[e]	100%	16	100%	56	100%	72
21	Televisão	[e]	94%	15	Abaixamento		Abaixamento	
22	Televisão	[e]	75%	12	Abaixamento		Abaixamento	

No Médio Solimões, não houve a manutenção de [e] em *cerâmica*, *bateria*, *perfume*, *desenhando*, *televisão* e *televisão*, pois anteriormente vimos que o abaixamento foi mais expressivo nesses vocábulos. Ainda no Médio Solimões, houve alteamento do /e/ em

*semente* e *jerimum*. Com isso, dos vinte e dois vocábulos da Tabela 105, apenas em catorze a manutenção predominou no contexto regional e geral.

O processo de manutenção ocorreu por influência dos traços fonéticos da vogal da sílaba seguinte como em *televisão*, *peneirando*, *desenhando*, *professor*, *cebola*, *bebedouro*, *repolho*, *sereia*, *cerveja*, *cenoura* e *semente*. Sob o aspecto consonântico precedendo a vogal média pretônica /e/, a bilabial [b], as labiodentais [f, v], as coronais [t, d, ʒ, z, l, s] foram favoráveis ao processo de manutenção da variante média alta [e].

O contexto consonântico precedente que mais se repetiu foi envolvendo o /s/ nos vocábulos *semente*, *cenoura*, *cerveja*, *cerâmica*, *sereia*, *cebola* e *celular*, nos quais a manutenção foi predominante no Baixo Amazonas, e, à exceção de *semente* e de *cerâmica*, também foi predominante nos demais vocábulos no cômputo da região solimoense e no cômputo geral.

#### 6.4.12.3 O Abaixamento de /o/ por vocábulo

O abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] abrangeu dezesseis vocábulos (ver Tabela 106). Igualmente à realização da pretônica /e/ em sua realização como [ɛ], os contextos seguintes envolvendo vogal baixa oral [a] e nasal [ã], vogais médias baixas [ɐ] e [ɔ], vogais médias nasais [ẽ], [õ] foram significativos para a ocorrência do abaixamento de /e/.

O percentual maior de abertura de /e/ em sua realização como [ɛ] foi mais expressivo no Médio Solimões na maioria dos vocábulos, mesmo apresentando um número maior de pontos de inquérito, pois encontramos pronúncias categóricas nos vocábulos *correndo*, *Petrobrás*, *violão*, *escovando* e *tocando* nessa região. Por outro lado, houve no Baixo Amazonas, ao invés do abaixamento, a manutenção da variante média alta [e] nos vocábulos *jogando*, *correndo*, *goiaba* e *escovando*.

Tabela 106 Predominância do abaixamento de /o/ → [ɔ] por vocábulo

Vogal média pretônica /o/ → [ɔ]							
Abaixamento		Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Nº	Vocábulo	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
1	Coração	100%	16	98%	55	99%	71
2	Jornal	94%	15	96%	54	96%	69
3	Jogando	Manutenção		98%	52	82	59
4	Chocolate	88%	14	73%	41	76%	55
5	Chocolate	81%	13	71%	40	74%	53
6	Correndo	Manutenção		100%	56	83%	60
7	Petrobrás	81%	13	100%	56	96%	69
8	Colar <sup>50</sup>	Variação lexical		Variação lexical		Variação lexical	
9	Goiaba	Manutenção		70%	39	63%	45
10	Violão	88%	14	100%	56	97%	70
11	Microfone	44%	7	63%	35	58%	42
12	Sofá	44%	7	70%	39	64%	46
13	Hospital	44%	7	77%	43	69%	50
14	Escovando	Manutenção		100%	56	85%	61
15	Tocando	50%	8	100%	56	89%	64
16	Raçadeira	81%	13	77%	43	78%	56

<sup>50</sup>O vocábulo *colar* não é comum no repertório linguístico regional, pois a resposta mais usual foi *cordão* com registro percentual de 75% no Baixo Amazonas, 65% no Médio Solimões e 67% no cômputo geral. Se fôssemos considerar somente os dados concretos da variante lexical *colar*, o abaixamento seria predominante por região e no geral.

#### 6.4.12.4 O alteamento de /o/ por vocábulo

O alteamento de /o/ em sua realização como [u] não foi uniforme em todos os vocábulos no contexto regional, pois em *dormindo*, *tossindo*, *colher*, *morcego*, *coelho*, *moeda*, *sabonete*, *fogão*, *comendo* e *voando* houve manutenção da variante média alta [o] no Baixo Amazonas. Dos 22 vocábulos elencados na Tabela 107, apenas em nove o alteamento foi mais expressivo por região e no cômputo geral, a saber: *gasolina*, *coruja*, *costura*, *cachoeira*, *costela*, *mosquiteiro*, *polegar*, *borboleta* e *almoçando*.

Os casos de alteamento envolvendo harmonia vocálica ocorreram nos vocábulos *gasolina*, *dormindo*, *tossindo* e *mosquiteiro* (vogais não homorgânicas), e nos vocábulos *coruja*, *costura* (vogais homorgânicas).

Tabela 107 Predominância do alteamento de /o/ por vocábulo

Vogal média pretônica /o/→[u]							
Alteamento		Baixo Amazonas		Médio Solimões		Geral	
Nº	Vocábulo	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
1	Gasolina	88%	14	84%	47	85%	61
2	Dormindo	Manutenção		64%	36	56%	40
3	Tossindo	Manutenção		52%	29	Manutenção	
4	Coruja	63%	10	59%	33	60%	43
5	Costura	75%	12	82%	45	79%	57
6	Chocalho <sup>51</sup>	44%	7	Variação lexical		Variação lexical	
7	Cachoeira	81%	13	89%	48	85%	61
8	Colher	Manutenção		64%	35	58%	42
9	Morcego	Manutenção		59%	33	51%	37
10	Coelho	Manutenção		59%	33	54%	38
11	Costela	63%	10	73%	41	71%	51
12	Moeda	Manutenção		61%	34	57%	41
13	Sabonete	Manutenção		46%	26	Manutenção	
14	Fogão	Manutenção		61%	34	56%	40
15	Mosquiteiro	56%	9	79%	44	74%	53
16	Polegar	56%	9	59%	33	58%	42
17	Cogumelo <sup>52</sup>	Variação		Variação		Variação	

<sup>51</sup>O vocábulo *chocalho* sofreu variação lexical para *maracá*, que obteve registros percentuais de 73% no Médio Solimões e de 65% no cômputo geral.

<sup>52</sup>A variante dialetal regional foi *urupé* com mais de 50% das ocorrências

		lexical		lexical		lexical	
18	Borboleta	75%	12	48%	27	54%	39
19	Almoçando	63%	10	82%	46	78%	56
20	Comendo	Manutenção		45%	25	Manutenção	
21	Voando	Manutenção		54%	30	Manutenção	
22	Joaninha <sup>53</sup>	44%	7	NDA		NDA	

A sequência /-os-/ se realizou como [-uf-] nos vocábulos *costura*, *mosquiteiro*, porém no vocábulo *hospital*, que apresenta o mesmo contexto linguístico, ocorreu igualmente com a variante vocálica média alta [-oʃ-] e com a variante média baixa [-ɔʃ-], no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões ocorreu, predominantemente, com a variante média baixa [-ɔʃ-].

Os contextos consonânticos adjacentes à vogal média pretônica /o/ envolvendo as consoantes bilabiais [m, p], velares [k, g], labiodentais [f, v], alveolopalatais [ʃ, ʒ] e coronais [t, d, r, z] foram favoráveis ao alteamento.

#### 6.4.12.5 A manutenção de /o/ por vocábulo

Observamos nos dados da Tabela 108 a diferença acentuada entre as duas regiões amazônicas, pois no Baixo Amazonas, igualmente ao que ocorreu com a variante média alta anterior [e], a variante média alta posterior [o] foi também bastante expressiva nessa região. Enquanto no Médio Solimões ocorreu oscilação entre o processo de alteamento e abaixamento em dezessete vocábulos.

Em todos os vinte e oito vocábulos da Tabela 103, o fenômeno da manutenção da variante alta [o] foi predominante no Baixo Amazonas, e somente em onze vocábulos tal fenômeno foi predominante na região solimoense. Mesmo assim, no cômputo do Médio Solimões, a variante média alta [o], que incidiu 805, vezes, superou, em sete ocorrências,

<sup>53</sup> O vocábulo *joaninha* recebeu denominações que não condizem ao referente desejado, pois *tracajá*, *tracajazinho*, *percevejo* e *jabutí* se referem a outros animais. Alguns informantes também não sabiam do que se tratava. Por isso, o índice percentual de nenhuma das respostas anteriores (NDA) foi de 45% no Médio Solimões e de 42% no cômputo geral. Esses valores foram superiores aos registros percentuais do fenômeno do alteamento, sendo 29% no Médio Solimões e 32% no cômputo geral.

a variante alta [u], que incidiu em 798 vezes, e, em quarenta ocorrências, a variante baixa [ɔ], que incidiu 765 vezes.

Tabela 108 Predominância da manutenção de /o/ como [o] e [õ] por vocábulo

Vogal média pretônica /o/→[o], [õ]							
<b>Manutenção</b>		<b>Baixo Amazonas</b>		<b>Médio Solimões</b>		<b>Geral</b>	
Nº	Vocábulo	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.
1	Dormindo	69%	11	Alteamento		Alteamento	
2	Tossindo	69%	11	Alteamento		50%	36
3	Escorpião	94%	15	79%	44	82%	59
4	Jogando	56%	9	Abaixamento		Abaixamento	
5	Colher	50%	8	Alteamento		Alteamento	
6	Morcego	75%	12	Alteamento		Alteamento	
7	Sorvete	88%	14	98%	55	96%	69
8	Correndo	69%	11	Abaixamento		Abaixamento	
9	Boné	75%	12	91%	51	88%	63
10	Coelho	67%	10	Alteamento		Alteamento	
11	Goiaba	56%	9	Abaixamento		Abaixamento	
12	Moeda	56%	9	Alteamento		Alteamento	
13	Pipoqueira	75%	12	63%	35	65%	47
14	Orelha	75%	12	88%	49	85%	61
15	Tomate	88%	14	71%	40	75%	54
16	Toalha	56%	9	75%	42	71%	51
17	Sofá	44%	7	Abaixamento		Abaixamento	
18	Sabonete	81%	13	Alteamento		53%	38
19	Fogão	63%	10	Alteamento		Alteamento	
20	Borboleta	81%	13	68%	38	71%	51
21	Hospital	44%	7	Abaixamento		Abaixamento	
22	Comendo	56%	9	Alteamento		44%	32
23	Escovando	69%		Abaixamento		Abaixamento	

24	Tocando	50%	8	Abaixamento		Abaixamento	
25	Tomando	88%	14	57%	32	64%	46
26	Voando	69%	11	Alteamento		51%	37
27	Coroa	100%	16	100%	56	100%	72
28	Dominó	100%	16	98%	55	99%	71

Portanto, no Baixo Amazonas o fator diatópico influenciou a manutenção da variante média alta [o] de maneira mais significativa do que as influências de natureza linguística. Mesmo assim, podemos afirmar que houve manutenção por harmonia vocálica em seis itens lexicais nessa região, a saber: *coroa*, *borboleta*, *morcego*, *pipoqueira*, *orelha* e *sabonete*. No Médio Solimões, por sua vez, os vocábulos onde ocorreu o fenômeno da manutenção foram *sorvete*, *pipoqueira*, *orelha*, *borboleta* e *coroa*.

#### 6.4.13 Considerações finais sobre as realizações pretônicas de /e/ e de /o/

Na introdução deste trabalho, questionamos se as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ nas duas áreas geográficas de pesquisa sofreriam alteamentos, realizando-se como [i] e [u], manter-se-iam inalteradas, realizando-se como [e] e [o] ou sofreriam abaixamento, realizando-se como [ɛ] e [ɔ]. Nossa intuição era de que a fala dos povos amazônicos se identificava com a fala do nordeste brasileiro pela presença de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ] (NASCENTES, 1953); ou que o falar do caboclo amazônico, morador das comunidades ribeirinhas do rio Amazonas e do rio Solimões e de seus afluentes, era caracterizado pelo uso categórico de variantes pretônicas altas [i] e [u] como descrito no Médio Amazonas no estudo deCorrea (1980). Porém, no contexto atual seria difícil encontrarmos o fenômeno do alteamento ou do abaixamento de forma categórica e, sendo assim, propusemos que ocorreria uma flutuação entre alteamento, manutenção e abaixamento na região do Médio Solimões e que ocorreria a manutenção na região do Baixo Amazonas, porque pesquisas paraenses já concluídas em outras áreas do Estado do Pará indicaram a predominância desse fenômeno. Como resposta de nosso questionamento, de fato, houve os três fenômenos nas duas regiões amazônicas, com a tendência predominante da manutenção das variantes médias altas [e] e [o] no Baixo Amazonas, e no Médio Solimões com a tendência predominante do abaixamento da variante



média baixa anterior [ɛ], da manutenção da variante média alta posterior [o] e do alteamento para a variante alta posterior [u].

Outro questionamento sobre o comportamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ era sabermos se haveria variação fonética nos diferentes grupos sociais controladas na amostra. Esperávamos que os informantes mais escolarizados, as mulheres e os mais jovens (faixa etária 1, de 18 a 30 anos) se apropriariam das variantes médias altas [e] e [o], supostamente mais controladas e prestigiadas. Por outro lado, os informantes menos escolarizados, os homens e os informantes de idade mais avançada (faixa etária 2, de 50 a 65 anos) se apropriariam das variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ] e das variantes altas [i] e [u], supostamente menos prestigiadas. Embora tenha havido diferenças nas ocorrências das variantes médias /e/ e /o/ entre as variáveis escolaridade, sexo e faixa etária de acordo com o que esperávamos, não foram significativas se comparadas aos dados, que levassem em conta o fator diatópico.

## 6.5 As variações lexicais

As variações lexicais ocorrem quando duas ou mais lexias têm o mesmo referente, ou seja, têm o mesmo significado. Na percepção do pesquisador deve haver diferenças no radical dos vocábulos para caracterizar a variação lexical. Por exemplo, chamamos nos estados do Amazonas e do Pará de *mandioca* para o tubérculo, rico em amido, do qual é feita a farinha, enquanto em outras regiões recebe o nome de *aipim*, *aipi*, *aipim*, *castelinha*, *uaipi*, *macaxeira*, *mandioca-doce*, *mandioca-mansa*, *maniva*, *maniveira*, *pão-de-pobre* (AURÉLIO, 2009).

Entretanto, do ponto de vista do falante, pode haver apenas uma entrada na memória dele para um vocábulo que designa um referente. Por exemplo, em Coari tanto pessoas com baixa escolaridade quanto com escolaridade avançada usam a mesma terminologia *sãmichuga*, cuja variante padrão é *sanguessuga* (verme anelídeo, que costuma sugar o sangue). Nem sempre nascemos falando uma variante padronizada, que somente mais tarde é adquirida na escola. Para nós, as formas que falamos são tidas como “corretas”. Nos dicionários Aurélio (2009) e Houaiss (2009) são registradas as variantes *sãmechuga*, *sambexuga*, *samessuga* e *samenchuga*.

Nossa intuição é de que nessas formas registradas pelos dicionários Aurélio e Houaiss (2009) ocorre apenas variação fonética, pois representam o mesmo item lexical. Porém, existem formas

consagradas pelo uso, as quais são registradas como sendo itens lexicais diferentes para o mesmo significado. Por exemplo, no cartograma 136 (...a pessoa que fala demais? Resposta: pessoa tagarela) do Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás (AUGUSTO, 2012), foram encontradas as variantes *tagarela*, *linguarudo*, *matraca*, *falador*, *fofoqueiro*, *conversador*, *gagarela*, *paroleiro* e *falante*). Podemos dizer que *tagarela* e *gagarela* são duas formas da mesma palavra, pois o falante apenas trocou o [t] pelo [g]; entretanto, foram registradas como sendo duas variantes lexicais.

No ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) há muitos registros de variantes fonéticas nas cartas semântico-lexicais. Vamos citar alguns exemplos: para o item lexical *defunto* na carta semântico-lexical 285 (QSL 474) foram registradas as variantes da vogal pretônica /e/ como [e], [i] e [ɪ]. O mesmo sucedeu com o vocábulo *cemitério* na carta semântico-lexical 287 (QSL 476), cuja pretônica /e/ ocorreu como [i], [ɪ], [e], [ẽ], [u], [ũ], [o] e [õ]. Na carta semântico-lexical 291 (QSL 480 em referência ao vocábulo *jazigo*), há o registro de *túmuloe tumbulo* como duas variantes lexicais diferentes. Exemplificando, ainda, com dados do ALERS, encontramos na carta semântico-lexical 299 (QSL 511<sup>a</sup> em referência ao vocábulo *benzedeira*) as formas *benzedeira*, *benzadora*, *curadeira*, *curandeira* e *curadora*, as quais foram registradas como variantes lexicais e não como variantes fonológicas da mesma palavra.

No Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, Encarnação (2010) registrou no cartograma 40 (questionário 1.4.5 em referência à *banana dupla*) as formas *conha* e *cunha* como variantes lexicais. O mesmo foi verificado no cartograma 43 (questionário 1.5.2 em referência ao *sabugo*) com o registro de *sabugoe* de *sabago*, e no cartograma 74 (questionário 1.6.12 em referência ao *lombo*, a parte do cavalo onde vai a cela) com o registro de *lomboe lomo*.

Cruza (2004), no Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM, registrou na carta semântico-lexical 19 as variantes lexicais *cupu* e *pupu* para o vocábulo *cupuaçu*. Na carta semântico-lexical 23 foram registradas *moleira* e *moreira* para o vocábulo *moleira*. E para finalizarmos nossa demonstração, Cruz (2004) registrou, ainda, quatro formas para o vocábulo *terçol* na carta semântico-lexical 32, a saber: *terçol*, *treçol*, *treçol* e *teçol*.

Portanto, para um dialetólogo, o importante é o registro de um item lexical levando em consideração a perspectiva do falante.

Iremos descrever as variações ocorridas nos morfemas que compõem o vocábulo em algumas cartas semântico-lexicais de nossa pesquisa. Por exemplo, em nossa região, se um informante fala *sãmbichuga*, saberemos que é um morador das comunidades do Igarapé do Juruti-velho, se fala *sãmichuga* é proveniente da cidade de Coari (MS).

Ao nos propormos a realizar um estudo dialetológico na Região Amazônica, pretendíamos apenas descrever o léxico da cidade de Coari na região do Médio Solimões. Porém, mais tarde, resolvemos ampliar o estudo para as comunidades circunvizinhas à cidade de Coari como São João do Ariri, Saubinha, Itapéua e Costa do Juçara. Como, empiricamente, conhecíamos algumas variedades lexicais do Igarapé do Juruti-velho, no Baixo Amazonas\PA, que eram denominadas diferentemente na região do Médio Solimões, incluímos essa região na tentativa de encontrarmos diferenças acentuadas entre as duas regiões amazônicas no que diz respeito às suas variedades dialetais. Posteriormente, incluímos a cidade de Codajás, Anamã e Anori, que fazem parte também da região do Médio Solimões. Porém, os dados de três informantes da cidade de Anori ficaram comprometidos, de modo que resolvemos, então, eliminar esse ponto de inquérito, uma vez que não seria mais viável outra viagem àquela localidade. Como os pontos de inquéritos foram ampliados para nove, resolvemos aproveitar nossa ida em cada localidade para aplicar também um questionário fonético-fonológico sobre as vogais médias pretônicas /e/e /o/. Dessa forma, teríamos um panorama geral das variantes pretônicas de duas regiões amazônicas.

Nossa intuição era de que encontraríamos variedades linguísticas específicas em cada região, por isso não nos baseamos em nenhum questionário de outras pesquisas já finalizadas. Apesar disso, alguns referentes foram idênticos aos existentes nas cartas lexicais do *ALERS* (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) e do *ALAM* (Atlas Linguístico do Amazonas), permitindo tecermos comparações sobre a distribuição do léxico regional com informações provenientes de outras pesquisas.

Os resultados mostraram que nem todas as lexias propostas no questionário semântico-lexical sofreram variação. Em parte, os vocábulos foram comuns entre a Região do Baixo Amazonas (PA) e a Região do Médio Solimões (AM). Entre os vocábulos que não sofreram variação lexical, destacamos: *tambaqui*, *socó*, *ariramba*, *coruja*,

*maracajá, lontra, cobra cipó, preguiça, mucura, tarrafa, malhadaeira, pano, caniço, linha comprida, zagaia, arpão, sereno, orvalho, rebojo, capoeira, decotar, polvilho, carimã, pirão, rodo, tipiti, litro, sanguessuga, tuxina, solitária, caba, caba caçadeira, novilha, garrote, castrar, batelão, quilha, verdugue, verruga, guariba, remela, tiririca, mureru, maniveira, canarana, taboca, chicória, tangerina, pequiá, maracujá-do-mato, marajá, cabra-cega, porrinha, lona, lamparina, poronga, piracuí, paçoca, cisco, baladeira, arapuca, pote, visagem, cachaça, cauixi, pireto e peconha.*

Em nossa pesquisa, verificaríamos também se os fatores sociais influenciariam nas ocorrências de variantes lexicais para um mesmo referente. As diferenças encontradas segundo os parâmetros gênero/sexo, escolaridade e faixa etária foram insignificantes, uma vez que a maioria dos vocábulos não apresentou uniformidade nos dados quantitativos de acordo com essas variáveis. Por isso, baseamos nossa análise das variantes lexicais das sessenta e uma cartas com mais profundidade tendo como parâmetro o fator diatópico.

As questões relacionadas aos comentários livres dos informantes foram pouco produtivas. Por exemplo, um dos propósitos desta pesquisa era saber se os falantes das áreas em estudo teriam a percepção de que falavam de um modo diferente em comparação a outras localidades da Região Amazônica ou do Brasil. A nossa intuição era de que os falantes interioranos não costumavam caracterizar o modo como falavam, nem perceberiam diferenças significativas entre seu modo de falar e o modo de falar dos que vem de fora, uma vez que as redes sociais e os contatos costumam acontecer entre pessoas da mesma região dialetal. Na tentativa de sabermos o comportamento do falante, propusemos-lhe o seguinte no QSL 192: *Descreva se por aqui as pessoas têm sotaque, palavras ou expressões diferentes de outros lugares.* Os poucos comentários em relação às localidades amazônicas apontaram para um falar homogêneo, embora no decorrer da aplicação dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical os informantes afirmassem que o pesquisador tinha sotaque paraense. Além disso, no falar solimoense, está ocorrendo a queda do encontro consonantal “nh” em vocábulos que foram transcritos sem esse dígrafo. Por exemplo, o vocábulo *espinhel* foi transcrito como [iʃ.pĩ.ew], o vocábulo *linha* foi transcrito como [ɫĩ.ɐ], o vocábulo *farinha* foi transcrito como [fa.ɾĩ.ɐ]. Por outro lado, a presença do som de “nh” se faz presente nesses vocábulos para o falar do Baixo Amazonas. Nos vocábulos com terminações no gerúndio, houve a queda do “d” nas transcrições de alguns informantes do Médio

Solimões como, por exemplo, os vocábulos *cantandoe morrendo* foram transcritos como [kã.'tã.nu] e como [mo.'hẽ.nu].

Com relação aos comentários livres houve destaque para a questão de nº 152 (*Descreva as frutas apreciadas pelos peixes da região*), pois nas respostas dadas, principalmente, pelos homens foram descritas muitas frutas. Por exemplo, foram encontrados os seguintes léxicos relacionados a frutas, que os peixes comem no Baixo Amazonas, a saber: *bacuri*, *cumaru*, *castanha-de-macaco*, *catauari*, *cajurana*, *abiurana*, *cachacinha* (*maracanã*), *marajá*, *siringaí* (*seringaí*), *loro*, *socoró* (*vagem*), *jauari* (*jauri*), *caçari*, *pupunharana*, *parreira*, *joão-mole*, *tarumã*, *uruá* (*uruazinho*), *bulá*, *cramuri*, *apéua* (*péua*), *araçá*, *capitari*, *babaçurana*, *cabacinha* (*cabaçurana*, *buchinha*, *são caetano*), *samaúma*, *tabacurana*, *tatacaiua* (*tacaiua*, *tatacaju*, *tacaju*), *taquari*, *flor de munguba*, *mungubera*, *piranhera*, *flor de taxi*, *tucumã* *piranga*, *iscada de jabuti*, *sarabatecu* (*sabaratucu*), *seringa*, *flor de embaúba*, *fruta de jacitara*, *uixirana* (*oxirana*, *xirana*), *seringa barriguda*, *ingá sapo*, *tucumãí*, *jenipapozinho*, *inajá*, *imoranera* (48 frutas).

No Médio Solimões, por sua vez, foram encontrados os seguintes léxicos designativos de frutas apreciadas pelos peixes regionais: *Abacatirana* (*bacatirana*), *abiurana* (*abiorana*, *biórana*), *arapari*, *cabaçurana*, *capitari*, *caramuri*, *cachimbão*, *caxinguba* (*gameiera*, *gamela*), *parreira*, *piranhera* (*fruta de piranhera*), *tintarana*, *catoré*, *joão-mole*, *joari* (*Jouari*), *loro*, *cachacinha* (*maracanã*), *marajá*, *siringaí* (*siringuinha*), *seringa barriguda*, *pupunharana*, *araçá* (*goiaba araçá*), *cachinguba*, *camon-camon* (*camu-camu*), *bucheche-de-velho*, *bacuri*, *cajurana*, *munguba*, *jenipapinho*, *cabacinha*, *tarumã*, *samaúma*, *limãorana*, *fruto de jacareúba*, *fruta de embaúba*, *invira*, *taquari*, *tapiquinha* (*pererequinha*, *tapioca*, *pipoquinha*), *tucumãzinho*, *siringarana*, *saboarana* (*saborana*), *socoró*, *uixirana*, *melanciarana*, *murumuru*, *muruxi* (*muxuri*), *urucurana* (47 frutas).

Esses léxicos constituem empréstimos indígenas ao português amazônico e alguns deles possuem o mesmo referente nas duas regiões estudadas. A maioria dos vocábulos referente às frutas regionais faz parte do repertório linguístico de pescadores que se emprenham nos igapós, nos rios e nos lagos, como, por exemplo, as pescarias realizadas pelo caboclo no lago Mamiá (MS), no rio Coari Grande (MS), no rio Copeá (MS) e no lago Araçázinho (BA), no lago Araçazão (BA), no lago Tucupi (BA), no lago Ipixuna (BA), no lago Chibé (BA), no lago Miguel (BA) etc.

Devido à existência de uma gama de vocábulos relacionados a frutas, não resolvemos elaborar cartas lexicais de todos eles, porém nos ativemos somente àqueles por meio dos quais era possível sabermos que se tratava do mesmo referente como, por exemplo, a fruta que o peixe tambaqui come é chamada de *catauari* no Igarapé e no lago do Juruti-velho, Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões os informantes designaram-na de *catoré*. Outro exemplo seria com a fruta *araçá*, que é designativa do Baixo Amazonas, enquanto na região solimoense é *camon-camon* ou *camu-camu* (pronúncia oxítona). Só a descrição de alguns vocábulos não foi o suficiente para identificá-los, apesar da paciência exigida por parte do entrevistado, que estava, às vezes, há mais de uma hora respondendo o inquérito.

Para alguns itens lexicais, mesmo não sofrendo variação, elaboramos as respectivas cartas lexicais, porque pretendíamos verificar nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho se houve mudança do vocabulário de alguns referentes da década de 80 do século passado até os dias atuais. Das respostas dadas pelos informantes do questionário semântico-lexical, selecionamos sessenta e um vocábulos cujos resultados estão representados nas cartas lexicais a seguir.

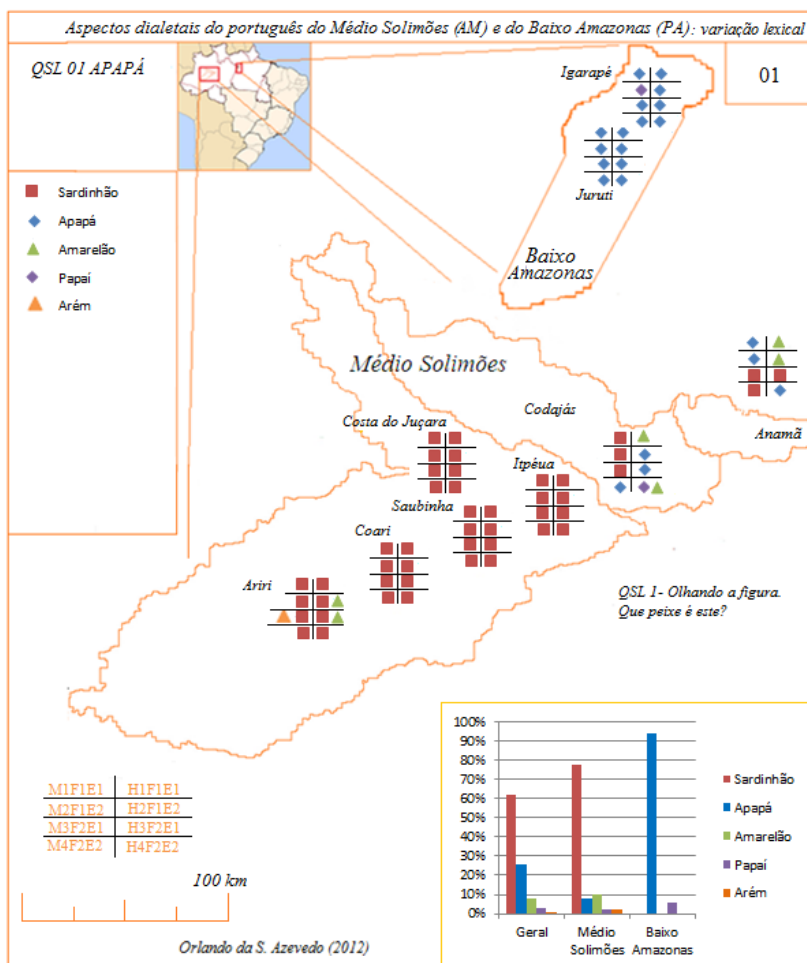
### 6.5.1 Apapá (*Pellona castelnaena*)

Na identificação do peixe de cor dourada ou de cor branca usamos uma foto. O léxico *apapá* é típico da região do Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões é *sardinhão*.

*Apapá*, *papaí*, *sardinhão*, *amarelão* e *arém* (*pellona castelneana*) são denominações de um mesmo peixe teleósteo encontrado nos rios e lagos amazônicos, e com outras variantes no rio Salgado (CE) e bacia do rio Parnaíba. No Houaiss (2007, p.153) são mencionados para o mesmo peixe os termos *arenga*, *arenque*, *bode*, *cagona*, *sardinha branca* e *sardinha dourada*, *sardinha-grande* e *sardinhão*. Nas cidades amazônicas não é considerado um peixe nobre, mas é apreciado pelas comunidades ribeirinhas, principalmente, do Baixo Amazonas.

O percentual de ocorrência da variante *apapá* no Baixo Amazonas só não foi em 100% porque uma informante da faixa 1 (18 a 30 anos) adotou a variante *papaí* falada na cidade de Juruti (cidade esta conhecida no Igarapé do Juruti-velho pelo nome de Juruti-novo). A informante do Igarapé do Juruti-velho afirmou com veemência que falava *papaí*, embora conhecesse a forma predominante *apapá* de sua localidade.

No Médio Solimões, a denominação mais recorrente foi *sardinhão* com 78% (quarenta e sete ocorrências) contra 8% de *apapá* (cinco ocorrências), 10% de *amarelão* (seis ocorrências), 2% de *arém* (uma ocorrência) e 2% de *papai* (uma ocorrência). Em Codajás (MS) e em Anamá (MS), houve uma flutuação entre *apapá*, *sardinhão* e *amarelão* caracterizando, assim, as duas localidades como pontos de transição entre a região do Médio Solimões e as demais áreas circunvizinhas.

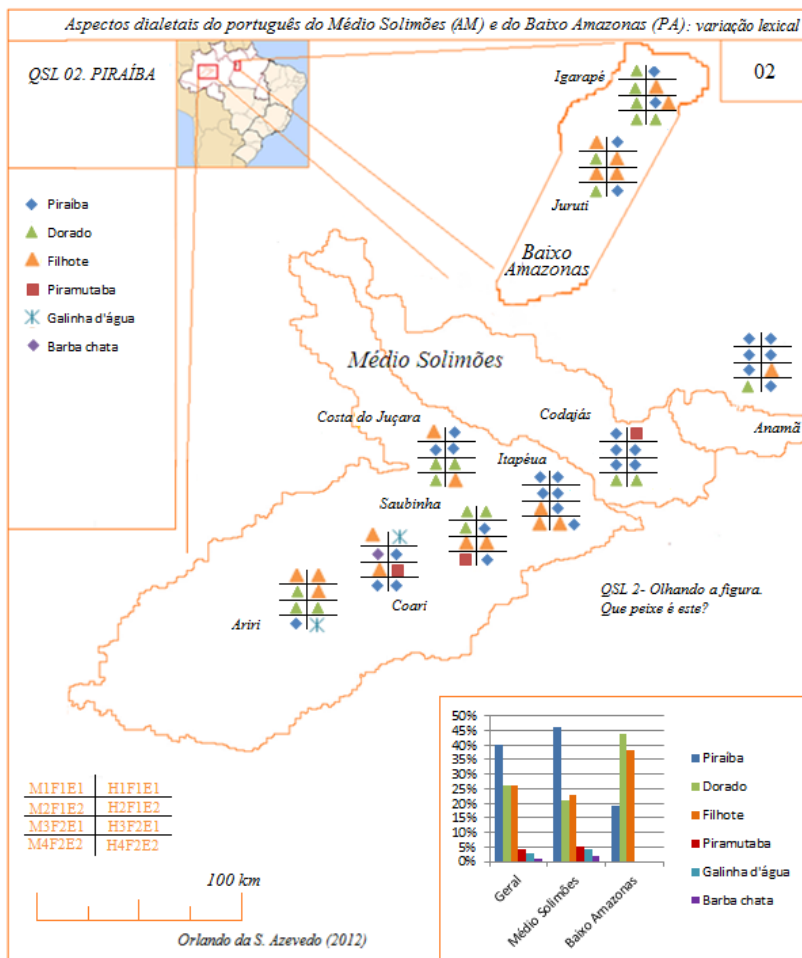


### 6.5.2 Piraíba (*Brachyplatystoma filamentosum*)

A *piraíba* (*Brachyplatystoma filamentosum* da família dos pimelodídeos) é um peixe liso que pode atingir 3 m de comprimento e que possui coloração bronzeada com ventre mais claro, olhos pequenos e boca grande. É o maior peixe liso do Brasil chegando a pesar até 150 kg. Nas demais regiões pode ser denominado como *bagre-branco*, *piramapu*, *piranambu*, *piratinga*, *pirinampu* e *tubarão-da-água-doce* (HOUAISS, 2007, p.1499).

No Médio Solimões é conhecido mais como *piraíba* e no Baixo Amazonas como *dorado* (*dourado*) e *filhote*.

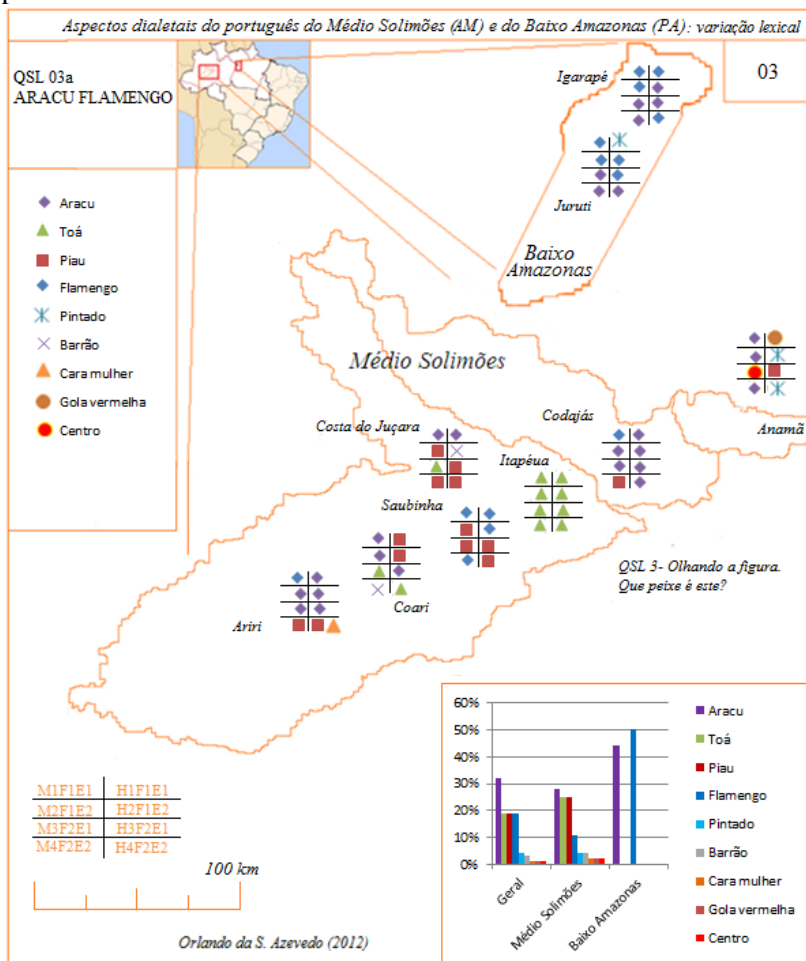




Apesar de haver predominância no uso de uma variante em cada região, em cada ponto de inquérito o percentual de ocorrência aconteceu de maneira diversa. No Baixo Amazonas, as variantes *piraíba*, *dorado* e *filhote* ocorreram em, respectivamente, 19%, 44% e 38%, que distribuídos nos pontos Igarapé do Juruti-velho foram 22%, 56% e 22%, e no Juruti-velho foram 14%, 29% e 57%.

No Médio Solimões foram encontradas as variantes *piraíba*, *dorado*, *piramutaba*, *barba chata*, *filhote* e *galinha d'água* com percentuais respectivos em 46%, 21%, 5%, 2%, 23% e 4%. Em Ariri

O aracu (*Leporinus fasciatus*) é um peixe teleósteo, caraciforme, pertencente à família dos anostomídeos.



Esse peixe é encontrado em rios e em lagos amazônicos de águas pretas ou de águas barrentas. Chegando a medir 35 cm de comprimento, o *aracu flamengo* possui escamas grossas pintadas de preto e amarelo, sendo avermelhado na parte de baixo da cabeça.

Nesta pesquisa, conforme dados da carta lexical 03, o vocábulo *aracu* apresentou sete variantes nas duas regiões pesquisadas, a saber: *flamengo* com 19%, *piau* 19%, *toá* 19%, *aracu* 32%, *cara mulher* 1%, *barrão* 3%, *pintado* 4%, *gola vermelha* 1% e *centro* com 1%. A maioria dos informantes, no geral, não conseguia distinguir as espécies de *aracu*, preferindo chamar apenas de *aracu* em 32% dos casos do total de setenta e três possibilidades.

Na vila de Itapêua (Médio Solimões) ocorreu em 100% a variante *toá*, que apareceu também em outras localidades como em Coari (MS) com duas ocorrências, como na Costa do Juçara (MS) com uma ocorrência e como em Anamã (MS) com três ocorrências.

A variante *flamengo* apresentou uma ocorrência em Ariri, quatro ocorrências no Saubinha (MS), uma ocorrência em Codajás (MS) e quatro ocorrências cada no Igarapé do Juruti-velho (BA) e no Juruti-velho (BA). No Baixo Amazonas essa variante obteve oito ocorrências, que equivalem a 50% contra 44% de *aracu* e uma ocorrência de *pintado* do total de dezesseis possibilidades. A variante *pintado* também foi registrada duas vezes na cidade de Anamã (MS).

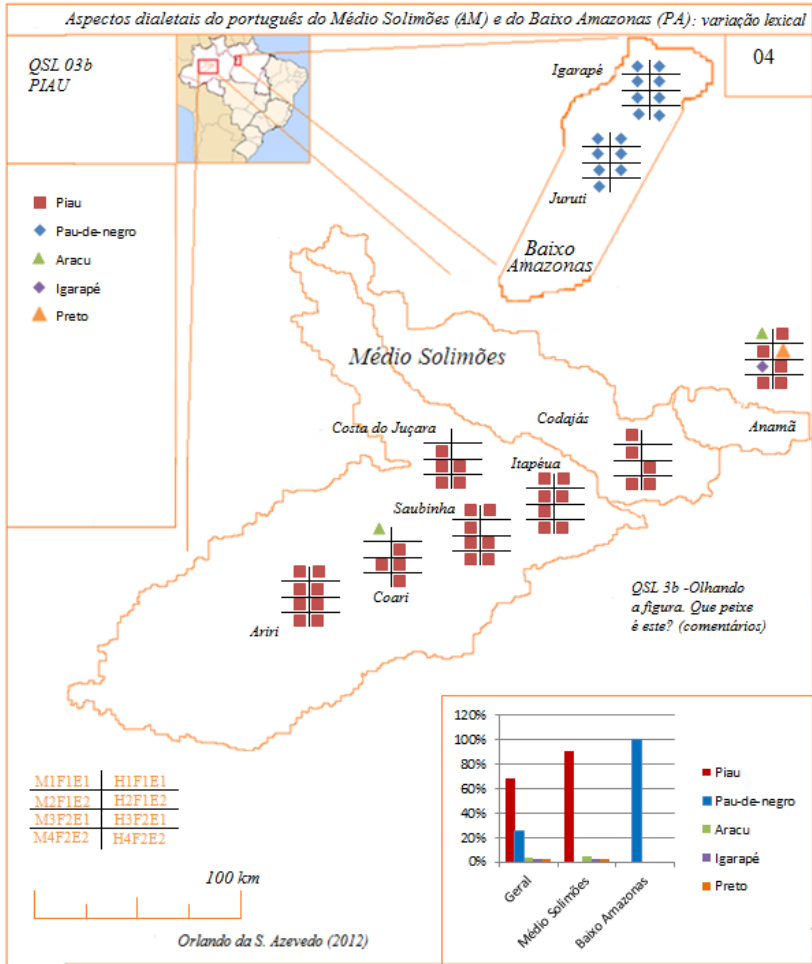
*Gola vermelha* e *centro* possuem uma ocorrência cada registrada somente na cidade de Anamã (MS). A variante *barrão* aparece com um registro em Coari e na Costa do Juçara. *Piau* é uma variante específica do Médio Solimões, sendo uma das mais incidentes com percentual de ocorrência em 25% do total de cinquenta e sete possibilidades nessa região. A variante *cara mulher* obteve um registro apenas na comunidade São João do Ariri.

#### 6.5.4 Pau-de-negro (*Rhytidodus microlepis*)

*Pau-de-negro* é uma das variedades do peixe *aracu* de tamanho maior que o *aracu* comum de listras pretas no corpo.

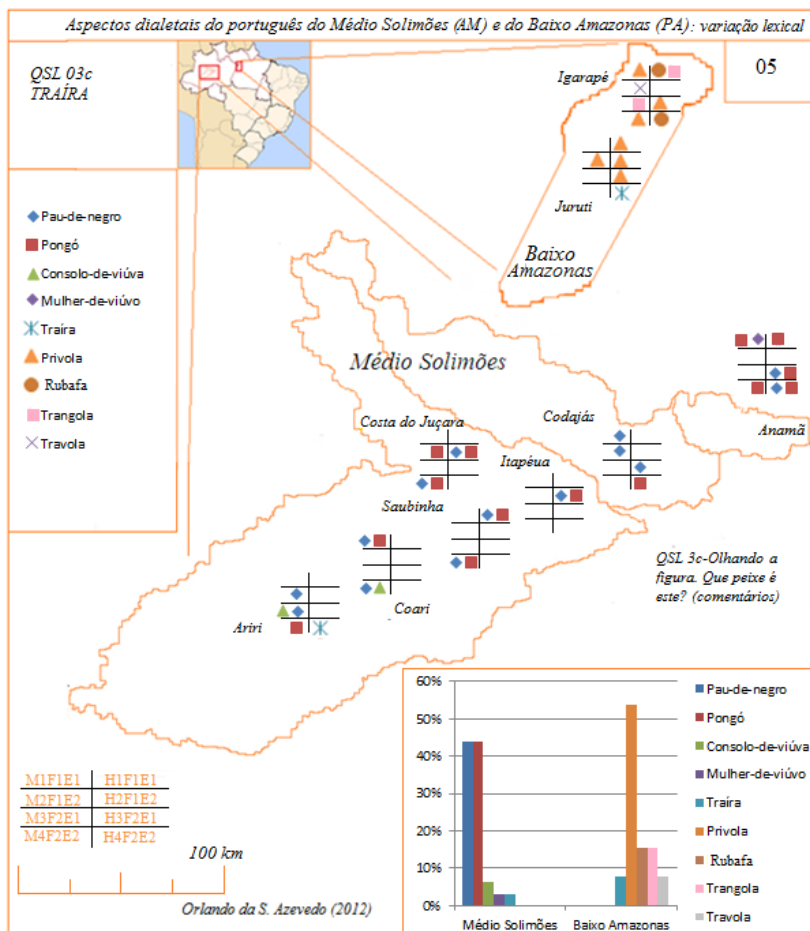
É um *aracu* que cresce até 40 cm e possui uma coloração escura ou amarronzada e é chamado de *pau-de-negro* no Baixo Amazonas, onde registrou 100% das ocorrências, e de *piau* no Médio Solimões, onde foi registrado com percentual de 91%, seguida por 5% da variante *aracu*, 2% cada de *igarapé* e de *preto*. Na carta lexical 4 houve

arealização com variantes específicas no Médio Solimões e no Baixo Amazonas.



### 6.5.5 Traíra (*Hoplias malabarius*)

Os dados constantes na carta lexical 05 foram obtidos pelos comentários que alguns informantes fizeram em resposta ao questionário semântico-lexical 03 (figuras sobre as espécies de aracus regionais).



Inicialmente desconfiamos do léxico *pau-de-negro* dito por alguns informantes do Médio Solimões, porque o referente era o peixe *traíra* contrariamente ao dito no Baixo Amazonas, onde esse termo é designativo de uma espécie de *aracu* grande e com a coloração preta. Porém, foram consensuais as respostas dos informantes ao confirmarem que apelidavam realmente a *traíra* de *pau-de-negro*.

Como houve dados suficientes nas duas regiões com léxicos diversos para o mesmo referente, resolvemos elaborar a carta lexical 05. Os dados em números absolutos foram os seguintes: na região solimoense foram encontradas trinta e duas ocorrências para o apelido

do peixe *traíra* e no Baixo Amazonas foram registradas treze ocorrências. Em termos percentuais consideramos somente as repostas concretas, uma vez que esses dados foram surgindo no decorrer da aplicação do questionário semântico-lexical.

As variantes *pau-de-negro* e *pongó* foram as mais incidentes, com registros em todos os sete pontos do Médio Solimões, com percentuais de ocorrência, respectivamente, de 44% para cada vocábulo. As demais variantes da região solimoense foram *consolo-de-viúva* com percentual de ocorrência em 6%, *mulher-de-viúvo* e *traíra* com percentual de ocorrência em 3% cada.

No Baixo Amazonas, por sua vez, foram encontradas cinco variantes, a saber: *privola*, que foi a mais incidente com 54% do total de treze ocorrências; *rubafa* e *trangola* com 15% cada; e *traíra* com 8%.

### 6.5.6 Roelo

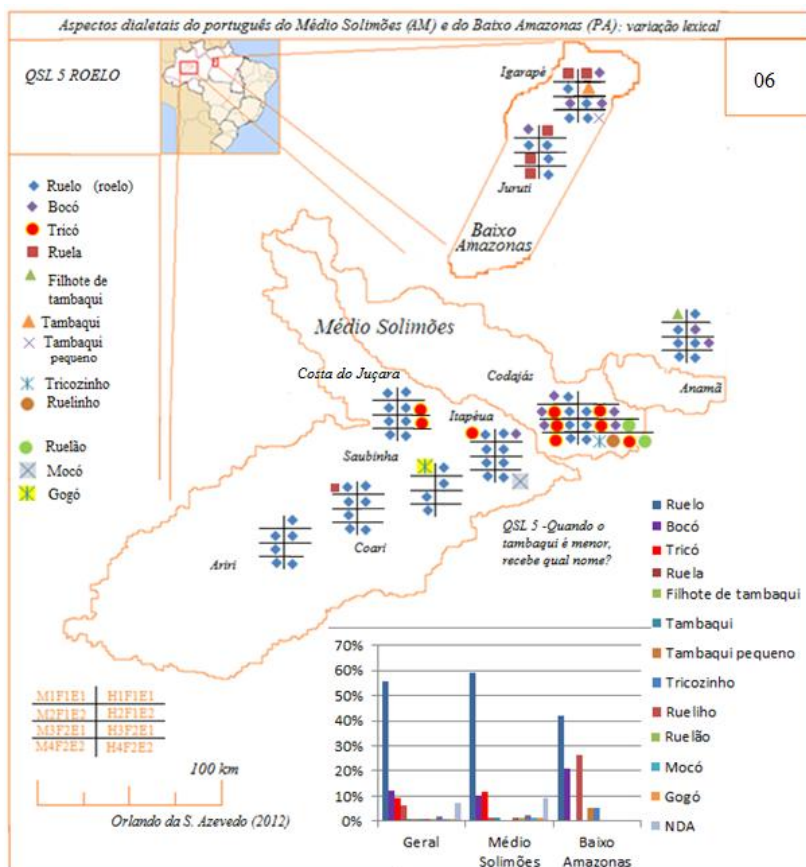
Na carta semântico-lexical 06 analisamos as variantes lexicais do peixe *tambaqui*, que recebe várias denominações quando é de porte pequeno ou médio. Uma dessas denominações é *roelo*. É um nome bastante conhecido desde o Baixo Amazonas até o Médio Solimões.

Foram computadas, nessa cidade, sete ocorrências de *ruelo*, seis de *tricô*, cinco de *bocó*, duas de *ruelão*, uma cada para *ruelinho* e *tricozinho*, e incluindo a pergunta que não foi feita para o informante H1E1F1, totalizamos vinte e três possibilidades.

No cômputo geral, a variante *ruelo* foi a mais expressiva com registro percentual de 56% (cinquenta e quatro ocorrências), enquanto no Médio Solimões obteve registro percentual de 59% (quarenta e seis ocorrências) e, no Baixo Amazonas, o percentual de incidência foi em 42% (oito ocorrências).

As demais variantes encontradas no Médio Solimões foram *bocó* com registro percentual de 10% (oito ocorrências), *tricó* com 12% (nove ocorrências), *ruela* com 1% (uma ocorrência), *filhote de tambaqui* com 1% (uma ocorrência), *tricozinho* com 1% (uma ocorrência), *ruelinho* com 1% (uma ocorrência), *ruelão* com 3% (duas ocorrências), *mocó* com 1% (uma ocorrência) e *gogó* com 1% (uma ocorrência).

Por sua vez, no Baixo Amazonas, as demais variantes foram *ruela* com registro percentual de 26% (cinco ocorrências), *bocó* com 21% (quatro ocorrências), *tambaqui* e *tambaqui pequeno* com registro percentual de 1% cada (uma ocorrência cada).

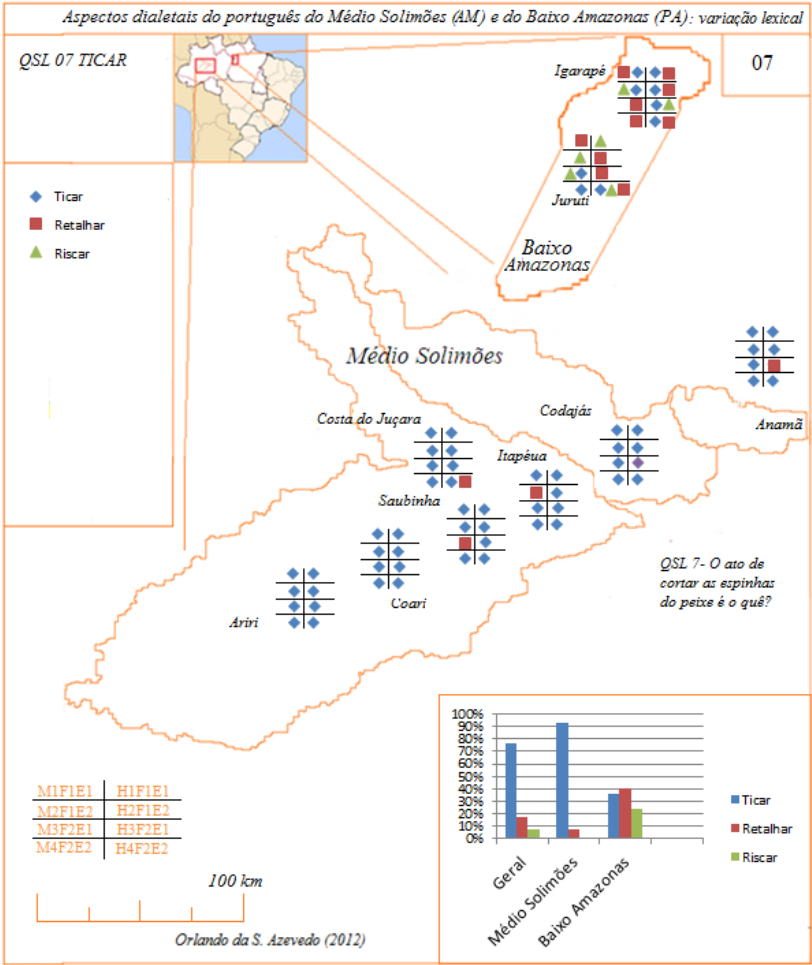


O que nos surpreendeu foram os dados encontrados na cidade de Codajás (MS), pois, nessa localidade, foram seis variantes encontradas para a designação do *tambaqui* de por médio ou pequeno. Por exemplo, o informante H4E2 F2 denomina o peixe de acordo com o tamanho:

-Tem o ruelo, ruelão, ruelinho, tricó, bocó. -José, me dá a sequência desde o piquininho até ele chegá o grandão! Vai lá! -É o tricozinho, ruelinho, tricó, bocó, ruelo, ruelão e o tambaqui grande. -Cara! São quantos nomes, intão, José? -Pera lá! São ruelinho um, tricó, dois, bocó, três, ruelo quatro, ruelão cinco e o tambaqui grande, seis.

6.5.7 Tícar

Na carta semântico-lexical 07, analisamos as variantes lexicais do vocábulo *tícar*, quenô dialeto solimoense e jurutiense é um processo de cortar as espinhas do peixe em parte menores. Não existe nos dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (2007) o registro dessa definição.



Segundo uma informante de mais de 60 anos, nas comunidades do Igarapé e do lago do Juruti-velho as pessoas usavam as variantes



*ticar* e *retalhar*, o que ficou comprovado nesta pesquisa. A surpresa foi o aparecimento da variante *riscar* com quatro ocorrências na vila do Juruti-velho e duas no Igarapé.

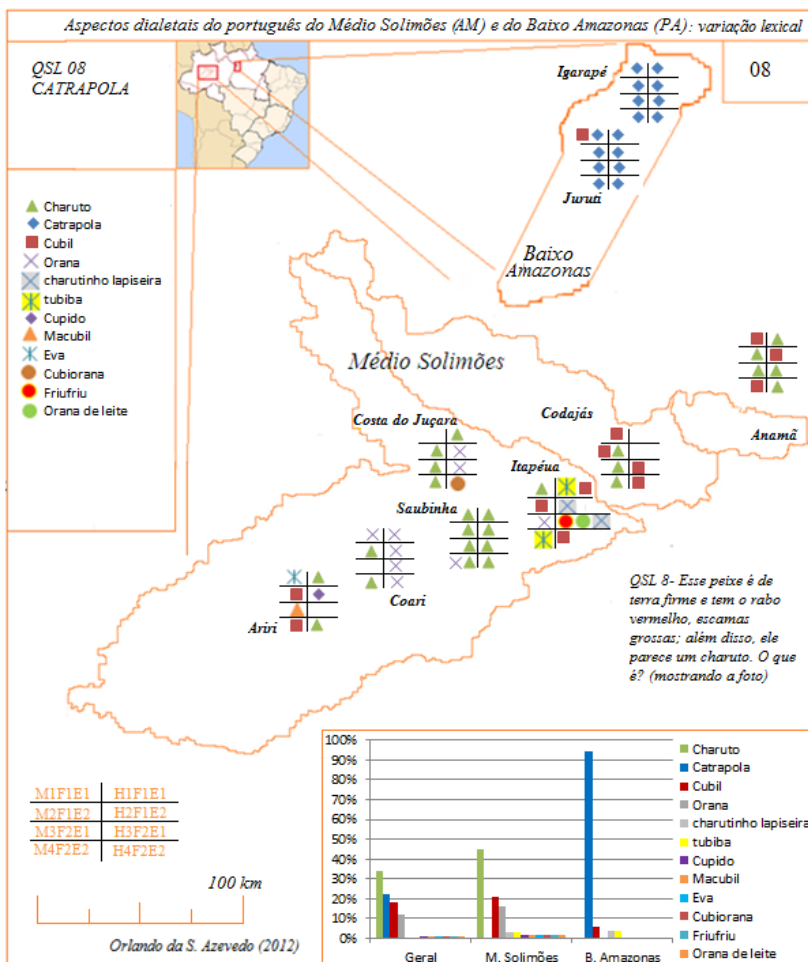
No Baixo Amazonas, as três variantes *ticar*, *retalhar* e *riscar* obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 36%, 40% e 24%, considerando as vinte e cinco ocorrências dadas pelos próprios informantes que falavam simultaneamente, às vezes, duas formas.

No Médio Solimões, *ticar* ocorreu 93% e *retalhar* ocorreu 7% com a mesma significação de cortar as espinhas dos peixes. Outros informantes do Médio Solimões afirmaram que conheciam a variante *retalhar*, porém com significação diversa, ou seja, cortar, bandar o peixe ao meio com a faca ou com o terçado.

### 6.5.8 Catrapola (*Hemiodus sp*)

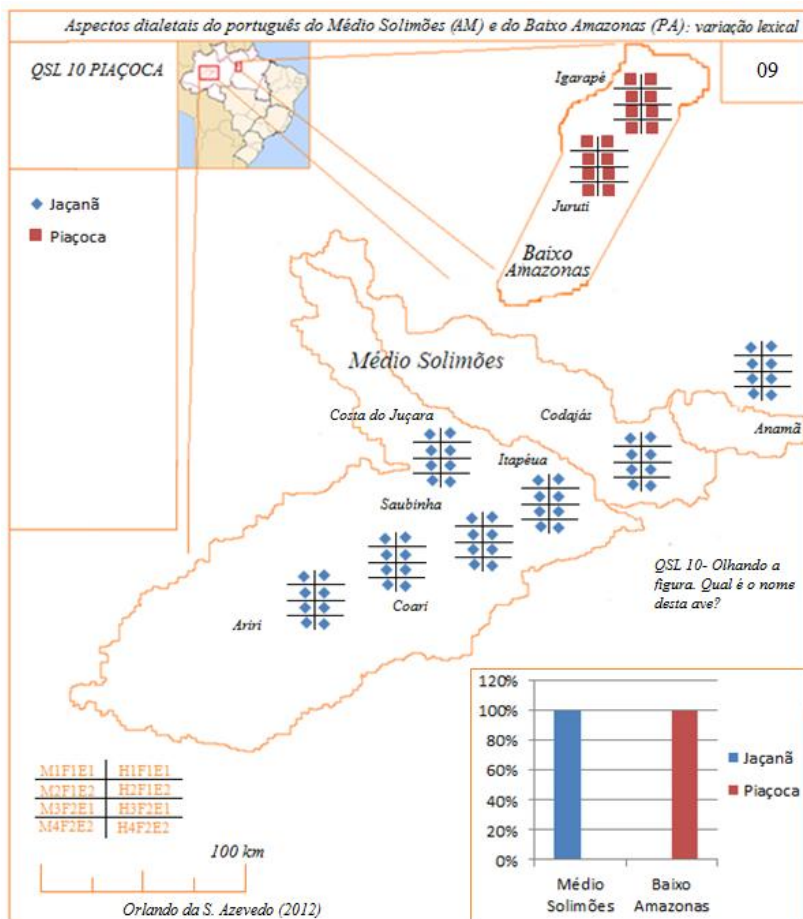
Na carta semântico-lexical 08, descrevemos as variantes lexicais do vocábulo *catrapola* (*Hemiodus sp*), que é um peixe pequeno e comprido de escamas grossas ou de escamas finas comum em águas pretas ou em águas barrentas do rio Amazonas e do Solimões e de seus afluentes. Algumas espécies possuem a nadadeira caudal vermelha, enquanto outras são de rabo preto recebendo outra nomenclatura científica *Argonectes longiceps*. O vocábulo *catrapola* foi selecionado como designativo desse peixe do Igarapé e do Juruti-velho na região do Baixo Amazonas, onde ocorreu dezesseis vezes, correspondendo a 94% do total de dezesseis contra 6% de ocorrência da variante *cubil*. No Médio Solimões nenhum informante mencionou o termo *catrapolae* quando interrogados se sabiam o que era, não conseguiam responder.

Portanto, o Baixo Amazonas possui uma variante dialetal divergente do Médio Solimões, onde a forma *charuto* foi a mais expressiva com 45% do total de setenta e três ocorrências. Além da forma *charuto*, no Médio Solimões foram registradas mais dez variantes: *cubil* com 21%, *orana* com 11%, *charutinho* *lapiseira* com 4%, *tubiba* com 4% e *cupido*, *macubil*, *eva*, *cubiorana*, *friufruiu* e *orana de leite* com 2% cada. Nas comunidades distantes das principais cidades como Coari, Codajás e Anamá existem essas variantes menos expressivas do que nos centros mais urbanizados.



### 6.5.9 Piaçoca (*Jacana jacana*)

Na carta semântico-lexical 09 estão descritas apenas duas variantes lexicais para a ave caradriiforme, paludícola, da família dos jacanídeos (*Jacana jacana*).



Essa ave possui cerca de 23 cm de comprimento e outras características como plumagem negra com manto castanho, bico amarelo com escudo frontal vermelho, rêmiges verde-amareladas, encontro com um afiado esporão vermelho, pernas altas, dedos longos e abertos, adaptados à locomoção sobre plantas aquáticas. E outras regiões brasileiras pode ser chamada de *cafezinho*, *casaca-de-couro*, *ferrão*, *japiacó*, *japiaçoca*, *marrequinha*, *nhaçanã*, *nhançanã*, *nhanjaçanã*, *piacó* e *piaçoca*. (HOUAISS, 2007)

A designação *piaçoca* ainda continua no Igarapé do Juruti-velho desde a década de 80 do século passado, e sua incidência é categórica não somente nas comunidades do Igarapé como também na vila do

Jurutí-velho. Por outro lado, na região do Médio Solimões de forma categórica também ocorre outra variante conhecida por lá como *jaçanã*. Dessa forma, não há como generalizar os dados, pois a realidade linguística de cada região é diferente.

#### 6.5.10 Garça (*Egretta thula*)

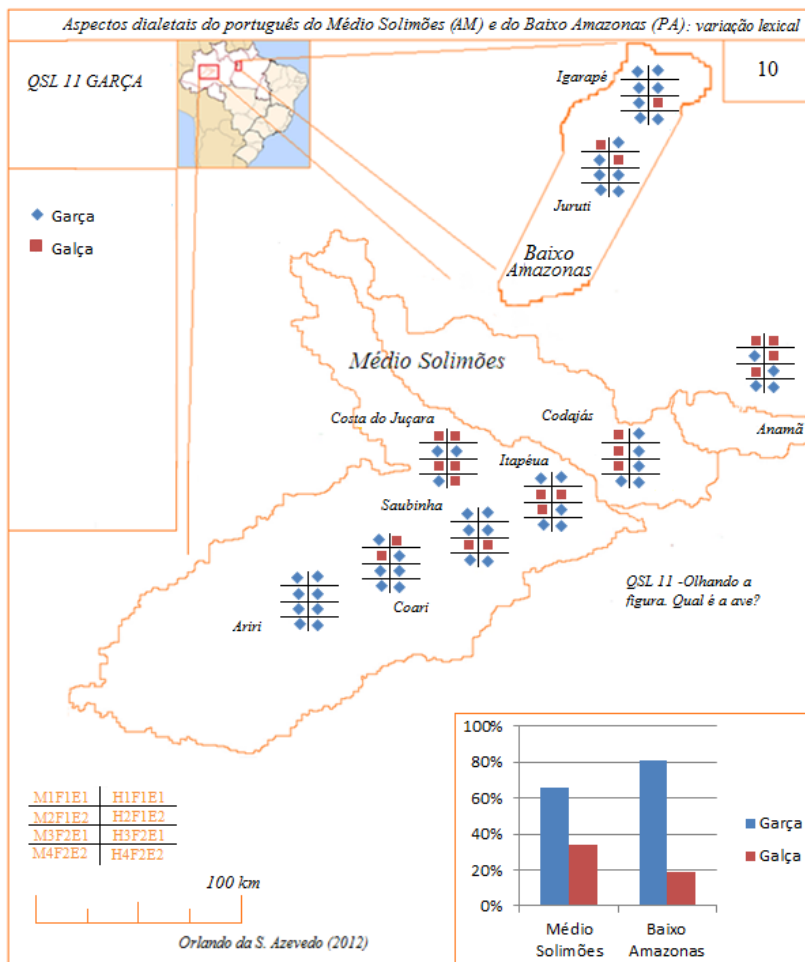
Na carta semântico-lexical 10 descrevemos duas variantes para o referente designativo das aves ciconiformes da família dos ardeídeos, em sua maioria paludícolas, que possuem porte variado, pernas e dedos compridos, pescoço fino, bico longo e pontiagudo. (AURÉLIO, 2007)

O termo *galça* era muito comum nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho em meados da década de 80 do século passado. Atualmente, nessas localidades é um termo que se encontra em desuso, pois só um informante da escolaridade 1 (até da 4ª. série) e da faixa etária 2 (50-65 anos) pronunciou *galça*.

Ao subirmos o rio Solimões, o processo de substituição da variante *galça* pela variante *garça* é mais lento. Por exemplo, na cidade Anamá, o percentual de ocorrência de cada variante foi 50% cada. Na Costa do Juçara, a variante *galça* foi até predominante com percentual de ocorrência em 63%. Subindo desta vez o rio Coari grande, à margem esquerda do Solimões, na comunidade adventista São João do Ariri, a ocorrência do termo *garça* foi única, de todos os nove pontos, incidindo, portanto, de forma categórica.

No geral, a maioria dos informantes que optaram pelo termo *galça* possuía baixa escolaridade (até a 4ª. série).

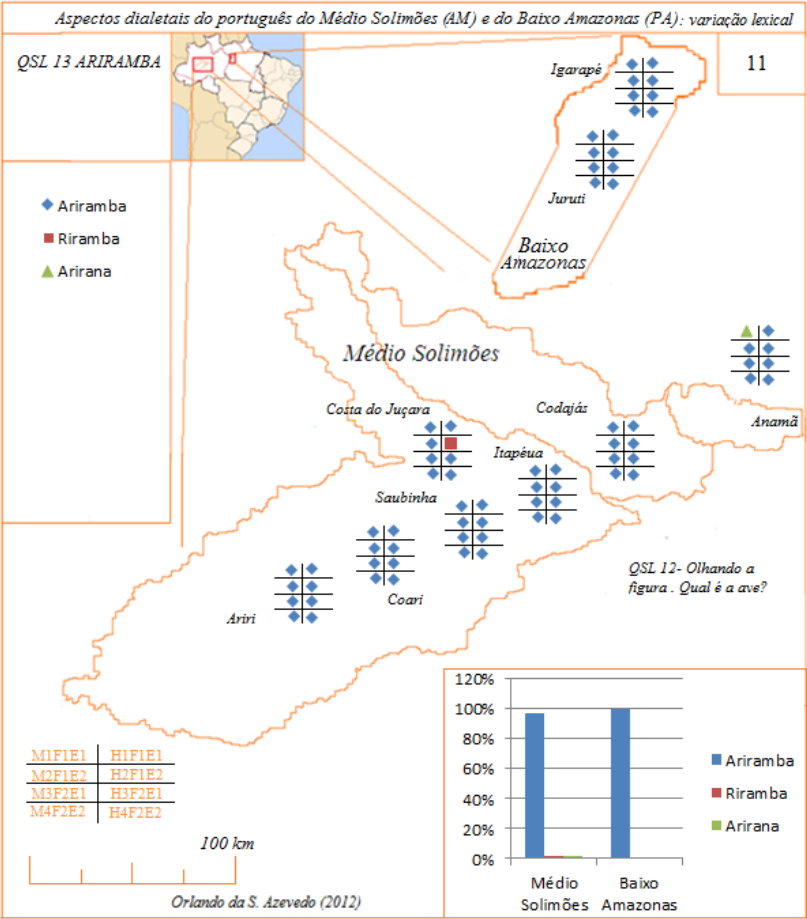
Portanto, a variante *garça* foi predominante nas duas regiões com percentuais de ocorrência em 66% no Médio Solimões e 81% no Baixo Amazonas.



### 6.5.11 Ariramba (*Ceryle torquata*)

É uma ave aquática, coraciforme da família dos alcedínídeos, que possuem bico muito grande, pescoço curto e alimentam-se de peixes e insetos aquáticos. O Houaiss (2007) apresenta algumas variações lexicais como *ariramba*, *flecha-peixe*, *guarda-rios*, *martim*, *papa-peixe*, *pica-peixe*, *urariramba* e *urarirana*. Conforme dados da carta semântico-lexical 11, Esse é um dos léxicos que não sofreram nenhuma variação no Igarapé do Juruti-velho nem na vila do Juruti-velho ao fazermos um

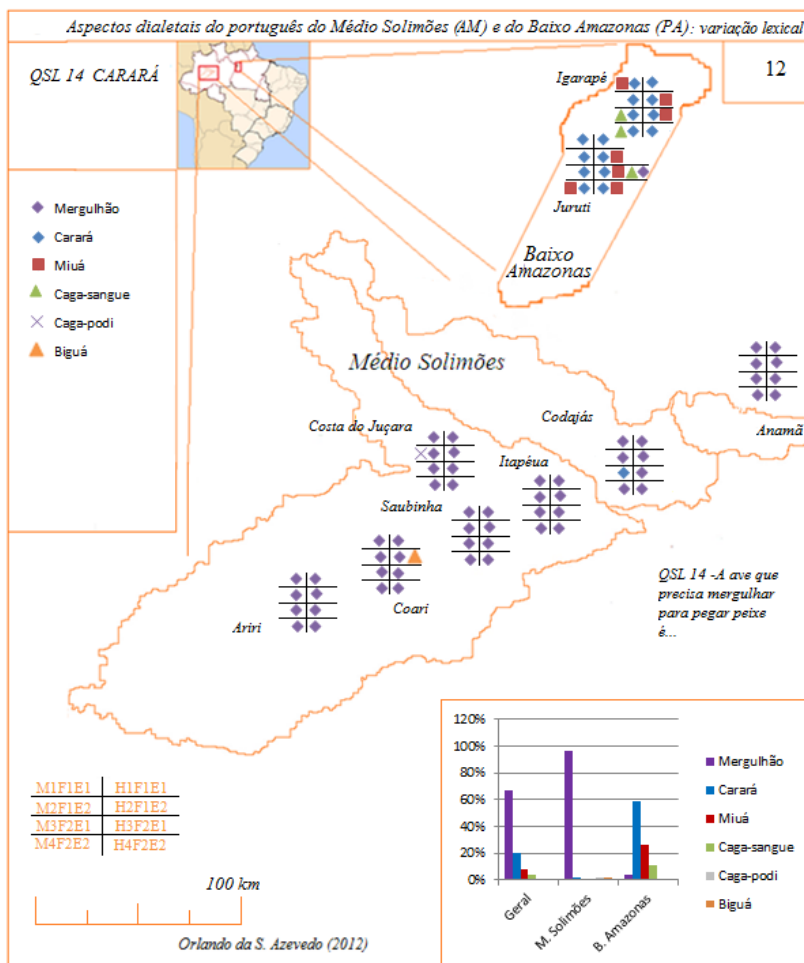
paralelo com o ano de 1980. Por isso, sua ocorrência foi categórica no Baixo Amazonas e quase categoria no Médio Solimões se não fosse uma ocorrência da variante *riramba* registrada na Costa do Juçara e uma ocorrência registrada na cidade de Anamá



6.5.12 Carará (Anhinga Anhinga)

*Carará (Anhingaanhinga)* é uma ave pelicaniforme também conhecida em outras regiões brasileiras como anhinga, biguatinga

(CUNHA, 1999, p.104) e *arará*, *calmaria*, *carará*, *meuá*, *miuá*, *muiá*, *pato-mergulhão*, *patão*, *mergulhador* (HOUAISS, 2007).

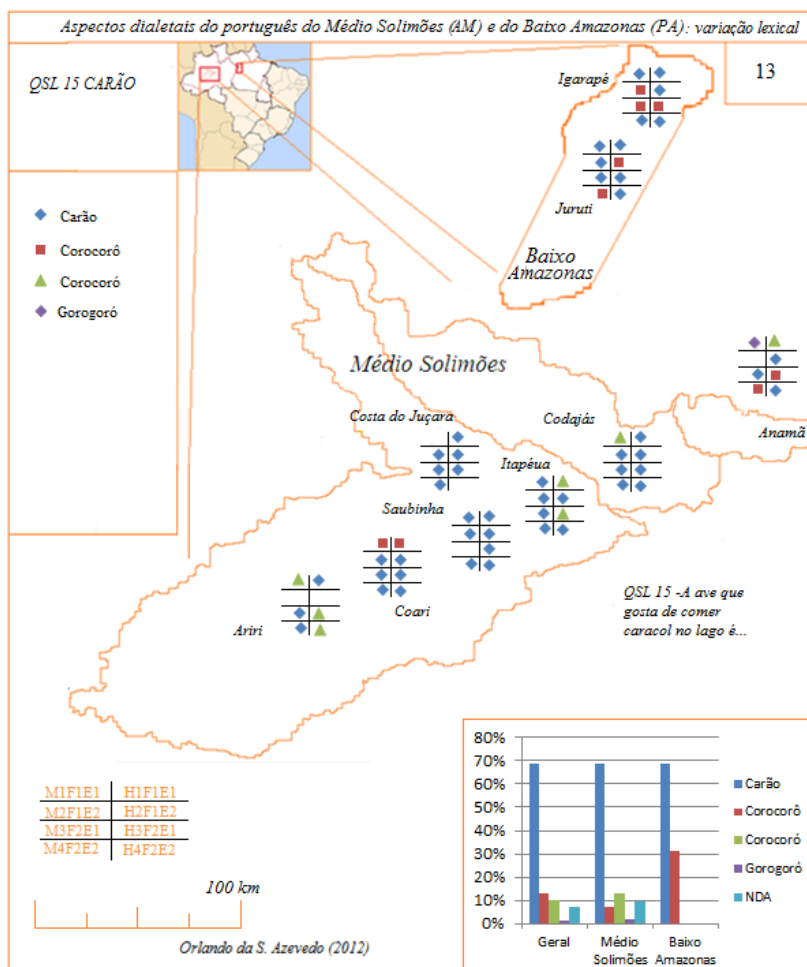


Conforme dados da carta semântico-lexical 12, as variantes *carará*, *biguá*, *miuá*, *caga-sangue* e *mergulhão* foram registradas no Baixo Amazonas com percentuais, respectivamente, em 59%, 4%, 26%, 11% e 4% do total de 27 ocorrências. No lago do Juruti-velho é comum os ribeirinhos verem bando de *cararás* fluando e mergulhondona água. No Médio Solimões apareceram as variantes *mergulhão* com 96%, *carará*, *caga-podie* *biguá* com 2% cada.

Portanto, mergulhão e *carará* constituem as variantes padrões, respectivamente, no dialeto solimoense e jurutiense.

### 6.5.13 Carão

É a designação de uma ave lacustre, que costuma se alimentar de caracol (o mesmo que uruá na região do Baixo Amazonas). Trata-se de um termo regional, que não se encontra dicionarizado com esse referente.





De acordo com os dados da carta semântico-lexical 13, tanto no Baixo Amazonas, quanto no Médio Solimões, a variante lexical *carão* foi expressiva com registro percentual de 69% em cada região e também no cômputo geral. Não esperávamos a ocorrência de *corocorô* no Baixo Amazonas, porque, empiricamente, sabíamos que *carão* ocorreria de forma categórica nessa região geográfica. Enquanto a variante lexical *corocorô* obteve 31% (cinco ocorrências) no Baixo Amazonas, no Médio Solimões obteve 7% (quatro ocorrências).

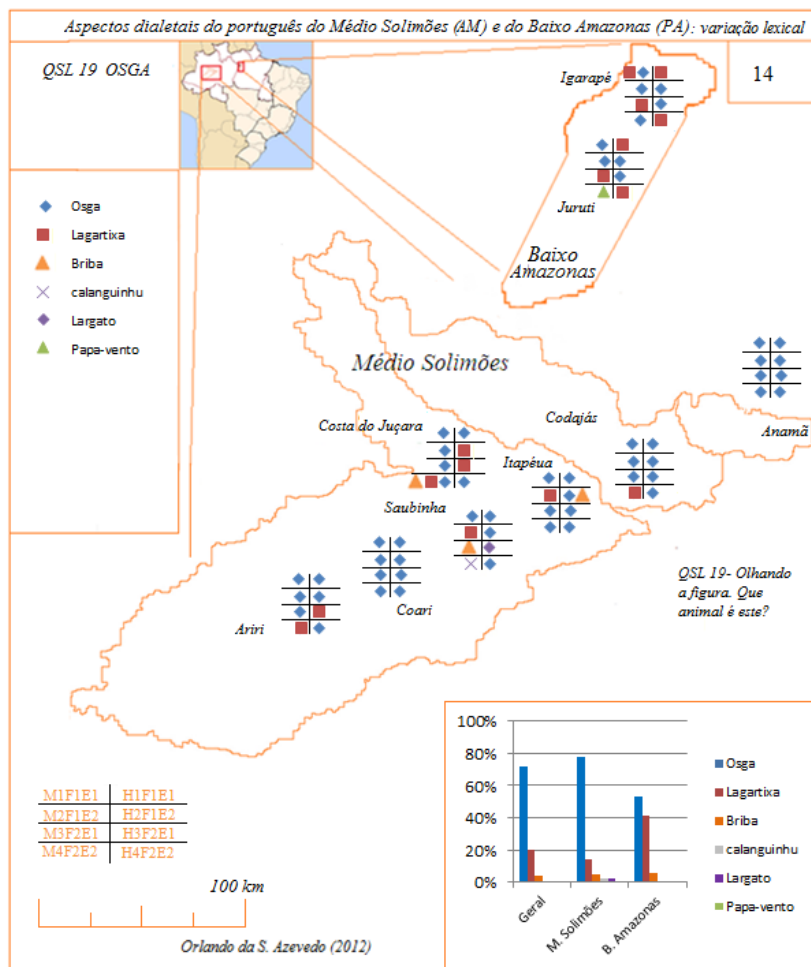
As demais variantes *corocoró* e *gorogoró* foram registradas somente no Médio Solimões com percentuais de 13% (sete ocorrências) e de 2% (uma ocorrência)

#### **6.5.14 Osga (*Hemidactylus mabouia*)**

A *osga* (*Hemidactylus mabouia*) é um pequeno lagarto de 9 a 11 mm de comprimento.

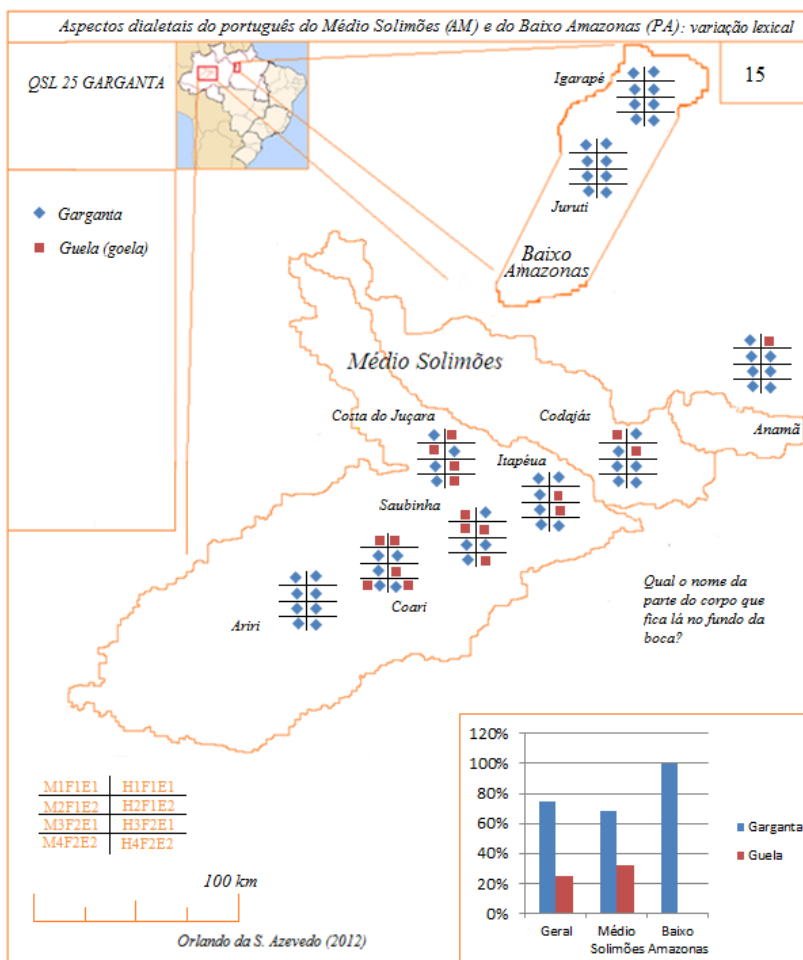
Esse animal costuma se fixar na parede das casas durante à noite. Essa terminologia foi adotada com base no dialeto jurutiense na tentativa de encontrarmos variantes na região do Médio Solimões.

Segundo dados da carta semântico-lexical 14, não houve diferença dialetal significativa uma vez que em ambas as regiões a variante *osga* foi a mais expressiva com percentuais de 78% no Médio Solimões e 53% no Baixo Amazonas. As variantes lexicais como *lagartixa*, *briba*, *calanguinho*, *largato* e *papa-vento* no geral, incidiram com registros percentuais, respectivamente, de 20%, de 4%, de 1%, de 1% e de 1%.



### 6.5.15 Garganta

Na carta semântico-lexical 15, descrevemos duas variantes, *garganta* e *goela*, para a parte anterior do pescoço, que contam as vias para o estômago e para o pulmão. Era comum ouvirmos o vocábulo *goela* produzido como [gu. 'ɛ.lɐ] em anos anteriores a 2000. Atualmente, nas comunidades do Igarapé e no Juruti-velho não houve registros de *goela*. Por outro lado, a variante *garganta* ocorreu de forma categórica nesses dois pontos de inquérito.



Em Ariri, no Médio Solimões, também a variante *garganta* ocorreu de forma categórica. Nos demais pontos de inquérito do Médio Solimões, encontramos uma ocorrência em Anamá (H1E1F1), duas em Codajás, (M1E1F1 e H2E2F1), duas no Itapéua (H2E2F1 e H3E1F2).

Os pontos de inquérito, onde houve ocorrência expressiva de *goela* foi na Costa do Juçara e no Saubinha com 50% (quatro ocorrências) do total de oito em cada localidade, sendo que outros 50% foram para a variante *garganta* em cada ponto. Em Coari, totalizamos

dez ocorrências, sendo 50% (cinco ocorrências) para cada variante e 50% para a variante *garganta* (cinco ocorrências).

Do total de cinquenta e nove ocorrências no Médio Solimões, 69% (quarenta e uma ocorrências) foram para a variante *garganta* e 31% (dezoito ocorrências) foram para a variante *goela*, que foi produzida como [gu.<sup>1</sup>ɛ.ɐ].

### 6.5.16 Rótula

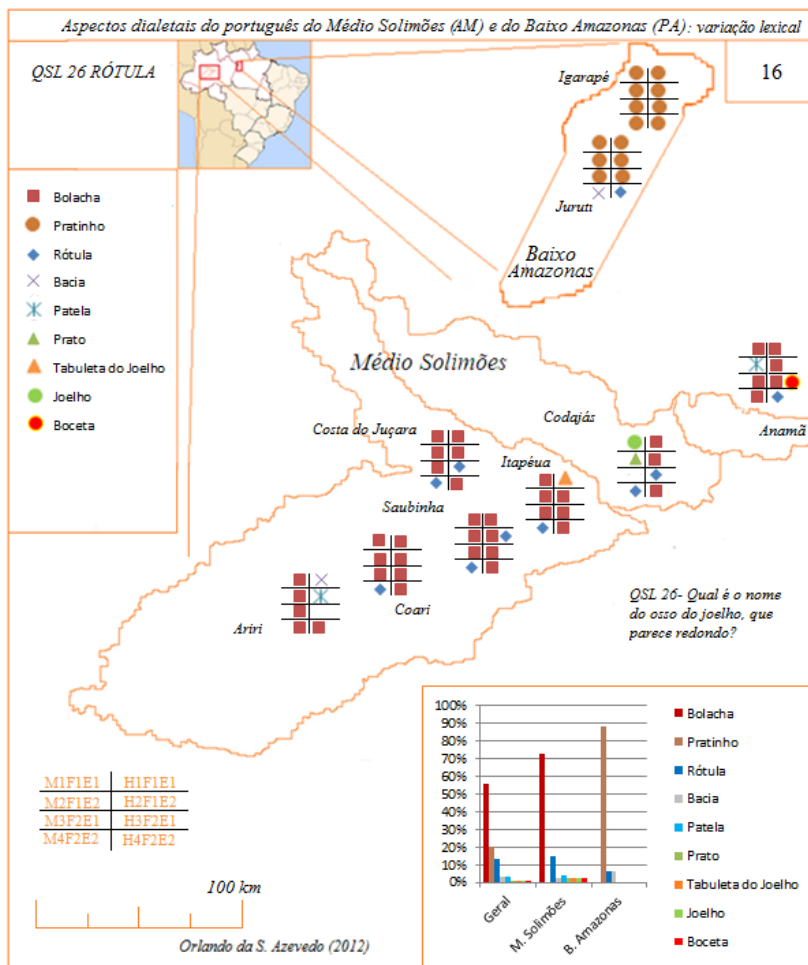
A rótula designa o osso do joelho, que é também chamado de *patela*. Esse referente possui diversas denominações como as que veremos nos parágrafos seguintes.

Segundo a carta semântico-lexical 16, encontramos nove variantes para a *rótula do joelho* com percentuais diversos nas duas regiões estudadas. *Bolacha* foi a variante mais expressiva no Médio Solimões com 73% contra 88% da variante *pratinho* no Baixo Amazonas.

No geral das setenta e uma respostas efetivadas, as demais variantes *rótula*, *bacia*, *patela*, *prato*, *tabuleta do joelho*, *joelho* e *boceta* incidiram com registros percentuais, respectivamente, de 13%, de 3%, de 3%, de 1%, de 1%, de 1% e de 1%.

Nos dados do *ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)* para o mesmo referente foram encontradas onze variantes tais como: *pataca/patacão* que foram as mais incidentes no Paraná, em Santa Catarina e no geral; *tramela*, *rótula* que foi a forma predominante no Rio Grande do Sul; além dessas, registraram-se *chicochoelo*, *joelho*, *bolacha*, *tampa*, *menisco*, *buceta do joelho* e *batata do joelho*.

Na carta semântico-lexical do *ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas (Cruz, 2004) I* foram registradas também nove variantes: *rótula* ocorreu dezenove vezes e foi a mais recorrente na maioria dos pontos, *bolacha* cinco vezes, *róta*, *pratinho*, *joelho*, *bolachinha do joelho* e *bacia-do-joelho* uma vez cada totalizando vinte e nove ocorrências.



Na Tabela 109, visualizamos os dados entre a pesquisa de Cruz (2004) e a atual.

Tabela 109 frequência de *Rótula*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Bolacha	9% 5	71% 40		56% 40
Pratinho	2% 1		88% 14	19% 14
Rótula	35% 19	14% 8	6% 1	13% 9
Bacia		2% 1	6% 1	3% 2
Patela		4% 2		3% 2
Prato		2% 1		1% 1
Tabuleta do Joelho		2% 1		1% 1
Joelho	2% 1	2% 1		1% 1
Boceta		2% 1		1% 1
Róta	2% 1			
Bolachinha- do-joelho	2% 1			
Bacia-do- joelho	2% 1			
NDA	46% 25	2% 1		1% 1
Total	100% 56	100% 56	100% 16	100% 72

Na Tabela 109, a norma no falar amazonense, segunda os dados do ALAM (CRUZ, 2004), é *rótula* com frequência percentual de 35% (dezenove ocorrências), uma variante mais prestigiosa, que é ensinada nas escolas. Nesse estudo, os informantes possuem escolaridade abaixo da 5ª. série primária.

Em nossa pesquisa, tanto informantes com baixa escolaridade e com escolaridade avançada usam mais a variante *bolacha* na região geográfica do Médio Solimões, e a variante *pratinho* na região geográfica do Baixo Amazonas, ou seja, o fator escolaridade é desprezível para esse referente na pesquisa atual.

### 6.5.17 Axila

Esse termo vem se popularizando bastante nestes últimos anos. Veremos na carta semântico-lexical 17, o percentual de ocorrência da variante *axila*, cavidade entre o braço e o ombro, que vem substituindo outras variantes lexicais na região amazônica.

No mapa do município de Juruti (PA), o termo *cutico* (quatro ocorrências) ainda foi registrado no Igarapé do Juruti-velho. Essa terminologia era bastante usada em meados da década de 80 do século passado. Encontramos também quatro ocorrências de *cutico* na vila do Juruti-velho.

No cômputo geral do Baixo Amazonas, das vinte e cinco ocorrências para a parte do corpo, que fica entre o braço e o ombro, 33% (oito ocorrências) foram para *cutico*, e 33% (sete ocorrências) foram para *sovaco*, que foi produzido como [su.'va.ku]. Praticamente, ninguém pronuncia mais esse termo com o [o], uma vogal pretônica semifechada. Com maior expressividade, a variante lexical *axila* obteve 38% (nove ocorrências). Portanto, encontramos uma concorrência acirrada entre essas três variantes com tendência predominante da variante *axila*, que pode, no futuro, substituir definitivamente as demais lexias nesses dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas.

No Médio Solimões, a variante *sovaco* obteve registro percentual de 66% (trinta e sete ocorrências), a variante *axila* obteve 32% (dezoito ocorrências) e a variante *cutico* obteve 2% apenas (uma ocorrência), totalizando cinquenta e seis ocorrências nessa região. Portanto, a variante *sovaco* foi mais a expressiva no Médio Solimões e em seis pontos, pois em Anamá a variante *axila* foi mais recorrente com 50% (quatro ocorrências) do total de oito.

No geral, *sovaco* obteve 55% (quarenta e quatro ocorrências), *axila* obteve 34% (vinte e sete ocorrências) e *cutico* obteve 11% (nove ocorrências).

Nos parágrafos seguintes veremos os resultados de outras pesquisas sobre o referente da carta semântico-lexical 17 aqui abordado.

Encarnação (2010), no Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, encontrou quinze ocorrências da variante *suvaco* (93,75%) e uma ocorrência apenas para a variante *axila* (6,25%). Portanto, a lexia *suvaco* constituiu-se como norma da região

Soares (2012), em o Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo, encontrou três variantes, a saber: *sobaco*, *sovaco* e *axila*, as quais obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 50% (doze ocorrências), 29,2% (sete ocorrências) e 20,8% (cinco ocorrências). Ao invés de *sovaco*, constituiu-se como norma da região norte do Alto Tiete, a lexia *sobaco*.

Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, encontrou as variantes lexicais *sobaco* e *axila* com percentuais de ocorrência em 80,56% (vinte e nove ocorrências) para aquela e 19,44% (sete ocorrências) para esta.

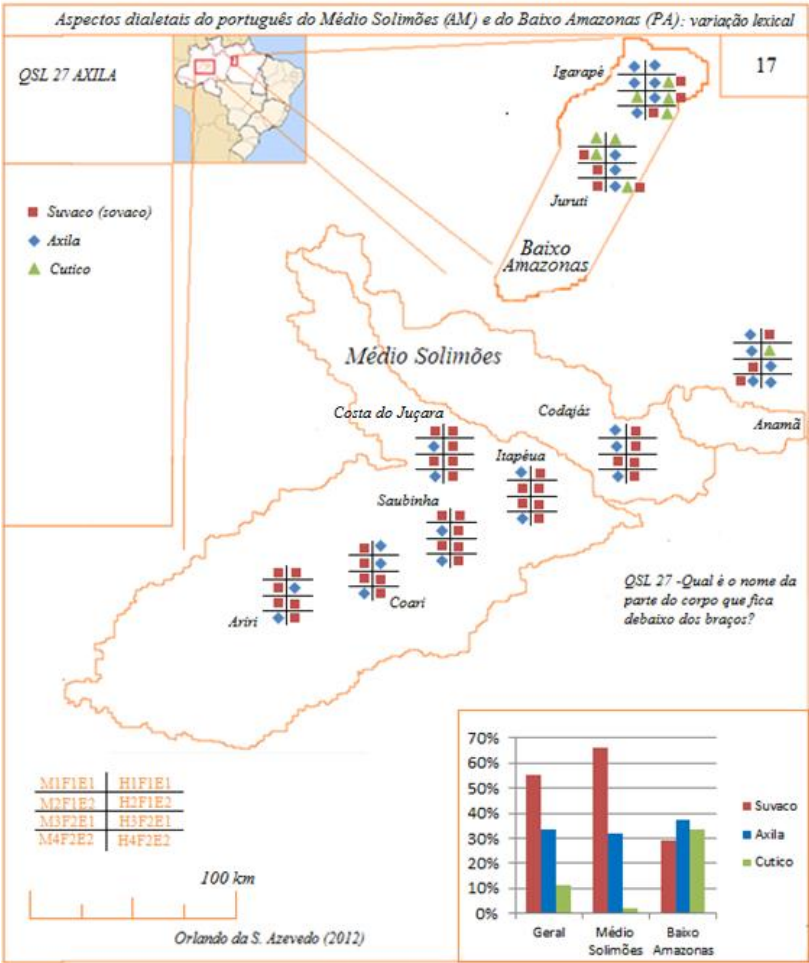
Cristianini (2007) registrou as formas *fubaco*, *subaco*, *suvacoe* *sovaco* como *sobaco* no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC. Com isso, a variante lexical *sobaco* constituiu-se em norma na região do Grande ABC, porque possuiu alta frequência e distribuição regular com registro percentual de 66,67% (vinte e quatro ocorrências), enquanto a variante *axila* obteve 30,56% (onze ocorrências) e a variante *embaixo do braço* obteve 2,78% (uma ocorrência apenas).

Nos dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), a variante *sovaco* foi predominantecom 156 ocorrências e foia mais expressiva nos três estados que compõem a região Sul do Brasil. A segunda variante foi *suvaco* com setenta e oito ocorrências. Na sequência a variante *sovaco* obteve vinte e uma ocorrências, *axila* obteve seis ocorrências, *asa* obteve duas ocorrências e *embaixo do braço* obteve uma ocorrência.

Ao verificarmos a carta semântico-lexical 38 do Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM (CRUZ, 2004), computamos cinquenta e seis ocorrências para essa cavidade, que fica entre o ombro e o braço. A variante *sovaco*, não sabemos se estão reunidas nesse vocábulo a forma *suvaco* e outras variantes parecidas,foi mais expressiva com registro percentual de 48% (vinte e sete ocorrências). Na sequência veio a variante *axila* com registro percentual de 27% (quinze ocorrências), e,



por último, encontramos a variante *esquisita* com apenas 2% (uma ocorrência apenas). Nenhuma das repostas anteriores, incluindo, diversos problemas, totalizaram 23% (treze ocorrências).



Na Tabela 110, temos a visualização dos dados do ALAM e da presente pesquisa.

Tabela 110 Frequência de *Axila*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Suvaco		66% 37	29% 7	55% 44
Sovaco	48% 27			
Axila	27% 15	32% 18	38% 9	34% 27
Cutico		2% 1	33% 8	11% 9
Isquisita	2% 1			
NDA	23% 13			
Total	100% 56	100% 56	100% 24	100% 80

### 6.5.18 Panturrilha

É a designação da parte trazeira da perna, formada por músculos gastrocnêmicos e sóleo (HOUAISS, 2009). Esperávamos encontrar a

variante lexical *barriga-da-perna*, pois é uma das denominações da *panturrilha*. Não houve sequer um registro.

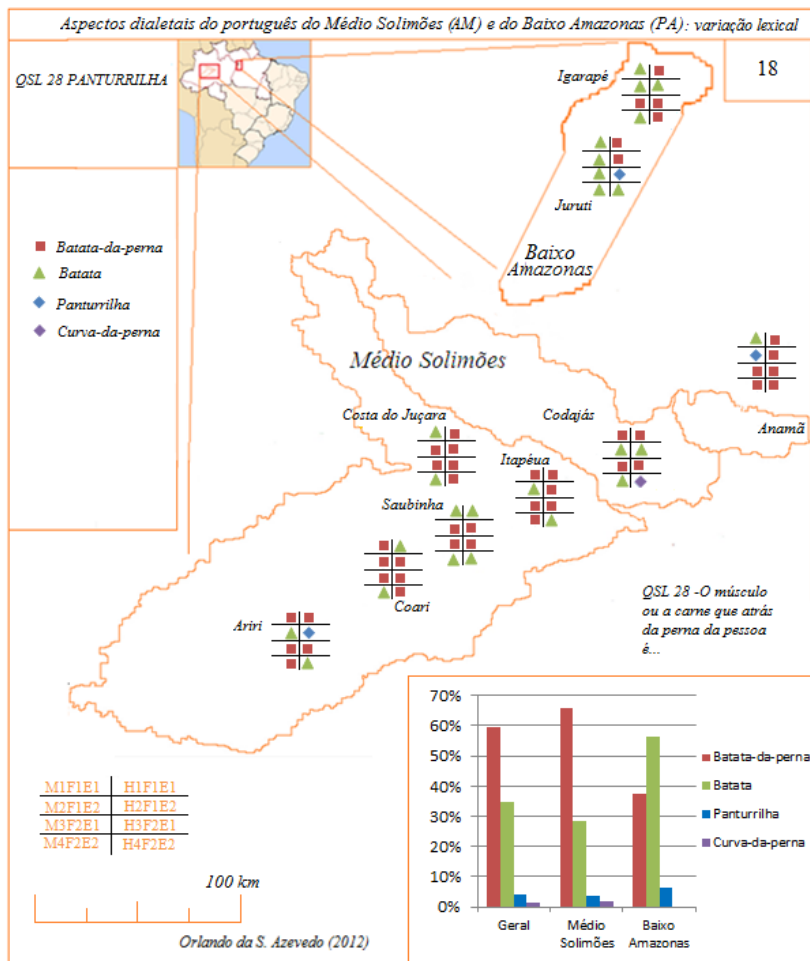
Segundo dados da carta semântico-lexical 18, encontramos quatro variantes lexicais, a saber: *batata-da-perna*, *batata*, *panturrilha* e *curva-da-perna*.

Os informantes do Baixo Amazonas usam mais o termo *batata*, que obteve registro percentual de 56% (nove ocorrências), contra 38% (seis ocorrências) da variante *batata-da-perna* e contra 6% (uma ocorrência) da variante *panturrilha*, totalizando dezesseis ocorrências nessa região.

No Médio Solimões, com 66% (trinta e sete ocorrências), *batata-da-perna* foi predominante, enquanto *batata*, *panturrilha* e *curva-da-perna*, obtiveram, respectivamente, 29% (dezesseis ocorrências), 4% (duas ocorrências) e 2% (uma ocorrência), totalizando cinquenta e seis ocorrências nessa região.

No geral, *batata-da-perna* obteve 60% (quarenta e três ocorrências) do total de setenta e duas. A segunda variante mais expressiva foi *batata* com 35% (vinte e cinco ocorrências) e foi seguida por *panturrilha* com 4% (três ocorrências) e por *curva-da-perna* com 1% (uma ocorrência).

Portanto, o padrão no Baixo Amazonas foi *batata*, enquanto no Médio Solimões foi *batata-da-perna*. Por enquanto, a variante *panturrilha* ainda não se popularizou no Estado Amazonas.



### 6.5.19 Corno

Designação do homem traído pela mulher. Esse termo é de uso corrente e bastante popular nas duas regiões estudadas. Na carta semântico-lexical 19, ao considerarmos o contexto geral, das setenta e quatro ocorrências, 93% (sessenta e nove ocorrências) foram para a variante *corno*, 5% (quatro ocorrências) foram para *chifrudo* e 1% (uma ocorrência apenas) foi para *safado*. A variante *chifrudo* ocorreu apenas uma vez na vila do Juruti-velho (BA) e ocorreu três na cidade de

Anamã (MS). Por último, a variante *safado* apareceu uma única vez na cidade de Coari (MS).

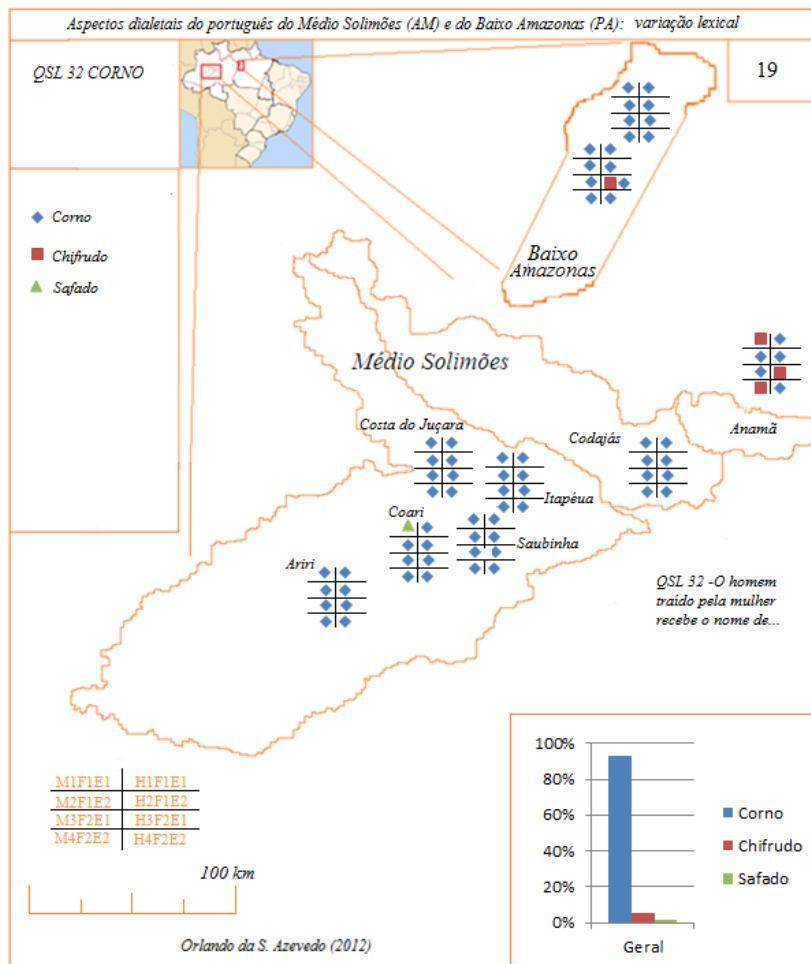
Soares (2012), em o Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo, registrou seis variantes para o homem traído pela mulher, a saber: *chifrudo* com nove ocorrências e 37,5% de frequência relativa, *cornu* com oito ocorrências e 33,3% de frequência relativa, *traído* com três ocorrências e 12,5% de frequência relativa, *boizão*, *bobo* e *ex* com uma ocorrência e 4,2% de frequência relativa.

Encarnação (2010), no Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, encontrou três variantes lexicais para o referente homem traído pela mulher, a saber: *cornu* com doze ocorrências e 75% de frequência relativa, *traído* e *chifrudo* com uma ocorrência cada e 6,25% de frequência relativa para cada variante.

Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, encontrou seis variantes para o referente homem enganado pela mulher, a saber: *chifrudo* com dezessete ocorrências e 47%,22 de frequência relativa, *cornu* com dez ocorrências e 27,58% de frequência relativa, *traído* com seis ocorrências e 16,67% de frequência relativa, *enganado*, *amante* e *coitado* com uma ocorrência cada e 2,78% de frequência relativa cada.

Cristianini (2007) registrou quatro variantes para o homem enganado pela mulher no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, a saber: *chifrudo* com dezessete ocorrências e 47,22% de frequência relativa, *cornu* com quinze ocorrências e 41,67% de frequência relativa, *traído* com duas ocorrências e 5,56% de frequência relativa e *galinha* com uma ocorrência apenas e 2,78% de frequência relativa.

Nos dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), no que diz respeito à carta semântico-lexical 282 *marido enganado*, estão registradas as variantes lexicais *cornu* com setenta ocorrências, *guampudo* com quarenta e três ocorrências, *chifrudo* com quarenta e cinco ocorrências e *traído* com catorze ocorrências e *galhudo* com nove ocorrências. Por Estado da região Sul do Brasil, *chifrudo* obteve mais de 50% de frequência relativa no Paraná, enquanto em Santa Catarina foi *cornu* com mais de 50% de frequência relativa e no Rio Grande do Sul foi *guampudo* com mais de 50% de frequência relativa.



### 6.5.20 Banguela

É a designação da pessoa, que perdeu os dentes. Segundo dados da carta semântico-lexical 20, constituiu-se como padrão de uso nas duas regiões estudadas a variante lexical *banguela* com cinquenta e sete ocorrências (79%) no geral, quarenta e duas ocorrências (75%) no Médio Solimões e quinze ocorrências (94%) no Baixo Amazonas. A segunda variante *disdentado* (desdentado) mais expressiva, ocorreu somente no Médio Solimões com nove ocorrências (16%). As variantes

*boca mucha* e *boca funda* ocorreram uma vez cada (2%) somente na região solimoense. Por último, a variante *boca mole* ocorreu apenas no Baixo Amazonas com uma ocorrência apenas (6%).

Encarnação (2010), no Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, encontrou apenas a variante *banguelo* com dezesseis ocorrências e 100% de frequência relativa, constituindo-se, assim, norma de uso do litoral norte do Estado de São Paulo.

Soares (2012), em o Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo, registrou a variante lexical *banguelo* com vinte e três ocorrências e 95,8% de frequência relativa, e a variante lexical *desdentado* com uma ocorrência apenas e 4,2% de frequência relativa. Dessa forma, *banguelo* constituiu-se como norma na região do norte do alto Tietê,

Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, registrou o item lexical *banguela* com alta frequência e distribuição regular, incidindo trinta e três vezes e com frequência relativa de 91,67%. Augusto encontrou, ainda, mais dois itens lexicais, desta vez, com baixa frequência. São eles: *desdentado* com uma ocorrência e 2,78% de frequência relativa, e *boca mucha* com duas ocorrências e 5,56% de frequência relativa.

Cristianini (2007) registrou, no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, a variante *banguela* trinta e cinco vezes e com frequência relativa de 97,22%. Com isso, essa variante lexical constituiu-se em norma na região do Grande ABC, porque possuiu alta frequência e distribuição regular entre os pontos de inquérito desse atlas linguístico. Cristianini (2007) registrou, ainda, uma única vez a variante *boca mucha* com frequência relativa de 2,78%.

Ao verificarmos a carta semântico-lexical 28 do Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM (CRUZ, 2004), computamos trinta e nove ocorrências para o referente pessoa sem dentes, distribuídas em três variantes lexicais, a saber: *banguela*, incluindo as ocorrências de *banguelo*, *desdentado* e *sem dente*. Comparamos os dados do ALAM e da pesquisa atual na Tabela 111

Tabela 111 Frequência de *Banguela*

ALAM	Médio	Baixo	BA
------	-------	-------	----

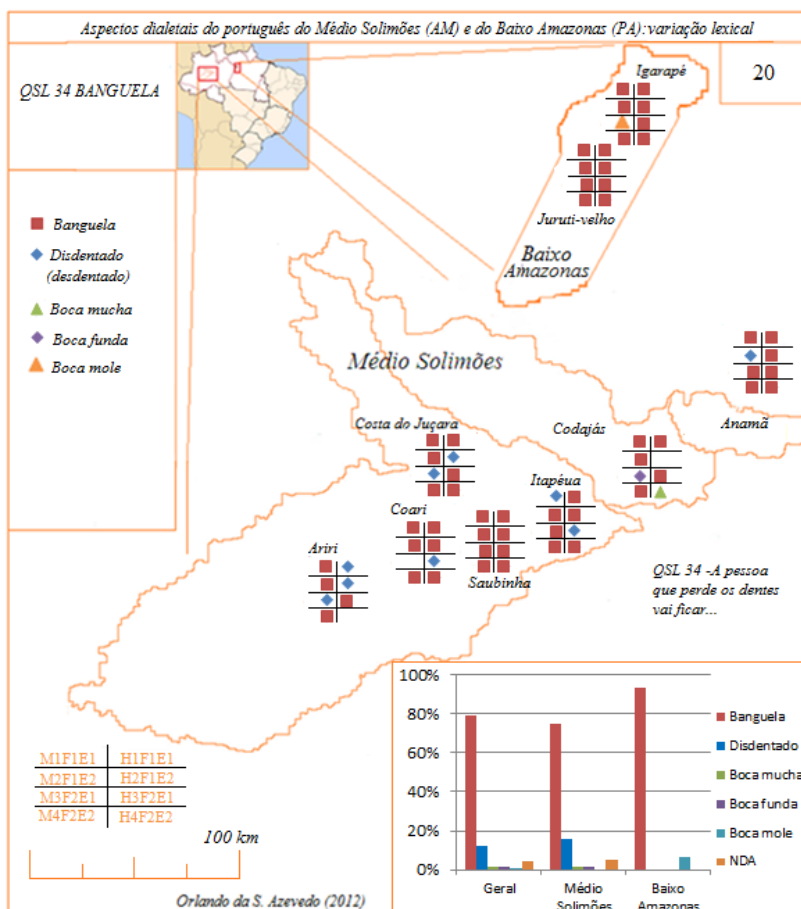
		Solimões	Amazonas	+MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Banguela	32% 18	75% 42	94% 15	79% 57
Desdentado	30% 17	16% 9		13% 9
Sem dente	7% 4			
Boca mucha		1% 1		2% 1
Boca funda		1% 1		2% 1
Boca mole			6% 1	1% 1
NDA	30% 17	5% 3		4% 3
Total	100% 56	100% 56	100% 16	100% 72

Não podemos generalizar os dados do ALAM, porque a escolaridade dos informantes era de até a 4<sup>a</sup>. série primária, enquanto na nossa pesquisa, existem informantes na Escolaridade 1 com até a 4<sup>a</sup>. série, e na Escolaridade 2, informantes com escolaridade acima da 4<sup>a</sup>. série, ou seja, em nossa pesquisa encontramos informantes com até o ensino médio completo. Porém, se formos considerar apenas os informantes da Escolaridade 1 (analfabeto até a 4<sup>a</sup>. série primária), igualando ao perfil do informante do ALAM, haveria apenas seis ocorrências da variante *desdentado* no Médio Solimões e nenhuma no Baixo Amazonas; por outro lado, haveria vinte e uma ocorrências da variante lexical *banguela* na região solimoense e sete ocorrências para a mesma variante na região jurutiense..

Nos dados do ALAM as variantes *banguela* e *desdentado* estão em concorrência com registros percentuais e absolutos bastante próximos. Por exemplo, a variante *banguela* ocorreu dezoito vezes (32%), e a variante *desdentado* dezessete vezes (30%).



Portanto, computado os dados de nossa pesquisa e da pesquisa de Cruz (2004), no Estado do Amazonas, a variante lexical *banguela* constitui-se em norma de uso nesse Estado.

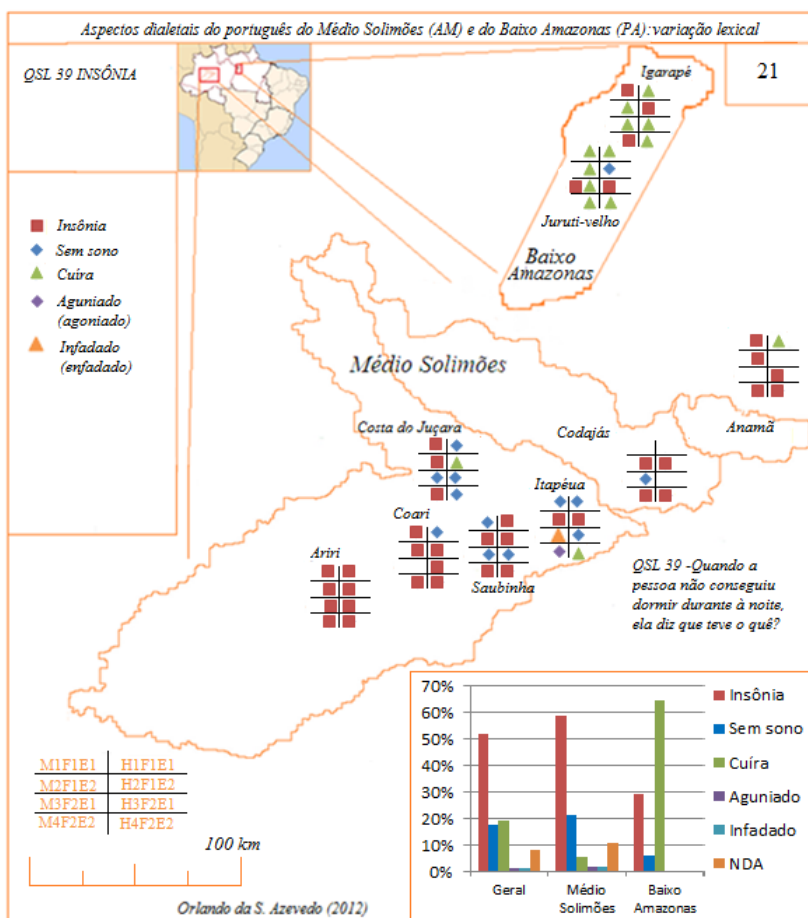


### 6.5.21 Insônia

Na carta semântico-lexical 21, descrevemos as variantes da designação dada ao estado da pessoa, que não conseguiu dormir durante a noite. O item lexical, que gostaríamos de saber era se a variante lexical *cuíra* ainda ocorreria nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho.

O Houaiss (2009, p. 582) registra essa terminologia com a seguinte definição: “Adj. 2g. AMAZ que não para de se movimentar, não fica quieto; buliçoso, inquieto, traquinas. ETIM segundo Nascentes, voc. tup.”

No Igarapé, as pessoas costumavam dizer: “num consegui durmi essa noite, me deu uma *cuíra*”. De fato, *cuíra*, ainda, é usada nessa localidade, e junto aos dados da vila do Juruti-velho, obteve registro percentual de 65% (onze ocorrências), enquanto as variantes *insônia* e *sem sono*, obtiveram, respectivamente, 29% (cinco ocorrências), 6% (uma ocorrência apenas), totalizando dezessete ocorrências nessa região



No Médio Solimões, das cinquenta e seis ocorrências, a variante *insônia* constituiu-se em norma de uso com registro percentual de 59% e frequência de trinta e três ocorrências. A segunda variante mais expressiva foi *sem sono* com 21% e frequência de doze ocorrências. *Cuíra* foi também registrada nessa região com 5% e frequência de três ocorrências. *Aguniado* (agoniado) e *infadado* (enfadado) obtiveram 2% cada e frequência de uma ocorrência cada.

No geral, computamos setenta e três ocorrências para o referente em questão e obtivemos 52% (trinta e oito ocorrências) para a variante *insônia*, 18% (treze ocorrências) para *sem sono*, 19% (catorze) para *cuíra*, 1% (uma ocorrência) cada para *aguniado* e *infadado*.

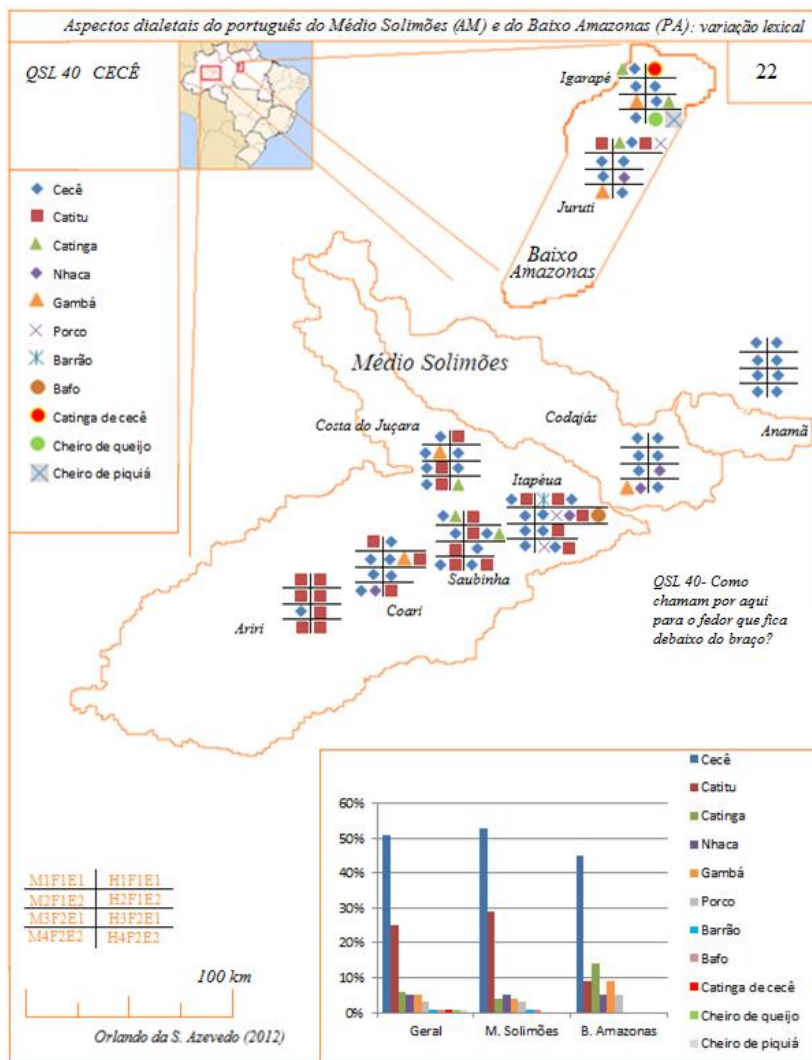
### 6.5.22 Cecê

*Cecê* é o odor exalado das axilas. Essa variante lexical foi, no geral e por região, a mais expressiva segundo dados da carta semântico-lexical 22.

O percentual de ocorrência de *cecê* foi 51% no geral, 53% no Médio Solimões, e 45% no Baixo Amazonas. A segunda variante mais expressiva no Geral e no Médio Solimões foi *catitu* com registros percentuais, respectivamente, de 25% e 29%. O uso do termo *catitu* é devido ao fedor exalado do porco-do-mato também chamado caititu. No Baixo Amazonas foi *catínga* com 14%. Na maioria dos pontos de inquérito houve respostas com duas variantes, às exceções aconteceram na cidade de Anamã (MS) com 100% de ocorrência de *cecê*, em Ariri (MS) com 88% de ocorrência de *catitu* e em Codajás com 67% de ocorrência da variante *cecê*. A vila de Itapéua foi o ponto que apresentou seis variantes *cecê* (44%), *catitu* (28%), *nhaca* (6%), *porco* (11%), *barrão* (6%) e *bafo* (6%) totalizando dezoito ocorrências para o mesmo referente. Um informante (18-30 anos) dessa vila disse que falava *cecê*, *porco*, *nhaca*, *catitu* e *bafo*.

Nos dados da carta lexical 216 do *ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil)* foram registradas outras variantes para o fedor exalado das axilas: *asa* que foi predominante no Rio Grande do Sul e no geral; *catínga*, a mais expressiva no Paraná e em Santa Catarina, também registrada de maneira menos expressiva no Médio Solimões e no Baixo Amazonas; (*cheiro de/cheirar*) *sovaco*, *sovaco*, *fedor* e *chulé (do braço)*.

Na carta semântico-lexical 39 do *ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas* houve o registro de oito variantes para o mesmo referente: *cecê* também foi a mais expressiva no geral com vinte e uma



Na Tabela 112, disponibilizamos os dados em números percentuais e absolutos entre a pesquisa de Cruz (2004) e a pesquisa atual feita nas duas regiões amazônicas.

Tabela 112 Frequência de *Cecê*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Cecê	38% 21	53% 41	45% 10	51% 51
Catitu		29% 23	9% 2	25% 25
Catinga	5% 3	4% 3	14% 3	6% 6
Nhaca		5% 4	5% 1	5% 5
Porquinho	4% 2			
Mau-cheiro	4% 2			
Pitiú	2% 1			
Inhaca	2% 1			
Sovaquinho/ sovacão	5% 3			
Gambá	2% 1	4% 3	9% 2	5% 5
Porco		3% 2	5% 1	3% 3
Barrão		1%		1%

		1		1
Catinga de cecê			5% 1	1% 1
Bafo		1% 1		1% 1
Cheiro de queijo			5% 1	1% 1
Cheiro de piquiá			5% 1	1% 1
NDA	38% 21			
Total	100% 55	100% 78	100% 22	100% 100

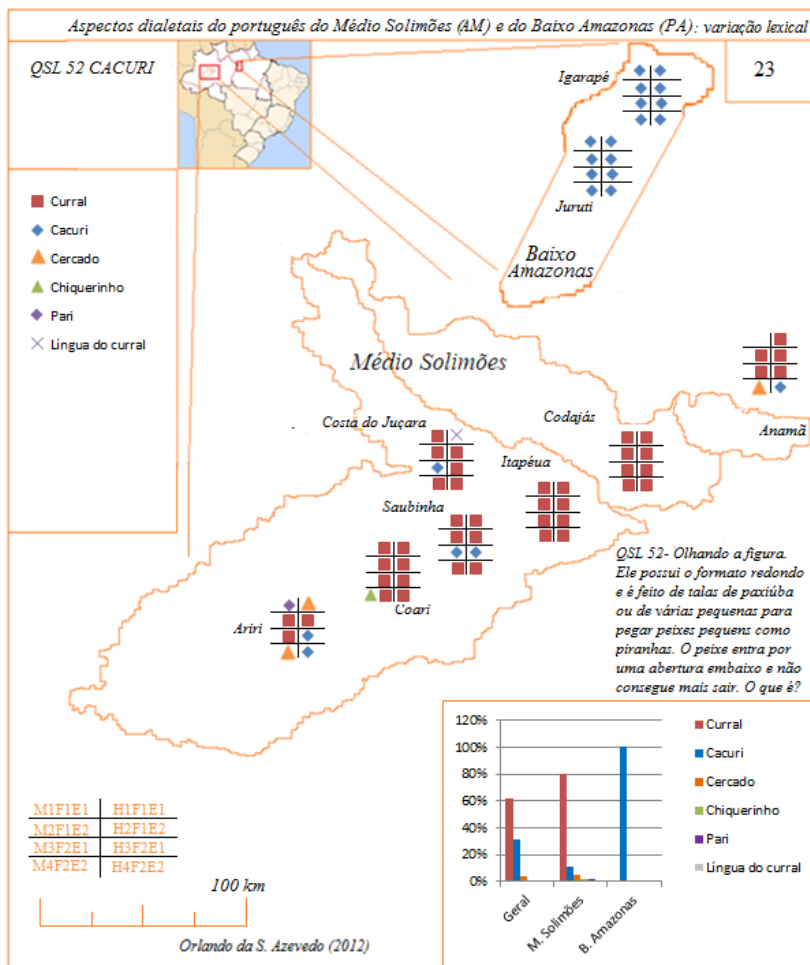
### 6.5.23 Cacuri

É a designação de uma armadilha circular colocada nos lagos e margem dos rios e é apropriada para a pesca de peixes pequenos.

Na carta semântico-lexical 23 estão demarcadas as áreas pela presença de variantes dialetais específicas, ou seja, no Médio Solimões a mais expressiva foi *curral* com 80% de cinquenta e cinco possibilidades e no Baixo Amazonas foi *cacuri* com 100% de ocorrências do total de dezesseis possibilidades.

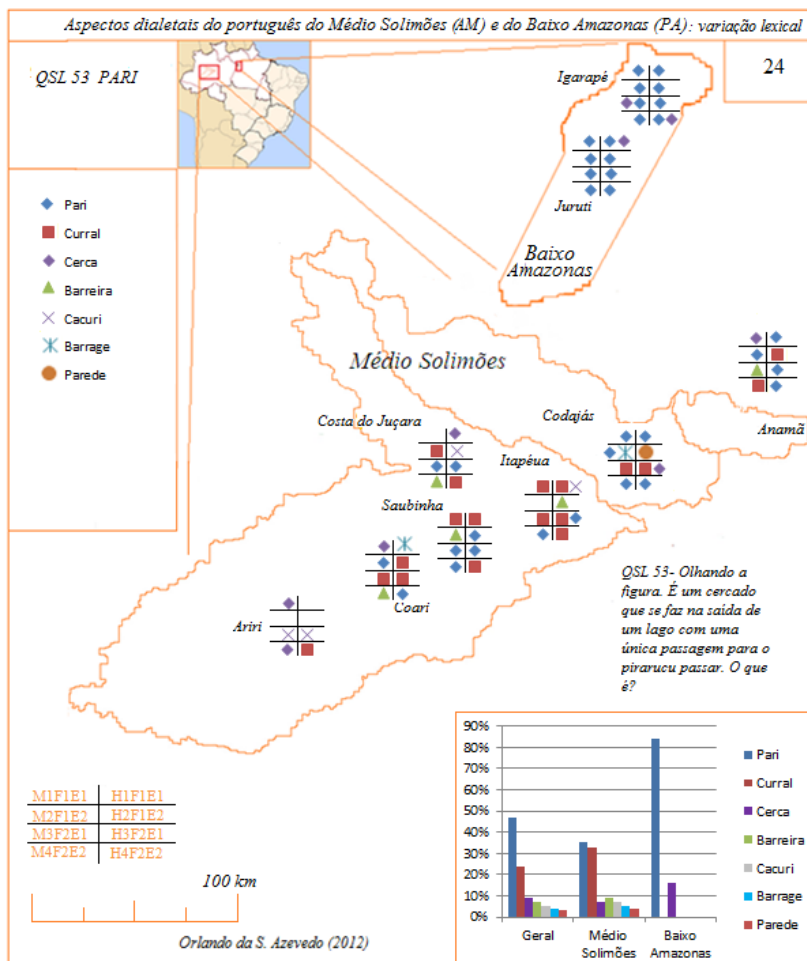
A definição de *curral* e de *cacuri* nas duas regiões não é tão similar, porque no Baixo Amazonas o diâmetro do *cacuri* é menor, e pode ser feito de talas de Inajá e serve para pegar peixes pequenos como *catrapolas*, pacus, jaraquis, piranhas etc., enquanto no Médio Solimões o diâmetro do *curral* é bem maior e é feito de varas mais grossas, sendo capaz de aprisionar até peixe grande como pirarucu e jacarés que entram para comer os peixes.

Foram registradas ainda no Médio Solimões as variantes *chiqueirinho*, *pari* e *língua do curral* com percentual em 2% cada, e *cercado* com percentual em 5%.



### 6.5.24 Pari

O *pari* é um artefato de pesca muito usado em décadas do século passado quando os peixes eram mais abundantes. Atualmente é proibido por ser uma pesca predatória que não possibilita a fuga do pirarucu ou do peixe-boi. Os dicionários Houaiss (2007) e Aurélio (2007) classificam como armadilha feita para pegar peixes e apresentam a variante *paritá* de outras regiões.



Na definição dada por vários pescadores que participaram desta pesquisa, o *pari* são varas pequenas que funcionam como gatilho e que são postas na entrada da cerca por onde o pirarucu e o peixe-boi passam. Quando mexidas, o pescador em um moitá (pronúncia oxítona) arpoa. A cerca é feita de varas grossas na entrada de um lago ou em um igarapé estreito.

Segundo dados da carta semântico-lexical 24, a variante *pari* ocorreu 84% no Baixo Amazonas e 35% no Médio Solimões, que por sua vez sofreu concorrência de *curral* com 33%. As variantes *cerca*,



*barreira*, *cacuri*, *barrage* e *parede* incidiram com percentuais em 7%, em 9%, em 7%, em 5% e em 4%, respectivamente, no Médio Solimões. A segunda e última variante do Baixo Amazonas foi cerca que obteve 16% do total de dezenove ocorrências ao considerarmos três respostas com duas variantes.

Na carta semântica-lexical de nº 104 do *ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004) houve o registro de vinte e quatro ocorrências para esse instrumento de pesca distribuídas nas seguintes variáveis: *tapagem* ocorreu dez vezes, *cerca* ocorreu cinco vezes, *curral* cinco vezes, *cacuri* duas vezes e *capaçá* com uma ocorrência apenas.

Alguns informantes chamam por desconhecimento *pari* de *cacurie* vice-versa. Na verdade, existe diferença semântica entre *pari* e *cacuri*, aquele é caracterizado pela presença da cerca em ambos os lados com as varinhas (*pari*) no meio que servem como gatilho acionado quando o peixe passa, este é em formato circular com uma pequena abertura embaixo por onde os pequenos peixes passam e não conseguem mais sair.

A questão 298 do *ALAM*, carta semântico-lexical 104, fazia menção ao *cacuri* com o seguinte enunciado: *Modo de pescaria em que se tem de tapar a boca dos igarapés e lagos para aprisionar os peixes?* Na verdade, a pergunta se refere ao *pari*.

Os dados do *ALAM* e da pesquisa atual em números percentuais e absolutos estão disponibilizados na Tabela 113.

Tabela 113 Frequência de *Pari*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Pari	2% 1	35% 19	84% 16	47% 35

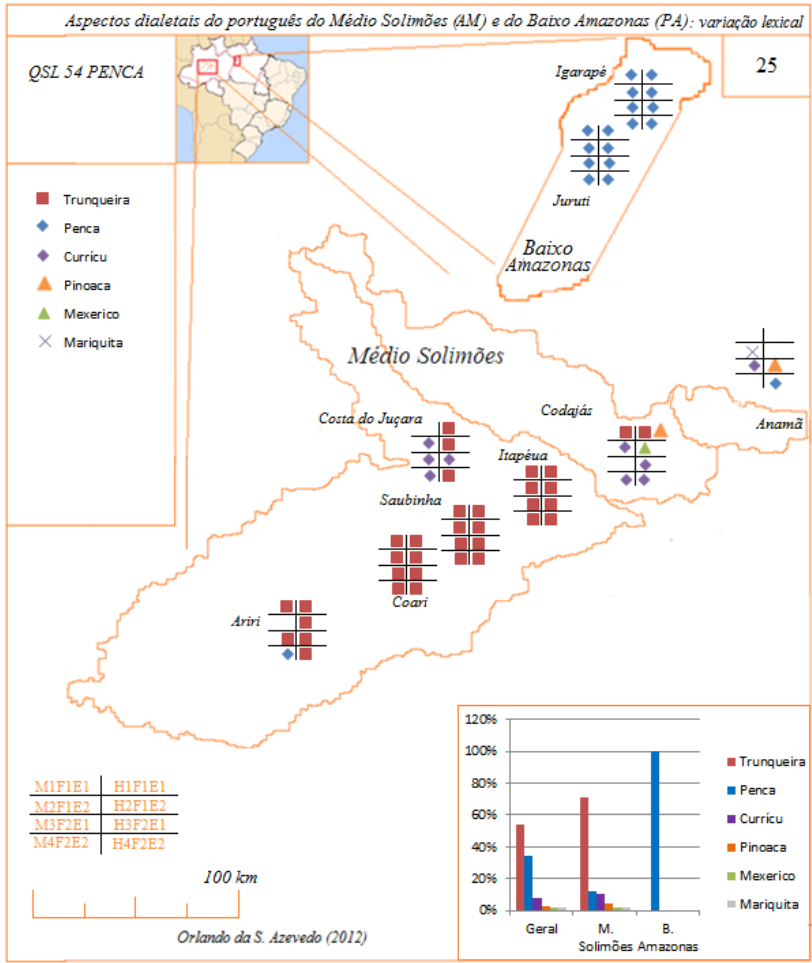
Curral	9% 5	33% 18	16% 3	24% 18
Cerca	9% 5	7% 4		9% 5
Barreira		9% 5		7% 7
Cacuri	3% 2	7% 4		5% 4
Barrage		5% 3		4% 3
Parede		4% 2		3% 2
Tapagem	17% 10			
Capaçá	2% 1			
NDA	59% 34			
Total	100% 58	100% 55	100% 19	100% 74

### 6.5.25 Penca

A *penca* é um instrumento de pesca formada por quatro anzóis que são postos geralmente sem isca no meio dos jaraquis ou de pescadas, e devido ao puxão feito pelo pescador, os peixes podem ser físgadas de lado, pela cauda ou em qualquer outra parte do corpo. Essa pesca era mais comum quando havia mais peixes nos lagos e rios do Baixo Amazonas ou do Médio Solimões.

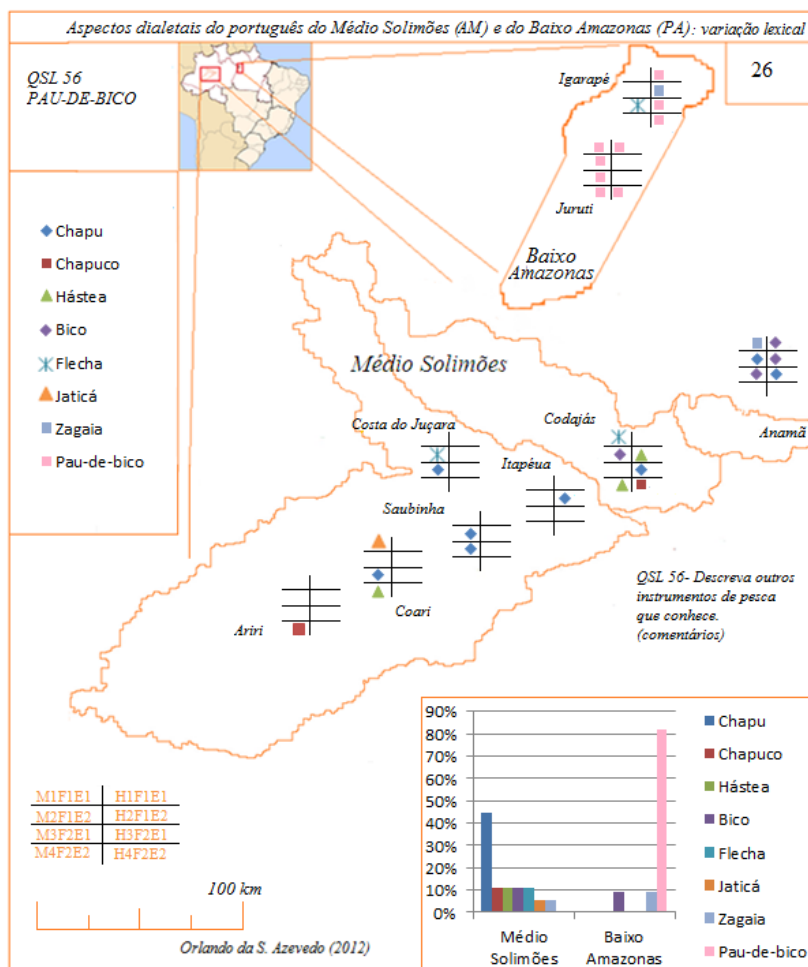
Segundo dados da carta semântico-lexical 25, no Baixo Amazonas, a incidência da variante *penca* foi em 100%. No Médio Solimões foi a variante *trunqueira*, com registro percentual de 70% que sofreu fraca concorrência de *penca* com 12%, de *mexerico* com 2%, de *currícu* com 10% e *mariquita* com 2% e de *pinoacacom* 4%. Na cidade de Anamá (MS), apenas quatro informantes conseguiram responder, os

demais não sabiam do que se tratava. Lá, uma mulher (18-30) respondeu *mariquita*, e a outra (50-65) *currícu*; um homem respondeu (50-65) *pinoaca*, e o outro (50-65) *penca*. Em Codajás prevaleceu a variante *currícu* com 50% das ocorrências contra 25% de *trunqueira*, 13% de *mexerico* e 13% de *pinoaca*. Em Coari, Saubinha, Itapéua a variante *trunqueira* ocorreu em 100%. Na Costa do Juçara uma informante (18-30) não sabia do que se tratava e destacamos lá a variante *currícu* com 57% contra 43% de ocorrência de *trunqueira*. Por fim, em São João do Ariri (no rio Coari Grande), uma informante (18-30) não respondeu, e destacamos lá a variante *trunqueira* com percentual em 86% contra 14% de *penca*. A mesma definição apresentadas aqui para *trunqueira*, *penca*, *mexerico*, *pinoaca* e *mariquita* não foi encontrada nos dicionários Aurélio (2007) e Houaiss (2007).



### 6.5.26 Pau-de-bico

*Pau-de-bico* se refere a uma vara com a ponta afiada e é destinada à captura de peixes menores no pasto como *pacu*, *jaraqui*, *curimatã* etc.



Elaboramos a carta semântico-lexical 26 baseados nos comentários feitos por alguns informantes em respostas ao questionário semântico-lexical 56, que pedia para descrever os instrumentos de pesca regionais. Como nem todos os informantes fizeram comentários sobre esse instrumento de pesca, muitos espaços vazios sobraram no espaço cartográfico.

Considerando apenas os dados limitados, mas suficientes para diferenciar dialetalmente as duas regiões, temos: no Igarapé e no lago do Juruti-velho, Baixo Amazonas, destacamos a variante *pau-de-bico*

com incidência maior em 82%. As demais ocorrências nessas localidades foram *bico* e *zagaia* com 9% cada; ao subirmos o rio Solimões, encontramos dezoito ocorrências para o mesmo referente, das quais 44% foram para a variante *chapu*, 11% cada uma para *chapuco*, *hástea*, *bico* e *flecha*, e 6% cada uma para *jaticá* e *zagaia*.

### 6.5.27 Neblina

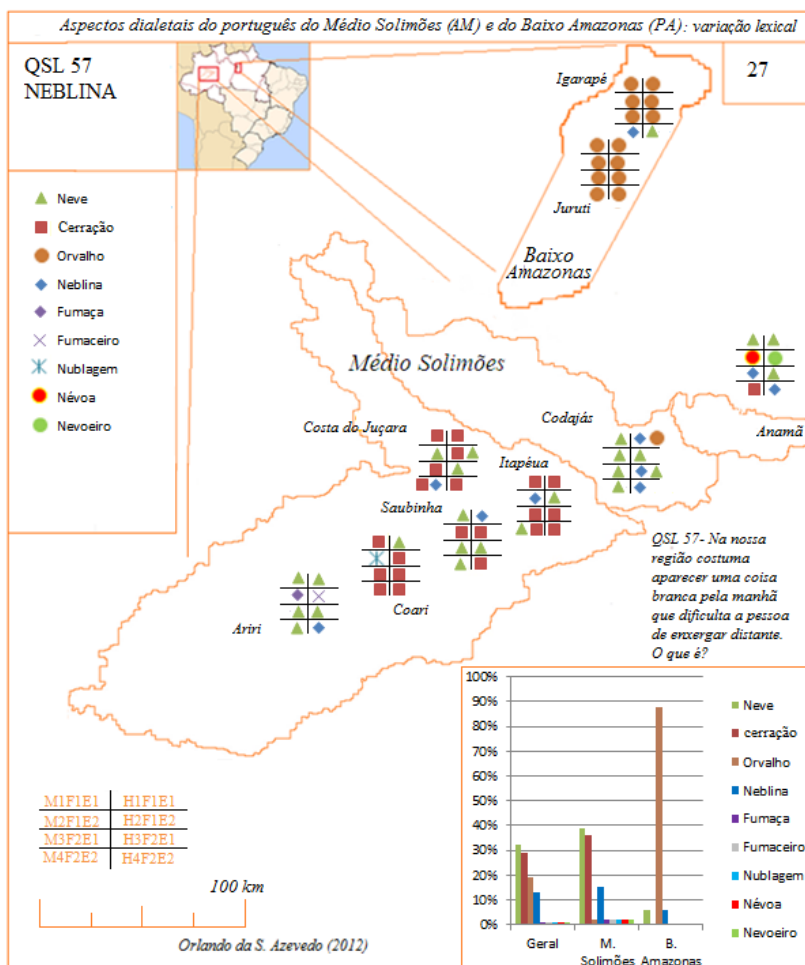
É uma nuvem baixa, ou seja, que fica próxima à superfície da terra, da água ou do rio.

De acordo com os dados da carta semântico-lexical 27, foram nove variantes encontradas incluindo as duas regiões totalizando setenta e sete ocorrências. Das dezesseis ocorrências no Baixo Amazonas, um (6%) foi para a variante *neblina*, um (6%) para *neve* e catorze (88%) para *orvalho*, sendo, portanto, a mais incidente nessa região.

No Médio Solimões houve concorrência acirrada entre a variante *cerração* e *neve*, com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 36% e em 39% e, em números absolutos, vinte e dois para aquela e vinte e quatro para esta. Com apenas uma ocorrência, registramos: *fumaça*, *fumaceiro*, *nublagem*, *orvalho*, *névoa* e *nevoeiro* (2%). A variante *neblina*, por sua vez, foi registrada nove vezes (15%).

Na carta lexical 034 do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul) a variante *cerração* predomina por estado e no geral. Igualmente foram encontradas na região sul do Brasil as variantes *neblina* e *nevoeiro*, menos expressivas.

Na carta semântico-lexical 27 do ALAM (Atlas Linguístico do Amazonas,) da autoria de Cruz (2004), foram registradas nove variantes distribuídas por nove pontos de inquérito do estado do Amazonas: *neve*, que foi a mais incidente em Humaitá (rio Madeira), Lábrea (rio Purus), Eirunepé (rio Juruá), Barcelos (alto rio Negro); *cerração*, a mais expressiva em Tefé (Alto Solimões) igualmente à maior incidência registrada na cidade de Coari, nas comunidades da Costa do Juçara e na vila de Itapéua no Médio Solimões; *neblina* na cidade de Parintins no Baixo Amazonas, onde foi registrada três vezes, muito diferente dos dados do Igarapé do Juruti-velho e da vila do Juruti-velho, mesma região, cuja percentual maior foi para *orvalho* com 88% de ocorrência ou catorze em números absolutos; as menos expressivas *sereno*, *nevoadas*, *poeira*, *nevoeiro*, *orvalho* (um registro apenas na cidade Parintins no Baixo Amazonas); e *garoa* com um registro apenas na cidade de Eirunepé (Rio Juruá).



Conforme os dados da Tabela 114, computando os dados do ALAM e da pesquisa atual, temos quarenta e duas ocorrências da variante *neve* e trinta e quatro ocorrências da variante *cerração*. Portanto, as duas variantes lexicais constituem norma no Estado do Amazonas devido suas altas frequências.

Tabela 114 Frequência de *Neblina*

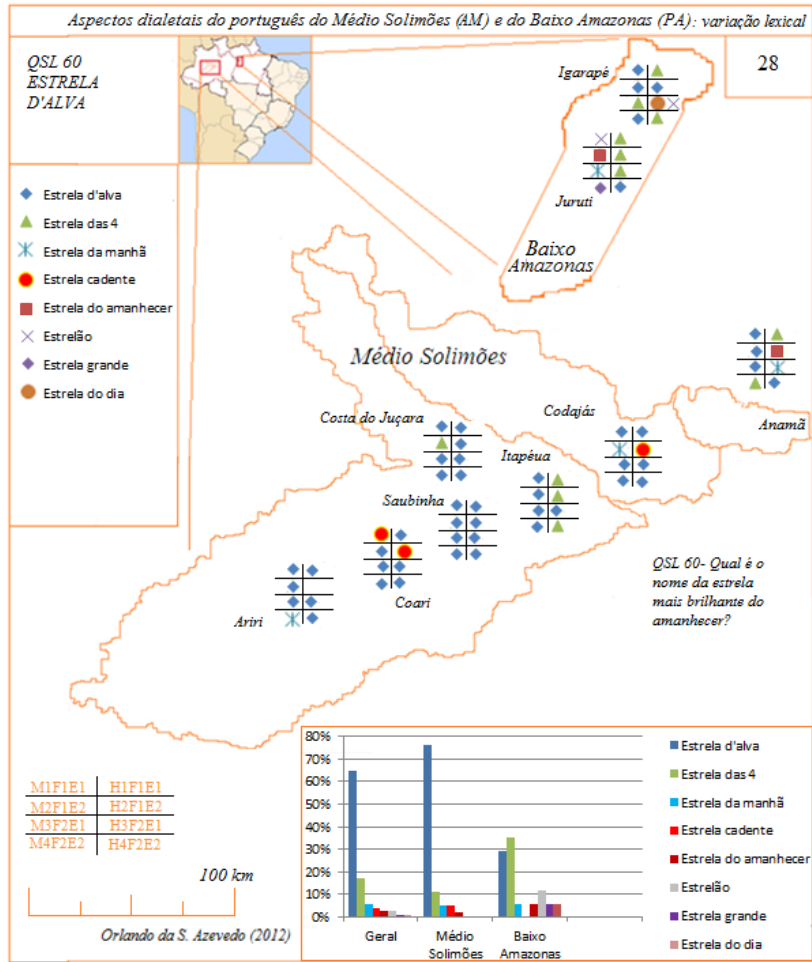
	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Neve	32% 18	39% 24	6% 1	32% 25
Cerração	21% 12	36% 22		29% 22
Orvalho	2% 1	2% 1	88% 14	19% 15
Neblina	9% 5	13% 9	6% 1	13% 10
Fumaça		2% 1		1% 1
Fumaceiro		2% 1		1% 1
Nublagem		2% 1		1% 1
Névoa		2% 1		1% 1
Nevoeiro	2% 1	2% 1		1% 1
Sereno	4% 2			
Nevoada	4% 2			
Garoa	2% 1			
Poeira	2% 1			
NDA	25% 14			



Total	100%	100%	100%	100%
	57	61	16	77

### 6.5.28 Estrela d'alva

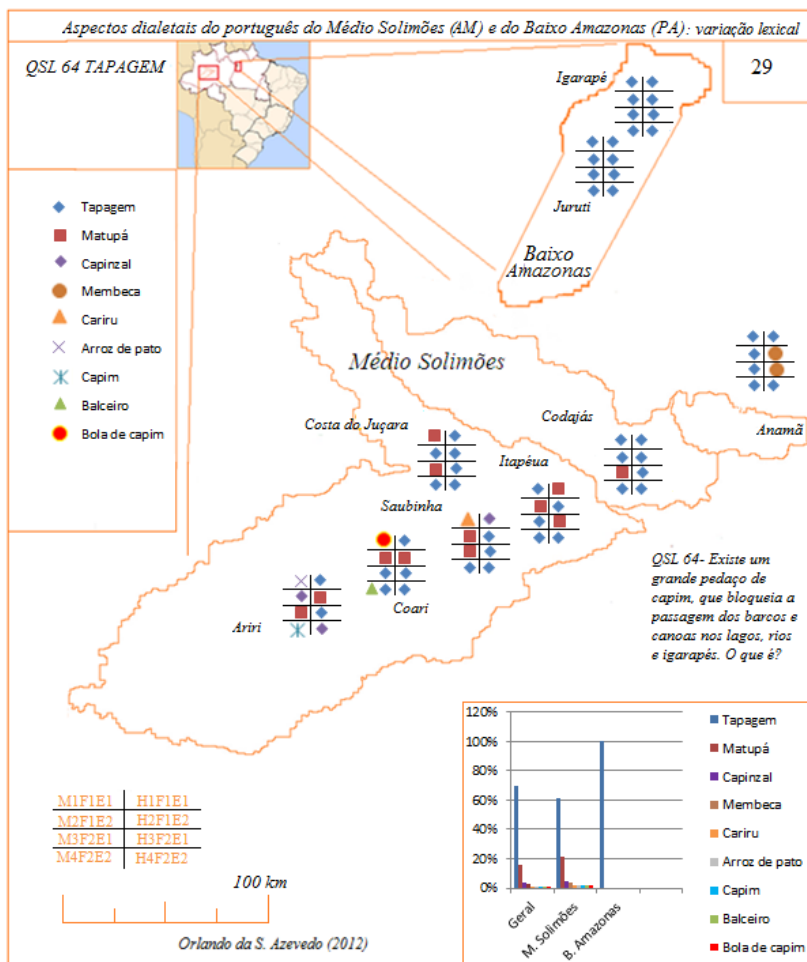
A *estrela d'alva* é uma das muitas denominações dadas ao planeta Vênus, que brilha fortemente nas noites amazônicas como nas demais regiões do Brasil. Segundo dados da carta semântico-lexical 28, *estrela d'alva* ocorreu em todos os pontos com percentuais de ocorrência gerais em 65% e com percentuais de ocorrência regionais em 76% para o Médio Solimões e em 29% para o Baixo Amazonas. Porém, no Baixo Amazonas, essa variante não foi a mais incidente. Lá ocorreu em maior percentual o termo *estrela das 4* em referência à hora aproximada em que costuma aparecer. Além das variantes *estrela d'alva* e *estrela das 4*, incidiram também no Baixo Amazonas *estrela do amanhecer* com 6%, *estrela grande* com 6%, *estrelão* com 12%, *estrela da manhã* e *estrela do dia* com 5% cada.



Além da *estrela d'alva*, no Médio Solimões encontramos outras variantes como *estrela do amanhecer* com 2%, *estrela das 4* com 11%, como *estrela da manhã* com 5%, como *estrela cadente* com 5%.

**6.5.29 Tapagem**

*Tapagem* é um fenômeno natural que ocorre nos igarapés estreitos, na entrada dos lagos e no meio dos lagos, obstruindo a passagem de barcos, cascos, canoas, rabetas e lanchas.



Esse fenômeno ocorre devido ao capim crescer durante a seca e no período das enchentes flutua de maneira estática sob a água ou é levado pela correnteza.

Na carta semântico-lexical 29 estão representados nove variantes, a saber: *tapagem* que ocorreu no geral em 70%, no Médio Solimões em 61% e no Baixo Amazonas em 100%; *matupá*, *balceiro*, *capinzal*, *cariru*, *arroz de pato*, *capim*, *membeca*, *bola de capim* ocorreram somente no Médio Solimões com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 21%, 2%, 5%, 2%, 2%, 2%, 4% e 2%. As variantes

menos expressivas registradas no Médio Solimões se referem ao tipo de vegetação presente nas águas lacustre ou fluvial, mas que apresentam a mesma situação, que é bloquear o tráfego marítimo das embarcações regionais.

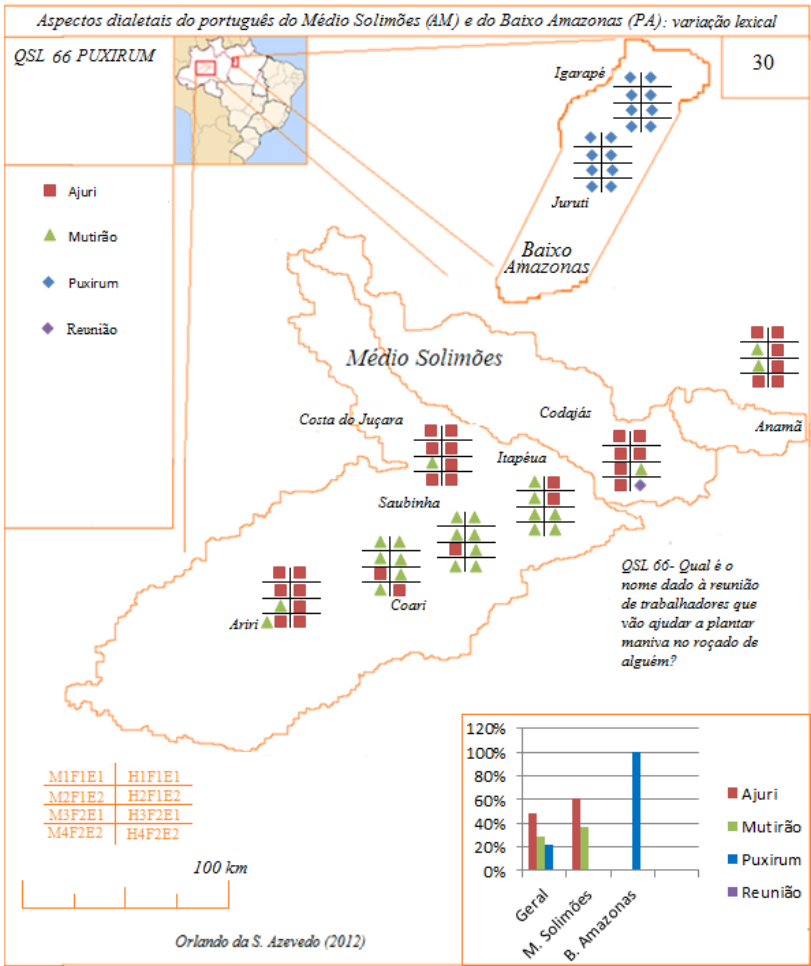
### 6.5.30 Puxirum

O *puxirum* designa a reunião de pessoas que irão ajudar na derrubada de árvores para fazer um roçado, para capinar o roçado ou para plantar maniva (mandioca). O plantio das manivasé feito em qualquer terra. Quando alguém no interior deseja fazer um roçado, plantar maniva ou capinar grandes hectares de terra, não precisa pagar trabalhadores. Basta promover o *puxirum* como descrito na citação de um dos informantes do Igarapé do Juruti-velho (BA):

[..] O dono dará toda a alimentação, ele vai tê que pescá pra tê alimentação suficiente pra mantê esse pessoal. Existem diversos tipos de puxirum, desde o começo já é o puxirum de roçá, onde é pra normalmente deixá somente as árvores maiores ou, então, você pode fazê de roçá e derrubá. Você vai normalmente com cinco homens e pra cada dez homens roçando você vai ter três, quatro derrubando, isso no machado. Normalmente, eles usam... primeiro roçam e depois derrubam. Todo mundo vai roçando e marca outro dia pra derrubá. Esses dois puxiruns, normalmente, eles trabalham das 9 as 3 horas da tarde e almoça às 9 horas. A bebida pra mantê esse pessoal é o caissuma, o pajiroba, criada pelos índios em que se rala a batata doce e deixa fermentá por 12 ou 15 horas em um pote. E os índios chamam de caxiri, ela não dá fome, enquanto as pessoas estão trabalhando não dá fome, é como se fosse um energético. Agora pra plantá, quanto mais cedo, é melhô. Nesse regime de puxirum, começa-se cedo, às 6 ou 7 horas da manhã...e ainda tem o mutirão da campina, mas normalmente o caboclo não usa[..]. (H4F2E2)

Segundo dados da carta semântico-lexical 30, a designação *puxirum* é mais comum no Baixo Amazonas, onde ocorreu 100% das vezes do total de dezesseis em números absolutos. No Médio Solimões,

destacamos *Ajuri* com 61% contra 37% da variante *mutirão* e 2% de *reunião de pessoas*, perfazendo um total de cinquenta e sete ocorrências em dados absolutos.



Na carta lexical 115 do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul) houve a presença também das variantes lexicais *mutirão* e *reunião* com destaque para aquela que ocorreu 50% no Paraná, e mais

de 40% no Rio Grande do Sul. No geral foram as mais incidentes na região sul *mutirão* e *pixurum/puxirão* com mais de 40% das ocorrências.

Na carta semântico-lexical de nº 90 do *ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004), o mesmo referente das regiões solimoense e jurutiense ocorreu como *ajuri* treze vezes, como *adjunto* (de pessoas/de gente) cinco vezes, como *puxirum* quatro vezes, como *união* duas vezes, como *mutirão* duas vezes, como *colaboração* uma vez, como *grupo* uma vez e como *comunidade* uma vez, totalizando vinte e nove ocorrências em números absolutos.

Na Tabela 115, visualizamos os dados do ALAM e a pesquisa atual e verificamos que as variantes *ajuri* e *mutirão* se destacam no Estado do Amazonas, enquanto que a ocorrência *depuxirum* é categórica no Baixo Amazonas, por ser um referente pertencente ao domínio semântico da cultura da mandioca. No Estado do Amazonas, encontramos apenas três ocorrências da variante *puxirum* no ALAM. A ideia de reunir pessoas para ajudar em uma determinada tarefa, em se tratando do Estado do Amazonas, se estende a outras atividades além das ligadas à roça ou à cultura da mandioca.

Tabela 115 Frequência de *Puxirum*

	ALA M	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Ajuri	22% 13	61% 35		48% 35
Mutirão	2% 1	37% 21		29% 21
Puxirum	5% 3		100% 16	22% 16
Reunião	3% 2	2% 1		1% 1
Adjunto	9% 5			
União	3%			

2

Colaboração	2%			
	1			
Grupo	2%			
	1			
Comunidade	2%			
e	1			
NDA	50%			
	29			
Total	100%	100%	100%	100
	58	57	16	%
				73

### 6.5.31 Chibé

O *chibé* designa a farinha de mandioca com água e sal, que é tomada quando se está com fome e quando não se tem nada para comer no momento. De todas as variantes encontradas no Médio Solimões, somente *chibé*, *laura* e *farinha molhada* possuem a mesma significação. Porém, todas as variantes possuem a mesma finalidade que é a de matar a fome momentânea quando não se tem outra comida além da farinha e da água. Perguntamos a alguns informante o porquê do nome *laura*, e a resposta dada foi porque era o nome de uma moça pertencente a um círculo familiar, cujo nome sofreu extensão semântica ao designar também a comida preparada com a farinha, com a água e o com o sal. Assim, os informantes se acostumaram a dizer: vou preparar uma *laura*! vou comer uma *laura*!

A *jacuba* para alguns informantes pode ser preparada com farinha e com castanha, com leite e com farinha, com açúcar e com farinha; outros a consideram o mesmo que *chibé*. Alguns informantes, ainda, preparam seu *chibé* comum pedaço do peixe como *jaraqui*, com um pedaço de frango e outros preparam com o limão. Portanto, não falta criatividade ao informante do Médio Solimões para matar a fome dele e de forma rápida.

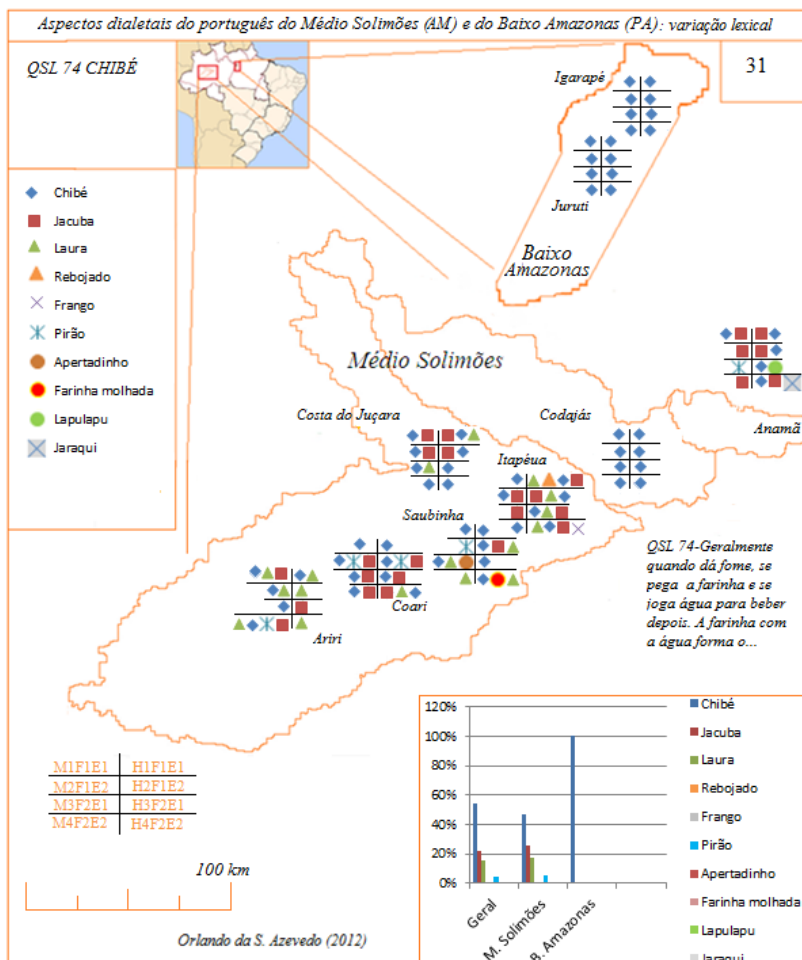
Em termos estatísticos, a variante *chibé* ocorreu 100% (dezesseis ocorrências) no Baixo Amazonas e ocorreu 51% (quarenta e sete ocorrências) no Médio Solimões. A *jacuba* foi a segunda variante mais

incidente no Médio Solimões com percentual de ocorrência em 26% (vinte e seis ocorrências), seguida por *laura* com 17% (dezessete ocorrências), por *rebojado* (uma ocorrência), *frango* (uma ocorrência), *farinha molhada* (uma ocorrência), *lapulapu* (uma ocorrência) e por *jaraqui* (uma ocorrência) com 1% cada, e por *pirão* com 5% (cinco ocorrências).

No geral, conforme dados da carta semântico-lexical 31, encontramos cento e dezessete ocorrências distribuídas em cento e uma no Médio Solimões e dezesseis no Baixo Amazonas.

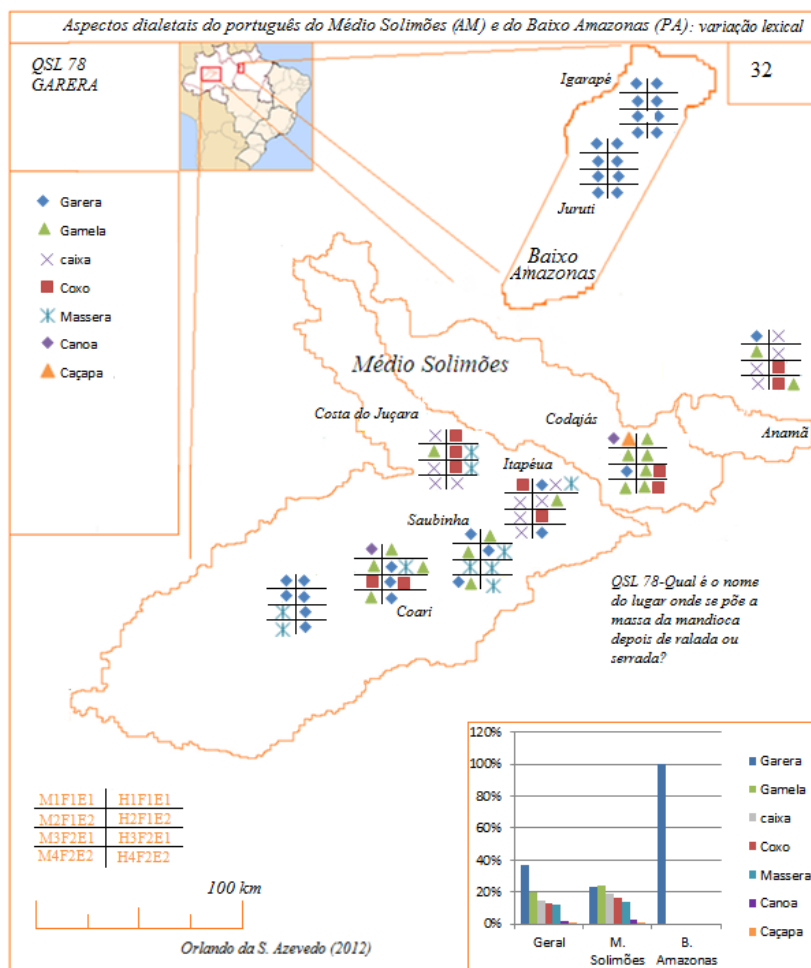
A variante *chibé* também foi a variante mais recorrente no ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), registrada vinte e três vezes contra nove de *jacuba*, quatro de *pirão*, um de *escaldado de farinha*, uma de *cuba* e uma de *apuba*, totalizando trinta e nove ocorrências.





### 6.5.32 Garera

*Garera* é o recipiente onde é posta a massa da mandioca depois de serrada. Como variante lexical foi o termo mais usado no Baixo Amazonas, onde ocorreu 100% das vezes. Conforme dados da carta semântico-lexical 32, no Médio Solimões, foi a variante *gamela* a mais expressiva com 24%, seguida por *garera* com 23%, por *caixa* com 19%, por *coxo* com 16%, por *masseira* com 14%, por *canoa* com 3% e por *caçapa* com 1%.



Comparando com os dados do AIAM-Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004) na carta semântico-lexical 146 no que diz respeito ao mesmo recipiente da massa da mandioca, a variante *garera*, 100% de incidência no Baixo Amazonas, foi predominante com vinte ocorrências contra doze de *gamela*, a mais incidente no Médio Solimões, onze de *coxo*, seis de *caixa*, duas de *masseira*, duas de *bacia*, duas de *canoa*, uma de *vaso limpo*, uma de *saco*, uma de *batelão*, uma de *coxeira*, uma de *caixote* e uma de *caixa-de-massa*.

Na Tabela 116, visualizamos os dados percentuais e absolutos no *ALAM* e na pesquisa atual. Observamos no Baixo Amazonas, onde a cultura da mandioca é bastante praticada, a ocorrência categórica da variante *garera*, enquanto, no Médio Solimões, as variantes *garera*, *gamela*, *caixa*, *coxo* e *masseira* constituem normas de uso nessa região. Por último, nos dados do *ALAM*, sobressaem-seas variantes *garera*, *gamela* e *coxo*.

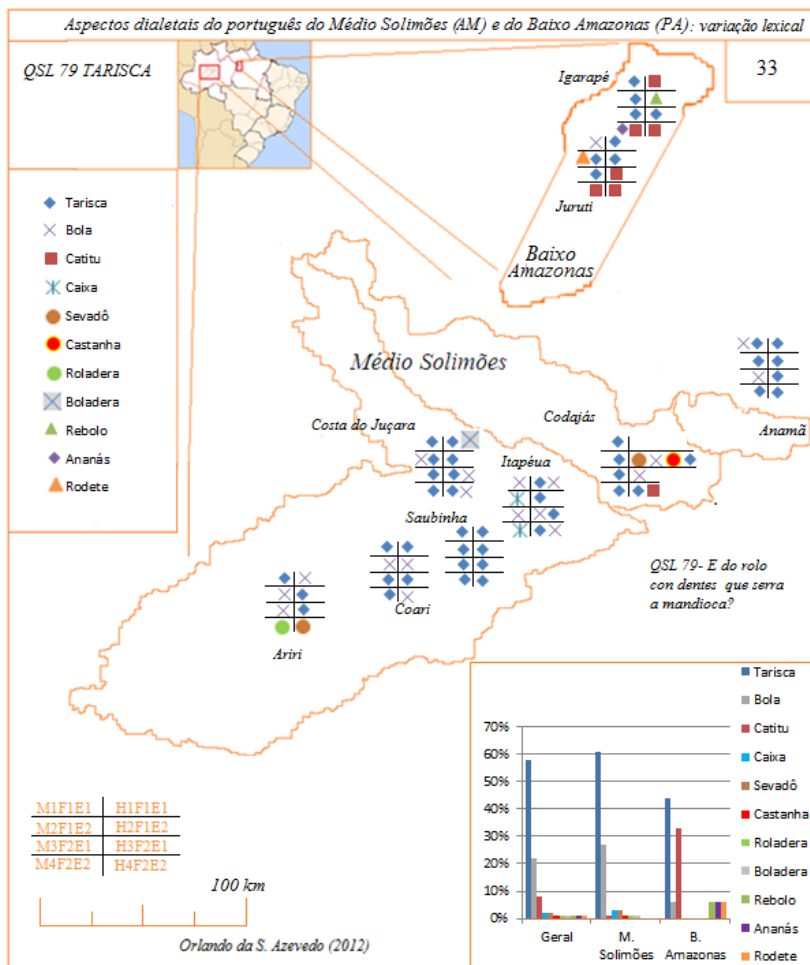
Tabela 116 Frequência de *Garera*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Garera	26% 20	23% 16	100% 16	37% 32
Gamela	18% 14	24% 17		20% 17
Caixa	8% 6	19% 13		15% 13
Coxo	14% 11	16% 11		13% 11
Massera	2% 2	14% 10		12% 10
Canoa	2% 2	3% 2		2% 2
Caçapa		1% 1		1% 1
Bacia	2% 2			
Vaso limpo	1% 1			
Saco	1% 1			
Batelão	1%			

	1			
Cocheira	1%			
	1			
Caixote	1%			
	1			
Caixa- de- massa	1%			
	1			
NDA	17%			
	13			
Total	100%	100%	100%	100%
	76	70	16	86

### 6.5.33 Tarisca

*Tarisca* é o rolo com dentes que serra a mandioca e é movimentada por um motor de 4 ou 5 HP. Na carta semântico-lexical 33, estão distribuídas onze variantes para esse referente.



Embora tenhamos encontrado onze variantes incluindo as duas regiões, prevaleceu no geral e por região a variante *tarisca*, que obteve percentual de ocorrência em 58% no cômputo geral, em 61% no Médio Solimões e em 44% no Baixo Amazonas.

A variante lexical *bola* foi a segunda mais expressiva na região solimoense apresentado um percentual de ocorrência em 27%, enquanto na região jurutiense foi de 6% contra a segunda mais expressiva *catitu*, que apresentou registro percentual de 33%. Apareceram, ainda, no Baixo Amazonas as variantes *rebolo*, *ananás*, *rodete* e *bola* com 6%

cada. As demais variantes registradas no Médio Solimões foram *catitu*, *castanha*, *roladera*, *boladera* com 1% cada e *caixa* e *sevadô* com 3% cada.

#### 6.5.34 Caixa

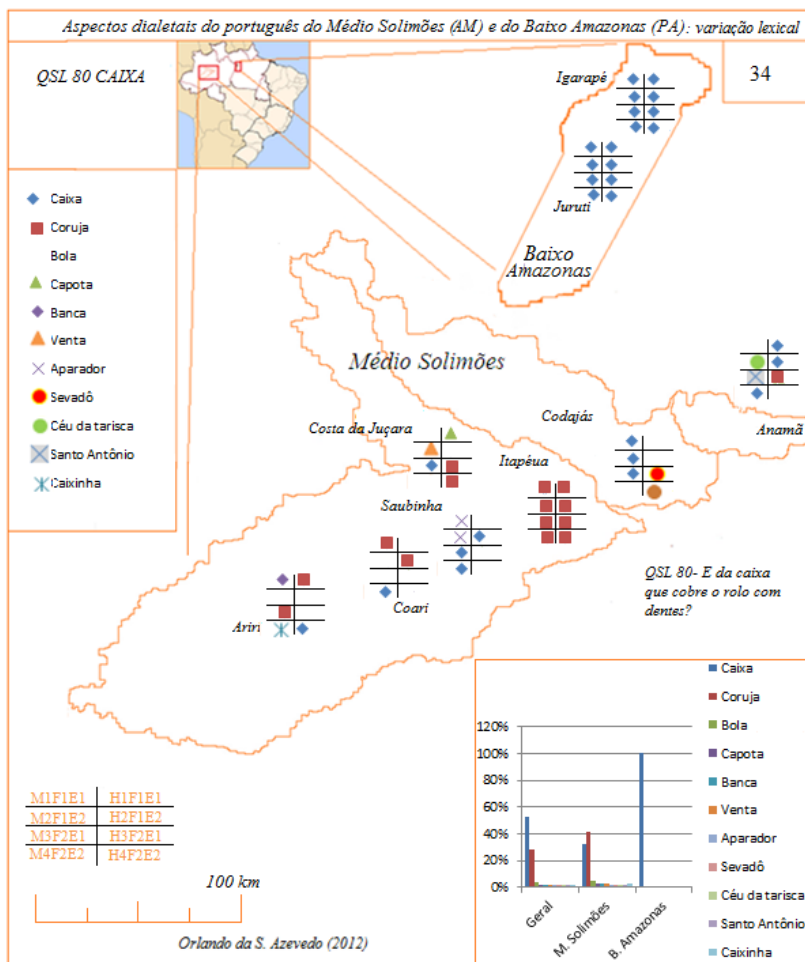
É um objeto que serve como anteparo evitando que a massa da mandioca se espalhe em todas as direções. Sem ela, haveria um grande desperdício de massa serrada.

Essa peça fica em cima do rolo com dentes, que é chamada de *tarisca* no Baixo Amazonas. Antigamente, quando o motor de serrar mandioca não era tão frequente, as pessoas abriam latas de óleo e a furavam com um prego. Esse processo de serragem manual era bastante duradouro e muito arriscado, pois quando a pessoa se descuidava, ralava a própria mão.

Conforme dados da carta semântico-lexical 34, foram encontradas onze variantes ao considerarmos as duas regiões amazônicas: a variante lexical *caixa* ocorreu 100% no Baixo Amazonas, enquanto o percentual de ocorrência dessa variante lexical foi de 32% no Médio Solimões.

A variante predominante na região solimoense foi *coruja* com registro percentual de 41% com destaque para a vila de Itapéua, onde essa variante ocorreu 100%. Nos demais pontos de inquérito, dezenove informantes não conheciam o referente. As demais variantes como *capota*, *banca*, *venta*, *bola*, *caixinha*, *aparador*, *sevadô*, *céu da tarisca*, *santo antônio* registraram 3% cada uma.

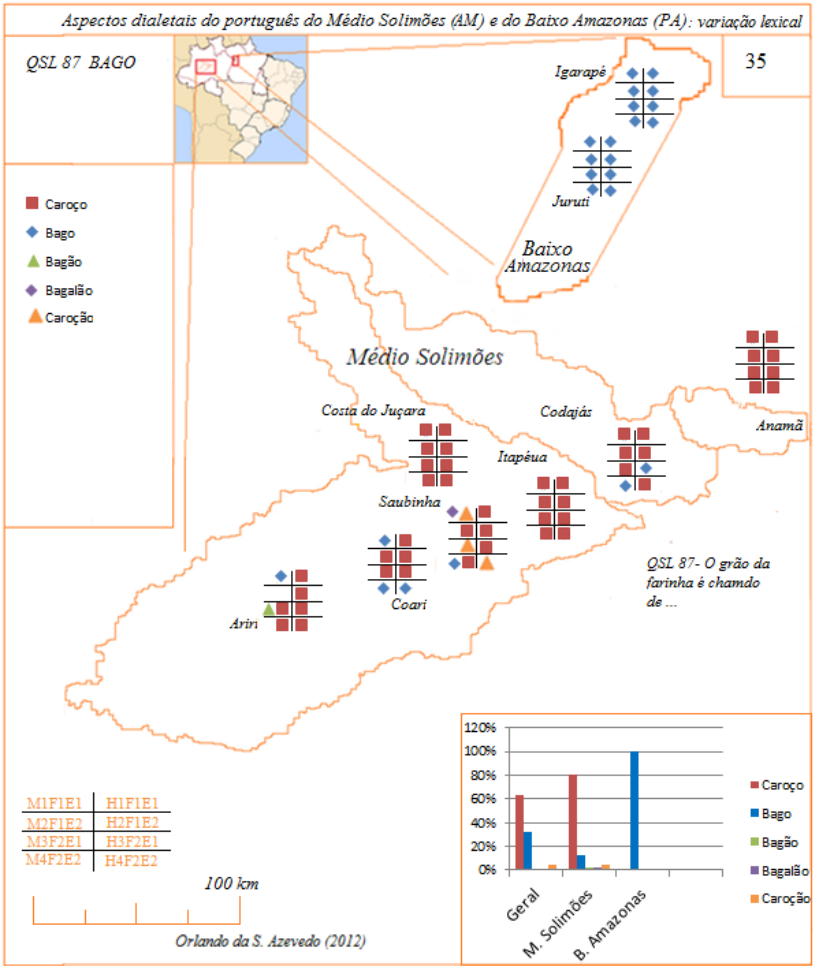
Nos pontos de pesquisa do Médio Solimões não encontramos quase nenhum barracão (o local onde se faz a farinha), enquanto no Baixo Amazonas era raro não encontrar o barracão. Em nossa linguagem regional também costumamos chamar apenas de farinha para a farinha de mandioca. Falar de forma específica para nós sabermos do que é feita a farinha (ou a farinha é de quê?) é redundante em uma região com um legado indígena de centenas de anos.



### 6.5.35 Bago

A definição de *bago* é o grão da farinha, que ganha a forma arredondada ou oval no forno quente, quando o caboclo precisa esfriar a farinha ao se utilizar de uma *cuiapêua*, de um *remo* no Baixo Amazonas ou de um *tarubá* na região do Médio Solimões. A farinha regional possui os *grãos*, *bagos*, no Baixo Amazonas, e *caroço*, no Médio Solimões, muito maiores do que outras regiões do Brasil, onde é um pó.

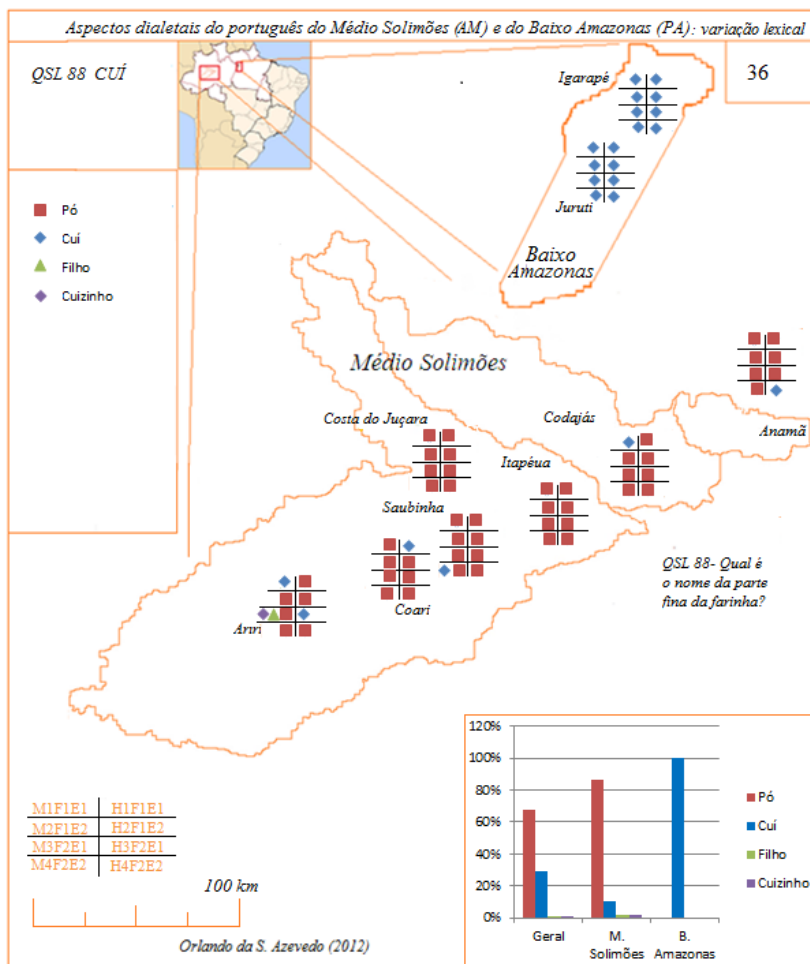
Verificando os dados constantes na carta semântico-lexical 35, a variante lexical *bago* foi mais incidente na região do Baixo Amazonas, onde registrou 100% das ocorrências, enquanto esse mesmo referente obteve 81% com a designação de *caroço*, sendo, portanto, a mais incidente no Médio Solimões. As demais variantes que ocorreram somente no Médio Solimões foram *bagão*, *bagalão* com 2% cada e *caroção* com 5%.





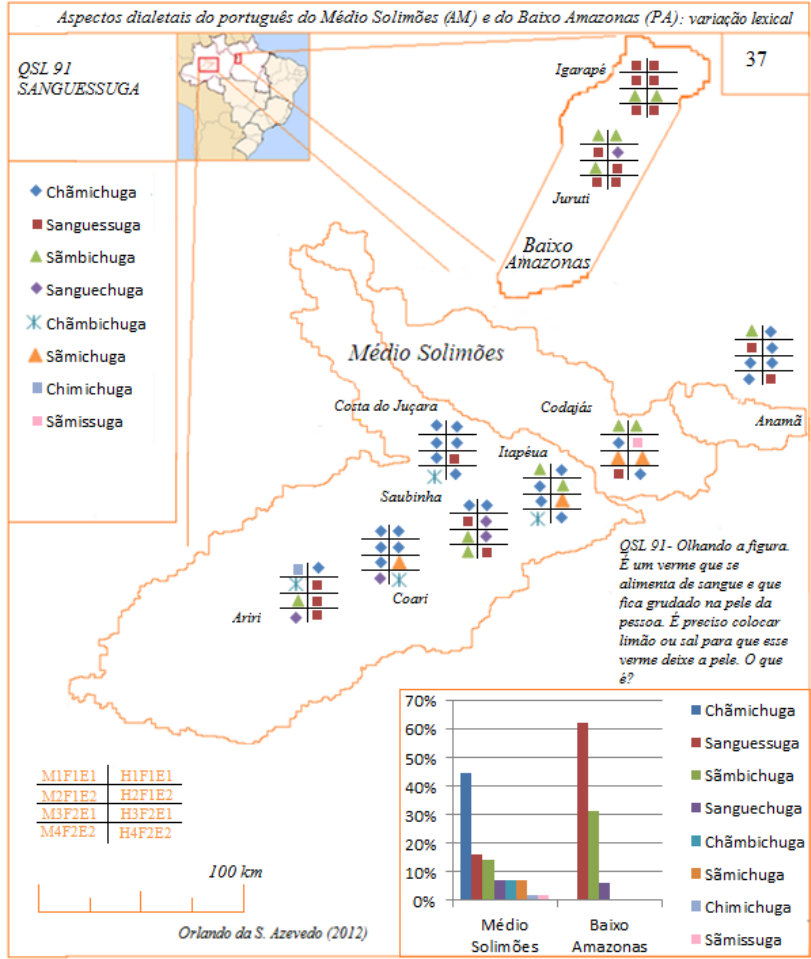
### 6.5.36 Cuí

*Cuí* é a parte mais fina da farinha, que é usado, às vezes, pelo caboclo paraense para engrossar uma caldeirada de peixe. Essa variante, de acordo com os dados da carta semântico-lexical 36, incidiu de forma categórica no Baixo Amazonas e é também encontrada na cidade Parintins/AM. Já no Médio Solimões a variante *pó* incidiu 86% e foi seguida pelas variantes *cuí* com 10%, *filho* e *cuizinho* com 2% cada.



6.5.37 Sanguessuga (*Hirudomedicinalis*)

É um anelídeo da classe dos hirudíneos, e pode ser marinho, terrestre ou de água doce. Esse animal costuma sugar sangue de vertebrados e possui corpo achatado, dividido externamente em anéis, sem cerdas ou parapódios. Além disso, é dotado de uma ventosa anterior e outra posterior, que é usada para fixação.



Tomando como parâmetro a década 80 do século passado nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (BA), época em que era mais

comum o termo *sãmbichuga*, verificamos que o processo de substituição de uma variante pela outra está acelerado.

Do total de oito respostas dadas pelos informantes dessa localidade, apenas duas ocorrências foram registradas para *sãmbichuga* (25%) e seis para *sanguessuga* (75%), que é o maior percentual de todos os demais pontos de inquérito da pesquisa.

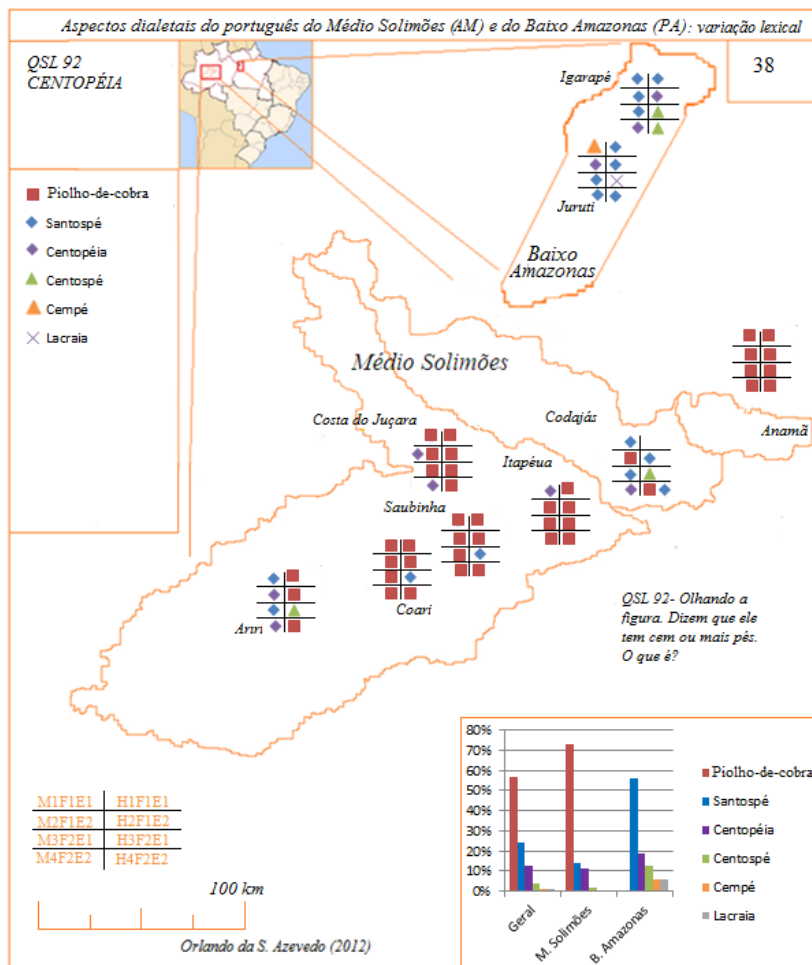
Por região, verificamos no gráfico da carta semântico-lexical 37, que a variante *sanguessuga* é mais expressiva no Baixo Amazonas com percentual de ocorrência em 63%, enquanto no Médio Solimões obteve apenas 16% ou nove ocorrências apenas.

Na região solimoense, tanto informantes com grau de escolaridade abaixo da 4ª. série (escolaridade 1) quanto informantes com escolaridade acima da 4ª. série (escolaridade 2) optaram pela variante *chãmbichuga*, que obteve um percentual de ocorrência em 45%, seguida por *sanguessuga* em 16%, por *sãmbichuga* em 14%, por *sanguenchuga*, *chãmbichugae* *sãmichuga* em 7% cada, e por *chimichuga* e *sãmissuga* em 2% cada.

Apenas três variantes foram comuns nas duas regiões: *sanguessuga*, *sãmbichuga* e *sanguenchuga*. Quanto à diferença, destacamos um processo mais acelerado de substituição de uma variante menos prestigiosa *sãmbichuga* por uma mais prestigiosa *sanguessuga* ocorrendo no Baixo Amazonas, enquanto no Médio Solimões apresenta indiferença no uso de *sanguessuga* até na fala de pessoas com escolaridade avançada.

### 6.5.38 Centopeia

Na carta semântico-lexical 38, analisamos as variantes lexicais do referente designativo de um animal artrópode da classe dos quilópodes com hábito noturno. Esse animal é carnívoro e se alimenta de vermes, caracóis, insetos, lagartixas, camundongos e filhotes de Aves. Ele pode ser conhecido também como *lacraia* em outras regiões do Brasil, assim como as denominações *alacrã*, *alacrã*, *alacrai*, *alacraia*, *alacrão*, *alacrar*, *alacrau*, *centípeda*, *centopeia*, *escolopendra*, *lacrau*, *rabo-de-tesoura*. (HOUAISS, 2007)



Nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, os informantes trocam o referente ao se referirem ao *escorpião* como *lacaia* ou *lacrau*. No Médio Solimões aconteceu também a troca do termo *centopéia* ou *lacaia* por *piolho-de-cobra*, por isso essa troca causou certa confusão na resposta do QSL 92 dada pelos informantes da região solimoense, pois essa variante se refere ao *ambuá*, *imbuá*, *embuá* no repertório linguístico jurutiense e nas cidades de Parintins e Manaus, no Amazonas. No transcorrer da aplicação do QSL, a mesma resposta foi sendo confirmada em todos os pontos da região solimoense, totalizando

quarenta e uma ocorrências, o que equivale a 73% de incidência contra 14% de *santospé*, 2% de *centospé* e 11% de *centopeia* na mesma região. No Baixo Amazonas houve nove ocorrências de *santospé* (56%), dois de *centospé* (13%), três de *centopeia* (19%), uma para *cempé* e *lacraila* cada (6%). Assim, delimitamos as duas regiões pela presença predominante da variante *piolho-de-cobra* no dialeto solimoense e *santospé* no dialeto jurutiense.

### 6.5.39 Ambuá

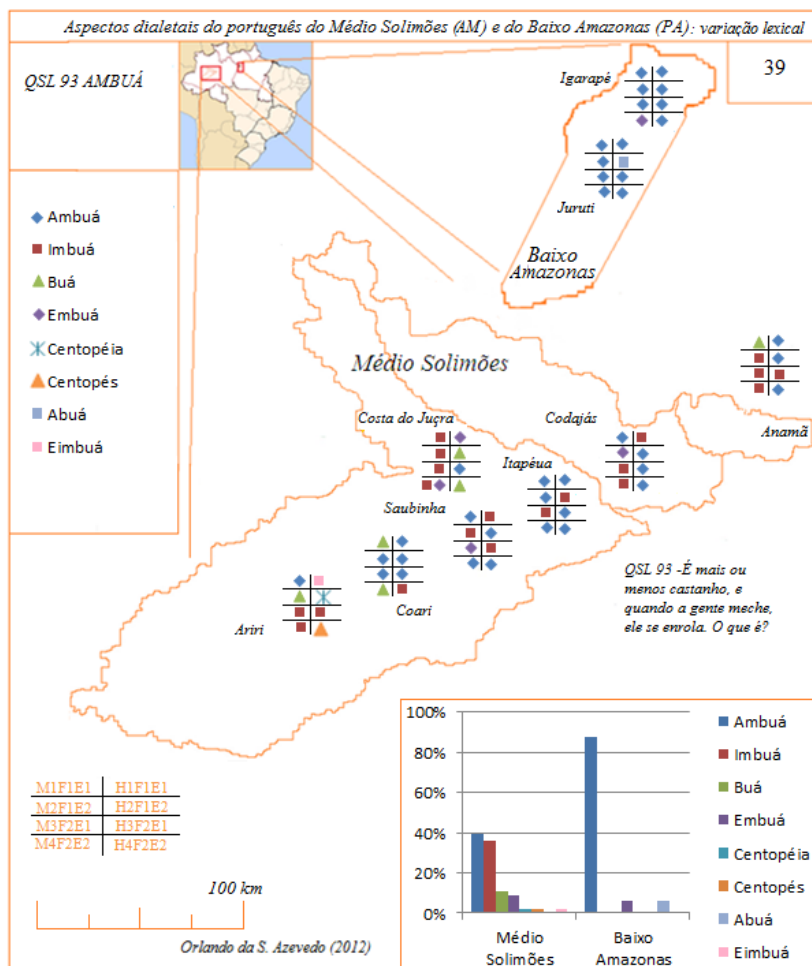
O *piolho-de-cobra* é um animal anelídeo, parente próximo da *lacraila* ou *centopeia*, que se alimenta de *húmus*. Quando tocado, costuma se enrolar e liberar ácido cianídrico (HCN), que é extremamente tóxico.

O termo técnico para o referente da carta semântico-lexical 39 é *piolho-de-cobra*, que não foi mencionado nenhuma vez nos nove pontos de inquérito. Esse termo teve seu referente trocado pelos informantes do Médio Solimões, ou seja, chamaram de *piolho-de-cobra* para a *centopeia*, e de *ambuá* para o *piolho-de-cobra*.

No Houaiss (2009) existem as entradas *ambuá* e *embuá*. Há também o registro das variantes *imbuá*, *bicho-bola*, *bicho-de-ouvido*, *caramuji*, *gongolo*, *gongolô*, *piolho-de-cobra* e *surrupeio*. O vocábulo *ambuá* é proveniente do tupi *ambu'a*. No dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 2010) existe a entrada *ambuá* proveniente do tupi *amu'a*. A variante *imbuá* foi registrada em 1587, enquanto a variante em 1881.

O Igarapé do Juruti-velho continua com a mesma lexia dos anos 80 do século passado ao se referir ao *piolho-de-cobra* como *ambuá*. Por isso, no Baixo Amazonas predominou a lexia *ambuá* com 88% das ocorrências, enquanto as outras variantes *embuá* e *abuá* registradas nessa região obtiveram 6% cada uma.

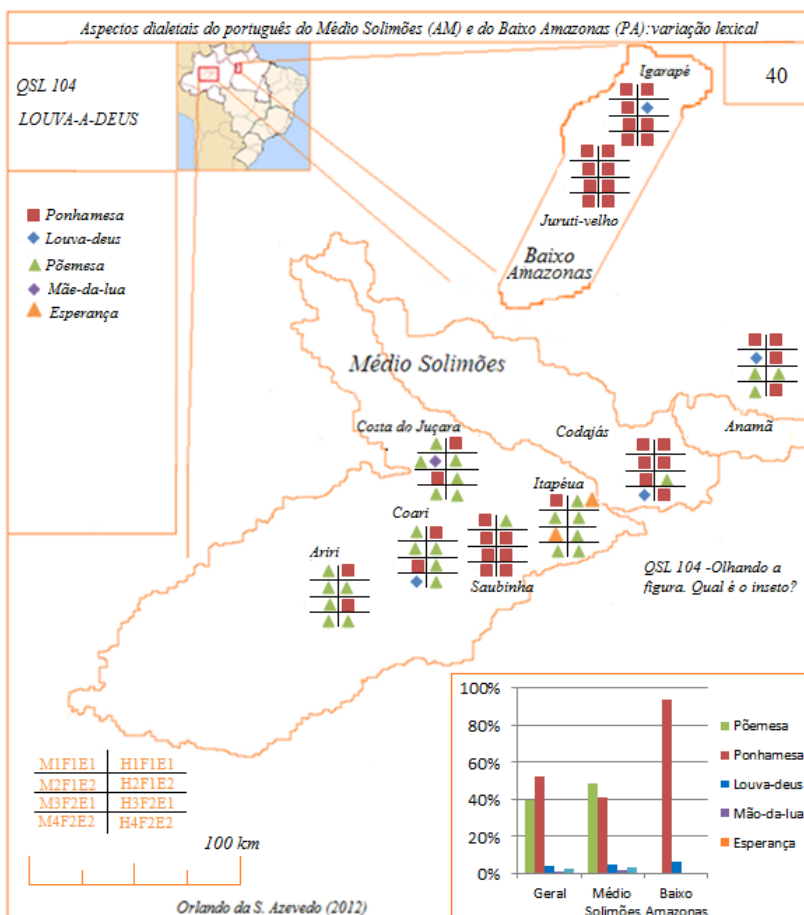
No Médio Solimões a incidência da variante *ambuá* foi em 39%, seguida por *imbuá* em 36%, por *buá* em 11%, por *embuá* em 9%, por *centopeia*, por *centopés* e por *eimbuá* em 2% cada. As variantes *ambuá* e *imbuá* estão em concorrência mais acirrada nessa região, pois aquela predominou em Coari, em Saubinha e no Itapéua, enquanto esta predominou em Ariri, na Costa do Juçara e em Anamá. As duas variantes mantiveram a paridade em Codajás com 38% das ocorrências para cada uma.



### 6.5.40 Louva-a-deus

É a designação do inseto, que possuem as pernas anteriores raptorais. Delimitamos as duas regiões pela apropriação de variantes diferentes para o mesmo referente. Por exemplo, no Baixo Amazonas, a variante *ponhamesa* obteve 94% (quinze ocorrências) contra 6% de *louva-deus* (uma ocorrência apenas), totalizando dezesseis ocorrências nessa região.

. No Médio Solimões, foi a variante *põemesa* que predominou com 48% (vinte e oito ocorrências) e foi seguida por *ponhamesa* com 41% (vinte e quatro). A variante *louva-deus* obteve 5% e frequência de três ocorrências. A variante *mão-da-lua* obteve 2% e frequência de uma ocorrência. Por último, a variante *esperança* obteve 3% e frequência de duas ocorrências apenas.



No cômputo geral da carta semântico-lexical 40, totalizamos setenta e quatro ocorrências para o referente em questão. Os dados do Baixo Amazonas influenciaram na ocorrência da variante *ponhamesa* com 53% (trinta e nove ocorrências). As variantes *põemesa*, *louva-deus*,

*mãe-da-lua* *esperança* obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 39%, 4%, 1% e 3%.

Altino (2007), no Atlas Linguístico do Paraná –ALPR II, foram registradas outras variantes para o inseto em questão, a saber: *louva-a-deus* (sessenta e quatro ocorrências), *cavalo-de-deus* (quarenta e sete ocorrências), *gafanhoto* (dez ocorrências), *grilo* (quatro ocorrências), *esperança* (quatro ocorrências), *cavalo de São Jorge* (três ocorrências), *cavalo de Nosso (a) Senhor(a)* (três ocorrências), *cavalo-do-cão*, *cavaleta*, *Passa Santa*, *cavalo-de-pau* e *cachorro-de-deus* (com uma ocorrência apenas cada variante).

#### 6.5.41 Libélula

Na carta semântico-lexical 41, descrevemos as variantes lexicais do inseto do gênero odonato, de corpo estreito, dotado de dois pares de asas membranosas, transparente. O Aurélio (2009) apresenta as seguintes variações lexicais para esse referente: *cambito*, *canzil*, *cavalinho-de-judeu*, *cavalinho-do-diabo*, *cavalo-de-judeu*, *cavalo-judeu*, *donzelinha*, *jacina*, *jacinta*, *lava-bunda*, *lavadeira*, *lavandeira*, *libelinha*, *odonata*, *macaquinho-de-bambá*, *pito* e *ziguezigue*.

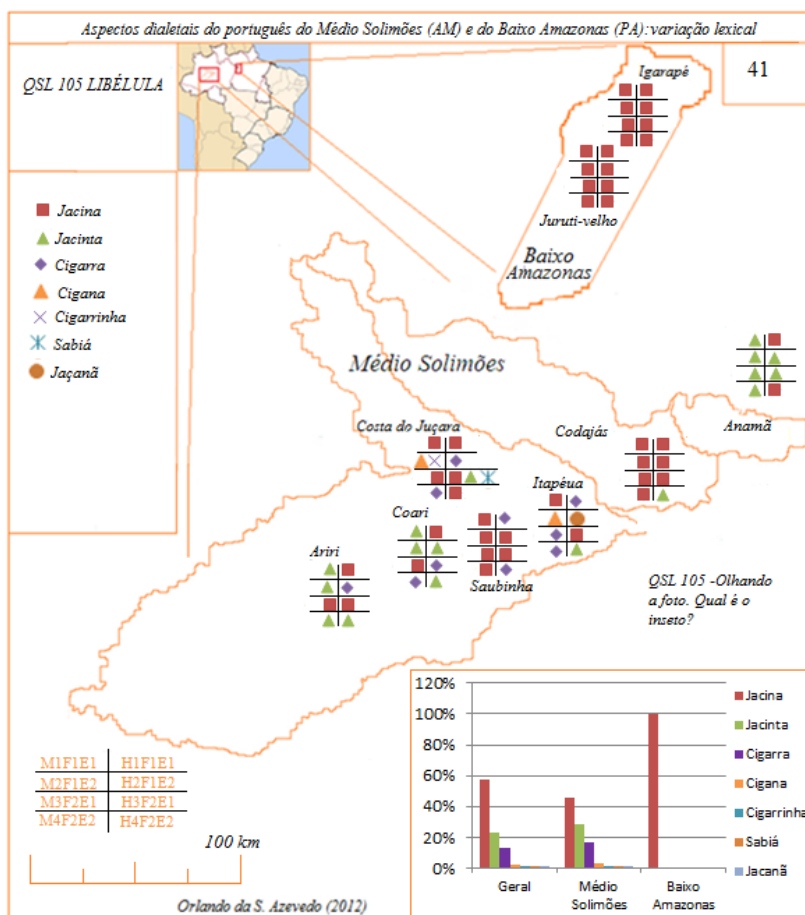
Em nossa pesquisa, a variante lexical *jacina* foi categórica no Baixo Amazonas. Por outro lado, na região geográfica do Médio Solimões, computamos cinquenta e nove ocorrências e encontramos sete variantes, a saber: *jacina* com 46% e frequência de vinte e sete ocorrências, *jacinta* com 29% e frequência de dezessete ocorrências, *cigarra* com 17% e frequência de dez ocorrências, *cigana* com 3% e frequência de duas ocorrências, *cigarrinha*, *sabiá* e *jaçanã* com 2% e frequência de uma ocorrência cada. Essa sequência descrente se manteve no cômputo geral.

Encarnação (2010), no Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, encontrou cinco variantes lexicais para o inseto, a saber: *canoinha* com duas ocorrências e frequência relativa 12,5, *beija-flor*, *garça*, *libélula* e *aviãozinho* com uma ocorrência e frequência relativa 6,25% cada uma.

Na pesquisa de Soares (2012), em o Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo, a variante *helicóptero* obteve o maior número de ocorrências, sendo cinco e frequência relativa de 20,%. As lexias *libélula* e *lava-bunda* obtiveram duas ocorrências e frequência relativa 8,3. Com uma ocorrência apenas e frequência



relativa 4,2 para cada uma, encontramos as variantes *pitu*, *louva-deus*, *cibito*, *mãe-d'água*, *martim* e *mosquito*. :



Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, encontrou catorze variantes lexicais para o inseto de asas transparentes. Com cinco ocorrências e frequência relativa 13,89%, *lava-bunda* foi a variante mais expressiva. As variantes *vaga-bunda*, *louva-deus*, *gafanhoto d'água*, *bate-bunda*, *libélula* e *aleluia* obtiveram cada uma duas ocorrências e frequência relativa 6,56%. Por último, as variantes *helicóptero*, *cambito*, *cavalo-de-pau*, *cavalo d'água*,

*cavalinho-de-pau*, *bunda d'água* e *mariposa* obtiveram cada variante uma ocorrência e 2,78% de frequência relativa.

Cristianini (2007) registrou as formas *libélula*, *helicóptero*, *furaolho*, *grilo*, *pernilongo*, *bate bunda n'água*, *besouro*, *garfa*, *mariposa* e *tanajura* no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC. A variante lexical *libélula* obteve a maior ocorrência, sendo cinco e frequência relativa de 13,89%. A segunda variante mais expressiva foi *helicóptero* com três ocorrências e frequência relativa 8,33%. As variantes lexicais *furaolho*, *grilo* e *pernilongo* obtiveram duas ocorrências e frequência relativa 5,56%. Por último, as variantes *bate bunda n'água*, *besouro*, *garfa*, *mariposa* e *tanajura* obtiveram uma ocorrência e frequência relativa 2,7% cada.

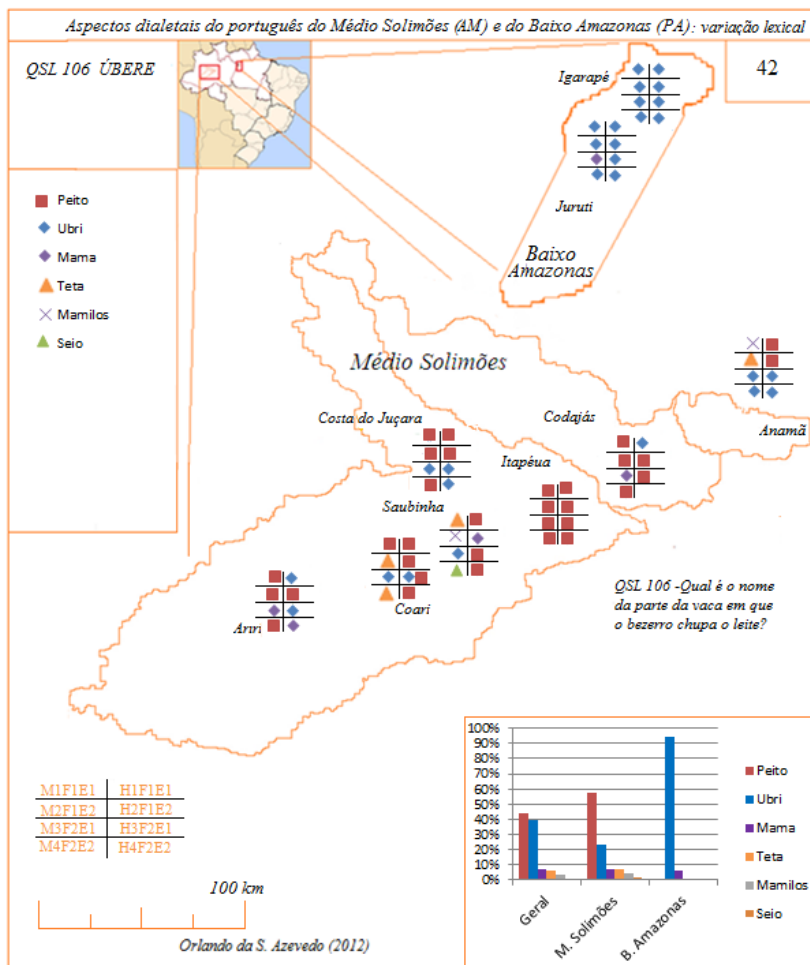
#### 6.5.42 Úbere

É a designação da mama da vaca, onde o bezerro costuma se amamentar. Em meados dos anos 80 do século passado, vários caboclos das comunidades do Igarapé do Juruti-velho já vinham criando o gado bovino, que era deslocado para a terra firme, na época das enchentes, e para várzea, durante às secas.

Portanto, isso ocorre periodicamente. Os caboclos dessa região chamavam para a mama da vaca de *ubri*. No Médio Solimões, quando a enchente é muito forte, o caboclo constroi uma jangada de toras de madeira e põe o gado em cima para não morrer afogado às margens do grande rio Solimões. Mesmo assim, alguns bois ou vacas acabam sucumbindo pela falta de pasto.

Analisando os dados da carta semântico-lexical 42, verificamos que, no Baixo Amazonas, foram registradas duas variantes: *ubri* com 94% e *mama* com 6%. No Médio Solimões foram seis as variantes encontradas com destaque para *peito* com 57% contra 23% de *ubri*, 7% de *mama* e *teta*, 2% de *seio* e 4% de *mamilos*. Novamente as duas regiões divergem no que diz respeito desta vez às variantes lexicais de *úbere*.

Na carta lexical 153 do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) predominou a variante *úbri* por estado e no geral, registrando-se também, como na região do Médio Solimões a variante *teta*, apesar de ser pouco expressiva.



### 6.5.43 Mucha

É a designação dado à vaca, que não tem chifres. Em nossa pesquisa a variante *muchu* constituiu-se como padrão de uso no dialeto solimoense e jurutiense. Ao verificarmos, no Baixo Amazonas, os dados da carta semântico-lexical 43, das dezesseis possibilidades de ocorrência para a designação da vaca sem chifres, 94% (quinze ocorrências) foram para a variante *muchu*, e houve uma resposta não dada pela informante M4E2F2 da vila do Juruti-velho. No Médio Solimões, além da variante

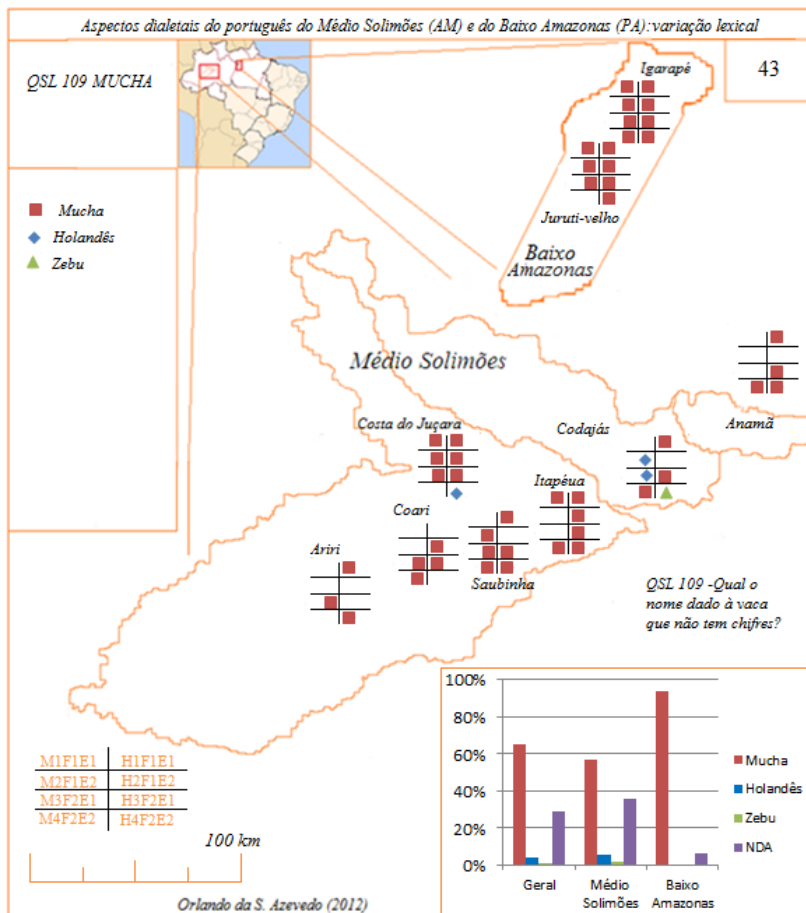
*mucha*, que predominou com 57% (trinta e duas ocorrências, encontramos a variante *holandês* com 5% (três ocorrências) e *zebu* com 2% (uma ocorrência apenas). Totalizamos, no Médio Solimões, cinquenta e seis possibilidades de incidência das lexias referentes à vaca sem chifres, incluindo vinte e uma respostas não dadas pelos informantes.

Encarnação (2010), no Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, encontrou apenas três ocorrências para a designação do boi que não possui chifres, a saber: *boi sem chifre* obteve seis ocorrências e 37% de frequência relativa, *bezerro* e *cavalo* obtiveram cada variante apenas uma ocorrência e 6,25% de frequência relativa.

Soares (2012), em o Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo, registrou a variante *mocho* como sendo a mais incidente com dez ocorrências e frequência relativa 41,7%. A variante *boi sem chifre* obteve seis ocorrências e frequência relativa 25%, e foi seguida por *boi* e *vaca* com, respectivamente, três ocorrências e 12,5% de frequência relativa, duas ocorrências e 8,3% de frequência relativa.

Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, registrou as formas *boi mocho*, *boi mucho*, *mucho* apenas como *mocho*. Com alta frequência e distribuição regular, o item lexical *mocho* constituiu-se como norma nos pontos de inquérito do Atlas Linguístico do Estado de Goiás. Foram computadas para essa variante, vinte e sete ocorrências e uma frequência relativa de 72%. As demais variantes *boi sem chifre*, *boi bananae* *boi* obtiveram cada lexia uma ocorrência e 2,78% de frequência relativa

Cristianini (2007) registrou as formas *vaca*, *mocho*, *boi sem chifre*, *bezerro*, *não tem chifre*, *boi*, *jegue*, *ouro* para a designação do boi que não tem chifres no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC. A variante *vaca* ocorreu sete vezes e com frequência relativa de 13,9% e foi seguida por *mocho* com cinco ocorrências e 8,33% de frequência relativa, por *boi sem chifre* *bezerro* com duas ocorrências e 5,56% de frequência relativa, e por *boi*, *jegue* e *ouro* com apenas uma ocorrência cada e com 2,7% de frequência relativa, também, para cada variante.

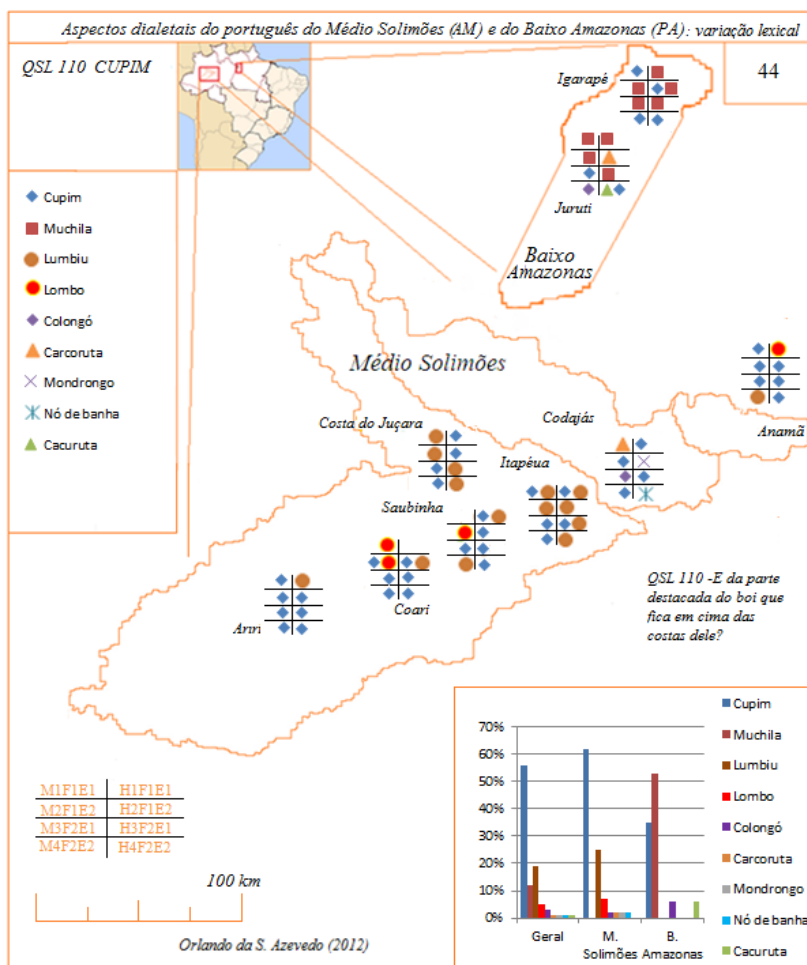


A maioria das variantes registradas nesses atlas não condiz com o referente, porque a pergunta se refere ao boi sem chifres, e algumas respostas são *bezerro*, *cavalo*, *jegue* etc. Certamente, os informantes não conheciam a terminologia adequada para a designação do boi sem chifres.

#### 6.5.44 Cupim

É a corcova no dorso dos bois. Segundo os dados da carta lexical 44, foram encontrados nove vocábulos em referência ao *cupim* do boi. No Médio Solimões o termo *cupim* foi predominante com 62% contra

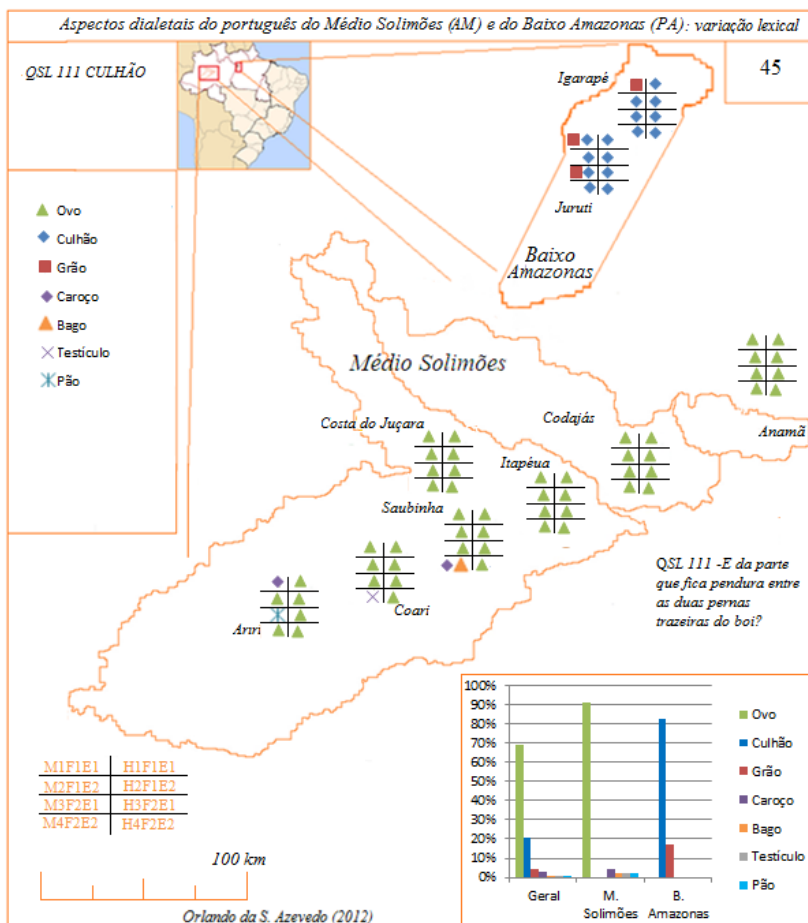
25% de *lumbiu*, 7% de *lombo* e 2% cada de *colongó*, *carcoruta*, *mondrongo* e *nó de banha*.



No Baixo Amazonas foram registradas quatro variantes: a mais expressiva foi *muchila* com 53%, e as menos expressivas foram *cupim* com 35%, *colongó* e *cacaruta* com 6% cada. Antigamente no Igarapé do Juruti-velho as pessoas falavam *giba* para essa parte do corpo do boi, porém a informante (50-65 anos) do Igarapé disse que não se usava mais esse vocábulo.

### 6.5.45 Culhão

São as gônadas do macho, onde são produzidos os espermatozoides. O mesmo que testículo na terminologia mais técnica.

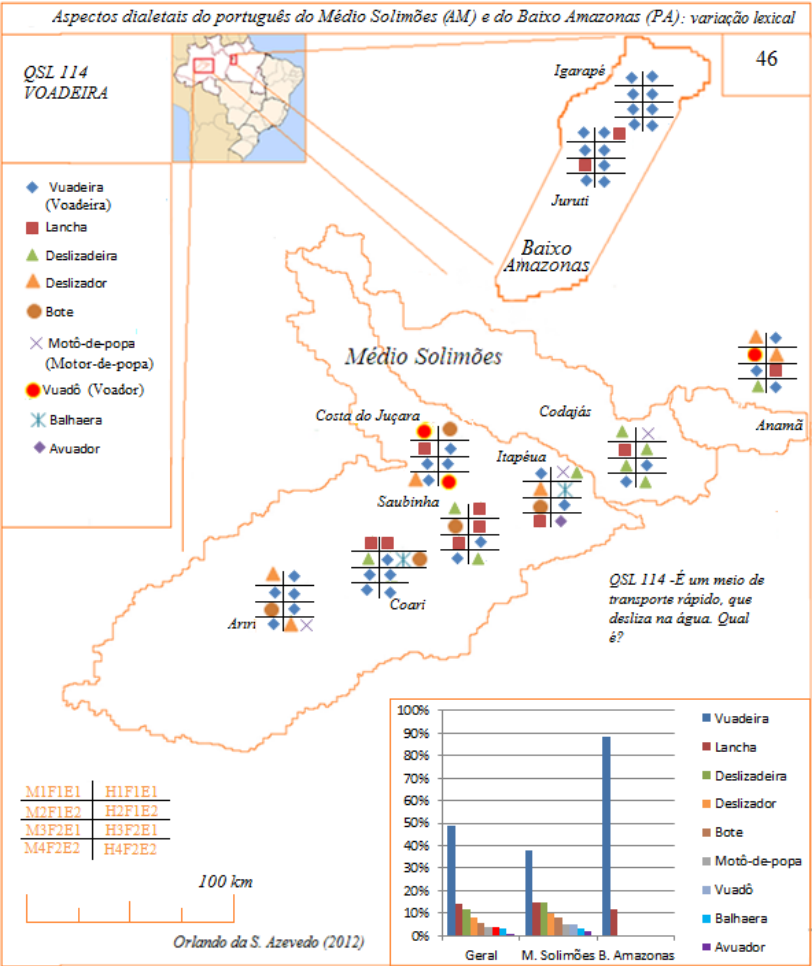


Na carta semântico-lexical 45, a variante *ovo*, em referência ao testículo do boi, foi predominante na região solimoense apresentando um percentual de ocorrência em 91% contra 4% de *carçoço* e 2% cada das variantes *bago*, *testículo* e *pão*. No Baixo Amazonas encontramos a variante predominante *culhão* com percentual de ocorrência em 83% contra 17% de ocorrência de *grão*. Pelo espaço cartográfico acima, é

notória a diferença dialetal entre as duas regiões solimoense e jurutiense no que diz respeito ao emprego maior no Médio Solimões do termo *ovo*, e ao emprego maior do termo *culhão* no Baixo Amazonas.

6.5.46 Voadeira

É o meio de transporte rápido feito para deslizar facilmente na água.

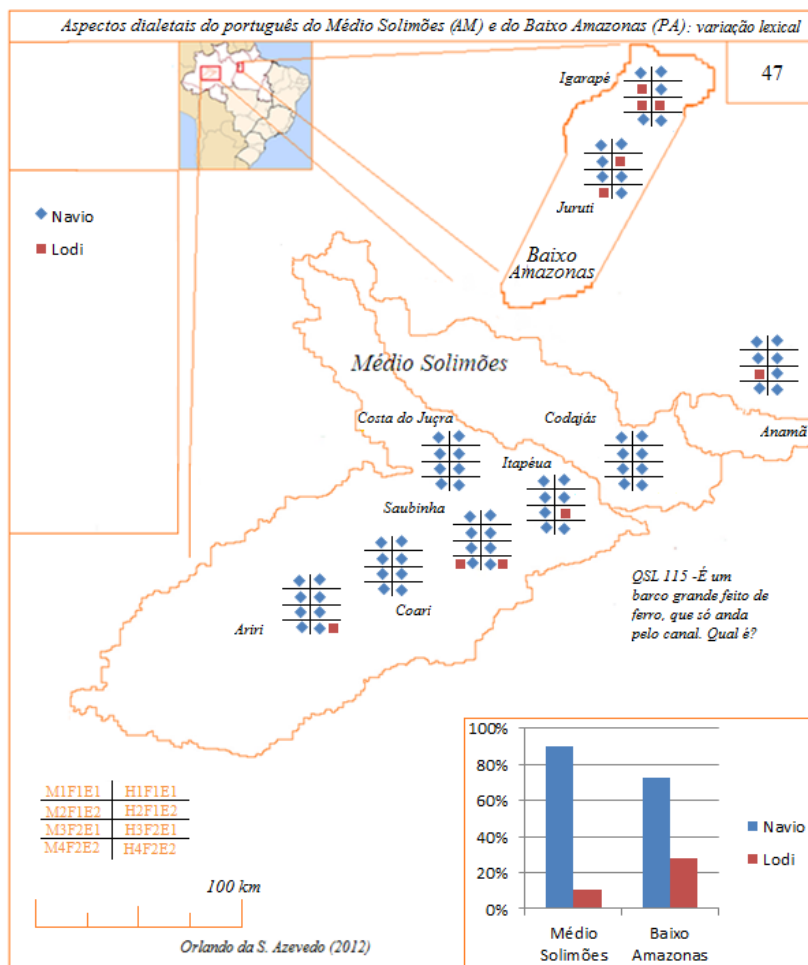




Estão distribuídas na carta semântico-lexical 46 as variantes *vuadeira* (voadeira), *lancha*, *deslizadeira*, *deslizador*, *bote*, *motô-de-popa* (motor-de-popa), *vuadô* (voador), *balhaera* e *avuador* (avoador).

### 6.5.47 Lodi

É uma denominação antiga para os grandes cargueiros regionais. Nos dados da carta semântico-lexical 47, houve cinco registros da variante *lodi* em cada região.



O termo *lodi* era predominante em meados da década de 80 do século passado nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, porém, atualmente, cede espaço para a variante *navio*, que ocorreu 63% e 72% no cômputo geral da região jurutiense. A curiosidade é que das dez ocorrências da variante *lodi*, nove ocorreram em localidades que não se situam às margens do rio Solimões e do rio Amazonas. Por exemplo, o Igarapé do Juruti-velho e a vila do Juruti-velho estão situados à margem direita do rio Amazonas; portanto, é necessário adentrar o Igarapé. No Médio Solimões, a comunidade adventista Ariri está a 5 horas de distância da cidade de Coari no rio Coari grande (se adotarmos como parâmetro de velocidade um rabeta de 5HP). Lá houve um registro apenas da variante *lodi*. Em outra comunidade, desta vez o Saubinha, situada no km 12 da estrada Coari-Itapéua, houve três registros para *lodi*. Na cidade de Anamá, no lago de Anamá, houve um registro apenas.

As cidades de Coari, Codajás e as comunidades da Costa do Juçara estão localizadas às margens do Solimões, onde o fluxo de embarcações de alto porte como cargueiros de petróleo e gás natural subindo e descendo o rio Solimões é intenso, por isso essa movimentação faz parte da vida diária dos povos ribeirinhos, principalmente, com a exploração do gás de Urucu promovida pela Petrobrás. Se levarmos em consideração os sete pontos de inquérito do Médio Solimões e os dois pontos do Baixo Amazonas, o processo de substituição da variante antiga *lodi* pela variante atual *navio*, é mais acelerado na região solimoense.

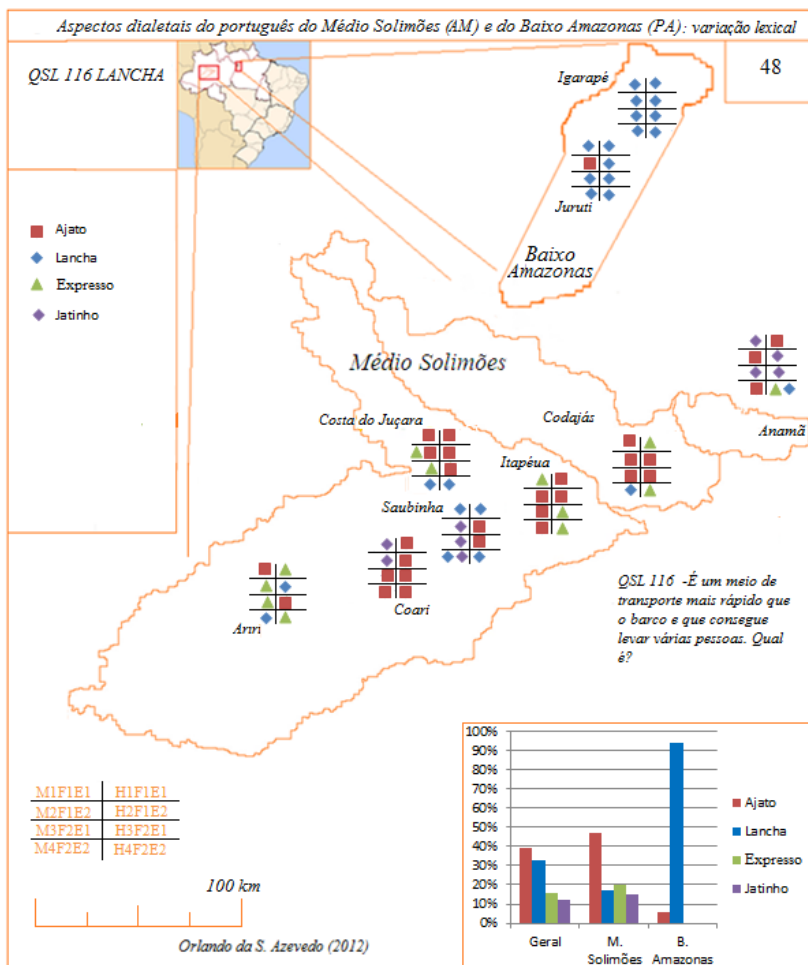
#### 6.5.48 Lancha

É o meio de transporte fluvial rápido e é bem maior do que a *voadeira*.

Na carta lexical 48 existem diferenças dialetais por região no emprego dos vocábulos *ajato* (escrito dessa forma mesmo com o *a* mais o *jato* juntos) e *lancha* no contexto atual.

Há dois anos entre o Igarapé do Juruti-velho e Juruti-novo no Pará, e Igarapé do Juruti-velho e a cidade de Parintins no Amazonas não havia transporte comercial de pessoas feitas por lanchas rápidas, enquanto no Médio Solimões há mais de dez anos já eram comuns as viagens feitas pelas lanchas *Ajato 2000 e 2001* entre Manaus e Coari, Tefé e Tabatinga (todas cidades amazonenses). Mais tarde surgiram

outras empresas que colocavam os nomes de suas lanchas com as palavras iniciais *Expresso* e *Jatinho*. Portanto, nesse contexto histórico surgiram as variantes *ajato*, *expresso* e *jatinho*.

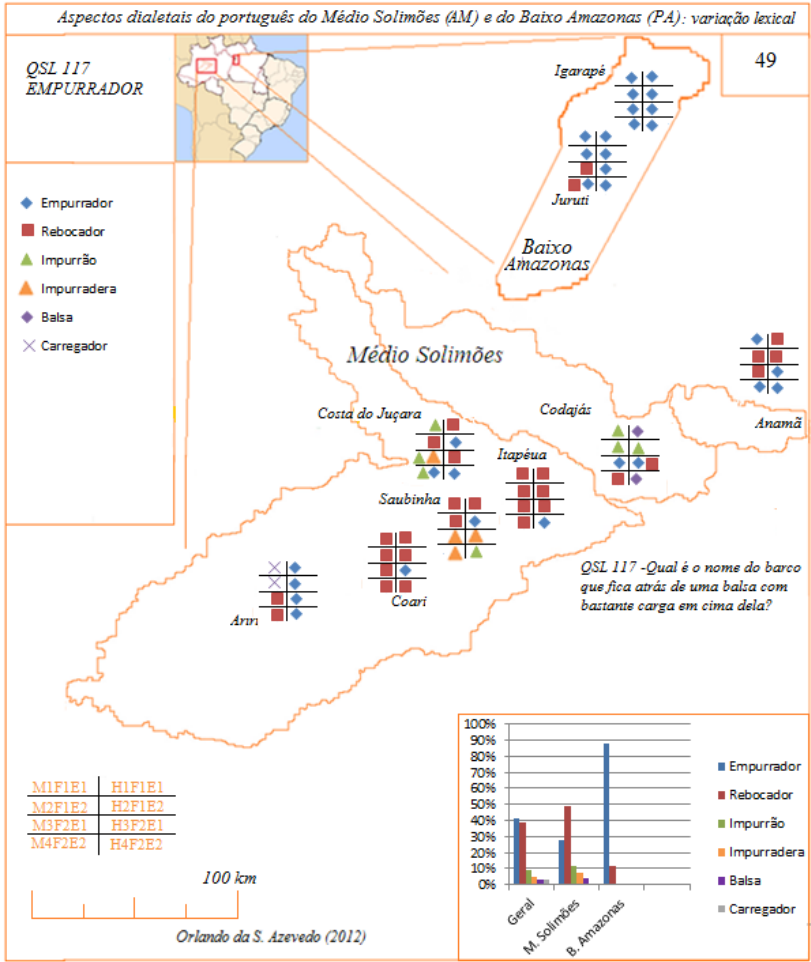


Enquanto o termo *lancha* ocorreu 94% no Baixo Amazonas, *ajato* ocorreu 47% no Médio Solimões e são as duas variantes, com esses percentuais, mais recorrentes em suas respectivas regiões. A variante *expresso* (expresso) teve um percentual maior de ocorrência em Ariri (MS) com 50%. Em Coari (MS), na Costa do Juçara (MS), em Itapêua

(MS) e em Codajás (MS) predominou a variante *ajato* com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 75%, em 56%, em 63% e em 63%. No Saubinha destacamos a variante *lancha* com 44%, e em Anamá a variante *jatinho* com 44%.

6.5.49 Empurrador

É a designação da embarcação, que empurra uma balsa com carga pelos rios amazônicos, principalmente, pelos rios Amazonas, Solimões e Madeira.



Segundo dados da carta semântico-lexical 49, encontramos seis variantes para o mesmo referente, a saber *empurrador*, *rebocador*, *impurrão*, *impurradera*, *balsa* e *arregador*.

*Empurrador* é um termo muito falado no Baixo Amazonas, onde obteve um percentual de ocorrência em 88%. A segunda variante dessa região foi *rebocador*, que apareceu nas respostas de duas mulheres da vila do Juruti-velho, sendo uma resposta dupla, ou seja, *empurrador* e *rebocador*. Subindo o rio Amazonas até a cidade de Manaus, a variante lexical mais recorrente é *empurrador*.

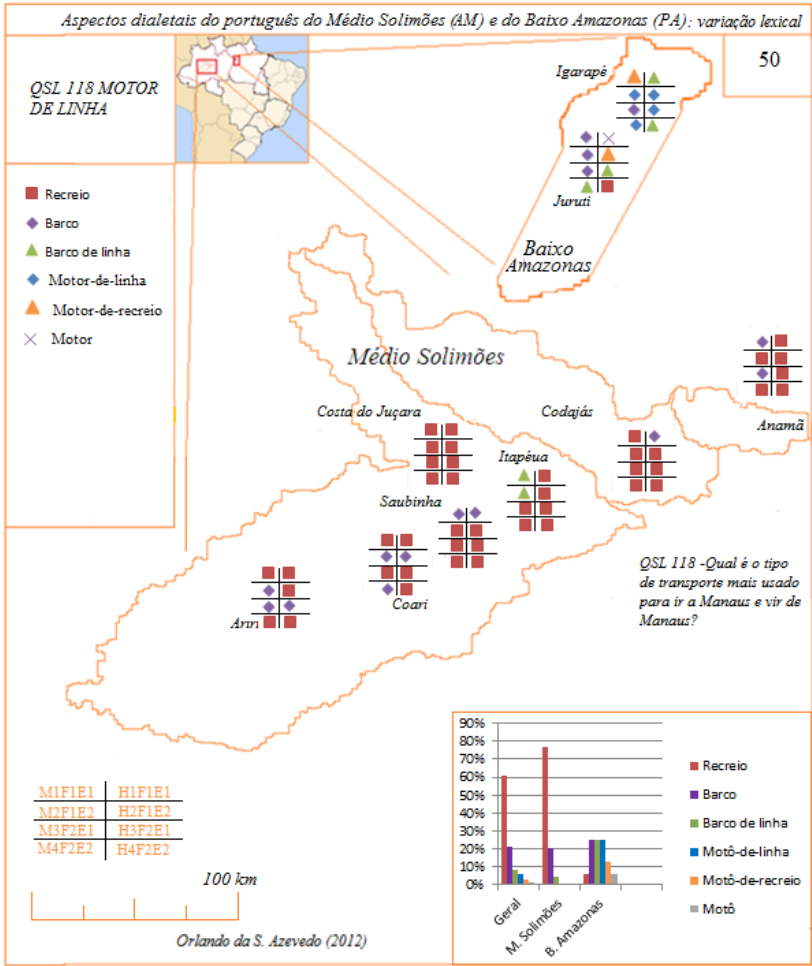
No Médio Solimões, por sua vez, prevaleceu a variante *rebocador* com percentual de ocorrência em 47%. Ocorreram também na região solimoense as variantes *empurrador*, *impurrão*, *impurradera*, *balsa* e *carregador* com registros percentuais, respectivamente, de 27%, 12%, 7%, 3% e 3%. Em duas localidades do Médio Solimões, a variante *empurrador* obteve expressividade, a saber: Ariri e Anamá, onde tal variante obteve um registro percentual de 50% em cada localidade.

### 6.5.50 Motor-de-linha

É a designação das pequenas e médias embarcações, que realizam viagens comerciais entre as comunidades rurais e as pequenas cidades amazônicas. Na região do Baixo Amazonas as pessoas costumam chamar de *motô-da-linha* (motor-da-linha), de *barco* para os pequenos recreios que fazem a linha no sentido Juruti-velho e Juruti-novo no Pará, e Juruti-velho e Parintins no Amazonas. No Médio Solimões é mais comum ouvirmos o vocábulo *recreio* para as embarcações maiores que fazem viagem entre as cidades interioranas e a capital Manaus. Na carta semântico-lexical 50, encontramos seis variantes, a saber: *recreio*, *barco*, *barco de linha*, *motô-de-linha* (motor-de-linha), *motô-de-recreio* (motor-de-linha) e *motô* (motor).

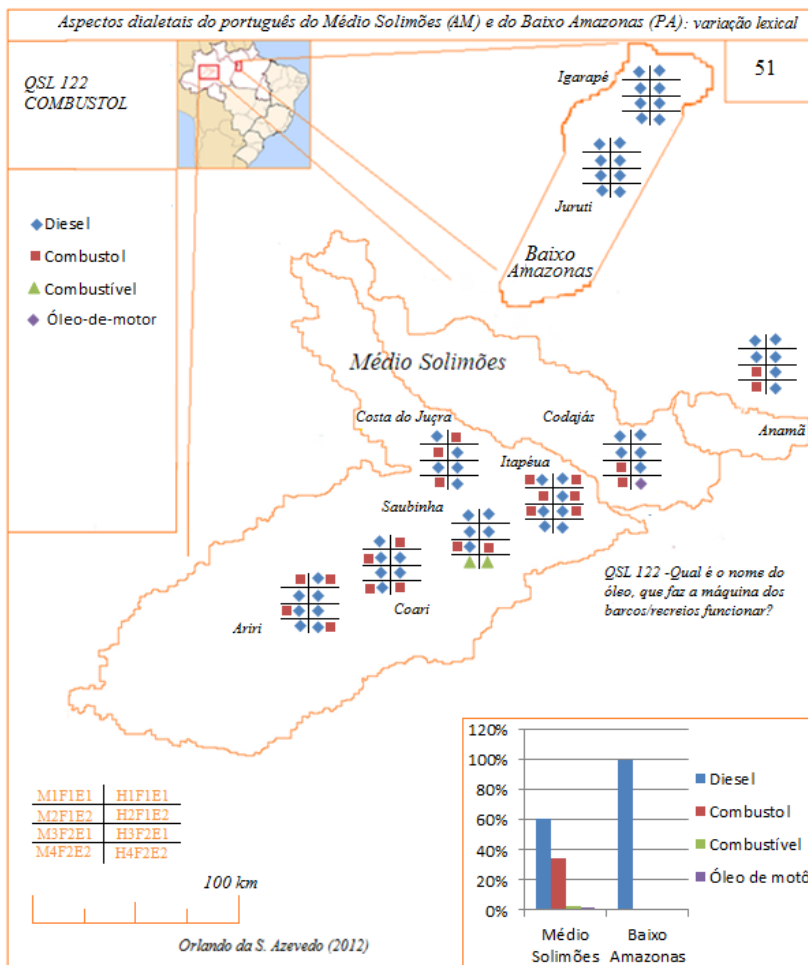
De fato, *recreio* é o termo mais recorrente no Médio Solimões com percentual de ocorrência em 77% contra 20% de *barco* e 4% de *barco-de-linha*. No Baixo Amazonas, por sua vez, são três as variantes mais expressivas, a saber: *barco*, *barco-de-linha* e *motô-de-linha* com percentual de ocorrência de 25% cada contra 13% da variante *motô-de-recreio* e 6% da variante *recreio* e da variante *motô*. A variante *recreio* também foi a mais incidente pelos dados do ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004), tendo sido registrada dezenove vezes, seguida por doze ocorrências de *motor* e cinco ocorrências de *barco*. Em

Itacoatiara foi predominante a variante *motor*, e na maioria dos pontos foi *recreio*.



### 6.5.51 Combustol

É a designação antiga para o óleo diesel. Na carta semântico-lexical 51, encontramos as variantes *diesel*, *combustol*, *combustívele* *óleo de motô* (óleo-de-motor).



Não encontramos nenhuma entrada para a variante *combustol* nos dicionários Houaiss (2009) e Aurélio (2009). A variante encontrada nos respectivos dicionários foi *combustível*. Logo, na percepção do falante só existia *combustol*, que era usado nas lamparinas nas comunidades localizadas às margens dos rios amazônicos, principalmente, em décadas anteriores ao ano de 2000. O combustível substituiu o querosene, outro derivado do petróleo, porque era muito mais caro.

O transporte atual no Amazonas e no Pará é feito, além das grandes embarcações, pelas lanchas rápidas, que percorrem 400 km em

10 horas, 8 horas, 7 horas, e consomem combustível chamado *diesel*. O termo foi ganhando destaque à medida que o fluxo de embarcações aumentou. Por isso, *combustol* nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho e na vila do Juruti-velho ficou no passado e não obteve um registro sequer nessa região.

Em contraposição à realização categórica da variante *diesel* no Baixo Amazonas, no Médio Solimões foram registradas quatro variantes, a saber: *diesel*, que foi registrada 61% do total de sessenta e sete ocorrências; *combustol* com valor percentual de ocorrência, de certa maneira expressivo, em 34%; *combustível* com percentual de ocorrência em 3%; e *óleo-de-motô* registrando 1% apenas.

### 6.5.52 Titinga

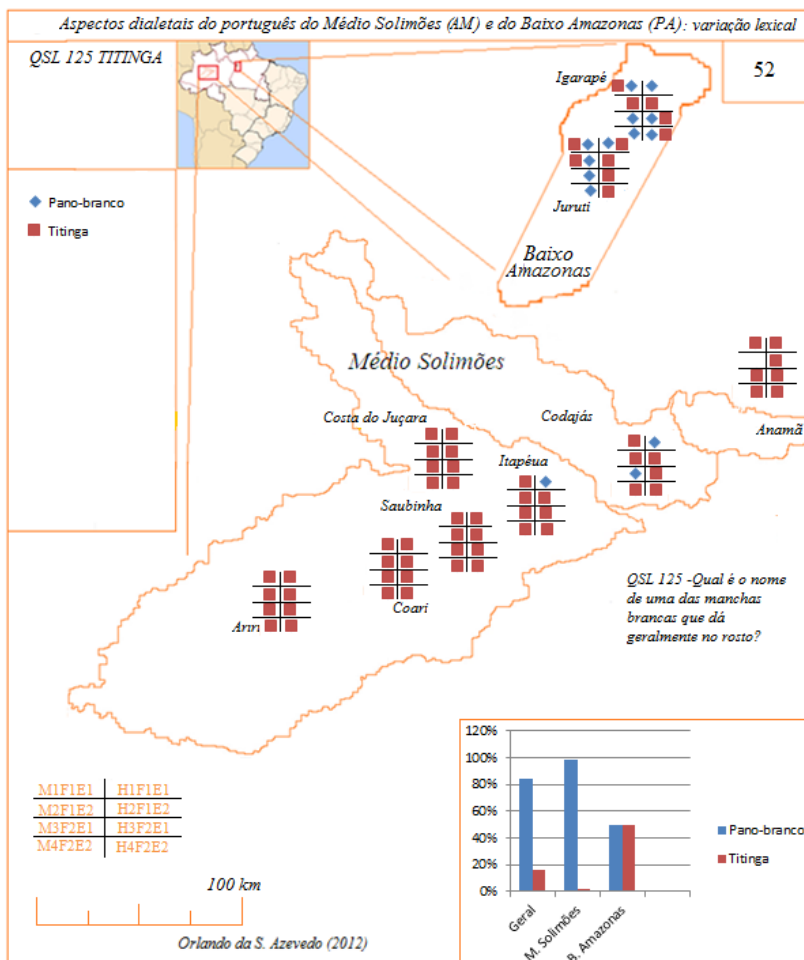
É a designação antiga para as manchas brancas causadas por fungos na pele do caboclo.

Em décadas do século passado, no Igarapé do Juruti-velho, ouvia-se bastante o termo *titinga* em referência as manchas brancas. O termo é de origem indígena e significa *branco branco*. Atualmente, essa variante sofre concorrência do termo *pano-branco*, pois alguns informantes do Baixo Amazonas optaram por falar ora uma, ora outra variante ou então respondiam simultaneamente as duas formas. Os percentuais de ocorrência foram de 50% para cada variante.

Conforme dados da carta semântico-lexical 53, no Médio Solimões, por sua vez, o termo *titinga* foi registrado apenas três vezes, sendo uma pelo informante H1F1E1 do Itapéua, e duas vezes em Codajás por informantes de faixa etária diferente e de sexo diferente. Nessa região, predominou *pano-branco* com percentual de 98%, enquanto o termo *titinga* obteve registro percentual de 2%.

Muitos informantes da região solimoense admitiram conhecer a variante *titinga*, entretanto, com significação diversa, ou seja, *titinga* se referia a uma mancha mais nítida no corpo das pessoas e, geralmente, é grande provocada por vermes ou, então, se referia ao cocô de galinha.

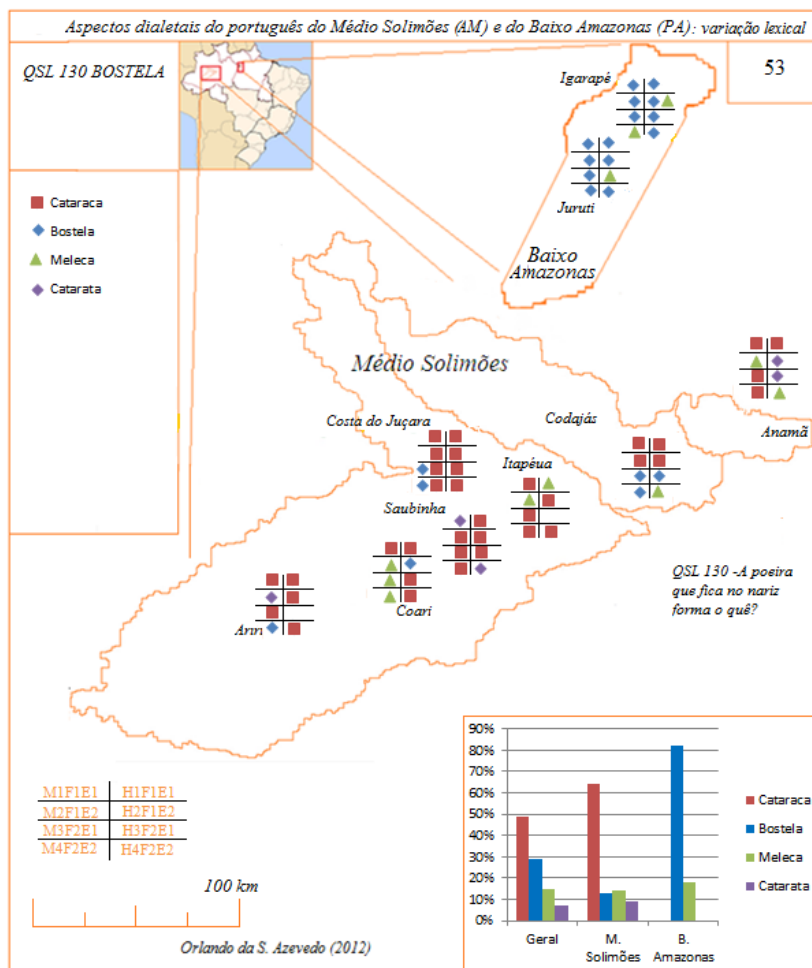




### 6.5.53 Bostela

É a designação da secreção do nariz. Conforme dados da carta semântico-lexical 53, na região solimoense se sobressaiu a variante *cataraca* com percentual em 64% (trinta e seis ocorrências) seguida por *bostela* com 13% (sete ocorrências), por *meleca* com 14% (oito ocorrências) e por *catarata* com 9% (cinco ocorrências). Por outro lado, no Baixo Amazonas, encontramos *bostela* como a mais expressiva

obtendo um percentual de ocorrência em 82% (catorze ocorrências) contra 18% (três ocorrências) de *meleca*.



Nos dados do ALERS (*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*), no que diz respeito ao QSL 306 cujas respostas se referiam ao mesmo referente das duas regiões amazônicas, houve nove variantes, a saber: *tatu*, que foi a mais recorrente nos três estados do sul, *ranho(seco)/ ranheiro*, *cera*, *catarro (seco)*, *sujeira*, *meleca* que é uma

das variantes encontradas no dialeto jurutiense e solimoense, *tutano*, *rato/ratão* e *muco*.

Na carta semântico-lexical de nº 34 do *ALAM-Atlas Lingüístico do Amazonas* (CRUZ, 2004) foram registradas sete variantes para o mesmo referente das regiões solimoense e jurutiense: *cataraca* com onze registros, *bostela* com catorze ocorrências, *meleca* com seis, *sujeira* com dois, *cera do nariz*, *cacas* e *caraca* com uma ocorrência apenas cada. Em alguns pontos do *ALAM* predominou a variante *cataraca* como em Lábrea, Benjamim Constant e Tefé, enquanto em Humaitá, Itacoatiara e Parintins foi *bostela*, a mesma variante do Igarapé do Juruti-velho e da vila do Juruti-velho

Na Tabela 117, as variantes *cataraca*, *bostela* e *meleca* são as mais recorrentes no Estado do Amazonas, segundo os dados do *ALAM*, enquanto no Médio Solimões é *cataraca* e no Baixo Amazonas é *bostela*.

Tabela 117 Frequência de *Bostela*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Cataraca	20% 11	64% 36		49% 36
Bostela	25% 14	13% 7	82% 14	29% 21
Meleca	11% 6	14% 8	18% 3	15% 11
Catarata		9% 5		7% 5
Sujeira	4% 2			
Cera do nariz	2% 1			
Cacas	2% 1			
Caraca	2%			

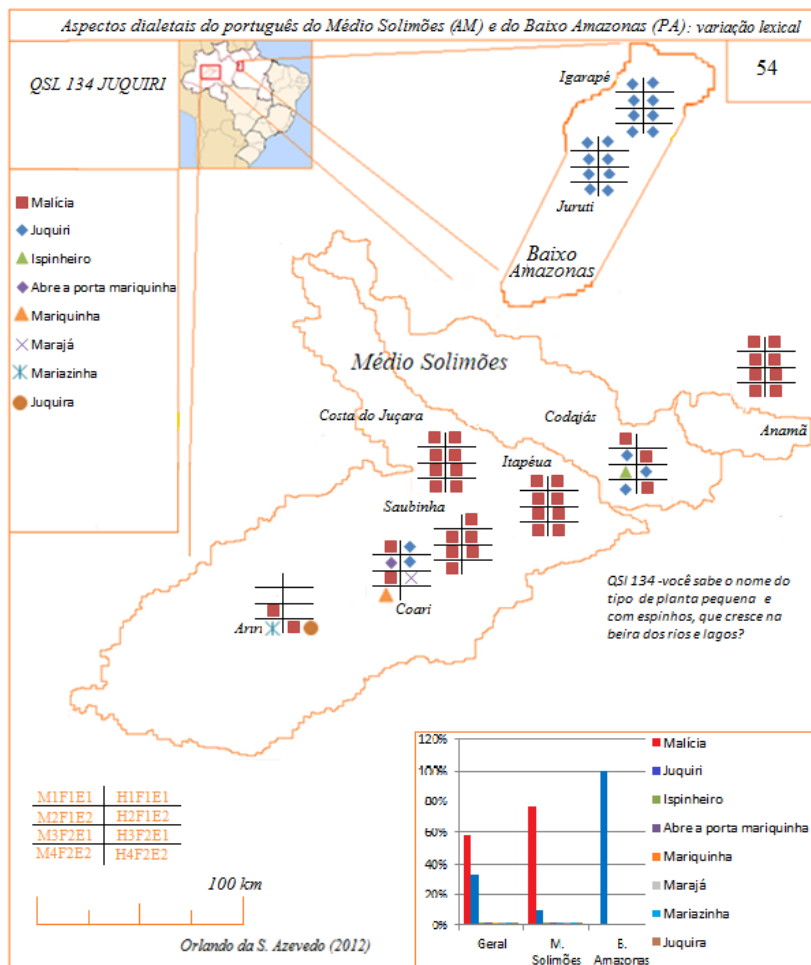
1

NDA	36%			
	20			
Total	100%	100%	100%	100%
	56	56	17	73

#### 6.5.54 Juquiri

É a designação de um pequeno arbusto, que cresce à margem dos rios e lagos amazônicos. Esse pequeno vegetal possui espinhos e costuma também crescer no fundo de lagos rasos, quando estes secam.

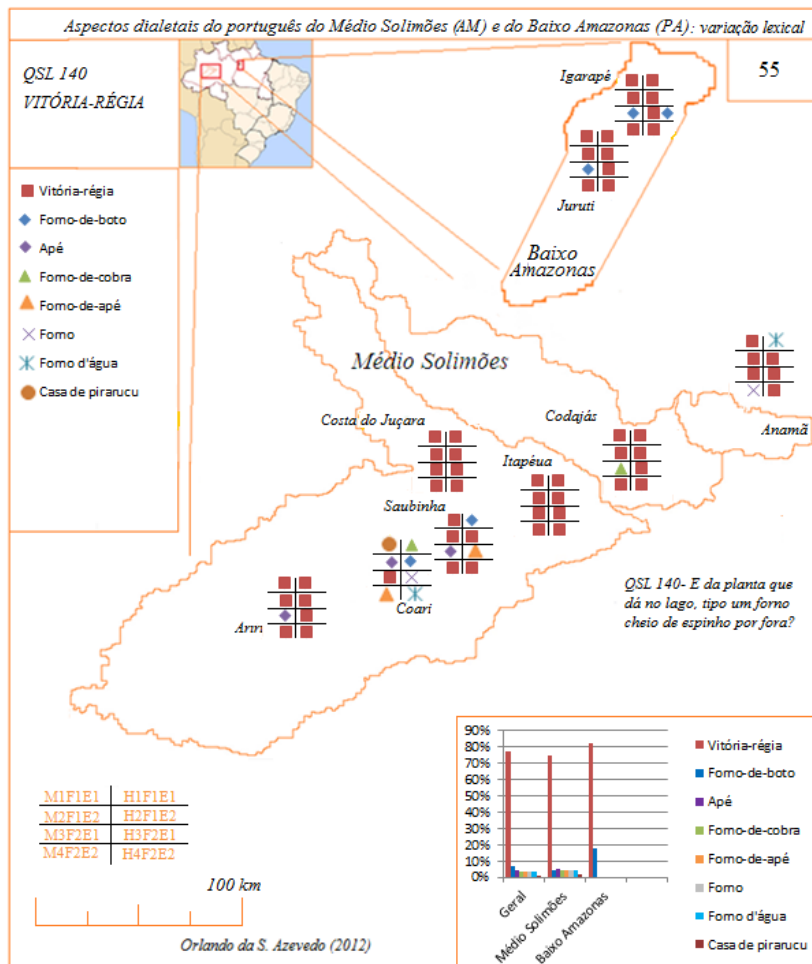
Conforme dados da carta semântico-lexical 54, no Baixo Amazonas, a ocorrência de *juquiri* foi categórica e corresponde a mesma variante lexical de 32 anos atrás, quando ouvíamos essa terminológica nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho.



No Médio Solimões, encontramos a variante *malícia* como sendo a mais expressiva obtendo um registro percentual de 58%, seguida por *juquiri* com 33%, e pelas variantes menos expressivas como *ispinhoiro*, *abre a porta mariquinha*, *mariquinha*, *mariazinha* e *juquirá* com 2% cada. Terceiros, que por ocasião das entrevistas se aproximavam por curiosidade, afirmaram que em alguns lugares do rio Madeira (afluente da margem direita do rio Amazonas) as pessoas chamavam também de *malícia*.

### 6.5.55 Vitória-régia

Era a designação da vitória-régia no Baixo Amazonas que o pesquisador ouvia há 32 anos.



Segundo dados da carta semântico-lexical 55, a variante *vitória-régia* foi predominante em relação às demais variantes (*forno-de-boto*, *apé*, *forno-de-cobra*, *forno-de-apé*, *forno*, *forno d'água* e *casa de pirarucu*), que eram as mais utilizadas quando não havia ainda tanta

divulgação dessa planta aquática pela televisão e, agora, vêm sendo ensinada na escola.

Com isso, a nova geração não dá continuidade ao uso das terminologias de origem e vai adotando o termo que a escola e a televisão ensinam. Muitos informantes também disseram que não usam mais as variantes *forno-de-piaçoca*, *folha-de-boto*, *folha-de-jaçanã*. Assim, a variante *vitória-régia* foi a mais expressiva no geral com 77% de ocorrência, 75% no Médio Solimões e 82% no Baixo Amazonas.

No contexto geral, as demais variantes *forno-de-boto*, *apé*, *forno-de-cobra*, *forno-de-apé*, *forno*, *forno d'água* e *casa-de-pirarucu* receberam, respectivamente, registros percentuais de 7%, de 4%, de 3%, de 3%, de 3%, de 3% e de 1%.

Da mesma forma nos dados gerais do ALAM-Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004) concernente à carta semântico-lexical de nº18, a variante *vitória-régia* foi a mais expressiva com trinta e três ocorrências contra duas ocorrências de *forno*, três ocorrências de *mururé*, uma ocorrência de *apé* e uma ocorrência de *aguapé*.

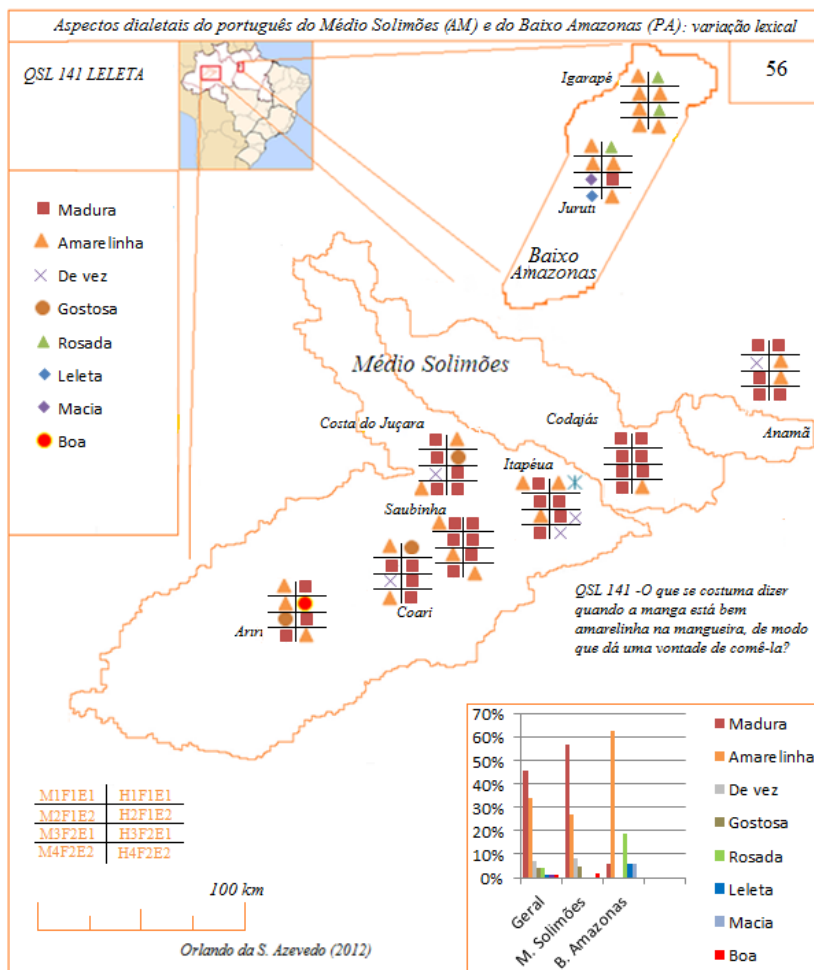
Portanto, podemos afirmar que no Amazonas predomina a variante *vitória-régia* diante de outras variantes menos expressivas.

#### 6.5.56 Leleta

É a designação da manga quando fica madura e com a coloração amarela ou rosada. Por isso, as pessoas do Baixo Amazonas e do Médio Solimões falam a “manga tá *madura*”, “tá *de vez*”, “tá *amarelinha*”, “tá *gostosa*”, “tá *rosada*”, “tá *leleta*”, “tá *macia*” ou “tá *boa*”.

Nos dados carta semântico-lexical 56, a variante *amarelinha* foi a mais expressiva no Baixo Amazonas, obtendo um registro percentual de 63% sendo seguida por *madura* com 6%, por *rosada* com 19%, por *leleta* com 6% e por *macia* com 6%.

Esperávamos encontrar a variante *leleta* nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, de onde nos apropriamos dessas lexias para tecermos comparações com variantes de outro pontos de inquérito. Essa variante, entretanto, só foi mencionada na vila do Juruti-velho pela informante M4F2E2.



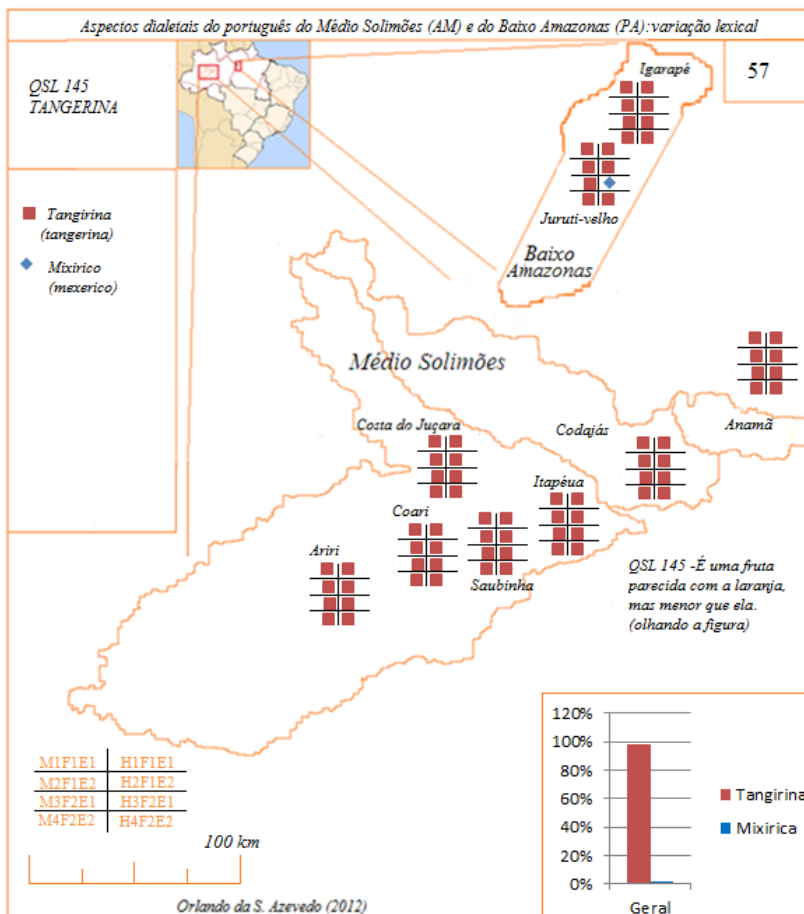
No Médio Solimões, por sua vez, a variante *madura* foi predominante na região com percentual em 57%, seguida por *amarelinha* com 27%, por *de vez* com 8%, por *gostosa* com 5% e por *boa* com 2%.

Portanto, encontramos duas variantes mais expressivas nas duas regiões estudadas, sendo a variante lexical *amarelinha* predominante no Baixo Amazonas, e a variante *madura* a mais expressiva na região do Médio Solimões.



### 6.5.57 Tangerina

É a designação da fruta cítrica parecida com a laranja. O padrão geral, conforme dados da carta semântico-lexical 57, é *tangerina* (tangerina), havendo apenas uma resposta *mixirico* (mexerico) dada pelo informante H3E1F2 da vila do Juruti-velho, no Baixo Amazonas.



Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, registrou quatro variantes lexicais para a fruta cítrica mencionada, a saber: *mexerica* com vinte e quatro ocorrências e 66,67% de frequência relativa, *mexerica enredeira* com cinco ocorrências e

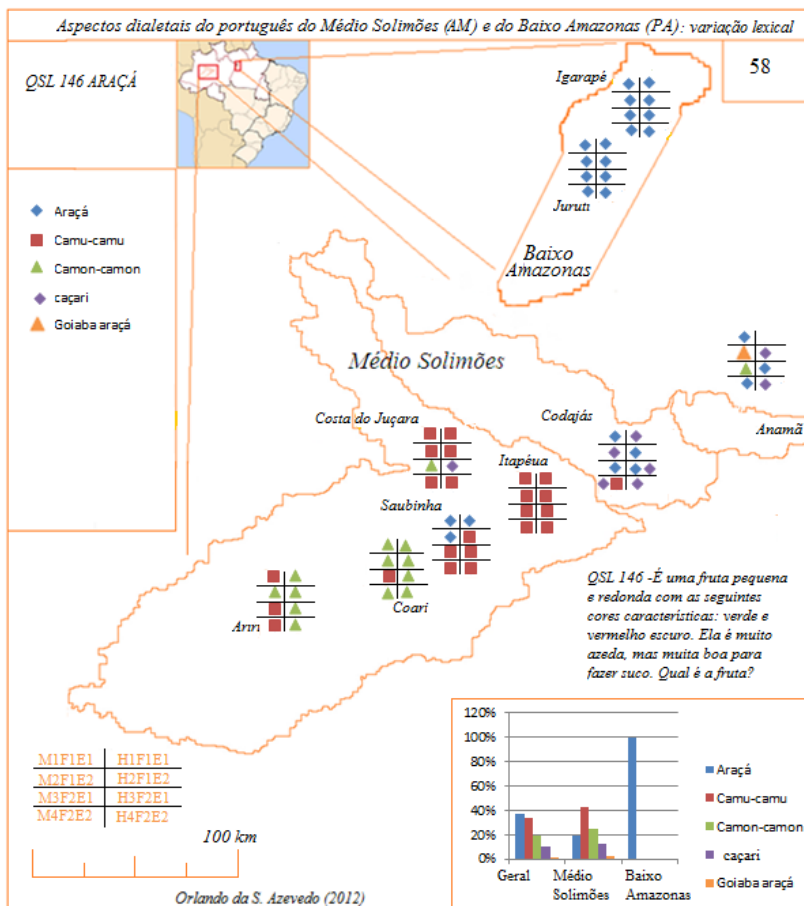
13,89% de frequência relativa, *mexerica fuxiqueira* e *fuxiqueira* com três ocorrências e 8,33% de frequência relativa cada.

Nos dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), no que diz respeito à carta semântico-lexical 62 fruta cítrica parecida com a laranja, porém de tamanho menor, encontramos as variantes lexicais *vergamota* com registro percentual de oitenta e sete ocorrências, *bergamota* com setenta e três ocorrências, *pergamota* com três ocorrências, *mexerica* com quarenta e três ocorrências, *tangerina* com trinta ocorrências, *mimosa* com vinte e sete ocorrências, *poncã* com cinco ocorrências, *laranja-cravo* com três ocorrências, *mandarinha* com uma ocorrência e *laranja tangerina* com uma ocorrência. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul *vergamota/bergamota* obtiveram, respectivamente, 70% e mais de 90% dos dados, enquanto no Estado do Paraná, a variante *mexerica* foi predominante com registro percentual de mais de 40% dos dados.

#### 6.5.58 Araçá

O *araçá* é uma fruta muito azeda, típica da praia e é apreciada pelos peixes da região. Não é tão consumida pelo caboclo do Igarapé do Juruti-velho, mas bastante vendida na feira de Coari para servir de suco, onde é conhecida como *camon-camon*. Verificando os dados da carta semântico-lexical 58, no Baixo Amazonas, a variante *araçá* ocorreu de forma categórica. Entretanto, no Médio Solimões houve oscilação entre os pontos de inquérito que adotaram ora o termo *araçá*, ora *camu-camu* (pronúncia como oxítone) e ora *camon-camon* (pronúncia como paroxítone).

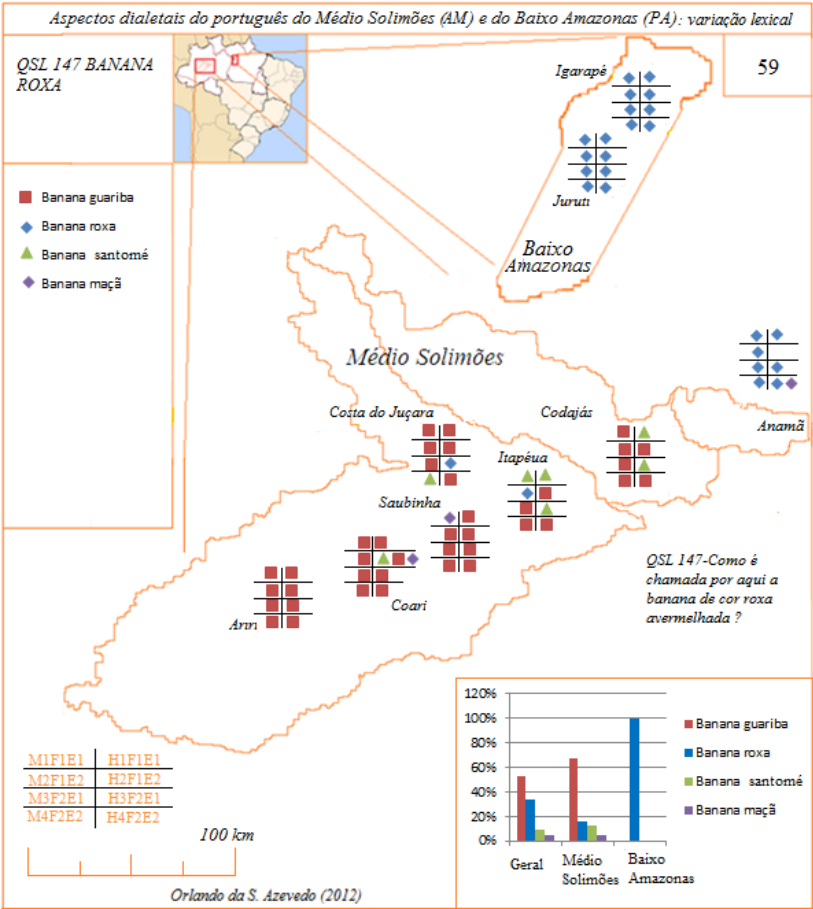
A pronúncia diferente entre *camu-camu* (oxítone) e *camon-camon* (paroxítone) foi tão acentuada que resolvemos computar os dados separadamente. Os dados gerais na região solimoense foram: para *araçá* em 19%, *camu-camu* em 42%, *camon-camon* em 25%, *caçari* em 12% e *goiaba-araçá* em 2%.



Entre os pontos do Médio Solimões, a ocorrência das variantes aconteceu de maneira díspare. Por exemplo, em Ariri e em Coari predominou a variante *camon-camon* com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 63% e em 88%. No Saubinha, na Costa do Juçara e no Itapéua foi predominante a variante *camu-camu* com percentuais, respectivamente em 63%, em 75% e em 100%. Em Codaajás foi mais recorrente o termo *caçari* com 50%, e em Anamá foi *araçá* com 43% se aproximando das duas localidades paraenses por apresentar a mesma variante lexical de forma predominante.

6.5.59 Banana roxa

É a designação de uma espécie de banana, cuja casca é de uma coloração avermelhada escura. Nos dados da carta semântico-lexical 59, verificamos quatro variantes, a saber: *banana guariba*, *banana roxa*, *banana santomé* e *banana maçã*.



No Baixo Amazonas, das dezesseis possibilidades de ocorrência da variante *banana roxa*, esta ocorreu 100%, diferenciando-se das variantes lexicais encontradas na região solimoense.

No Médio Solimões, das cinquenta e seis possibilidades de incidência do mesmo referente da região do Baixo Amazonas, ocorreu a variante lexical *banana guariba*, que obteve um registro percentual de 67%. Ainda na região solimoense, ocorreram as variantes lexicais menos expressivas *banana santomé* e *banana maçã* com registros percentuais, respectivamente, de 12% e 5%. Portanto, encontramos designações diferentes nas duas regiões estudadas para a mesma espécie de banana com destaque para a variante *banana roxa* no Baixo Amazonas e *banana guariba* na região do Médio Solimões.

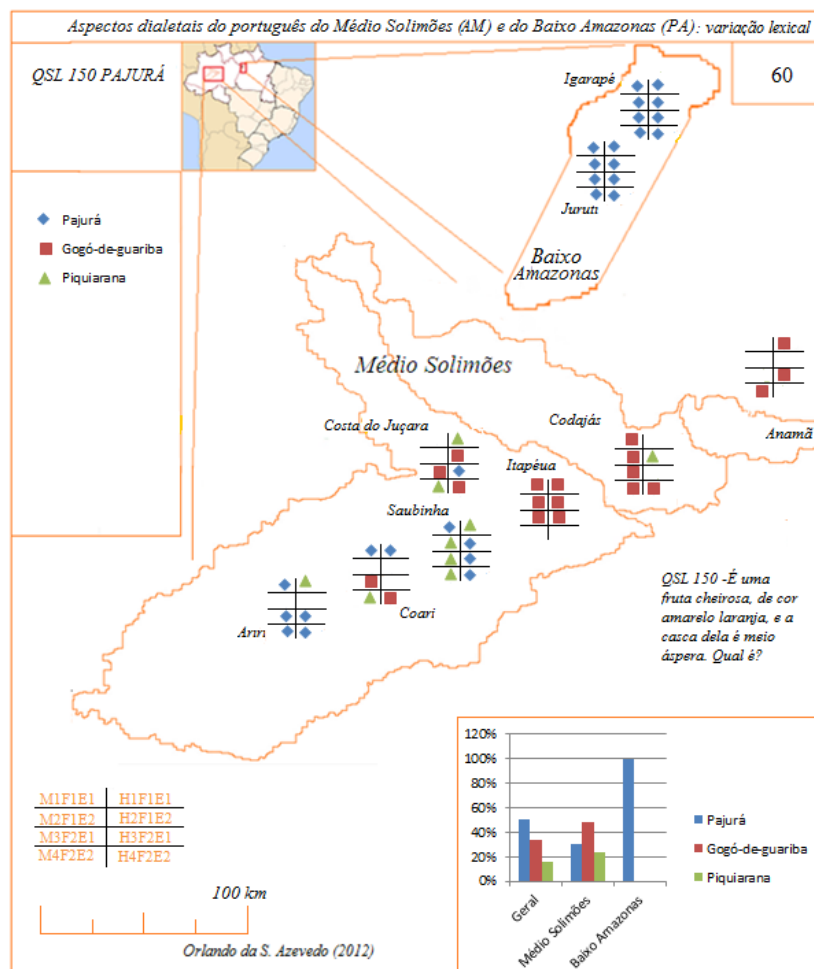
### 6.5.60 Pajurá

É uma fruta arredondada, cuja popa possui coloração amarela. A casca é rugosa com pintas brancas e marrons. É muito apreciada e conhecida nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (BA). Lá faz sucesso com as crianças. Apesar de essa fruta apresentar um sabor doce, não é vendida nas feiras de Parintins (AM), de Coari (AM). Também não temos conhecimento de que seja vendida em qualquer outro ponto do Estado do Amazonas.

Na carta semântico-lexical 60, encontramos as variantes *pajurá*, *gogó-de-guaribae piquiarana*, as quais são designativos da mesma fruta amazônica.

No Baixo Amazonas, onde essa fruta é bastante conhecida, houve ocorrência de 100% da variante *pajurá*.

Por sua vez, no Médio Solimões, foi *gogó-de-guariba* com 45% das ocorrências. Essa fruta não é tão comum no falar solimoense, pois dezesseis informantes não sabiam do que se tratava. Por conta disso, encontramos resultados díspares. Por exemplo, em Ariri *pajurá* foi a mais incidente com 83%; em Coari as variantes *pajurá* e *gogó-de-guariba* tiveram percentuais iguais em 40% cada; no Saubinha, encontramos *gogó-de-guaribae piquiarana* com percentual de ocorrência em 50% cada; na Costa do Juçara, no Itapéua, em Codajás e em Anamã ocorreu a variante *gogó-de-guariba* com percentuais de ocorrência, respectivamente em 50% 100% e 100%. Consideramos como 100% apenas as respostas concretas e não aquelas que ficaram sem respostas. Por exemplo, na cidade de Anamã a maioria dos informantes não conhecia essa fruta e apenas três responderam *gogó-de-guariba*. Logo, foi categórica a ocorrência nessa localidade.



### 6.5.61 Geral

*Geral* é uma brincadeira que envolve dois grupos de participantes, na qual um tenta pegar a vara ou um poste, enquanto o outro, que defende o poste ou a vara, tenta pegar os demais participantes com a mão para ganhar o jogo.

Nos dados da carta semântico-lexical 61, encontramos quatro variantes lexicais para essa brincadeira, a saber: *pira*, *manja*, *geral* e *macha*. No Baixo Amazonas ocorreram as variantes *pira*, *manjae geral*,

enquanto no Médio Solimões todas essas variantes ocorreram, com destaque para a cidade de Anamã, onde a ocorrência da variante lexical *pira* foi quase categórica.

Essa brincadeira é muito comum na cidade de Parintins (AM), embora pouco conhecida e pouco praticada no Igarapé do Juruti-velho (BA), Juruti-velho (BA) e nos pontos do Médio Solimões, onde vinte e três informantes responderam *barra-bandeira*/ *barbandeira* ou simplesmente não responderam. Por isso, houve espaços vazios em todos os pontos no mapa do Médio Solimões.

A *barra-bandeira*/*barbandeira* é uma brincadeira diferente do *geral*, porque os participantes defendem um galho de árvore no espaço demarcado no chão.

Os dados estatísticos da carta lexical 61 demarcam as duas regiões. No Baixo Amazonas, por exemplo, as variantes *pira* e *manja* ocorreram com registro percentual igual de 38% e foram seguidas por *geral* com 23% das ocorrências.

No Médio Solimões, o termo *pira* foi predominante e obteve 42% das ocorrências, e foi seguida por *manja* e *geral* com 27% cada, e por *mancha* com 3%.

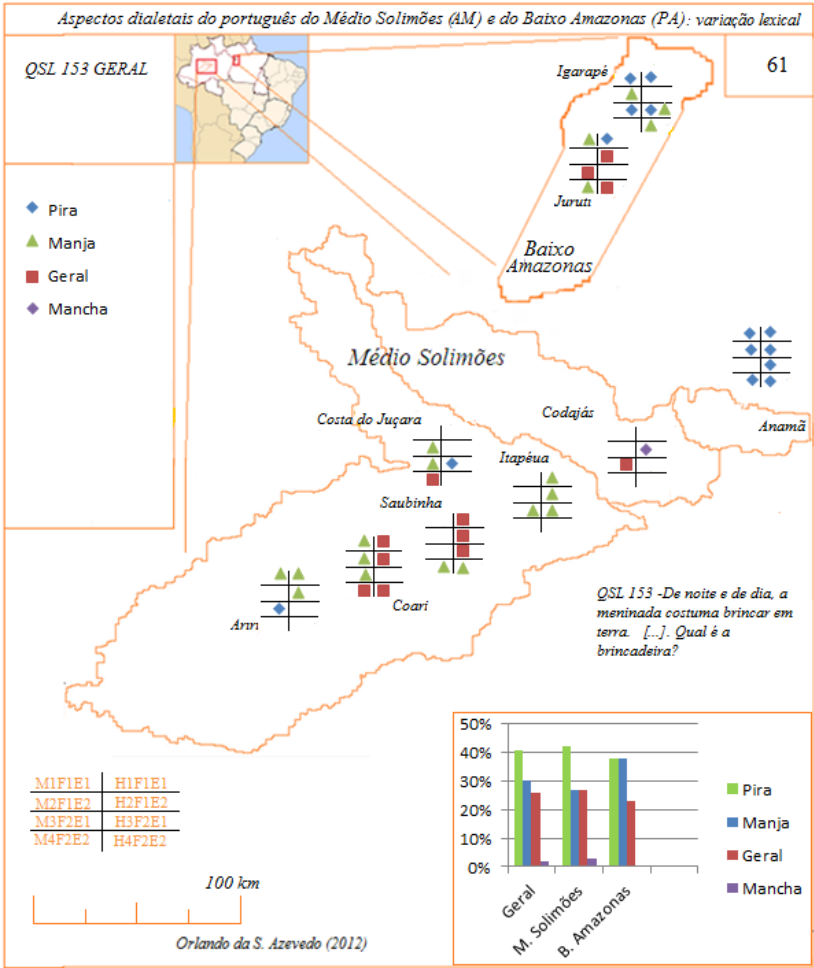
Em se tratando das ocorrências nos pontos de inquérito do Médio Solimões, a cidade de Anamã registrou 88% para a variante *manja*.

Na cidade de Codajás praticamente os informantes não sabiam do que se tratava, pois apenas os informantes H2F1E2 e M3F2E1 responderam, respectivamente, *geral* e *manja*.

Na vila de Itapéua quatro informantes responderam *pira* (50%), enquanto os demais não sabiam do que se tratava.

Encontramos uma incidência mais significativa da variante *geral* na cidade de Coari e na comunidade Saubinha, onde obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 50% e de 38%.

Na Costa do Juçara e em Ariri, a variante *pira* predominou com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 25% e em 38%.

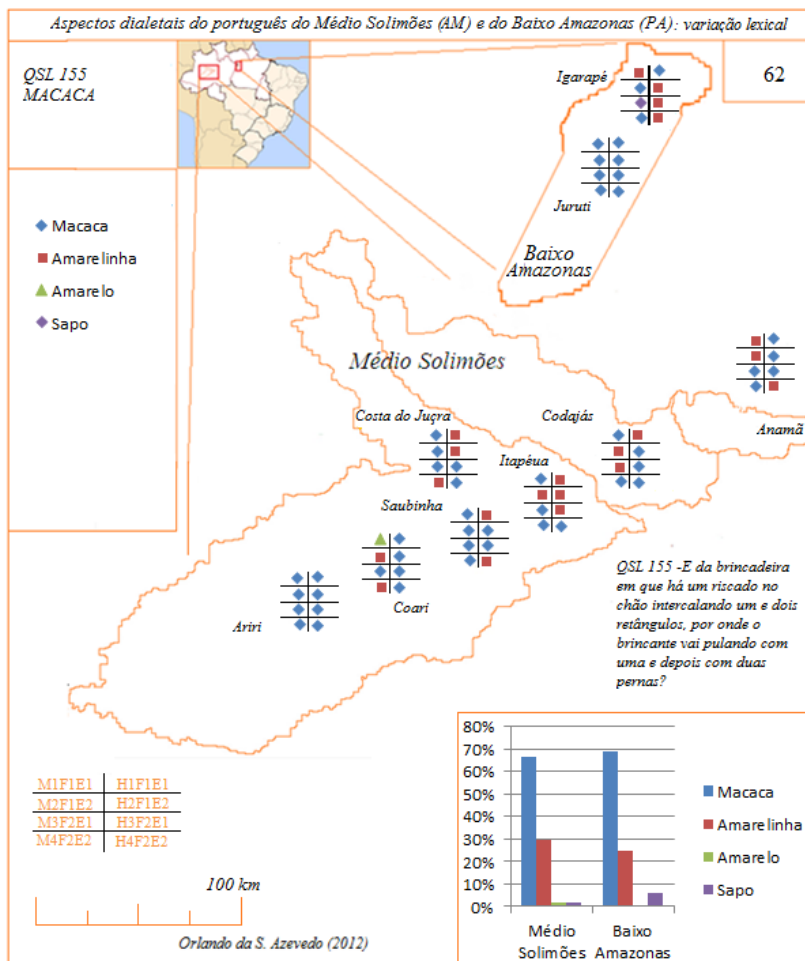


### 6.5.62 Macaca

É a designação da brincadeira infantil em que o participante intercala ao pular os retângulos desenhados no chão com uma e depois com duas pernas. Essa brincadeira foi bastante divulgada pela televisão como *amarelinha*. Conforme dados da carta semântico-lexical 62, a variante *macaca* ocorreu 67% no Médio Solimões e 69% no Baixo Amazonas. *Amarelinha* obteve 30% na região solimoense e 25% na região jurutiense. *Amarelo* e *sapo* foram outras designações dessa



brincadeira e ocorreu de forma menos expressiva com 2% cada no Médio Solimões. Também de forma, menos expressiva, *sapo* ocorreu no Baixo Amazonas com percentual de ocorrência em 6%, equivalente a uma ocorrência apenas.



Tecendo um paralelo entre ano de 1980 com o momento atual, a variante *macaca* era a mais recorrente nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho naquela época, porém, atualmente, os dados apontam a

predominância da variante *amarelinha* com percentual de ocorrência em 50%. A mesma predominância da variante *amarelinha* é registrada na vila do Itapéua no Médio Solimões, onde o percentual de ocorrência foi de 57%.

A brincadeira infantil *macaca* vem sendo pouco praticada no contexto atual, porque as crianças não costumam mais brincar essa e outras brincadeiras, principalmente, na região urbana, onde só há espaço para ver televisão e outros artefatos tecnológicos. Durante as *entrevistas*, muitas crianças estavam presentes por curiosidade e acabavam muitos vezes respondendo *amarelinha* ao se anteciparem às respostas dos informantes principais.

Portanto, a variante *macaca* representa a linguagem de 18 a 65 anos *atrás*, quando os informantes viam, brincavam ou praticavam essa brincadeira durante a infância deles.

Em Manaus, com base em dados do Atlas Linguístico do Brasil e em dados *obtidos* com estudantes de ensino fundamental, Chain e Margotti (2012, no prelo) registraram que a totalidade dos informantes respondera *amarelinha* como primeira resposta para a pergunta sobre a *brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só*. O item *macaca*, que marca a fala regional no Amazonas (CRUZ, 2004) e em Manaus em tempos pretéritos, foi obtido como segunda resposta somente em 2,083% das entrevistas e como forma sugerida em 12,5%. O resultado evidencia forte influência exógena na fixação do léxico, ao menos em relação ao item lexical pesquisado.

Na Tabela 118, computamos os dados das duas regiões mais os dados do ALAM e concluímos que a variante *macaca*, ainda, constitui-se como norma no português amazônico.

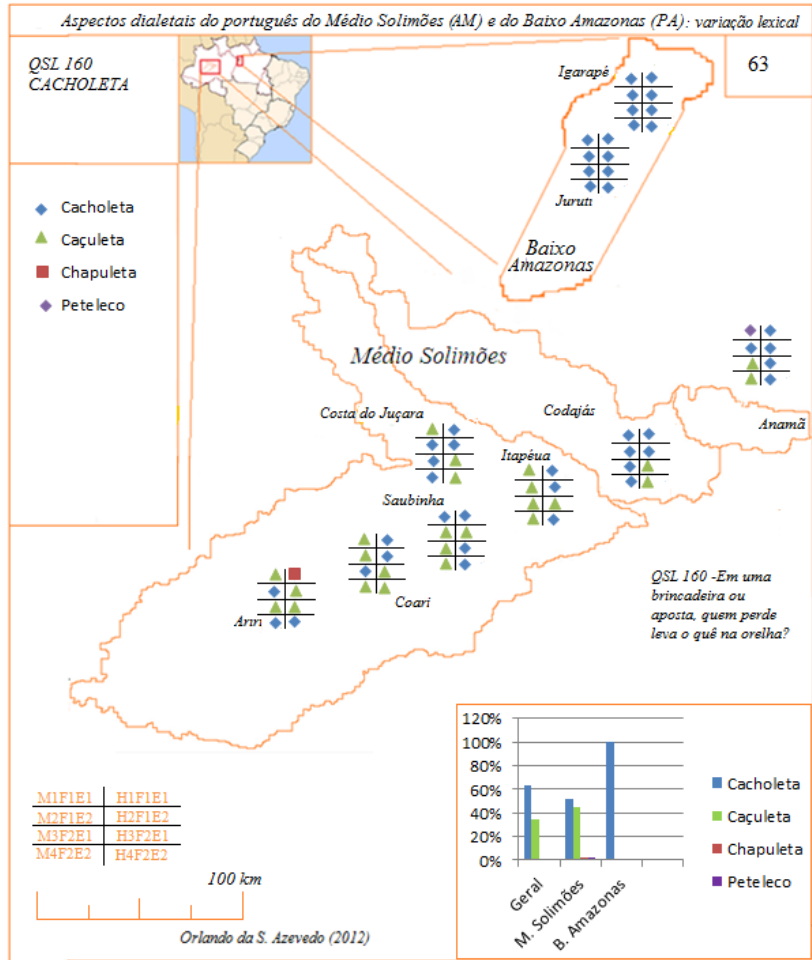
Tabela 118 Frequência de *Macaca*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Macaca	28% 15	67% 38	69% 11	68% 49
Saci	2%			

Amarelinha	30%	25%	29%
	17	4	21
Sapo		6%	1%
		1	1
Amarelo	2%		1%
	1		1
NDA	70%		
	38		
Total	100%	100%	100%
	54	56	72

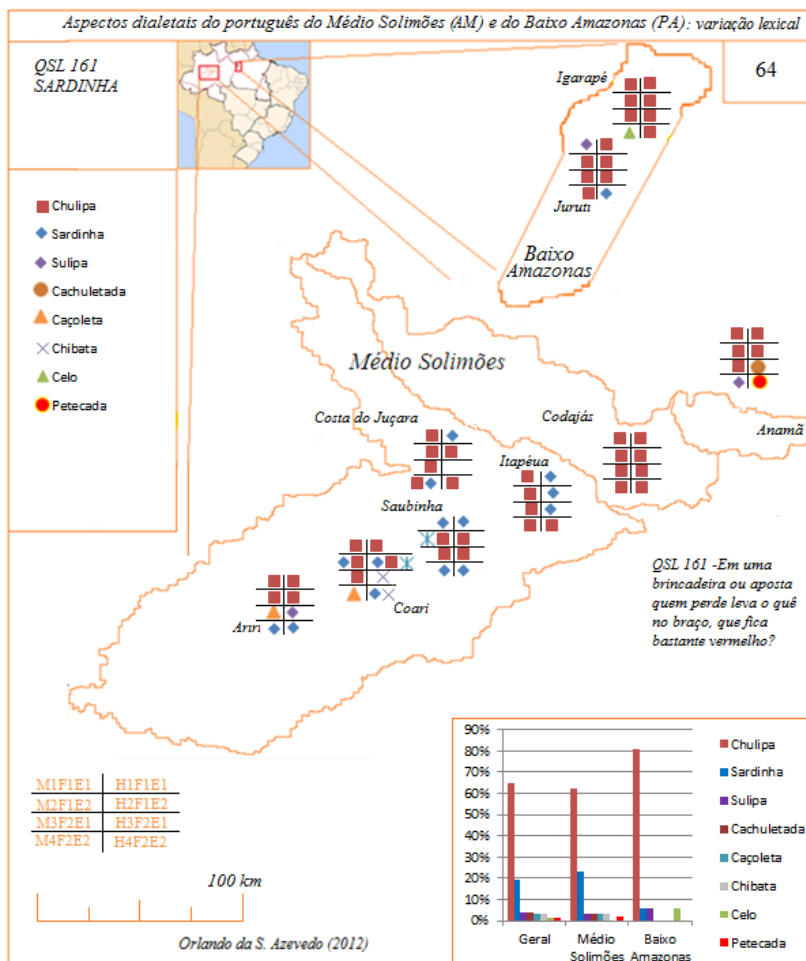
### 6.5.63 Cacholeta

É a designação do golpe desferido pelo dedo indicador na orelha de uma pessoal. De acordo com a carta lexical 63, o termo *cacholeta* predominou no geral com percentual de ocorrência em 63%, no Médio Solimões em 52% e no Baixo Amazonas em 100%. *Incidiram* ainda no Médio Solimões *caçoleta* com percentual de 45%, *chapuleta* e *peteleco* com 2% cada uma. Portanto, a variante lexical *cacholeta* foi comum nas duas regiões amazônicas.



6.5.64 Sardinha

Na carta semântico-lexical 64, o termo *sardinha* se refere ao golpe aplicado com o dedo indicador e médio juntos no braço de alguém.

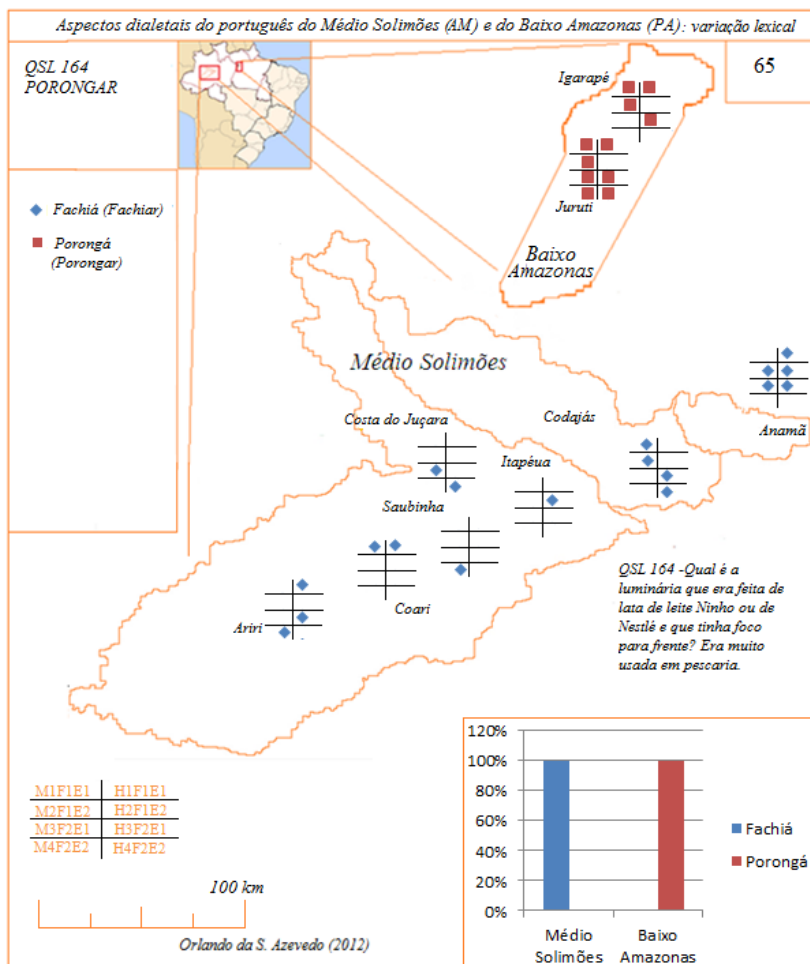


Escolhemos essa terminologia para compor o QSL desta pesquisa tendo como base sua ocorrência na cidade de Parintins, que apesar de ser uma cidade amazonense, faz parte da *região* do Baixo Amazonas. Esperávamos que o vocábulo *sardinha* fosse mais expressivo na região do Baixo Amazonas. Porém, a variante lexical *chulipa* predominou nessa região com registro percentual de 81%. A mesma tendência se verificou no Médio Solimões e no contexto geral, onde tal variante obteve registros percentuais, respectivamente, de 62% e de 65%. As demais ocorrências registradas no Baixo Amazonas foram *sardinha* e

*sulipa* com 6% cada. A variante *sardinha* ocorreu em 23% no Médio Solimões, seguida pelas variantes *sulipa*, *cachuletada*, *caçoleta*, *chibata*, *celo* e *petecada* com 3% cada.

### 6.5.65 Porongar

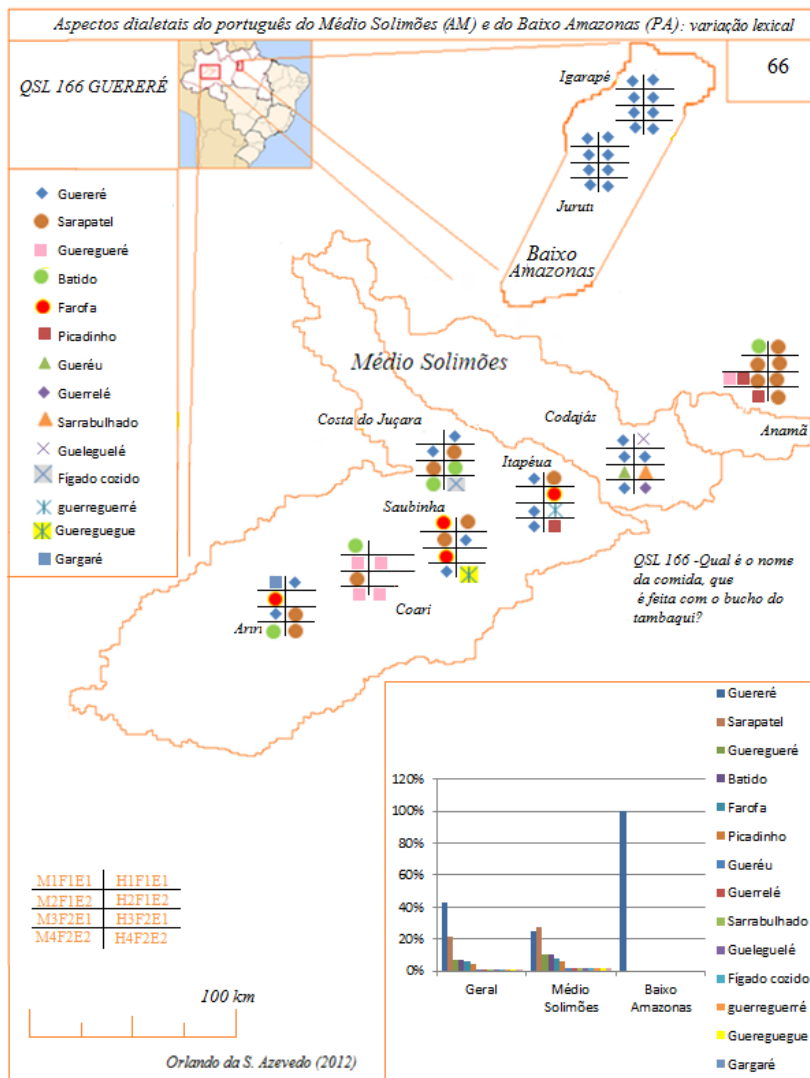
Na carta semântico-lexical 65, o referente de *porongar* e *fachiar* é o ato de iluminar as margens do rio ou do lago *durante* a noite com o objetivo de zagaiaar peixes. O interessante é que *porongar*, variante típica do Baixo Amazonas, não teve entrada nos dicionários Houaiss (2007) e no Aurélio (2007). O termo é derivado de *poronga*, uma *luminária* muito usada com querosene ou com combustol em meados da década de 80 do século passado nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho e na vila do Juruti-velho. Porém, ninguém usa mais a *poronga*, ficando, assim, o descompasso entre a terminologia e o momento atual em que os pescadores usam a lanterna com a mesma função. Não sabemos se os informantes dessas localidades irão mudar para *lantenar*, que seria a formação lexical e semântica mais adequada no momento atual, ou se continuarão usando *porongar* em respeito às suas origens. O vocábulo *poronga* (luminária usada em pescarias durante à noite), por sua vez, está condenado ao desuso em virtude do avanço tecnológico e à condição financeira do próprio ribeirinho, que possui mais facilidade para adquirir uma lanterna. Apesar disso, a variante *porongá* (verbo) foi categórica no Baixo Amazonas ao considerarmos apenas os comentários de alguns informantes nas respostas ao questionário semântico-lexical 164 (*Qual é a luminária que era feita de lata de leite Ninho ou de Nescau e que possuía foco para frente?* Além disso, era muito usada em pescaria.). Quanto ao termo *fachiar*, categórico no Médio Solimões, tem história parecida com a variante jurutiense, pois deriva de *facho*, que era um instrumento feito para iluminar durante à noite. Não conseguimos comentários dos poucos informantes sobre o uso antigo do *facho* na pescaria noturna feita às margens dos rios e lagos amazônicos. Apesar do não uso do *facho* atualmente pelos pescadores e moradores ribeirinhos, esse termo possui uma *notoriedade* maior do que *poronga*, que contribui de certa forma para sua permanência na memória dos moradores do Médio Solimões.



As dezenove ocorrências de *fachιά* registradas no Médio Solimões e as onze ocorrências de *porongá* no Baixo Amazonas mostram a tendência no uso dessas variantes em seus respectivos pontos de inquérito. Se perguntássemos, por exemplo, a um morador do Baixo Amazonas o que ele vai fazer durante à noite com zagaia, poronga ou lanterna, irá responder, certamente, *porongá*. Se fosse feita a mesma pergunta a um morador do Médio Solimões, iria responder, com certeza, *fachιά*. Dessa forma, nesse contexto é impossível generalizar os dados, visto que a realidade linguística das duas regiões é totalmente diferente.

### 6.5.66 Gueréré

É a designação nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (BA) para a comida *preparada* com o bucho do peixe tambaqui.



Na carta lexical 66, encontramos catorze variantes para o mesmo referente (comida preparada com os miúdos do peixe como tambaqui). Somente no Baixo Amazonas a resposta foi *unânime*, ou seja, o



percentual de ocorrência foi de 100%, de modo que influenciou no percentual geral, sendo a mais predominante também com 43%. Logo, analisando o percentual geral não representa a realidade de cada região ou de cada ponto.

No Médio Solimões, obtivemos os seguintes resultados: *sarapatel* ocorreu 27% e foi a predominante; *gueréré* 25%; *guereguéré* e *batido* com 10% cada; *farofa* com 8%; *picadinho* com 6%; *gueréu*, *guerrelé*, *sarrabulhado*, *gueleguelé*, *fígado cozido*, *guerreguerré*, *guereguegué*, e *gargaré* com 2% cada.

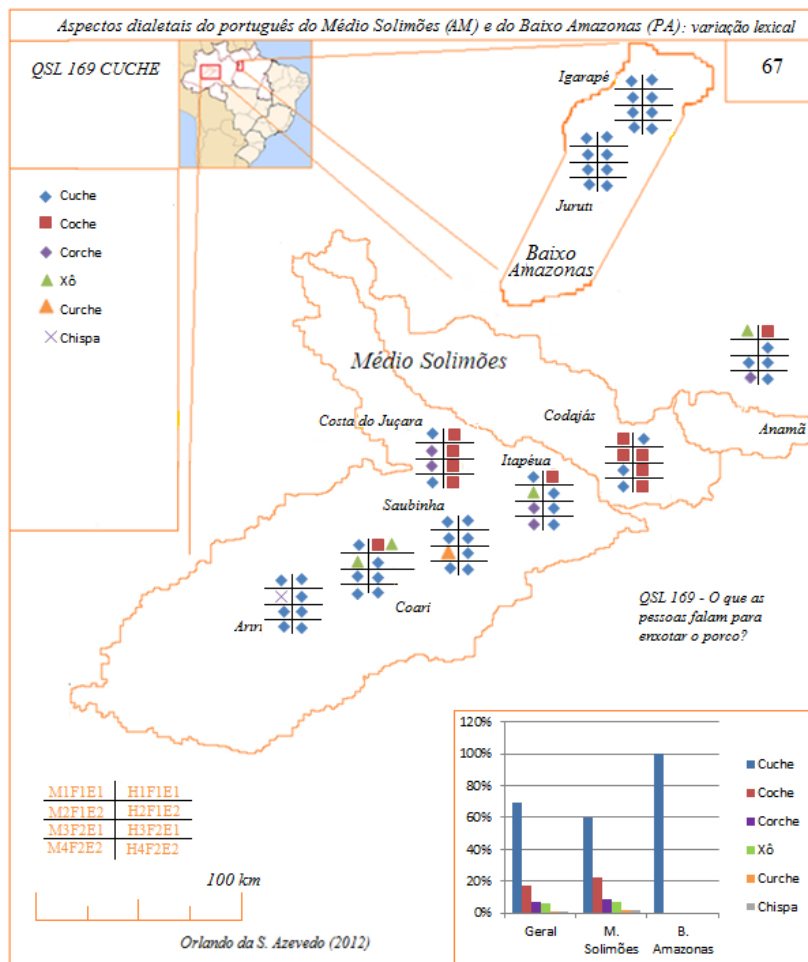
No Médio Solimões, os pontos de inquérito tiveram ocorrências de variantes diferentes. Por exemplo, em Ariri *gueréré* e *sarapatel* foram predominantes com 29% cada. Em Coari foi *guereguéré* com 67%. No Saubinha foram *gueréré*, *sarapatel* e *batido* com percentual igual em 29% cada. Na Costa do Juçara foram *gueréré*, *sarapatel* e *farofa* com 29% cada. No Itapéua e em Codajás foi predominante *gueréré* com registros percentuais, respectivamente, de 43% e de 50%. Por último, em Anamá foi *sarapatel* com 60%.

### 6.5.67 Cuche

É a designação nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho (BA) para o ato de enxotar o porco desta forma: *cuche! cuche!* e o porco vai embora. Além desse significado, serve como interjeição de repúdio. Por exemplo: -Tu tá namorando fulano?! -Cuchii! responde a outra pessoa. É o mesmo que dizer: -Que nojo!

Nos dados da carta lexical 67, essa variante é quase *universal* ao considerarmos as duas regiões estudadas, apesar de haver algumas flutuações no Médio Solimões.

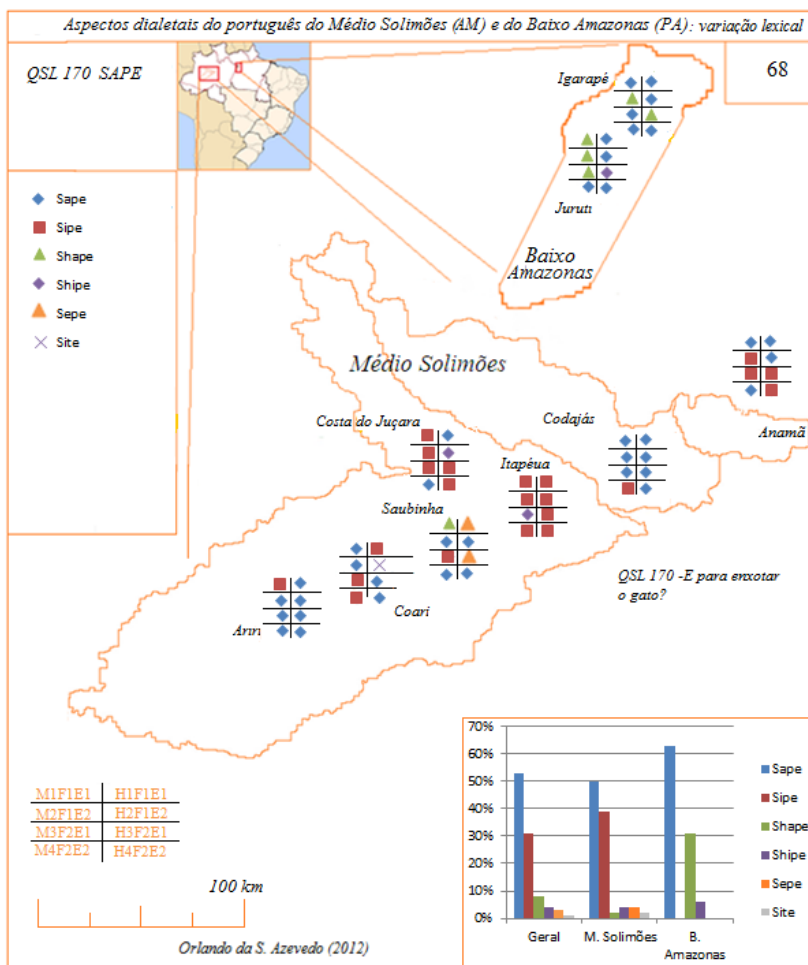
Portanto, foi geral a realização do termo *cuche* usado para enxotar o porco. O percentual de ocorrência dessa variante foi de 69% no cômputo geral, de 60% no Médio Solimões e de 100% no Baixo Amazonas. Houve três variantes de *cuche* que aconteceram em nível fonológico registradas na região solimoense, a saber: *coche* com 22% de ocorrência; *corche* com 9%; *curche* com 2%. Ainda no Médio Solimões sucederam as variantes, desta vez em nível lexical, *xô* com 7% e *chispa* com 2%.



### 6.5.68 Sape

É o termo usado nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho para enxotar o gato. A variante lexical *sape* foi mais incidente no contexto geral e regional. Ao verificarmos os dados da carta semântico-lexical 68, a porcentagem de ocorrência de *sape* no contexto geral foi de 53%, no Solimões foi de 50% e no Baixo Amazonas foi de 63%. Todas as variantes sucederam em nível fonológico como *shape* usada na maioria das vezes por mulheres, a segunda mais incidente no Baixo Amazonas

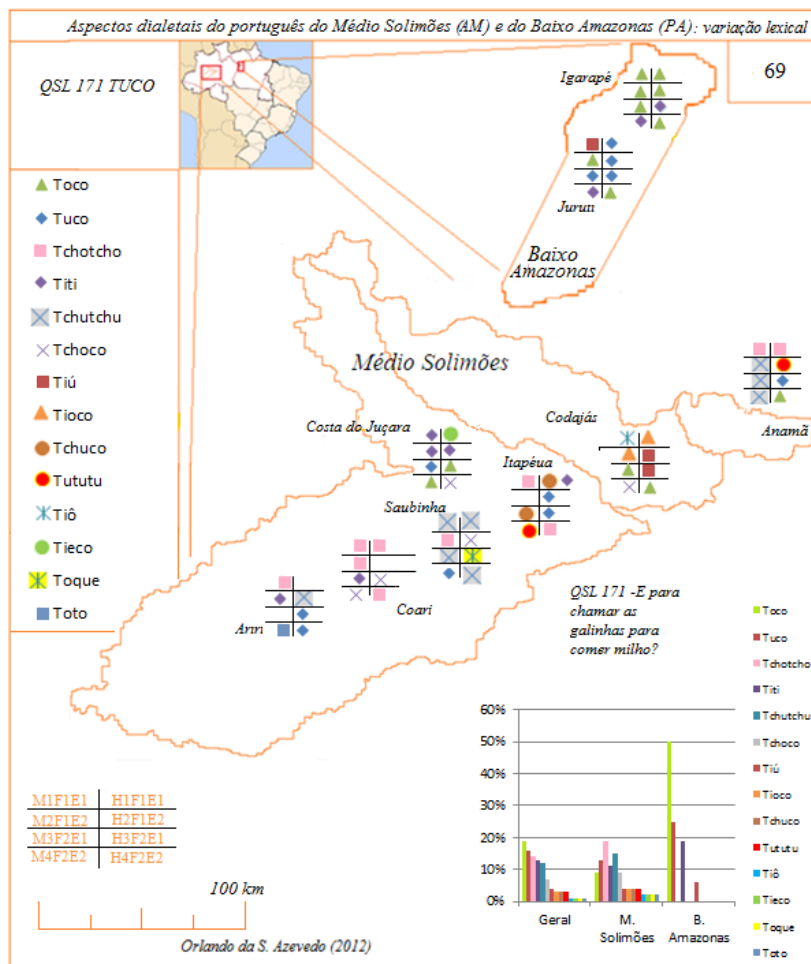
com 31% de ocorrência. Outra variante menos expressiva incidente na região jurutiense foi *shipe* com 6%.



No Médio Solimões a segunda variante mais recorrente foi *sipe* com percentual de ocorrência em 39% e foi predominante no Itapêua com 88%, na Costa do Juçara com 63% e em paridade com *sape* em Anamá com 50% cada. As demais variantes que ocorreram no Solimões foram *shape* e *site* com 2% cada, *shipe* e *sepe* com 4% cada.

### 6.5.69 Tuco

É a designação nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho para chamar as *galinhas* para comer milho ou crueira (a parte grossa da massa da mandioca, que sobra na peneira).



Na carta semântico-lexical 69, encontramos catorze variantes para o modo como as pessoas chamam as galinhas para comer milho. No Baixo Amazonas a variante mais expressiva foi *toco*, ocorrendo em

50% das vezes e foi seguida de *tuco* com percentual de ocorrência em 25%, por *titi* em 19% e por *tiú* em 6%.

No Médio Solimões, por pequena margem, a variante mais expressiva foi *tchotcho* com percentual de ocorrência em 19% concorrendo com os dados percentuais seguintes: 9% de *toco*, 13% de *tuco*, 11% de *titi*, 15% de *tchutchu*, 9% de *tchoco*, 4% cada de *tiú*, *tioco*, *tchuco* e *tututu*, e 2% cada de *tiô*, *tieco*, *toque* e *totó*.

### 6.5.70 Umbora

Na acepção abordada neste trabalho, é a designação usada pelo caboclo para chamar o cachorro para caçar. Geralmente esse ato é acompanhado de um assobio como, por exemplo: -umbora! umbora! fiu! fiu! fiu!

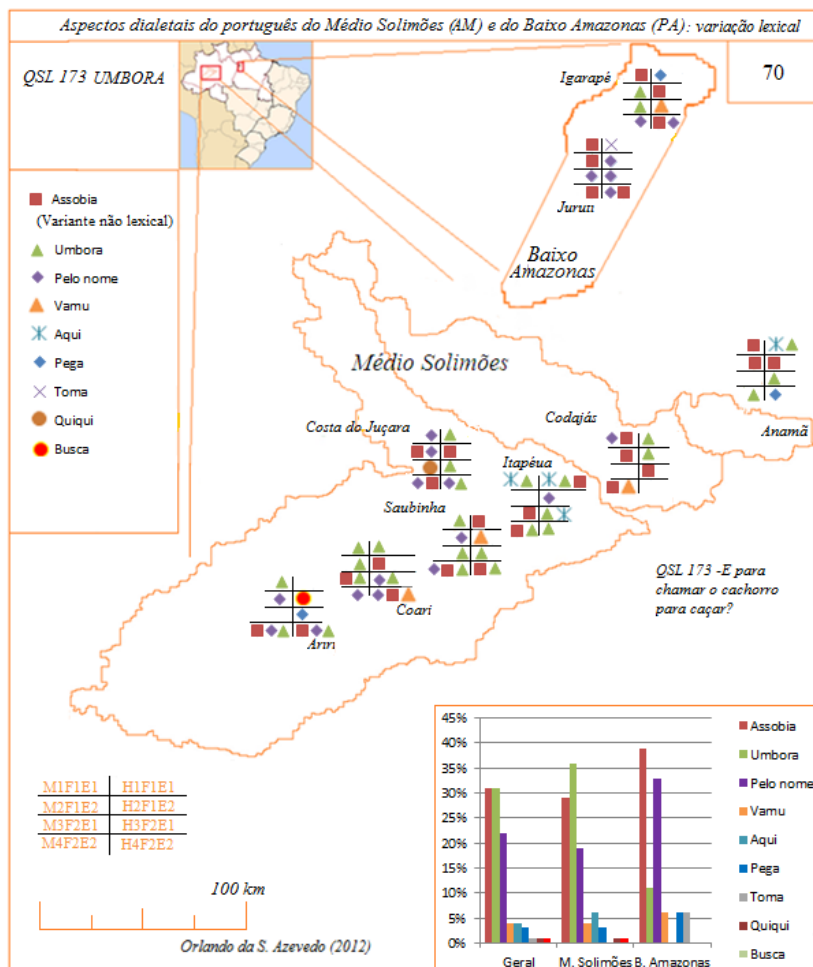
Na carta semântico-lexical 70, estão representadas nove maneiras de se chamar o cachorro para caçar, a saber: *assobia*, *umbora*, *pelo nome*, *vamu*, *aqui*, *pega*, *toma*, *quiqui*, *busca*, as quais ocorreram no geral com percentuais, respectivamente, em 31%, 31%, 22%, 4%, 4%, 3%, 1%, 1% e 1%.

Das nove maneiras de se chamar o cachorro para caçar, duas são atos de assobiar e de chamar pelo nome, por exemplo: -Rinte! Rinte! Rinte! As demais constituem-se em variantes lexicais.

No Médio Solimões, o ato de *assobiar*, obteve registro percentual de 29%, enquanto as variantes lexicais *umbora* obteve percentual de ocorrência de 36%, *vamu* obteve 4%, *aqui* obteve 6%, *pega* obteve 3%, *quiqui* obteve 1%, *busca* obteve 1% e o ato de chamar *pelo nome*, que obteve registro percentual de 19%.

No Baixo Amazonas incidiram *assobia* com 39%, *umbora* com 11%, *pelo nome* com 33%, *vamu* com 6%, *pega* com 6% e *toma* com 6%.

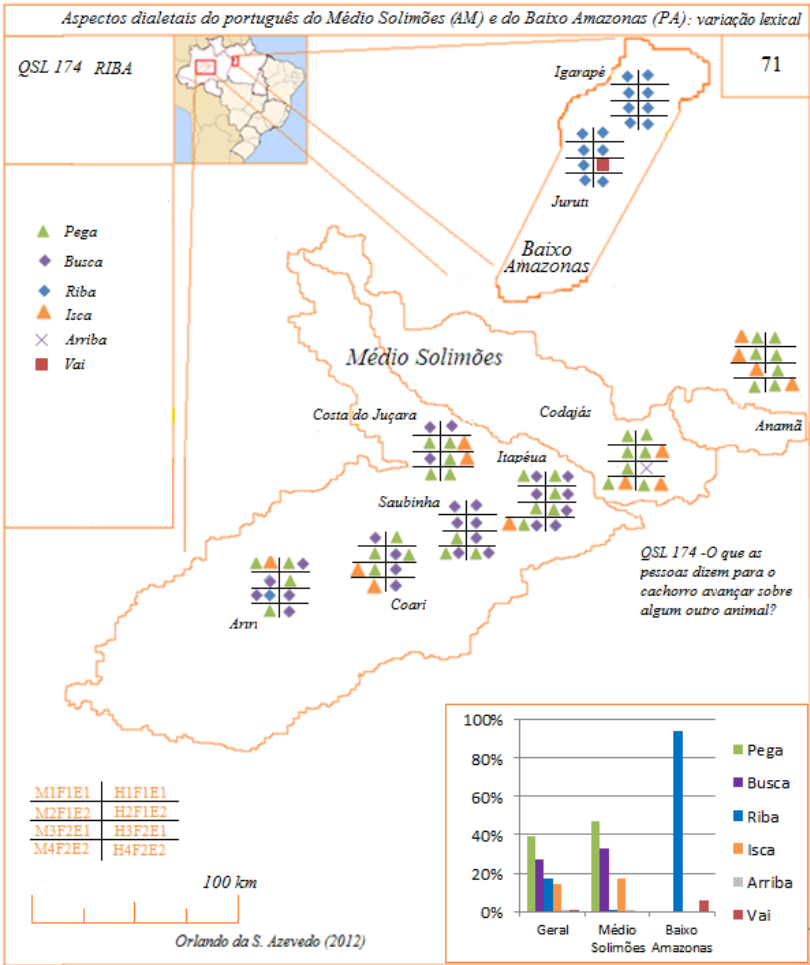
Portanto, encontramos uma variante lexical predominante no Médio Solimões, que foi *umbora*, enquanto no Baixo Amazonas foi o ato de assobiar.



### 6.5.71 Riba

O referente em foco na carta semântico-lexical 71 é a maneira de fazer o cachorro avançar sobre algum animal. Nas duas regiões estudadas, as pessoas disseram *pega!*, *busca!*, *riba!*, *isca!*, *arriba!* e *vai!* Para o cachorro correr, avançar sobre alguma caça. No Baixo Amazonas, o percentual de ocorrência da variante *riba*, amais expressiva, foi em 94% contra 6% de *vai*. No Médio Solimões a mais expressiva foi *pega*

com 47%, por *busca* com 33%, por *riba* com 1%, por *isca* com 17% e por *arriba* com 1%.

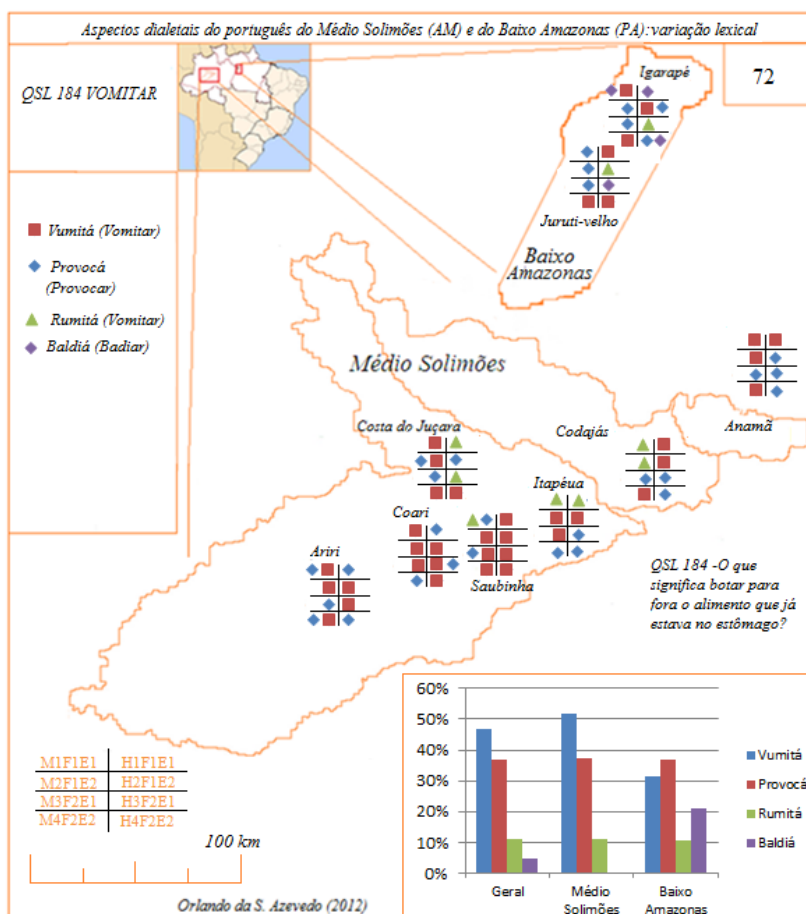


6.5.72 Vomitar

É o ato de colocar o alimento para fora do estômago. Encontramos quatro variantes como *vumitá* (vomitar), *provocá* (provocar), *rumitá* (rumitar) e *baldiá* (baldiar).

Verificando os dados da carta semântico-lexical 72, das dezenove ocorrências no Baixo Amazonas, 37% (sete) foram para *provocá*, 32% (seis ocorrências) foram para *vumitá*, 11% (duas ocorrências) foram para *rumitá*.

No Médio Solimões, computamos sessenta e duas ocorrências, das quais 52% (trinta e duas ocorrências) foram para a variante *vumitá*, 37% (vinte e três ocorrências) foram para a variante *provocá*, 11% (sete ocorrências) foram para a variante *rumitá*. Com exceção de *baldiá*, que foi registrada somente no Baixo Amazonas, as demais variantes seguem a tendência decrescente de predominância do Médio Solimões.





Encarnação (2010), no Atlas Semântico-Lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do litoral norte do Estado de São Paulo, registrou quinze ocorrências e 93,75% de frequência relativa para a variante *vomitar*, que constituiu-se como norma de uso nesses quatro municípios do litoral norte do Estado de São Paulo.

Soares (2012), em o Atlas Semântico-Lexical da Região Norte do Alto Tietê (ReNAT) –São Paulo, registrou ocorrência categórica para variante *vomitar*, pois a pesquisadora incluiu nessa forma as variante *gomitáe vomitá*.

Augusto (2012), em o Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás, registrou duas variantes lexicais, a saber: *vomitar* e *lançar*. Com frequência absoluta de vinte e nove ocorrências e com frequência relativa de 80,56%, o item lexical *vomitar* constituiu-se em norma nos pontos da pesquisa, devido sua alta frequência e distribuição regular. Por último, a variante *lançar* obteve cinco ocorrências e frequência relativa de 13,9%.

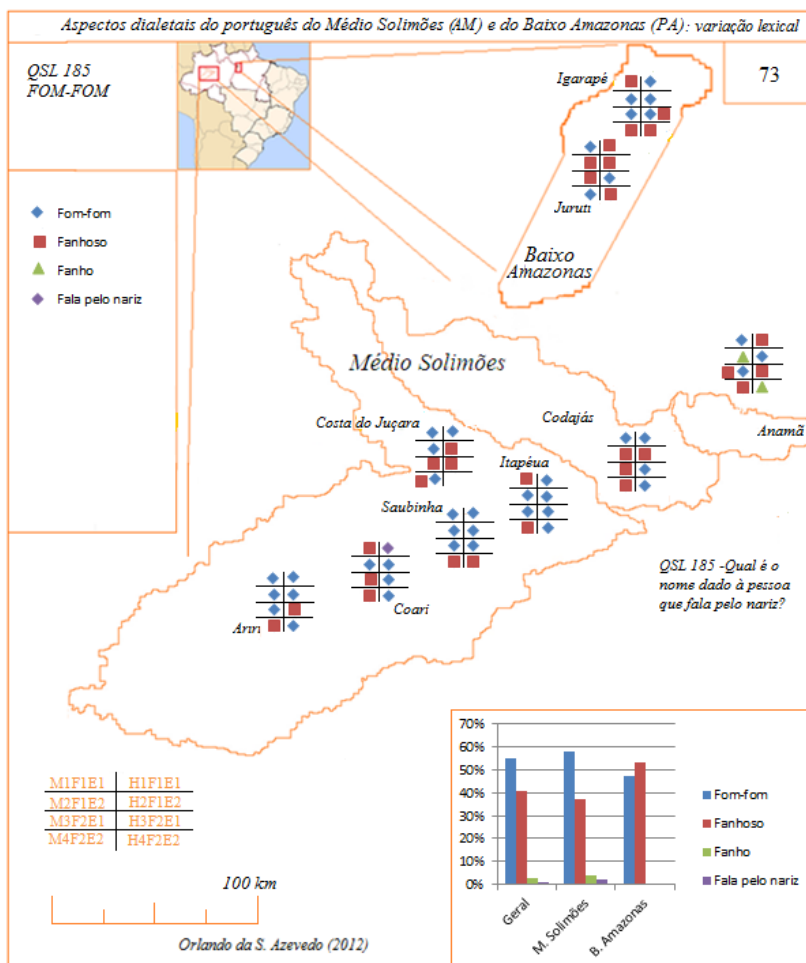
Cristianini (2007) registrou, no Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC, três lexias para o ato de colocar para fora o alimento do estômago: *vomitar*, *golfar* e *ingunhar*. Cristianini (2007) considerou as respostas *gomitá* e *vomitô* como *vomitar*, e para a resposta *ingunhá* como *engunhar*. A variante *vomitar* obteve trinta e quatro e 94,44% de frequência absoluta e relativa, por isso constituiu-se como norma na região do grande ABC. As demais variantes *golfar* e *engunhar*, pouco expressivas, obtiveram frequência absoluta de uma ocorrência e frequência relativa de 2,78% para cada variante.

Nos dados da carta semântico-lexical 227 do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil), a variante *vomitar* constituiu-se como norma nos três estados, que compõem a região Sul do Brasil, registrando mais de 70% de ocorrência em cada um. Além de *vomitar*, que registrou 109 ocorrências, foram registradas as seguintes variantes *estar vomitando* com oitenta e três ocorrências, *vômito* com vinte e uma ocorrências, *gomitar* com vinte e nove ocorrências, *estar gomitando* dezenove ocorrências, *gômito* com uma ocorrência, *lançando* com duas ocorrências e *lançar* com uma ocorrência apenas.

Verificamos, em todos esses atlas, que não houve registro das variantes amazônicas *baldiá*, *provocá* (provocar) e *rumitá* (vomitar).

### 6.5.73 Fom-fom

É a pessoa que fala nasalizando. Na carta semântico-lexical 73, as variantes *fom-fom* e *fanhoso*, as mais incidentes, sucederam com percentuais próximos no geral, respectivamente, com 55% e com 41%.



Por região, *fom-fom* e *fanhoso* obtiveram registros percentuais, respectivamente de 58% e de 37% na região solimoense, enquanto na região jurutiense tais variantes lexicais obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 47% e de 53%. As demais variantes menos

expressivas *fanho* e *fala pelo nariz* ocorreram na região solimoense com percentuais, respectivamente, e 4% e 2%.

Na carta semântico-lexical 29 do *ALAM-Atlas linguístico do Amazonas* (Cruz, 2004), também foram registradas as variantes *fanhosoe fom-fom*. Segundo os dados do *ALAM*, *fanhoso* foi predominante no geral com registro percentual de 45% (vinte e cinco ocorrências), enquanto nesta pesquisa foi *fom-fom* com registro percentual de 55% (quarenta e uma ocorrências).

Na Tabela 119, visualizamos os dados percentuais e a frequência entre a pesquisa de Cruz (2004) e a pesquisa atual.

Tabela 119 Frequência de *Fom-fom*

	ALAM	Médio Solimões	Baixo Amazonas	BA +MS
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	% freq.
Fom-fom	21% 12	58% 33	47% 8	55% 41
Fanhoso	45% 25	37% 21	53% 9	41% 30
Fanho		4% 2		3% 2
Fala pelo nariz		2% 1		1% 1
NDA	34% 19			
Total	100% 56	100% 57	100% 17	100% 74

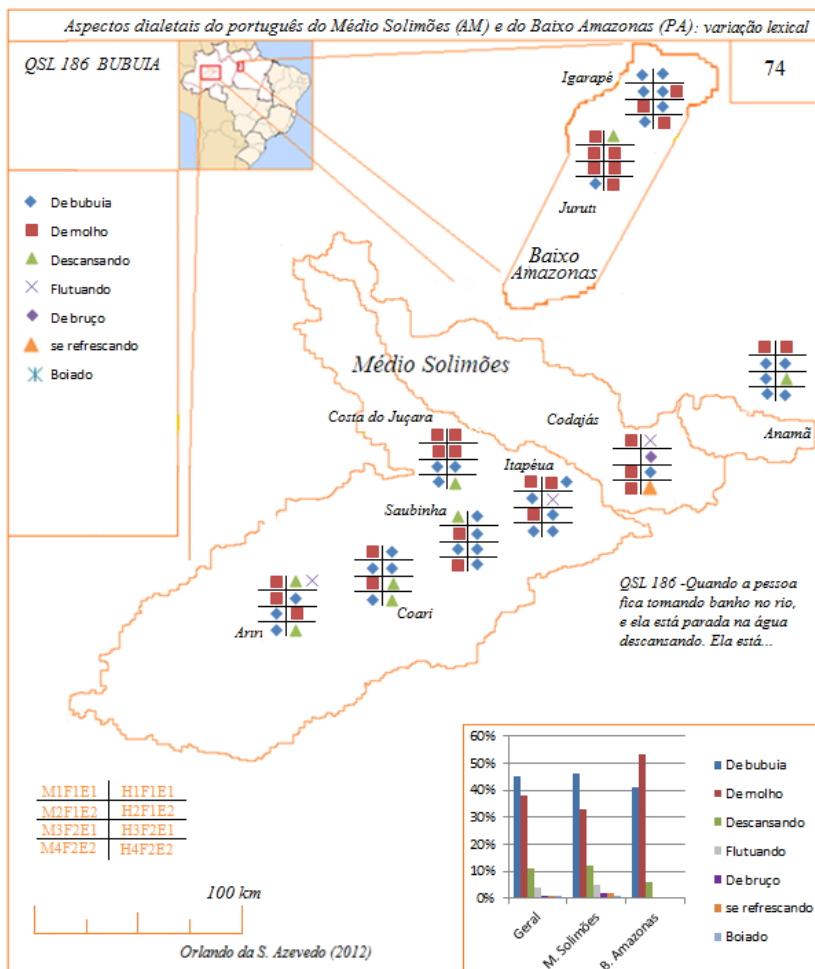
#### 6.5.74 De bubuia

*De bubuia* é o termo referente ao modo como alguém fica nas águas de um rio ou de um lago sem afundar.

Essa terminologia foi escolhida tendo como base a fala do Igarapé do Juruti-velho há 30 anos. Verificando os dados da carta

semântico-lexical 74, os informantes desse Igarapé, ainda, continuam falando *de bubuia*, pois essa variante obteve registro percentual de 67% e foi seguida pela variante *de molho*, que obteve 33%. Na mesma região, desta vez na vila do Juruti-velho, a variante *de molho* foi a mais expressiva, pois obteve um registro percentual de 75%, e foi seguida pelas variantes lexicais *de bubuia* e *de bruço*, que obtiveram percentual igual de 13% cada.

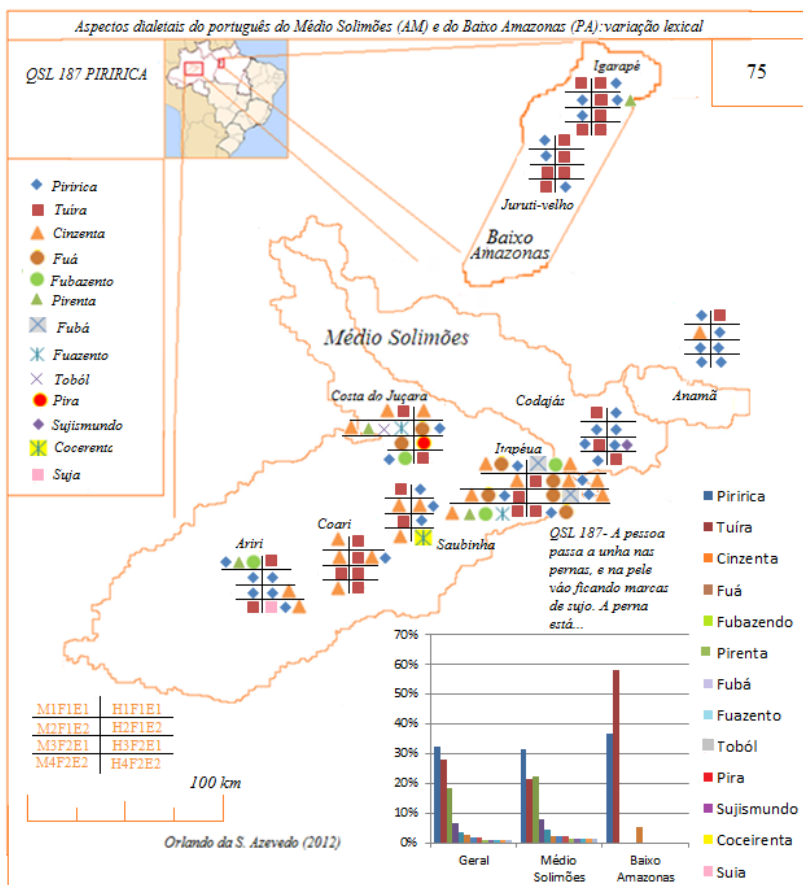
Não houve, portanto, arealização no Baixo Amazonas, pois no cômputo geral a variante mais expressiva foi *de molho* com registro percentual de 53%, que é um valor percentual não tão distante do valor da variante *de bubuia*, que obteve 41%. No cômputo geral incluindo as duas regiões pesquisadas, o resultado mostrou que *de molho* é a mais recorrente com 53% contra o percentual de 41% da variante *de bubuia* e contra o valor percentual de 6% de *descansando*.



Entretanto, contrariando as expectativas, no Médio Solimões, a expressão *de bubuia* foi a mais incidente com 46% seguida por *de molho* com 33%, por *descansando* com 12%, por *de bruço* com 2%, por *se refrescando* com 2%, por *flutuando* com 5% e por *boiado* com apenas 1%. Portanto, no cômputo geral e no cômputo do Médio Solimões predominou a variante lexical *de bubuia*, enquanto no Baixo Amazonas, a variante mais recorrente foi *de molho*. Nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho o uso mais predominante foi da terminologia *de bubuia*, enquanto na vila do Juruti-velho, foi *de molho*.

### 6.5.75 Piririca

Na carta semântico-lexical 75, o termo *piririca* se refere à perna com manchas de sujo, quando se passam as unhas nela.



Duas variantes constituem-se como norma no dialeto jurutiense, a saber: *tuíra* e *piririca*. São termos antigos, captados pelo pesquisador desta tese desde 1980 nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, no Baixo Amazonas.

No Médio Solimões, foram treze entradas lexicais na memória do falante, com destaque para *piririca*, *tuíra* e *cinzenta*, que tiveram alta

frequência e distribuição regular na maioria dos pontos, que compõem essa região geográfica.

Ao visualizarmos o cartograma 75, encontramos treze variantes lexicais, a saber: *piririca*, *tuíra*, *cinzenta*, *fuá*, *fubazento*, *pirenta*, *fubá*, *fuazento*, *toból*, *pira*, *sujismundo*, *cocceirenta* e *suja*. Na vila de Itapéua, alguns informantes fizeram questão de enumerar três ou mais variantes lexicais em seu repertório linguístico para o sujo da perna, ignorando se se tratava de um caso de variante fonética ou não.

Na Tabela 120, disponibilizamos os dados em número absolutos e em números percentuais no cômputo geral e regional.

Tabela 120 Frequência de *Piririca*

	Geral	Médio Solimões	Baixo Amazonas	
Variante	% freq.	% freq.	% freq.	
Piririca	32% 35	31% 28	37%	7
Tuíra	28% 30	21% 19	58%	11
Cinzenta	19% 20	22% 20		
Fuá	6% 7	8% 1		
Fubazento	4% 4	4% 4		
Pirenta	2% 3	2% 2	5% 1	
Fubá	2% 2	2% 2		
Fuazento	2% 2	2% 2		
Toból	1% 1	1% 1		
Pira	1%	1%		

	1	1		
Sujismundo	1%	1%		
	1	1		
Cocceirenta	1%	1%		
	1	1		
Suja	1%	1%		
	1	1		
Total	100%	100%	100%	19
	108	89		

No geral, sobressaíram-se as variantes lexicais *piririca*, *tuírae cinzenta*, com frequência percentual, respectivamente, de 32% (trinta e cinco ocorrências), 28% (trinta ocorrências) e 19% (vinte ocorrências).

No Médio Solimões, as mesmas variantes predominantes no contexto geral, ou seja, *piririca*, *tuíra* e *cinzenta*, obtiveram, respectivamente, percentuais de ocorrência em 31% (vinte e oito ocorrências), 21% (dezenove ocorrências) e 22% (vinte ocorrências).

Por último, no Baixo Amazonas, *piririca* obteve 58% (onze ocorrências), e a variante *piririca* obteve 37% (sete ocorrências), totalizando dezenove ocorrências nessa região.

#### 6.5.76 Considerações finais sobre as variações lexicais

Fizemos a descrição dos léxicos das respostas dadas pelos setenta e dois informantes nos nove pontos de inquérito, que compõem a amostra de nossa pesquisa. A variação ocorreu de forma mais intensa entre a região do Baixo Amazonas e a região do Médio Solimões, caracterizando cada comunidade linguística pela apropriação de léxicos específicos para o mesmo referente.

Na introdução deste trabalho, havíamos questionado se haveria variação lexical entre os pontos de inquérito. Nossa intuição era de que cada ponto apresentaria a mesma unidade lexical dentro de sua respectiva região. Dos setenta e cinco itens lexicais selecionados para compor as cartas, vinte e um ocorreram no Baixo Amazonas de forma categórica, a saber: *pau-de-negro* (carta semântico-lexical 04), *catrapola* (carta semântico-lexical 08), *piaçoca* (carta semântico-lexical 09), *ariramba* (carta semântico-lexical 11), *penca* (carta semântico-lexical 25), *tapagem* (carta semântico-lexical 29), *puxirum* (carta semântico-lexical 30), *chibé* (carta semântico-lexical 31), *garera* (carta



semântico-lexical 32), *caixa* (carta semântico-lexical 34), *bago* (carta semântico-lexical 35), *cuí* (carta semântico-lexical 36), *diesel* (carta semântico-lexical 51), *juquiri* (carta semântico-lexical 54), *araçá* (carta semântico-lexical 58), *banana roxa* (carta semântico-lexical 59), *pajurá* (carta semântico-lexical 60), *cacholeta* (carta semântico-lexical 63), *poronga* (carta semântico-lexical 65), *guerere* (carta semântico-lexical 66) e *cuche* (carta semântico-lexical 67). Por outro lado, no Médio Solimões, apenas dois vocábulos ocorreram de forma categórica, a saber: *jaçanã* (carta semântico-lexical 09) e *fachiá* (carta semântico-lexical 65).

Essa diferença de realizações categóricas mais expressivas no Baixo Amazonas aconteceu porque o Igarapé do Juruti-velho está localizado próximo à vila do Juruti-velho, e esses dois pontos de inquérito pertencem ao território do município de Juruti/PA, que possui uma área de 8.306 km<sup>2</sup>. No Médio Solimões, por sua vez, foram sete os pontos de inquérito escolhidos, sendo cinco localizados no território do município de Coari, que possui uma área de 57.230 km<sup>2</sup>, que somada à área do município de Codajás 20.010 km<sup>2</sup> e a de Anamá 2.755 km<sup>2</sup>, perfazem um total de 79.995 km<sup>2</sup>. Como a área de abrangência desses municípios do Médio Solimões é muito maior do que área do município de Juruti no Baixo Amazonas, a ocorrência de variantes lexicais categóricas foi mais difícil. Porém, entre os vocábulos selecionados ocorreram itens lexicais de forma predominante em cada um dos setes pontos de inquérito nessa região. Por exemplo, foram predominantes os vocábulos *sardinhão* (carta semântico-lexical 01), *piau* (carta semântico-lexical 04), *ticar* (carta semântico-lexical 07), *mergulhão* (carta semântico-lexical 12), *osga* (carta semântico-lexical 14), *bolacha* (carta semântico-lexical 16), *curral* (carta semântico-lexical 23), *estrela d'alva* (carta semântico-lexical 28), *tapagem* (carta semântico-lexical 29), *caroço* (carta semântico-lexical 35), *pó* (carta semântico-lexical 36), *cupim* (carta semântico-lexical 44), *ovo* (carta semântico-lexical 45), *recreio* (carta semântico-lexical 50), *pano-branco* (carta semântico-lexical 52), *catraca* (carta semântico-lexical 53), *malícia* (carta semântico-lexical 54), *vitória-régia* (carta semântico-lexical 44), e *chulipa* (carta semântico-lexical 64).

No Baixo Amazonas, os itens lexicais que ocorreram de forma predominante em cada um dos dois pontos de inquérito foram: *apapá* (carta semântico-lexical 01), *flamengo* (carta semântico-lexical 03), *retalhar* (carta semântico-lexical 06), *catrapola* (carta semântico-lexical 08), *osga*, (carta semântico-lexical 14), *pratinho* (carta semântico-lexical 16), *cecê* (carta semântico-lexical 22), *pari* (carta semântico-lexical 24),

*orvalho* (carta semântico-lexical 27), *tarisca* (carta semântico-lexical 33), *santospé* (carta semântico-lexical 38), *ubri* (carta semântico-lexical 42), *muchila* (carta semântico-lexical 44), *culhão* (carta semântico-lexical 45), *vuadeira* (carta semântico-lexical 46), *lancha* (carta semântico-lexical 48), *empurrador* (carta semântico-lexical 49), *bostela* (carta semântico-lexical 53), *vitória-régia* (carta semântico-lexical 55), *madura* (carta semântico-lexical 56), *chulipa* (carta semântico-lexical 64), *sape* (carta semântico-lexical 68), *assobia* (carta semântico-lexical 70) e *riba* (carta semântico-lexical 71).

Embora, tenha havido algumas divergências quanto à escolha das variantes lexicais, em se tratando de um mesmo referente, entre os pontos de inquérito tanto do Médio Solimões quanto do Baixo Amazonas, no cômputo regional houve destaque para uma mesma variante lexical como sendo a mais expressiva, mantendo, assim, a unidade linguística entre os falantes da região solimoense e entre os falantes da região jurutiense.

Outra questão levantada foi quanto à possibilidade de haver variação lexical entre os diferentes grupos sociais controlados na amostra. Nossa hipótese era de que não haveria variação lexical significativa na correlação com os fatores sociais, pois todos os informantes das comunidades amazônicas supostamente utilizavam o mesmo léxico para o mesmo referente. Concluímos que os resultados mostrados nas sessenta e uma cartas lexicais não permitiram uma análise regular, principalmente, no cômputo regional e geral. As escolhas lexicais pelo informante, ao termos como parâmetro a escolaridade, o gênero/sexo e a faixa etária, na maioria dos léxicos selecionados para compor as cartas, não permitiram uma uniformidade para podermos dizer esta variável social foi a mais influente, aquela foi responsável pela recorrência da variante lexical x. Portanto, podemos dizer que houve variação lexical de acordo com os fatores sociais em alguns dos vocábulos, mas não foi possível a sistematização dos dados segundo esses parâmetros.

Nos parágrafos seguintes, expomos a análise de alguns vocábulos segundo a variável social mais conveniente, porque seria insignificante fazermos uma análise completa envolvendo as três variáveis sociais para um mesmo vocábulo.

Na carta lexical 02, verificamos as variantes do vocábulo *piraíba*. Os resultados mostraram que no Médio Solimões, ao considerarmos as variantes mais expressivas, as mulheres e informantes da escolaridade 1 (de 18 a 30 anos) usaram mais *piraíba*. *Dorado* (dourado) e *Filhote* foram os termos mais usados pelos informantes da

faixa etária 2 (de 50 a 65 anos). No Baixo Amazonas, por sua vez, *dorado* foi mais utilizado pelas mulheres, enquanto *filhote* apareceu mais vezes na fala dos homens.

Analisando a distribuição das variantes lexicais de *piraíba* em cada ponto de inquérito, encontramos as seguintes variantes mais expressivas no Médio Solimões:

Em Ariri, *dorado* (dourado) e *filhote* obtiveram, cada, um registro percentual de 38% (três ocorrências cada). Nessa comunidade, a informante M1E1F1 prefere usar *filhote*, enquanto a M2E2F2 prefere usar *dorado*; a informante M3E1F2 usa *dorado*, e a M4E2F2 usa *piraíba*; o informante H3E1F2 usa *dorado*, e o H4E2F2 usa *galinha d'água*.

Em Coari, *piraíba* foi a mais expressiva com registro percentual de 38% (três ocorrências) e fez parte da linguagem de informantes da escolaridade 2 (acima da 4ª série). Ressaltamos algumas das escolhas pelos informantes dessa cidade. Por exemplo, M1E1F1 usa *filhote*, e M2E2F1 usa *barba chata*; M3E1F2 usa *filhote*, M4E2F2 usa *piraíba*; H1E1F1 opta por falar *galinha d'água*, e H2E2F1 opta por *piraíba*; H3E1F2 prefere falar *piramutaba*, e H4E2F2 prefere *piraíba*.

No Saubinha, *dorado* (dourado) foi a mais recorrente com 38% (três ocorrências) e fez parte da fala dos informantes da faixa etária 1 (de 18 a 30 anos). Houve algumas preferências lexicais por parte dos informantes. Enquanto a informante M3E1F2 respondeu *filhote*, e a M4E2F2 respondeu *piramutaba*. H1E1F1 falou *dorado* (dourado), enquanto H2E2F1, *piraíba*. H3E1F2 falou *filhote*, e H4E2F2, por sua vez, falou *piraíba*.

Na vila de Itapéua, *piraíba* foi a variante mais expressiva com registro percentual de 63% (seis ocorrências) e fez parte do repertório linguístico dos homens e de informantes da faixa 1 (de 18 a 30 anos). A segunda e última variante foi *filhote*, que obteve percentual de ocorrência em 33% (três ocorrências) e fez parte da fala de informantes da faixa etária 2 (de 50 a 65 anos). Aqui computamos nove ocorrências, ao invés de oito, porque o informante H4E2F2 respondeu simultaneamente *filhote* e *piraíba*.

Na Costa do Juçara, *piraíba* e *dorado* (dourado) obtiveram igual percentual de ocorrência, ou seja, cada variante obteve 38% (três ocorrências). Porém, aquela obteve maior incidências na resposta de informantes da faixa etária 1 (de 18 a 30 anos), enquanto esta na faixa etária 2 (de 50 a 65 anos).

Na cidade de Codajás, *piraíba* foi a variante mais recorrente com registro percentual de 63% (cinco ocorrências) e esteve mais presente na linguagem de mulheres.

Na cidade de Anamã, a variante lexical *piraíba* também foi a mais expressiva, desta vez, com registro percentual de 75% (seis ocorrências) e esteve mais presente no repertório linguístico de informantes da faixa etária 1 (de 18 a 30 anos).

No Igarapé do Juruti-velho, a mais expressiva foi *dorado* (dourado) com registro percentual de 56% (cinco ocorrências) e foi mais encontrada na resposta de mulheres. Computamos nove ocorrências nessa localidade, porque o informante H3E1F2 respondeu simultaneamente *piraíba* e *filhote*.

Na vila do Juruti-velho, a variante lexical *filhote* se sobressaiu com registro percentual de 57% (quatro ocorrências). Porém, não foi uniforme ao ponto de dizermos qual foi a variável mais influente. Ao tecermos um paralelo entre as escolhas dos informantes dessa localidade, encontramos: M1E1F1 prefere usar *filhote*, e M2E2F1 *dorado* (dourado); M3 E1F2 prefere usar *filhote*, e M4E2F2 *dorado* (dourado); H1E1F1 escolhe *piraíba*, e H2E2F1 *filhote*; H3E1F2 escolhe *filhote*, e H4E2F2 *piraíba*.

Na carta semântico-lexical 03 tratamos sobre as variantes do vocábulo *flamengo* (uma espécie de aracu amazônico). No Médio Solimões, a variante lexical *aracu* foi a mais recorrente com registro percentual de 28% (dezesseis ocorrências) e foi utilizada nove vezes pelos homens e dez vezes pelas mulheres. No Baixo Amazonas, as variantes mais utilizadas foram *aracue* *flamengo*, que obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 44% (sete ocorrências) e 50% (oito ocorrências). A diferença existente entre essas duas variantes está relacionado à variável faixa etária, pois na faixa etária 1 (de 18 a 30 anos) *flamengo* foi a mais expressiva, enquanto na faixa etária 2 (de 50 a 65 anos) foi *aracu*. Essa mesma tendência foi verificada no Igarapé do Juruti-velho e na vila do Juruti-velho. No Médio Solimões, a variante *piau* foi mais utilizada pelos informantes da faixa etária 2 (de 50 anos a 65 anos) no Médio Solimões. Ainda, nessa região, a variante *aracu* foi mais recorrente na fala de homens. No Saubinha e na Costa do Juçara a variante *piau* esteve mais presente na fala de informantes da faixa etária 2 (de 50 a 65 anos).

Na carta semântico-lexical 66 abordamos as variantes do vocábulo *gueréré*. No Baixo Amazonas o termo *gueréré* foi categórico, e em Anamã o termo *sarapatel* foi predominante com registro percentual de 60%, equivalentes a seis ocorrências do total de dez,

porque a informante M3E1F2 respondeu *picadinho*, *sarapatel* e *guereguéré*. Por isso, essas duas localidades estão foram da análise segundo às variáveis sociais. Descartados a região do Baixo Amazonas e a cidade de Anamá, o problema é juntar os dados para tentar enquadrar em uma variável social. Em Codajás a variante *gueréré* obteve 50% das ocorrências, equivalentes a quatro ocorrências do total de oito, e esteve mais presente nas respostas de mulheres. No cômputo do Médio Solimões, *gueréré* apareceu mais vezes na fala feminina, ou seja, em dez das catorze ocorrências. Em Coari, a variante lexical *guereguéré* obteve registro percentual de 50%, equivalentes a quatro ocorrências do total de oito, e fez parte somente do repertório linguístico de informantes mais escolarizados. Nos demais pontos, a variação lexical ocorreu praticamente em nível individual. Por exemplo: em Ariri, a informante M1E1F1 preferiu falar *gargueré*, e M2E2F1 *farofa*; M3E1F2 preferiu falar *gueréré*, e M4E2F2 *batido*; H1E1F1 optou por falar *gueréré*, e H2E2F1 nunca ouviu falar dessa comida; H3E1F2 e H4E2 F2 optaram por falar, ambos, *sarapatel*. No Saubinha, a informante M1E1F1 respondeu *farofa*, e M2E2F1 *sarapatel*; M3E1F2 *farofa*, e M4E2F2 *gueréré*; H1E1F1 *sarapatel*, e H2E2F1 *guerereré*; a resposta do informante H3E1F2 ficou comprometida, e H4E2F2 respondeu *guereguegué*. Na Costa do Juçara, a resposta da informante M1E1F1 ficou comprometida, e M2E2F1 respondeu *gueréré*; M3E1F2 respondeu *sarapatel*, e M4E2F2 *batido*; H1E1F1 respondeu *gueréré*, e H2E2F1 *sarapatel*; H3E1F2 respondeu *batido*, e H4E2F2 *fígado cozido*. Na vila de Itapéua três mulheres responderam *gueréré*, a única exceção foi a informante M2E2F1, cuja resposta foi comprometida. As respostas dos homens foram todas diferentes das respostas das mulheres e entre as respostas deles, pois H1E1F1 respondeu *sarapatel*, e H2E2F1 *farofa*. O informante H3E1F2 preferiu falar *guerreguerré*, e H4E2F2 *picadinho*. Por último, na cidade de Anamá, as respostas das mulheres foram mais uniformes, à exceção da resposta da informante M3E1F2, que respondeu *gueréu*. As respostas dadas pelos homens foram todas divergentes entre si. Por exemplo: H1E1F1 respondeu *gueleguelé*, e H2E2F1 *gueréré*; H3E1F2 respondeu *sarrabulhado*, e H4E2 F2 *guerrelé*.

Na carta semântico-lexical 69 abordamos as variantes do vocábulo *tuco* (ato de chamar as galinhas para alimentá-las). No Médio Solimões houve cinquenta e três possibilidades de variação lexical para esse referente. Ao considerarmos a variante lexical mais expressiva na região solimoense, das dez ocorrências da variante *tchotcho*, equivalentes a 19%, seis foram dadas pelas mulheres. No Baixo Amazonas, a variante lexical mais expressiva foi *toco* com registro

percentual de 50%, equivalentes a oito ocorrências do total de dezesseis, e esteve mais presente nas respostas também dadas pelas mulheres, sobretudo, das moradoras do Igarapé do Juruti-velho. A variação lexical de acordo com as variáveis sociais não foi uniforme na quantidade de dados por ponto de inquérito. Por exemplo, em Ariri, apenas a variante *tuco* foi uniforme duas vezes e foi encontrada nas respostas dos homens da faixa etária 2 (de 50 a 65 anos). Em Coari ocorreu a variante *tchotcho* quatro vezes, equivalentes a 57% do total de sete, sendo três ocorrências na faixa etária 1 (de 18 a 30 anos). No Saubinha, a variante mais expressiva foi *tchutchu* com registro percentual de 50%, equivalentes a quatro ocorrências apenas limitadas somente ao fator diatópico, pois apenas duas fizeram parte da reposta dos informantes da faixa etária 1 (de 18 a 30 anos), e outras duas da faixa etária 2 (de 50 a 65 anos). Na Costa do Juçara apenas três respostas foram uniformes, trata-se da resposta *titi*, e foram dadas por informantes da faixa etária I (de 18 a 30 ano). No Itapéua e na cidade de Codajás, a variação lexical foi praticamente em nível individual. Já em Anamá houve três resposta regulares dadas pelas mulheres. Trata-se da variante lexical *tchutcu*.

Portanto, esses foram alguns exemplos de variação lexical segundo os parâmetros sociais escolaridade, gênero/sexo e faixa etária. Como descrito nos parágrafos anteriores, comentamos apenas a variável social mais pertinente no processo de variação lexical de alguns vocábulos, que geraram cartas lexicais. Por falta de um quantitativo mais uniforme nas respostas dadas pelos informantes dos nove pontos de inquérito, ao considerarmos as variáveis escolaridade, gênero/sexo e faixa etária, não nos aprofundamos nesse tipo de análise. Por essas razões, concluímos que a quantidade de dados uniformes foi mais expressiva segundo o fator diatópico.

Nossa última questão era saber se os falantes das áreas em estudo tinham a percepção de que falavam de um modo diferente em comparação a outras localidades da Região Amazônica, ou do Brasil. Esperávamos que os falantes interioranos não eram acostumados a caracterizar o modo como falavam, nem percebiam diferenças significativas entre seu modo de falar e o modo de falar dos que vinham de fora, uma vez que as redes sociais e os contatos costumavam acontecer, predominantemente, com pessoas da mesma região dialetal.

Quando a questão foi levantada, os informantes do Médio Solimões responderam que era a mesma coisa, ou seja, não havia diferença entre a fala deles se estivessem em Ariri, Saubinha, Costa do Juçara, Itapéua, Coari, Codajás, etc., da mesma forma procederam os falantes dos dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas. Percebemos

que os informantes por alguma razão não se esforçaram para tecer maiores comentários sobre essa questão, porque as respostas dadas por eles eram, geralmente, “não!”

Entretanto, ao nos basearmos nas respostas do questionário fonético-fonológico, observamos que em São João do Ariri, por ser uma comunidade adventista, os moradores utilizavam uma linguagem mais controlada. O mesmo foi visto na vila de Itapéua, porque o grau de instrução dos moradores dessa localidade, aparentemente, parecia mais elevado em comparação com outros pontos de inquérito, uma vez que havia uma escola oferecendo curso de ensino médio lá. Já na comunidade Saubinha, onde foi difícil encontrar informantes mais escolarizados, a Costa do Juçara, a cidade de Coari, apresentaram uma linguagem mais despreocupada. Em Anamã e em Codajás houve controle na fala por parte de alguns informantes tanto de menos escolarizados, quanto de mais escolarizados. Em se tratando dos dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas, Igarapé do Juruti-velho e vila do Juruti-velho, os moradores dessas duas localidades pronunciaram as vogais médias pretônicas /e/ e /o/, como visto anteriormente, mais fechadas, ou seja, como [e] e [o], que são utilizadas, geralmente, por informantes com grau de escolaridade mais elevado. Porém, lá aconteceu de maneira mais natural nos três segmentos sociais: escolaridade, gênero/sexo e faixa etária.

Outro aspecto linguístico relevante foi detectado na fala do inquiridor por alguns informantes do Médio Solimões. Afirmaram que o entrevistador era paraense. De fato, ele é paraense. Perguntamos como descobriram, e eles responderam pela maneira de falar. Um dos aspectos linguísticos que eles consideraram foi a pronúncia mais enfática do “nh” do pesquisador, enquanto tal pronúncia na fala dos informantes do Médio Solimões é mais fraca ou é apagada. Esse apagamento do “nh” foi constatado na transcrição grafemática das respostas dos informantes no questionário semântico lexical. Por exemplo, no vocábulo “*espinhel*” e “*linha*”, a transcrição fonética foi, respectivamente, [iʃ.pĩ.ew] e [l'ĩ.ɐ]. Essa pronúncia era herdada por alguns moradores do Igarapé do Juruti-velho/PA e pelos moradores da cidade de Parintins/AM quando retornavam de suas viagens feitas a Manaus. Os conterrâneos costumavam dizer o seguinte: “fulano tá párrulo! Tá prosa! Tá falando fino!





## CONCLUSÕES

Escolhemos a região do Baixo Amazonas/PA (representada pelas comunidades do Igarapé do Juruti-velho e pela vila do Juruti-velho) e a região geográfica do Médio Solimões/AM (representada pelas cidades Coari, Codajás, Anamá, pelas comunidades Saubinha, Ariri, pela vila Itapéua e pelas comunidades da Costa do Juçara) para o estudo das variantes fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e de um conjunto de variantes lexicais, que representam o regionalismo amazônico. Após realizarmos muitas viagens aos nove pontos de inquérito, ora baixando o rio Amazonas, ora subindo o rio Solimões, conseguimos a obtenção dos dados em gravadores de voz digitais. O objetivo de nossa pesquisa foi descrever e analisar os fenômenos fonético-fonológicos envolvendo as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e as variantes lexicais, comparando os dados obtidos entre as regiões solimoense e jurutiense.

A pesquisa foi tomando forma à medida que aperfeiçoamos, principalmente, o questionário semântico-lexical com a inclusão de fotos tiradas durante nossa ida a campo. Apesar de haver muitos problemas de logística, conseguimos finalizar a aplicação dos questionários fonético-fonológico –QFF e semântico-lexical –QSL e também as transcrições fonéticas e grafemáticas, que exigiram muita dedicação e muito tempo de trabalho para concluí-las.

A configuração atual do falar nortista, tendo como parâmetro as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, está longe daquela hipotetizado por Antenor de Nascente (1953), a de que o falar amazônico é caracterizado pelo uso de vogais médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ]. Na verdade, o uso dessas vogais se limita a alguns vocábulos, porque no Baixo Amazonas, no Estado do Pará, predominam variantes fechadas [e] e [o]. Se fôssemos computar os dados de todas as pesquisas realizadas no Estado do Pará e do Amazonas, os maiores estados da região Norte em dimensão territorial e em número de habitantes, haveria uma predominância relativa em favor das variantes médias altas [e] e [o]. Em Manaus, que concentra metade da população do Estado do Amazonas, predominam as variantes fechadas, conforme pesquisa de Quara (2011). Nas principais cidades do Estado do Amazonas, as quais conseguimos computar os dados do ALAM, ou seja, Parintins, Itacoatiara, Manacapuru e Tefé, predominam de forma expressiva as variantes médias altas [e] e [o].

Em nossa pesquisa encontramos vocábulos, nos quais predominam variantes médias baixas [ɛ] e [ɔ], médias altas [e] e [o] e altas [i] e [u]. Dessa forma, não é possível mais generalizar os dados.

Se quiséssemos caracterizar o falar do Estado do Amazonas com apenas uma dessas variantes pretônicas, bastava-nos escolher somente vocábulos, nos quais tal fenômeno seria mais provável encontrá-lo. Mesmo assim, sua ocorrência não seria categórica.

Em nossa pesquisa, os fenômenos vocálicos da manutenção, do alteamento e do abaixamento ocorreram também nos mesmos contextos elencados na hipótese deste trabalho aos nos referirmos aos dados de Cunha e Silva (1980) e de Azevedo (2001).

Comparando os dados de nossa pesquisa sobre as pretônicas /e/ e /o/ com os dados da pesquisa de Bisol (1981) na fala gaúcha, o alteamento ocorreu apenas em alguns contextos. Portanto, a aplicação da regra do alteamento na fala gaúcha não se aplica à fala solimoense e jurutiense na maioria dos casos. Embora, não tenhamos incluindo os vocábulos *melhor* e *sonhar* em nosso questionário fonético, dificilmente ouviríamos um caboclo produzir [mi.'ʎɔ] e [su.'ja]. O mais provável seria ouvirmos as produções [mɛ.'ʎɔ] e [so.'ja].

Nossa vontade era fazer uma pesquisa que envolvesse todas as seis cidades principais da região geográfica do Médio Solimões, o que incluiria as cidades de Anori, Beruri e Caapiranga. Devido aos gastos com a logística e ao pouco tempo disponível, não foi possível cumprir esse desejo. Tal incumbência fica para uma próxima pesquisa, quem sabe de nossa parte ou por parte de outros novos pesquisadores, que poderão estudar as mesmas variantes fonéticas e lexicais, ou outras não incluídas em nosso trabalho. Para um novo estudo sobre o português amazônico, seria necessário ampliar o número de vocábulos para melhor caracterização das variantes pretônicas.

Nossas hipóteses sobre as ocorrências de variantes das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ se confirmaram, pois a região do Baixo Amazonas, no Estado do Pará, apresenta predominantemente vogais médias pretônicas altas [e] e [o], fato também documentado em outras microrregiões paraenses, enquanto a região do Médio Solimões, no Estado do Amazonas, apresenta uma sequência tríplex [ɛ]~[i]~[e] para as vogais pretônicas anteriores e outra sequência tríplex [ɔ]~[u]~[o] para as vogais pretônicas posteriores.

Também em relação às variantes lexicais estudadas, a região do Baixo Amazonas é uma comunidade linguisticamente diferente da comunidade linguística do Médio Solimões. Isso ficou configurado na

apropriação de variantes lexicais específicas nas duas comunidades jurutienses, das quais tivemos como parâmetro as comunidades do Igarapé do Juruti-velho, mesmo tendo apresentado algumas mudanças em seu repertório linguístico de 1980 para cá.

Certamente o fator diatópico foi o mais significativo, tanto nas realizações das vogais médias pretônicas, quanto nas variações lexicais, pois as diferenças linguísticas entre as duas regiões amazônicas foi mais contundente no que diz respeito a essa variável.

A sucessão de respostas do QFF dada pelos informantes pode ter favorecido o controle no momento da prolação. Porém, os resultados das vogais médias pretônicas do Baixo Amazonas confirmam a predominância das variantes médias altas [e] e [o], as mesmas documentadas em outras pesquisas paraenses já concluídas. Da mesma forma, por mais que se admita que tenha havido pequeno controle das respostas dadas pelos informantes do Médio Solimões, os resultados mostram a tendência de predominância de vogais pretônicas anteriores [i], [e] e [ɛ] e de vogais pretônicas posteriores [u], [o] e [ɔ].

As movimentações da língua no eixo vertical produziram as vogais [a], [ɛ], [e], [ẽ], [i] e [ĩ], que são as realizações variantes da vogal média pretônica anterior /e/; enquanto nas realizações da vogal média pretônica posterior /o/, as movimentações produziram as variantes [a], [ã], [ɔ], [o], [õ], [u] e [ũ]. No eixo horizontal, as ocorrências foram raras, por exemplo, o /e/ pretônico se realizou como [o] uma única vez e como [u] dezesseis vezes; já o /o/ pretônico se realizou como [i] quatro vezes (uma em Ariri, uma no Saubinha, e duas em cada uma das localidades do Baixo Amazonas) no vocábulo *hospital*, que alguns informantes pronunciaram [iʃ.pi.'taw] por assimilação entre a pretônica contígua [i] e a pretônica não contígua [e], que sofreu alteamento.

No geral, incluindo os dados das duas regiões amazônicas, computamos 4.752 ocorrências do /e/ pretônico. Desse total de ocorrências de /e/, 34%, equivalentes a 1.623, foram realizações em [ɛ], 31%, equivalentes a 1.450, foram realizações em [e] e 24%, equivalentes a 1.149, foram realizações em [i]. Ao ignorarmos o contexto e a realidade linguística de cada região, onde ocorrem as variantes pretônicas de /e/, diríamos que, no cômputo geral, predominou a variante média baixa [ɛ].

Entretanto, no cômputo regional, em se tratando do Baixo Amazonas, a variante [e] foi a mais expressiva e obteve registro percentual de 41%, equivalentes a 428 ocorrências do total de 1.056,

enquanto no Médio Solimões a mais expressiva foi [ɛ] com registro percentual de 37%, equivalente a 1.361 ocorrências do total de 3.696. Convém lembrarmos que na região do Médio Solimões (AM) foram entrevistados cinquenta e seis informantes em sete localidades, ao passo que na região do Baixo Amazonas (PA) foram entrevistados dezesseis informantes em duas localidades.

Das 1.056 ocorrências da vogal pretônica /e/ no Baixo Amazonas, incidiram de forma menos expressivas as variantes [ɛ] e [i], com registros percentuais, respectivamente, de 25%, equivalentes a 262 ocorrências, e de 24%, equivalentes 249 ocorrências.

Das 3.696 ocorrências de /e/ no cômputo do Médio Solimões, as variantes [e] e [i] foram expressivas, embora em menor percentual que a variante [ɛ], obtendo registros percentuais, respectivamente, de 28%, equivalentes a 1.361 ocorrências, e de 24%, equivalente a 900 ocorrências.

No que diz respeito às realizações mais expressivas da pretônica posterior /o/, que totalizaram no geral 3.672 ocorrências, a variante média alta [o] obteve registro percentual de 31%, equivalentes a 1.138, a variante [u] obteve registro percentual de 26%, equivalentes a 969, e a variante [ɔ] obteve 25%, equivalentes a 932.

No âmbito regional, verificamos que no Baixo Amazonas, as variantes mais expressivas foram [o], [u] e [ɔ] com registros percentuais, respectivamente, de 41%, equivalentes a 333 ocorrências, de 21%, equivalentes a 171 ocorrências, e de 20%, equivalentes a 167 ocorrências do total de 816 realizações do /o/ nessa região. Por outro lado, no Médio Solimões, essas variantes incidiram tanto em números absolutos quanto em números percentuais muito próximos. Por exemplo, a variante [o] obteve registro percentual de 28%, equivalentes a 805 ocorrências, e a variante [u] também obteve registro percentual de 28%, diferenciando-se daquela em números absolutos por apenas sete ocorrências. Não muito distante do número percentual de [o] e de [u], a variante [ɔ] obteve registro percentual de 27%, equivalentes a 765 ocorrências do total de 2.856 das realizações de /o/ no Médio Solimões. Uma das razões para esses resultados serem próximos foi a existência de vocábulos, onde vogais médias pretônicas baixas [ɛ, ɔ], vogais médias pretônicas altas [e, o] e vogais pretônicas altas [i, u] predominaram de forma categórica ou quase categórica. Tomemos, por exemplo, para as realizações do /o/ pretônico de forma quase categórica ou categórica: o vocábulo *hospital*, com a pronúncia da vogal pretônica mais aberta [ɔ] e

transcrito como [ɔ̃.pi.'taw]; o vocábulo *professor* com pronúncia da vogal pretônica fechada [o] e transcrito como [pro.fe.'soh]; o vocábulo *gasolina* com a presença da variante alta [u] e transcrito como [ga.zu.'ti.nɐ̃]. Exemplificando, ainda, desta vez para as realizações do /e/ pretônico de forma quase categórica ou categórica: o vocábulo *melancia* com pronúncia aberta [ɛ] e transcrito como [mɛlã.'si.ɐ̃]; o vocábulo *bebedouro* com pronúncia fechada [e] e transcrito como [be.be.'do.ru]; o vocábulo *seringueira* pronunciado com a variante alta [i] e transcrito como [si.ɾi.'ge.rɐ̃].

Constatamos também que as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ possuem realizações predominantes por contexto intralinguístico. Diante disso, podemos afirmar que no Baixo Amazonas predominaram as variantes [e] e [o] na maioria dos contextos analisados com registros percentuais de 53% cada, caracterizando, pois, o fenômeno da manutenção dessas variantes médias altas nessa região paraense. Por outro lado, podemos afirmar também que no Médio Solimões predominaram as variantes [ɛ] e [ɔ] na maioria dos contextos com registros percentuais, respectivamente, de 42% e de 35%, caracterizando, assim, o fenômeno do abaixamento vocálico de /e/ e de /o/.

Em uma análise mais minuciosa (envolvendo contiguidade e não contiguidade à vogal tônica, o contexto precedente e seguinte), o /e/ se realizou no Baixo Amazonas, predominantemente, como:

a. [i] em nove contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [a], [ĩ] e [õ];

Por não contiguidade à vogal tônica: [ɛ], [e] e [ẽ];

No contexto precedente: vazio;

No contexto seguinte: arquifonema /S/ e [a].

Nesses contextos houve apenas um caso de alteamento de /e/ em sua realização como [i] por harmonia vocálica, ou seja, por assimilação dos traços da vogal tônica [ĩ] pela pretônica contígua [i].

Observamos que o alteamento também foi favorecido no início de vocábulo e seguido de /S/ e seguido por vogal baixa central [a] formadora de hiato. Os demais contextos não eram propícios ao alteamento, mesmo assim sucedeu tal fenômeno.

b. [e] 20 contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [ã], [e], [ẽ], [i], [o], [u] e [ũ];

Por não contiguidade à vogal tônica: [a], [ã], [o] e [ũ];

No contexto precedente: bilabial, labiodental, velar e coronal;

No contexto seguinte: bilabial, coronal, glotal, [ã] e [j].

A manutenção de /e/ em sua realização fonética como [e] aconteceu por harmonia vocálica na posição contígua às vogais tônicas [ẽ], [e] e [o], e na posição não contígua à vogal tônica [o].

Os contextos [ã], [i], [u], [ũ] e [j], embora não favorecedores para a manutenção, o fenômeno ocorreu mesmo assim.

O contexto precedente envolvendo bilabial, labiodental, velar e coronal foi propenso à manutenção, assim como o contexto envolvendo a bilabial seguinte, coronal seguinte e a glotal seguinte foi.

c. [ɛ] em oito contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [ɔ];

Por não contiguidade à vogal tônica: [i], [ɔ] e [õ];

No contexto precedente: alveolopalatal e glotal;

No contexto seguinte: labiodental e velar.

O fenômeno do abaixamento de /e/, em sua realização como [ɛ], ocorreu por harmonia vocálica na posição contígua à vogal tônica [ɔ] e na posição não contígua à vogal tônica [ɔ].

d. Como [ĩ] em um contexto apenas:

No contexto seguinte: palatal.

A altura da vogal tônica [ĩ] influenciou na palatalização do /n/ como [ɲ], que, por sua vez, influenciou a nasalização e a elevação da pretônica /e/ como [ĩ].

No Médio Solimões, o /e/ se realizou predominantemente como:

a. [i] em treze contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [a], [i], [ĩ], [õ] e [ũ];

Por não contiguidade à vogal tônica: [ɛ], [e], [ẽ] e [ũ];

No contexto precedente: vazio e labiodental;

No contexto seguinte: arquifonema /S/ e [a].

O alteamento de /e/ em sua realização como [i] foi favorecido pela presença das vogais tônicas altas [i], [ĩ] e [ũ] na posição contígua e na posição não contígua pela presença da vogal tônica [ũ].

No contexto inicial de vocábulo e seguido de /S/ o alteamento foi bastante expressivo, confirmando a tendência encontrada em outras pesquisas.

O mesmo se pode dizer diante da vogal baixa [a], constituinte de hiato. Porém a variante pretônica alta [i] é oposto da tônica baixa [a]. Portanto, o mais provável é que a consoante labiodental /v/, menos baixa e mais próxima da altura do /e/, tenha influenciado esse alteamento, resultando num processo de desassimilação entre as duas vogais.

b. [e] em nove contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [e] e [o];

Por não contiguidade à vogal tônica: [o];

No contexto precedente: velar;

No contexto seguinte: bilabial, labiodental, velar, [ã] e [e].

A manutenção da variante média alta [e] aconteceu por assimilação dos traços da vogal tônica [e] e [o] na posição contígua e pelos traços da vogal tônica [o] na posição não contígua.

c. [ɛ] em dezesseis contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [ã], [ẽ], [ɔ] e [u]

Por não contiguidade à vogal tônica: [a], [ã], [i], [ɔ] e [õ];

No contexto precedente: bilabial, alveolopalatal, coronal e glotal;

No contexto seguinte: coronal, palatal e glotal.

Os casos envolvendo abaixamento da vogal /e/ em sua realização como [ɛ] ocorreu por harmonia vocálica apenas entre vogais não homorgânicas, ou seja, entre [ɛ] e [ɔ] na posição contígua e não contígua.

Apesar de a influência da tônica ser mais forte sobre a pretônica, quando esta é contígua àquela, a não contiguidade à vogal tônica foi mais favorável ao abaixamento de /e/ em sua realização como [ɛ] pela presença ou não de vogais baixas próximas. Isso refuta a posição de Camara Jr. (2002) de que somente a contiguidade à tônica exerce influência e reforça a tese de Bisol (1981) de que a pretônica assimila os traços fonéticos da vogal da sílaba seguinte, independente se for tônica ou se não for.

Em relação às realizações predominantes de /o/ no Baixo Amazonas, a variante [u] predominou em oito contextos, o [o] em dezenove, o [ɔ] em seis e o [õ] apenas em dois. Portanto, o /o/ se realizou, predominantemente, no Baixo Amazonas como:

a. [u] em nove contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [ɛ], [i] e [u];

Por não contiguidade à vogal tônica: [ĩ];

No contexto seguinte: alveolopalatal, palatal, /S/ e [a].

O alteamento de /o/, em sua realização como [u], aconteceu em harmonia com [i] e com [u] na posição contígua e com [ĩ] na posição não contígua.

b. [o] em dezenove contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [ã], [e], [ẽ], [i] e [õ];

Por não contiguidade à vogal tônica: [ɛ], [e] e [o];

No contexto precedente: vazio, bilabial, labiodental, velar e coronal;

No contexto seguinte: velar, coronal, glotal, [a], [ã] e [ja].

A manutenção da variante média alta [o] foi por harmonia vocálica com [e], [ẽ] e [õ] na posição contígua e na não contígua foi por harmonia com [e] e com [o].

Portanto, os contextos linguísticos favoráveis à abertura e favoráveis ao alteamento foram insignificantes na região do Baixo Amazonas.

c. [ɔ] em seis contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [a];

Por não contiguidade à vogal tônica: [a] e [ã];

No contexto precedente: alveolopalatal e glotal;

No contexto seguinte: labiodental.

O abaixamento de /o/, em sua realização como [ɔ], não ocorreu em nenhum contexto por harmonia vocálica, mas pelo traço mais aberto da vogal tônica baixa oral [a] e nasal [ã] e outros contextos consonânticos.

d. [õ] em dois contextos:

Por não contiguidade à vogal tônica: [ɔ];

No contexto seguinte: bilabial.

A manutenção da variante média alta nasal [õ] foi influenciada, sobretudo, pela presença de consoante bilabial nasal.

Na região do Médio Solimões, por sua vez, a variante alta [u] predominou em dez contextos, a variante [o] em onze, a variante [ɔ] em doze e a variante [õ] em dois contextos apenas. Especificando os contextos, temos as realizações de /o/ como:



a. [u] em 10 contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [ɛ], [i], [ĩ] e [u];

No contexto precedente: bilabial e labiodental;

No contexto seguinte: alveolopalatal, palatal, /S/ e [e].

O alteamento de /o/, em sua realização como [u], foi por harmonia vocálica com as vogais tônicas [i], [ĩ] e [u] somente na posição contígua.

b. [o] em onze contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [e];

Por não contiguidade à vogal tônica: [ɛ], [e], [i] e [o];

No contexto precedente: vazio e coronal;

No contexto seguinte: coronal, glotal, [a] e [ã].

A manutenção da variante média alta [o] aconteceu por harmonia vocálica com a tônica [e] na posição contígua e com as tônicas [e] e [o] na posição não contígua.

c. [ɔ] em doze contextos:

Por contiguidade à vogal tônica: [a], [ã], [ẽ] e [õ];

Por não contiguidade à vogal tônica: [a] e [ã];

No contexto precedente: velar, alveolopalatal e glotal;

No contexto seguinte: labiodental, velar e [ja].

Nenhum abaixamento de /o/ em sua realização como [ɔ] sucedeu por harmonia vocálica, mas pela presença de vogais baixas orais e nasais, médias altas nasais e outros sons consonânticos adjacentes.

d. [õ] em dois contextos:

Por não contiguidade à tônica: [ɔ];

No contexto seguinte: bilabial.

A manutenção da variante média alta nasal [õ] foi favorecida pela presença de consoante bilabial nasal.

### **O fator diatópico nas realizações de /e/**

Nos dois pontos do Baixo Amazonas, a variante média alta [e] foi mais expressiva, sendo seguida por [ĩ] e [ɛ] no Igarapé do Juruti-velho, e por [ɛ] e [i] na vila do Juruti-velho. Das duas localidades do Baixo

Amazonas, o percentual de ocorrência da variante média alta [e] foi maior na vila do Juruti-velho, onde tal variante obteve registro percentual de 46%, enquanto no Igarapé do Juruti-velho o [e] obteve 35%.

Por outro lado, temos os seguintes percentuais para a variante mais expressiva [ɛ], nos sete pontos do Médio Solimões, a saber: em Ariri o registro percentual foi de 34%; em Coari foi de 39%, no Saubinha foi de 37%, no Itapéua foi de 38%, na Costa do Juçara foi de 38%, em Codajás foi de 36% e em Anamá foi de 36%. Dos sete pontos do Médio Solimões, Coari obteve a maior incidência em relação ao percentual de abertura do /e/ pretônico em sua realização como [ɛ].

### **O fator gênero/sexo nas realizações de /e/**

No cômputo geral, as mulheres usam mais a variante média alta [e], que foi seguida da variante aberta [ɛ] com percentuais de ocorrência em 35% para aquela e em 33% para esta. Nesse parâmetro, ainda, o /e/ se realizou como [i] obtendo registro percentual de 21%, como [ẽ] obtendo 6% e como [ĩ] obtendo 1% e como [a] e [u] obtendo 0% cada. As perguntas não feitas, variação lexical e perguntas não respondidas pelos informantes totalizaram 3% nesse parâmetro.

No geral, os homens preferem a variante média baixa [ɛ], que obteve registro percentual de 35%, que foi seguida por [i] com 27%, por [e] com 25%, por [ẽ] com 7%, por [ĩ] e por [a] com 1% cada, por [u] e por [o] com 0% cada e 4% equivalem a nenhuma das respostas anteriores (incluindo perguntas não feitas, variação lexical e perguntas não respondidas pelos informantes). Dessa forma, segundo o parâmetro gênero, no feminino se sobressaiu a variante média alta [e], e no masculino destacamos a variante média baixa [ɛ].

No Baixo Amazonas, a variante média alta [e] foi predominante nos dois gêneros, obtendo registro percentual de 46% para o feminino e de 35% para o masculino. Segundo esses dados, embora se mantenha a mesma variante predominante, o feminino preza mais por essa variante em mais de 10%. As demais variantes [ɛ], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u], [u] e NDA, obtiveram registros percentuais no feminino, respectivamente, de 22%, de 21%, de 7%, de 1%, de 1%, de 0%, de 0% e de 3%, enquanto no masculino tal sequência vocálica obteve, respectivamente, 28%, 27%, 6%, 1%, 0%, 0%, 0% e 3%.

No Médio Solimões, a variante média baixa [ɛ] foi a mais incidente nos dois gêneros com percentuais de ocorrência em 36% para o feminino e em 38% para o masculino. Embora se tenha mantido a mesma variante, o masculino preza mais pela abertura de /o/. Quanto às demais variantes [e], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u], [u] e NDA incidiram com percentuais respectivos de 32%, de 22%, de 6%, de 1%, de 0%, de 0%, de 0% e de 3% em se tratando do gênero feminino, enquanto a mesma sequência vocálica obteve, respectivamente, no masculino, 22%, 27%, 7%, 1%, 1%, 0%, 0% e 5%.

### **O fator escolaridade nas realizações de /e/**

No contexto geral, envolvendo as duas regiões estudadas, o /e/, segundo o parâmetro escolaridade 1 (até a 4ª série), se realizou como [ɛ] em 34%, como [i] em 27% e como [e] em 27%. No parâmetro escolaridade 2 (acima da 4ª série), as variantes [e] e [ɛ] estão praticamente empatadas com percentuais de ocorrência em 34%, diferenciando-se apenas quanto à frequência, sendo 816 para [e] e em 812 para [ɛ]. A variante alta [i] na escolaridade 2 (acima da 4ª série) ocorreu 21% das vezes. Por sua vez, a variante nasalizada [ẽ] ocorreu 6% em ambas as escolaridades. Por último, as demais variantes pouco expressivas [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram na escolaridade 1 (até a 4ª série) percentuais de ocorrência, respectivamente, em 1%, em 1%, em 0% e em 0%, enquanto tal sequência contendo vogais pretônicas obteve percentual de ocorrência na escolaridade 2 em 1%, em 0%, em 0%, e em 0%. Devemos lembrar, no entanto, que a pesquisa inclui uma gama maior de dados no Médio Solimões do que na região do Baixo Amazonas.

No Baixo Amazonas prevaleceu a variante [e] nos dois parâmetros, sendo mais expressiva na escolaridade 2 (acima da 4ª série) com percentual de ocorrência em 42%, enquanto na escolaridade 1 (até a 4ª série) o percentual de ocorrência foi de 39%. Merecem destaque ainda as variantes [ɛ] e [i], que obtiveram percentuais de ocorrência iguais em 25% cada na escolaridade 1 (até a 4ª série), enquanto na escolaridade 2 (acima da 4ª série) obtiveram 25% para aquela e 22% para esta. As demais variantes pouco expressivas foram [ẽ], que ocorreu em 6% na escolaridade 1 (até a 4ª série) e 7% na escolaridade 2 (acima da 4ª

série), [i], [a], [u] e [o] com os valores arredondados pelos *Excel* obtiveram 0% cada em ambas escolaridades.

No Médio Solimões, a variante [ɛ] obteve o mesmo percentual de ocorrência em ambas as escolaridades, isto é, 37%, diferenciando-se apenas quanto à frequência, sendo que na escolaridade 1 (até a 4ª série) foi de 679 e 682 na escolaridade 2 (acima da 4ª série). As demais variantes [e], [i], [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram na escolaridade 1 os percentuais, respectivamente, de 23%, de 27%, de 5%, de 1%, de 1%, de 1% e de 0%, enquanto na escolaridade 2 tal sequência de realizações pretônicas obteve 32%, 21%, 6%, 1%, 0%, 0% e 0%. O fator escolaridade 2 (acima da 4ª. série) foi insignificante, pois os informantes com estudo mais avançado pronunciaram a variante aberta [ɛ], contrariamente à variante fechada [e], a que era esperada como sendo a mais expressiva para esse parâmetro.

### **O fator faixa etária nas realizações de /e/**

Do cômputo geral de 4.752 ocorrências, o /e/, segundo o parâmetro faixa etária1 (de 18 a 30 anos), realizou-se como [ɛ] com registro percentual de 34%, como [e] com 32%, como [i] com 24%, como [ẽ] com 6%, como [ĩ] com 1% e como [a], [u] e [o] com 0% cada. Na faixa etária 2 (de 50 a 65 anos), a sequência percentual decrescente, da mais expressiva para a menos expressiva, foi a seguinte: a variante [ɛ] obteve 35%, o [e] obteve 29%, o [i] obteve 25%, o [ẽ] obteve 6%, o [ĩ] e o [a] obtiveram 2% cada e as demais variantes menos expressivas [u] e [o] obtiveram 0% cada. Portanto, o percentual de abertura da pretônica /e/ foi maior na faixa etária2 (com informantes mais velhos com idade de 50 a 65 anos). Porém, esse valor percentual não foi muito elástico em relação à segunda variante [e], diferenciando-se desta por apenas 2%.

Os dados percentuais da variante mais expressiva no Baixo Amazonas na faixa 1 (de 18 a 30 anos) e na faixa 2 (de 50 a 65) foram, respectivamente, de 43% e de 38%, ou seja, a variante fechada [e] foi mais frequente no relatório linguístico dos jovens. Na faixa 1 (18 a 30 anos), as demais variantes [ɛ], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, em 24%, em 23%, em 7%, em 0%, em 0%, em 0% e em 0%, enquanto os dados percentuais seguindo a mesma sequência vocálica foram na faixa etária 2 de, de 26%, de 24%, de 6%, de 1%, de 1%, de 0% e de 0%.

No Médio Solimões, a variante média baixa [ɛ] foi a mais incidente tanto na faixa 1 ( de 18 a 30 anos) quanto na faixa 2 ( de 50 a 65 anos ), sendo que o percentual de abertura de /e/ foi 36% naquela e nesta 37%. Percebemos que o fator faixa etária foi irrelevante, pois além de haver predominância de uma mesma variante, a diferença entre as duas faixas etárias é apenas em 1%. As demais variantes pretônicas [e], [i], [ẽ], [ĩ], [a], [u] e [o] obtiveram percentuais, respectivamente, de 29%, de 24%, de 6%, de 1%, de 0%, de 0% e de 0% na faixa 1 ( de 18 a 30 anos), enquanto na faixa 2 ( de 50 a 65 anos ) essas variantes vocálicas obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 27%, de 25%, de 5%, de 1%, de 1%, de 0% e de 0%.

### **O fator diatópico nas realizações de /o/**

Nos dois pontos de inquérito do Baixo Amazonas, encontramos os seguintes resultados para as realizações pretônicas de /o/: no Igarapé do Juruti-velho foram registrados os percentuais de 38%, de 26%, de 19%, de 9%, de 2% e de 0%, respectivamente, para as variantes [o], [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i], enquanto na vila do Juruti-velho os percentuais foram de 43%, de 16%, de 22%, de 11%, de 1%, de 0%, de 0%, respectivamente, para as variantes [o], [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i].

Nos sete pontos de inquérito do Médio Solimões, encontramos os seguintes resultados para as realizações do /o/ pretônico: em Ariri, em Coari e em Itapéua, a variante média alta [o] foi mais incidente com dados percentuais de 29%, de 33% e de 33%, enquanto a variante alta [u] ocorreu mais vezes na Costa do Juçara, no Saubinha, em Codajás e em Anamá com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 29%, em 31%, em 30% e em 32%. A variante média baixa [ɔ] foi a segunda mais expressiva em Ariri, em Coari e em Itapéua com percentuais de ocorrência, respectivamente, em 28%, em 27% e em 25%.

### **O fator gênero/sexo nas realizações de /o/**

No Baixo Amazonas, foi no gênero masculino que houve o percentual maior da ocorrência da variante fechada [o], que obteve 44%, enquanto o feminino obteve 38%. Contrariamente ao que se esperava, foi o masculino que intensificou mais o uso da variante média alta [o], considerada mais prestigiosa. No feminino, a sequência vocálica [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i] obteve, respectivamente, os percentuais de ocorrência em 24%, em 20%, em 10%, em 2% e em 0%. No masculino as variantes

[u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] obtiveram percentuais de ocorrência, respectivamente, em 18%, em 21%, em 10%, em 2%, em 0% e em 0%.

No Médio Solimões, de acordo com o parâmetro gênero, a variante alta [u] obteve registro percentual de 31% no masculino, enquanto no feminino a incidência maior foi da variante média alta [o], que obteve também 31%. Nas demais variantes, o feminino obteve os seguintes registros percentuais para a sequência vocálica [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [a], respectivamente, de 25%, de 27%, de 9%, de 0% e de 0%. No masculino registramos os seguintes percentuais para a sequência de vogais pretônicas [o], [ɔ], [õ], [ũ] [a], [i] e [ã], respectivamente, 26%, 27%, 7%, 1%, 0%, 0% e 0%.

### **O fator escolaridade nas realizações de /o/**

No Baixo Amazonas, o percentual maior de ocorrência da variante [o] foi registrada na Escolaridade 1 (até a 4ª série) com 46%, enquanto na escolaridade 2 (acima da 4ª série) foi de 36%. As demais variantes [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i] obtiveram registros percentuais, respectivamente, de 19%, de 19%, de 10%, de 1% e de 0% na escolaridade 1 (até a 4ª série), enquanto na sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i], houve percentuais de ocorrência em 23%, em 22%, em 9%, em 2%, em 0% e em 0% na escolaridade 2 (acima da 4ª série). Portanto, contrariamente ao que se esperava, foram informantes com baixa escolaridade que fizeram uso maior da variante média alta [e]. Diante disso, concluímos que nessa região, a variante média alta [e] é típica da fala de moradores interioranos, trabalhador da roça, que pesca nos lagos e que é analfabeto ou que possui baixa escolaridade. Tal variante, como afirmado anteriormente, quanto ocorre na posição final é estigmatizada, sobretudo, na cidade de Parintins, onde os humoristas *Juvecu* e *Puqueca* se apropriam desse linguajar caboclo para divertir as pessoas ouvintes.

No Médio Solimões, a escolaridade 1 (até a 4ª série) incidiu a variante alta [u] com percentual de ocorrência em 33%, enquanto na escolaridade 2 (acima da 4ª série) incidiu a variante [o] com percentual de ocorrência em 34%. Na escolaridade 1 (até a 4ª série) a sequência de vogais pretônicas [o], [ɔ], [õ], [ũ] e [a] obteve os seguintes registros percentuais, respectivamente, de 22%, de 26%, de 7%, de 1% e de 0%. Na escolaridade 2 (acima da 4ª série) a sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã] obteve registros percentuais,

respectivamente, de 23%, de 28%, de 9%, de 0%, de 0%, de 0% e de 0%. Portanto, na região solimoense predominou na escolaridade 1 (até a 4ª série) a variante alta [u] e na escolaridade 2 (acima da 4ª série) predominou a variante média alta [o]. Não houve, pois, nenhuma surpresa nesse parâmetro, apenas a confirmação do que outras pesquisas apontam.

### **O fator faixa etária nas realizações de /o/**

No Baixo Amazonas, predominou a variante [o] na faixa 1 (de 18 a 30 anos) com registro percentual de 45%, enquanto na Faixa 2 (de 50 a 65 anos) foi de 36%. As demais variantes [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [i] obtiveram, respectivamente, 20%, 18%, 10%, 1% e 0% na faixa 1 (de 18 a 30 anos), enquanto na sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ], [a] e [i] houve percentuais de ocorrência em 22%, em 23%, em 9%, em 2%, em 0% e em 0%.

No Médio Solimões, por sua vez, na faixa 1 (de 18 a 30 anos) incidiu a variante média alta [o] com percentual de ocorrência em 30%, enquanto na faixa 2 (de 50 a 65 anos) incidiu a variante alta [u] com percentual de ocorrência em 28%. Na faixa 1 (de 18 a 30 anos) a sequência de vogais pretônicas [u], [ɔ], [õ], [ũ] e [a] obteve registros percentuais, respectivamente, de 27%, de 26%, de 8%, de 1% e de 0%. Na faixa 2 (de 50 a 65 anos) a sequência de vogais pretônicas [o], [ɔ], [õ], [ũ], [a], [i] e [ã] obteve registros percentuais, respectivamente, de 26%, de 27%, de 8%, de 0%, de 0%, de 0% e de 0%.

Portanto, essas foram as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no dialeto jurutiense e solimoense no contexto intralinguístico, diatópico e social.

Nos parágrafos seguintes abordaremos de forma sucinta os resultados no que diz respeito à variação lexical na região do Baixo Amazonas e na região do Médio Solimões.

### **A variação lexical**

Em se tratando da variação lexical, não houve variação expressiva em relação à maioria dos vocábulos nas duas regiões estudadas. Porém, as ocorrências de algumas variantes lexicais específicas delimitam cada região geográfica estudada. Portanto, consideramos, assim, que houve arealização no que diz respeito à apropriação de léxicos diversos para o mesmo referente pelos informantes do Baixo Amazonas/PA e do Médio Solimões/AM.

Alguns instrumentos de pesca são característicos de uma região. Por exemplo, no Médio Solimões é comum a *poita*<sup>54</sup> e o *curumim*<sup>55</sup>, enquanto no Baixo Amazonas é comum o *mexeriqueiro*<sup>56</sup> e o *espinhel*.

A *cuiapéua*<sup>57</sup> e o *tarubá*<sup>58</sup> são específicos das comunidades e lagos do Igarapé do Juruti-velho. No Médio Solimões foi encontrado também o termo *tarubá*, porém com a definição de *remo* ou *pá* usada para mexer a farinha no forno. No Baixo Amazonas, para mexer a farinha no forno, são usados os instrumentos *remo*, *rodo*, *cuiapéuae* *pá*, que são específicos dessa região. O Instrumento que seca a massa da mandioca para eliminar o excesso de tucupi é chamado de *prensa* no Médio Solimões e no Baixo Amazonas, porém nesta região predomina o *tipitie* naquela a *prensa*.

O *pajiroba* é a bebida feita da massa da mandioca e é muito usada no Baixo Amazonas, principalmente, durante o *puxirum* da campina, do roçado e do plantio. No Médio Solimões, não é conhecida essa terminologia e é usada uma variante dela chamada de *caissuma* com designação diversa, pois é uma bebida feita do milho.

O *piracuí*, que é um desfiado do peixe *bodó* ou *acari* não faz parte do cardápio solimoense. De Manaus, baixando o rio Amazonas, as pessoas apreciam o *piracuí*, que é feito para não se estragar o peixe durante a época da abundância de bodó ou para se ganhar um dinheiro extra nas cidades de Parintins e de Manaus.

Por volta de 1980, nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, era comum ouvirmos as pessoas falarem *galça* para *garça*, *macaca* para *amarelinha*, *piaçoca* para o *jaçanã*, *ambuá* para o *piolho-de-cobra*, *sambichuga* para *sanguessuga*, *combustol* para o óleo *diesel*, *lodi* para os grandes cargueiros etc. Atualmente, a ocorrência da maioria desses vocábulos é mais rara nessas comunidades.

---

<sup>54</sup> É uma corda grossa e longa composta por vários anzóis, que é lançada no meio do rio Solimões, correnteza abaixo, para fisgar peixes lisos como filhotes dourados.

<sup>55</sup> É um anzol fixado em uma linha, geralmente posto no igapó para pegar pirarucu ou tambaqui.

<sup>56</sup> É um anzol fixado em uma linha, que é presa a uma vara fina e comprida. Esse instrumento é destinado a pegar peixes de pequeno porte como jaraqui, jatuarana, pacus etc.

<sup>57</sup> Instrumento usado para esfriar a farinha no forno.

<sup>58</sup> É uma bebida feita com a massa da mandioca. Para o preparo dessa bebida são feitos beijos que são envoltos em folha da planta curumim sobre um moquém.



Por exemplo, o termo *galça* está caindo em desuso no Igarapé do Juruti-velho, onde obteve um registro apenas em relação à incidência maior da variante *garça* com seis registros ou 88% do total. O mesmo está acontecendo com o vocábulo *macaca* que obteve 38% dos registros e está sendo substituída por *amarelinha*, que obteve percentual de ocorrência em 50%.

O vocábulo *ambuá* continua predominando no Igarapé com percentual de ocorrência em 88%. Já o termo *sambichuga* está em desuso e está sendo substituído pela variante de prestígio *sanguessuga*, que ocorreu 75% dos casos, o maior percentual registrado em relação aos demais oito pontos de inquérito. Ao considerarmos apenas os dados do Baixo Amazonas, predominou a variante *sanguessuga*, sendo registrada em 63% dos casos.

Nas comunidades do Igarapé do Juruti-velho, o termo *combustol* não obteve nenhuma ocorrência, ou seja, os informantes preferem usar *diesel*, que ocorreu 100%. Alguns informantes foram questionados se conheciam o vocábulo *combustol*, responderam que conheciam, porém não usavam mais. Portanto, nesta pesquisa fica registrada que antigamente se falava mais *combustol* nas localidades do Igarapé do Juruti-velho e atualmente só na memória das pessoas mais velhas.

Em se tratando do termo *lodi*, está seguindo o mesmo destino de *galça*, *sambichuga*, *combustol* e *macaca*. Por outro lado, a variante *navio* foi mais expressiva no Igarapé com percentual de ocorrência em 63%.

A única exceção está acontecendo com o vocábulo *piaçoca*, pois apresentou percentual de ocorrência em 100%. O mesmo percentual foi registrado na vila do Juruti-velho.

Portanto, diante dos dados descritos nos parágrafos anteriores, o Baixo Amazonas constitui-se em uma comunidade linguisticamente diferente da comunidade linguística do Médio Solimões. Apesar de a região do Baixo Amazonas ser representada por apenas dois pontos de inquérito, os dezesseis informantes representam várias comunidades que vivem no Igarapé do Juruti-velho ou que passaram a morar na vila do Juruti-velho. Os dados confirmam que a região do Baixo Amazonas é uma área dialetal distinta da área do Médio Solimões. No Médio Solimões, que inclui em nossa amostra as comunidades da Costa do Juçara, Ariri, Saubinha e Itapéua, e as cidades de Coari, Codajás e Anamá, mantiveram, na maioria dos vocábulos selecionados, a mesma unidade lexical predominante.

Esperamos que com esta pesquisa termos contribuindo para o conhecimento de alguns aspectos dialetais do português amazônico,

mais precisamente no que diz respeito às realizações fonético-fonológicas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e sobre as variantes lexicais nos dois pontos na microrregião de Óbidos, no estado do Pará, e nos sete pontos da região do Médio Solimões, no Estado do Amazonas.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE-GNERRE, M. B. **Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, n. 2, p. 23-45, 1981.
- ALTINO, Fabiane Cristina Altino. **Atlas Linguístico do Paraná-ALPR II**. Tese apresentada ao Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina-UEL, 2007.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas toponímico de origem indígena do Estado do Tocantins –Projeto Atito**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo –USP, 2006.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Atlas linguístico do Paraná: gênese e princípios metodológicos *in*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Eduel, 2005.
- Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil-ALERS: Cartas semântico-lexicais**. Organizadores: ALTENHOFEN, Cléo Vilson, KLASSMANN, Mário Silfredo. RS: Porto Alegre, editora da UFRS; SC: Florianópolis, editora da UFSC, 2011.
- ALINEI, Mario. L'atlas linguarum europae: risultati, struttura, storia, prospectivi. *In*: MOUTON, Pilar Garcia (Ed.). **Geolinguística. Trabajos europeos**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994, p. 22.
- ALMEIDA, Gladis Ma. De Barcellos, CORREIA, Margarita. **Neologismo em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ALMEIDA, Luciana de Fátima. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.
- ALMEIDA, Renato Farias. **Codajás. Vida de um município**. Série Paulino Brito, volume II. Edições do governo do estado do Amazonas. Impressos nos Estados Unidos do Brasil, 1965.
- AUGUSTO, Vera Lúcia Dias dos Santos. **Atlas semântico-lexical do Estado de Goiás**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo-USP, 2012.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras. Estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ARAGÃO, Maria do Socorro de. Os estudos geolinguístico no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB *in*: **Documentos 2: projeto atlas**

**linguístico do Brasil**, organizado por Jacyra Andrade Motta; Suzana Alice Marcelino Cardoso. Salvador: Quarteto, 2006.

AZEVEDO. **Estudo do português falado por moradores de áreas periféricas da cidade de Manaus**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC, CNPQ. Universidade Federal do Amazonas, 2001.

AZEVEDO, Orlando da Silva, MARGOTTI, Felício Wessling. **Estudo linguístico-etnográfico sobre a Mandioca no Baixo Amazonas**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 15/2, p. 13-43, dez. 2012.

BARBOSA, Lenise Pereira. **Fonologia, a fala amazonense e sua influência no ensino de Inglês**. 1995.

BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 4ª. edição. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2 ed. 2ª. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia. Análise do processo de desenvolvimento**. 2ª. ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BELTRÃO, Francisco Otaviano de Arruda; BELTRÃO, Gilberto de Arruda. **Realidade do Amazonas**. Manaus: Pro-eco, 1999.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação social e cultural**. 3ª. ed. Manaus: Valer editora, 2009.

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Investigação dialetológica no distrito de Nossa Senhora da Guia: análise semântico-lexical de bamburro, tacuru e bateia**. Tese apresentado ao Programa e Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo-USP, 2012.

BESSA, José Rogério Fontenele (coordenador). Atlas Linguístico do Ceará. V. I – Introdução, Vol.II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BISOL, Leda. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981. Tese de Doutorado.

BLANCH, J.L. La sociolinguística y la dialectología hispánica. **Em torno a la sociolinguística**. México, Instituto de Investigaciones Filológicas. p. 42, 1978.

BLOOMFIELD, Leonard (1930). **Language**. New York: olt, Rinehart & Winston.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. Tradução Stella Maris Bortoni-Ricardo, Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola, 2011.

- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo & CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. Um estudo contrastivo sobre as vogais pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. In: **A geolinguística no Brasil, trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Org. Aguilera, Vanderci. Londrina: EDUEL, 2005.
- BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas-AFBAM**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte II In: Mussalim, F.; BENTES, A. C (orgs.) . **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. V. 1. São Paulo: Cortez, 2007.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 42<sup>a</sup>. ed. –Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **O léxico rural: glossário, comentários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Atlas Linguístico de Sergipe II in: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Eduel, 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARVALHO, J. G. H. **Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona**. Estudos linguísticos, vol. 2. Coimbra: Atlântida, 1969.
- CARVALHO, Maria Aparecida. **Contribuições para o Atlas toponímico do Estado de Mato Grosso –Mesorregião Sudeste Mato-Grossense**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo-USP, 2010.
- CELLIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, 2004.
- CHAIN, Soraya Paiva; MARGOTTI, Felício Wessling: **Mudança lexical na designação de uma brincadeira infantil: pesquisas geolinguística realizada em Manaus**, 2012. No prelo.
- CHAMBERS, J. k.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge University Press, 1980.

CORREA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense**: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

COSERIU, Eugenio. **La geografía lingüística**. Montivideo: Universidad de la Republica; Facultad de Humanidades e Ciências, 1955.

\_\_\_\_\_. **Sentido y tareas de la dialectología**. Universidad Nacional Autónoma de México. Ciudad Universitaria Impreso y hecho en México, 1982.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. **Atlas semântico-lexical da região do grande ABC**. Tese apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

CRUZ, Ernesto. **Colonização do Pará**. Belém: CNPq/Inpa, 1958.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas linguístico do Amazonas-ALAM**. Tese defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CRUZ, Marion Costa. **As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

CUNHA E SILVA, Rita de Cássia Botinelly. **Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas da fala de Manaus**. Rio de Janeiro : PUC, 1980.

DIAS, Melina Rezende. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

DUBOIS, J. *et al.* Dicionário de Linguística (Direção e coordenação geral da tradução Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 2006.

ENCARNAÇÃO, Márcia Regina Teixeira. **Atlas semântico-lexical de Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba –municípios do Litoral Norte de São Paulo**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 4ª. ed. Curitiba: positivo, 2009.

FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. **Estudo lexical da língua matis subsídios para um dicionário bilíngue**. Tese apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas-UNICAMP 2005.

FILHO, João Meirelhes. **O livro de ouro da Amazônia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro:Ediouro, 2006.

- FISCHER, J. L. **Social influences on the choice of a linguistic variant.** Word. n. 14, 1958.
- FISHMAN, J. A. **The Sociology of Language: A Interdisciplinary Social Science Approach to Language in Society:** Rowley, MA: Newbury House Publ, 1972.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. As relações históricas entre o português e o nheengatu nos universos urbano e rural da Amazônica *in*: NOLL, Wolker, DIETRICH, Wolf (orgs.). **O português e o tupi no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. "Maino 'i e Axi' já: esboço do mapa da educação indígena no Rio de Janeiro", *in*: **Desafios da educação municipal.** Org. por Donaldo Belo e Lia Faria. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, v. 1, p. 406-422.
- FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança.** Dissertação de (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.
- GRAEBIN, Gerusa de Souza. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília-UnB, 2008.
- GUMPERZ, J. J. **Language in Social Groups.** Stanford: Stanford University Press, 1971.
- GUY, G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**, Porto Alegre, vol. 14, n. 28 e 29, p. 17-32, 2000.
- HOUAISS, A *et alii* . Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUDSON, R. A. **Sociolinguistic.** Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- JOBIM, Anísio. **Panoramas amazônicos: Codajás.** Manaus: Typographia Phoenix de Sérgio Cardoso, 1934.
- KARIM, Jocineide Macedo. **A comunidade São Lourenço em cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais.** Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, 2012.
- KOCH, Walter; Klassmann, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil\_. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: 2ª. ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2011. V. 1, v. 2.
- KLUNCK, Patrícia. **Alçamento das vogais médias pretônicas.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **The social stratifications of English in New York City**. New York: Center for applied Linguistics, 1966.

\_\_\_\_\_. **The reflection of Social Processes in Linguistic Structures**. In: FISHMAN, Joshua (ed.). *Reading in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968.

MALBERG, Bertil. **Le langage, signe de l'humain**. Paris: Picard, 1979.

\_\_\_\_\_. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MAIA, M. C. **História do galego-português**; estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. Coimbra: I. N. I. C., 1986.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo Contexto, 2006.

MELLO, Octaviano. **Dicionário tupi-português/português-tupi**. 2ª. ed. Manaus: EDUA, 2003.

MEIRELHES FILHO, João. **O livro de ouro da Amazônia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MERCER, J. L. da V. **Dialetologia e Sociolinguística: o caso brasileiro**. In: ABRALIN 8. Curitiba: Oscar Wunderlich, 1986.

MORALES, Humberto López. **Sociolinguística**. 2ª. ed. Madrid: Gredos, 1993.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. 2. ed. V.1. Rio de Janeiro: Machado, 1953.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contraste**. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

NARO, A. J. **The history of o in Portuguese: A Study in Linguistic Drift**. *Language*, vol. 47 (3), 1971.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880 a 1930)**. São Paulo: PUC SP, 2001. Tese de doutorado em História.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Plano de diretor de Coari. Tomo 2/3. Fundação Getúlio Vargas/Instituto Superior de Administração-ISA, 2007.

POTTIER, B. *et ali*. **Estruturas linguísticas do português**. 3ª. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1975.



- QUARA, Ariel Regina Guimarães. **As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- RAZKY, Abdelhak. Atlas linguístico sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de *corpus* geolinguístico in: AGUILERA, Vanderi de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Edel, 2005.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- RODRIGUES, Doriedson do Socorro; ARAÚJO, Marinalva dos Prazeres. **As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá –PA: a harmonização vocálica numa abordagem variacionista**. Caderno de Pesquisas em Linguística, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 104-126, 2007.
- ROMAINE, Suzanne. **Language in Society –An Introduction to Socio-linguistics**. Oxford University Press, 1994.
- ROSSI, Nelson; ISENSEE, Dinah Maria; FERREIRA, Carlota. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SCHREINER, Cátia. **Edição de documento e estudos do vocabulário do charque na região Sul do Brasil: contribuição à história do português brasileiro**. Tese. Universidade de São Paulo –USP, 2012.
- SILVA, Ailma do Nascimento. **As pretônicas no falar teresinense**. Tese. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Faculdade de Letras. Porto Alegre, 2009.
- SILVA, Thais Cristofaro. **Fonética e Fonologia do Português**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SILVA, Lúcia Helena Ferreira. **Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves**. Manaus-UFAM, 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia).
- SOARES, Rita de Cássia da Silva . **Atlas semântico-lexical da Região do Norte do Alto Tietê (ReNAT)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, 2012.
- SOUZA, Francisco Bernardino de (cônego). **Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas**. Pará: Typ. Do Futuro, 1873.
- TARALLO, Francisco. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- TEYSSIER, P. *La langue de Gil Vicente*. Paris: Klincksieck, 1959.
- THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay).

CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). *Atti...* Tübingen: Niemeyer, 1998b. p. 5.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**: an introduction. Great Britain: Penguin Books. 1979.

Viana, Vanessa Faria. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEGAS, M.C. **Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. Belo Horizonte. Dissertação—Universidade Federal de Minas Gerais, 1987.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiro: esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais in: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Paraná: Londrina. Edel, 2005.

**APÊNDICE A –Ficha do informante**

Localidade:\_\_\_\_\_

Nome:\_\_\_\_\_

Idade:\_\_\_\_\_

Profissão:\_\_\_\_\_

Sexo:\_\_\_\_\_

Escolaridade:\_\_\_\_\_

Região de nascimento: ( ) Baixo Amazonas      ( ) Médio Solimões

Lugar de origem dos pais:\_\_\_\_\_

Quantos anos vive na localidade?\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE B –QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)**

Qual é o nome deste objeto, que tem vários degraus por onde se sobe ou desce?

1. Escada

Qual é o nome deste utensílio usado na limpeza dos dentes?

2. Escova

Qual é o nome desta arma branca, tipo um terçado, usada em batalhas antigas?

3. Espada

Qual é o nome deste boneco usado nas plantações para afugentar passarinhos?

4. Espantalho

O que tem fios parecidos com cabelos e grãos de milho em várias carreiras pelo sabugo?

5. Espiga

Qual é a arma de fogo, que tem cano longo e é muita usada para caçar?

6. Espingarda

A gente passa o sabão nela para esfregar as louças e ela tem uma parte verde e outra amarela. O que é isto?

7. Esponja

Que nome recebe as bolhas formadas durante a agitação ou fermentação de um líquido?

8. Espuma

Qual é o nome desta peça de escultura, que representa a figura humana?

9. Estátua

Qual é o nome desta parte do corpo humano, para onde os alimentos vão antes de serem absorvidos pelo organismo?

10. Estômago

Isto lembra o astro luminoso, que aparece a olho nu somente à noite. O que é?

11. Estrela

O nosso corpo é formado por esta parte óssea. Qual é o nome dela?

12. Esqueleto

Esta ave é a maior do mundo. Você sabe o nome dela?

13. Avestruz

Este objeto armazena energia e é usado nos barcos, carros, etc. O que é?

14. Bateria

Isto é uma raiz tuberosa. Ela é de cor rocha e é muita usada em salada. O que é?

15. Beterraba

Qual é o nome deste aparelho, que fornece água para se matar a sede?

16. Bebedouro

Ela serve como tempero para a comida e quando cortada faz muitas vezes os olhos lacrimejarem. O que é?

17. Cebola

O que está dentro do mamão, além da popa?

18. Semente

As pessoas quando morrem geralmente são enterradas onde?

19. Cemitério

Ela é usada em salada e os coelhos a comem. O que é?

20. Cenoura

As latinhas de Skol e de Brahma lembram o quê?

21. Cerveja

O piso da casa é formado por estas peças chamadas de...

22. Cerâmicas

Qual é o ser que tem o corpo metade peixe e metade mulher?

23. Sereia

O animal que é conhecido como o rei dos animais?

24. Leão

É usado em salada. Ele tem a cor verde e a forma cilíndrica. Geralmente é cortada em rodelas. O que é?

25. Pepino

As pessoas passam no corpo para ficarem cheirosas. O que é?

26. Perfume

Qual é a panela em que se bota comida para ferver de forma rápida?

27. Panela de pressão

A gente costuma dar para as pessoas no dia do aniversário delas. O que é?

28. Presente

Qual é o fruto que contém bastante água, a polpa branca e que pode ser da casca amarela ou da verde?

29. Melão

Qual é o nome dado à criança do sexo masculino (o mesmo que curumim, garoto)?

30. Menino

É um recipiente com bico, onde se encaixa uma espécie de ralo, por isso serve para molhar as plantas. O que é?

31. Regador

É um tipo de couve com folhas juntas e possui a forma mais ou menos redonda. O que é?

32. Repolho

Qual é o nome da moldura em que são postas fotografias?

33. Porta-retrato

A arma de fogo portátil e com um cano só é chamada de ...

34. Revólver

Na cama ao deitar, a gente coloca a cabeça sobre o...

35. Travesseiro

Este animal possui chifres em forma de galhos na cabeça. Qual é o animal?

36. Veado

Qual é o animal grande que possui tromba?

37. Elefante

Na comida se costuma comer o arroz e o...

38. Feijão

Além do avião, existe também o...

39. Helicóptero

É uma logomarca de uma empresa que explora o gás do Urucu. Qual é a empresa?

40. Petrobrás



O eletrodoméstico usado para conservar alimentos é a...

41. Geladeira

A fruta de casca verde, de popa vermelha e que contem muita água é a...

42. Melancia

O Aparelho móvel de comunicação à distância é o...

43. Celular

Possui a casca e a popa laranja e é usado para fazer mingau, além de ser também adicionado à comida salgada. O que é?

44. Jerimum

Qual é a árvore de porte grande que produz leite?

45. Seringueira

É um inseto, que possui duas garras e um rabo longo, onde na ponta há um ferrão que injeta veneno na vítima. O que é?

46. Escorpião

Qual é o aparelho residencial ou de rua, que é muito usado na comunicação a distância?

47. Telefone

A gente costuma assistir à novela na...

48. Televisão

O recipiente da cozinha, que contem gás é a...

49. Botija

Qual é o nome daquilo que se coloca na cabeça para proteger o rosto do sol?

50. Boné

O nome do animal orelhudo e dentuço é o...

51. Coelho

O utensílio, que serve para levar o alimento à boca é a...

52. Colher

O ornato circular, que o rei usa sobre a cabeça é a...

53. Coroa

O ornato usado no pescoço é o...

54. Colar

A ave de olhos grandes e de hábito noturno é a...

55. Coruja

A parte torácica do corpo humano é formada por 24 ossos, e cada osso recebe o nome de...

56. Costela

Qual é o combustível dos carros e dos rabetas?

57. Gasolina

Qual é o nome da fruta pequena que tem a popa vermelha ou a popa branca e que geralmente dá bicho?

58. Goiaba

O que as pessoas costumam ler pela manhã para saberem as notícias do dia?

59. Jornal

A cara e a coroa são faces de uma...

60. Moeda

Qual é o tipo de panela, onde o milho espoca devido ao calor?

61. Pipoqueira

O animal, que mama e que voa durante à noite é o...

62. Morcego

Possui forma de cone com uma parte gelada em cima e é de vários sabores. O que é?

63. Sorvete

O instrumento musical de cordas muito comum é o...

64. Violão

Qual é o instrumento usado para falar em público?

65. Microfone

Qual é o nome desta parte do corpo humano localizada na lateral da cabeça?

66. Orelha

É um fruto pequeno e de casca e popa vermelhas muito usado para temperar a comida. O que é?

67. Tomate

Ao sair do banheiro é comum se enxugar na...

68. Toalha

Qual é o tipo de móvel aconchegante, onde podem se sentar várias pessoas?

69. Sofá

O que se usa em barra ou em tablete para a limpeza do corpo durante o banho e que geralmente é perfumado e espuma?

70. Sabonete

Qual é o pequeno inseto com asas de cor vermelha e com bolinhas pretas?

71. Joaninha

Contem várias bocas e funciona a gás, sendo usado para fazer comida. O que é?

72. Fogão

A máquina usada para fazer roupas é a de...

73. Costura

É um brinquedo barulhento destinado a fazer a criança se entreter. O que é?

74. Chocalho

Usa-se sobre a cama ou sobre a rede para se proteger dos insetos. O que é?

75. Mosquiteiro

O nome da queda d'água é...

76. Cachoeira

Qual é o órgão que bombeia sangue para todo o corpo humano?

77. Coração

O nome do dedo grosso e pequeno da mão é o...

78. Polegar

Ele cresce em pau podre e alguns têm o formato de uma orelha humana. O que é?

79. Cogumelo

Qual é o nome deste aparelho que serve para cortar grama ou o aparar o mato pequeno?

80. Roçadeira

O bicho pequeno que tem quatro asas coloridas e bonitas é a...

81. Borboleta

Quem ensina o aluno na sala de aula?

82. Professor

Lugar onde se cuida dos doentes é no...

83. Hospital

Da semente do cacau se faz o...

84. Chocolate

Qual é o jogo que possui 28 peças retangulares?

85. Dominó

O que as pessoas estão fazendo sentadas á mesa?

86. Almoçando

O que a moça está fazendo com o copo d'água?

87. Bebendo

O que o homem está fazendo com a banana?

88. Comendo

O que os homens estão fazendo com shorts térmicos e com camisetas de atleta?

89. Correndo

O que o menino está fazendo com o lápis de cor verde no papel?

90. Desenhando

O que o bebê está fazendo em cima da cama?

91. Dormindo

Alguém está fazendo o que com os dentes?

92. Escovando

O que o aluno está fazendo no quadro ao lado da professora?

93. Escrevendo

O que os homens estão fazendo no campo de futebol?

94. Jogando

O que os pés do homem estão fazendo sobre a bicicleta?

95. Pedalando

O que a pessoa está fazendo ao segurar o objeto para lá e para cá?

96. Peneirando

O que o homem está fazendo no rio?

97. Pescando

O que os cantores estão fazendo com o violão?

98. Tocando

O que a moça está fazendo no banheiro debaixo do chuveiro?

99. Tomando

O que as duas pessoas estão fazendo com as mãos na boca?

100. Tossindo

O que o pássaro está fazendo no céu?

101. Voando



## APÊNDICE C –QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

### A. LÉXICO RELACIONADO AOS ANIMAIS DA FAUNA TERRESTRE, FLUVIAL OU LACUSTRE

Olhando a figura. Que peixe é este?

1. Apapá



[www.fotosdepesca.com.br](http://www.fotosdepesca.com.br)

Olhando a figura. Que peixe é este?

2. Piraíba



Olhando a figura. Que peixe é este?

3. Aracu



Figura 01

Figura 02

Olhando a figura. Que peixe é este?

4. Tambaqui



Quando o tambaqui é menor, recebe qual nome?

5. Roelo

Olhando a figura. Que peixe é este?

6. Aruanã



O ato de cortar as espinhas do peixe é o quê?

7. Ticar



Esse peixe é de terra firme e tem o rabo vermelho, escamas grossas; além disso, ele parece um charuto. O que é?

8. Catrapola



Esse peixe é igual ao anterior, mas é um pouco maior e tem as seguintes características: escama fina, barriga branca, forma de charuto. Qual é o nome do peixe?

9. Catrapolão



Olhando a figura. Qual é o nome desta ave?

10 Jacanã



Olhando a figura. Qual é a ave?

11 Garça



Olhando a figura. Qual é a ave?

12 Socó



Olhando a figura. Qual é a ave?

13 Martim-pescador



A ave que precisa mergulhar para pegar peixe é...

14 Pato-mergulhão



A ave que gosta de comer caracol no lago é...

15 Carão



Olhando a figura. Que ave é esta?

16 Coruja



Qual é o nome do animal que parece uma onça pequena e que costuma roubar galinha?

17 Jaguatirica



Olhando a figura. Que animal é este?

18 . Lontra



Projeto determina soltura de animais em seu habitat natural

Qual é o animal réptil, que fica na parede da casa para comer carapanã e outros insetos pequenos?

19 Lagartixa doméstica



Qual é o animal réptil que come formiga e que pode ser das seguintes cores: verde amarelo, vermelho, marrom e laranja?

20 Lagarto



É uma cobra verde, comprida, fina e de peito branco. Qual é?

21 Cobra cipó



Qual é o animal de andar lento, que demora para subir nas árvores?

22 Preguiça-de-coleira



Como chamam por aqui o animal que costuma carregar os filhotes e que tem uma bolsa na barriga?

23 Cuíca



Existem peixes ou outros animais que por aqui são chamados por nomes diferentes de outros lugares?

24 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

## **B. LÉXICO RELACIONADO AO CORPO HUMANO E AO HOMEM**

Qual é o nome da parte do corpo que fica lá no fundo da boca?

25 Garganta

Qual é o nome do osso do joelho, que parece redondo?

26 Rótula

Qual é o nome da parte do corpo que fica debaixo dos braços?

27 Axila

O músculo ou a carne que fica atrás da perna da pessoa é...

28 Panturrilha

Como é chamada a parte trazeira do corpo, que tem muita carne?

29 Nádegas

Eles servem para beijar ou assobiar. O que são?

30 Lábios

A mulher que está com bebê na barriga está...

31 Grávida

O homem traído pela mulher recebe o nome de...

32 Corno

A mulher traída pelo homem é a...

33 Corna

A pessoa que perde os dentes vai ficar...

34 Banguela

Qual é o nome mais usado neste local para o homem que gosta de homem?

35 Homossexual

E em outro local como chamam para essa pessoa?

36 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Qual é o nome mais usado neste local para a mulher que gosta de mulher?

37 Lésbica

E em outro lugar como chamam para essa pessoa?

38 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Quando a pessoa não conseguiu dormir durante a noite, ela diz que teve o quê?

39 Insônia

Como chamam por aqui para o fedor que fica debaixo do braço?

40 Cecê

E em outro lugar como costumam chamar para esse tipo de fedor?

41 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### C. LÉXICO RELACIONADO À PESCA

Olhando a figura abaixo. Que instrumento de pesca é este?

42 Tarrafa



O instrumento de pesca de 10 ou mais metros de comprimento, que se coloca nos rios e lagos por horas ou por noite inteira é...

43 Malhadeira

Qual é o nome do fio mais grosso da rede ou da malhadeira?

44 Entralho



A rede ou malhadeira sem o fio grosso da parte de cima dela recebe o nome de...

45 Pano

É uma vara pequena, onde se amarra a linha para pescar. O que é?

46 Caniço

Qual é o tipo de pesca geralmente proibida nos rios e lagos?

47 Arrastão

Qual é o instrumento de pesca que se costuma lançar bem longe a isca e esperar pelo peixe ou, então, jogar longe a isca e puxar logo em seguida? (gestos)

48 Linha comprida

E do instrumento de pesca em que se usam mais de vinte anzóis?

49 Espinhelão

E do instrumento de pesca de duas ou três pontas usado para pescar no pasto ou na beira do rio durante à noite. Qual é?

50 Zagaia



E do instrumento de pesca mais usado para pegar pirarucu?

51 Arpão



Ele possui o formato redondo e é feito de talas de paxiúba ou de varas para pegar peixes pequenos como piranhas. O peixe entra por uma abertura embaixo e não consegue mais sair. O que é?

52 Cacuri



É um cercado que se faz na saída de um lago com uma única passagem para o pirarucu. O que é?

53 Pari



É um tipo de pesca em que se usam quatro anzóis com isca de inajá/jauri própria para pegar jaraqui?

54 Penca



Descreva alguma forma ou maneira para se pescar aqui ou em outro lugar.

55 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

—

Descreva outros instrumentos de pesca que conhece.

56 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### **D. RELACIONADO A FENÔMENOS NATURAIS**

Na nossa região costuma aparecer uma coisa branca pela manhã que dificulta a pessoa de enxergar distante. O que é?

57 Neblina

Durante a noite costumam aparecer no ar gotas de água que podem fazer mal para a pessoa que não é acostumada a sair. O que é?

58 Sereno

Pela manhã costumam aparecer gotas de água na folha das árvores e plantas e até em para-brisas de automóveis etc. O que é?

59 Orvalho



Qual é o nome da estrela mais brilhante do amanhecer?

60 Estrela d'alva

As águas do Rio Solimões ou do Rio Amazonas que vem do fundo devido à forte correnteza formam o...

61 Rebojo

As águas calmas, que ficam praticamente paradas nas enseadas formam o...

62 Remanso

Qual é o nome dado ao fenômeno natural em que o rio depois de parar de encher, volta a encher novamente?

63 Repiquete

Existe um grande pedaço de capim, que bloqueia a passagem dos barcos e canoas nos lagos, rios e igarapés. O que é?

64 Tapagem



## **E. LÉXICO RELACIONADO À CULTURA DA MANDIOCA**

Depois de tirar toda a mandioca da roça, no lugar cresce mato, e, assim, a terra recebe o nome de...

65 Capoeira

Qual é o nome dado à reunião de trabalhadores que vão ajudar a plantar maniva no roçado de alguém?

66 Puxirum

Para plantar a maniva, antes é preciso fazer o que com ela?

67 Decotar

Existe diferença entre decotar e cortar? Qual?

68 \_\_\_\_\_

Esta bebida era fermentada antigamente com saliva da boca e ela possui a cor rosa devido à batata doce. Que tipo de bebida é esta?

69 Pajiroba



Esta bebida é de cor branca e quem a faz precisa ficar sete dias sem tomar banho e sem dormir junto. Que tipo de bebida é esta?

70 Tarubá



A tapioca (Baixo Amazonas) ou a goma seca (Médio Solimões) forma o quê?

71 Polvilho

Qual é o nome do resto que sobra na peneira e que se põe ao sol para secar?

72 Crueira



A massa da mandioca que depois de lavada se põe para secar no forno recebe o nome de...

## 73 Carimã

Geralmente quando dá fome, se pega a farinha e se joga água para depois beber. A farinha com a água forma o...

## 74 Chibé

Quando a gente coloca o caldo quente na farinha, ela vira o quê?

## 75 Pirão

Existe um instrumento de cabo longo, que serve para puxar a farinha para lá e para cá, evitando que ela queime no forno. O que é?

## 76 Rodo



Qual o nome do instrumento que serve para remexer a farinha para que ela não queime e para fazê-la esfriar. É geralmente usado duas para jogar a farinha para o alto em cima do forno? (Baixo Amazonas) Com o que se tira a farinha torrada do forno para o saco? (Médio Solimões).

## 77 Cuiapéua



Qual é o nome do lugar onde se põe a massa da mandioca depois de ralada ou serrada?

## 78 Garera



E do rolo com dentes que serra a mandioca?

79 Tarisca



E da caixa que cobre o rolo com dentes?

80 Coruja

E da parte onde se coloca a mandioca para ser serrada?

81 Banca

Como se chama aquilo que é usado para espremer a massa da mandioca?

82 Tipiti



Como é que se mede a farinha no saco para vender?

83 Litro



Dois litros de farinha equivalem a ...

84 Um frasco

Vinte litros de farinha equivalem a...

85 Meio alqueire

Um saco de farinha equivale a...

86 Dois alqueires

O grão da farinha é chamado de...

87 Bago

Qual é o nome da parte fina da farinha?

88 Cuí

O que mais a gente consegue fazer com a mandioca?

89 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



Figura 01

Quais os nomes de outros utensílios usados por aqui para fazer a farinha?

90 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_



Figura 01



Figura 02

## F. LÉXICO RELACIONADO A VERMES E A INSETOS

É um verme que se alimenta de sangue e que fica grudado na pele da pessoa. É preciso colocar limão ou sal para que esse verme deixe a pele. O que é?

91 Sanguessuga



Figura 01

Dizem que ele ou ela tem cem ou mais pés. O que é?

92 Centopeia



É mais ou menos castanho e quando a gente meche, ele se enrola. O que é?

93 Piolho-de-cobra

O verme comum e de formato cilíndrico que fica parasitando os intestinos das pessoas é a...

94 Lombriga

Qual é o verme pequeno que provoca coceiras terríveis no ânus de crianças ou de adultos?

95 Oxiúros

Qual é o verme de estrutura achatada que cresce metros na barriga da pessoa?

96 Tênia

Qual é o nome do inseto que voa e que possui um ferrão na parte de trás?

97 Caba



Qual é o nome da caba na figura acima?

98 Caba Igreja

E da caba que ataca a pessoa até debaixo d'água?

99 Caba Tatu

E da caba que fica sobre o peixe?

100 Caba Amarela

E da caba que fica no buraco do pau?

101 Caba-de-oco

E da caba que caça aranha?

102 Caba caçadeira

Descreva outras cabas que conhece?

103 \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Figura 01



Figura 02



Figura 03

Olhando a foto. Qual é o inseto?

104 Louva-deus



Olhando a foto. Qual é o inseto?

105 Libélula



## **G. LÉXICO RELACIONADO À PECUÁRIA BOVINA**

Qual é o nome da parte da vaca em que o bezerro chupa o leite?

106 Úbere



A vaca nova recebe o nome de...

107 Novilha

O boi novo recebe o nome de...

108 Garrote

Qual é o nome dado à vaca que não tem chifres?

109 Mocha



E da parte destacada do boi que fica em cima das costas dele?

110 Cupim



E da parte que fica pendurada entre as duas pernas traseiras do boi?

111 Testículo



Antes de colocar o boi ou o porco para engordar é preciso fazer o quê com eles?

112 Castrar

## H. LÉXICO RELACIONADO AOS MEIOS DE TRANSPORTE FLUVIAL DA REGIÃO

O barco que ainda não tem cobertura nem máquina recebe o nome de...

113 Batelão

É um meio de transporte rápido que desliza na água. Qual é?

114 Voadeira



É um barco grande feito de ferro, que só anda pelo canal. Qual é?

115 Lodi



É um meio de transporte mais rápido que o barco e que consegue levar várias pessoas. Qual é?

116 Lancha



Qual é o nome do barco que fica atrás de uma balsa com bastante carga em cima dela?

117 Empurrador



Qual é o tipo de transporte mais usado para ir a Manaus e vir de Manaus?

118 Recreio



Qual o nome da onda provocada pelo barco quando passa?

119 Banzeiro



Debaixo da canoa fica o quê?

120 Quilha



Qual é o nome da cobertura do barco?

121 Toldo

Qual é o nome do óleo, que faz a máquina dos barcos/recreios funcionar?

122 Combustol

Qual é o nome da parte destacada da lateral do barco, em que se costuma pisar para embarcar?

123 Verdugue



Descreva outros meios de transporte fluvial utilizados na região.

124 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

## H. LÉXICO RELACIONADO A DOENÇAS

Qual é nome de uma das manchas brancas que dá geralmente no rosto?

125 Pano-branco

Dizem que quando o sangue de algum bicho cai na pele da gente cresce uma...

126 Verruga

O nome daquela tosse forte que custa sarar é...

127 Guariba

Quando uma pessoa veste uma roupa por onde o sapo passou ou por onde a aranha passou provoca uma coceira na pele. Então, aparecem bolinhas na região afetada. O que é?

128 Cobreiro

A pessoa fica com dores na barriga, que fica dura. Então, ela diz que a barriga dela está...

129 Empachada, empanzinada

A poeira que fica no nariz forma o quê?

130 Bostela

O que aparece no olho da pessoa geralmente quando acorda pela manhã?

131 Remela

Descreva as coceiras que costumam aparecer nos pés.

132 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Descreva outras coceiras que costuma aparecer na pele da pessoa.

133 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

## J. LÉXICO RELACIONADO À FLORA REGIONAL

Você sabe o nome do tipo de planta pequena e com espinhos, que cresce na beira dos rios e lagos?

134 Juquiri



E do tipo de capim que gruda e que pode cortar a pele da pessoa?

135 Tiririca



Como se chama a planta que tem flor rocha, folhas verdes e flutua na água?

136 Aguapé



A árvore da mandioca é a...

137 Maniveira



O tipo de capim com picos, que o gado consegue comer é...

138 Canarana

Qual é o nome da planta oca por dentro e de cor amarelada com listas verdes?

139 Taboca



E da planta que dá no lago, tipo um forno cheio de espinho por fora?

140 Vitória-régia



## **K. LÉXICO RELACIONADO A HORTALIÇAS E FRUTAS**

O que se costuma dizer quando a manga está bem amarelinha na mangueira, de modo que dá uma vontade de comê-la?

141 Leleta

Como fica a boca da gente, quando se morde a casca verde da goiaba?

142 Trava

Qual é o nome da fruta comprida que tem vários gomos verdes e que dá na beira do rio ou do lago?

143 Marimari



E da planta rasteira e cheirosa, que se coloca no caldo da comida?

144 Chicória



E da fruta parecida com a laranja, mas menor que ela?

145 Tangerina



É uma fruta pequena e redonda com as seguintes cores características: verde e vermelho escuro. Ela é muita azeda, mas muita boa para fazer suco. Qual é a fruta?

146 Camon-camon



Como é chamada por aqui a banana de cor rocha avermelhada?

147 Banana Santomé



É uma fruta mais ou menos redonda, que precisa ser cozida para se comer. Ela é gordurosa e tem um cheiro característico. Qual é a fruta?

148 Pequiá



É uma fruta que dá no mato e que tem vários caroços pequenos de cor branca, além disso é doce. Qual é?

149 Maracujá do mato



Figura 01



Figura 02

É uma fruta cheirosa, de cor amarelo laranja, e a casca dela é meio áspera. Qual é?

150 Pajurá



É uma fruta pequena, meio azeda, de cor rocha que nasce em caixo e é muito apreciada pelo tambaqui. Qual é?

151 Marajá



Descreva as frutas apreciadas pelos peixes da região?

152



Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06





Figura 07



Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11

## L. LÉXICO RELACIONADO A BRINCADEIRAS

De noite ou de dia, a meninada costuma brincar em terra. Existe uma brincadeira em que se formam dois grupos: um fica encarregado de defender um poste ou uma vara, enquanto o outro grupo sai correndo para não ser tocado. Ambos os grupos podem vencer a brincadeira, tanto o que defende o poste se conseguir tocar todos os participantes da equipe adversária, quanto o que procura tocar no poste com a mão. Que brincadeira é essa?

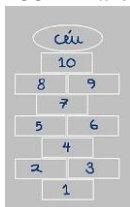
153 Geral

Qual é o nome da brincadeira em que uma das crianças está com os olhos tapados tentando alcançar outras?

154. Cabra-cega

E da brincadeira em que há um riscado no chão intercalando um e dois retângulos, por onde o brincante vai pulando com uma e depois com duas pernas?

155 Amarelinha



E da brincadeira em que alguém corre atrás das demais pessoas para conseguir tocar em uma delas com a mão?

156 Pira

Quais os tipos de pira ou manja conhecidas por aqui?

157 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

É uma brincadeira em que na mão de cada participante pode(m) ter de zero a três palitos de fósforo (ou outra coisa que caiba na mão e que represente um, dois ou três elementos). Quem adivinhar o total de palitos no geral, vai deixando um palito de fora do jogo até conseguir deixar todos os palitos; assim, o jogador, que primeiro sair, fica fora do jogo esperando o perdedor final. Qual é esse tipo de jogo?

158 Porrinha

Quando um participante dessa aposta acha que os demais estão de mãos vazias, o que ele diz? 159 Lona

Em uma brincadeira ou aposta quem perde leva o que na orelha?

160 Cacholeta

Em uma brincadeira ou aposta quem perde leva o que no braço, que fica bastante vermelho?  
161 Sardinha

M. LÉXICO RELACIONADO A LUMINÁRIAS DO INTERIOR

Qual é a Luminária feita de lata de leite ninho ou de Nescau?  
162 Lamparina



Abaixo são apresentadas alguns tipos de luminárias. Se você conhece algumas, diga o nome delas:

163

Figura 01



Figura 02



Figura 03



Figura 04



Figura 05



Figura 06



Figura 07



Figura 08

Figura 09



Figura 10



Qual é a Luminária que era feita de lata de leite Ninho ou de Nescau e que tinha foco para frente; além disso, era muito usada em pescaria?

164 Poronga

Descreva outras luminárias usadas no interior quando não havia ainda luz elétrica.

165 \_\_\_\_\_

---

## **N. LÉXICO RELACIONADO A COMIDAS**

Qual é o nome da comida que é feita com o bucho do tambaqui?

166 Guereré

E da comida que é feita da carne do bodó seco?

167 Piracuí

Da castanha de caju se faz com açúcar e com farinha o quê?

168 Paçoca

## **O. LÉXICO RELACIONADO A MANEIRAS DE ENXOTAR E CHAMAR OS ANIMAIS DOMÉSTICOS**

O que as pessoas falam para enxotar o porco?

169 Cuche! Cuche!

E para enxotar o gato?

170 Sape! Sape!

E para chamar as galinhas para comer o milho?

171 Tuco! Tuco!

E para chamar o gado?

172 Curral! Curral!

E para chamar o cachorro para caçar?

173 Assobiando

O que as pessoas dizem para o cachorro avançar sobre algum outro animal?

174 Arriba! Arriba!

E para enxotar o cachorro?

175 Passa! Passa!

## P. LÉXICOS DIVERSOS

Quando cai alguma coisa no olho, a gente diz que caiu o quê ?

176 Cisco

Qual é o nome da forquilha munida de elástico ou de seringa, com que se atiram pedras pequenas?

177 Estilingue



E da armadilha feita para pegar passarinho no meio do mato?

178 Arapuça



E do recipiente de barro, onde se coloca água para beber?

179 Pote



Alguém ia andando por um caminho e ouviu uma voz ou foi apedrejado, mas quando olhou não viu ninguém. O que mexeu com a pessoa?

180 Visagem

Como se chama por aqui a bebida que deixa a gente bêbada?

181 Cachaça

E do local no mato, onde o caçador fica esperando a caça passar?

182 Moitá

E do local no lago, onde se espera o pato do mato descer ao ser atraído por uma pata doméstica?

183 Tocaia

O que significa botar para fora o alimento que já estava no estômago?

184 Vomitar

Qual é o nome dado à pessoa que fala pelo nariz?

185 Fanhosa

Quando a pessoa fica tomando banho no rio, e ela está parada na água descansando, ela está de....

186 Bubuia

A pessoa passa a unha nas pernas, e na pele vão ficando marcas de sujo. A perna está...

187 Piririca

O sujo da água que gruda no corpo e que provoca coceira é...

188 Cauixi



O cachorro quando está cheio de coceira pelo corpo, está...

189 Pirento

Pancada que se dá com a mão fechada na cabeça de outra pessoa é...

190 Cascudo

O objeto que facilita subir no açazeiro é...

191 Peconha



Descreva se por aqui as pessoas tem sotaque, palavras ou expressões diferentes de outros lugares.

192 \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_